

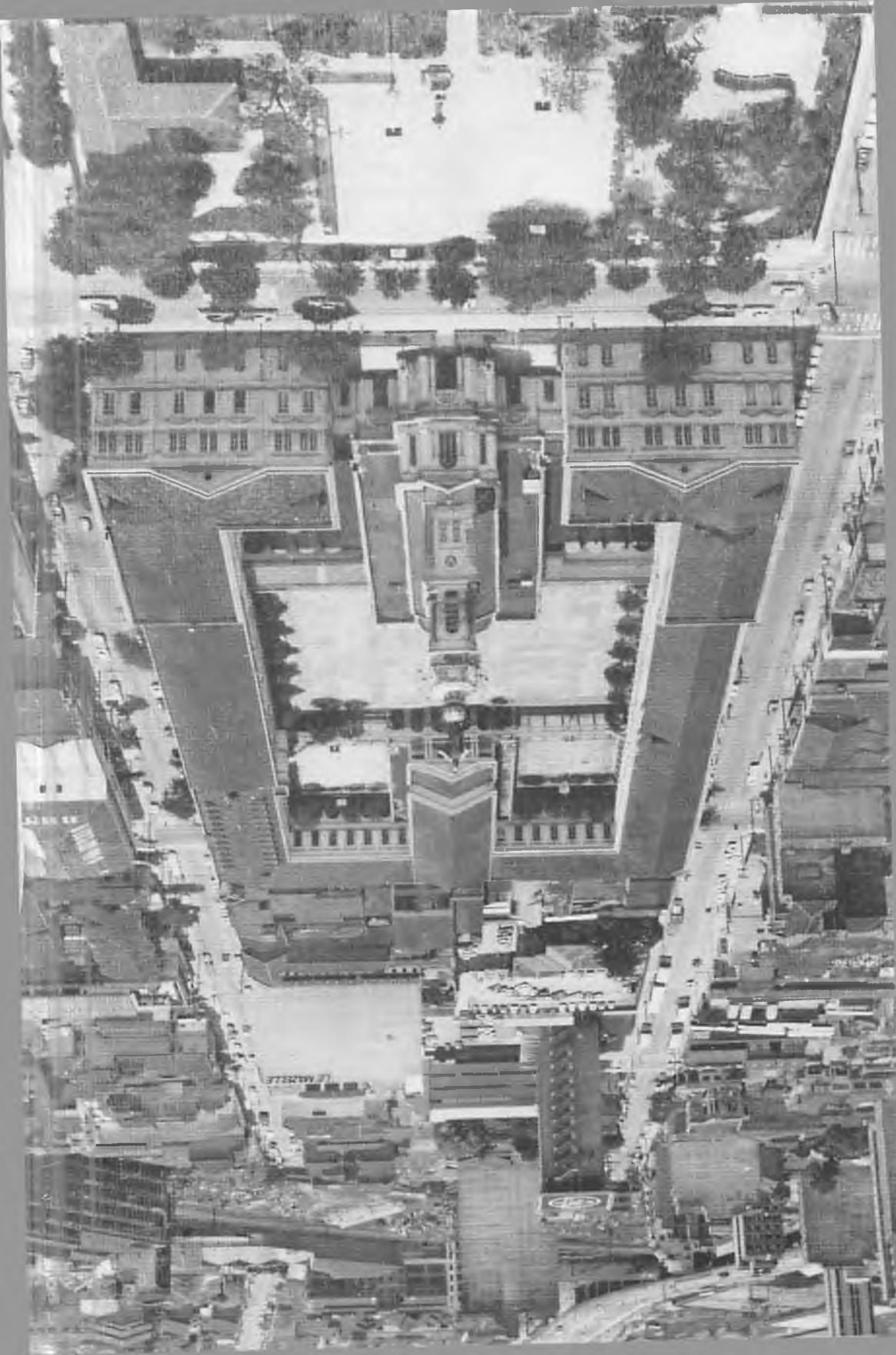
**LICEU
CORAÇÃO DE JESUS**

MANOEL ISAU

Juanol San'

LICEU CORAÇÃO DE JESUS

**CEM ANOS DE ATIVIDADES DE UMA ESCOLA NUMA CIDADE
DINÂMICA E EM TRANSFORMAÇÃO**



MANOEL ISAÚ

**LICEU
CORÇÃO DE JESUS**

**CEM ANOS DE ATIVIDADES DE UMA ESCOLA NUMA
CIDADE DINÂMICA E EM TRANSFORMAÇÃO**

**EDITORA SALESIANA DOM BOSCO
SÃO PAULO
1985**

Revisão: José S. Klein

Maura F. D. Alves

**Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

I74L Isaú, Manuel, 1930-
Liceu Coração de Jesus : cem anos de atividades de
uma escola numa cidade dinâmica e em transformação /
Manoel Isaú. — São Paulo : Ed. Salesiana Dom Bosco,
1985.

1. Educação — Brasil — São Paulo (Cidade) —
História 2. Liceu Coração de Jesus (São Paulo, SP) —
História 3. Salesianos — Brasil — São Paulo (Cidade)
I. Título.

85-1838

CDD-371.020981551
-271.790981551
-370.981551

Índices para catálogo sistemático:

1. São Paulo : Cidade : Educação : História
370.981551
2. São Paulo : Cidade : Escolas particulares :
História 371.020981551
3. São Paulo : Cidade : Salesianos : História da
Igreja 271.790981551

Editora Salesiana Dom Bosco
Cx. Postal 30.439 (Rua da Mooca, 766)
01051 — São Paulo — SP
Fone: (011) 279-1211
Telex: (011) 32 431 ESFS BR

A Conferência Vicentina do Sagrado Coração de Jesus, que concebeu o projeto e deu os primeiros passos.

A S. João Bosco que, entre muitos outros projetos, escolheu esta Obra.

A Dom Luiz Lasagna, Pe. Lourenço Giordano e o Coadjutor João Bologna e a todos os Salesianos, Cooperadores, Benfeitores e Amigos que realizaram com brilhantismo o grande projeto deste Liceu.

A meus pais Isaac Ponciano dos Santos (falecido) e Maria Virginia, e meus irmãos cujas orações e estímulo muito me ajudaram.

A Universidade Federal de Viçosa que, através de seu Reitor, Paulo Mário del Giudice (falecido), patrocinou o início deste trabalho.

A Inspetoria de Nossa Senhora Auxiliadora, através do Pe. Hilário Moser, Provincial, que autorizou a continuação da pesquisa.

Ao Liceu Coração de Jesus, através de seus Diretores, Pe. Anderson Paes da Silva, Pe. Antônio Hércio Rasesa, Pe. Mário Quilici e Pe. Plínio Possobom por todo o apoio dado.

A Editora Salesiana Dom Bosco, digna sucessora das Escolas Profissionais deste Liceu e da Livraria Editora Salesiana, que assumiu a responsabilidade e o pesado encargo da publicação deste estudo.

A todos os que prestaram seu auxílio com oportunas sugestões, como o Pe. Antônio da Silva Ferreira, Pe. Mário Quilici, Pe. Iran Corrêa, Ernesto Gamba Júnior (ex-aluno) e Alcides Nunes (ex-aluno), nosso dedicado Secretário que datilografou parte dos manuscritos e os revisou.

O reconhecimento do Autor

SUMÁRIO

PREFACIO	11
INTRODUÇÃO	13

PRIMEIRA PARTE

O SANTUÁRIO E O LICEU DE COMÉRCIO, ARTES E OFÍCIOS

Capítulo I: NO PRINCÍPIO O SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS 23

O projeto da Conferência Vicentina: A Capela do Coração de Jesus — O projeto de um Liceu de Comércio, Artes e Ofícios — A chegada de Pe. Luiz Lasagna — Negociações de Pe. Luiz Lasagna — A bênção da capela do Sagrado Coração de Jesus — Uma carta com ar de profecia — Carta do bispo de São Paulo a Dom Bosco — Pastoral de D. Lino sobre a consagração da Diocese ao Coração de Jesus — Consagração da Diocese de São Paulo ao Sagrado Coração de Jesus — Aceitação da obra e o apoio político — A justificativa da obra pelo clero.

Capítulo II: CHEGADA DOS SALESIANOS E FELIZES INÍCIOS 45

A chegada dos primeiros salesianos — Abertura do Oratório Festivo — Primeiras vitórias e dificuldades financeiras — Resposta consoladora de Dom Bosco — A legalização da propriedade — O apoio do Imperador — O primeiro Corpo Docente — Dom Bosco e o Imperador — Aquisição da banda de música.

Capítulo III: A CONSOLIDAÇÃO DA OBRA 59

Apoio do povo e do Governo — As loterias — O Conde D'Eu no Liceu — A Schola Cantorum em Lorena — Onze bispos no Liceu — “No século do progresso...” — Trabalho intenso e grandes festas — A volta do pai — Pelo interior paulista — Não devo brigar: isto é feito.

Capítulo IV: MUDANÇAS E DIFICULDADES 77

Mudanças na direção do Liceu Coração de Jesus — Morte de D. Lino, pai dos salesianos de São Paulo — O reconhecimento público da obra salesiana — Gratas recordações de um ex-aluno — Uma grande perda — A padaria do Liceu — O representante do Papa no Liceu — Mensagem ao “Congresso do Estado” em prol do Liceu — A proposta em discussão — Fechamento do Externato — Um grito: Incêndio!

Capítulo V: ALVO DE CONTRADIÇÃO 95

Por que atacar fora de propósito uma instituição humanitária como essa? — Triunfos do Liceu nos inícios do século XX — A difícil situação financeira do Liceu — A revista *Santa Cruz* em campanha em prol da infância pobre — O anticlericalismo francês contra os salesianos — Repercussão no Brasil — A carga contra os salesianos — Os livros de contabilidade do Liceu à disposição do público — O contra-ataque às acusações — Uma “página áurea” dos ex-alunos de Dom Bosco.

Capítulo VI: ANOS DE TRANQUILIDADE E DE REALIZAÇÕES (1904-1914) 121

O Liceu em St. Louis (U.S.A.) — Monumento a D. José de Camargo Barros — De vento em popa — Mais um “Grand Prix” — Coração da Inspetoria de Nossa Senhora Auxiliadora — Anúncio das festas jubilares do Liceu — O 25.º aniversário do Liceu Coração de Jesus — A inauguração da fachada monumental — Os italianos e o Liceu Coração de Jesus — Relacionamento com as autoridades — Uma notícia alarmante — A glorificação.

Capítulo VII: O SANTUÁRIO DO CORAÇÃO DE JESUS 147

O aumento da freqüência à capela do Sagrado Coração de Jesus — Mais uma intervenção do bispo em favor do andamento da obra — Os salesianos e São Paulo — Grave desastre — Impressões de um visitante — A Guarda de Honra do Sagrado Coração de Jesus — As grandes manifestações religiosas — A bênção dos Sinos — “Glória da fé e da pátria” — A inauguração do grande órgão do santuário — O monumento ao Sagrado Coração — Cinquentenário de N. S.ª de Lourdes — O edifício do Santuário do Coração de Jesus — As transformações de São Paulo e da Igreja e os salesianos — Os funerais do Barão do Rio Branco.

Capítulo VIII: LICEU DE ARTES, OFÍCIOS E COMÉRCIO 181

O ensino profissional no Liceu Coração de Jesus — A música — O teatro — O cinema — O desenho — A educação física — O mais antigo Curso Comercial de São Paulo — O ensino da religião — A revista *Santa Cruz* — As associações religiosas — Celeiro de vocações — O Oratório Festivo — Os alunos “regulares” — Os ex-alunos.

SEGUNDA PARTE

“O GRANDE LICEU”

Capítulo IX: ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DO MUNDO CONTEMPORÂNEO 213

O serviço militar e as campanhas nacionalistas — A ação da Igreja e dos salesianos num Estado leigo.

Capítulo X: A REESTRUTURAÇÃO DIDÁTICA E O ENSINO MILITAR 221

Um extraordinário diretor! — Os grandes acontecimentos de 1915 — A nova estrutura didática feita por Pe. Mourão — Criação do

Batalhão Ginásial — O “memorável” 3 de maio de 1916 — Exagero na “pompa militar”? — A galharda Brigada Branca.

Capítulo XI: AS NOVAS CONSTRUÇÕES E MELHORAMENTOS 245

O desdobramento do Liceu: o Instituto Dom Bosco — A nova ala do Liceu — A Chácara da Saudade — A novela da oficialização do Curso Comercial.

Capítulo XII: O “GRANDE LICEJ” NA INTIMIDADE 259

“Um pequeno mundo” — As práticas desportivas e recreativas — A educação física e os exercícios militares — As Associações juvenis — Uma grande casa de espetáculos — “Hoje há teatro...” — Invasão artístico-musical — Outras instituições — E a seriedade nos estudos? — “Fiquei (...) maravilhado ao entrar no Liceu...”.

Capítulo XIII: CRESCENDO NA CRISE 279

Centenário da Independência — Congresso do Sagrado Coração de Jesus — O problema das anuidades — Novas instituições e o novo edifício do Externato — O Curso Comercial do Liceu e as reformas de ensino — O Liceu e a beneficência.

Capítulo XIV: SOB O FRAGOR DOS CANHÕES E AO CREPITAR DA METRALHA 295

O dia trágico — Um ferido — A perigosa retirada — Fechados num círculo de fogo — Os revoltosos! — Um abrigo no Liceu — A estátua do Coração de Jesus.

Capítulo XV: LAMPEJOS FESTIVOS E TRIUNFAIS 311

O Liceu na voz dos Relatórios Oficiais — Espetáculo como este só no Céu! — “Essa gente não tem medo de nada” — Nem tudo andava como mandava o figurino... — “Guia e defende” — “De verde toucam-se e de encarnado...” — O velho Major — “Lá vêm eles...” — “A encantadora festa de distribuição de prêmios...”.

Capítulo XVI: NA ERA DA RECONSTRUÇÃO 327

A palavra “decreto” de boca em boca — Finanças em crise — O Liceu, honra de São Paulo — A Revolução Constitucionalista — Pe. José dos Santos e o “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova” — O “glorioso e invencível S. Luís” — O Corpo Docente — A cano-nização de Dom Bosco — Colégio querido, sempre cheio de glórias e sabedorias — Esse bairro bem se poderia dizer de Santa Teresinha — A nova revista *Dom Bosco* — Os festejos cinquentenários — A Capela Dom Bosco — “Essa é a noite santa!” — Atividades da União dos Ex-alunos — “Associação Famílias dos Alunos do Liceu (AFAL)” — Fatos marcantes do apogeu da instituição — Faculdade de Estudos Econômicos.

Capítulo XVII: UMA INSTITUIÇÃO MODELO 351

Um colégio fora do comum — O teatro aqui está no apogeu — Desenvolvimento da Faculdade de Estudos Econômicos — A Ação Católica no Liceu — Outros acontecimentos memoráveis.

TERCEIRA PARTE

DESDOBRAMENTOS E REFORMULAÇÕES

Capítulo XVIII: A BUSCA DE UM NOVO MODELO	363
O Liceu nos anos sessenta — O Liceu e o Ensino Profissionalizante — As comemorações de uma série de Centenários — O Liceu Coração de Jesus e o futuro.	
Capítulo XIX: OS OPERÁRIOS DA VINHA DO SENHOR	371
Os cooperadores, os benfeitores e amigos do Liceu — Os salesianos de Dom Bosco — Influência do Liceu na Sociedade.	

APÊNDICES

Apêndice I: DIRETORES DO LICEU CORAÇÃO DE JESUS	393
Apêndice II: SANTUÁRIO DO CORAÇÃO DE JESUS	394
Apêndice III: MOVIMENTO DAS MATRÍCULAS DOS CURSOS PRIMÁ- RIO, SECUNDÁRIO, COMERCIAL, PROFISSIONAL E SUPERIOR NO LICEU CORAÇÃO DE JESUS NO PERÍODO 1915/1970	395
Apêndice IV: MOVIMENTO DAS MATRÍCULAS NO LICEU CORAÇÃO DE JESUS ENTRE 1971 e 1985	396

PREFÁCIO

Os salesianos de Dom Bosco há mais de cem anos vêm desempenhando incessante trabalho nos mais variados setores de atividades, destacando-se incontestavelmente no campo educacional.

Este trabalho propriamente teve início quando comecei a escrever a minha tese de Mestrado em Educação, intitulada "O ensino profissional nos estabelecimentos de educação dos Salesianos", defendida na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em dezembro de 1976.

Convidado a escrever a história do Liceu Coração de Jesus, relutei muito a princípio. A tarefa apresentava-se árdua. Afinal, eram 100 anos de história... A bibliografia era volumosa. Poucas escolas do País podem apresentar uma história tão rica, tão variada e tão bela como o Liceu Coração de Jesus.

Aceitei finalmente o trabalho como um desafio...

Tomei como objetivo apresentar o projeto salesiano de educação realizado no tempo e no espaço, isto é, no Brasil, no Estado de São Paulo e, especificamente, na cidade de São Paulo, sofrendo, pari passu, as vicissitudes das grandes transformações que se operavam com rapidez e até com certa violência na sociedade paulista e na grande metrópole paulopolitana.

Os manuscritos datilografados desse estudo superam mil páginas. Por dificuldades operacionais e o custo excessivo de sua publicação, reduzimos a obra a um só volume. Procuramos, na medida do possível, manter a sua estrutura científica e um estilo e linguagem acessíveis aos mais diferentes tipos de leitores.

A primeira parte apresenta a história do Liceu em sua fase tipicamente profissional — clientela pobre e carente (1885-1915). Compreende primeiramente uma introdução rápida em que se descreve a cidade de São Paulo nos últimos trinta anos do século XIX, a pré-história do Liceu, os inícios e desenvolvimento da obra.

A segunda parte descreve o Liceu no período de 1916 até 1959. Chamamos de "Grande Liceu". É a fase polivalente, com predomínio do ensino comercial e secundário — clientela de classe média e alta, predominantemente.

A terceira parte apresenta rapidamente as reformulações que vem sofrendo a instituição, e compreende:

- a) Fase em que predomina o ensino secundário (1960-1972);*
- b) Fase do ensino profissionalizante (1973-1983).*

Hoje esse tipo de ensino foi reformulado, com características bem próximas ou semelhantes ao ensino acadêmico.

O Liceu Coração de Jesus, porém, não se confunde com sua escola. O Liceu é também o Santuário e Paróquia do Sagrado Coração de Jesus. O Liceu é o Oratório Festivo. O Liceu é a União dos Ex-alunos de Dom Bosco, que está iniciando seu Jubileu de Diamante de fundação. O Liceu é Música, é Arte, é Esporte, enfim, o Liceu é Cultura. O Liceu é a Casa-Mãe dos salesianos do Brasil.

Sua história é rica, variada e até emocionante. Aliás não parece exagerado afirmar que se confunde com a história de São Paulo... Do Liceu saíram homens que se destacaram na Igreja, na política, na educação, nas ciências, nas letras, nas artes e nos desportos.

Esta obra é uma tentativa de sistematização e síntese de todo o material referente a esta instituição com a finalidade de torná-la conhecida a seus alunos, ex-alunos, admiradores da obra salesiana, como a todos os que estudam a educação brasileira.

São Paulo, 5 de junho de 1985

Pe. MANOEL ISAÚ

INTRODUÇÃO

O Centenário do Liceu Coração de Jesus é um acontecimento de incontestável valor histórico, social e religioso. Numa cidade onde as mudanças e transformações se desencadeiam em ritmo alucinante e avassalador, não deixa de parecer portentoso o desenrolar ininterrupto de atividade educativa cristã arrostando dificuldades e empecilhos os mais diversos, e exercendo salutar influência no seio da população.

O nascimento do Liceu encontrava São Paulo a cavalo de profundas transformações. Despia-se de suas roupas coloniais e portuguesas para se tornar uma cidade cosmopolita, impaciente e dinâmica. A mentalidade capitalista transformava o panorama econômico.

O incremento imigratório veio favorecer o encaminhamento de imigrantes para o meio urbano, pelo tipo de colonização capitalista e urbana adotado pelos fazendeiros, que fornece ao imigrante transporte e satisfação de suas necessidades básicas, mantendo porém intactas as grandes propriedades¹. A industrialização, ainda em seus primeiros passos, já conseguia atraí-los. O escravo já não interessava à indústria nascente, uma vez que, além de demasiado oneroso, se mostrava ineficiente para os serviços delicados e complexos das manufaturas. O imigrante europeu o substituiu com vantagem. Começaram a aparecer os primeiros técnicos, operários especializados e artesãos qualificados que exerciam atividades industriais nas regiões urbanas mais importantes².

Em São Paulo o fenômeno assumiu feições especiais, diferentes das demais cidades brasileiras, quando da desintegração do regime servil. O café, em pleno desenvolvimento, transformou a cidade em seu centro comercial, provocando o desvio de capitais, antes utilizados na aquisição de escravos, para concentração urbana e, de outro lado, para lançar as bases de sua industrialização.

Efetivamente, de 1870 a 1901, fundaram-se na capital paulista noventa estabelecimentos industriais. Em 1887, já havia 17 fábricas de grande porte e centenas de fábricas menores e oficinas de artífices³.

Inegável, como promotor dessas transformações, a importância da ligação a Santos partindo de Jundiáí, de onde saía uma mão de ferro agarrando o Estado de São Paulo em cinco direções, ou seja ⁴:

1) A Companhia Paulista seguia por Campinas (1872), Limeira e Rio Claro (1876) até Descalvado (1881);

2) A Companhia Ituana, na direção oeste, chegava a Itu (1873) e Piracicaba (1879);

3) A Companhia Sorocabana atingia Sorocaba, Ipanema (1875) e Tietê (1883);

4) A Companhia Mogiana corria, via norte, de Campinas a Mogi-Mirim, Amparo (1875), Casa Branca (1878), Ribeirão Preto (1883) e Poços de Caldas, MG (1883), arrastando o sul de Minas para a esfera econômica de São Paulo;

5) Finalmente a Rio de Janeiro—São Paulo.

Este poderoso sistema ferroviário deu condições a São Paulo de arrebatar a hegemonia comercial do café e conquistar a autonomia econômica que lhe permitiu o surto industrial e, consequentemente, o crescimento explosivo nos últimos anos do século XIX, modificando as mentalidades e os costumes dos paulistanos.

Os fazendeiros, tornando-se empresários, eram forçados a viver mais perto do centro de comercialização, isto é, na cidade, onde naturalmente gastavam parte de suas rendas, abandonando as ocupações rurais pelas comerciais, industriais, burocráticas e intelectuais.

As famílias brasileiras, proprietárias de terras, normalmente se dedicavam à agricultura. Os poucos que não o faziam dirigiam as firmas a ela associadas. Alguns preferiam as carreiras liberais. A razão do domínio estrangeiro no setor comercial deve-se à ausência quase completa de um quadro de paulistas nativos com estilo urbano de cidade (58-59) ⁵. Entre os poucos paulistas que souberam aliar interesses rurais, destacaram-se os irmãos Prado, muito ligados aos Salesianos do Liceu Coração de Jesus, cuja casa era ponto de reunião de intelectuais, como o etnólogo Teodoro Sampaio, o cientista sueco Alberto Lofgren, ligados à revista *Santa Cruz*. Antônio Prado foi prefeito de São Paulo de 1899 a 1910, anos em que a cidade cresceu tumultuosamente ⁶.

Os imigrantes que se lançaram no comércio e na indústria pertenciam à classe média provavelmente com treinamento e certa experiência no ramo, o que não era comum entre os brasileiros. Muitos trouxeram, inclusive, algum capital que os colocava muito à frente dos demais e praticamente estabeleceram uma estrutura de classe pré-fabricada ⁷.

Grande parte do operariado, já antes da era republicana, provinha do campo. Os artesãos, 75 a 85% dos operários, eram estrangeiros.

Os salários eram baixos e não acompanhavam o custo de vida. As fábricas careciam de condições higiênicas e de segurança, sendo freqüentes os casos de doenças e até de mortes. Em São Paulo, era considerável o número de menores a partir de cinco anos e de mulheres que, apesar de receberem salários menores, executavam as mesmas tarefas de trabalhadores maiores de idade. A jornada de trabalho dependia da vontade do patrão. Aos aprendizes eram aplicados até castigos corporais.

Os operários, contudo, procuravam sempre melhorar seus salários, suas condições de vida e tentavam regulamentar seus direitos, já desde 1860. A partir de 1870, foram aparecendo as "Ligas", os "Centros de Classes Operárias", as "Federações de Associações de Classe" visando reivindicar seus direitos. Como a indústria era incipiente e o operariado estrangeiro em sua maioria, esses grupos eram fracos⁸.

Entre o elemento estrangeiro, destacava-se o italiano, de maneira incontestemente na indústria, na música, no ensino (mais de 80 escolas em São Paulo), no artesanato e no operariado (a quase totalidade).

A entrada de sangue novo não deixou de afetar o sistema social conservador, elitista e escravagista, abrindo caminho para as idéias liberais que realçavam o individualismo, a liberdade, a idéia de propriedade, o *laissez-faire*, o êxito e o progresso.

Efetivamente, entre 1883 a 1886, Rodrigo Otávio notava que São Paulo já não era "a antiga cidade das ruidosas tradições acadêmicas". Apesar de aparentar uma tranqüila e alegre cidade provinciana, estava sujeita a contínuas demolições e transformações, sem perspectivas definidas de conclusão. Uma cidade nova tentava substituir a antiga. Belos palacetes contrastavam com casebres baixos e humildes de taipa à moda dos primeiros portugueses. Ruas pavimentadas com numerosos edifícios cruzadas por outras apenas delineadas e de edificação esparsa, cobertas com ervas rasteiras ou de chão de terra, intransitáveis desde que chovesse. A cidade ia perdendo sua feição colonial portuguesa, tomando um ar europeu. Em 1888, surgia iluminação elétrica, substituindo os lampiões a gás. Em 1887, os ingleses inauguravam a Companhia Cantareira de águas e esgotos, na época a melhor do País.

O tipo comum de construção era das cidades italianas de província, o que se explica por representarem os italianos 75% dos pedreiros e a quase totalidade dos mestres-de-obra em ativi-

dade. Grande parte das construções assumia proporções monumentais. O crescimento, porém, era desarticulado e desordenado, criando e agravando problemas de urbanismo, de transporte e de salubridade, sem plano de conjunto, fruto de especulações com terrenos, especialmente da parte dos estrangeiros. Por exemplo, Frederico Glette, alemão, adquiriu, em 1879, uma extensa chácara a oeste do centro, nos Campos Elíseos. Traçou mais de doze ruas, ao custo de 100 contos, vendeu os lotes por oito vezes mais que essa soma⁹.

Contava a Capital paulista (35.000 habitantes), em 1883, com dezenove igrejas, sem considerar os templos e conventos destinados a fins oficiais. As velhas igrejas e conventos estavam passando por toda a sorte de reformas, construídas com materiais que não resistiam ao tempo, sendo necessária a reconstrução de quase todas. De dezessete conventos que havia, só restavam em 1883 os da Luz, de São Bento (que não tinha monge), do Carmo e de Santa Tereza. As procissões foram perdendo muito do esplendor antigo e do interesse que despertavam, o que se explicava, em grande parte, pelo aumento dos locais de passeio e de divertimentos, dos clubes recreativos e das competições esportivas como ainda pela intensificação da vida comercial e industrial da cidade¹⁰.

A partir de 1870, a Academia de Direito entrava em decadência, em parte como resultado da instituição no País do ensino livre (1879). O Positivismo nela não encontrou campo propício e, como não existiam outras escolas comparáveis à Escola Militar do Rio de Janeiro, seu prestígio foi limitado, não chegando a influenciar amplamente as instituições paulistas. Como filosofia, firmou-se precariamente no espírito de uns poucos¹¹.

As décadas de 1880 e 1890 viram São Paulo passar da aparência colonial para uma cidade progressista e dinâmica, mas carente de uma infra-estrutura educacional à altura de suas necessidades. Em 1873, Leôncio de Carvalho, sentindo a carência de experiência e conhecimentos técnicos por parte do operariado nacional, em decorrência do desenvolvimento industrial e comercial da cidade, fundava, com outros paulistas, a Sociedade Propagadora da Instrução Popular, que em 1882 tomou o nome de Liceu de Artes e Ofícios. Ministravam-se aulas noturnas das seis às nove, de primeiras letras, caligrafia, aritmética, sistema métrico e gramática portuguesa. As aulas eram gratuitas e os alunos recebiam de graça livros, penas, papel e tinta, como ainda os mais assíduos cuidados médicos e remédios, além de prêmios em dinheiro ou objetos de valor.

No ano seguinte, a Família Souza Queiroz, de grande poder político dentro do Partido Liberal e dominando a Assembléia

Provincial, os melhores cargos e empresas industriais, elevados postos de Guarda Nacional e o juízo dos órfãos da Capital, fundava o Instituto D. Ana Rosa, destinado à formação profissional dos meninos.

A criação dessas duas escolas acarretou o fechamento do Seminário dos Meninos ou Instituto de Educandos Artífices (em que foi transformado o Seminário de Santana), onde, além da instrução primária, ministravam-se desenho, ginástica, música e treinamento profissional para marceneiros, encadernadores, alfaiates, serralheiros e seleiros, fazendo-se todos os anos exames literários e exposições de produtos artísticos.

Foram surgindo escolas criadas por elementos de colônias estrangeiras radicadas na cidade, desenvolvendo-se particularmente o ensino alemão e, depois, o americano com novos métodos. Foram abolidos os castigos corporais, como a varada, o puxão de orelhas, o bolo da palmatória, ainda bastante comuns nas escolas paulistas e nas cidades brasileiras. O estudo era feito em alta voz, decorava-se excessivamente com pouco estímulo para o pensamento.

Eram inúmeras as queixas registradas nos relatórios presidenciais de 1870 a 1890 contra a falta de escolas públicas primárias bem instaladas, de professores dedicados e de alunos assíduos, o que contrastava com a nova era de prosperidade e progresso material da Província ¹².

Entre 1875 e 1880, destacavam-se a Escola Americana e o Instituto Alemão. Para a educação das meninas sem recurso, tinha sido fundado, em 1880, o Externato São José.

Os Almanques de Sckeler (1885-1888) registravam como escolas mais importantes a Academia de Direito, a Escola Normal, o Liceu de Artes e Ofícios, o Seminário Episcopal, o Seminário da Glória (destinado à educação das meninas órfãs, filhas de militares mortos na pobreza) e o Instituto D. Ana Rosa.

Em seguida vinha:

— Colégio Joaquim Carlos (primário e secundário), na la-deira Porto Geral;

— Colégio Moret Sohn, no largo Santa Efigênia;

— Colégio Instituto Artístico, na rua do Ouvidor;

— Colégio D. Maria do Amaral, na rua Florêncio de Abreu;

— Colégio de Santa Teresa, na rua Santa Teresa;

— Aula Taquígráfica, na rua São José;

— Escola Mineira, na rua Santa Teresa;

- Colégio Cláudio, na rua Conselheiro Crispiniano;
- Externato Araújo, na rua da Esperança;
- Deutsche Schule (Escola Alemã), na rua Florêncio de Abreu;

— Escola Americana, na rua São José.

Em 1888, apareciam novos colégios e escolas, como:

- Colégio Barjona, no largo São Bento;
- Colégio Cross (primário, secundário e superior), na rua do Brás;

- Colégio Azevedo Soares, na avenida Senador Queiroz;
- Escola Neutralidade, de João Kopke, na rua da Consolação;
- Escola Pública do Sexo Feminino, na rua do Aterrado de Santa Ana, na Ponte Grande;

— Escola Conceição, na rua das Flores;

— Jardim de Infância, na rua Conselheiro Crispiniano.

Entre as estrangeiras, eram citadas:

- Escola Popular Alemã, na rua 25 de Março;
- Escola Teuto-Brasileira, na rua Duque de Caxias;
- École Française Mixte, na rua da Princesa;
- Hydecroft College, na avenida Paulista, onde se matriculavam os meninos das principais famílias da Capital e do Interior.

Em 1889 surgiu o Instituto de Pesquisas Tecnológicas.

Em 1891, apareciam as escolas italianas:

- Escola Giuseppe Garibaldi, na rua Líbero Badaró;
- Escola Italiana, na rua Lourenço Gnecco;
- Escola Italiana “Sempre Avanti Savoia”, na rua 7 de Abril;
- Colégio Regina Margherita, na rua Flórida, no Brás.

A Igreja, por sua vez, não ficou inerte perante as transformações que se processavam. Colaborou com a Santa Casa reforçando o pequeno corpo de dez enfermeiras com as freiras francesas das Irmãs de São José, porquanto esta instituição hospitalar viu triplicar o número de seus pacientes entre 1870 e 1875.

O Seminário Episcopal, em vista das antigas críticas que se faziam aos capuchinhos estrangeiros e seus métodos, foi reorganizado em 1879, proporcionando, ao que parece, um ensino mais sólido que o Curso Anexo, ou seja, o Seminário dos Meninos.

Em 1885, conseguiu o Bispo de São Paulo, D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, que os salesianos fundassem o Liceu Coração de Jesus, que pouco depois ministrava ensino profissional satisfatório a centenas de meninos, muitos dos quais órfãos. Providencialmente a instalação da obra salesiana veio coincidir com a vertiginosa decolagem desenvolvimentista da Capital e do Estado de São Paulo. O Liceu Coração de Jesus estava situado na periferia da cidade, numa região de chácaras¹³.

Os salesianos foram os primeiros religiosos a instalarem na Capital bandeirante seus colégios. Os maristas chegaram em 1897, assumindo a direção do Arquiocesano. Os missionários de S. Carlos abriram suas escolas profissionais em 1895. Os beneditinos fundaram o Colégio São Bento em 1903 e os carmelitas iniciaram suas escolas somente em 1909. Os jesuitas, que possuíam o famoso Colégio de Itu, trasladaram-se para São Paulo mais tarde.

O atual centro de São Paulo estava pontilhado de escolas. Hoje, na mesma região, existem pouquíssimas das escolas supra-mencionadas, como a Escola Normal, sita na praça da República, e o Liceu Coração de Jesus, que entretanto não estava nesta região, uma vez que Campos Elíseos era considerado zona periférica.

Vê-se que a Capital paulista, há mais de um século, se transforma continuamente, devorando seus habitantes, suas instituições, como o próprio *habitat* humano e toda a sua estrutura...

* * *

NOTAS

¹ MARCÍLIO, Maria, Luiz e outros, *Crescimento populacional* (histórico e atual) e *Componentes do crescimento* (fecundidade e migrações), São Paulo, CEBRAP, 1975, p. 24 (Caderno 16). Cfr. DIÉGUES JÚNIOR, Manuel, *Imigração, urbanização, industrialização*, Rio de Janeiro, CBPE/INEP MEC, 1964, p. 53; 60-61 (Série VI, 5). Ainda: PRADO JÚNIOR, Caio, *História econômica do Brasil*, 16.ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1973, p. 190-191; SOUZA, T. Oscar Marcondes, *O Estado de S. Paulo: physico político, econômico e administrativo*, São Paulo, Estabelecimento Graphico Universal, 1915; MORSE, Richard M., *Formação histórica de São Paulo* (de comunidade à metrópole), São Paulo, Difel, 1970, p. 239.

² DIÉGUES JÚNIOR, Manuel, *op. cit.*, p. 233.

³ MORSE, Richard M., *op. cit.*, p. 237-238.

⁴ SINGER, Paul, *Desenvolvimento econômico e evolução urbana: análise da evolução econômico de São Paulo*, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife, São Paulo, Nacional (reimpressão), (1974), p. 38.

⁵ DEAN, Warren, *A industrialização de São Paulo (1880-1945)*, tradução de Octávio Mendes Cajado, 2.ª ed., São Paulo, Difel, s.d., p. 58-59 (Corpo e Alma do Brasil).

⁶ MORSE, Richard M., *op. cit.*, p. 233-235; DEAN, Warren, *id.*, *ibid.*

⁷ DEAN, Warren, *op. cit.*, p. 58-59.

⁸ CARONE, Edgar, *A República Velha: instituições e classes sociais*, 2.^a ed. (rev. e aum.), São Paulo, Difel, 1972, p. 191-200 (Corpo e Alma do Brasil, 31). Pe. Luiz Lasagna, escrevendo a Dom Bosco, refere-se ao problema da desumanidade dos patrões. Cfr. LASAGNA, Luigi, "Arrivo al Brasile", in *Bolletino Salesiano*, Torino, 1 (7), p. 162 etc., 1883.

⁹ BRUNO, Ernani Silva, *História e tradições da cidade de São Paulo: metrópole do café (1872-1978), São Paulo de agora (1919-1953)*, Ilustr., Rio de Janeiro, José Olympio, 1953, v. III, p. 911-948; MORSE, Richard M., *op. cit.*, p. 243-244.

¹⁰ BRUNO, Ernani Silva, *op. cit.*, p. 922-930 e MORSE, Richard M., *op. cit.*, p. 266-269.

¹¹ MORSE, Richard M., *op. cit.*, p. 216.

¹² BRUNO, Ernani Silva, *op. cit.*, p. 1253-1270; MORSE, Richard M., *op. cit.*, p. 215.

¹³ MORSE, Richard M., *op. cit.*, p. 215 e BRUNO, Ernani Silva, *op. cit.*, p. 1253-1270 e p. 1268-1271.

PRIMEIRA PARTE

**O Santuário e o Liceu de
Comércio, Artes e Ofícios**

I

NO PRINCÍPIO O SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

Em 1911, considerava-se “tentativa arrojada” erigir-se um “Grande Liceu de Artes, Ofícios e Comércio”, apoiando-se apenas nos “recursos da generosidade pública”. Entretanto, o projeto iniciado por um grupo de católicos já tinha sido em grande parte realizado.

O redator do Número Comemorativo do Jubileu de Prata mostrava sua satisfação e entusiasmo com o feito ao escrever¹.

A terra dos bandeirantes é sempre grande, sempre fecunda. Nela o bem floresce e frutifica ao lado do progresso material, cada vez maior e mais pujante.

Com efeito, em São Paulo a ação salesiana exerce salutar influência no meio do povo; desse povo que precisa da bússola da fé e da consolação da esperança, especialmente nestes tempos em que uivam as rajadas violentas das perigosas doutrinas socialistas...

Os bons católicos da época já temiam e sentiam o perigo socialista. Para evitá-lo partiram para a ação e foi organizado um grupo, que contou com beneplácito do bispo de São Paulo, D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho.

... cuja bênção fecundou nesta Capital a importante instituição salesiana destinada a entregar à sociedade, formado na escola da virtude, o operário honesto e o cidadão honrado!

O projeto da Conferência Vicentina: a Capela do Coração de Jesus

Para Richard Morse, a fundação da Conferência Vicentina (1874) e a Associação das Damas da Caridade (1887), ambas sob a égide de S. Vicente de Paulo, representou o incentivo brasileiro no campo da caridade². Os vicentinos, porém, não restringiram sua ação apenas em atender aos mendigos, pobres ou doentes.

Aquela associação caberia a idealização e a realização de dois empreendimentos que floresciam e frutificariam na “progressista”

Capital paulista: a Igreja do Coração de Jesus e o Liceu de Comércio de Artes e Ofícios.

Em 8 de agosto de 1878, fundava-se a Conferência Vicentina do Sagrado Coração de Jesus. Sua primeira comissão executiva era constituída do Dr. Rafael Corrêa da Silva Sobrinho, João Batista Alvarenga, Domingos Gonçalves Carregoza, João José Vieira Guimarães Júnior, João Batista de Alambary e Palhares, Bernardino José Dias Torres de Oliveira e Cláudio Justiniano de Sousa que elegeram para seu primeiro presidente ao Dr. Alberto Saladino Figueira de Aguiar.

Dr. Alberto Saladino teve a feliz idéia de mandar buscar na Europa a imagem de seu patrono, a primeira estátua do Sagrado Coração, em grande vulto, a entrar em São Paulo. Tratava-se do cumprimento de voto por ele feito³. Diante dela, na igreja de Santa Efigênia, onde foi instalada provisoriamente, fez-se o primeiro mês do Sagrado Coração de Jesus⁴.

Os promotores do “mês” colocaram ao lado da imagem uma caixa para esmolas. No final, feito o balanço das despesas em velas, flores, música, pregação etc., notaram que no cofre havia a quantia exata para cobrir todos os gastos.

Em sessão de 24 de outubro de 1878, Domingos Carregoza, homem profundamente religioso e de posses, decidiu oferecer à Conferência “um pequeno terreno de sua propriedade” com 8,8 m de frente por 10 m de fundo no morro do Chá, sito entre as ruas Barão de Itapetininga, Conselheiro Crispiniano, 7 de Abril, 11 de Junho e 24 de Maio, que julgava apropriado para construir uma pequena capela sob a invocação do Sagrado Coração de Jesus para as reuniões dos confrades e que servisse para práticas de piedade da Confraria⁵.

Em junho de 1879, mês dedicado ao Coração de Jesus, o Dr. Alberto Saladino concebeu a idéia de construir uma capela dedicada ao Coração de Jesus. Apesar de ser um projeto arrojado, esse irmão vicentino não teve a coragem de pôr ombros ao empreendimento sozinho e, comunicando-o a outro confrade, João José Vieira Guimarães, combinaram ambos angariar donativos para a empresa.

Recebidas as primeiras ofertas, resolveram esses dois senhores interessar na obra a Conferência de S. Vicente de Paulo, a única a funcionar na época em São Paulo.

Destacaram-se para sua coadjuvação eficaz os confrades vicentinos João Batista de Alvarenga, Domingos Gonçalves Carregoza e Pe. João Batista Gomes. Reunidos os cinco, constituíram uma comissão para cuidar das obras projetadas. Com a aprovação do bispo diocesano, que recusara o terreno supracitado por ser pe-

queno e inadequado, discriminaram as atribuições de seus membros, a saber: Dr. Alberto Saladino, presidente; João Batista Alvarenga, secretário; João José Vieira Guimarães Júnior, tesoureiro e Domingos Gonçalves Carregoza, diretor de obras.

Conseguida a quantia suficiente, tratou a Comissão, no mesmo ano de 1879, de conseguir o terreno. A escolha do local, porém, constituía a grande preocupação. O Campo Mauá ou Campos Elíseos (antigo Campo Redondo e, depois de 1868, Charpre), não possuía quase nenhuma edificação, a não ser um enorme prédio colonial acaçapado que mais tarde serviu de residência episcopal e colégio. Ali se caçavam pombos e se pescavam bagres numa lagoa. Era considerado fora dos limites da cidade. Mesmo assim, como quase sempre acontece, entendeu a Comissão que, construída a igreja, aquele lugar remoto povoar-se-ia e tornar-se-ia um grande núcleo urbano ⁶.

Compraram então a primeira parte do terreno, medindo 20 braças na alameda Glette por 20 na alameda Barão de Piracicaba, e passaram a escritura no dia 20 de junho de 1879 ⁷. Custou a operação dois contos de réis. Em 10 de setembro de 1880 compraram outra parte pela mesma quantia.

Pareceu à Comissão que já era tempo de iniciar os trabalhos para a construção. O destocamento e aplainamento do terreno para a preparação dos alicerces não seriam obra para poucos dias.

A planta primitiva do edifício fora traçada pelo modesto arquiteto, Irmão Alberani, da Companhia de Jesus, residente no Colégio São Luís Gonzaga da cidade de Itu, o mesmo que planejara e executara a monumental igreja daquela instituição. O plano recebeu a aprovação e foi abençoado pelo bispo que passou imediatamente uma provisão com data para 25 de março de 1881.

No dia 24 de maio seguinte, “festa da Santíssima Virgem Maria, Mãe de Deus, sob o título de Auxílio dos Cristãos — reza o documento — D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, bispo de São Paulo, concedeu ‘provisão de licença’ para a fundação da capela do Sagrado Coração de Jesus, ‘num dos bairros da freguesia de Nossa Senhora de Conceição de Santa Efigênia’, em lugar elevado, isento de umidade e próprio para construções deste gênero” ⁸.

Um mês depois, 24 de junho de 1881, festa litúrgica do Sagrado Coração de Jesus, o próprio bispo benzia solenemente a primeira pedra e os alicerces, tendo-se lavrada a ata da cerimônia, assinada com os jornais do dia e algumas moedas de prata e cobre ⁹.

Do dia seguinte em diante, trabalhou a Comissão com o maior entusiasmo, sempre com dificuldades de recursos, que, todavia, não faltavam e sob a constante direção e fiscalização do irmão vicentino Domingos Carregoza, que passava naquele ermo várias noites até que encontrou um local para morar e guardar o material da construção ¹⁰.

Na Carta Pastoral de 29 de junho sobre o Jubileu Universal, concedido por Leão XIII, D. Lino determinava ¹¹:

V. Além da confissão, comunhão e das visitas prescritas, deverão os fiéis fazer alguma esmola às *causas pias*. O Sumo Pontífice lembra de modo especial a obra da Propaganda da Fé. As da *Santa Efigênia* e das *Escolas do Oriente*. Os fiéis deste bispado satisfazem também a esta prescrição, dando sua esmola ou às Conferências de S. Vicente de Paulo, ou a favor da igreja que se trata de levantar nesta cidade, em honra do Sagrado Coração de Jesus.

O Cônego Antônio Guimarães Barroso, em nota, acrescentava ¹²:

As esmolas destinadas... serão remetidas... As que forem aplicadas... finalmente as destinadas para a Igreja do Sagrado Coração de Jesus ao Rev. Cônego Guimarães Barroso ou à qualquer dos membros da Comissão de Obra.

No dia 31 de julho, o Cônego Barroso publicava uma circular, solicitando esmolas para a construção da capela e observava ¹³:

Conforme já declarou (...) Bispo, pretende ele oportunamente consagrar esta diocese ao Sagrado Coração de Jesus e então este templo, ora em começo, será um monumento que perpetuará e atestará aos pósteros a piedade e religião da benemérita e patriótica Diocese de São Paulo.

Revela ponderar que o mesmo (...) Sr. Bispo, anunciando o jubileu concedido pelo (...) Papa Leão XIII recomenda e pede o óbulo dos católicos para esta obra, que Deus abençoara, assim como a todos aqueles que de boa vontade concorrem para a sua realização.

As obras progrediram rapidamente, provocando a admiração de todos, atentando-se para o fato de que só se empregava material de primeira qualidade. Dr. Alberto Saladino era infatigável, percorrendo as localidades do interior, onde ao mesmo tempo em que difundia a devoção ao Coração de Jesus pedia auxílios para a capela. Na Capital, promoviam-se leilões de prendas, tómbolas e outras atividades, auxiliado ainda por D. Gertrudes Carolina Pinto Neves, que trazia de Itu, coleções de valiosas prendas ¹⁴.

O projeto de um Liceu de Comércio, Artes e Ofícios

No dia 10 de janeiro de 1882, achando-se adiantada a construção da capela na qual já se tinham gasto 17:000\$000 de réis, alguns membros da comissão dirigiram uma circular lançando a idéia de “anexar-lhe uma instituição que a tornasse mais fecunda; o pensamento de dotá-la com estabelecimento qualquer de instrução surgiu em diversos espíritos”. Preferiram, contudo, um estabelecimento de ensino profissional:

A importância do ensino profissional, a absoluta necessidade que temos dele, pareceram de preferência indicar a anexação de um Liceu de Comércio, Artes e Ofícios.

O Cônego Jerônimo Pedroso de Barros, redator da circular, homem de larga visão, enquanto o templo não estava acabado, cuidava de proporcionar meios para o cumprimento de sua missão. Vislumbra, porém, um problema da atualidade: o da formação de técnicos. Na circular afirmava que “entre o clero e os católicos dedicados se apresentaram quase 50 acionistas”, e para levar a termo esta empresa, solicitava o apoio e proteção do clero da diocese, “sempre cioso das idéias generosas” e sugeria aos sacerdotes que se tornassem também acionistas e conseguissem “no círculo de amigos” “mais acionistas para esta empresa começada”. Alimentava a esperança de poder reembolsar aos acionistas as suas respectivas ações (cada ação valia 100\$000, cem mil réis), quando o estabelecimento tivesse os rendimentos necessários para esse fim ¹⁵.

Em favor da idéia da fundação deste estabelecimento de ensino a cargo dos salesianos, o Vigário Geral da Diocese de São Paulo, Dr. Arcedíago Francisco de Paula Rodrigues, conjuntamente com outras pessoas (Visconde de Itu, Barão de Mossoró, Barão de Tremembé, Major Martiniano de Oliveira Borges, João Maria de Oliveira Cezar, Pe. Manoel Vicente da Silva, Pe. João Batista Gomes e outros), dirigia ao clero e aos católicos da diocese uma circular, datada de 10 de agosto de 1882, que assim rezava ¹⁶.

Há mais de dois anos temos em mente a fundação de um Liceu de Comércio, Artes e Ofícios, nesta capital de São Paulo.

Para isto organizou-se uma sociedade que deu passos no sentido de realizar a idéia por meio de acionistas. Como, porém, houvesse não poucas pessoas que não podendo tomar ações, desejavam todavia concorrer para esta esperançosa instituição, deliberou-se o método de empréstimos reembolsáveis oportunamente. O *quantum* do adiantamento fica ao arbitrio do subscritor.

Fim da Instituição — Preocupava legitimamente o coração de todo patriota ver que, enquanto nossas cidades e capitais crescem em importância e opulência, na mesma proporção, se abate o brasileiro, por sua ignorância profissional.

Ainda agora os esforços do patriótico Sr. Conselheiro Leôncio de Carvalho, vieram confirmar a necessidade de se levar a efeito a criação do Liceu de Comércio, Artes e Offícios.

Meios — Os meios de que dispomos são um terreno em excelente local, quotas não realizadas e as esperanças de que a presente circular não será improficua.

Quanto ao pessoal docente têm-se dado passos no intuito de obtê-lo da importantíssima Sociedade Salesiana de Turim, que tem derramado incalculável benefícios nas Repúblicas da América. E se desta procedência não pudermos consegui-lo, temos proposto para obtê-lo dos Estados Unidos.

Esperanças — Inapreciáveis resultados tem alcançado a Sociedade Salesiana não só em relação às artes e offícios, como relativamente ao ensino do comércio e das indústrias, fabricando nas oficinas de seus estabelecimentos o papel, fundindo tipos, imprimindo obras importantes, encadernando-as etc.

A marcenaria e a sapataria, a pintura, a música, enfim, todas as artes e offícios vivem nesses estabelecimentos em companhia da literatura e das ciências.

São estes os nossos desejos, são estas as nossas aspirações.

A vista desta exposição, posto que perfunatória, temos toda a confiança de que V.S. fará um generoso empréstimo à Comissão subscrita, dando ordens para o recebimento da respectiva quantia nesta Capital, em Campinas, em Santos e na Corte, fazendo aviso a qualquer dos membros da Comissão...

No dia 18 de abril de 1883, D. Lino expedia uma provisão aprovando ¹⁷.

... o projeto da fundação de Liceus de Comércio, Artes e Offícios, tanto nesta Capital como outros pontos desta Diocese, sob a direção da muito conhecida e dedicada Congregação dos Salesianos.

Para a realização de um tão importante melhoramento nesta diocese, autorizamos aos reverendos sacerdotes João Batista Gomes, e José Benedito Moreira e ao (...) Dr. Alberto Saladino de Aguiar, a pedir em nome da religião os necessários donativos.

Esperava o prelado que a “proverbial generosidade” dos diocesanos que tinha concorrido até para “outras obras estranhas aos interesses” da diocese “com verdadeira munificência”; quanto mais para esta que é toda diocesana, e de incontestáveis vantagens para a classe pobre.

E concluía em tom profético:

Com o óbulo do rico e do pobre podemos levantar edificios majestosos, que atestem às gerações vindouras a vitalidade inexaurível da Igreja católica, e sua constante solicitude pela educação da mocidade. Com toda efusão de nosso coração abençoamos a todos que concorrerem para esta obra eminentemente cristã e civilizadora.

A idéia de uma escola de Artes e Ofícios estava-se convertendo em obsessão. Nesses dias dirigiram-se ao Rio de Janeiro os padres João Batista Gomes e José Benedito Moreira para estudar a possibilidade de fundar um liceu de artes e ofícios na Igreja de São Francisco¹⁸.

A chegada de Pe. Luiz Lasagna

As pressões deviam ter chegado ao Pe. Lasagna que, em carta a Dom Bosco, de 6 de agosto de 1883, entre outras notícias, escrevia¹⁹:

São Paulo, rica e florescente província do interior, envia-me também ela convite e solicitações calorosas para que não tarde em ir até lá para verificar pessoalmente tudo o que já realizaram os salesianos. Devo dizer, efetivamente, que, desde o ano passado, o Sr. Bispo, diversos padres e leigos zelosos, lançaram os olhos sobre nós e nada negligenciaram para ter-nos entre eles.

Para preparar-nos uma casa e os meios para iniciar nossa obra, o Sr. Bispo escreveu um caloroso apelo à caridade, sob a forma de carta pastoral. Mals. Nomeou comissões que andassem de cidade em cidade, de bairro em bairro, pedindo esmolas para os salesianos. Recolheram assim somas consideráveis e, agora, suplicam-nos de não deixá-los suspensos, de irmos para o meio deles e de tomar posse imediatamente. Oh! Eu poderia visitar estes excelentes amigos, ver o que eles nos prepararam, falar-lhes palavras consoladoras e... escrever-lhe querendo enfatizar seu pedido.

Mons. Francisco de Paula Rodrigues escreveu ao Pe. Lasagna que viesse fundar em São Paulo um estabelecimento salesiano. O Conselheiro Inácio da Cunha Galvão, do Rio de Janeiro, a pedido de pessoas de São Paulo, solicitou a intervenção de D. Pedro de Lacerda, bispo do Rio de Janeiro, para conseguir a aceitação da proposta²⁰.

Nesse ínterim, na noite de 29 para 30 de agosto, Dom Bosco tinha, em Turim, um de seus sonhos proféticos e que ele narrava com incomparável clareza.

Havia percorrido em sonhos essa América que imaginava através das narrações feitas por seus missionários. Mas não a havia contemplado tal qual a descreviam, senão pelo menos três gerações adiante do tempo.

Havia-se valido em sonho de um veículo então inexistente e incompreensível para ele, que lhe permitia ver tudo dos ares a grande altura e deslocar-se a imensas velocidades. Em seu vôo, havia cruzado também o Brasil.

Relatava o Santo ²¹:

Entre os graus 15 e 20 havia uma sinuosidade estreita e larga que partia de um ponto onde se formava um lago. Repetidas vezes uma voz disse-me:

— Quando começarem a explorar as minas escondidas naqueles montes, surgirá aqui uma terra prometida em que há de manar leite e mel e a riqueza será inconcebível.

Esse lugar corresponderia à posição onde hoje está localizada a cidade de Brasília, fundada em 1960. O lago Paranoá que a adorna foi criado artificialmente pelo encontro de dois rios.

Em 1.º de setembro, Pe. Lasagna dirigiu-se para São Paulo, sendo recebido com grande entusiasmo por muitos admiradores que queriam entregar imediatamente em suas mãos as coletas feitas para angariar os fundos necessários.

Visitou a igreja que se estava levantando em honra do Sagrado Coração de Jesus, como “cumprimento de um voto nacional e tinha como principal executor o Dr. Saladino, homem generoso e de prodigiosa atividade” ²². Pe. Lasagna parece ter gostado muito do que viu conforme carta de 6 de setembro ao Pe. Lemoyne ²³:

Levantaram depressa a parte correspondente ao coro e ao presbitério. Fechada com uma fachada provisória, aparecia uma belíssima capela. Brevemente será entregue ao público com uma grande solenidade, em que o bispo consagrará a diocese ao Sagrado Coração de Jesus.

Está situada em um lugar magnífico. Tem espaço suficiente para um grande templo e para nosso instituto. Está rodeada de casas e vilas, quase todas pertencentes a protestantes alemães e muito distante de qualquer outra igreja.

E acrescentava enfático:

Estou certo de que você, meu caro Pe. Lemoyne, verá com o maior prazer repetir-se em São Paulo caso análogo, diria melhor, idêntico ao de Roma.

É que nesse ínterim Dom Bosco havia recebido de Leão XIII o encargo de construir um templo ao Sagrado Coração de Jesus na Cidade Eterna.

Concluindo a carta, em tom profético dizia:

Em data não longínqua, virá o dia feliz em que também os salesianos da América... nos abrigaremos sob a égide de um santuário dedicado ao Coração de Jesus...

O bispo alimentava esperanças de que os salesianos tomariam conta e em breve terminariam a construção do templo, que seria

grandioso e se tornaria o centro da devoção ao Coração de Jesus em sua diocese ²⁴.

Embora dispusesse de pouco tempo, no dia 3 de setembro, Pe. Lasagna foi levado por dois sacerdotes para fora da cidade, ao alto de uma colina, de onde se descortinava uma visão do conjunto de São Paulo. Era o atual bairro de Santana. Pe. Lasagna dá um ar poético e bucólico à sua narração ²⁵:

No dia 3 de setembro... depois da missa, tomei um coche com dois distintos sacerdotes e nos dirigimos para a periferia da cidade, até uma alta e interminável colina que no ocidente fecha o horizonte de São Paulo. Atravessamos uma ponte do Tietê, um riacho no momento, mas que na época das chuvas transborda, estendendo-se da cidade até a colina de que falei e forma uma grande lagoa, semelhante a um mar.

Ao longe, mostraram-me um velho e rústico edifício que surgia no declive da colina. Ao lado crescia a capela, coroada de um pequeno campanário. Ao derredor, avistava-se um casario branco e limpo que brilhava ao sol entre metas de bambú e de bananas e subia pela colina como bando de pombas brancas espalhadas pelas glebas de nosso Piemonte.

Eram as casinhas de uma colônia italiana fundada há sete anos por uns especuladores. Só agora começam a progredir entre mil e uma dificuldades. Compõem-na algumas centenas de tirolezes, muito estimados por sua laboriosidade e correção.

Pe. Lasagna desceu da carruagem, aproximou-se da primeira casa e bateu à porta. As crianças que brincavam por perto fugiram amedrontadas. As mulheres puseram a cabeça fora da janela e olharam admiradas para aquele padre. Quando ouviram falar, mais que em italiano, em seu dialeto, as pobrezinhas saíram de seus casebres e com sinais e gritos chamaram os maridos que trabalhavam nos campos. As crianças criaram coragem e em poucos instantes o missionário estava circundado por muita gente. Diziam satisfeitos: "Um padre de nossa terra! Fique conosco!"

Um abriu logo a capela. Era dedicada a Sant'Ana. Todos entraram. Pe. Lasagna dirigiu palavras de conforto. Perguntou se tinham conservado intacta a sua fé, se ainda sabiam rezar, se ensinavam catecismo às crianças.

Uma velhinha foi buscar um livrinho da diocese de Vincenza, com que ensinava a doutrina cristã aos meninos. As crianças cantavam as respostas sem errar uma sílaba. Assim aquelas mães cristãs inoculavam em seus filhos a fé tradicional.

Para ir à missa, deviam percorrer uma boa distância. Quase não havia transportes. E quando chegavam à igreja..., não sabendo falar português, os adultos não se confessavam e não podiam freqüentar a comunhão.

Pe. Lasagna distribuiu algumas medalhas que levava consigo, fez-lhes mil recomendações e prometeu voltar logo que pudesse, ou mandar outros sacerdotes ²⁶.

A visita foi ainda levada até Mogi das Cruzes, onde estaria disponível, se quisesse um convento. Teve, porém, Pe. Lasagna o “bom senso” de declarar: “Se desejam que os salesianos tomem conta das duas obras — Igreja e Colégio — vamos reuni-las num só lugar. É muito mais fácil e eficiente”. Todos concordaram. Pe. Lasagna apresentou sugestões e parece até que deixou uma fotografia do Colégio de Lanzo, Itália ²⁷.

Negociações de Pe. Luiz Lasagna

Em seguida, retornou ao Rio de Janeiro. Pregou vários dias de retiro aos vicentinos. Atendeu às necessidades mais urgentes do novo colégio e terminou com as visitas de cortesia, que jamais esqueceria.

Começou por visitar o Imperador e a Princesa Isabel e seu consorte, D. Gastão de Orleans. Tantas atenções lhe dispensaram que lhes entregou o diploma de cooperadores salesianos. A Princesa recomendou vivamente agradecida a Dom Bosco as orações que, constava-lhe, havia elevado a Maria Auxiliadora pela saúde de seu primogênito. Explicou que, estando na França, em casa de uma das princesas de Orleans, havia aprendido a rezar a novena de Nossa Senhora Auxiliadora, recomendada por Dom Bosco.

A 3 de outubro, embarcou para Montevidéu, no navio La France ²⁸.

Os salesianos do Colégio Santa Rosa vibraram com a possibilidade de que uma casa em São Paulo se tornasse realidade como se deduz da carta de Pe. Miguel Borghino a Dom Bosco, de 15 de dezembro de 1883 ²⁹:

No momento, sentimo-nos muito felizes de ter podido fazer o que acaba de expor. Nossa felicidade seria ainda maior se não estivéssemos a tão grande distância de todos os nossos irmãos, da Itália, e mesmo da República do Uruguai. A casa mais próxima de nós é de Colon e, entretanto, está a mais de mil quilômetros. Oh! Se fosse possível abrir uma casa salesiana em São Paulo!

Vê-se que as pressões sobre Dom Bosco partiam também dos próprios salesianos. O isolamento de fato era muito grande. Dom Bosco, certamente, não poderia ficar indiferente ao clamor de seus salesianos.

No dia 6 de outubro, chegava Pe. Lasagna a Montevidéu, cheio de alegria. O horizonte, contudo, se lhe apresentava ameaçador.

Os problemas do nascimento salesiano no Brasil estavam agravados pelo ambiente político anti-religioso e pela agressividade da imprensa acatólica.

Em dezembro, desencadeou-se a guerra jornalística. Alvorçando o vespeiro, o Ministro Francisco Antunes Maciel, pelo Decreto n.º 9.094, de 22 de dezembro de 1883, ressuscitava o artigo 18 da Lei de 28 de junho de 1870, segundo o qual os bens de mão morta e, portanto, das Ordens e Congregações religiosas deviam converter-se em títulos da dívida pública.

As Irmãs do Carmo, porém, reagiram e processaram o Governo que foi condenado. O Ministro caiu e voltou à sua cidade natal, Pelotas, desbancada por monjas! . . .

A toda essa movimentação, referiu-se o Pe. Lasagna, quando escreveu a Dom Bosco, em 27 de março de 1884:

No Brasil, desencadeou-se uma guerra atroz com ira satânica. Os benfeitores temORIZADOS suspenderam toda a ajuda prometida, deixando-os num abandono desolador.

Durante a tempestade, sustentamos nossos irmãos com cartas, telegramas e remessas de dinheiro. Agora parece que o céu começa a serenar-se e volta a calma.

A lei do confisco e expulsão que atinge as ordens religiosas não chegou ainda a nossa Casa. O bispo reanimou-se e com ele muitos amigos³⁰.

Enquanto isso, Pe. Lasagna estava mergulhado em trabalhos no Uruguai. Quanto mais ruminava o assunto, mais claro via as inumeráveis razões que impunham a formação de um novo núcleo. Em carta ao Pe. Rua insistia na urgente necessidade de dar uma companhia à Casa de Niterói. Era indispensável fundar um colégio em São Paulo. “Pe. Tomatis — acrescentava — possui todas as condições necessárias para ser um excelente inspetor do Uruguai. Isso tornaria possível minha instalação definitiva no Brasil”³¹.

Pe. Rua fazia alguma consideração e contestava que a fundação de São Paulo seria resolvida pelo Pe. Cagliero, quando viajasse para a América. “A tantas milhas de distância, é difícil compreender”, resmungava Pe. Lasagna³².

As ocupações só lhe permitiram viajar para o Brasil, nos inícios de maio, chegando no dia 13, pelo navio Équateur. Precisava consolar seus irmãos, animá-los com sua presença e afervorá-los com a sua palavra. Pregou-lhes os exercícios espirituais, fez palestras aos cooperadores e presidiu a inauguração das cinco oficinas do Colégio Santa Rosa, ou seja, tipografia, encadernação,

alfaiataria, sapataria e carpintaria, que se acrescentaram às três séries existentes³³.

A bênção da capela do Sagrado Coração de Jesus

Convém notar que a jurisdição do Pe. Luiz Lasagna atingia também São Paulo. Por isso, coube-lhe conduzir as conversações para abrir a casa de São Paulo. Convidado por D. Lino, para lá se dirigiu no dia 19 de junho para assistir a bênção solene da primitiva capela dedicada ao Sagrado Coração de Jesus e destinada aos salesianos. Pensava que a função se realizasse no dia 20. Mas, à tarde ao chegar, ficou ciente de que a solenidade tinha sido adiada para o dia 24, terceiro aniversário da bênção da primeira pedra. Hospedou-se na igreja do Mosteiro de Nossa Senhora da Luz. Visitou logo o bispo e os cooperadores. Em seguida foi ver as obras em construção: igreja e liceu. Ficou maravilhado pelo progresso realizado em apenas oito meses. Estavam terminados o coro e o presbitério. Sobressaía um estupendo altar, encimado por uma imagem de Cristo que mostrava o coração chamejante. Pregou às Irmãs do Mosteiro o tríduo de São João Batista³⁴.

Ao lado da capela, estava sendo construído um edifício com capacidade para abrigar no mínimo cem alunos internos, sem contar os externos. D. Lino teria redigido imediatamente o ato de doação da igreja e do estabelecimento. Pe. Lasagna não aceitou por faltar-lhe a explícita aprovação de Dom Bosco. Em apenas duas visitas, o bispo criara tamanha amizade que costumava afirmar ser o Pe. Lasagna para Dom Bosco o que São Francisco Xavier era para Santo Inácio de Loyola.

A bênção da capela do Sagrado Coração foi realizada efetivamente no dia 24 de junho, seguida de missa cantada pelo Côn. Jacinto Pereira Jorge com assistência pontifical, tendo pregado o Evangelho o Côn. Francisco de Paula Rodrigues, Vigário Geral e Provedor do Bispado. Estava presente à cerimônia a flor do clero paulista, que rodeava seu bispo, D. Lino Deodato.

A cerimônia foi emocionante e durou quatro horas. Pe. Lasagna ficou tão entusiasmado e convencido da necessidade da fundação da obra que naquela noite não resistiu em escrever a Dom Bosco relatando pormenorizadamente os acontecimentos vividos nos poucos dias que esteve na Capital paulista³⁵.

Segundo Marcigaglia, a estátua do Sagrado Coração supra-citada pertencia ao Côn. Ezequias. Inicialmente a estátua do Sagrado Coração, pertencente ao Dr. Saladino, fora colocada provisoriamente na Igreja de Santa Efigênia.

Uma carta com ar de profecia

Após ter narrado a cerimônia da bênção da capela que tanto o emocionou, passou ao assunto ³⁶:

O atual edifício consta por ora do coro e do presbitério, que o serão da projetada igreja, sendo já por seu tamanho e beleza, de enlevar e comover.

As pinturas, que exornam esta parte do edifício, sobre o qual assenta uma preciosíssima imagem de Jesus Cristo mostrando no meio de chamas seu divino coração, a vasta e elegante tribuna para os cantores, tudo enfim apresenta um conjunto de devoção e de majestade que move os corações.

Fora, de um lado da igreja, ergue-se um edifício gigante com espaçosos pórticos e salas vastas que, na altura, se parece com a parte nova do Colégio de Lanzo, quicá metade dele na extensão.

O que falta são o teto e alguns pavimentos que, espera-se, logo chegarão a sua conclusão, podendo abrigar cem meninos pobres.

Surpreendem-me deveras ver tão adiantadas as obras que há oito meses, quando muito, estavam sendo começadas depois de exorção minha e plano por mim dado.

Amanhã mesmo o ótimo bispo quisera fazer-nos dela a entrega sem condição e por escritura pública. Com muito pesar, porém, de minha parte, não posso aceder ao seu desejo, sem antes receber a sua respectiva aprovação, que, espero, não tardará.

Quer o senhor a escritura seja lavrada em meu nome, em seu nome ou do Pe. Lourenço Giordano? Este poderia talvez ser nomeado superior desta Casa e tornar-se chefe de uma nova Inspectoria Salesiana (Brasileira) com grande vantagem para nossa congregação, para glória de Deus e salvação das almas.

O Sagrado Coração de Jesus, a quem estão consagradas a nova igreja e a nova casa, fará desaparecer qualquer obstáculo, para a realização do projeto, que redundará todo em glória dele.

Nada estou fazendo senão expor-lhe humildemente, meu querido Superior, o que há, deixando-lhe liberdade para decidir.

Pelo que parece, a importância desta casa e suas esperanças são tais, que não receio de dedicar-me a ela com todas as minhas forças e até com minha própria vida.

As esmolas continuam e a obra progride a olhos vistos.

O bispo pretende fazer brevemente, na capela, a consagração de sua diocese ao Sagrado Coração. Nesse sentido elaborou uma bela pastoral com a data de hoje.

O bispo mostrou desejo de que houvesse ao menos dois missionários salesianos para manterem o culto divino neste Santuário, o que presentemente não é possível: *tempo virá, porém, em que não dois senão muitos salesianos renderão, acompanhados de um grande esquadrão de jovens, as devidas homenagens ao SS. Coração de Jesus, renovando assim na terra os espetáculos do céu!*

Oh! se eu pudesse de viva voz falar e narrar-lhe os motivos e as circunstâncias que militam em prol da aceitação desta casa que é já por mim tão amada!...

Confio, porém, e muito no senhor que certamente mais do que eu ama a Deus, as almas e a nossa Congregação: respeitarei sempre toda medida tomada a tal respeito.

Se insisto neste ponto, é porque considero ser de meu dever, pois do senhor recebi a missão de, como inspetor, providenciar sobre as Missões do Brasil, tão falto dos recursos, de que tratamos.

Perdoe-me, entretanto, e recomende a Nosso Senhor estes bons cooperadores salesianos, que tanto suspiram pela nossa vinda e se esforçam com grande zelo e sacrifício com o fim de preparar-nos a casa e proporcionar-nos o meio de fazer o bem.

Amanhã voltarei a Niterói, donde de oito dias, seguirei para o Rio da Prata, onde estou sendo esperado ansiosamente.

Nesta carta, manifesta-se claramente a grande visão de Pe. Luiz Lasagna, como também sua ansiedade e aflição por ter podido de imediato dar a aceitação do empreendimento, cujo futuro lhe parecia tão claro como até prodigioso. Era um coração inflamado. Parecia até um profeta! . . .

No dia 25, retornou ao Rio. Entrevistou-se com o Internúncio, Frei Roque Cocchia, O.F.M., arcebispo de Otranto. Conversou muito com D. Macedo Costa, que estava preparando viagem para a Itália e pensava obter de Dom Bosco a aceitação de sua Obra da Prudência.

Nos inícios de julho voltou ao Uruguai, encarregando, porém, ao Pe. Borghino, a quem achava muito deprimido, de escrever também a Turim pedindo socorros.

Carta do bispo de São Paulo a Dom Bosco

D. Lino, por sua vez, não ficou inativo. Apelou diretamente para o Fundador dos salesianos, justificando a necessidade da fundação da obra.

Rev.^{mo} Padre Dom João Bosco.

Tive uma bem grande satisfação em receber a visita do Sr. Dr. Luiz Lasagna, padre de vossa muito estimada Congregação.

Com o fim de obter o estabelecimento dos Padres Salesianos nesta cidade, alguns bons católicos se dirigiram ao doutor Lasagna, que se encontrava no Rio de Janeiro.

Ele veio de muito boa vontade a São Paulo em julho último, para entender-se comigo.

Prometi-lhe ceder à Congregação uma capela ou pequena igreja, em vias de construção, dedicada ao Sagrado Coração de Jesus, e um terreno unido à igreja; dever-se-á em breve edificar uma casa para a residência de um ou dois padres salesianos, que deverão vir no próximo mês de maio.

Posso assegurar-vos, Rev.^{mo} Padre, que o estabelecimento dos padres salesianos aqui virá satisfazer a uma verdadeira necessi-

dade, e que será uma grande consolação para o coração do humilde bispo de São Paulo.

A missão certamente terá bom êxito, graças às bênçãos do bom Deus e aos elementos de prosperidade que esta cidade, uma das mais importantes do Brasil, oferece pela salubridade de seu clima e pelas felizes disposições de seus habitantes.

Trata-se de fundar uma casa destinada a dar a educação cristã e um ofício qualquer, que possam assegurar a salvação eterna e uma subsistência honesta a tantos meninos pobres que, sem isto, vão crescer na ignorância religiosa e na ociosidade.

Além da população nacional, também a estrangeira cresce sempre mais nesta cidade. A colônia italiana somente, pobre e laboriosa, conta cerca de nove a dez mil almas.

Peço-vos portanto, meu reverendo Padre, de querer aprovar o acordo estabelecido entre o padre Lasagna e eu. Espero que minha diocese não será privada do grande bem que vossa tão pia e zelosa Congregação pode fazer aqui, como ela vem fazendo sempre mais nos outros países que tem a felicidade de a ter estabelecido entre eles.

Recomendo-me às vossas orações, e peço-vos de aceitar as garantias de minha estima e muito viva, com a qual eu sou, Reverendíssimo Padre.

Vosso muito humilde servidor em Jesus Cristo.

Lino, bispo de São Paulo.

Pastoral de D. Lino sobre a consagração da Diocese ao Coração de Jesus

Em São Paulo, na nova capela, desde o dia 24 de junho, começara a ser celebrada missa aos domingos e dias santos sendo seu primeiro capelão o Pe. Alberto José Gonçalves, depois bispo de Ribeirão Preto, tendo sido também nomeado por D. Lino para a Comissão de Obras, em substituição a Cláudio Justiniano. Na mesma ocasião, substituiu ao Dr. Rafael Corrêa o Dr. Vicente de Azevedo. Entre os membros da comissão, destacava-se ainda o Pe. João Batista Gomes, que trabalhou arduamente para a consecução dos meios necessários para as iniciadas obras.

Mantinha, porém, o virtuoso bispo o desejo vivíssimo de levar a efeito a consagração da diocese de São Paulo ao Sagrado Coração de Jesus e, nesse intuito, publicava, a 26 de agosto, uma carta pastoral, reconhecendo ser ainda uma aspiração dos seus diócesanos ³⁷.

Reconhecia a devoção ao Sagrado Coração de Jesus como mais eficaz e poderoso dos meios contra qualquer tentação de desânimo ou desespero, especialmente nos tempos amargos por que passava a Igreja na época: uma devoção espontânea que se

difundia por toda a parte atestando a exuberância da Igreja, sempre combatida, mas nunca vencida.

Apesar de não constituir novidade na Igreja, o começo de sua expansão, nos inícios do século XVII, atribuíam-se a São Francisco de Sales que, ao fundar a Ordem da Visitação, em 1611, lhe dera por armas “um coração cercado de espinhos”, preparando desse modo o caminho para as revelações de Santa Margarida Alacoque, “a escolhida entre todos os santos que brilharam no século XVII, para ser a confidente dos desígnios misericordiosos do Sagrado Coração”, em Paray-Le-Monial.

A própria santa pôde ver a difusão desta devoção em muitos conventos da Ordem, a multiplicação de livros que a difundiam e a fundação de oratórios e capelas em honra do Sagrado Coração na Espanha, Inglaterra, Alemanha e pouco mais tarde em Portugal e na Polônia. Antes de findar o século XVII, já havia esta devoção atravessado os mares e se estabelecido em Quebec e em Malta e até nas Índias e na China.

Em falando de seu desenvolvimento no Brasil, escrevia D. Lino ³⁸:

Ninguém ignora que a devoção ao Sagrado Coração de Jesus em nosso país remonta quase à época em que ela, propagando-se e adquirindo desenvolvimento em Portugal, estendendo-se da metrópole às possessões ultramarinas; e que o seu maior desenvolvimento deu-se quando, obtido pela Rainha D.^a Maria I indulto apostólico, estabeleceu-se em Portugal e seus domínios a festa, então de guarda, e com jejum na vigília, ofício e missa própria, em honra do Coração de Jesus.

Daí em diante, tornou-se geral em todo o Brasil, do mesmo modo que em Portugal e suas possessões, a devoção ao Sagrado Coração, erigindo-se capelas ou altares sob a sua invocação e promovendo-se em sua honra festas solenes e outros atos de religião e piedade.

E concluía afirmando:

Atualmente e à proporção que os dias vão correndo, mais se difunde e afervora esta devoção em todas as dioceses do Império.

Esse templo deveria ser o centro de irradiação da devoção ao Sagrado Coração de Jesus, apesar de todas as dificuldades ou circunstâncias desfavoráveis:

Quaisquer que tenham sido as *dificuldades que pareciam obstar a fundação de um novo e grande templo* neste centro de devoção ao Sagrado Coração de Jesus; quaisquer que sejam ainda a escassez de meios, as circunstâncias desfavoráveis dos tempos e outros embaraços que, se não impedem, hão de inevitavelmente retardar a conclusão das obras, não podemos ocultar a satisfação

e o júbilo de que nos sentimos possuídos vendo realizadas em parte nossas esperanças, e o que é mais ainda, reconhecendo nos resultados obtidos a manifestação de auxílio divino, secundando todos os esforços em prol de tão útil e grandioso empreendimento.

Como prova desse auxílio divino, reconhece a construção do edifício do Liceu de Artes e Ofícios, destinado à educação dos meninos, preferentemente pobres e desamparados³⁹.

Consagração da Diocese de São Paulo ao Sagrado Coração de Jesus

No dia 8 de setembro de 1884, teve lugar na catedral a grande e solene festividade da Consagração da Diocese ao Sagrado Coração de Jesus, que foi um tríduo pregado pelo Vigário Geral do Bispado, Pe. Dr. Francisco de Paula Rodrigues. Houve iluminação na frente da catedral, bem como na de todas as igrejas da Capital paulista, durante três noites.

Houve missa pontifical, em que tomou parte o corpo capitular, o corpo docente do Seminário Episcopal, todo o clero residente na Capital, o Presidente da Província, Dr. José Luiz de Almeida Couto, lentes da Academia de Direito, magistrados, funcionários públicos, advogados, representantes da imprensa e grande multidão que lotava completamente a catedral.

Ao Evangelho subiu ao púlpito o Vigário Geral, “que perante *um dos mais ilustrados auditórios deste Império*, descreveu com eloquência arrebatadora o quadro magnífico do amor abrasador e triunfante do Coração de Jesus...”. Ao final da missa foi lido no púlpito o ato da Consagração da Diocese ao Santíssimo Coração de Jesus.

As 17 horas, desfilou presidida pelo bispo procissão de milhares de pessoas, entre as quais se notavam as famílias mais gradas da cidade, sendo levada a imagem do Sagrado Coração para a nova capela, sita nos Campos Elíseos. Em sua pregação, o Côn. Ezequias Galvão Fontoura “recomendou eloqüentemente à caridade dos paulistas o Liceu de Artes e Ofícios”, em construção ao lado da capela, que devia “um dia receber e educar sob a guarda do Coração de Jesus a mocidade menos afagada pela fortuna”.

O Liceu Coração de Jesus e o Santuário do Coração de Jesus são duas instituições gêmeas. É o que afirma um anônimo “S”: “O histórico do templo prende-se ao histórico do Liceu. São duas idéias paralelas, são *duas iniciativas irmãs*”⁴⁰.

A Carta Pastoral repercutiu favoravelmente.

Efetivamente, a consagração solene da Diocese de São Paulo, realizada no dia 8 de setembro de 1884 marcou, segundo determinação da Carta Pastoral, o começo dos atos de consagração a que se tinha de proceder em todas as matrizes, paróquias, capelas curadas da diocese, igrejas filiais, casas religiosas, ermidas e oratórios, onde conviesse, ou fosse possível a celebração desse ato religioso. No mesmo dia, iniciou-se a série de congregações em toda a diocese, chegando, no dia 22 de fevereiro de 1885, a alcançar o número de 128 ⁴¹.

Aceitação da obra e o apoio político

Aos 13 de novembro, Pe. João Cagliariero foi nomeado Bispo e Provigário Apostólico da Patagônia, um acontecimento muito auspicioso para a Congregação Salesiana, e aos 7 de dezembro foi sagrado, viajando logo para a América do Sul.

Mas a situação do Uruguai se agravava em relação aos novos religiosos cuja entrada foi proibida por um decreto presidencial. O próprio Parlamento discutia uma lei no mesmo sentido.

Aos 12 de março de 1885, chegava a Montevideú D. Cagliariero trazendo missionários para o Uruguai e Argentina. Ali o aguardavam Pe. Lasagna, Pe. Costamagna e Pe. Borghino, este muito desanimado. Pe. Costamagna aproveitou o mesmo navio — Savoie — em que viera D. Cagliariero, para ir para Buenos Aires com os missionários da Argentina, saindo no dia seguinte.

Pe. Cagliariero ficou até o dia 13 de março, indo a Paissandu e outros lugares, sendo recebido festivamente. Era então o único bispo em todo o Uruguai de então, além do de Montevideú ⁴².

Pe. Lasagna combinou então com D. Cagliariero a aceitação de São Paulo. Ao fato refere-se o Pe. Ceria: “Dopo mature riflessioni, invocati i lumi celesti, fu stabilito por subito mano all’opera”. Foi indicado o nome da nova casa: LICEU DO SAGRADO CORAÇÃO. Como Diretor foi apresentado o nome do Pe. Lourenço Giordano, então Vice-Diretor em Villa Colón, já conhecido pelo Pe. Lasagna no Colégio de Lanzo (Itália), como menino piedoso e inteligente. Pe. Lasagna o tinha em grande consideração e não ficou desiludido. Pensava em acompanhá-lo pessoalmente, o que não foi possível ⁴³.

Pe. Antônio Riccardi, em carta ao Pe. Miguel Rua, do Colégio Pio, Villa Colón (Montevideú), de 20 de março de 1885, dava notícia da viagem para Niterói de Pe. Ângelo Cavatorta com um irmão (não identificado), no navio Bourgoigne, que retornava a Marselha no dia 19 de março. Anunciava ainda que alguns irmãos

deveriam ser mandados em maio, para Niterói, de onde seriam destacados para abrir a nova casa de São Paulo ⁴⁴.

Ocorreu realmente a vinda a Niterói, onde passaram uns 15 dias.

Ora em São Paulo, havia também animosidade contra as congregações religiosas. Certamente as notícias da chegada dos salesianos deveriam ter agitado seus opositores. Um deles, em 24 de março, na Câmara Estadual dos Deputados, anticlerical, levantou-se para protestar contra a admissão de sacerdotes estrangeiros no Brasil. E fê-lo com palavras duras e intransigentes. Mas havia alguém que não compartilhava das mesmas idéias. Depois da filípica, pediu a palavra, e com termos também incisivos mas delicados, defendeu os sacerdotes. Ele não os conhecia antes. Só agora ouvia falar deles. Mas por serem sacerdotes, podia afiançar que trariam ao Brasil o bem e o progresso, o que era comprovado historicamente desde o descobrimento. Mais ainda. Eram salesianos. Ouvira dizer que vinham imbuídos do espírito da doçura e que, portanto, haveriam de espalhar o bem a mãos cheias. Depois da eloqüente defesa, foi imediatamente encontrar-se com D. Lino e protestar-lhe que se punha decididamente a seu lado no apoio à Obra Salesiana. E jamais nos sessenta anos que ainda viveu, desmentiu essa decisão generosa. Esse personagem que merece a mais viva gratidão, não só dos salesianos, mas também do povo de São Paulo, era o Conde José Vicente de Azevedo que encheu uma época com seu nome nos anais da caridade cristã ⁴⁵.

A justificativa da obra pelo clero

Procurando justificar a existência do estabelecimento, o Pe. Senna Freitas, no jornal *O Thabor*, de 4 de abril de 1885, lançou um artigo intitulado "APPELLO — Liceu de Artes e Ofícios do Sagrado Coração de Jesus", que contém as idéias centrais do projeto educativo a ser executado pelos salesianos. Ei-lo ⁴⁶:

... a educação é uma coisa essencialmente complexa, que abrange uma parte intelectual e outra parte moral, porque o *homem completo que o atelier*, se assim posso exprimir-me, *do colégio tem de produzir, não é unicamente um cérebro empacado de noções, mas um coração iniciado nos sentimentos impreteríveis da moralidade e do civismo, isto é, dos deveres do homem para com o Ente Supremo, para consigo e para com a comunidade.*

Ora, esta formação primeira, tendente a disciplinar convenientemente o espírito do adolescente, só o colégio a pode imprimir, porque a natureza é ... maleável em extremo e disposta a receber todas as impressões.

As portas do templo da ciência estão cerradas para ele, a não haver alguma instituição acessível a todos.

E ainda quando muitos jovens pelas circunstâncias da sua posição não devem aspirar a tanto, difícil lhes é o aprender alguma arte ou ofício que lhes proporcione uma garantia modesta de subsistência. Seria incrível se não fosse patente para todos, o número dos desgraçados filhos de famílias, que vagueiam pelas ruas sem emprego, sem profissão.

Estas simples reflexões justificam plenamente a existência do Liceu de Comércio, Artes e Offícios, cujo fim essencialmente humanitários se dirige a fornecer à adolescência pobre, a par de uma educação cristã, uma arte ou ofício qualquer, em harmonia com a sua vocação; o que tende a desenvolver consideravelmente a indústria da nossa província. Este instituto muito breve se vai inaugurar, nesta cidade. Mas para o poder convenientemente mobilizar, vemo-nos forçados a dirigir-nos ao espírito eminentemente generoso e filantrópico dos paulistas, a fim de que concorram, na medida de suas forças, para o fim aludido. Estamos persuadidos de que não será debalde que pulsaremos à porta de seu coração.

O alcance de semelhante óbulo não pára no indivíduo, atinge proporções sociais incalculáveis. E Deus pela sua parte tem boa memória.

Nesse apelo, feito pelo Pe. Senna Freitas ao povo paulista, estavam expressos os princípios básicos do projeto educativo que o clero paulista esperava ser executado no Liceu Coração de Jesus pelos Salesianos de Dom Bosco.

É o que veremos.

* * *

NOTAS

¹ "Rememorando", in *Santa Cruz*, São Paulo, Número Comemorativo do 25.º Aniversário das Obras Salesianas em S. Paulo, 11 (12), p. 415, set. 1911.

² MORSE, Richard M., *Formação histórica de São Paulo* (De comunidade à metrópole), São Paulo, DIFEL, 1970, p. 245.

³ PASSALACQUA, C., Mons. "Datas históricas memoráveis", in *Santa Cruz*, 2 (3), p. 65, dez. 1901.

⁴ MARCIGAGLIA, Luiz. *Os Salesianos no Brasil: Ensaio de crônica dos primeiros vinte anos de obra de Dom Bosco no Brasil (1883-1885)*, São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas, 1955, p. 36.

⁵ *Jornal São Paulo*, 24.05.1906. Também: "Bodas de Prata do Liceu Coração de Jeus", in *Santa Cruz*, 6 (10), p. 480-481, jul. 1906. Cf.: ARROYO, Leonardo, *Igrejas de São Paulo*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1954, p. 257.

⁶ BRUNO, Ernani Silva. *História e tradições da cidade de São Paulo: Burgo de estudantes (1828-1972)*, Ilustr., Rio de Janeiro, José Olympio, 1953, vol. II, p. 565. Ainda: PASSALACQUA, C., Mons., *op. cit.*

⁷ No *Livro de Tombo para a Igreja do Sagrado Coração*, p. 1 e verso, à página 25 está lavrada a primeira escritura de compra, com data de 20 de junho de 1879, entre Frederico Glette e sua esposa D.ª Rosalina Glette, residentes no Rio de Janeiro, por seu procurador Vitor Nothmann, e Dr. Alberto Saladino Figueira de Aguiar, engenheiro civil, respectivamente

vendedores e comprador, para este “edificar no dito terreno por si e com concurso de outros um templo católico”. A escritura ainda rezava: E pelo comprador foi dito que aceitava esta escritura na forma nela declarada, e que fazia a compra do supra dito terreno não para si nem com dinheiro exclusivamente seu, mas sim para a edificação de um templo com a invocação do Sagrado Coração de Jesus, com produto de esmolas, que lhe foram entregues por alguns fiéis católicos, ficando como patrimônio da Igreja que ali se edificar o restante do terreno comprado que ficar, depois de ocupada outra parte pela mesma Igreja. Uma segunda escritura foi lavrada no dia 10 de setembro de 1880, sendo outro o procurador de Frederico Glette, ou seja, Augusto Reichelt, comprando mais vinte braças do lado da alameda dos Andradas (hoje Dino Bueno), também por dois contos de réis (p. 23).

Um manuscrito original de Alberto Saladino de Aguiar apresenta uma versão da metragem diferente das escrituras e está assim redigido:

Tendo o abaixo assinado comprado com esmolas recebidas de diversos fiéis um terreno de 20 braças de fundo e 40 de frente, na alameda Glette dos Campos Eliseos desta cidade, a fim de nele construir uma capela ao Sagrado Coração de Jesus, vem respeitosamente pedir a V. Ex.^a Rev.^{ma} a graça de conceder licença para que se possa erigir a referida capela.

E. R. M.

São Paulo, 1.^o de fevereiro de 1881

Alberto Saladino Figueira de Aguiar

⁸ Para a capella do Sagrado Coração de Jesus em São Paulo — Pastoral da Consagração ao mesmo S. Coração — oferece D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, Bispo Diocesano, São Paulo, Typ. do “Thabor”, 1884, p. 36-37.

⁹ *Id.*, p. 38-39.

¹⁰ PASSALACQUA, Camilo, Mons., “Datas históricas memoráveis (1887-1901)”, in *Santa Cruz*, São Paulo, 2 (3), p. 65, dez. 1901.

¹¹ *Livro de Tombo para a Igreja do Sagrado Coração*, p. 3, Arquivo do Liceu Coração de Jesus.

¹² *Id.*, loc. cit.

¹³ Para a Capella do Sagrado Coração de Jesus em São Paulo, p. 40.

¹⁴ PASSALACQUA, Camilo, Mons., *id.*, *ibid.*

¹⁵ Para a Capella do Sagrado Coração de Jesus em São Paulo, p. 41.

¹⁶ *Id.*, p. 42-43.

¹⁷ *Id.*, p. 44.

¹⁸ BELZA, Juan Esteban, *Luiz Lasagna, el bispo misionero*, Buenos Aires, Editorial Don Bosco, 1968, p. 287-288.

¹⁹ LASAGNA, Louis, “Arrivé au Brésil” in *Bulletin Salésien*, Nice, 5 (1), p. 120-121, oct. 1883.

²⁰ MARCIGAGLIA, Luiz, *op. cit.*, p. 38.

²¹ CERIA, Eugênio, *Memorie Biografiche di S. Giovanni Bosco*, Ed. extra com., Torino, Societa Editrice Internazionale, 1935, p. 385-394.

²² *Vida de D. Luiz Lasagna, Bispo titular de Tripoli, contada aos Brasileiros no cinquentenário de sua morte*, Niterói, Escola Industrial Dom Bosco, 1944, vol. I, p. 16.

²³ *Leituras Católicas. Id.*, p. 86-87. Também BELZA, Juan Esteban, *op. cit.*, p. 287-288.

- ²⁴ *Vida de D. Luiz Lasagna, Bispo titular...*, p. 287.
- ²⁵ *Id.*, p. 86-87. Também BELZA, Juan Esteban, *op. cit.*, p. 287-288.
- ²⁶ *Id.*, *ibid.*
- ²⁷ MARCIGAGLIA, Luiz, *op. cit.*, p. 38.
- ²⁸ BELZA, Juan Esteban, *op. cit.*, p. 288-289.
- ²⁹ BORGHINO, Michel, "Lettre au Brésil", in *Bulletin Salésien*, Nice, 6 (9): 27, mars. 1884.
- ³⁰ BELZA, Juan Esteban, *op. cit.*, p. 295-297 (aqui reproduzimos o texto do autor a partir da citação exclusiva anterior).
- ³¹ *Id.*, *op. cit.*, p. 300.
- ³² *Id.*, *ibid.*; ainda: Archivio Centrale della Congregazione Salesiana, Carta a Cagliari, de 10 de junho de 1885.
- ³³ *Id.*, *op. cit.*, p. 302, in *Jornal do Commercio*, de 14.05.1884.
- ³⁴ *Id.*, *ibid.*
- ³⁵ "Rememorando", in *Santa Cruz*, Número Comemorativo do 25.º Aniversário..., p. 419-422; ainda: *Para a Capella do Sagrado Coração de Jesus em S. Paulo...*, p. 45-46.
- ³⁶ *Id.*, p. 442-426.
- ³⁷ *Id.*, *ibid.*
- ³⁸ *Para a Capella do Sagrado Coração de Jesus em S. Paulo...*, p. 12-14.
- ³⁹ *Id.*, p. 8-9.
- ⁴⁰ "Rememorando"..., p. 428-430.
- ⁴¹ *Para a Capella do Sagrado Coração de Jesus em S. Paulo...*, p. 22; o *Livro de Tombo para a Igreja do Sagrado Coração* registra a "Consação da Diocese ao Sagrado Coração de Jesus" nas freguesias do bispado às páginas 24 a 36.
- ⁴² Carta de Cagliari a Dom Bosco, de 23.03.1885 — ACS 1644, c10; ainda: CERIA, Eugênio, *Memorie Biografiche di S. Giovanni Bosco*, v. XVII, p. 621.
- ⁴³ CERIA, Eugênio, *op. cit.*, p. 621.
- ⁴⁴ "Arrivé de nos missionaires", in *Bulletin Salésien*, Nice, 8 (7): 86-87, juil 1885.
- ⁴⁵ FRANCESCHINI, Maria Angélica, *op. cit.*, ainda: *Vida de D. Luiz Lasagna...*, p. 94.
- ⁴⁶ FREITAS, Senna, Pe. "Lyceo de Artes e Officios do Sagrado Coração de Jesus — Apello"; "O Thabor", 16.04.1885, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 1.

II

CHEGADA DOS SALESIANOS E FELIZES INÍCIOS

A oportunidade da fundação do Liceu Coração de Jesus e o êxito deste empreendimento foi avaliado muito bem por uma testemunha da época que acompanhou, desde os primeiros momentos, o trabalho dos salesianos em São Paulo: o Côn. Ezequias Galvão Fontoura. Dizia ele que a vinda do Pe. Luiz Lasagna à Capital paulista “foi providencial” e justificava, dizendo que ele “soube inculcar em seus novos admiradores a exequibilidade de suas idéias grandiosas” e “escolheu o pequeno pessoal que deveria iniciar a grande obra” na capital paulista¹.

Por esse pronunciamento, vê-se que D. Lasagna sabia ler os sinais dos tempos, tinha espírito de iniciativa e grande coragem apostólica. Os fatos comprovaram.

A chegada dos primeiros salesianos

No dia 5 de junho de 1885, pela tarde, desembarcava, na Estação do Norte, do trem procedente do Rio de Janeiro, o Pe. Lourenço Giordano, o primeiro diretor do Liceu e o Irmão João Bologna, que permaneceria neste estabelecimento até a morte (1933)*. Acompanhava-os o Pe. Miguel Borghino, diretor do Colégio Salesiano Santa Rosa, de Niterói, que lhes pagou a viagem porquanto aqueles dois salesianos nem dinheiro traziam para a passagem.

Esperavam-nos o Dr. Alberto Saladino e o Pe. João Baptista Gomes, capelão do Convento da Luz. Foram levados imediata-

* Sairam cedinho do Rio de Janeiro, chegando a São Paulo por volta das 19 horas, porquanto o trem saía às cinco horas da manhã do Rio e gastava 14 horas de viagem. Neste trabalho será adotada a versão “Pe. Lourenço Giordano”, lembrando porém que existiam outras como João Giordano, Lourenço Giordani, Luís Giordano...

mente ao Seminário Episcopal, onde foram recebidos de braços abertos. Jantaram e logo depois foram tomar posse do Liceu.

Existia apenas uma parte da ala direita, onde estão hoje (1985) o *hall* e a Biblioteca Leão XIII. O edifício não podia ser habitado, pois faltavam as janelas, as portas e os assoalhos. Ao redor do prédio bracejavam andaimes mal aprumados, porque as obras estavam interrompidas havia alguns meses. Visitaram o terreno, onde está o pátio, tendo de saltar valas e desvencilhar-se de alguns cipós.

A capela correspondia ao atual presbitério do Santuário Coração de Jesus. O lugar era descampado. Perto havia a casa onde está o depósito de encomendas e garagem da Viação Cometa e mais duas janelas e uma porta de frente **. Mais ao longe para os fundos do Liceu, havia a casa do Dr. Renaudin, que ficava ao lado do atual Instituto Cultural do Trabalho-Administração (n.º 475 da Al. Dino Bueno), alugado, pertencente às Irmãs Vicentinas.

Hospedaram-se inicialmente em casa do Pe. João Baptista Gomes, incansável companheiro do Dr. Alberto Saladino de Aguiar, tendo assistido com sua autoridade moral ao aparecimento e constante crescimento da capela e do Liceu do Coração de Jesus e tendo prestado sua ajuda aos salesianos, mesmo depois de sua instalação no estabelecimento.

Logo depois, alugaram a casa contígua ao atual depósito da Viação Cometa, pagando mensalmente cinquenta mil réis. Enquanto não era possível fazer funcionar o estabelecimento por falta de pessoal, Pe. Lourenço Giordano prestava serviços religiosos à Santa Casa de Misericórdia, onde grangeou preciosas amizades que o auxiliariam naqueles árduos inícios, e ao Recolhimento da Luz.

No ano de 1885, além da visita a São Paulo do Conde D'Eu para encerrar uma exposição, iniciavam-se no dia 15 de março as obras do Monumento do Ipiranga. Um grupo de italianos atacava a cadeia de São Carlos para soltar os presos, e fracassou. Aos 18 de maio, Almeida Couto passava o poder provincial ao Dr. Francisco Antonio de Souza Queiroz Filho, vice-presidente, que aos 2 de setembro, o transmitia ao vice-presidente, Dr. Elias Antônio Pacheco Chaves, natural de Itu. Nesta cidade, aos 30 de agosto, os donos de carros de praça, cocheiros, carroceiros e troleiros, entravam em greve pacífica, descontentes com a nova tabela de preços imposta pela Polícia e pela Câmara Municipal. A greve durou 5 dias, tendo os grevistas obtido uma parte de suas reivindicações. A Companhia Mogiana inaugurava, aos 7 de

** Testemunho do Sr. José Pinto, que foi diretor do Pequeno Clero do Santuário Coração de Jesus, por longos anos, e professor de religião no Curso Primário do Liceu.

setembro, a estação ferroviária de Ribeirão Preto. O meio estudantil se alegrava com a lei imperial de 28 de setembro sobre a emancipação gradual dos escravos. Esses os principais eventos no Estado de São Paulo quando da chegada dos salesianos².

Abertura do Oratório Festivo

O Oratório Festivo é a obra básica de qualquer instituição dirigida pelos salesianos. Por isso mesmo, o Pe. Lourenço Giordano e o coadjutor João Bologna puseram-se a trabalhar e iniciaram a atividade mais antiga do Liceu: o Oratório Festivo. Trataram logo de arrebanhar crianças e moços para ministrá-lhes a instrução catequética aos domingos, dias santos e quintas-feiras.

O pátio onde se reuniam os meninos, além de cheio de buracos e de formigueiros, era meio devassado. Muitos dos que passavam pelas mal esboçadas ruas laterais paravam curiosos, abeiravam-se da cerca e observava com estranheza aquela novidade: padres a brincar com meninos!?! Passemos a palavra para o Pe. Marcicaglia para narrar um episódio³:

Estava uma vez o Pe. Giordano no centro de uma grande roda de meninos brincando de “galinha-voa” e dava cada salto!... Um venerando cônego parou, meneando a cabeça. Depois barafustou pelo pátio adentro, protestando contra aquele *abuso*.

Onde vai a dignidade da batina, se o Sr. Padre é o primeiro a se igualar aos moleques de rua? Deu um trabalhão para lhe explicar o que era e como funcionava o Oratório e que aquilo era apenas um chamariz para a petizada, que logo depois iria à capela bem sossegadinha.

Pe. Giordano ensinava o catecismo aos maiores e o Irmão Bologna aos menores. Havia um pequeno harmônio que o padre usava para ensinar canto à rapaziada, ao ar livre. Eram cantos sacros e profanos para entreter a alegria da meninada.

Passado o primeiro entusiasmo, começou a faltar dinheiro para continuar a construção. Mesmo assim, não ficaram inativos. Além da capela e do hospital, ocupavam-se em visitar as colônias de imigrantes italianos, em que não faltava trabalho para exercer a sua atividade apostólica⁴.

Pe. Giordano teve ainda tempo para atender aos vicentinos de cuja finalidade da Sociedade de São Vicente, ou seja, a visita domiciliar aos pobres, tratou de orientar e reorganizar a conferência para que seus confrades cumprissem aquelas disposições regulamentares.

E a 18 de julho de 1885, restaurou-se e instalou-se a Conferência do Sagrado Coração de Jesus com alguns confrades origi-

nários da Conferência de São José. Seu primeiro presidente foi o Dr. Francisco Renaudin, médico irlandês, residente nos Campos Elíseos, bem pertinho do Liceu, que escolheu para secretário Dr. Saladino de Aguiar. Dr. Renaudin teve um filho salesiano na pessoa do Pe. João Renaudin, que faleceu em Lorena.

Dr. Saladino tinha sido presidente fundador da extinta conferência e não se escusou a continuar dispensando a mesma dedicação no seu novo cargo.

Não havendo famílias adotadas, visitavam os leprosários do Hospital da Luz e os detentos da Casa de Correção, e essas visitas perduraram por muitos anos, mesmo depois de adotarem as famílias necessitadas que não tardaram a aparecer ⁵.

Primeiras vitórias e dificuldades financeiras

Escrevendo a Dom Bosco, em 14 de agosto, relatava-lhe os acontecimentos desde a partida de Montevidéu, de 15 de maio até aquela data ⁶.

Confessava-se muito satisfeito. Os trabalhos de construção do Liceu tinham sido retomados à sua chegada. Os colonos italianos, alguns deles viajavam até três horas, o procuravam para confessar-se na igreja do Sagrado Coração de Jesus, permanecendo até às 11 horas em jejum para comungar.

Em Santana, fez uma espécie de missão durante cinco domingos, e durante a semana pôde preparar uns doze meninos para a primeira comunhão, o que ocorreu no dia da padroeira, 26 de julho.

Dera início a uma outra missão em São Caetano, onde residiam umas 50 famílias. No dia 20 de julho, uma doente ficou curada, graças ao espírito apostólico do Pe. Giordano.

Teve ainda o Pe. Giordano de conversar com o internúncio, Dom Caccia e com D. Pedro Lacerda, bispo do Rio de Janeiro, de passagem por São Paulo. Recebeu a visita do bispo de Goiás, que pedia encarecidamente os salesianos para sua diocese, e uma carta do governador do Paraná que oferecia a direção de uma escola de artes e ofícios.

Essa carta dava uma idéia do dinamismo de Pe. Giordano, que certamente influiu na divulgação da obra dos salesianos em São Paulo e contribuiu para o crescimento do Liceu Coração de Jesus.

Em outra carta de 5 de setembro, queixava-se de algumas dificuldades, como a falta de dinheiro. Dizia ⁷:

Nossa casa sobe lentamente, lentamente, porque nos falta a força motriz: o dinheiro.

E acrescentava:

Tenho sempre comigo dois irmãos. Durante o dia, reunimo-nos em Nossa Senhora da Luz para nossas conferências teológicas e nossas práticas de piedade.

O Oratório Dominical já acolhia 38 meninos de 7 a 15 anos encontrados nas ruas a quem convidava para passar o domingo após o almoço. Alguns deles apenas sabiam o *Pai-nosso* e a *Ave-Maria* e nada mais. Eram, porém, muito bons, apesar de sua ignorância.

Quanto às suas experiências pastorais na Santa Casa de Misericórdia, observava:

... aprendi a conhecer mais o mundo em poucos dias que em vinte e nove anos de minha vida passada, contente de ter constatado o fato de que a boa educação dos jovens é o único meio de salvação para este país. No último domingo, tive quatro primeiras comunhões. Esta manhã, dois; e estou preparando outros. Ouço Jovens de 30 e 60 anos. Sexta-feira da última semana, morreu um farmacêutico de 32 anos, que havia feito sua primeira comunhão dois anos antes. Morreu beijando o crucifixo, com sentimentos de verdadeira contrição. Os que o conheciam na cidade não queriam acreditar que ele tinha recebido os Sacramentos, afirmando que era um incrédulo de primeira categoria.

Pe. Giordano, entretanto, e os seus viviam na impaciência de pôr mãos à obra, que constituía o objetivo de suas vindas. Pediu ao Pe. Lasagna, que viesse a São Paulo e com sua palavra ardente despertasse a boa vontade dos ricos. Pe. Lasagna quis contentá-lo. Tendo visitado pessoas de seu antigo conhecimento, tanto fez e tanto falou que dentro de pouco tempo o canteiro de obras foi reaberto e reativado.

Resposta consoladora de Dom Bosco

Dom Bosco, durante os exercícios espirituais dos irmãos em San Benigno, pensou também no novo diretor, Pe. Giordano, a quem dirigiu esta carta ⁸:

Caríssimo Padre Giordani,

com particular satisfação eu e teus companheiros recebemos as cartas que nos enviaste e as lemos em público no retiro espiritual.

Essas cartas nos serão sempre agradabilíssimas todas as vezes que no-las dirijas.

Certo é que te aparecerão muitas dificuldades, mormente nos princípios de uma missão tão vasta, qual é a dessa cidade de São Paulo.

O teu empenho deve, pois, ser, tratar de arranjar companheiros pelo cultivo das vocações.

Elas serão raras, e exatamente por isto, encontrando algumas, não debes poupar sacrifícios, quer pessoal, quer pecuniário, que esteja a teu alcance.

Temos nós aqui muitas vocações; mas, se for possível enviar-nos algumas centenas, nos proporcionarás a maior consolação.

No próximo retiro espiritual e noutras circunstâncias em que tenhas oportunidade de falar aos nossos irmãos, dirás que estou informado de que aqui abundante é a messe e poucos os obreiros, mas pediremos a Deus, como auxílio, não há de faltar, que nos dê o necessário.

Acho-me agora em San Benigno, onde fazem o Retiro 160 moços, preparando-se para a profissão religiosa.

Pregam o Pe. Lemoyne e o Pe. Francesia, os quais falaram de ti e de teus companheiros algumas vezes.

Em igual número fizeram o Retiro Espiritual anterior, os aspirantes que vão entrar na semana próxima no ano regular de Noviciado.

Adeus, sempre amado Pe. Giordani, trata de tua saúde.

Deus te abençoe e também aos nossos irmãos que contigo trabalham a fim de alcançarem a salvação das almas para o céu.

Saúde a todos em meu nome, dize-lhes que todos os dias na Santa Missa peço a Deus e a Maria Santíssima se dignem auxiliar-nos para obter a salvação de muitas almas e todos felizes podermos ser no tempo e na eternidade. Amém.

Rezai também constante pelo vosso amigo, em Jesus Cristo.

Pe. Giordano ficou tão satisfeito que respondia no dia 22 de dezembro⁹:

Uma carta de Dom Bosco!... escrita de mão própria!!! Parece-me sonhar...; parece-me, lendo-a, estar diante dele, ouvir aquelas palavras diretamente de sua boca! Muito obrigado por este presente que conservarei qual preciosíssima reliquia.

Li-a na conferência. V. Rev.^{ma} sabe quanto os seus filhos da América o estimam e o veneram. Pode imaginar que efeitos tenha produzido em mim e em todos. Sim, procuraremos pôr em prática os seus santos conselhos, procurar vocações e cultivá-las, esforçar-nos em amar e fazer aquele que é o seu representante e sua querida imagem, Dom Bosco.

Haviam chegado de Niterói o Pe. Angelo Cavatore e o clérigo Pedro Cogliolo, futuro inspetor salesiano em Portugal, morto no ano de 1933, quando encarregado dos negócios da Internunciatura Apostólica em Costa Rica. Pouco depois, vinha o Pe. Bernardino Monti, recém-ordenado, para exercer o cargo de prefeito do Liceu.

A legalização da propriedade

Os salesianos, entretanto, não dispunham da propriedade da igreja nem do Liceu. Pe. Giordano a conseguiu graças à intervenção do Conde José Vicente de Azevedo que o apresentou a pessoas gradas de suas relações e amizade, entre as quais D.^a Veridiana Prado, a Condessa Pereira Pinto e muitas outras. Por instâncias do Conde, Victor Nothmann doou (ou facilitou a compra) o terreno em que se acha o Santuário e o Liceu e pretendia mesmo dar até os limites da linha da Estrada de Ferro Sorocabana ¹⁰.

Em 21 de novembro de 1885, foi lavrado o contrato de propriedade do terreno entre D. Lino Deodato, bispo de São Paulo, e o Pe. Lourenço Giordano ¹¹.

Cogliolo, em 4 de dezembro de 1885, aludia ao fato e dava outras notícias em carta dirigida a Dom Bosco ¹²:

Como Vossa Paternidade já o saberá, foi fechado o contrato segundo o qual os Salesianos ficarão proprietários absolutos desta casa e da igreja; por uma graça particular do Senhor desapareceram as dificuldades e os ânimos se mostraram condescendentes às condições por nós propostas. Agora somos donos do campo, mas desprovidos de tudo. Isto nos dá coragem porque sabemos como começou este Oratório e a obra de Dom Bosco como prossegue. O catecismo aos domingos continua bastante bem. Os meninos acorrem de muita vontade tanto que montaram o *balanço*, o passo gigante e outros jogos. A igreja é muito freqüentada. Os italianos da cidade e das colônias vizinhas vêm freqüentemente cumprir aqui suas devoções. Em São Paulo, como em todo o Brasil, há um grande mal; tudo produto de uma profunda ignorância religiosa, mas o caráter brasileiro é muito prestativo e, em geral, se observa muita fé nesta pobre gente (...). Seria necessário que os Salesianos tomassem de assalto o Brasil; certamente que vossa Paternidade o faria logo, se os Salesianos fossem em número maior.

A operosidade dos salesianos abalou e pôs em desespero os protestantes que ali chegavam de todas as partes. Aliás havia uma igreja protestante (anglicana), perto, no início da atual rua Vitória. Alarmados especialmente pelo Oratório Festivo, procuraram turvar o ambiente, difundindo boatos como o de atrair os moços para recrutá-los na Marinha. Os salesianos, todavia, não tomaram conhecimento. Pelo contrário, foi motivo para redobrar a atividade em favor da juventude ¹³.

Por cúmulo da sorte, o tiro saiu pela culatra. Mais. O primeiro uniforme usado pelos alunos do Liceu Coração de Jesus foi o de marinheiro!

O apoio do Imperador

Dom Bosco parecia satisfeito com as informações que recebia de São Paulo. Nos albores de 1886, em carta anual aos coopera-

dores salesianos, já podia anunciar a fundação de uma nova obra ¹⁴:

No Império do Brasil, na respeitável cidade de São Paulo, junto da Igreja do Sagrado Coração, fundou-se uma nova casa dos salesianos, com a finalidade de atender às necessidades dos meninos e dos adultos.

A data inicial da fundação da obra salesiana em São Paulo é 5 de junho de 1885, aniversário da ordenação sacerdotal de Dom Bosco, ano em que começou o Oratório Festivo. Os catálogos da congregação e os arquivos salesianos de Turim registram o ano de 1886. Nesse ano efetivamente começou a funcionar a obra no novo edifício.

Para melhor garantir o êxito da nova fundação, Dom Bosco apelou para a Princesa Isabel, filha de D. Pedro II ¹⁵:

Oratório S. Francisco de Sales, Turim.

Alteza Imperial.

A Divina Providência dispôs que duas casas fossem estabelecidas no Império do Brasil. Uma em Niterói, outra em São Paulo, ambas consagradas a acolher os orfãozinhos mais pobres e abandonados.

Alguns destes meus religiosos, regressando temporariamente à Itália, muito me falaram da bondade e caridade de V.A. Imperial. Por isto recomendo a vós e a Sua Majestade o Imperador todos estes meus salesianos. Eles outra coisa não desejam senão ganhar almas para o Céu e aumentar o número dos discípulos. Mas eles rezam muito e fazem rezar os seus alunos pela saúde e prosperidade de toda a Vossa Família e de sua Majestade Imperial, vosso augusto pai.

Maria Santíssima proteja essa memorável dinastia pela qual os nossos orfãozinhos, em número superior a duzentos mil, fazem particulares preces a Deus.

Por minha parte, considero-me em estrito dever, de na Santa Missa, invocar as bênçãos celestes sobre todos os súditos brasileiros, enquanto com imensa gratidão tenho a elevada honra de professar-me

Turim, março de 1886.

Obrigadíssimo servo.

Sac. João Bosco

O Imperador, efetivamente, vinha manifestando sua benevolência para com os salesianos desde a sua vinda para o Brasil. Dom Bosco tinha, portanto, motivos para mostrar-se reconhecido.

O pedido de Dom Bosco foi eficaz como veremos pouco adiante.

O primeiro Corpo Docente

Aos salesianos supracitados, em 1886, acrescentaram-se mais dois estudantes de teologia, vindos diretamente de Turim, os clérigos Luiz Zanchetta e Alexandre Fia Musso, que seriam ordenados sacerdotes por D. Lino, em 1889.

Eram seis salesianos e o trabalho já era intenso. Desde o dia 29 de junho abriu-se o internato com a entrada dos dois primeiros alunos, um de Itatiba e o outro de São Paulo. Ao final do ano os alunos internos chegavam a 24.

Pe. Bernardino Monte estendia sua atividade apostólica aos meninos que não podiam ser abrigados no internato por insuficiência de acomodações e outros recursos.

Iniciaram-se também as primeiras escolas profissionais: alfaiataria, sapataria e carpintaria.

A 2 de dezembro, Pe. Giordano escrevia a Dom Bosco, enviava-lhe oito fotografias com vistas de São Paulo e de sua periferia e relatava-lhe a visita dos Imperadores e de D. Lino Deodato, bispo de São Paulo, ao Liceu¹⁶.

Dom Bosco e o Imperador

Dom Bosco não esquecia seus salesianos do Brasil e escreveu ao Imperador, Pedro II¹⁷:

Oratório de S. Francisco de Sales.

Majestade,

o humlílimo abaixo assinado consagra-se inteiramente desde mais de 43 anos à instrução e educação da juventude pobre e abandonada dos dois sexos para a qual cerca de 180 casas foram abertas na Itália, na França, na Espanha e na América.

Cerca de 200.000 meninos de todas as nações recebem assim uma boa educação e aplicam-se às ciências e aos diversos ofícios, seguindo suas tendências particulares.

Para este fim, fundou uma sociedade de pessoas eclesiásticas e leigas, que o ajudam em sua empresa religiosa e social.

Cada ano quase 30.000 jovens saem das diferentes casas, após terem feito um estágio ou terminado os estudos e entregues à sociedade da qual se tornam cidadãos úteis e virtuosos.

Além disso, há oito anos entregamo-nos à obra da civilização da Patagônia, da Terra do Fogo e das Ilhas adjacentes, ainda na barbárie. Há dois anos outros missionários foram enviados para instruir e civilizar as tribos selvagens que povoam ainda uma grande parte deste vasto império.

Oito expedições de padres, de mestres de ofícios, de religiosos já foram enviadas à América do Sul e mais de 40 casas foram fundadas para acolher e educar a juventude.

Nos primeiros dias de dezembro próximo, nova caravana de mais de 30 membros partirá de Turim e dirigir-se-á à América para civilizar os indígenas da Patagônia e do Brasil.

As despesas a fazer são consideráveis, porquanto se deve providenciar a tudo, eis porque o abaixo assinado decidiu recorrer à caridade de todas as pessoas de bem. Teve até a ousadia de dirigir-se a Vossa Majestade, conhecendo-lhe o zelo pelo bem da sociedade religiosa e civil. O apelo aqui impresso indica o objetivo da obra de uma maneira mais detalhada.

Na expectativa de que Vossa Majestade se dignará honrar com um acolhimento favorável esse humilde pedido, o abaixo assinado, em união com seus meninos, implorará ao Senhor que derrame as mais abundantes bênçãos sobre Vossa Majestade.

Respeitosamente, sente-se honrado em ser

Vosso humilíssimo e obediente servo

Padre João Bosco

15 de novembro de 1886

Turim (Itália), rua Cottolengo, 32

Estranha coincidência. Parece que Dom Bosco sabia da visita de D. Pedro II ao Liceu e dos seus sentimentos.

Nesse mesmo dia, visitavam o Liceu Coração de Jesus, o Imperador e a Imperatriz, acompanhados do Ministro da Agricultura, do Presidente da Província e de outras personagens.

Sua Majestade quis visitar tudo: a igreja, os dormitórios, todo o edifício, o pátio e o terreno adjacente. Pediu ao Pe. Giordano explicações minuciosas sobre os meninos e sobre o método de ensino. O padre ficou muito confuso pela maneira afável com que foi tratado, especialmente quando, por duas vezes, ouviu dizer-lhe: "Que gostava muito de nossa obra e que conhecia Dom Bosco e sua Congregação".

Um dos meninos dirigiu-lhes um discursozinho e ofereceu-lhes o livro de observações meteorológicas de Colón (Uruguai), preparado expressamente com a fotografia dos meninos do Liceu.

O bom êxito da atividade exercida pelos dois primeiros salesianos teve repercussão nas cidades vizinhas, como Taubaté e Campinas¹⁸.

Realmente, após a visita, o Imperador começara a simpatizar-se com Dom Bosco e sua obra.

Demonstram-no claramente as expressões por ele usadas, quando foi saudado pelos salesianos por ocasião de sua passagem pela França, em novembro de 1887¹⁹.

Aquisição da banda de música

Naturalmente, o pessoal era insuficiente para atender aos numerosos alunos internos e externos que iam chegando. Não

tardou que Pe. Lasagna enviasse mais dois clérigos, ou seja, José Allievi e Carlos Graglia, ambos ainda estudantes de teologia. Allievi era incansável na direção da *Schola Cantorum*, muito contribuindo para o esplendor do culto no Santuário do Coração de Jesus.

Um mês depois chegava o salesiano coadjutor Valentim Barbieri, o primeiro mestre de música instrumental do Liceu e mestre de alfaiataria.

A este foi mandada uma carta da parte do salesiano coadjutor José Buzzetti anunciando o despacho dos instrumentos.

Turim, 30 de novembro de 1887

Caríssimo Barbieri

No dia 25 do corrente despachei duas caixas, conforme o endereço fornecido pelo Pe. Rua, ou seja: Ao Sr. Joaquim Apollinario da Silva, rua Rio Branco, 51, para remeter ao Pe. Lourenço Giordani, Diretor do Liceu do Sagrado Coração — São Paulo.

A caixa com o n.º 1098 de valor declarado... L. 950

A caixa com o n.º 1099 de valor declarado... L. 1450.

Em caso de extravio, os responsáveis Merli e Lugaro de Gênova deverão indenizar a importância. Como poderá ver da nota anexa os instrumentos são 43, dos quais 2 foram usados apenas por alguns dias e são um clarinete em Si bemol que poderá ser reconhecido facilmente pela embocadura e o outro um bombardino. Garanto, porém, que são todos de perfeita tonalidade e da mesma fábrica. Talvez o bombardino a ser recebido terá os cilindros um pouco gelados ou preguiçosos, porque foi tocado. Mas não é nada. Passe no tubo algumas gotas de gasolina e ficará ágil como os demais...

Mais adiante acrescentava:

Até agora não tive a sorte de receber os 2.500 francos prometidos. Espero, porém, que não tardarão — preciso mesmo para pagar os pifaros.

Quanto ao excesso da despesa de 2.345 liras — enviar-lhe-ei tanta música em partituras e partes, pouco por vez, logo que for copiada. Mandar-lhe-ei um conjunto de livrinhos de marchas...

Assim bem cedo, no Liceu pôde ser cultivada com afinco a música vocal e instrumental, como também o teatro educativo. As grandes massas corais deste estabelecimento constituiriam grande novidade e uma verdadeira revelação para a cidade de São Paulo.

Em 30 de julho de 1888, seriam enviadas as partes para 32 instrumentos da missa de S. Miguel, e também as de *In riva al Serchio*, *Diogene*, *Valter*, *Il Marinaro*, *Tantum Ergo* com baixo e coro, *Inno al Gaudio*, *Sinfonia Epetrus*, 26 folhetos de marcha real.

Foram remetidos ainda uma trompa e os pífaros. No mês seguinte (29 de agosto) seriam mandados um clarinete e uma trompa ²⁰

É patente o interesse de Pe. Giordano no cultivo da música entre seus alunos e para isso não media sacrifícios para conseguir os meios necessários.

A banda do Liceu emparelhava com as mais célebres (Corpo de Bombeiros e Permanentes). As execuções teatrais atraíam sempre numerosos e seletos auditórios.

Pe. Marcigaglia narra um pequeno episódio dos primeiros tempos do teatro do Liceu em que o Pe. Giordano escapou com habilidade de um contratempo ²¹:

Estava preparada uma operetta cômica, do Maestro Anfossi, intitulada "Il Congresso de Cavoretto".

Tratava-se de um congresso de *corcundas*, que se reuniam para a defesa da classe e para exigir do povo absoluto respeito, apesar do defeito físico saliente...

O assunto e a música eram interessantes. Havia no elenco alguns bons cômicos. Como a peça seria representada em língua italiana, lembrou-se o Pe. Giordano de convidar o Cônsul italiano de São Paulo, a quem ainda não conhecia. Achou que seria mais delicado ir pessoalmente levar-lhe o convite.

Ainda bem! Porque, quando foi introduzido à presença do Cônsul, teve a surpresa de verificar que ele carregava às costas uma respeitável corcunda...

Escondeu depressa o convite e desconversou. O Cônsul insistiu em saber o que desejava e ele a repetir:

— Nada, nada! Uma visita desinteressada, só para conhecê-lo e homenageá-lo... Só isto, Sr. Cônsul.

"Sapristi!" comentava depois o Pe. Giordano, de que é que escapei!

A organização da primeira banda musical entre os meninos foi um espetáculo extraordinário em São Paulo. Quando algum jornal da cidade falava mal dos salesianos o Pe. Giordano levava sua banda diante da redação e lá prestavam uma homenagem aos diretores com música, vivas etc. Bastava isto para acalmar qualquer ataque aos salesianos ²².

* * *

NOTAS

¹ FONTOURA, Ezechias G. da, arceprestere, "Os Salesianos", in *Santa Cruz* 3 (10), p. 368-370, jul. 1903.

² LEITE, Aureliano, *Subsídios para a História da Civilização Paulista*, São Paulo, Saraiva, 1954.

- ³ MARCIGAGLIA, Luiz, *op. cit.*, p. 41.
- ⁴ "Rememorando", in *Santa Cruz, loc. cit.*, p. 413-414; FONTOURA, Ezequias Galvão da, arcepreste, *loc. cit.*, p. 370.
- ⁵ "Comemoração Vicentina", in *Ecos do Santuário do Coração de Jesus*, São Paulo, 1956.
- ⁶ GIORDANO, Jean (sic), "Lettres Brésiliennes", in *Bulletin Salésien*, Nice, 8 (11), p. 156-158, nov. 1885.
- ⁷ *Id.*, p. 158-159.
- ⁸ "Rememorando", in *Santa Cruz, loc. cit.*, p. 413-414.
- ⁹ CERIA, Eugênio, *Memorie Biografiche di San Giovanni Bosco (1884-1885)*, Ediz. estracommerc., Torino, Società Editrice Internazionale, 1936, v. 17, p. 623.
- ¹⁰ FRANCESCHINI, Maria Angelini Vicente de Azevedo, *loc. cit.*
- ¹¹ Arquivo da Prefeitura do Liceu Coração de Jesus.
- ¹² CERIA, Eugênio, *op. cit.*, p. 624.
- ¹³ *Id.*, *ibid.* MARCIGAGLIA, Luiz, Pe. *Aos amigos e benfeitores do Liceu Salesiano*, Natal de 1925, p. 50-51.
- ¹⁴ "Lettera di Don Bosco ai Cooperatori e alle Cooperatrici", in *Bollettino Salesiano*, Torino, 10 (1), p. 3, gen. 1886.
- ¹⁵ Arquivo do Liceu Coração de Jesus, *Boletim Salesiano*, 33 (15), 114, set.-out. 1936.
- ¹⁶ GIORDANO, Louis (sic!), "Correspondence du Brésil", in *Bulletin Salésien*, Nice, 10 (2), p. 22-23, fév. 1887.
- ¹⁷ Arquivo Histórico do Liceu Coração de Jesus.
- ¹⁸ CERIA, Eugênio, *Memorie Biografiche di S. Giovanni Bosco*, Ediz. estracommerc., Torino, Società Editrice Internazionale, 1937, v. XVIII, p. 734-735.
- ¹⁹ Arquivo do Liceu Coração de Jesus.
- ²⁰ *Loc. cit.*
- ²¹ MARCIGAGLIA, Luiz, Pe. *Os Salesianos no Brasil*, São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas, 1955, v. I., p. 41-42.
- ²² *Relação do Rev.º Sr. Pe. Faustino Bellotti sobre os primeiros tempos do Liceu Coração de Jesus*, Arquivo Histórico do Liceu Coração de Jesus.

III

A CONSOLIDAÇÃO DA OBRA

Os salesianos receberam uma instituição deficitária. Muitas dificuldades teriam de ser enfrentadas e superadas. Muitas vezes o desânimo ameaçava o próprio Pe. Giordano que via seus irmãos a braços com o trabalho contínuo e exaustivo. A falta de recursos e de pessoal era uma constante.

O apoio do Governo, do bispo, do clero e do povo jamais faltou. Assim em poucos anos puderam erguer um grandioso estabelecimento de ensino profissional que grangeou a simpatia e a admiração de todos. Os próprios salesianos ficaram surpresos...

Apoio do povo e do Governo

O Liceu veio à luz como um estabelecimento destinado à educação cristã dos filhos do povo. Pe. Giordano, ao recebê-lo em nome da Congregação Salesiana, procurou logo dar prosseguimento às obras de construção do edifício que veio a ser desencorajado: as dívidas que pesavam sobre a esquálida parte construída não teriam sido pagas com o próprio material empregado no prédio e com o terreno anexo.

Ainda em 1886, tratara da instalação das Escolas Profissionais, sendo postas em funcionamento as oficinas de encadernação, alfaiataria, sapataria, carpintaria, provisoriamente na galeria da portaria. Ao final desse ano um visitante mostrava-se “admirado do estado de adiantamento” em que se achava a “obra altamente social”, tendo encontrado “uma perfeita comunidade e bem organizada, lojas de sapateiros, de carpinteiros e alfaiates, escolas de meninos internos e externos”, reinando “ali a simplicidade, a pobreza, o prazer e nova vida cheia de esperanças” que se divisara “no semblante risonho de toda aquela juventude”¹.

Pe. Giordano procurou também conseguir o apoio do Governo e para isso aproveitou-se do estímulo que lhe dera o Imperador

quando estivera no Liceu. Apresentou-se ao palácio e solicitou uma audiência ao Presidente da Província. Após esperar certo tempo, não foi atendido. Mas o padre era persistente. E por dez dias consecutivos repetiu-se a cena. Finalmente, exasperado o Presidente apareceu-lhe e disse: “O que quer o senhor? Saiba que eu não gosto de padres!”.

— Excelência, respondeu o Pe. Giordano, eu vim aqui por ordem de Sua Majestade o Imperador. Temos em São Paulo uma obra para os meninos pobres e Sua Majestade disse-me que V. Ex.^a podia ajudar-nos.

Ao ouvir o nome do Imperador, o Presidente mudou de repente de atitude: “Sente-se padre”. E começou a interessar-se pelo Liceu, que começou a auxiliar ².

“Um visitante recém-chegado”, escrevia, em jornal local, datado de 25 de outubro de 1886, suas impressões sobre o funcionamento da nova instituição, deixando entrever os preconceitos existentes em relação à atividade do clero. Elogiava, contudo, o trabalho educativo dos salesianos. Entre outras, dizia ³:

É excusado dizer que os trabalhos ali saem muito mais baratos do que em qualquer parte.

Aqui não reina a maldita ambição nem a mentira, nem a hipocrisia que se encontram hoje, com honrosas exceções, tanto na classe comercial como na artística.

Lamentava-se, porém, da corrupção, da falta de sinceridade e de caráter, da grande evasão de dinheiro para o exterior pela carência do ensino profissional de artes e ofícios.

Mostrava-se otimista em relação a São Paulo e afirmava:

Só na esperançosa e ubérrima província de São Paulo, cheia de vida e de recursos, definhará um estabelecimento desta ordem? Só a pensá-lo era uma ofensa aos pobres sentimentos que a honram.

Referia-se à escola que começava a dar seus primeiros passos e acrescentava:

Este liceu dos Campos Elíseos tem um defeito — ser dirigido por padres. Não é tanto assim. De padres só encontramos o Rev.^{mo} Guardiani (sic!); os outros eram seculares; os padres não sabem artes nem ofícios.

Nos poucos momentos que encontramos com o padre diretor concluímos que ele está a altura do importante cargo que ocupa e que dentro em poucos anos a nossa terra auferirá as mesmas vantagens que estão auferindo os outros países (que já percorri) da estada dos salesianos entre nós, se eles ramificarem estas casas congêneres a esta por toda a província e império.

Após afirmar a necessidade da reforma do indivíduo para possibilitar a reabilitação das artes e do comércio, concluía:

O artista é um rei na sua oficina, assim como o agricultor é o ornamento de uma das classes mais elevadas da sociedade.

No ano seguinte, por ocasião do dia da distribuição dos prêmios aos alunos que mais se distinguiram nas disciplinas que compunham o programa literário e profissional do Liceu, realizava-se uma sessão dramático-musical em honra do bispo local, D. Lino Deodato. O *Correio Paulistano* já chamava de “importante estabelecimento e registrava o comparecimento do Presidente da Província, ou seja, Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves, do Chefe de Polícia e do Secretário do Governo, de grande número de sacerdotes e mais pessoas gradas e muitas famílias de nível social elevado, além de avultada concorrência de povo”. Os meninos do Liceu exibiram o drama “São Gaudêncio”, com acompanhamento de piano e canto, sendo calorosamente aplaudidos. Comentava o repórter⁴:

O certame que tivemos o prazer de assistir denota o grande aproveitamento dos alunos do Liceu que é um estabelecimento modelo no seu gênero e conta presentemente com 62 internos, na maior parte órfãos.

O número dos externos que frequentam as aulas diárias é de 235; e nos domingos e dias santos ascende a 400.

É válido que na Província do Rio, nas repúblicas platinas, na própria Patagônia, os salesianos têm montado excelentes casos de educação e instrução profissional, sem contar as que existem no velho mundo.

O Liceu dos Campos Elíseos é destinado a prestar grandes serviços à Província de S. Paulo.

Assim o compreendeu a Assembléa Provincial, que o tem auxiliado com uma quota mensal, se bem que modesta (grifos nossos).

As obras do edificio estão quase concluídas: as da igreja em andamento, convém que o público concorra para a manutenção de uma obra que será um dos fatores do nosso progresso.

A morte de Dom Bosco, no dia 31 de janeiro de 1888, repercutiu também em São Paulo, onde os salesianos se tornavam cada vez mais conhecidos. Diversos jornais como *Correio Paulistano*, *A Palavra*, o *Diário Popular*, *La Colonia Italiana*, ao transmitir a dolorosa notícia, foram pródigos em referências elogiosas ao grande Fundador e às suas obras. Pode-se pensar a desolação causada entre os salesianos e especialmente ao Pe. Giordano que o amava como a um pai.

Segundo o *Correio Paulistano*, de 3 de março, assistiram as exéquias o Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves, Presidente do Estado, altas autoridades da Província de São Paulo e grande

número de convidados e benfeitores da Casa. Celebrou a missa exequial, D. Lino Deodato, bispo de São Paulo ⁵.

Esse acontecimento demonstra o grau de solidariedade do povo paulista para com os salesianos por ocasião da perda de seu Fundador.

A imprensa local já reconhecia os méritos e o trabalho sério dos salesianos, até mesmo o jornal abolicionista *Redenção* ⁶.

As loterias

Para conseguir colocar o nome do Liceu Coração de Jesus entre as instituições beneficiadas por loterias, o Conde José Vicente de Azevedo que defendera a vinda dos salesianos usou de um estratagema ⁷:

O conselheiro Dr. Antonio da Silva Prado, filho de D.^a Veridiana Prado, deu uma "soirée"; quando acabou a festa, sua esposa D.^a Maria Catarina, dona da casa, por sugestão do conde José Vicente convidou as amigas para assistirem a Santa Missa de madrugada, na capela do Liceu. Os maridos acompanharam. Enquanto as senhoras assistiam a Missa, visitaram eles o novo instituto e, com essa visita matinal inesperada, diversos perderam suas prevenções.

Vencendo dificuldades, obteve o Conde auxílios dos poderes públicos durante longo período como subvenções anuais (muitas de quarenta contos) e ainda a extração de loterias em benefício, cujo lucro líquido, de sessenta contos, foi concedido ao Liceu, ao Colégio Nossa Senhora do Carmo das Irmãs Salesianas de Guaratinguetá e outras instituições.

O *Correio Paulistano*, de 7 de fevereiro de 1888, publicou uma das Leis Provinciais, a de n.º 2 ⁸:

O bacharel Francisco de Paula Rodrigues Alves, presidente da Província de São Paulo etc.

Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembléa Legislativa Provincial decretou e eu sancionei a lei seguinte:

Art. 1.º Ficam concedidas duas loterias extraordinárias, de benefício de cinquenta contos de réis cada uma, as quais deverão ser extraídas do corrente ano, sendo uma para a continuação das obras do Colégio Nossa Senhora do Carmo de Guaratinguetá, e outra para as obras do Liceu de Artes e Offícios do Sagrado Coração de Jesus, em construção nos Campos Elíseos, nesta Capital.

§ único. O presidente da província fará organizar um plano especial para a extração dessas loterias.

No mesmo ano, ainda era conhecida a subvenção de quatro contos de réis ⁹.

Graças à doação feita pelo Pe. Almeida, vigário de Campinas, do maquinário e dos tipos do jornal *O Thabor*, entrou em funcionamento, em 1888, a tipografia. Sua importância aumentaria gradualmente graças às ofertas de eminentes benfeitores paulistas¹⁰.

Os trabalhos de construção do Liceu e da igreja continuavam e os auxílios chegavam. O azáfama da construção não prejudicava o andamento regular das aulas e das oficinas. Desse modo, o Liceu pôde apresentar uma exposição fotográfica na Casa Garreaux nos inícios de outubro do mesmo ano. Algumas delas representavam as oficinas de sapateiro, marceneiro, ferreiro, alfaiate, encadernador, tipógrafo etc. As outras representavam todas as oficinas reunidas e a saída dos alunos. Todas essas vistas estavam convenientemente encaixilhadas em um quadro que trazia na parte inferior a seguinte dedicatória: "Ao ilustre benfeitor do Liceu, Dr. Pedro Vicente de Azevedo, digníssimo presidente da província e a sua Ex.^{ma} família, os salesianos e alunos agradecidos"¹¹.

Garreaux era um célebre livreiro da rua Imperatriz. Foram os capuchinhos e ele que criaram no clero paulistano o gosto pelos livros religiosos franceses. Garreaux recebia em São Paulo as novidades da França antes que chegassem ao Rio! Já havia rivalidade cultural entre as duas cidades!

Esse Garreaux foi longo. Monsenhor Deusdedit de Araujo, que o alcançou, conta num de seus livros dedicados à memória de seus mestres e colegas (*Lâmpadas do Santuário*), que o livreiro usava um estratagema para vender alguns livros. Dizia: "...e o padre Chico já comprou um!"¹².

Quando da festa de encerramento, celebrada no dia 30 de dezembro, foi oferecido um certame musical à memória de Dom Bosco. Lá estavam como sempre altas autoridades eclesiásticas e civis, sendo o número de assistentes aproximadamente mil pessoas¹³.

No ano seguinte, aparecia clara a ação do Conde José Vicente de Azevedo, um dos signatários do *Projecto n.º 7*¹⁴:

A Assembléa Legislativa Provincial de São Paulo decreta:

Art. 1.º Ficam concedidas cinco loterias extraordinárias de benefício de sessenta contos de réis cada uma, as quais terão preferência a quaisquer outras e serão extraídas no corrente ano e seguintes, sendo: uma em favor do Colégio N. S.ª do Carmo, de Guaratinguetá e da Igreja Matriz de Lorena; outra em favor da Igreja de Santa Cecília e do Colégio Salesiano de São Paulo; outra em favor do Liceu de Artes e Ofícios de Lorena, da Misericórdia de Bananal e do Colégio de N. S.ª do Carmo de Guaratinguetá, outra em favor da Igreja de N. S.ª da Glória do Cambucy e do Liceu Coração de Jesus da Capital e outra em favor da Igreja Matriz

de Silveiras, sendo metade para a Misericórdia de Pindamonhanga, Igreja do Rosário de Queluz e Capela do Belém, na Capital.

Art. 2.º Revogam as disposições em contrário.

Paço Assembléia, 21 de janeiro de 1889.

José Vicente de Azevedo, João Moraes.

Em 1889, o edifício apesar de não estar acabado e depender de grande importância em dinheiro, atentas às vastas proporções de seu plano, já se recomendava como um dos maiores da Capital paulista e atendida à educação de cerca de 200 alunos, em sua maioria “pobres e desvalidos”. Assim afirmava o jornalista Luiz Gonzaga de Oliveira Costa que lhe dedicava palavras elogiosas¹⁵:

Trata-se de um utilíssimo estabelecimento de educação, onde a infância desvalida acha o pão do corpo e do espírito. Estabelecimento por sua natureza digno de atenção e consideração pública, (...) estando sua direção interna confiada a educadores provecos.

E apelava para a caridade dos paulistanos:

Para tão meritória e nobre empresa, os abastados não devem regatear o seu concurso.

Já aquele malgrado — Castro Alves — cantara os Salmos:

Quem dá aos pobres empresta a Deus.

A concorrência popular à Igreja do Sagrado Coração já se fazia sentir perante as autoridades civis no sentido de providenciar iluminação e a criação de uma praça em frente, como se deduz da seguinte representação proveniente da Assembléia Provincial¹⁶:

Indico que novamente se represente ao Governo, pedindo a colocação de alguns combustores de gás na alameda Glette, na parte entre a rua Visconde do Rio Branco e alameda do Triunfo, atendendo-se que acha-se nesta parte a igreja do Coração de Jesus, ponto muito freqüentado com as festividades religiosas.

Sala das sessões, 29 de janeiro de 1889. João Augusto Gracia. Aprovada.

Declarando de utilidade pública os lotes de terrenos sitos na frente do estabelecimento dos salesianos, para efeito de ser ali estabelecido um largo.

Efetivamente o pedido foi pouco depois aprovado¹⁷:

Do Sr. Pennaforte

Indico que sejam declarados de utilidade pública, para efeito de ser ali estabelecido um largo, os lotes de terrenos sitos, na frente do estabelecimento dos salesianos, nos Campos Elíseos; dando-se dele já conhecimento aos proprietários para os devidos efeitos.

Sala das sessões, aos 14 de abril de 1889. Francisco de Pennaforte Mendes de Almeida. Aprovada.

O Conde D'Eu no Liceu

Em 1889, a febre amarela alastrava-se de novo furiosamente em Campinas e Santos, estendendo-se também a várias outras localidades do interior paulista. O Conde D'Eu, representando a Família Imperial e arrostando o contato virulento da moléstia, faz uma visita a essas cidades e a outras.

As populações paulistas, insufladas pelos republicanos, o receberam com hostilidade. Violentíssimos folhetos contra a monarquia eram espalhados anunciando a iminência da queda do regime¹⁸.

No dia 25 de abril, o Conde D'Eu chegava ao Liceu Coração de Jesus, sendo "recebido pelo corpo docente e alunos, ao som da banda de música e vivas aclamações". Sua Alteza Imperial "percorreu todo o edifício, elogiando o serviço, que achou perfeitamente organizado, menos o referente às derivações". "Provou o vinho feito pelos padres", o que indica haver plantações de videiras nos terrenos do Liceu¹⁹.

No dia 25 de julho, uma nota publicada no *Correio Paulistano* anunciava o seguinte²⁰:

Comunicam-nos que a comunidade e alunos do Liceu do Sagrado Coração de Jesus assistirão a uma missa rezada em ação de graças à divina providência pela conservação da preciosa vida de S.M. o Imperador, a qual deve realizar-se no dia 25 do corrente.

Ao final do ano, sob o signo da "Ordem e Progresso" proclamava-se a República e a Família Real foi convidada a tomar o caminho do exílio. Foi uma grave perda para os salesianos, que nela tinham encontrado sempre generosos protetores.

O Pe. Pedro Cobalchini, superior das Missões Franciscanas do Paraná e de São Paulo ficou tão admirado quando de sua visita ao Liceu que, ao escrever ao Pe. Miguel Rua, em julho de 1889, achava que o prédio fosse talvez o maior da Congregação Salesiana e dizia: "Esta é obra de Deus e não dos homens". Pe. Giordano recebera-o carregado de dívidas e praticamente abandonado. Recomeçou os trabalhos de construção e o edifício já podia comportar uns 150 meninos.

Afirmava que a igreja, apesar de inacabada, podia abrigar mais de mil pessoas e que não se podia encontrar "melhor aula de música e de canto num instituto amadurecido pelo tempo. E prognosticava²¹:

... esta casa de São Paulo, com os andar do tempo, crescerá em conceito e produzirá tantos frutos, que há de superar talvez qualquer outra salesiana. As circunstâncias locais são as mais favoráveis: a estima pela Congregação Salesiana; o número sempre crescente de jovens que ou abandonados ou deixados nos perigos;

a boa vontade demonstrada pelos cooperadores; o resultado mais que satisfatório alcançado na primeira experiência e, sobretudo, o ser colocado este instituto sob a proteção do Sagrado Coração de Jesus, tudo concorre para fazer este juízo.

O Pe. Lasagna, provincial salesiano do Uruguai e do Brasil, também dava suas notícias a Turim, confirmando o que foi dito acima.

Ao passar por São Paulo, em setembro do mesmo ano, só podia admirar o bom andamento do Liceu. Assim transparece da carta de 14 de setembro do mesmo ano, endereçada ao Pe. Rua ²:

Aos três de outubro regresssei do Brasil. Visitei as nossas casas e voltei o coração repleto de consolação, por ter verificado pessoalmente o grande bem que lá realizam os nossos irmãos.

Em São Paulo, preguei o retiro espiritual a uma turba de jovens que corresponderam admiravelmente à graça de Deus.

O edifício está assumindo proporções colossais. A igreja está sempre repleta e todas as autoridades locais contemplam com a maior benevolência esta obra tão benéfica à juventude pobre e à colônia italiana que já é muito numerosa.

A Schola Cantorum em Lorena

A 1.º de janeiro de 1890, Lorena inaugurava solenemente sua nova matriz. Para maior brilho às festividades, convidou-se a *Schola Cantorum* do Liceu, já conhecida por suas grandiosas execuções.

No dia precedente, com o Expresso de São Paulo, chegava D. Lino Deodato, bispo diocesano, para celebrar a sagração da nova igreja.

No mesmo trem, vinha a orquestra dos alunos do Liceu Coração de Jesus, constituída de 68 figuras, dirigidas “pelo incansável Pe. Lourenço Giordani”.

Da Capital Federal, então Rio de Janeiro, veio o Pe. Pedro Rota, distinto organista do Colégio Salesiano de Niterói, a fim de acompanhar no majestoso órgão os cantos religiosos.

A tarde de 31 de dezembro, realizou-se com toda a pompa a sagração do templo, havendo grande número de participantes. A milagrosa imagem de Nossa Senhora da Piedade foi solenemente transladada da capela de S. Benedito para o seu novo templo, acompanhada de mais de duas mil pessoas.

Pela manhã de 1.º de janeiro, bênção do altar-mor, uma obra-prima. Ao meio-dia, começou a solene missa pontifical, acompanhada de órgão e de grande orquestra. A cerimônia terminou pelas duas da tarde. À noite, cantaram-se vésperas, concluindo-se com a bênção do SS. Sacramento.

Em seguida, uma grande multidão de mais de 800 pessoas, acorreram ao teatro. Lá os alunos do Liceu deram um espetáculo gratuito, representando o melodrama intitulado *A Oficina do Ferreiro*, sendo os autores e a orquestra, que acompanhou o coro e executou difíceis peças de seu variado repertório, calorosamente aplaudidos. Encerrou-se o espetáculo com uma série de aclamações aos padres salesianos.

Para satisfazerem os incessantes pedidos, houve nova representação no dia seguinte. Novo triunfo²³.

Com estas manifestações, os salesianos prepararam a sua terceira fundação no Brasil: *O Colégio S. Joaquim de Lorena*.

Onze bispos no Liceu

O acontecimento de maior relevo do ano de 1890 foi certamente a visita de D. Cagliariro às terras brasileiras, a São Paulo. Sua chegada, no dia 3 de agosto, foi um acontecimento que abalou a cidade.

No dia 12, a convite do conde e cooperador salesiano Dr. José Vicente de Azevedo, os alunos do Liceu acompanharam a D. Cagliariro e ao Pe. Lasagna até o Ipiranga, de bonde, ao som da banda, despertando a atenção e a admiração do povo. Lá o Conde tinha preparado uma abundante refeição para todos.

Sobre o histórico lugar, edificava-se o colossal monumento nacional, obra do Cavaleiro Bezzi, notável arquiteto turinense e amigo do Pe. Giordano²⁴.

Essa parece ter sido a primeira das grandes excursões que se tornaram tradicionais na vida do Liceu Coração de Jesus.

D. Cagliariro visitou ainda o Colégio de S. Luís em Itu, dos jesuítas, onde vários salesianos do Liceu recuperaram a saúde deteriorada pelo contínuo cansaço. Lá teve esplêndida recepção²⁵.

O ponto culminante das grandes festas parece ter sido o dia 13 de agosto de 1890. Por feliz coincidência, desde o dia 16 de agosto estava reunido em São Paulo o episcopado brasileiro para estudar a situação da Igreja perante o novo regime republicano e o problema da separação entre Igreja e Estado; D. Luís Antonio dos Santos, arcebispo resignatário da Bahia; D. Pedro Maria de Lacerda, bispo do Rio de Janeiro; D. Jerônimo Tomé da Silva, novo bispo do Pará; D. Antônio Cândido de Alvarenga, bispo do Maranhão; D. Joaquim José Vieira, bispo do Ceará; D. José Pereira Barros, bispo de Pernambuco; D. Joaquim Arcoverde, novo bispo de Goiás; D. Carlos d'Amour, bispo de Mato Grosso; D. Cláudio Ponce de Leon, bispo do Rio Grande do Sul; Mons. Manoel Santos Pereira, bispo coadjutor da Bahia; Mons. João Esberard, bispo

coadjutor de Pernambuco; Mons. Silvério Gomes Pimenta, bispo coadjutor de Mariana.

Passemos para o Pe. Giordano o relato do faustoso acontecimento ²⁶:

O dia 13 de agosto de 1890 será memorável na história do Liceu de São Paulo e talvez da nossa Pia Sociedade. Em honra de D. Cagliero, foi exibido com acompanhamento de banda-orquestra o bellissimo melodrama em dois atos do maestro Del Vecchi, escrito pelo nosso Pe. Lemoyne, intitulado *A Oficina do Ferreiro (Giovanni il fabbro)*, e a farsa em dois atos *Gênios Opostos (Il Caratteri opposti)*, com várias peças de música. A nova oficina de marcenaria, alfaiataria e sapataria, de 42 metros de comprimento e 10,30 metros de largura, com capacidade para 1 400 pessoas, serviu de salão de teatro. Entre os numerosos convidados, notavam-se membros da Academia pública, de vários colégios, os teólogos e professores do Seminário, párcos, cônegos e importantes famílias. Na primeira fila, dispostos em semi-círculos, fazendo nobre coro ao ilustre Arcebispo D. Antônio Macedo Costa e do nosso Bispo Missionário estavam quase todos os bispos do Brasil, os de São Paulo, do Rio de Janeiro, Olinda, Ceará, Maranhão, Pará, Goiás, Rio Grande do Sul e o Coadjutor de Mariana. Um arcebispo e dez bispos no teatrinho dos filhos do povo, fazendo-se pequenos entre os pequenos...: *eis uma prova de estima aos salesianos!* (grifos nossos).

Pe. Giordano, homem de fé, atribuía o fato à proteção do Sagrado Coração de Jesus ²⁷:

É necessário confessar. O Sagrado Coração, a quem está dedicado este Liceu, protege-nos de um modo todo especial, concedendo-nos distinções deste tipo. Dispôs ele que os Bispos do Brasil se reunissem aqui em São Paulo para tratar de assuntos da mais alta importância para esta República, justamente na visita de D. Cagliero.

No dia 31 de agosto, a banda de música do Liceu foi convidada para tocar na Catedral antes e depois da consagração de dois bispos, um deles, D. Silvério, coadjutor de Mariana, e da recepção do pátio por D. Antônio Macedo Costa. D. Silvério quis celebrar sua primeira missa episcopal no Santuário do Coração de Jesus. Outras visitas de bispos ao Liceu ocorreram, dirigindo palavras de estímulo aos alunos e salesianos. As visitas de bispos ao Liceu tornaram-se uma de suas mais gloriosas tradições.

“No século do progresso...”

Ao mesmo tempo em que crescia o prestígio da Obra Salesiana em São Paulo, as oficinas celebravam aperfeiçoamentos importantes. O edifício das novas oficinas tinha sido concluído: era um prédio que cortava o pátio chegando até atrás da atual sacristia do Santuário (destruído em 1918) e que servia também de teatro

comportando 1.400 pessoas. Na tipografia, às duas máquinas existentes foi acrescentada uma terceira, proveniente da célebre fábrica de Augsburg, Alemanha, e esta era talvez a maior de São Paulo. O motor a gás, de três cavalos, era também dos mais aperfeiçoados que saíram de Magdeburgo. As cartas pastorais coletivas dos bispos brasileiros foram impressas na tipografia do Liceu, tendo uma tiragem de 20.000 cópias. As outras oficinas aumentaram também de máquinas e de pessoal.

Pe. Giordano sentia-se contente ²⁸:

Consola-nos de fato o coração quando se pensa que há cinquenta anos esse lugar não era senão um deserto e silêncio. Hoje, porém, surge um belo santuário em construção, magníficas oficinas, escolas, pátios, dormitórios, refeitórios com movimento de 200 alunos internos e mais de 300 externos, sendo visível o progresso nas artes, na música, no estudo e na piedade. Como não exclamar: *Digitus Dei est hic!*

Os demais salesianos compartilhavam com o otimismo de Pe. Giordano, tinham consciência do empreendimento que estavam realizando e admiravam-se com o rápido desenvolvimento, como atestam estas palavras do Pe. Carlos Graglia, em carta ao Pe. Miguel Rua, de 1.º de outubro de 1891 ²⁹:

Após a queda do Império, os republicanos do Brasil mandaram escrever em sua bandeira estas duas palavras: *Ordem e Progresso*. Se realmente cumpriram a promessa, não me compete dizer-lho. Mas, o certo é que ninguém mais do que nós está provando com os fatos que realmente estamos no século do progresso. Quando aqui cheguei, em 1887, os Campos Elíseos, onde morávamos, estavam ainda solitários e desertos, e do nosso colégio não havia senão uma rústica morada, com pouquíssimas instalações prontas, um só dormitório para meninos, uma pequena capela, três ou quatro salas que serviam para aula, estudo, oficina e refeitório, um grande pátio, um bosque e uns setenta meninos internos entre estudantes e aprendizes. Hoje, porém, estamos no centro de uma cidade nova, bonita, risonha e cheia de vida. Aquela velha casa transformou-se num estupendo edifício de quatro andares com amplas instalações, algumas salas e quatro grandes dormitórios. Temos outro grande prédio de dois andares, exclusivamente para as aulas e para as oficinas, pátios espaçosos para o recreio; uma bela horta com um pequeno vinhedo; um grande templo em construção, que pode rivalizar-se com o de S. João Evangelista de Turim; uma numerosa e potente banda de música; uma grande tipografia; que em qualidade e perfeição de máquinas, abundância e variedade de tipos pode igualar-se com qualquer uma de nossas escolas; enfim, mais de duzentos e cinquenta internos, parte estudantes e parte aprendizes e cerca de quatrocentos meninos das escolas externas e oratório festivo. De fato, isso representa um progresso extraordinário. Deve-se, porém, especialmente ao Sagrado Coração de Jesus, que de modo visível nos protege e parece fazer de nosso humilde Liceu um centro de religião e civilização, uma verdadeira fonte de bênçãos para todo o Estado de São Paulo.

Nessas palavras percebe-se uma alusão à mudança do regime político, que em nada afetou aos salesianos do Brasil, uma vez

que estavam preocupados com a consolidação e expansão da obra. Aliás o próprio Pe. Ceria, cronista da Congregação Salesiana, manifestava uma ponta de euforia³⁰:

No Brasil, havia trocado o regime. Uma revolução militar tinha, em 1889, derrubado a monarquia, proclamado a República e exilado D. Pedro II após 58 anos de Império. Na passagem à nova ordem das coisas, os salesianos de Niterói e de São Paulo não sofreram danos, levados por todos nas palmas das mãos.

Trabalho intenso e grandes festas

Contava o Liceu no ano em que foi escrita essa carta com 15 salesianos entre padres, coadjutores e clérigos. Mas o trabalho era "extraordinário", porquanto atendiam à educação e à assistência contínua aos 700 meninos, sem mencionar outras mil ocupações particulares e especialmente o "Santuário" que já oferecia trabalho contínuo para cinco ou seis padres. Acrescentava o Pe. Graglia, que não estava exagerando e pedia urgentemente mais pessoal³¹:

Existe, contudo, algo em que até o momento não conseguimos progresso algum: o número de pessoal. O trabalho é extraordinário, a messe cada vez mais abundante. Mas que podemos fazer se somos apenas quinze pessoas e o que é pior, com alguém já gasto e digno de ser o mais rápido possível jubilado e posto de parte? Como é possível que quinze salesianos, entre padres, clérigos e coadjutores, resistam ao cansaço da educação e assistência a cerca de 700 meninos, sem contar mil outras ocupações e especialmente tomar conta do Santuário, que por si só ocuparia continuamente cinco ou seis sacerdotes? Creia-me, Pe. Rua, que em nada estou exagerando. E se aproveito o ensejo para suplicar-lhe tenha piedade de nós e mande-nos soldados de ajuda, para que do demasiado peso nos alivie um pouco, unicamente o faço porque temo não venha acontecer que algum irmão neste ano venha a cair no campo de batalha e sejamos obrigados a falir e mandar embora pelo menos metade de nossos meninos. Tenha compaixão de nós e desses pobres brasileiros.

Apesar de todo esse trabalho, procuravam celebrar com a maior solenidade as festas de Nossa Senhora Auxiliadora, do Coração de Jesus, de S. Luís Gonzaga e outras constantes do calendário eclesiástico e colaboravam ainda nas festas da cidade. Pe. Marcigaglia, aluno dos tempos do Liceu, escrevia³²:

O Pe. José Allievi no canto, o Sr. Barbieri e o M.^o Tavares na banda, o Pe. Giordano e o Gaiotto na escola teatral desenvolveram um vasto trabalho, com os melhores resultados, e popularizaram o Liceu na Capital e no Interior.

Observava ainda o Pe. Graglia³³:

Estas queridas solenidades que fazemos para a maior glória de Deus aumenta-nos sempre mais a simpatia e estima que por

nós demonstram todos os principais Senhores deste Estado, no coração dos quais deixam agradabilíssimas e indeléveis impressões.

A *Schola Cantorum* com 90 sopranos e contraltos, uns 20 tenores e baixos e 40 instrumentos de orquestra já causava sensação na cidade, como na Solenidade de S. Pedro e S. Paulo (1891), padroeiros da cidade: “Uma solenidade tão imponente que ninguém se lembra de haver assistido outra igual”. É conveniente notar que todas as figuras pertenciam às primeiras classes elementares³⁴.

Normalmente as festas eram celebradas com muita música na igreja, representações e cantos no teatro, como costumavam nas casas salesianas. Mas no Liceu revestiam-se de uma grandiosidade singular.

A volta do pai

Por volta de julho de 1891, Pe. Giordano fez uma viagem à Europa.

Como companheiro de viagem, o Pe. Giordano levou um irmão coadjutor, Miguel Soares, mulato bastante carregado.

Tendo trabalhado em Marselha, antes de sua vinda para a América do Sul, o Pe. Giordano aproveitou o ensejo para rever aquele antigo campo de trabalho, tanto mais que era um porto intermediário em sua viagem. Havia interesse em fazer propaganda da obra salesiana no Brasil e em conseguir salesianos para o imenso campo de trabalho em São Paulo.

Lá encontrou o Pe. Álbera, que era então Provincial salesiano na França. Nessa ocasião sucedeu um fato muito interessante, que os antigos salesianos do Liceu gostavam de recordar.

O coadjutor Miguel Soares atravessava à noitinha um dos corredores do colégio, quando um dos alunos que vinha em direção oposta o avistou. Imediatamente o garoto girou sobre os calcanhares e pôs-se a correr a toda a velocidade.

Ao vê-lo passar todo assustado, o Pe. Álbera lhe perguntou: “Qu'est ce que vous avez vu?”.

“— Mon père — respondeu o jovem ainda tremendo. — Mon père, je vue le diable”³⁵.

Durante sua estadia na Itália, pediu aos superiores de Turim alguns salesianos generosos dispostos a segui-lo para o Brasil. Pe. Miguel Rua, reitor-mor da congregação, expôs na Boa-Noite os desejos do grande missionário e apelou para o entusiasmo e generosidade de todos.

Entre os que o ouviam estava também o clérigo Attilio Cosci que havia entrado na congregação já bastante maduro, após ter feito o serviço militar. Ao ouvir aquela solicitação, o moço passou a noite insone, vendo desabrochar perante seus olhos o ideal missionário. Na manhã seguinte, escreveu um bilhete ao Pe. Rua, pondo-se à disposição de Pe. Giordano. Seu pedido foi aceito. Como a partida era iminente, o clérigo Cosci não teve tempo para despedir-se dos seus³⁶.

A 1.º de janeiro chegavam a São Paulo.

No dia 21, Pe. Giordano e os missionários receberam uma homenagem no Liceu. O programa, um dos primeiros impressos na tipografia do estabelecimento, trazia a seguinte dedicatória³⁷:

Certame dramático-musical que os irmãos e alunos do Liceu do Sagrado Coração de Jesus dedicam a seu amado diretor, Pe. Lourenço Giordani, no seu feliz regresso da Europa.

Foi representado o drama *Os Dois Sargentos*, além de um belo repertório musical.

Escrevendo mais tarde ao Pe. Rua, no dia 26 de abril, o Pe. Giordano noticiava o evento e dizia: “Aos 160 jovens entrados no Liceu, agora se acrescentaram outros 80 e os externos vão crescendo dia a dia”³⁸.

Pelo interior paulista

Entretanto, sob essas rosas escondiam-se agudos espinhos. As enormes despesas num empreendimento tão ambicioso como mostrava o plano do Liceu e a construção da Igreja do Coração de Jesus arrancaram essas lamentações do Pe. Giordano em carta de 5 de março de 1893 ao Pe. Miguel Rua³⁹:

O senhor sabe em que apertos me encontrei e me encontro, vendo (além das despesas de fábrica e ordinárias do Liceu) construir uma igreja como esta. Encontro-me imerso em dívidas pagando 9, 10 e até 12%. Sei: *Dominus pars haereditatis meae et calcis mei...* e por ele nada é tudo quanto se sofre, só no fardo que estou carregando. Contudo não desanimo... Deus e Maria Auxiliadora ajudar-me-ão, espero, como ajudaram a Dom Bosco e seus filhos.

O auxílio veio da parte de D. Lino que, em carta aos Vigários, de 25 de janeiro do mesmo ano, dera permissão ao Pe. Luiz Zanchetta para angariar esmolas em toda a diocese de São Paulo em benefício da construção do Santuário do Coração de Jesus, uma vez que este templo era “um *ex-voto* soleníssimo do ... clero e fiéis desta diocese a ele consagrada” e considerado um “monumento da fé sincera dos católicos” do bispado⁴⁰.

Aproveitou o Pe. Zanchetta o feliz ensejo que se lhe oferecia para "tornar conhecido mais de perto Dom Bosco e a Pia Sociedade por ele fundada, em Santos, Piracicaba, Campinas, Rio Claro, Brotas, Santa Maria, Dois Córregos e Jales", ponto final de todas as suas esperanças, ficando sumamente admirado pela cordialidade com que era recebido. De Jales teve de sair quase fugido porque o povo não queria de modo algum deixá-lo partir. Essa excursão realizou-se em março de 1893 ⁴¹.

Na reportagem do *Boletim Salesiano*, publicado em francês, sobre essa excursão, mostrava-se o tratamento recebido pelo Pe. Zanchetta da parte da população de cor ⁴²:

O corajoso pedinte esteve em sete cidades, antes de chegar a Jales, uma das maiores cidades do Estado. Obrigado a substituir o vigário, Pe. Zanchetta aproveitou a oportunidade para falar do alto do púlpito ao povo e do motivo de sua viagem. Seu apelo impressionou vivamente a assistência; e os negros que compõem parte notável da população deram sinais os mais inequívocos de sua emoção.

Todos se mostraram generosos. E pobres negrinhos quiseram oferecer seu óbulo. Uma excursão ao campo deu resultados maravilhosos.

Diga-se, de passagem, que a abolição da escravatura no Brasil parece ter sensibilizado profundamente os salesianos do Liceu. Deduz-se tal fato por trazerem as *Crônicas do Liceu Coração de Jesus: Recortes de Jornais* mais de cinco páginas registrando o grande acontecimento transcrevendo o texto inteiro do *Commercio de São Paulo*, n.º 125. Ora essa crônica contendo recortes de jornais trazia apenas reportagens, artigos, notícias etc. referentes ao Liceu Coração de Jesus e seu Santuário e, em menor escala, alguma outra informação sobre alguma outra obra salesiana. Reforça ainda a afirmativa o protesto de alguém que escreveu em letras enormes sobre os textos de recorte de jornal a expressão *Não é salesiano*, querendo dizer que a notícia não deveria figurar numa crônica particular de uma casa salesiana (!). Se o cronista inseriu o fato nas *Crônicas do Liceu* dá a entender que o acontecimento foi festejado com muita alegria pelos salesianos ⁴³.

O articulista do *Boletim Salesiano*, mencionado, concluía fazendo um apelo ⁴⁴:

O sucessor de Dom Bosco seria feliz se enviasse auxiliares ao clero do Brasil e apóstolos aos rebanhos sem pastores, que são bem mais numerosos nesta vasta República: por suas preces e por suas esmolas, nossos queridos cooperadores podem proporcionar essa consolação a nosso venerando pai Pe. Rua.

Em setembro e outubro do mesmo ano, Pe. Alexandre Fia, munido de uma carta do bispo e de outra do Pe. Giordano, per-

corria o centro do Estado, “por motivo de saúde, mas especialmente pela saúde do bolso”. A situação financeira do Liceu estava tão crítica que Pe. Giordano o mandara mendigar para sustentar os meninos pobres da instituição e para continuar os trabalhos do Santuário. Passou um mês em São Carlos, indo posteriormente a Jaboticabal e outros lugares, profundamente admirado por constatar a generosa caridade do povo brasileiro. Ao visitar as fazendas de café, procurava atender ao povo, sequioso da Palavra de Deus, especialmente os colonos italianos, que ficavam deslumbrados ao ouvi-lo falar em sua língua ⁴⁵.

Desse modo, a fama dos salesianos e de suas realizações, apesar das terríveis dificuldades econômicas, crescia e propagava-se pelo Estado.

Não devo brigar: isto é feio

Lá pelo ano de 1890, pouco ou mais, era conselheiro escolar o Pe. Bernardino Monti, que aliava à sisudez e à energia uma grande bondade. Ao saírem os alunos externos das aulas, dois rapazes brigaram na esquina da Livraria. Os colegas, em lugar de apartarem a briga, fizeram rodinha para torcer.

No dia seguinte, a mãe do menino que mais apanhou veio queixar-se ao Pe. Monti. Que fazer? Era necessário um castigo exemplar para os pugilistas e espectadores.

Ao entrar na aula, os alunos perceberam a “cara amarrada” do conselheiro. No mínimo desabaria naquele dia uma tempestade de varas de marmelo nas costas de cada um.

Começou o interrogatório!

Como o medo torna os rapazes candidamente sinceros, todos os culpados, briguentos e provocadores, se apresentaram ao Pe. Conselheiro. Depois da “paternal salesiana”, veio o castigo:

1) Os dois briguentos teriam de copiar 50 vezes a frase: “Não devo brigar; é feio!”.

2) Os torcedores, 20 vezes: “Não devo provocar brigas. É falta de educação!”.

Os alunos boquiabriram-se com o *suave castigo*. Pensaram numas 50 varadas, numas duas horas ajoelhados em cima de milho, na privação de alimentos etc. Nada! Uma simples cópia que produziu todos os efeitos esperados. A *Boa Nova* para os estudantes correu de boca em boca, na cidade incipiente. Todos os alunos queriam ir para o Liceu, porque lá não existia a terrível palmatória e o milho debaixo dos joelhos.

O Presidente da Província de São Paulo, em visita à Capital, soube da história. Achou original e condizente com a mente impensada dos rapazes e baixou uma Portaria ordenando que todos os colégios de São Paulo adotassem o sistema de Dom Bosco no referente à educação e principalmente ao castigo.

Este fato foi narrado pelo segundo aluno externo que se matriculou no Liceu e torceu na briga, José Brioschi.

* * *

NOTAS

¹ Um visitante recém-chegado, "O Liceu de Artes e Ofícios", 25 de outubro de 1886, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus: Recortes de jornais...*, v. I, p. 1a.

² Relatório do Rev.^m Sr. Pe Faustino Bellotti sobre os primeiros tempos do Liceu Coração de Jesus, p. 2.

³ Um visitante recém-chegado, *op. cit.*, p. 1a.

⁴ "Liceu do Sagrado Coração", in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 1b.

⁵ "Falecimento de D. Bosco", in *A Palavra*, 02.02.1888; "A doença de D. Bosco", in *O Diário Popular*, 07.02.1888; "Don Bosco", in *La Colonia Italiana*, 08.02.1888; in *Commercio de S. Paulo*, 26.02.1888; "Giovanni Bosco", in *Correio Paulistano*, n.º 9.441; "Exequias", in *Correio Paulistano*, 03.03.1888; "D. Bosco", in *Correio Paulistano*, de 08.03.1888; in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, v. I, p. 1b-6.

⁶ REDEMPÇÃO, 26.02.1888 e 18.03.1888, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 4 e 6

⁷ FRANCESCHINI, Maria Angélica Vicente de Azevedo, *loc. cit.*

⁸ "Leis Provinciaes", *Correio Paulistano*, 07.03.1888, in *Crônica do Liceu Coração de Jesus...*, p. 6.

⁹ *Correio Paulistano*, 08.05.1888, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 6.

¹⁰ *Correio Paulistano*, 28.05.1903.

¹¹ *Correio Paulistano*, 01.11.1888, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 18.

¹² ALMEIDA, cón. Luís Castanho de, *S. Paulo, filho da Igreja*, p. 128.

¹³ FEDERALISTA, 01.01.1889, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 18.

¹⁴ "1889 — Projecto n.º 7", *Correio Paulistano*, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 19 A p. 17 o *Correio Paulistano*, de 22.09.1888, lançava a Grande Loteria Extraordinária de sessenta contos de réis. A p. 26, um exemplar do Bilhete da 2.ª Loteria confirmava ser sessenta contos de réis, o que indica ter sido modificado o "Projecto n.º 7" acima citado.

¹⁵ COSTA, Luiz Gonzaga de Oliveira. *Notas a lápis*. (S. Paulo, Escolas Profissionais Salesianas, 1909), p. 8-10. Era cooperador salesiano e doou muitos livros à Biblioteca do Liceu, entre os quais os famosos *Diários das Cortes*, uma coleção de 9 volumes.

¹⁶ *Correio Paulistano*, 27.04.1889, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 19.

- ¹⁷ *Id.*, *ibid.*
- ¹⁸ LEITE, Aureliano, *op. cit.*, p. 125 e 129.
- ¹⁹ *Correio Paulistano*, 27.03.1889; *Commercio de S. Paulo*, 25.03.1889; *in Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 19.
- ²⁰ *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 20.
- ²¹ *Bollettino Salesiano*, 13 (11): 145-146, nov. 1889.
- ²² "Fiori e spine", *in Bollettino Salesiano*, 14 (8), 129, ago. 1890.
- ²³ *Correio Paulistano*, 05.01.1890, *in Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 20.
- ²⁴ "Dal Brasile: Visita di Mons. Cagliari", *Bollettino Salesiano*, 14 (12), 221, dic. 1890; *Jornal da Tarde*, 12.08.1890; *Diário Popular*; 14.08.1890; "Dal Brasile: Mons. Cagliari al Liceo del Sacro Cuore di Gesù in S. Paolo", *Bollettino Salesiano*, 15 (1), p. 10-12, gen. 1891.
- ²⁵ MARCIGAGLIA, Luiz, Pe., *op. cit.*, v I, p. 42.
- ²⁶ Dal Brasile: Mons. Cagliari ao Liceo del Sacro Cuore di Gesù in S. Paolo", *loc. cit.*
- ²⁷ *Id. ibid.*
- ²⁸ *Id. ibid.*
- ²⁹ "Notizie dei nostri missionari: Dal Brasile", *in Bollettino Salesiano*, 16 (3), p. 56-57, mar. 1892.
- ³⁰ CERIA, Eugênio, *Annali della Società Salesiana*, Torino, SEI. 1941-1943, Cl. 2, p. 119. Cfr. ainda AZZI, Riolando, *Os Salesianos no Brasil (1884-1894): A implantação da obra salesiana*, São Paulo, Editora Salesiana Dom Bosco, 1983, v. II, p. 219.
- ³¹ "Notizie dei nostri missionari: Dal Brasile", *in Bollettino Salesiano*, 16 (3), p. 57, mar. 1892.
- ³² MARCIGAGLIA, Luiz, Pe., v. I, p. 41.
- ³³ *Id. ibid.*
- ³⁴ *Id.*, p. 42 e revista *Dom Bosco*, 20 (3), p. 40-41, maio 1954.
- ³⁵ Relação do Rev.^{mo} Sr. Pe. Faustino Bellotti sobre os primeiros tempos do Liceu Coração de Jesus, p. 2.
- ³⁶ Carta mortuária do Pe. Attilio Cosci.
- ³⁷ "Stato di S. Paolo del Brasile", *in Bollettino Salesiano*, 16 (8), 163-164 ago. 1892.
- ³⁸ *Crônicas do Liceu Coração de Jesus*, v. III.
- ³⁹ "Da una lettera del Rev. D. Giordano, Direttore del Liceu de Artes e Officios do Sagrado Coração — São Paulo — Brasil", *in Bollettino Salesiano*, 17, (6), p. 120, giug. 1893.
- ⁴⁰ Arquivo da Prefeitura do Liceu coração de Jesus.
- ⁴¹ "Un 'escursione nell' interno dello Staio di S. Paolo", *in Bollettino Salesiano*, 17 (6), p. 118-120, giug. 1893.
- ⁴² *Id. ibid.*
- ⁴³ *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 7-10.
- ⁴⁴ "Bresil — Une excursion dans l'interieur de l'Etat de Saint-Paul", *in Bulletin Salésien*, Nice, 15 (1), p. 204, oct. 1893.
- ⁴⁵ "Una visita nel centro dello Sta'o di S. Paolo", *in Bollettino Salesiano*, 17, (12), p. 240-241, dic. 1893.

IV

MUDANÇAS E DIFICULDADES

O ano de 1894 parece marcar uma série de acontecimentos de projeção significativa.

O Brasil sofria um profundo desequilíbrio financeiro e político. Caiam as exportações de café, enquanto sua produção crescia continuamente. Conseqüentemente os preços abaixavam no mercado mundial, o que provocou a queixa amarga de Alcindo Guanabara ¹:

Há de fato um mistério, o mistério de nossa progressiva miséria. Somos um povo que trabalha, um povo que produz, que tem, por assim dizer, o monopólio virtual de dois gêneros indispensáveis e não vemos o fruto de nosso trabalho, não gozamos o resultado de nossa produção, somos cada vez mais pobres.

A inflação agravava-se alcançando taxas até antes nunca vistas. Acentuou-se o processo de acumulação de capitais. A desvalorização da moeda, contudo, permitiu na época a sobrevivência de grande número de indústrias.

Nos postos de comando, houve substituições. A presidência do País ascendeu o paulista Prudente de Moraes. São Paulo perdeu seu bispo. Do Liceu Coração de Jesus saiu Pe. Giordano e um ano depois morria D. Lasagna, o provincial da Inspeção do Uruguai e do Brasil.

Esse o quadro do final do século XIX.

Mudanças na direção do Liceu Coração de Jesus

Acentuavam-se as divergências entre Pe. Lasagna e Pe. Giordano: acréscimo na construção, a elevada dívida de 80 contos, opiniões diferentes quanto as casas de formação religiosa. O comportamento administrativo-financeiro do Pe. Bernardino Monti,

vice-diretor do Liceu, parece ter sido a gota d'água final para a tomada de decisão de Pe. Lasagna.

Belza acrescenta ainda outras circunstâncias. Pe. Zanchetta estaria pensando em retornar à Itália, vencido pela saúde. O trabalho excessivo havia levado o Pe. Giordano ao esgotamento e este estaria no mesmo caminho. Assim, para evitar tão grande perda, necessitaria de um descanso, mas foi destinado para outra missão ².

De fato, em agosto de 1894, deixava o cargo e, em novembro, assumiu a chefia da primeira expedição com o pessoal trazido diretamente da Europa para fundar o Colégio Salesiano do Sagrado Coração, de Recife. Pe. Albanello assumiu interinamente a direção do Liceu Coração de Jesus até a nomeação definitiva do novo diretor, o Pe. Domingos Foligno, que já havia integrado o grupo dos fundadores do Colégio Salesiano de Santa Rosa, de Niterói ³.

Pe. Mário Forgione, na sessão histórica em que foram inaugurados os quadros dos ex-diretores do Liceu, em 1936, entre outras assim dizia ⁴:

Pe. Giordani foi o grande propulsor das primeiras horas, dos primeiros sacrifícios, das primeiras empresas, fundando o primeiro oratório festivo (...), organizando a primeira banda, a primeira escola de canto.

Foi enfim o iniciador de tudo o que, com o correr dos anos, se transformou no atual Liceu.

O Pe. Bernardino Monti também foi substituído. Eis como narra o Pe. Marcigaglia ⁵:

Também o prefeito, Pe. Bernardino Monti, foi substituído pelo Pe. Frederico Gioia. Contou-me este, mais duma vez, em que circunstâncias fora enviado a São Paulo por D. Lasagna.

Padre novo, estava em Montevidéu "posto em sossego", quando, um dia, lhe disse D. Lasagna "ex-abrupto", naquele seu estilo característico:

"Gioia, vieni qua. Tu andrai a São Paolo e sarai prefetto. Là c'è um direttore cieco (dizendo isto, tapava os olhos com as mãos) e um prefetto Giuda. Troverai in prefettura um soldatacio che t'aiuta".

O Pe. Gioia embarcou logo, sozinho. Por um desencontro qualquer, ninguém o esperava no porto de Santos. Desembarcou com muito medo da febre amarela, que era endêmica em Santos. Trocou uma libra esterlina e lhe deram um monte de notas de 500 réis, aquelas notas antigas com a effigie do Marechal Floriano.

— Quanto dinheiro! (pensou ele com seus botões). Por pouco que valham estes "réis", sempre são quinhentos...

Deu solenemente uma nota ao carregador e esperou o troco. O homem fez uma cara feia e agressiva, como se quisesse comê-lo vivo e berrou-lhe nas bochechas:

— que é que o Sr. está pensando?!

O Pe. Gioia, que era um homem pacífico e tinha verdadeiro pavor às brigas e discussões, entregou o seu rico maço de notas a um bom senhor que estava perto para que se entendesse com aquele carregador mata-mouros, em cujas mãos ficaram quase todas aquelas notas de 500 réis... Felizmente nessa hora apareceu a pessoa encarregada de recebê-lo e levá-lo a São Paulo.

O Pe. Gioia foi um bom prefeito do Liceu e mais tarde um bom diretor da casa de Noviciado. No fim de sua longa vida, ainda se lembrava da carranca e das palavras daquele bruta-montes: “O que é que o Sr. está pensando?”.

Pe. Faustino Bellotti que foi contemporâneo assim observava:

Na realidade, eles não mereciam tratamento tão enérgico. O Pe. Bernardino Monti era um homem muito zeloso e muito reto embora enérgico. E o Pe. Giordani era de uma bondade imensa. Mas as mudanças se fizeram do mesmo modo⁶.

Ao findar o primeiro decênio, o Liceu Coração de Jesus estava com o seguinte quadro de pessoal salesiano: sete sacerdotes capitulares, catorze salesianos professores (dois padres, oito clérigos e quatro coadjutores). Havia mais sete noviços coadjutores e quarenta e dois aspirantes à vida salesiana. Era a maior casa de formação dos salesianos no Brasil.

Pe. Marcigaglia asseverava que era “uma turma de muito valor, porque os ‘conhecera’ a todos naquele momento do Liceu antigo”⁷.

Ao chegar ao Liceu, o Pe. Foglino sentiu o afeto e a admiração de que gozava o Pe. Giordano e a sua grande atividade no Liceu. Disse-lhe então: “Eu já estou acostumado em Paisandu, e estou vendo o bem que o senhor está fazendo aqui. Diga uma só palavra e eu escreverei ao Pe. Lasagna e o senhor continuará aqui”. O Pe. Giordano respondeu com decisão: “Non la dico!”.

O novo diretor era homem de grande cultura, também grande orador, apesar de voz muito fraca. Ao assumir o cargo, tratou de pagar logo as dívidas. Trabalhou intensamente e conseguiu arrecadar 25 contos. O Conde Prates, ao tomar conhecimento da grave situação financeira do Liceu, doou 80 contos para saldar todas as dívidas⁸.

O Liceu vinha mantendo o Curso Ginásial desde os primeiros anos, embora limitado aos três primeiros anos secundários. Em 1894, já apresentava alunos aos exames parcelados. Era então célebre o grupo dos “latinistas”, de onde saíram muitos que honraram a magistratura, o clero, como D. José Aguirre, D. Joaquim Domingues Belleza, Côn. Felisberto Marcondes Pedrosa etc. Infelizmente a secretaria não dispõe de dados escolares dos alunos do século passado.

Morte de D. Lino, pai dos salesianos de São Paulo

“Como se vê” — escrevia Pe. Marcigaglia ao tratar dessas mudanças de pessoal — “muita coisa mudou no Liceu em 1894”. A maior mudança, porém, foi a do bispo diocesano, considerado pelos primeiros salesianos como verdadeiro pai e benfeitor. Faleceu santamente em Aparecida, no dia 19 de agosto de 1894.

Foi D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho quem chamou os salesianos a São Paulo, quem incrementou a construção do santuário e do Liceu, fazendo doação de tudo aos salesianos, quem os chamou a Lorena (1890), entregando-lhes a igreja de S. Benedito. Tencionava até entregar-lhes o Santuário de Aparecida, tendo até feito proposta ao Pe. Lasagna...

Era natural que D. Lasagna desejasse celebrar em São Paulo solenes exéquias com assistência pontifical. Mandou fazer uma grande essa, encomendou boa música, distribuiu os diversos ofícios do pontifical. Mas não pôde participar da cerimônia litúrgica. Não o permitiu o novo bispo, D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, que já era coadjutor com direito à sucessão e que governou a diocese de São Paulo até agosto de 1897, sendo transferido para o Rio de Janeiro. Havia sérios contratempos entre D. Joaquim Arcoverde e D. Lasagna...

Os salesianos, porém, foram gratos a D. Lino, colocando seu busto, em 1915, ao lado de Dom Bosco no átrio do Santuário do Coração de Jesus, ligando assim perenemente seu nome à obra salesiana do Brasil⁹.

O reconhecimento público da obra salesiana

O prestígio dos salesianos no Brasil e, em particular no Estado de São Paulo, já extravasara as fronteiras. Demonstra-o a revista *La Civiltà Cattolica* (1895) em um artigo intitulado “A operosidade dos salesianos no Brasil”, em que o articulista tecia elevados elogios sobre a obra salesiana em São Paulo, ou seja, “a obra do Liceu Salesiano de Artes e Ofícios”¹⁰.

O autor ficou impressionado com a disciplina e a dedicação dos meninos aos estudos e trabalhos e com a atividade “inacreditável” dos padres que se multiplicavam para “atender ao mesmo tempo às necessidades do colégio e aos ministérios da Igreja”.

Sobre as escolas profissionais e a música dizia:

As várias oficinas e a tipografia levada à última perfeição oferecem um espetáculo novo e que parece impossível efetuar com meninos dos 10 aos 18 anos de idade.

A música vocal e instrumental é também cultivada e com tão feliz êxito que a banda de música do Liceu Salesiano é considerada a melhor de São Paulo. A igreja é verdadeiramente digna da Congregação Salesiana e da Capital de São Paulo.

No mesmo ano, em 31 de dezembro, aparecia no jornal *A Plattea* uma crítica virulenta contra as pregações dos padres salesianos¹¹. O artigo atingia diretamente o bispo diocesano, que tinha dificuldades com os salesianos e ainda mais o autor da pregação, o Pe. Domingos Albanello, que além de prefeito do Liceu, era o encarregado do Santuário do Coração de Jesus.

Segundo um contemporâneo, o Pe. Faustino Bellotti, esse artigo “não tinha razão de ser, pois ele pregava muito bem e era muito apreciado”. Entretanto, o efeito foi imediato. Os salesianos estrangeiros procuraram cuidar da linguagem e não poucos deles se tornaram exímios escritores e grandes pregadores¹².

As críticas, contudo, mesmo que tivessem fundamento, não afetavam a eficácia do trabalho desenvolvido pelos salesianos. O próprio Presidente da República, Prudente de Moraes, paulista, conhecedor do Liceu Coração de Jesus, em carta a D. Lasagna, já reconhecia os benefícios por eles prestados¹³:

Os Institutos ou Liceus de Artes e Ofícios fundados pelos salesianos prestam insignes serviços à sociedade, educando os filhos das classes pobres e armando-os para as batalhas da vida transformando-os em cidadãos úteis à pátria como são os educandos na escola do trabalho, que é uma das mais importantes virtudes civis.

Neste ano, o Liceu criou o Curso Comercial.

Gratas recordações de um ex-aluno

As *Crônicas do Liceu* conservam a documentação relativa a dois acontecimentos do ano de 1895: A festa do diretor realizada no dia 29 de setembro e os funerais de D. Lasagna, no dia 6 de novembro.

O primeiro apresenta-nos o clima de família e de amizade vivido no estabelecimento e que deixava sinais indeléveis na lembrança dos antigos alunos. Um ex-aluno que se assinava com as iniciais C.O.S. publicou um artigo descrevendo a festa, do qual extraímos alguns tópicos¹⁴:

Imponentes e perfeitamente realizadas conforme o programa impresso foram os festejos e as funções que em homenagem ao R.P. Miguel Foglino, o extremoso e mui amado diretor do Liceu de Artes e Ofícios do S. Coração, (...) tão sabiamente por ele dirigido.

Não é um elogio que pretendemos tecer, mas sim e exclusivamente um desafoço e uma enchente de gratas recordações e de impressões ternas que despertou em nosso espírito aquela solenidade, além de que ao descrever estas linhas parecemos tornar a gozar as delícias de nossa vida colegial, daqueles anos felizes que entre as carícias de amados superiores, e as alegrias de pobres mas sinceros colegas, desfrutamos no abençoado Liceu do Sagrado Coração.

E prosseguia emocionado narrando a academia do dia, precedendo-a salvas de ruidosos rojões e bombas no início da festa; o salão que serviu de platéia, ricamente ornamentado por seus colegas ex-alunos na maior parte empregados no comércio, repartições públicas ou oficinas de São Paulo (salão das oficinas de marcenaria, alfaiataria, sapataria, fundição de tipos e gravadores); a presença das famílias mais distintas da cidade e numerosos benfeitores, como Mons. Camilo Passalacqua, Desembargador Aurliano Coutinho, Drs. Porfírio de Aguiar, Meirelles, Villaça, Luiz Gonzaga da Silva Lemos, dois padres jesuítas e demais pessoas gradas.

Ao falar da missa solene executada pelos cantores afirmava que "aqueles meninos em número de cento e vinte executaram com maravilha e geral contentamento a grandiosa missa de S.^{ta} Cecília do M.^o D. Cagliero, parecendo-lhe mais esplêndida do que quando a ouviu em 1891, na festa de S. Pedro e S. Paulo, na Capital".

Não menos atenção mereceu certamente a rifa dos alunos e a iluminação à noite. Cena curiosa e bem singular a de ver-se 300 alunos internos e mais de 150 externos ocupados a correr por entre a multidão de visitadores e benfeitores, a trocar *bilhetes-va-les* por livros, estampas, lápis, imagens, tinteiros, cadernos, doces, balas, pastéis, gasosas e bebidas doces e inócuas, a convidar-se mutuamente a ofertar a seus superiores e a seus mestres os objetos trocados, a discutir, a comparar, a elogiar, a acender lanternas, a suspendê-las em fios, a queimar fogos de bengala, a soltar balões, a dar vivas a seu amado diretor e finalmente todos numa alegria, certamente tão espontânea e natural como nunca vimos igual em tão grande número de pessoas.

E falando das Escolas Profissionais acrescentava:

Ao terminar estas linhas não podemos calar a agradável impressão que nos causou a exposição dos trabalhos executados pelos alunos oficiais e aprendizes de desenho do Liceu, bem como o progresso que está fazendo a tipografia do estabelecimento com a sua fundição de tipos anexa. Esses trabalhos são certamente o melhor elogio que se possa fazer dessa escola profissional que não só cuida em dar a seus alunos a educação moral mas ainda proporcionar-lhes os conhecimentos literários, profissionais e artísticos necessários para a vida na sociedade.

E terminava com um apelo em favor do estabelecimento:

Se com o que fica expendido pudermos conseguir provar com os fatos o grande proveito da instrução literária e profissional acompanhada pela religião e chamar ao mesmo tempo a atenção de pessoas benfeitoras para essa casa que não existe agora senão pela oitava parte do plano estabelecido e que podendo ser um monumento da caridade paulista luta com constantes dificuldades financeiras, para a sua conservação, poderemos considerar bem recompensado este nosso pequeno trabalho.

Uma grande perda

Começava o Liceu a retomar sua marcha normal com o novo diretor e a refazer-se da grande perda do seu alto protetor, D. Lino, quando uma nova desgraça veio ferir desta vez toda a obra salesiana no Brasil: a morte imprevista de D. Luiz Lasagna no desastre ferroviário de Juiz de Fora, a 6 de novembro de 1895.

Havia D. Lasagna determinado para este ano a expansão da obra salesiana na parte oriental do Brasil. Com esta finalidade trouxera do Uruguai, em agosto, dez pessoas entre Salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora. Era uma parte do pessoal destinado para a Escola Agrícola de Cachoeira do Campo, Minas Gerais, e para os educandários femininos de Ouro Preto e Ponte Nova, que ele pretendia fundar.

Após uma longa e penosa viagem, a 25 de agosto, o “Desterro” atracou em Santos e, no dia seguinte, os missionários eram recebidos festivamente no Liceu.

Pe. Marcigaglia descreve as homenagens que lhes fora feitas ¹⁵:

Lembro-me perfeitamente. Eu era aluno interno do Liceu. Foi nas arcadas da portaria: O estrado do bispo estava armado no ângulo dos dois lances do pórtico.

Houve banda, cantos, discursos em várias línguas. O nosso colega Moisés Assad Jajá fez um discurso em árabe. Disse-lhe o bispo gracejando: “Sabes, Moisés? Entendi tudo”.

O Liceu tornou-se então o quartel-general de D. Lasagna. De lá partia para Lorena, para o Rio, para Guaratinguetá, ou onde quer que o chamasse o bem das almas. Terminada a missão, retornava a São Paulo. Pensava já em tornar o Liceu a Casa Inspetorial?

Em outubro, D. Lasagna trabalhou intensamente no Rio de Janeiro para que se celebrassem solenes festas a Cristóvão Colombo, por ocasião do IV Centenário da descoberta da América.

Veio depois a Guaratinguetá, onde pregou uma missão em reparação de um grave escândalo ocorrido na cidade.

Finalmente, a 4 de novembro, partia com um grupo de salesianos e de Filhas de Maria Auxiliadora para Cachoeira do Campo. No dia 6, na altura da estaçãozinha de Mariano Procópio, perto de Juiz de Fora, era vítima de um desastre ferroviário.

O *Commercio de S. Paulo* comentando os funerais declarava ¹⁶:

É-nos grato declará-lo: esses funerais corresponderam à grandeza da perda incalculável, nunca assaz chorada das vítimas do dia 6, e à afeição que o povo paulista lhes consagrava e ao amor particularíssimo que o Sr. D. Lasagna tributava, com razão, ao Liceu do Sagrado Coração, fundação sua e que com tanta satisfação via coadjuvada com a cooperação de tantas almas generosas deste Estado.

A morte de D. Lasagna trouxe modificações profundas no governo das casas do Brasil, até então formando a inspetoria conjunta do Uruguai e do Brasil, cuja sede estava em Montevidéu, no Colégio Pio IX, por ele fundado em 1877.

Com o desaparecimento do grande salesiano, foi criada a Inspeção Brasileira de N. S.^a Auxiliadora. Foi nomeado como inspetor (provincial), o Pe. Carlos Peretto, diretor do Colégio S. Joaquim de Lorena, que passou a ser casa inspetorial. Naturalmente, D. Lasagna deixou um grande vazio, especialmente numa fase em que a sua direção e orientação era sumamente necessária. É o que afirmava o Pe. Marcigaglia ¹⁷:

A inesperada e trágica morte de D. Lasagna causou, como era natural, o mais profundo abalo nas casas salesianas do Brasil. Houve uma espécie de síncope na vida dos colégios, que só com o tempo retomaram, aos poucos, seu ritmo normal.

Um fato, porém, veio dar novo alento aos salesianos: a consoladora visita de D. Cagliero às casas salesianas do Brasil, visita esta que se prolongou por bem quatro meses.

Saiu de Montevidéu no dia 4 de agosto de 1896 e chegava ao porto de Santos onde era esperado pelo Pe. Carlos Peretto e Pe. Miguel Foglino. No dia 16 embarcaram para São Paulo, onde se realizaram oito dias de festas soleníssimas tanto no Liceu do Coração de Jesus como na cidade, "porque todos os cidadãos quiseram demonstrar o afeto que nutrem para com os filhos de Dom Bosco". A essas palavras, Pe. João Crippa, seu secretário, acrescentava ¹⁸:

Todas as autoridades civis e eclesiásticas quiseram obsequiar os Sr. Bispo, o qual ficou imensamente consolado ao ver o grande bem que, graças a Maria Auxiliadora, realizam nossos irmãos naquela cidade.

Prometi ser breve e portanto não falo nem da banda musical nem dos arcos triunfais, nem das academias nem de tantas outras coisas que é mais fácil imaginar do que descrever.

A padaria do Liceu

A grande novidade, em março de 1898, foi a montagem de uma ótima padaria para o estabelecimento a fim de satisfazer às necessidades de sua numerosa clientela estudantil.

O fato despertou até a atenção da imprensa. *La Tribuna Italiana* o classificou como de “massima perfezione del genere” e teceu considerações sobre suas vantagens¹⁹.

O Dr. Alfredo Moreira Pinto, escrevendo no *Correio Paulistano*, elogiava a nova aquisição:

Despertou minha atenção uma padaria do sistema Baker, a mais perfeita no gênero que conheço.

Possui um forno cozimento-contínuo, com registro e regulador de calor, pirômetro, injetor de calor, uma masseira movida a vapor e mais aparelhos para preparar a massa.

O representante do Papa no Liceu

A *Pequena Revista Catholica* narra, em 24 de maio de 1898, a “brilhante e ao mesmo tempo cordialíssima” recepção feita pelos alunos, salesianos e Santuário do Coração de Jesus a D. José Macchi, Internúncio Apostólico no Brasil.

Ficou “sensivelmente surpreendido” ao ingressar “no interior do Liceu, pelo desfilar de 300 meninos asseados, em perfeita ordem e reverência e todos fardados à marinheira”.

Aos “clamorosos e entusiásticos aplausos juntou-se à robusta e afinada banda” do estabelecimento “com uma bem executada marcha pontifícia”. Após as várias saudações intercaladas com outras peças da banda exprimindo a S. Ex.^a os “sentimentos de amor, reverência e reconhecimento ao representante do Pai da Cristandade — do Vigário de Jesus Cristo na terra”, veio o agradecimento do Internúncio que estava colocado em um “improvisado trono a espaldar, enfeitado de troféus e bandeiras, sobresaindo-se a do Santo Padre e a Nacional”.

Entre outras, dizia D. José Macchi:

Sim (...), cumpre-me que me desobrigue da dupla dívida que a vós me prende; primeira a de trazer-vos as saudações de outros meninos (mais de 200) que, numa casa idêntica a esta, em Lima, no Peru, devido ao zelo dos filhos de Dom Bosco, recebeu essa

mesma educação e ensino que aqui vos são dispensados com tanto carinho e amor.

Depois, ó bons meninos, já que vos vejo dispostos em tanta ordem e limpinhos no exterior, figura certamente da mesma candura e inocência de vossas almas, permiti vos diga ainda com a mesma solenidade com que me haveis recebido, que esta recepção me confirma mais uma vez no acatamento o amor dos salesianos e seus alunos ao Santo Padre e àquele que tem a honra de representá-lo, e também na consideração em que tenho os filhos de Dom Bosco, desse homem prodigioso que já encheu de si o mundo, para bem de tantos e tantos meninos da classe a mais necessitada e abandonada...

Oh! sim, que me dera que *esta casa em vez de 300 meninos pudesse abrigar 3.000*, que me dera *100 casas desta surgissem neste vosso ubertoso país...* talvez raiara para ele a aurora de uma era nova de paz e felicidades!... (grifos nossos).

Essas palavras impressionaram vivamente a todos. O Inter-núncio, porém, não ficou apenas em elogios. Após “uma visita geral e detalhada às diferentes repartições do Liceu e às diversas seções das Escolas Profissionais” e tendo apreciado muito os trabalhos dos jovens aprendizes, retirou-se “não sem deixar uma esmola”...²⁰.

Nesse mesmo mês, no dia 21, visitaram o Liceu o Cav. Ludovico Gioia, cônsul da Itália e esposa, sendo também festivamente recebidos.

Mensagem ao “Congresso do Estado” em prol do Liceu

No dia 22 de maio de 1898, num artigo em que anunciava a festa de N. S.^a Auxiliadora, alguém suspirava²¹:

Quem nos dera que o *Santuário do S. Coração* com o *anexo Liceu e as Escolas Profissionais* pudessem num futuro não muito afastado ostentar com as suas obras concluídas quanto pode a caridade e a generosidade brasileira! Não seria somente um benefício religioso e moral que resultaria dessas obras, mas um benefício social, pois cada 4 ou 5 anos poderíamos contar com centenas de artistas mais, de operários cristãos e hábeis ao trabalho útil e industrial, o maior elemento da felicidade, da grandeza e da honra de um povo — Oh! que esta ponderação cale nos corações de verdadeiros patriotas e veremos essa aspiração de todas as mais santa e inspiradora!

Dois dias depois, festa de Nossa Senhora Auxiliadora! Um grupo de pessoas da mais alta sociedade paulista dirigia uma mensagem “*Ao Congresso do Estado de São Paulo*” com o objetivo de chamar a atenção do Poder Legislativo paulista para a necessidade de dar ao Liceu Coração de Jesus o atendimento a que julgavam fazer jus graças aos benefícios que prestava à

infância pobre da capital e do Estado. Neste documento, o Liceu Coração de Jesus já aparecia com um plano bem definido e já era considerado “o principal núcleo de educação industrial-técnica do Estado de São Paulo”. Deve-se notar que já existia o Liceu de Artes e Ofícios, que apesar de mais antigo, ainda não apresentava um complexo de oficinas tão vasto como o Liceu Coração de Jesus.

O valor dos profissionais formados nas Escolas Profissionais do Liceu Coração de Jesus já era então conhecido. Os assinantes da mensagem lembravam aos deputados e senadores estaduais que não eram “somente benfeitores”, mas “também eram largamente beneficiados” pela educação moral e profissional ministrada aos meninos pobres, especialmente os abandonados e justificavam-se: “Eles teriam que viver à nossa custa a todo transe, ou como elementos perigosos soltos nas praças públicas e entregando-se ao latrocínio, ou como elementos perniciosos recolhidos às cadeias, e sustentados com o produto de nossos impostos”.

Propunham uma subvenção de 70 a 100 contos anuais para as despesas e um parco auxílio para a continuação das obras. O Liceu estava então com apenas a quarta parte do plano geral construída ²².

A proposta em discussão

Em junho o Conde José Vicente de Azevedo tomava a defesa dos interesses do Liceu na Câmara de São Paulo. *O Estado de S. Paulo* publicou, em 31 de junho, a proposta por ele feita. Combatia o conde as objeções levantadas, dizendo que todas as coletas sem destino eram empregadas para cobrir as despesas com os meninos pobres e acrescentava ²³:

Referindo-se ao ensino profissional, que se diz proporcionar vendas ao Liceu, demonstra que, ao contrário, as oficinas salesianas pesam e bastante nos gastos daquela casa.

Depois de desenvolver minuciosamente esses pontos de sua argumentação e salientar os serviços daquela casa de caridade, o orador diz esperar da comissão de fazenda, senão a concessão “in totum” da verba pedida, ao menos uma parte dela, além da subvenção que anualmente é consignada nos orçamentos.

Todavia no projeto de orçamento para o Estado de São Paulo, no ano financeiro de 1899, verificou-se uma diminuição da receita.

Não só não foi concedida a subvenção pedida para o Liceu Coração de Jesus, mas até lhe foi supressa a pequena verba anual que recebia.

Tudo sob o título de economia. Mas esta economia foi feita apenas negando subvenções a instituições de caridade e de beneficência, e não em setores onde sem dúvida a economia teria sido utilíssima.

Por sua vez, o Dr. Manuel Antônio Duarte de Azevedo, que encabeçava a lista de assinantes da referida mensagem do Congresso do Estado, entrava na liça criticando, numa série de artigos, o projeto de orçamento do Estado e demonstrando quão pouco havia correspondido apesar de sua exuberância: a capital continuava infestada de varíola; as cidades do interior assoladas pela febre amarela; a capital não policiada e a segurança individual em perigo, chegando a gatunagem a ousadia de invadir as próprias residências das autoridades policiais!

Parecia até que o critério de despesas tinha por base a vontade de gastar mais ou menos, muito ou pouco. Mostrava a incoerência da comissão de orçamento que suprimia, sob pretexto de fazer economia, pequenas subvenções até então distribuídas a estabelecimentos de caridade e de educação, que a própria comissão dizia “que prestavam os mais relevantes serviços”.

E se referindo ao Liceu, exclamava ²⁴:

Até mesmo a minguada verba de 24:000\$000 anuais, que recebia o *Liceu Salesiano da Capital, o mais importante*, senão o maior estabelecimento de educação profissional do Estado, onde se educam 300 meninos, dos quais 130 gratuitamente, em cujo favor grande número de cidadãos dirigiram uma representação ao Congresso, até mesmo a minguada verba do Liceu Salesiano é suprimida! (grifos nossos).

E continuava com veemência:

A política tem entranhas. O governo, além de justo deve ser bom; *deve ter coração. Governar é proteger*; o governo é uma espécie de providência. Arrancar pois ao pobre a possibilidade de ser tratado quando enfermo, ou de viver asilado quando inválido para o trabalho, pelo desamparo em quase todos os hospitais, lazaretos e asilos, *é mais do que uma injustiça, é uma crueldade* (grifos nossos).

E o que dizer da antipatia revelada contra os estabelecimentos de educação, sobretudo de educação profissional, únicos institutos em que a infância desvalida pode encontrar meios de instrução e de trabalho para a vida futura?

Pretende por ventura o congresso legislativo entregar à sua sorte os filhos da pobreza?

Tal procedimento não seria próprio do nosso tempo, e menos dos legisladores de São Paulo.

Vê-se que a “antipatia” à educação é um mal crônico de nossas autoridades governamentais!...

A propósito, o Conselheiro Manuel Duarte fizera parte do Gabinete Rio Branco em 1871 e um dos que assinara a condenação dos dois bispos na famosa “questão religiosa”.

De uma feita, conversando com Pe. Foglino, dizia-lhe que para ele não haveria mais perdão, pelo grande pecado cometido. “Excelência” — respondeu o Pe. Foglino — “o Evangelho de domingo fala da misericórdia divina. Vossa Excelência venha à Igreja e eu lhe apresentarei os motivos pelos quais deve ainda ter confiança em Deus.”

Dáí em diante, o conselheiro conservou-se amicíssimo dos salesianos, sendo um dos valiosos colaboradores da *Santa Cruz*, e participante da vida íntima do Liceu²⁵.

A crítica feita por Dr. Manuel A. Duarte de Azevedo teve repercussão imediata. Por intermédio do Dr. José Vicente de Azevedo, o projeto sofreu nova redação e o Liceu teve sua verba aumentada para cento e vinte contos de réis, que na época representava uma quantia muito elevada²⁶.

A redação do projeto n.º 94, de 1898, publicada em *O Estado de S. Paulo*, no dia 6 de agosto, que determinava a receita e fixava a despesa para o ano financeiro de 1899, decretava para o Liceu Coração de Jesus a verba de trinta e seis contos, muito aquém da subvenção solicitada na mensagem acima²⁷.

O jornal *A Nação*, de 14 de setembro de 1898, num artigo intitulado “As misérias de São Paulo: Menores gatunos — Liceu Salesiano”, tratava do problema que ainda hoje angustia não só São Paulo como o Brasil inteiro.

O autor lamentava o fato de que a representação dirigida ao Congresso do Estado, contendo 75 assinaturas de pessoas gradadas da sociedade visando aumentar o auxílio anual concedido pelo Estado ao Liceu, foi distribuída aos deputados que não se dignaram emitir opinião, porque, afirmava “não conhecem os nossos *pais do Estado*, o estado deplorável em que vivemos (...), degenerado como acha-se a infância de São Paulo”.

Após sintetizar o conteúdo da representação, fazia as seguintes considerações:

O governo tem pleno conhecimento dos importantíssimos serviços que o Liceu dos Salesianos presta e pode prestar à infância desvalida de São Paulo.

Dáí a facilidade que achamos para a salvação e regeneração dos menores viciados de São Paulo, cujo futuro, ao invés de encerrar-se no cárcere e no sangue, pode ser o trabalho e do bem, desde que o governo paulista, esquecendo por momentos as intrigas da política que tanto infelicitam, abra os seus braços, auxiliando, como é necessário, os esforços generosos dos salesianos, amparando os seus incansáveis atos de dedicação e interesse à causa da infância paulista.

E o que não convém é esperar. O assunto requer urgência; a correção aos menores não admite tréguas, porque cada dia que

passa, é mais uma escada do vício por eles subida, é mais uma letra de perdição por eles compreendida.

Subvencione-se com uma justa causa o Liceu de Artes e Ofícios e entregue-se aos salesianos a salvação dos menores viciados de São Paulo.

Após repetir as palavras do Desembargador A. Coutinho citado na representação (mensagem), continuava:

São Paulo tem gasto considerável somas com o saneamento da Capital e introdução de imigrantes, lavradores e artistas.

Pois bem: ao invés de uma cidade rigorosamente saneada, preferimos que o governo lhe saneie a moral, expurge do vício os miseráveis de São Paulo; ao invés de introduzir imigrantes, artistas, arranque do vício e da vagabundagem esses dois mil menores que perigosamente andam pelas ruas; corrompendo-se cada vez mais, meta-lhes nas mãos o livro e a ferramenta, *confie-os aos cuidados de homens de dedicação e resignação, como os salesianos e teremos resolvido o grande problema* da salvação da infância de São Paulo e de seu futuro (grifos nossos).

Abram-se os cofres públicos para a beneficência dos menores inválidos, porque a sua regeneração evita que, amanhã, todos os recursos da receita paulista sejam empregados na manutenção inútil de um exército de policiais, para um policiamento impossível.

Sejam previdentes: acima de todas as conveniências e economias, está a salvação pública, é uma medida que se impõe.

E concluía:

O auxílio pedido para o Liceu dos Salesianos não é conveniência, é uma necessidade pública, é uma medida que se impõe.

A 12 de outubro de 1898, o Liceu promoveu “uma passeata pelas ruas da cidade”, com o seu “exército de educandos” causando admiração à população paulistana. Assim, no dia seguinte, *A Nação* narra o acontecimento e dirigia um apelo, em nome da infância pobre e abandonada e em nome do nosso futuro e de nossos filhos, “pedindo um auxílio para o Liceu...”, “não só para o aumento do seu edifício, como também para a sua manutenção”²⁸.

Entretanto, a diretoria do estabelecimento fora elogiada por não ter comparecido a um espetáculo em próprio benefício, pois “o jogo da péla com venda de *poules*” era considerado “uma verdadeira praga social” na época²⁹.

Fechamento do Externato

As perdas acima referidas acarretaram conseqüências negativas no Liceu. No ano de 1895 houve a queda de 200 alunos (40%). O mais grave, porém, foi o fechamento do externato.

A falta do externato foi muito sentida e fizeram-se reiterados pedidos para sua reabertura. No ano de 1898, quando a situação já se normalizava, o problema da reabertura do externato veio à tona com mais veemência³⁰.

Um valioso donativo da Baronesa de Tatuí, em 1898, constava da importância de 50 contos, com três finalidades declaradas: aquisição de um órgão para o santuário; a construção e decoração de uma capela no santuário, dedicada a S. Joaquim; e o excedente seria destinado às obras em construção e à instrução dos meninos recolhidos no Liceu³¹.

Além da verba de 36 contos que recebia do Estado, o Liceu conseguiu outros auxílios.

O *Diário Oficial do Estado de S. Paulo*, n.º 61, de 16 de março de 1900, citava um ato de 13 de fevereiro de 1899, em que designava seis loterias ordinárias, das sessenta concedidas para diversos estabelecimentos, e duas extraordinárias em favor do Liceu Coração de Jesus.

Já o *Diário Oficial* n.º 154, de 13 de julho de 1901, com base no ato de 15 de março do ano anterior, designava oito loterias ordinárias, entre as setenta concedidas, e quatro extraordinárias em favor do Liceu.

Essas loterias, contudo, parecem ter sido criadas anteriormente, porquanto a sua concessão se baseava nos termos da Lei n.º 335, de 22 de julho e do Decreto n.º 311, de 20 de setembro de 1895, que concediam diversas loterias para os estabelecimentos de beneficência e instrução do Estado.

A Prefeitura Municipal de São Paulo, por sua vez, além de uma subvenção anual de quatro contos, para a manutenção de quatro alunos, havia dispensado dos impostos municipais, mostrando assim seu apoio, por considerar o Liceu Coração de Jesus uma instituição efetiva de beneficência pública³².

No ano de 1900, houve uma tentativa de suprimir a verba, sob o pretexto de que a Constituição Federal e a Estadual proibiam manterem os poderes públicos relações com a Igreja e ser leigo o ensino.

Interessante que o legislador já reconhecia o divórcio entre o Estado e a Nação, quando declarava: “Entretanto, a tolerância do povo, que é tão pronunciadamente católico, vai pouco a pouco enfraquecendo esse princípio com prejuízo da Constituição...”. A Nação assim vencia o Estado!...

Confessava, contudo, que não se opunha à liberdade das congregações religiosas na formação de institutos de ensino e reconhecia que muitos desses institutos prestavam serviços relevan-

tíssimos ao Estado, como, por exemplo, o Liceu Coração de Jesus, mas queria que a iniciativa particular auxiliasse essas instituições, que os católicos as protegessem, sem que fosse perturbado em absoluto o princípio constitucional (sic). Dizia, ao final de seu arrazoado: “É notório e público que os salesianos instituem colégios de propaganda”³³.

Parece todavia que esse deputado falou no vazio porquanto seus colegas não deram atenção aos seus argumentos nem viram atentado algum à Constituição.

Um grito: Incêndio!

As graves perdas dos anos precedentes, das quais o Liceu já se refizera no andamento de sua vida normal, juntou-se mais uma este ano, esta de ordem puramente material.

Um grito de alarme pôs em polvorosa alunos e professores do Liceu na noite de 23 para 24 de novembro de 1899. Por uma especial providência, um dos superiores acordou e, ao perceber o fogo que se levantava em altas labaredas, deu o alarme, evitando assim danos maiores.

O incêndio destruiu a sala da rouparia, com todos os armários, que continham a roupa branca do instituto, as roupas dos jovens e dos salesianos e os uniformes dos alunos, com um dano de vinte e cinco mil liras.

Embora mais de trezentos alunos estivessem abrigados no Liceu, deve-se especial proteção do Sagrado Coração não ter havido vítimas, pois o incêndio poderia ter destruído todo o edifício asfixiando os moradores. No corpo da frente do edifício estava localizada a biblioteca com seis mil volumes.

A causa do incêndio parece ter sido esta: no andar térreo encontrava-se a vasta cozinha, e exatamente sobre ela, no andar superior, a rouparia.

O tubo férreo da chaminé da cozinha atravessava o pavimento da rouparia. Correndo o fogo da parede para fora do teto. Tendo-se feito limpeza nesse tubo no dia precedente não se percebeu que a ação corrosiva da fuligem havia deixado alguns furos. Por aí teriam passado as faíscas que provocaram o incidente. Os bombeiros acorreram logo, circunscreveram o lugar do incêndio e domando-o após uma hora de fatigoso trabalho.

Resta observar que as paredes divisórias dos quartos dos salesianos são de capim seco, revestido de um traçado de tábuas e recoberta de massa. São antitérmicas e isolam do som e do barulho, muito leves, mas inflamáveis.

Louvido seja Deus, que além do pavor e dos danos materiais, não permitiu desgraça pessoal³⁴.

* * *

NOTAS

¹ LUZ, Nícia Vilela, *A luta pela industrialização no Brasil*, São Paulo, 1961, p. 43. *Apud* Cruz Costa, *Pequena História da República*, 3.ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1974. Cf. CARONE, Edgar, *A República Velha* (Instituições e classes sociais), 2.ª ed. aum., São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1972, p. 30, 82-84.

² BELZA, Juan Esteban, *op. cit.*, p. 213-215.

³ FONTOURA, Ezequias G. da, Cón., "Os Salesianos", in *Santa Cruz*, 3 (11), p. 417, ago. 1903.

⁴ FORGIONE, Mário, Pe., "Discurso do Pe. Mário Forgione, na Sessão Histórica, inaugurando os retratos dos ex-diretores do Liceu, in *Dom Bosco*, São Paulo, 1 (3), p. 84, jan. 1935.

⁵ MARCIGAGLIA, Luiz, Pe., *op. cit.*, p. 42-43. Pe. Faustino Bellotti acrescenta ainda um outro motivo para a mudança do Pe. Giordano: o fato de ir recebendo muitas ofertas de missas, acima das possibilidades. Faz ainda uma ressalva à versão do Pe. Marcigaglia quando diz: "Parece mesmo que o Pe. Lasagna não tinha dito — referindo-se ao diretor do Liceu — 'La c'è un direttore cieco' (...), mas sim 'La c'è un direttore sciocco'" Relação do Rev.º Sr. Pe. Faustino Bellotti sobre os primeiros tempos do Liceu, p. 3. Arquivo Histórico do Liceu Coração de Jesus.

⁶ BELLOTTI, Faustino, *loc. cit.*

⁷ MARCIGAGLIA, *op. cit.*, p. 42-43.

⁸ BELLOTTI, Faustino, *op. cit.*, p. 2.

⁹ MARCIGAGLIA, Luiz, Pe., *op. cit.*, p. 44.

¹⁰ "L'operosità dei Salesiani nel Brasile", in *Bollettino Salesiano*, 19 (4), p. 101-102, apr. 1895.

¹¹ A PLATEA, 31.12.1895, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 82.

¹² BELLOTTI, Faustino, *op. cit.*, p. 1 e 3.

¹³ "Brasile — Lettera del Presidente degli Stati Uniti del Brasile a sua Ecc. Mons. Lasagna Superiore dei Salesiani di quella Republica", in *Bollettino Salesiano*, 19 (10), p. 207, ott. 1895.

¹⁴ "Sympathica Solemnidade no Lyceu de Artes e Officios do S. Coração", *Diário Popular*, 01.10.1895, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 81.

¹⁵ MARCIGAGLIA, Luiz, Pe., *op. cit.*, p. 73-74.

¹⁶ "Funeral solemne", *Commercio de S. Paulo*, 27.11.1895, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 82.

¹⁷ MARCIGAGLIA, Luiz, Pe., *op. cit.*, p. 85.

¹⁸ "Consolante visita di Mons. Cagliero alle nostre Missioni Brasiliane", in *Bollettino Salesiano*, 21 (5), p. 118-120, mag. 1897.

¹⁹ "Forno modello", *La Tribuna Italiana*, 28/29.03.1898, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 73.

- ²⁰ "O Sr. Internúncio e os Salesianos", *Pequena Revista Catholica*, 24.04.1898, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 72.
- ²¹ *A Revista Catholica e A Nação*, 22.05.1898, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 74.
- ²² Ao Congresso do Estado de S. Paulo, S. Paulo, Escola Typ. Salesiana, 1898, Arquivo do Liceu Coração de Jesus.
- ²³ *O Estado de S. Paulo*, 31.06.1898, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus*, p. 70.
- ²⁴ AZEVEDO, Manuel Antônio Duarte de, "O projecto de orçamento", *Diário Popular*, 21.07.1898; 22.07.1898; 23.07.1898, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 49-50.
- ²⁵ BELLOTTI, Faustino, Pe., *op. cit.*, p. 4.
- ²⁶ *O Estado de S. Paulo*, 27.07.1898, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus*, p. 71.
- ²⁷ *O Estado de S. Paulo*, 06.08.1898, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus*, p. 69.
- ²⁸ "As Misérias de S. Paulo — A infância desvalida — O colégio dos Salesianos — Um apelo"; *A Nação*, 13.10.1898, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 72.
- ²⁹ *Commercio de S. Paulo*, 26.07.1898, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 73.
- ³⁰ *Santa Cruz*, 1 (12), contracapa, set. 1901; também *A Nação*, 16.12.1898, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 70.
- ³¹ "Importante donativo", *O Estado de S. Paulo*, 19.10.1898, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 73 e p. 70; *A Nação*, 16.12.1898.
- ³² *Correio Paulistano*, 18.07.1888, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 11.
- ³³ "Ordem do dia: Projecto da Câmara 69, de 1900", *Correio Paulistano*, 20.10.1900, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 70.
- ³⁴ "S. Paulo — Brasile: Incendio nel nostro Collegio del Sacro Cuore", in *Bollettino Salesiano*, 24 (2), p. 50, fev. 1900.

V

ALVO DE CONTRADIÇÃO

Por que atacar tão fora de propósito uma instituição humanitária como essa?

(Joaquim Feijó¹)

O Liceu Coração de Jesus, como instituição pertencente à Congregação Salesiana, carregava a característica fundamental de ser, em estilo salesiano, portador do amor de Deus aos jovens, especialmente aos mais pobres. Essa marca tinha sido o móvel que levou os vicentinos paulistas a solicitar a presença da ação salesiana em São Paulo.

Este sinal provocou a admiração do Pe. Júlio Maria, que achava ser a concepção salesiana de educação “a mais bela solução do problema social de nossa época”. No dia 12 de dezembro de 1898, o grande pregador, pronunciava na Igreja de S. Francisco de Paula, no Rio de Janeiro, uma conferência intitulada “Dom Bosco e o Pobre”, onde a certa altura falava²:

Dom Bosco entendeu o que é o pobre, reconstruiu o papel evangélico do pobre; fez com que o pobre reassumisse a sua dignidade na Igreja.

Sua obra transcendeu o aspecto social:

... foi a restauração na Igreja do plano de Deus, que a fundou sobre a pobreza, fazendo do pobre, não só o privilegiado de Deus, não só o hierarca do rico, mas o protetor do rico. Eis a grande obra teológica de Dom Bosco.

Dirigindo-se a Nossa Senhora, dizia:

Nós, os brasileiros, queremos que inspireis a imprensa, para que ela proclame em todas as regiões do Brasil Dom Bosco, não só um dos benfeitores da humanidade, um dos atletas da civilização universal, mas também um dos promotores da civilização brasileira, que do norte ao sul do Brasil já contempla frutos benéficos de sua obra.

Entretanto essa obra sofreu dura contestação no começo do século XX por parte da grande imprensa que foi usada numa tentativa de desmoralizá-la perante o povo e perante as autoridades governamentais. Os bons, porém, não se intimidaram e saíram em sua defesa como vamos ver a seguir.

Triunfos do Liceu nos inícios do século XX

Alfredo Moreira Pinto descrevendo suas impressões de viagem, assim se referia à Capital paulista³:

Seus principais edifícios são: Palácio do Governo, Secretaria do Interior e o Arquivo, (...) o Santuário do Sagrado Coração de Jesus na alameda Glette...

Tem importantes livrarias como a Garraux e Laemmert.

Possui ainda São Paulo importantes jornais diários tais como: o *Correio Paulistano*, o mais antigo, *O Estado de S. Paulo*, o *Commercio de São Paulo*, o *Diário Popular*, *A Platea*, a *Fanfulla* a *Tribuna Italiana*; além de outros.

Importantes estabelecimentos de ensino público e particulares, tais como a Escola de Farmácia, inaugurada em 11 de fevereiro de 1899, o Asilo de Orfãos de N. S.^a Auxiliadora, o Orfanato Cristóvão Colombo, o Instituto D. Anna Rosa, o Liceu do Sagrado Coração de Jesus, o Liceu de Artes e Ofícios, o Seminário das Educandas, o Ginásio, a Escola Modelo Caetano de Campos, anexa à Escola Normal, a Prudente de Moraes, na Luz, a Maria José no bairro da Bela Vista, uma no Braz e outra na rua do Carmo...

Apareciam na lista o Santuário do Coração de Jesus e Liceu, anexo. Explica-se que, por ocasião da solenidade da Comemoração do 4.º Centenário da Descoberta do Brasil, o bispo diocesano, D. Antônio Cândido de Alvarenga o tenha escolhido.

Ainda no ano de 1900, o destaque e o prêmio relativo do Quadro Histórico e Alegórico na Exposição Artístico-Industrial Fluminense, a bênção dos sinos, a fundação da revista *Santa Cruz*, e, em 1901, a inauguração do órgão e da estátua do Cristo Redentor, que serão detalhadamente tratados nos capítulos posteriores, e a visita do Pe. Paulo Albera.

Efetivamente, no dia 15 de julho de 1900, era recebido festivamente o catequista geral da Congregação Salesiana, o Pe. Paulo Albera. Dois insignes personagens, o Dr. Brasília Machado, professor de jurisprudência, chamado pelos alunos "senhor da palavra" e o senador e conselheiro Dr. Manuel Duarte de Azevedo, várias vezes titular do Ministério da Justiça, quiseram saudá-lo publicamente.

Em nome dos cooperadores salesianos, falou o Dr. Manuel Duarte, que deu testemunho da ação salesiana no Brasil e, espe-

cífica em São Paulo. A revista *Santa Cruz* publicou a síntese de seu discurso.

Recordou o orador o estado de indiferença religiosa em que se achava o espírito do povo brasileiro, prevalecendo a influência do racionalismo e das doutrinas jansenistas: “Os templos eram freqüentados, festas e procissões se faziam: mas falta o sentimento da vida cristã, que nasce do confessionário e desenvolve pela observância dos divinos mandamentos”. Mas já notava uma mudança:

Atualmente o movimento religioso é enorme e difundido por toda a parte; mas coincidiu com o estabelecimento das casas salesianas no Brasil, e nessa capital ainda o centro desse movimento é o Santuário do Coração de Jesus, onde se distribuem anualmente mais de 80.000 comunhões.

Aludindo à sua conversão, assim se expressava:

Foi aqui, foi aqui que depois de largos anos de existência pecaminosa, caí aos pés daquele que é a verdade, o caminho e a vida; aqui deixei as roupagens do homem velho e tomei o vestido nupcial da Igreja de Deus; o Santuário do Sagrado Coração ficou sendo o meu querido refúgio, o meu lar materno, onde eu tenho vivido em família entre irmãos, cada qual mais carinhoso e amigo.

Devo pois a esta casa o meu coração; ninguém pode amá-la mais do que eu.

Falando dos filhos de Dom Bosco como “missionários, porém de preferência educadores, sobretudo, dos meninos pobres”, referia-se às muitas dezenas de mestres de ofício já formados pelo Liceu, “obra de ensinamento popular”, que o tinha levado ao amor que consagrava à Congregação Salesiana. Por ela saudava o representante de Pe. Miguel Rua.

O Pe. Álbera, ao agradecer, profundamente comovido pela prova de distinção que acabava de receber, entre outras, disse que a manifestação que tinha assistido “era um novo triunfo a aumentar aos outros que desperta em toda a parte a obra assistencial dos filhos de Dom Bosco”.

Permaneceu Pe. Álbera dois dias e foi muito visitado, levando as melhores impressões dos alunos, dos professores e amigos e da banda musical do estabelecimento⁴.

Digno de nota foi a recepção triunfal do Pe. Lourenço Jordano, então superior das casas salesianas do Norte e Nordeste do Brasil, que viera a São Paulo tratar com o Pe. Álbera sobre questões importantes relativas às casas existentes e outras a serem fundadas. Nos Estados do Pará, Sergipe e Ceará, os respectivos presidentes de Estado e os bispos o pressionavam para obterem a cooperação dos salesianos.

A notícia de sua chegada, após sete anos de ausência, transmitida por telégrafo, duas horas antes, no dia 4 de agosto, foi suficiente para abalar todos os pontos da cidade à Estação do Norte, atraindo grande número de amigos. No Liceu foi alvo de cordial manifestação do pessoal e alunos, além de grande quantidade de ex-alunos, amigos e cooperadores salesianos⁵.

No dia 5 de setembro, Pe. Albera presidiu uma sessão da Guarda de Honra, ficando impressionado com o desenvolvimento da Associação⁶.

Logo após sua visita, houve a troca de diretores do Liceu.

Contava o Pe. Faustino Bellotti, que Pe. Albera, ao ouvir um elevado sermão do Pe. Foglino aos meninos, perguntou aos salesianos: “— Mas o vosso diretor fala sempre assim aos meninos?”. Ao receber resposta afirmativa, resolveu a mudança, que certamente já fora premeditada. Foi promovido a provincial na Venezuela, sendo substituído pelo Pe. José Zeppa⁷.

O Liceu era sempre notícia. Até o pão por ele fabricado parece ter despertado a atenção do público paulistano, provocando um artigo publicado no *Commercio de S. Paulo*, em que se considerava o pão melhor até que o vendido por alguns padeiros e o preço acessível ao povo.

O repórter acusava ainda os padeiros de irregularidades no peso do pão, o que representava prejuízo ao bolso do povo e lesão aos cofres da Prefeitura Municipal.

Até o jornal *A Cidade de Santos*, de 2 de novembro de 1901, apoiou a crítica feita pelo jornal paulistano⁸.

Boa oportunidade para os economistas fazerem um estudo sobre o valor da moeda, de seu poder aquisitivo em relação à moeda corrente de hoje!... Fica a sugestão.

A difícil situação financeira do Liceu

A revista *Santa Cruz*, em seus primeiros números, costumava dedicar uma de suas capas (parte interna) ao Liceu, apresentando o fim e os meios em que se apoiava o estabelecimento. Confiava sua direção “unicamente Naquele que pela mão do pobre costuma receber a esmola do rico”⁹.

As esmolas não faltavam. Mas o Liceu, desde seus inícios, vinha sofrendo grandes dificuldades econômicas, além da costumeira e lamentada carência de pessoal humano.

Parece entretanto que os últimos anos do século XIX e os primeiros do século XX assistiram a um agravamento, o que refletia também a difícil situação do País na época.

Essa situação não escapou ao conhecimento dos seus próprios ex-alunos, muitos dos quais prestavam serviços gratuitos auxiliando aos trabalhos e atividades do Liceu.

Um deles, em 1895, após recordar “as delícias da (...) vida colegial, daqueles anos felizes que entre as carícias de amados superiores e as alegrias de pobres mas sinceros colegas” desfrutara “no abençoado Liceu do S. Coração”, chamava a atenção para “as constantes dificuldades financeiras para a sua conservação”¹⁰.

Apesar desses apelos, a situação do estabelecimento continuava difícil. Em setembro de 1901, o Pe. Miguel Foglino, seu diretor, enviava para alguns amigos da instituição, agricultores do Estado, uma circular, publicada também na contracapa da revista *Santa Cruz*, implorando-lhes a ajuda de “uma saca de feijão, de café, ou outra coisa qualquer” que servisse “a mitigar a difícilíssima situação” da casa e das crianças nela recolhidas¹¹.

Pe. José Zeppa, seu sucessor, ao assumir o cargo, manifestou-se de atividade extraordinária. Procurou logo dar a maior publicidade possível ao Liceu. Tudo devia ser patenteado ao público, inclusive as coisas mais reservadas como, p. ex., as dívidas do estabelecimento.

Pressentia ele talvez a onda anticlerical que se formaria dentro em breve? De qualquer modo, sua posição e seu modo de agir foram de grande eficiência para superar a tempestade que se organizava contra os salesianos.

A fim de tornar conhecida diante da opinião pública a beneficência que fazia o Liceu, publicava em “Relação do Liceu do S. Coração”, em que apresentava o estado econômico da instituição e a soma dos benefícios feitos no ano de 1901, solicitando ao mesmo tempo a continuação do auxílio da parte dos amigos e aumento do número de benfeitores, “verdadeiros representantes da Providência Divina a favor da infância do pobre, pois é deles só que espera este Liceu”¹².

Apesar dessas dificuldades, o Pe. Zeppa, em 1902, “no intuito de acudir às necessidades palpitantes de instrução e educação cristãs”, abria, ou melhor, reabria o externato, admitindo alunos entre 9 e 16 anos. A programação seguia modelo das escolas primárias públicas. A mensalidade era de cinco a dez mil réis, sendo recebidos gratuitamente os meninos pobres¹³.

A situação financeira, porém, não melhorava. Pelo contrário, a despesa havia passado, em 1902, para oitenta e um contos e cento e vinte mil réis, enquanto a receita acusara a soma de setenta e dois contos (trinta e dois contos provenientes do Estado e quatro contos da Câmara Municipal). Os alunos atingiram a matrícula de 747, dos quais 240 órfãos gratuitos a cargo do esta-

belecimento. De 320 internos somente 87 contribuíam com uma pensão mensal de 20 a 40 mil réis.

Devido a essas dificuldades, eram recusados anualmente centenas de meninos de todas as categorias, uma vez que o limite de atendimento, que era de 700 vagas, já havia sido alcançado¹⁴.

Por sua vez a revista *Santa Cruz*, no mesmo ano, acusou também um *déficit* considerável, apesar da valiosa e desinteressada cooperação de seus colaboradores, da maior economia realizada em suas despesas e do auxílio de um benfeitor do Liceu que fornecera todo o papel. A administração da revista atribuiu como causa deste desequilíbrio o fato de muitos dos seus leitores não se terem lembrado de contribuir na medida de suas posses para o custeio da publicação.

Essa queixa, sob o título de “Uma ponderação *econômica*”, foi publicada na contracapa da revista nos números de janeiro e abril de 1903, fazendo notar que a contribuição anual (ou assinatura) de dez mil réis era indispensável para o custeio material da publicação, sendo o excedente empregado em benefício das obras e meninos do Liceu.

Em 17 de julho de 1902, o Liceu realizava uma passeata oficial pelas ruas da cidade, relatada e elogiada pelo jornal *O Commercio de S. Paulo*¹⁵.

De fato, esta manifestação não deixou de ser frutuosa: em agosto o Club Atlético promovia algumas partidas esportivas em benefício dos alunos da instituição.

Pe. Zeppa apressou-se em externar seu agradecimento e fê-lo através desta carta¹⁶:

Cumpro imperioso dever manifestando minha gratidão aos distintos membros do “Clube Atlético Paulistano” que promoveram os *matchs* de *foot-ball* tão brilhantemente executados na tarde de 10 do corrente em benefício do S. Coração de Jesus.

A tão generosos mancebos, aos seus ilustres companheiros das outras sociedades esportivas, e aos cavalheiros e senhoras que em grande número acudiram a essa festa de caridade, sendo em nome dos meninos pobres do Liceu, os mais sinceros agradecimentos.

São Paulo, 11 de agosto de 1902

O Diretor do Liceu

Pe. José Zeppa

Não bastava ao Pe. Zeppa visitar as agências de jornais e apresentar seus meninos ao público de São Paulo. Convidou os próprios diretores de jornais a que mandassem seus repórteres para ver *in loco* as atividades do Liceu.

Seu convite foi aceito. O *Correio Paulistano* publicou uma reportagem, destacando a seção de tipografia e sobretudo a de

marcenaria e carpintaria, onde os repórteres ficaram impressionados pelos “esplêndidos produtos de valor artístico”, como “guarda-louças, *étagées*, leitos, cadeiras, sofás e toda a mobília para a montagem de uma casa é fabricada com extraordinária perfeição nas oficinas do Liceu”. O articulista agradecia ao Pe. Zeppa a “maneira gentil porque” foram tratados e concluía dizendo: “Aquele sacerdote convida o público a visitar o Liceu, e pede-nos participar que se incumbe de qualquer serviço atinente às suas oficinas”¹⁷.

Na madrugada de 8 de setembro de 1902, o Liceu se enlutava com a morte do aluno Armando Palhares, filho de Pedro Palhares, da cidade de Itatiba.

O pai teve a consolação de assistir os últimos dias do filho, que morreu cercado de todo o carinho, numa edificante resignação, após ter recebido os últimos sacramentos.

O *Commercio de S. Paulo* publicou, no dia 10 de setembro, a carta do pai em que, agradecendo, tece elogios ao tratamento recebido por ele e por seu filho¹⁸.

Nesse ano de tanta publicidade salesiana, o nome do Liceu foi levado até o Senado paulista e com as referências mais elogiosas, quando da discussão de um novo projeto de lei para a criação de um instituto correcional para menores¹⁹.

O ano terminou com a solene premiação a 9 de dezembro, contando com a presença do Dr. Mário Bulcão, Diretor Geral da Instrução Pública do Estado, que ficou “muito bem impressionado” com o adiantamento e com o progresso desta casa de educação²⁰.

Esse progresso, contudo, exigia esforço contínuo. Os salesianos preocupavam-se em ter as suas máquinas em dia com as últimas perfeições da técnica.

Não bastava o maquinário, eram necessários os mestres. O Pe. Domingos Molfino, diretor técnico das oficinas do Liceu, fizera uma viagem à Europa para estudar e conhecer os melhoramentos do ensino profissional. A 12 de dezembro chegava, sendo recebido festivamente pelos amigos e irmãos salesianos²¹.

Assim se explica a acolhida entusiástica que teve a *Santa Cruz*, também por sua apresentação tipográfica.

O *Estandarte Católico*, do Norte, fazia-lhe a seguinte referência²²:

A revista *Santa Cruz*, cujos colaboradores são homens competentes em letras e doutrina, tem achado um acolhimento entusiástico no grêmio das pessoas cultas.

Pela matéria abundante, pelos argumentos escolhidos, nitidez de sua impressão, pelas ilustrações que a cada passo ornaram suas

páginas, podem classificá-la entre as principais revistas, que neste gênero se publicam na Europa.

Lisongeiro foi o elogio que o ilustre episcopado brasileiro fez, ao aparecer na tribuna da imprensa um lidador a mais que combatesse pela causa da Igreja.

Honrosa e animadora foi a bênção que S. S. Leão XIII se dignou mandar a direção e a seus numerosos colaboradores.

A revista Santa Cruz em campanha em prol da infância pobre

Em outubro de 1900, a pedido do diretor do Liceu, na época, o Pe. Miguel Foglino, “alguns valentes escritores e dedicados benfeitores, patriotas e amigos da instituição salesiana”, invocando a proteção de Nossa Senhora do Rosário, lançavam o primeiro número da revista *Santa Cruz*, sendo um dos seus fins (fim secundário), “promover e tornar conhecidas entre nós as obras do imortal Dom Bosco a favor da infância pobre e abandonada”²³.

A revista cresceu rapidamente e recebeu a aprovação de quase todos os bispos brasileiros e até uma bênção afetuosamente do Papa Leão XIII, através de seu diretor, Dr. Brasília Machado de Oliveira, além do apoio de numerosos publicistas e literatos. No seu segundo ano de atividades, já contava com 2.500 leitores.

O “Grupo de Amigos e Cooperadores Salesianos”, responsável pela revista mostrava-se aguerrido e cheio de brios, temendo apenas a ignorância e a inércia²⁴.

Não tínhamos tanto a hostilidade franca do adversário confesso da religião; recebíamos, porém, encontrar pelo caminho a indiferença que entibia e enfraquece os mais generosos esforços. A adversidade suscita a luta, reanima os brios, movimenta a ação: as forças que se despendem são supridas por outras forças que se redobram. Ao contrário, a inércia, o que não opõe resistência ativa, afasta-se e recua, cansando o combatente.

Grandes escritores ventilavam assuntos de letras, artes, pedagogia e principalmente religião. Atacavam o liberalismo, o protestantismo, o socialismo, o laicismo, a maçonaria e seus aliados, o casamento civil, o divórcio, o anticlericalismo, o evolucionismo, as perseguições movidas pelo governo francês da época contra a Igreja católica.

Procuravam divulgar as idéias e movimentos católicos videntes, defendiam os jesuítas, as congregações religiosas e o clero em geral, e, evidentemente, de maneira especial, divulgavam as obras salesianas. As capas e contracapas da revista traziam impressas propagandas das Escolas Profissionais Salesianas, da Livraria Salesiana, privilegiando, como era natural, as do Liceu

Coração de Jesus, um dos patrocinadores da revista e em cujas oficinas era impressa. Faziam, porém, questão de afirmar ser *nacional* o caráter principal da revista, reproduzindo gratuitamente em clichês, vistas, desenhos, esculturas, quadros etc. de artistas brasileiros ou que com eles trabalhavam sem excluir o que pudesse haver de interessante em outros países.

Quem lê a revista *Santa Cruz*, especialmente seus primeiros volumes, pode ficar surpreso ao verificar os reiterados apelos à caridade pública em favor dos meninos pobres do Liceu. Um "Comercial" ocupava uma página inteira de vários números do seu primeiro volume, apresentando o fim e os meios utilizados pelo Liceu, frisando assentar-se "exclusivamente sobre a caridade" e confiar "*unicamente naquele que pela mão do pobre costuma receber a esmola do rico*"²⁵.

Ditos alusivos à importância e valor da caridade e da esmola entremeiam as páginas da revista para despertar a atenção dos leitores sobre o problema, considerado angustiante, de tantos meninos abandonados e necessitados²⁶.

A impressão da revista *Santa Cruz* nas oficinas das Escolas Profissionais do Liceu ensejava a aprendizagem dos seus alunos, além de proporcionar uma arrecadação em seu benefício com a sua comercialização.

Na sala do diretor do Liceu existe um quadro, a óleo, datado de 1892, em que aparece a figura de um garoto pobre, sentado nos degraus de uma escadaria estendendo o chapéu à caridade pública. Este quadro é impresso freqüentemente na revista ora acompanhado por ditos referentes à caridade e/ou esmola, ora por um pedido de colaboração aos meninos pobres do Liceu, ora por uma poesia sugestiva capaz de comover o coração dos leitores²⁷.

O anticlericalismo francês contra os salesianos

É conhecida a história e a onda de anticlericalismo que dominou, no final do século XIX e inícios do século XX, a Alemanha, a Itália, e, especialmente, a França.

Nessa nação, a corrente anticlerical conseguiu no curso de poucos anos três grandes vitórias.

A campanha foi dirigida por dois ministros franceses: Waldek-Rousseau e Emílio Combes. Aquele, em 14 de novembro de 1900, apresentou à Câmara dos Deputados um projeto de lei, nominalmente sobre as Associações, mas na realidade contra as Corporações Religiosas. Tal projeto foi discutido em princípios

de janeiro de 1901, passando por várias fases ate conseguir a aprovação no dia 29 de março, sendo também aprovado pelo Senado a 23 de junho.

A lei iníqua que proibia a existência de qualquer ordem religiosa na França, sem a autorização do Estado, foi promulgada a 1.º de julho.

Em 1902, Waldek-Rousseau deixava o Ministério, sendo designado seu sucessor Emílio Combes. Este declarou-se logo abertamente inimigo das congregações e de suas obras, dividindo-as arbitrariamente em três categorias: congregações de ensino, de pregação e de comércio.

A 18 de março a Câmara negava o reconhecimento a 25 congregações de ensino, com 11.800 religiosos. No dia 24, negava a existência de 28 congregações de pregação, com 30.000 membros. Poucos dias após, a *Grande Cartucha* era taxada de comerciante.

Os salesianos tinham na França, em 1900, 22 casas e as Filhas de Maria Auxiliadora, seis. O duplo elenco dessas casas figurava numa relação oficial sobre "Ensino Industrial e Comercial nas Livres Instituições Católicas", compilado por ocasião da Exposição Universal do mesmo ano, contendo 44 páginas dedicadas às obras salesianas.

Em base a essa relação tinham sido conferidas aos salesianos da França duas honorificências: uma medalha de ouro por todo o conjunto de suas obras e uma de prata ao "Patronage" parisiense de Menilmontant.

Os salesianos estavam preparando seu Jubileu de Prata, quando eclodiu a perseguição religiosa. Tentaram ainda obter o reconhecimento oficial do governo. Mas esse lhe foi negado pelo Senado por 158 votos contra 100.

Em novembro de 1902, no Congresso Maçônico realizado em Genebra, foi apresentada uma série de resoluções contra a religião, destacando-se as seguintes ²²:

— Proibir que o ensino das crianças se inspire em outros que não seja os supremos princípios da razão e da liberdade;

— Proibir absolutamente a ministros de qualquer culto, não só a instrução religiosa às crianças, mas dar-lhes entradas nos templos;

— Noticiar aos periódicos nacionais e estrangeiros os pontos de doutrina que, a cada oportunidade, se tratarão e as campanhas que aí se não de ferir; passar as mesmas instruções aos deputados de todos os parlamentos, para que as interpelações, em todo o orbe, coincidam com os clamores do jornalismo.

A situação assim se agravava.

A 2 de janeiro de 1903, o *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, anunciava ao público brasileiro a seguinte informação do seu correspondente de Paris, datada de 13. 12. 1902, sob o título de “As Congregações Religiosas em França”:

Quanto aos salesianos de Dom Bosco o governo propôs a sua exclusão.

Na exposição de motivos o ministro dos cultos lembra a origem dessa congregação.

Em maio de 1878 um religioso estrangeiro, Dom Bosco, precedido duma lenda maravilhosa, espalhada por uma imprensa sua devota, chegou a Paris.

Curava com a simples palavra os doentes e até os moribundos, lia nas consciências, predizia o futuro e via... a grandes distâncias.

Toda essa taumaturgia, habilmente explorada até nas igrejas de Paris, não tardou a dar seus frutos.

Em 1883, foi criado o primeiro estabelecimento em Pais, rue de Retrait n.º 29.

Quinze anos mais tarde, vinte e três outros estabelecimentos estavam em plena atividade e um vigésimo quinto está sendo organizado em Popey, perto de Barle-Duc.

Examinando-se as listas do pessoal vê-se que por toda a parte o elemento estrangeiro (italiano, belga, espanhol, alemão e suíço) está misturado com o elemento francês em proporções consideráveis.

Os salesianos foram — dizem eles! — uma associação essencialmente filantrópica, livre de qualquer idéia de lucro. O seu desinteresse é absoluto, sendo o seu único fim a “assistência à infância abandonada”.

O governo contesta absolutamente tudo isso e declara que, a pretexto de caridade, os salesianos de Dom Bosco entregam-se à “condenável exploração da infância e da credulidade pública” e pede a sua exclusão absoluta.

As reações e protestos vieram e fortíssimos. Um deles foi dirigido ao Presidente do Conselho do Ministério Francês:

Paris, 11 de dezembro de 1902

Ex.^{ma} Sr. Ministro

Acabo de ler com dolorosa surpresa a declaração dos motivos do projeto de lei contra os salesianos de Dom Bosco.

Pareceis ignorar, Sr. Ministro, que a Exposição Universal de 1900 tenha dado a esta congregação uma alta recompensa: medalha de ouro, precisamente pelo que vós ousais de chamar “esses pseudo-orfanatos”.

Na qualidade de Presidente do Juri da classe, que discerniu a dita medalha: — Classe 180: obras para o desenvolvimento intelectual e moral dos operários — vejo-me na obrigação de protestar publicamente contra a leviandade e o indecoro de uma tal apreciação.

Lançá-la ao público é, nem mais nem menos, censurar gravemente o júri internacional que tive a honra de presidir, e desacreditar perante a França e às nações estrangeiras os prêmios concedidos por nossa grande Exposição.

Para ser completo e consciencioso, o vosso inquérito sobre os estabelecimentos dirigidos pelas congregações religiosas devia atender às recompensas por elas obtidas. Júri internacional que as outorgou era composto de homens de alto valor, cuja competência e imparcialidade a ninguém é lícito questionar.

É em nome deles e para a honra da própria França, que julgo meu dever externar aqui a minha respeitosa admiração aos salesianos de Dom Bosco, a estes homens de bem desconhecidos ou caluniados por vossa administração.

Anatole Leroy-Beaulieu

Os ex-alunos do “Orfanatório Salesiano de D. Bosco”, de Lille, não ficaram de braços cruzados e fizeram seu protesto através da imprensa ao projeto do governo que rejeitava o pedido dos salesianos. Rebatia um a um os argumentos utilizados pelas autoridades governamentais para justificar o fechamento das escolas salesianas na França²⁹.

Os protestos pareceram ter caído no vazio!... A opção pelos pobres custava caro aos salesianos e aos pobres por eles atendidos!... Esses sem escola... e no olho da rua da amargura!...

Os legisladores franceses também não deram ouvidos à carta do Presidente do Júri Internacional. Honra da França?!... que significa?!...

As acusações contra os salesianos já tinham sido feitas contra Dom Bosco quando fundara as Escolas Profissionais. Eram, portanto, antigas.

As paixões anticlericais soavam mais alto.

De fato, em 1904, seguiu-se um ato que proibia todas as ordens religiosas de ensinar tanto em escolas públicas quanto em particulares.

Finalmente em 1905 foi aprovada a Lei de Separação que dissolveu a união entre a Igreja e o Estado francês.

Repercussão no Brasil

Até quase a metade do atual século, tudo o que acontecia na França ecoava no Brasil. Desta forma, também o anticlericalismo francês exerceu influência em nossa pátria, embora sem graves conseqüências.

Oficialmente, podem ser registradas duas tentativas: uma da introdução do divórcio e a outra de secularização dos bens ecle-

siásticos. A última ocorreu em 1901, por ocasião do projeto de orçamento da receita no Congresso Nacional, quando foi apresentada a seguinte proposta visando atingir os bens das congregações religiosas do Brasil³⁰:

O Poder Executivo promoverá, pelos meios regulares, a incorporação nos próprios nacionais dos bens de raiz possuídos ou adquiridos pelas corporações de mão morta, sem licença do poder competente (Ord. liv. 2.º, tit. 18 e leis posteriores); a decretação judicial da nulidade de todas as alienações e contratos onerosos feitos pelas ordens religiosas sobre bens móveis, imóveis ou se-moventes ao seu patrimônio, se para tais alienações e contratos não houver precedido a necessária licença (Lei de 9 de dezembro de 1830; Decreto n.º 655, de 28 de novembro de 1849); a conversão em geral dos bens das ditas ordens religiosas em apólices inalienáveis da dívida pública fundada, se houver ainda quem legalmente as represente (art. 18 da Lei n.º 1.764, de 28 de junho de 1870, e Decreto n.º 9.004, de 22 de dezembro de 1883).

O Poder Executivo poderá vender, na forma do citado Decreto n.º 9.004, de 1883 os bens que a União assim adquirir por compromisso ou vacância, que para serviços da mesma União não forem necessários.

Sala das sessões, 23 de outubro de 1901

A. Moreira da Silva

A Comissão de Orçamento não aceitou essa tentativa de assalto contra bens que as leis fundamentais da República garantiam, emitindo o seguinte parecer: "O assunto de que trata tem a maior importância, envolve interesses e litígios antigos e não parece, nem é conveniente, que seja resolvido em uma emenda no orçamento".

O projeto da Lei do Divórcio levada para estudos no Código Civil Brasileiro, na Câmara dos Deputados, foi recusado, no dia 19 de novembro de 1902 por 12 votos contra 8.

Assim, o artigo 323, parágrafo único, do Código Civil, ficava redigido: "O casamento é indissolúvel e só se rompe pela morte de um dos cônjuges".

A justificação considera que a maioria dos deputados está convencida de que o divórcio, no sentido clássico de dissolução do vínculo conjugal, não encontraria apoio em nossos hábitos e tradições; não moralizaria a família; não seria uma solução conveniente a certos males que porventura possam acometer a esta última; poderia ser um fermento de desmoralização, facilitando aos maus os meios de pôr em prática os seus desregramentos e aos infelizes outros ensejos de verem renovadas as suas desventuras.

A comissão supõe haver interpretado e acatado os mais caros afetos da maioria do povo brasileiro, decidindo, como decidiu, essa tormentosa questão deixando ao Congresso Nacional dar-lhe o placet definitivo.

Desse modo, nada se fez em nossa legislação daquela época que assumisse um caráter anti-religioso. Entretanto, não faltaram aqui e ali algumas manifestações particulares de caráter anticlerical.

Em mais de uma localidade paulista, fomentou-se pela imprensa e em comícios populares a reação contra o que foi chamado de “jesuitismo e clericalismo”. Em Itapetininga, p. ex., um dos fiscais, tomando as dores da comissão anticlerical, publicava no jornal da cidade, em 26 de março, esta declaração³¹:

Para que ninguém alegue ignorância, vai abaixo transcrito o art. 34 do Código de Posturas deste município:

Art. 34. São expressamente proibidos os dobres de sino a defuntos, não só nos dias de finados, como em qualquer outro. Multa de 50\$000 e, na reincidência, além da multa, 8 dias de prisão.

Itapetininga, 24 de março de 1902

O 2.º fiscal, Francisco Cofundó

O vigário, Côn. J. A. da Costa Bueno, argutamente revidou pela imprensa, após ter citado a declaração acima:

Ora, muito bem; sabem todos que a Igreja está separada do Estado, e que o Dec. n.º 119A de 7 de janeiro de 1890, que estabeleceu e definiu a liberdade de cultos, no artigo 2.º determina o seguinte:

“A todas as confissões religiosas pertence por igual a faculdade de exercerem o seu culto, regerem-se segundo sua fé, e não serem contrariadas nos atos particulares ou públicos que interessam ao exercício deste direito”.

Ora, o dobre dos sinos é um ato público que interessa o exercício do culto cristão para o sufrágio dos mortos; é um ato público que faz parte da liturgia católica; não podem, portanto, as câmaras municipais, contrariar este ato, máxime proibido expressamente, absolutamente.

O art. 34 do código de posturas de Itapetininga é, pois, inconstitucional, é uma lei que não obriga, é uma lei morta.

Dobrar-se-ão por conseguinte os sinos da Matriz:

- a) Todas as vezes que a família de qualquer finado o peça
- b) Todas as vezes que se realizem cerimônias fúnebres
- c) Todas as vezes que se tenha que fazer Via-sacra
- d) Finalmente, em dia de finados.

É o que me cumpre dizer. E antes de terminar, direi com um meu ilustre colega em um caso quase idêntico: Queime-se o mundo, mas salvem-se os princípios.

Itapetininga, 30 de março de 1902

Em Piracicaba, um relatório da Intendência do Município, ao acenar à existência de um colégio dos capuchinhos, acrescentava

logo: “Este fato demonstra a necessidade da construção de mais um grupo escolar e da criação de novas escolas públicas... onde seja ministrada a salutar instrução leiga”³².

Em inícios de 1903, alguns escritores de vários jornais mineiros como *Commercio de Minas*, *Folha de Ubá*, *Pelicano*, *Pharol de Juiz de Fora*, acoimavam de simonia o bispo de Mariana, D. Silvério Gomes Pimenta, por ter estabelecido uma espórtula por ocasião da imposição do sacramento da crisma nesta diocese³³.

Provavelmente a linha do discurso adotado e seguido pela revista *Santa Cruz* teria provocado descontentamentos e mal-estar nos meios anti-religiosos e anticatólicos que decidiram reagir e com violência.

A carga contra os salesianos

Era natural que em São Paulo, um dos alvos mais freqüentes da campanha anti-religiosa fossem os salesianos, por sua antiguidade e por seu extenso raio de ação.

O primeiro ataque violento, entretanto, já tinha sido feito a 1.º de janeiro de 1900, por Benjamim Mota, no *Diário Popular*, sob o título de “Alerta! Aos livres pensadores, anticlericais e maçons”. O artigo, tremenda diatribe contra os religiosos, tem em mira principalmente atingir os salesianos e maristas, acusados de jesuitismo³⁴.

Mas só três anos depois, com o exemplo francês, é que se desencadeou a campanha contra os salesianos.

Efetivamente, o *Correio Paulistano*, em 20 de março de 1903, publicava um artigo de um seu correspondente “de Paris”, intitulado “Os salesianos”³⁵.

Segundo esse correspondente, só então a imprensa e o Senado franceses haviam tomado consciência da exploração do povo católico francês por padres e frades italianos, prestando-se assim “otimamente à Igreja como uma base segura de negócios”. Lembra que, numa coleção do *Correio Paulistano* de 15 anos atrás, já havia denunciado o *Óbolo de São Pedro* como um abuso e exploração mercantilista.

Em seguida, citando um jornalista católico francês de nome Bonnefon, dizia que, “na arte de *exploiter* a França”, “o primeiro prêmio” pertencia “inquestionavelmente aos salesianos, que, apenas, agadanharam um pequeno capital, se atiraram furiosamente a toda a sorte de especulações”, como tipografia, orfanatos, hospitais, fábricas de papel, missões, exposições regionais, colonização, colégios e escolas que eram “outras tantas oficinas rendosas

onde se 'desfrutavam' o trabalho de inocentes crianças" etc. Suas raízes já se estendiam por todo o mundo, até no Brasil, "tornando-se (...) uma potência quase universal". Concentravam-se seus ganhos na Itália, cientes de que só de Roma poderiam exercer efetivamente toda a sua influência sobre o mundo.

Afirmava ainda que era devido a esse fato que a imprensa francesa atacava os salesianos.

Segundo ele, citando o jornalista acima, o Imperador da Alemanha pensava tornar os salesianos mais poderosos, honrando a sua instituição com "apoio político e financeiro" para tolher à França a influência por ela exercida no Oriente de preferência à Itália. A nomeação do Cardeal Goth para prefeito da *Propaganda Fidei* facilitaria provavelmente esse acordo secreto entre a Alemanha e a Itália. Procurando justificar a perseguição aos salesianos na França, acrescentava:

Daí a guerra, creio eu, contra os salesianos, a qual o Papa responde dando por ocasião do seu jubileu pontifício 200.000 francos para a *Propaganda*, à qual já dera um milhão, 1000.000 francos para as obras católicas, 200.000 para o *Osservatore Romano* e 100.000 francos para os pobres de Roma.

Os *pobres de Roma* seriam "todos aqueles que conspiram contra a integridade da pátria". Concluindo convidava "o bom italiano" a denunciar a todos os crentes o uso "feito pelo Vaticano dos dinheiros enviados a títulos de caridade". E terminava com a advertência sublimar: "A bons entendeurs, salut!".

Provavelmente a malévola advertência foi aceita pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, que permitiu se publicasse, no dia 7 de maio de 1903, um artigo anônimo atacando ferinamente os salesianos como ³⁶:

... em geral muito hábeis e astuciosos (...) explorando a nossa fraqueza e o pouco valor que temos ao dinheiro em favor de suas casas e congregação, dizendo que pedem em favor dos órfãos, que eles alimentam, vestem e educam.

Referia-se ao calendário ou almanaque distribuído pelos salesianos em cujas páginas freqüentemente se encontravam um pedido de esmola sob a forma de uma poesia, máxima ou pensamento, para os órfãos amparados por seus estabelecimentos, vendo-se

... sempre uma gravura representando um menino faminto e andrajoso, com o chapéu na mão e ao lado em letras bem visíveis — Amados benfeitores! Dar o pão da esmola ao órfão desamparado corresponde a não deixá-lo morrer à fome — Quereis compadecer-vos de nós, oferecer-nos o pão que nos falte e premunir-vos para o futuro?

Para demonstrar que a caridade dispensada pelos salesianos é fingida, citava a Lei n.º 861-A, de 16 de dezembro de 1902, em que apareciam contemplados o Liceu da Capital com 36 contos, o asilo de meninos do Ipiranga com 12, o "Liceu" de São Joaquim de Lorena com 6, o Externato de Araras com 5, o Colégio S. José de Guaratinguetá com 6 etc., correspondendo um conto para cada órfão (todos salesianos).

Ora, raciocinava, os alunos dos colégios salesianos estavam divididos em duas seções: os estudantes que apenas se dedicavam aos trabalhos escolares e os "artistas" (aprendizes) que estudavam pela manhã e à noite, e trabalhavam durante o dia. Um particular, todavia, pagava anualmente 480\$000 para manter um menino, geralmente destinado à seção dos estudantes, ao passo que o governo pagava um conto de réis a seus protegidos, que eram "colocados na classe dos artistas". Dessa maneira, os salesianos podiam manter seus colégios e eram beneficiados porque os artistas trabalhavam em benefício exclusivo do estabelecimento ou da congregação, o que era uma exploração. Além disso podiam fazer concorrência a qualquer particular porque a mão-de-obra nada lhes custava e o próprio material despendido, às vezes, provinha de outros colégios e, talvez, sem pagar à alfândega.

Afirmando ser essa a maneira de agir dos salesianos no Estado de São Paulo, transcrevia ainda um artigo, publicado num jornal francês, em que essa era a razão do grande desenvolvimento da Congregação Salesiana na França e arrematava ameaçador:

Uma vez que conhecemos bem os padres salesianos será que nos acatelemos enquanto é tempo, para não sermos obrigados, em futuro não muito remoto, a tomarmos as mesmas medidas que a culta França.

O artigo, apesar de venenoso, não convencia. No dia seguinte (8 de maio), no mesmo jornal, alguém, sob o nome de *Livre Pensador*, respondia dando o troco e desafiava com uma ironia mordaz³⁷:

Um pobre infeliz deu agora para escrever contra os filhos de Dom Bosco. O Liceu educa perto de mil meninos, sendo quatrocentos internos. Dos quatrocentos internos mais da metade nada pagam e os outros contribuem com 40\$000 mensais. Ora com semelhantes resultado pode se manter um colégio sem auxílio da caridade pública? Quem desconhece os serviços prestados pelos salesianos à nossa capital? O indivíduo que visita o colégio e as suas oficinas não deixa de lá deixar a sua esmola.

Porque o indivíduo que escreve contra o colégio não funda um estabelecimento igual e não vai, como os salesianos, catequizar os índios nos desertos de nosso país?

Escreva como quiser contra o Liceu, na certeza que Deus (se é que o articulista acredita) há de permitir que os seus escritos sirvam de reclame para o Liceu do Coração de Jesus de São Paulo.

No dia 13 de maio, era publicada, no próprio *O Estado de S. Paulo*, à página 3, na seção de avisos, reclamações e anúncios, a resposta do diretor do Liceu, intitulada “Uma declaração provocada”, como se verá logo abaixo³⁸.

No mesmo dia, porém, o mesmo jornal estampava uma página inteira com o título A EXPLORAÇÃO SALESIANA (em letras garrafais) — “Os ‘*Stegomyia batinata*’ da inibição” (letras em grande forma) reproduzindo, em letra grande, o artigo de 7 de maio e o outro publicado no *Correio Paulistano*, de 20 de março, acima mencionado.

Não trazia, porém, assinatura. Pretendia “esclarecer o povo paulista acerca das intenções dos exploradores da religião chamados ‘salesianos’”. Chamava a atenção para acautelar-se contra “as diversas manifestações do jesuitismo, disfarçado em congregações do Coração de Jesus e Coração de Maria e outras que tais” e pedia providências oportunas para que não fôssemos “obrigados a usar de meios violentos como a França” e cada um reagisse energicamente “contra o Proteu Jesuíta” e negasse “todo e qualquer auxílio material ou moral”, porque isso só “podia” redundar em bem da pátria (sic!).

Os livros de contabilidade do Liceu à disposição do público

O anonimato em que se escondia o articulista era a expressão covarde da negação dessas acusações e a confissão pública de “ausência de caráter”, da mentira, da deslealdade etc. lançadas contra os salesianos, contra os jesuítas, contra os católicos em geral, mas professadas e praticadas pelo seu autor.

A página anterior do mesmo jornal trazia, em letras normais sem o realce e sensacionalismo da página seguinte, sob o título “Uma Justificação”, um relatório minucioso da vida econômica do Liceu, assinado pelo seu diretor que colocava os livros contábeis da casa “sempre à disposição” de qualquer pessoa que os “quisesse” compulsar e convidava a visitar “o estabelecimento detalhadamente, e, por si, por seus olhos, pelo exame de tudo” tratasse “de se darem conta ‘do que se fazia no Liceu do Sagrado Coração de Jesus’”.

A publicação desse relatório parece ter sido suficiente para amainar qualquer tentativa de dar continuidade à violenta campanha promovida pelos admiradores da “cultua França”³⁹.

O relatório era sereno e foi publicado ainda em *A Platea*⁴⁰, de 14/15 de maio; no *Correio Paulistano*⁴¹, de 16 de maio e ainda no *Diário Popular*, no mesmo mês⁴².

O contra-ataque às acusações

No mesmo dia da investida do articulista anônimo contra os salesianos, já se fazia a defesa no *Diário Popular*, assinada por *Joaquim Feijó* que julgou sem razão a tentativa de “ferir os humildes missionários salesianos, (...) por muitos títulos (...) mercedores de estima e gratidão”. Após justificar as atividades caritativas dos salesianos e de seu trabalho educativo no Liceu em favor dos meninos pobres e dos órfãos completamente abandonados, sem interesse financeiro, concluía ⁴³:

Sendo assim, por que atacar tão fora de propósito uma instituição humanitária como essa? Por que procurar atrair antipatias aos salesianos, quando eles só merecem os louvores da nossa população, pelo muito que têm feito em prol da infância pobre e desamparada.

Não refletiu bem, com certeza, o articulista que, pela seção livre dos jornais, tantas pedras acaba de atirar ao Liceu; ao contrário, se tivesse pesado devidamente os serviços que à nossa sociedade prestam, há muitos anos, os dignos missionários, não os teria tão injustamente atacado, e, ao inverso, apelaria para os sentimentos generosos da família paulista em favor do Liceu do Sagrado Coração.

Outro ainda assinando-se “Um discípulo de Dom Bosco”, num artigo intitulado “Ataque Injusto”, assim escrevia na seção livre do *Diário Popular* do dia 13 de maio ⁴⁴:

Não se deve envolver na intrincada questão religiosa a ação benéfica dos salesianos, a não ser que se queira responder à “exploração” com outra exploração cujos fins são atingíveis.

A ação dos salesianos, pode-se dizer, é mais de benefício social do que religiosa, se bem que desta não possam nem devem largar mão em absoluto, porque nem só de materialismo se vive: a obra pela crença é também indispensável...

Que há benefício social, e não pequeno, provam-no as trezentas e tantas crianças que ali acham, não só educação literária, como a aprendizagem nas artes manuais: dali saem com um ofício, depois de arrancadas ao vício e à podridão das ruas, onde a mão dos seguidores de Dom Bosco os vai buscar, para lhes educar a alma e inculcar-lhes hábitos de trabalho.

Positivamente que este trabalho de educação e de regeneração é dispendioso, e que sendo a Ordem pobre, tem que recorrer à generosidade do público. De que este compreende o grande alcance dessa obra, testemunha-o justamente o concurso grande que lhe tem dispensado.

Ora, envolver a ação dos salesianos na questão religiosa, que está na ordem do dia — afigura-se-nos mais de que um erro, é uma injustiça.

Convenho em que das ordens religiosas, tanto aqui como no Rio, pouco ou nenhum benefício advenha para a sociedade; quando

muito sai para algum estômago uma tija de caldo, mas a carne fica lá.

Com os salesianos, são diferentes os resultados colhidos.

E eles bem patentes aí estão.

Não se responde, portanto, a uma “exploração” com outra exploração.

No dia seguinte, o *Commercio de S. Paulo*⁴⁵ lançava uma série de artigos apresentando as atividades desenvolvidas por todas as Escolas Profissionais do Liceu Coração de Jesus, julgando-se “interpretar os desejos dos bons amigos do Liceu, lembrando-lhes o meio com que poderão todos que o “desejassem” ir em auxílio de uma obra que “correspondia” bem a uma necessidade palpitante da sociedade (...) e que agora mais que nunca “precisava” tanto da generosa proteção e do apoio das almas caridosas. E terminava citando os lembretes então condenados(!):

Dar o pão da esmola ao órfão desamparado corresponde a não deixá-lo morrer à fome.

Dar-lhe instrução e habilitá-lo para o trabalho equivale a regenerá-lo e pôr em suas mãos uma fonte de riquezas.

Era um desafio!...

Uma “página áurea” dos ex-alunos de Dom Bosco

A indignação das pessoas amigas continuava a explodir.

No dia 18, os antigos alunos do Liceu enviavam um violento protesto, intitulado “Carta aberta — Ao diretor do Liceu Salesiano”⁴⁶. Uma “página áurea”, nas palavras do cronista do Liceu, que merece ser transcrita na história do estabelecimento porque expressava a consagração do trabalho dos salesianos por parte de seus antigos educandos. Ei-la:

Um torpe explorador dos bons sentimentos do povo paulistano veio pelas colunas de *O Estado de S. Paulo* com uma diatribe contra o estabelecimento que tão digna e sabiamente dirigis. O anônimo vil e malfazejo procurou ocasião mais ou menos propícia, porém, infeliz, para atirar sobre os beneméritos filhos de Dom Bosco o lodo duma maledicência diabólica, repassada pelo escocadouro do cinismo saído de coração carcomido pelos vícios.

O parvo difamador dos filhos de Dom Bosco, tentando explorar com exploração tão indigna o bom nome e simpatia que merecidamente gozam os valentes obreiros do bem e educadores da mocidade pobre, desvalida e abandonada, quis enseclar no tablado da demagogia anticlerical duma investida de *patriotada*, a calúnia miserável e degradante contra os nossos antigos mestres e professores, os quais têm de criminoso e explorativo: pedir esmolas, para educar os filhos do povo desprotegido da fortuna e conde-

nado a vagar nas praças públicas, porque o cobarde caluniador ignóbil não lhe dá o sustento para o espírito, nem ao corpo lhe dá o pão.

Os salesianos, educando os filhos das classes menos abastadas do nosso meio social, preparam nova geração de homens são e honestos, operários tementes a Deus, respeitadores da Lei, morigerados e benquistos pelos seus patrões, contribuindo para o futuro da nossa nacionalidade, não com práticas carolas e obsoletas, mas fornecendo os utensílios necessários para a aprendizagem duma arte ou officio, conforme a aptidão e inteligência de cada um dos educandos.

Que será do futuro social do filho do povo, sem os ensinamentos da moral católica, aliada a educação cívica? Só cérebros desorganizados e almas perversas, jejuns dos sentimentos humanitários uma vez que, pobres infelizes, não tiveram educação religiosa e, muito menos em tais indivíduos há idéia de pátria; desejam-no ao filho do povo o *status quo* da vagabundagem, partilhada pela ausência de senso religioso, no abismo negro da impiedade, arruando as praças públicas na azáfama duma patriotada tola e desabrida: Eis o desejo do anônimo vil e caluniador... Não! O povo paulista não partilha os sentimentos tão infame destes turiferários da diabólica organização do futuro dos nossos jovens compatriotas. Os benefícios da sábia obra de Dom Bosco espalham-se quotidianamente pela nossa cara pátria, e, oxalá, chegue o dia que, em todos os Estados do Brasil, possamos ver suntuosamente erguido um templo da instrução dirigido pelos salesianos!

Eles educam a inteligência do filho do povo fortalecendo o espírito na alvorada da bênção que continuamente elevam ao Criador, bendizendo as mãos protetoras e patriotas que contribuem emprestando ao Todo Poderoso os meios materiais para alicerçar o futuro da geração presente com a argamassa do temor de Deus e amor ao próximo, a fim de quem destes laboriosos do bem e do trabalho, não apareçam cá fora vis caluniadores que exploram com o anonimato sentimentos e benquerenças que em um mentiroso difamador não podem existir, por lhe faltar o despreendimento das coisas terrenas em benefício dos seus jovens compatriotas, como o faz e atesta o filho de Dom Bosco. Nós, antigos filhos do Liceu, acostumados a reverenciar as mãos protetoras que traziam suas dádivas para mitigar as sortes dos desprotegidos da fortuna, prestamos a Vossa Rev.^{ma} todo nosso apoio e protestamos contra tão cobarde e aviltante calúnia lançada contra os salesianos. Das reminiscências dos saudosos tempos que aí passamos, resta-nos, talvez, a culpa de não termos sido mais escrupulosos na observância dos santos ensinamentos que os nossos antigos mestres e professores incutiam em nossos espíritos, mas, nunca impedindo-nos ser no futuro bons brasileiros, tementes a Deus, amantes de nossa terra e gratos para com aqueles que contribuíram para nosso aperfeiçoamento intelectual, religioso e social.

Do passado, fica-nos a recordação das atenções que recebemos e dos benefícios que auferimos; dos tempos de outrora, ficou em nossos corações a gratidão de todos os antigos mestres e professores, uns em ignotas paragens, chamando os filhos de nossos irmãos que vivem nas florestas para o convívio da civilização, ensinando-os a amar a Deus e ao próximo e a não caluniar nem mentir pelas colunas do anonimato; outros, semeando, como Lourenço Giordani, as casas salesianas no meio das bênçãos e pro-

falsas dos governos e do povo no Norte do Brasil; finalmente, alguns são coroados neste mundo com a auréola do martírio em cumprimento do dever como D. Luiz Lasagna e sua comitiva, na patriótica terra mineira.

Protestamos, pois, contra o acervo de mentiras e calúnias lançado contra o estabelecimento onde bebemos os nossos primeiros ensinamentos, quer literários, quer artísticos ou puramente profissionais.

V. Rev.^{ma} pode fazer desta o uso que lhe convier.

Um grupo de antigos alunos do Liceu:

Gonçalves Bonfim, João Nogueira, Gustavo Schneider, João Heitzmann, Lourenço Heitzmann, B. Dâmaso, Victorino da Silva, Miguel Soares de Oliveira, Antônio Duarte C. Junior, A. Schmitz da Cruz, João Fagundes Barbosa, Francisco Catarino Leandro, Juvenal Fernandes, Luiz Colli, Guilherme Butler, Celestino Martinelli, Francisco Torres, Mario Vanini, Franklin da Silva, Theophilo e Mello, Arthur da Silveira, João B. Palma, João B. Mendes, Antônio Marcigaglia, João Lorandi, Remigio de Almeida Pinto.

E continuaram as demonstrações de apoio aos salesianos. O *Estandarte Catholico*, de 25 de maio, exclamava ⁴⁷:

Que prazer endemoninhado ofender a quem nunca lhe ofendeu. É um aguerra sem tréguas à Igreja e a seus ministros.

E advertia:

Sirva isso de despertador para os católicos dormentes que vivem a sonhar que estamos no melhor dos mundos possíveis.

Felizmente os prestimosos filhos de Dom Bosco são bem conhecidos da nossa população, que não se deixa embelecar por patranhas, pois é assaz criteriosa.

O *Correio Paulistano* redimiou-se publicando uma série de reportagens de 27 a 31 de maio, sob o título de "As nossas indústrias", descrevendo minuciosamente o que se fazia nas Escolas Profissionais do Liceu ⁴⁸.

No dia 28 de maio, o pessoal docente, os 300 alunos internos e os 400 externos do Liceu, precedidos da respectiva banda de música fizeram uma excursão ao Velódromo, onde foi feita uma boa merenda (pão, queijo, salame, presunto, bolachas, gasosa). Na passagem pela cidade, aproveitaram o ensejo para cumprimentar o Presidente do Estado, o Prefeito Municipal, o Vigário Capitular, a imprensa (*Correio Paulistano*, *A Platea*, *Diário Popular*, *O Estado de S. Paulo*, *Commercio de S. Paulo*), a Baronesa de Tatuí, o Cons. Duarte de Azevedo e o médico do estabelecimento. Em vista dos acontecimentos que feriram o Liceu, tal passeata marcava uma demonstração do que faziam os salesianos pela educação no Estado ⁴⁹.

Também *A União*, do Rio de Janeiro, de 30 de maio, hipotecou toda a sua simpatia e reconhecimento pelo trabalho do Liceu, publicando um artigo, denominado "Impressão", subscrito com uma citação de Camões⁵⁰:

Mais vale experimentá-lo que julgá-lo,
Mais julgue quem não pôde experimentá-lo.

E terminava:

"Perdoa-lhes, Senhor, eles não sabem o que fazem" e lá nos diz o poeta: "A justiça dos bons consiste no perdão!!!".

Em junho do mesmo ano, na seção livre do *Correio Paulistano*, aparecia uma nota assinada por "Um Independente", que deixava dúvidas quanto à sua natureza e/ou objetivos, porquanto no lugar do título estava uma interrogação seguida de reticências: Trata-se de uma ironia contra as redações de alguns jornais ou mesmo uma tentativa de ressuscitar a polêmica?...⁵¹.

Consta-nos de fonte certa que as redações da *Lanterna* e do *Livre Pensador* irritados pela Padraria Salesiana que em má hora dirige o importante Liceu de Artes e Ofícios do S. Coração, arrastando tantas centenas de pobres crianças pelo caminho ignóbil, pretendem constituir uma comissão de distintos cavalheiros e senhores da mais fina sociedade paulista a fim de tratar da fundação de um leigo e idêntico estabelecimento que, sem a inibição deletéria e corruptora da religião, forme homens independentes e perfeitamente moralizados.

Breve, teremos, pois, um Liceu de moldes sãos, destinados não só a paralisar a marcha daqueles dos abutres do Vaticano, mas a derrubá-lo mesmo, levantando sobre os seus escombros a bandeira aurifulgente da luz e da liberdade.

De fato, *O Livre Pensador*, "órgão dos livres pensadores", voltou a carga, no dia 15 de junho, com um artigo intitulado "É bico ou cabeça" e, como subtítulo "Uma contestação provocada", tentando desmoralizar o *Artigão*, como chamava a declaração do diretor do Liceu, e refutar toda a análise feita⁵².

O silêncio parece ter sido a grande resposta da imprensa paulista!... "Um Liceu de moldes sãos" (sic!)... também não apareceu!...

O Pe. José Zeppa, porém, tomou a iniciativa não para solicitar verbas senão colocar-se e até mesmo desejar que o Governo e o Congresso Legislativo submetessem o Liceu às inspeções que lhes aprovessem, pedindo o *reconhecimento e a garantia dos diplomas de Artes, Ofícios e Comércio* conferidos pelo estabelecimento que dirigia⁵³.

A revista *Santa Cruz* amenizou seus métodos quanto à campanha para angariar fundos e procurou acentuar seu caráter nacional.

* * *

NOTAS

¹ FEIJÓ, Joaquim, "Notas de um velho", *Diário Popular*, 13.05.1903, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 46.

² JÚLIO MARIA, Pe., *A Igreja e a República*, Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1981, p. 81-83.

³ PINTO, Alfredo Moreira, *A cidade de S. Paulo em 1900* (Impressões de viagem), Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1900, p. 26.

⁴ "Pe. Paulo Álbera", in *Santa Cruz*, 1 (11), p. 301-302, ago. 1901.

⁵ "Pe. Lourenço M. Giordani", in *Santa Cruz*, 1 (12), 333-335, set. 1901.

⁶ "Pe. Paulo Álbera", in *Santa Cruz*, 2 (1), 23-24, out. 1901.

⁷ BELLOTTI, Faustino, *op. cit.*, p. 3-4.

⁸ "O pão", *Commercio de S. Paulo*, 04.08.1901, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 66.

⁹ Os sete primeiros números da *Santa Cruz* traziam um "comercial", intitulado "Liceu do Sagrado Coração — São Paulo — SEU FIM — SEUS MEIOS", ora na parte interna da primeira capa, ora na parte externa da última capa. Apêndice XVII.

¹⁰ C.O.S., "Simpática solenidade no Liceu de Artes e Ofícios do S. Coração", *Diário Popular*, 01.10.1895, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 26b.

¹¹ *Santa Cruz*, 1 (12), contracapa, set. 1901.

¹² *Id.*, 2 (6), verso da capa, mar. 1902, Apêndice XVIII.

¹³ *Id.*, 2 (5), 145, fev. 1902.

¹⁴ "Notícias de aquém e além mar", in *Boletim Salesiano*, 2 (1), p. 7-8, out. 1903.

¹⁵ "Liceu do S. Coração", in *Santa Cruz*, 2 (11), p. 331-332, ago. 1902. *O Commercio de S. Paulo*, 18.07.1902.

¹⁶ "Liceu do S. Coração de Jesus", *op. cit.*, p. 334.

¹⁷ "Liceu Salesiano", *op. cit.*, p. 333-334.

¹⁸ "Morte exemplar", in *Santa Cruz*, 3 (1), p. 33-34, out. 1902.

¹⁹ "O Liceu Salesiano no Senado Paulista", in *Santa Cruz*, 2 (12), p. 337-340, set. 1902.

²⁰ "Liceu do Coração de Jesus — Distribuição de prêmios", in *Santa Cruz*, 3 (3), 125-126, dez. 1902.

²¹ "Rev.^{mo} Padre D. Molfino", *op. cit.*, p. 126.

²² *Santa Cruz*, *loc. cit.*, p. 127.

²³ "Primeiro aniversario", in *Santa Cruz*, 2 (1), p. 1, out. 1901.

²⁴ *Santa Cruz*, São Paulo, 2 (11, 12 e 13), verso da contracapa, jul.-set. 1901.

²⁵ *Santa Cruz*, 1 (10), p. 260, jul. 1901.

²⁶ *Idem*, 1 (3), p. 46, dez. 1900; 1 (11), p. 300, ago. 1901; 2 (12), p. 355, set. 1901; 2 (9), p. 244, jun. 1902; 2 (4), p. 93, jan. 1902; 2 (2), p. 68, nov. 1901; 1 (4), p. 94, jan. 1901; 1 (3), p. 59, dez. 1900.

²⁷ *Id.*, 1 (1), verso da capa, set. 1900.

²⁸ AGUIAR, Porfírio, "A educação maçônica", in *Santa Cruz*, 3 (4), p. 147-149, jan. 1903. No ano anterior, o Côn. Manoel Vicente havia publicado na mesma revista um artigo com o título de "A maçonaria e os judeus" (cf. *Santa Cruz*, 2 (11), p. 302-303, ago. 1902. Provavelmente os maçons sentiram-se ofendidos...).

²⁹ "Protesto dos Antigos Alunos de Lille contra um artigo infamante da má imprensa liliense", in *Santa Cruz*, 3 (6), p. 228-230, mar. 1903. No dia 20 de março, o *Correio Paulistano* publicava um artigo de seu correspondente de Paris. A campanha parecia seguir as diretrizes de Genebra... Apêndice XXII.

³⁰ "Um perigo removido", in *Santa Cruz*, 2 (6), p. 171, mar. 1902.

³¹ "Uma postura... ridícula", in *Santa Cruz*, 2 (8), p. 225, mai. 1902. Na mesma página, registra a repulsa da Suprema Corte inglesa ao pedido feito pela *Aliança Protestante* para que fossem expulsos da Inglaterra os jesuítas, perseguidos na França. A Câmara municipal de Itapetininga suspendeu posteriormente a postura que proibia os dobres de sinos por finados, atendendo à representação feita pelo bispo diocesano (*id.*, 2 (9), p. 157, jun. 1902).

³² "Tudo... menos frades!", in *Santa Cruz*, 2 (9), p. 157, jun. 1902. Tratava-se do *Colégio Assunção*, dirigido pelas Irmãs de S. José, chamado desdenhosamente no relatório de "a Escola dos Capuchinhos".

³³ MIGUEL, José, Pe., "Simonia", in *Santa Cruz*, 3 (7), p. 270-273, abr. 1903.

³⁴ *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 61.

³⁵ *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 40.

³⁶ "Os Salesianos", *O Estado de S. Paulo*, 07.05.1903, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 42.

³⁷ "Salesianos", *O Estado de S. Paulo*, 08.05.1903, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 43.

³⁸ "Uma declaração provocada", *O Estado de S. Paulo*, 13.05.1903, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 43, Apêndice XXIII.

³⁹ *Id. ibid.* e p. 43.

⁴⁰ "Uma declaração provocada" *A Platea*, 14/15.05.1903, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 41.

⁴¹ "Uma declaração provocada", *Correio Paulistano*, 16.05.1903, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 38c.

⁴² "São Paulo — Liceu Coração de Jesus", in *Boletim Salesiano*, 2 (10), p. 278-280, out. 1903.

⁴³ FEIJÓ, Joaquim, "Notas de um velho", *Diário Popular*, 13.05.1903, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 46

⁴⁴ "Ataque injusto", *Diário Popular*, 13.05.1903 in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 44.

⁴⁵ "Escolas Profissionais do Liceu do S. Coração — S. Paulo", o *Commercio de S. Paulo*, 14 e 27 de maio de 1903, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 33 e 34.

⁴⁶ "Carta aberta — Ao Diretor do Liceu Salesiano", in *O Estado de S. Paulo*, 17 de maio de 1903.

⁴⁷ "Triste", *O Estandarte Catholico*, 25.05.1903, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 26c.

⁴⁸ *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 40, 44, 47, 48, 51.

⁴⁹ "Itinerário do passeio de 28.05.1903", in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 45.

⁵⁰ "Impressão", *A União*, 30.05.1903, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 46. 2.

⁵¹ *Correio Paulistano*, 15.06.1903, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 39, vol. II.

⁵² "É bico ou cabeça", *O Livre Pensador*.

⁵³ MEMORIAL de 1.º de setembro de 1903 dirigido aos "Ex.^{mas} Srs. Senadores e Deputados do Congresso Legislativo do Estado". Arquivo do Liceu Coração de Jesus.

VI

ANOS DE TRANQUILIDADE E DE REALIZAÇÕES (1904-1914)

São Paulo, superada a longa crise econômica que vinha desde 1895, iniciava sua arrancada de transformações profundas e de crescimento vertiginoso que a transformaria na grande metrópole brasileira.

Nasceram mais quatro bancos. Entraram no Estado 513.036 imigrantes. O preço do café, o produto básico da economia do Estado e do País, começou a subir no mercado internacional, acentuando-se de 1910 a 1914. O afluxo do dinheiro resultante dos bons preços resultou no crescimento urbano e industrial da Capital paulista, na estabilidade da Caixa de Conversão e num clima de prosperidade ¹.

Em 1909, notava-se uma “verdadeira febre de construções” fazendo prever para logo “o completo renovamento da parte antiga e inestética” da cidade. Apareceu o primeiro edifício de São Paulo, todo de cimento armado, obra do engenheiro Dr. F. Notaroberto, no cruzamento das ruas Direita e São Bento, de estilo moderno e imponente, de propriedade de Anna Francisca da Silva e filha ².

Em 1913, ruas inteiras como Líbero Badaró estavam em construção. No mesmo ano era construído, na várzea do Carmo, o Palácio das Indústrias ³.

Desde os inícios do século, também as igrejas vinham sofrendo reformas, sendo a venha Sé arrasada em 1913 ⁴. Na arquidiocese de São Paulo, nos anos finais de 1913 e iniciais de 1914, gastaram-se em construções e reconstruções de templos, 84:517\$000 ⁵.

Numa entrevista, publicada na *Gazeta do Povo*, do Rio de Janeiro, D. Alberto José Gonçalves, bispo de Ribeirão Preto,

reconhecia a situação de prosperidade da Igreja católica no Brasil em sua época ⁶:

... graças aos esforços do clero para a difusão das verdades religiosas, unida à sua ação a dos estabelecimentos de ensino, sob a direção de congregações religiosas, que se hão multiplicando no país, após o desdobramento das dioceses, cujos prelados muito se interessam neste assunto. Para este resultado tem concorrido a liberdade religiosa garantida e mantida pela República.

Interessante era o fato de manter o Brasil excelente relacionamento com a França onde grassava a perseguição religiosa. As missões francesas ao Brasil eram freqüentes, especialmente no âmbito militar. Houve tentativas de algumas personalidades francesas como Ferri e Clemenceau, com ataques à Igreja católica, sem êxito porém ⁷.

No plano cultural, dava-se, em 27.11.1909, a instalação da Academia Paulista de Letras, presidida pelo Barão de Brasília Machado, grande cooperador salesiano e ex-diretor da revista *Santa Cruz*, da qual foi um dos fundadores ⁸.

Em 19 de novembro de 1911, era fundada a Universidade de São Paulo, que parece não ter durado muito após 1917 ⁹.

É neste cenário que se desenvolve o Liceu Coração de Jesus, que apresentaremos neste capítulo.

O Liceu em St. Louis (U.S.A.)¹⁰

Os jornais americanos *Post-Dispatch*, *St. Louis Star*, *Saint Louis Globe Democrat*, *Saint Louis Post-Dispatch* e *The Saint Louis Republic* foram unânimes em afirmar o êxito ali alcançado pelo Brasil na *Exposição de Saint Louis*, em 1904.

Nosso país obteve 1.523 prêmios assim distribuídos: 62 grandes prêmios, 379 medalhas de ouro, 576 de prata e 506 de bronze.

As seções mais premiadas foram as de agricultura. Parece, contudo, que o melhor resultado foi para as seções de minas e metalurgia, por serem as que relativamente mais prêmios obtiveram entre os países estrangeiros.

Muitos artigos se publicaram sobre riquezas, estatísticas e comércio do Brasil. Um correspondente de um jornal da Pensilvânia afirmou que o mundo não devia preocupar-se com o largo consumo que se faz da madeira e da borracha, pois essas estão quase intactas nas florestas matogrossenses e são imensos os seringais do Amazonas.

Foi notável a participação do Liceu na *Exposição Universal*. Dr. Antônio Olintho agradeceu em duas cartas a colaboração prestada pelas Escolas Profissionais Salesianas.

A primeira era endereçada ao inspetor salesiano.

St. Louis, 29 de novembro de 1904.

Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Pe. Carlos Peretto,

tenho a satisfação de lhe comunicar que os colégios salesianos que concorreram à Exposição aqui conquistaram as mais elevadas recompensas.

O *Júri Internacional de Prêmios conferiu ao Liceu do Sagrado Coração de Jesus de São Paulo* o grande prêmio, a mais elevada recompensa aqui havida, pela exposição de artefactos de suas oficinas.

A Escola Dom Bosco, de Cachoeira, obteve duas medalhas — uma de prata pela colméia que mandou e outra de bronze pelas fotografias do colégio e campo prático.

O Pe. Zatti foi premiado com *medalha de ouro* pela grande colméia que expôs. Satisfaz-me imenso esse solene reconhecimento aos patrióticos esforços dos salesianos com educadores da mocidade.

Felicitando a V. Rev.^{ma} por esse resultado, agradeço igualmente a colaboração eficaz que os salesianos prestaram à representação do Brasil na exposição.

Queira aceitar afetuosas visitas do seu amigo e at.^o admirador
Antonio Olintho

A segunda carta foi dirigida ao diretor do Liceu.

St. Louis, 29 de novembro de 1904.

Rev.^{mo} Sr. Pe. José Zeppa,

com grande satisfação comunico a V. Rev.^{ma} que o *Júri Internacional de Prêmios* concedeu o "*Grande Prêmio*" ao Liceu do Sagrado Coração de Jesus de São Paulo pelos artefactos de suas oficinas que figuram na exposição.

Felicito V. Rev.^{ma} por esse solene reconhecimento dos seus esforços como educacionista e agradeço a excelente colaboração com que concorreram para a representação brasileira nesta exposição.

Queira aceitar afetuosas visitas
do seu amigo e at.^o admirador
Antonio Olintho

Depois da tempestade a bonança: Os triunfos de 1904 compensavam de alguma maneira os agravos de 1903!

Monumento a D. José de Camargo Barros

A 15 de fevereiro de 1905, no Santuário do Coração de Jesus, D. José de Camargo Barros conferia ordens sacras e as ordens menores a dez moços salesianos. Foram ordenados sacerdotes Angelo Tersì, Carlos Zanotelli, Estanislau Tychner, João Batista

Palma, Mansueto Calloni, Mario Maspes e Pedro Massa (este último foi bispo e regeu a Prelazia de Porto Velho).

Após a solene cerimônia e as felicitações dos amigos e parentes aos novos levitas, aceitou o bispo de São Paulo uma refeição no Liceu, sendo saudado na ocasião pelo Pe. Peretto, inspetor salesiano.

Agradecendo o bispo as manifestações que lhe eram feitas, manifestou profundo amor que nutria pelo trabalho dos salesianos e prometeu sua cooperação. D. José Camargo, efetivamente, estava estudando os últimos pormenores para o funcionamento de um grande diário católico, que se fundou posteriormente, *O São Paulo* ¹¹.

A 22 de abril de 1906, houve novamente ordenação na Igreja de S. Francisco de Paula para seminaristas franciscanos e salesianos. Foi ordenado sacerdote o diácono salesiano Joaquim Santana. Paulo Consolini e Luiz Marcigaglia (futuro diretor do Liceu) receberam o subdiaconato. O então subdiácono Luiz Marcigaglia narra o evento ¹²:

Depois da cerimônia fomos tomar café no refeitório dos frades. O Sr. Bispo, que devia embarcar para a Europa naqueles dias, estava sentado à cabeceira da mesa.

— Vocês rezem por mim, para que eu não seja comido pelos peixes, ouviram?

— Oh! Sr. Bispo. Não fale assim! Não há perigo!

— Olhem que seria um desarranjo para vocês. Morrendo o bispo, há sede vacante e ficam adiadas as ordenações.

Seria pressentimento? Embarcou logo, fez a visita *ad limina* e, regressando em companhia de D. José Marcondes Homem de Melo, arcebispo do Pará, foi vítima do naufrágio do vapor *Sírio*, nas águas do Mediterrâneo, não longe das Baleares...

Depois de alguns dias, o corpo foi encontrado na costa africana, todo comido pelos peixes. Reconheceram-no por alguma peça de roupa.

O navio foi a pique nas costas da Espanha. O inquérito feito na época atribuiu tal desastre à negligência do capitão José Picconi. O piloto para ganhar tempo afastou-se da rota e foi bater nuns rochedos à flor da água.

No largo Coração de Jesus foi elevado um monumento em honra do virtuoso bispo de São Paulo. Não teve ele tempo, pelo seu breve governo à frente da diocese (apenas dois anos, tendo tomado posse em 24 de abril de 1904), de realizar o seu desejo de colaboração com os salesianos de São Paulo.

Mas de seu monumento, colocado bem na frente do Santuário do Coração de Jesus, ele certamente admira e abençoa a obra salesiana ¹³.

De vento em popa

Em 1906, nascia o *Grêmio São Paulo*, que por sua vez, fundou no mesmo ano as *Aulas Noturnas*, de que se falará com mais detalhes posteriormente.

No ano seguinte, a 9 de junho, D. Duarte Leopoldo e Silva, transferido de Curitiba para a diocese de São Paulo, chegava ao Liceu para sua primeira visita como bispo diocesano. Já estivera no estabelecimento muitas vezes, quando vigário de S.^{ta} Cecília. Era um pregador muito procurado, apreciado e admirado para as solenidades religiosas. O Liceu estava no território de sua paróquia e as relações com os salesianos e o seu pároco tinham sido sempre as mais cordiais.

Após a missa solene, a que assistiu pontificalmente, D. Duarte dirigiu-se para o Salão de Atos, onde recebeu a homenagem do pessoal do Liceu, em número superior a 800 ¹⁴.

Um acontecimento fez vibrar toda a Congregação Salesiana. A 6 de agosto, o Pe. Miguel Rua pôde anunciar: *Dom Bosco é Venerável* ¹⁵!

O dia 24 de novembro foi a data escolhida para se comemorar no Liceu o grande fato da declaração da venerabilidade de Dom Bosco. As missas no santuário foram muito concorridas pela manhã. À tarde, o Mons. Francisco de Paula Rodrigues, o mesmo que recebera a incumbência de anunciar a morte do grande apóstolo, dissertou sobre a vida do então venerável servo de Deus. Seguiu-se solene *Te Deum*, entoado pelo bispo diocesano.

No Salão de Atos, literalmente repleto, realizou-se a sessão comemorativa, em que falaram o Conselheiro Manuel A. Duarte de Azevedo, Presidente do Senado e o Pe. Provincial Salesiano ¹⁶.

Pe. Carlos Peretto, provincial salesiano, tinha a sede em Lorena. Mas não deixava de vir freqüentemente ao Liceu e de acompanhar suas atividades. Escrevendo ao Pe. Miguel Rua, em 17 de outubro de 1907, de Cachoeira do Campo, assim se exprimia ao falar do Liceu ¹⁷:

Se todos os nossos oratórios festivos e colégios fazem grande bem e dão consolações não somente aos venerandos superiores, mas também às autoridades eclesiásticas e civis, um há que ocupa o 1.º lugar e é o Liceu do Sagrado Coração de Jesus em São Paulo, fundado em 1885.

Neste colégio são educados anualmente 300 e mais alunos internos, 40 externos e quase 800 freqüentam o Oratório Festivo.

No santuário então é coisa verdadeiramente consoladora ver-se o número incalculável de comunhões que se distribuem semanalmente

A devoção da primeira sexta-feira, o zelo da guarda de honra seja por parte das Ex.^{mas} zeladoras como por parte dos cavalheiros, o catecismo que todos os dias festivos é ali ensinado a quase mil meninas, devem dar consolações para o seu coração paterno.

Tudo isto, depois de Deus, e da Virgem Auxiliadora, é devido ao zelo dos cooperadores.

Mais um "Grand Prix"

1908 era o ano destinado à grande exposição nacional do Rio de Janeiro. Os salesianos não podiam ficar à margem deste acontecimento de interesse e repercussão internacional.

Na reunião do Conselho Inspetorial de 29 de janeiro, em Lorena, a questão foi examinada com ponderação. Daí saíram as seguintes determinações que foram exaradas no Livro de Atas (p. 31):

Exposição.

1. Fica encarregado o diretor da casa de Niterói de prover a fim de que nos seja consignado um lugar suficiente e apropriado no Rio de Janeiro para a próxima exposição.

2. Encarregado o Pe. José dos Santos, a fim de que recolha dados de cada uma de nossas casas e com eles compile uma estatística para ser entregue à comissão de economia social, que tem como membro diretivo o cooperador salesiano Dr. Brasília Machado.

3. O diretor da casa de São Paulo fica encarregado de preparar um quadro mural, onde em forma de tábua sinóptica, figuram as nossas casas com o respectivo programa de ensinamento, freqüência dos alunos etc.

4. Preparar um álbum fotográfico (fotografias ampliadas) ilustrativo de cada casa da inspetoria.

5. As nossas oficinas serão representadas por trabalhos executados pelos nossos alunos em cada repartição.

A grande poetisa nordestina, em um artigo intitulado "Ligeira visita à Exposição Nacional", dava as suas impressões, de que transcrevemos alguns tópicos¹⁸:

— A Praia Vermelha constitui atualmente o resumo, a condensação fulgurante do Brasil produtor, que ali mostra o que já é, o que ainda pode vir a ser em próximo futuro.

Vê-la, é receber a mais útil das lições práticas em relação às riquezas naturais desse país abençoado, ao trabalho de seu povo, ao talento de seus artistas, ao adiantamento de sua indústria.

Lá fui ontem pela segunda vez e voltei sabendo que a minha pátria caminha. Para cem anos de vida (porque o tempo colonial não se conta) aquilo já é alguma coisa.

Quem vê a exposição à noite, quero dizer, em suas noites de iluminação completa, fica deslumbrado. Chamam-lhe "cidade de luz", e o nome realmente impõe-se.

— Em primeira linha se avoluma São Paulo, não resta a menor dúvida. As salas paulistas deslumbram, empolgam, encantam, pela quantidade de primores de arte aí encerrados, pela disposição dos mostruários, pelo luxo das decorações...

Minas vem logo depois, força é confessar, em abundância e belezas.

A Bahia causa admiração pelos seus dez mil produtos de mineralogia, fauna e flora, que estão a pedir braços e inteligências que os aproveitem.

Há também uma referência à seção dos salesianos:

Os salesianos (...) expuseram também um pouco do muito que poderiam expor.

O seu estabelecimento de Niterói (Colégio Santa Rosa) figura principalmente pelas bonitas amostras de encadernação e de arte gráfica, desde o simples trabalho tipográfico e a foto-tipo-gravura policrônica; desde a pequena brochura popular até as ricas encadernações com dourados e fogo.

O Liceu do Sagrado Coração, de São Paulo, apresenta trabalhos de suas oficinas de marcenaria, marmoraria e alfaiataria, representando os diversos graus pelos quais passam os aprendizes, trabalhos dignos de apreço e justo louvor.

A Escola Agrícola Dom Bosco de Cachoeira do Campo expõe os seus adiantamentos em viticultura, o vinho cor de topásio que deve ser delicioso, as fotografias sugestivas da parreira carregada de frutos, com os alunos a colhê-los e depositá-los em cestos apropriados.

Novidade graciosa e útil é a *Colméia Ideal*, invenção de operoso salesiano, e obedecendo a um moderno sistema tão aperfeiçoado que, para tirar o mel, desnecessário se torna proteger o rosto e as mãos, porquanto as abelhas, metodicamente reclusas, não podem receber a ferroadas o seu cultivador.

Dentro de cristalinas garrafas ostenta-se o límpido hidromel, e o mel puro, desafiando o desejo de sorvê-lo gulosamente a quem o contempla tão doirado através do vidro.

O Liceu Coração de Jesus obteve de fato mais um de seus triunfos recebendo o *Grand Prix*. A "Colmeia Ideal" foi premiada com medalha de ouro¹⁹.

Após sete anos de labutas na direção do Liceu Coração de Jesus, o Pe. José Zeppa era transferido ao final de 1908 para o Colégio Santa Rosa, de Niterói. No ano seguinte, os votos dos salesianos do Brasil o elegiam como delegado para o Capítulo Geral para a eleição do sucessor do Pe. Miguel Rua, como reconhecimento público dos seus méritos²⁰.

Coração da Inspetoria de Nossa Senhora Auxiliadora

Grandes novidades na história do Liceu no ano de 1909!

Pe. José Zeppa deixou a direção do Liceu, sendo substituído pelo Pe. Dionísio Giudici que, de acordo com uma circular, já estava de posse do cargo a 4 de fevereiro.

A outra novidade foi o encerramento solene do Ano Jubilar das Aparições de Lourdes com a romaria das Filhas de Maria ao Santuário do Coração de Jesus.

Já se falou acima da frequência do Pe. Carlos Peretto, inspetor salesiano, ao Liceu. A Casa Inspetorial era o Colégio S. Joaquim, de Lorena, desde 1895. D. Luiz Lasagna já fizera o Liceu base de suas viagens ou estadia no Brasil.

Pe. Peretto encerrou em 1908 o tempo de sua gestão. O Pe. Pedro Rota, que fora visitador dos salesianos no ano anterior, fora a Turim para prestação de contas de seu trabalho e voltara com a nomeação de inspetor.

Ocorrendo a 25 de março o jubileu de prata sacerdotal, os salesianos do Liceu julgaram necessário prestar-lhe uma solene homenagem. Com esta finalidade, o Pe. Dionísio Giudici emanava a 17 de março uma Circular, que além da programação, dizia:

Folgo em comunicar-lhe que no dia 25 do fluente o Liceu, elevado hoje à *honrosa categoria de Casa Salesiana Central desta Inspetoria de N. S.^a Auxiliadora*, celebrará justamente as Bodas de Prata da ordenação sacerdotal de seu Inspetor residente, o Rev.^{mo} Sr. Pe. Pedro Rota.

É um ato extraordinário e de subida significação, já por encarnar uma idéia augusta no regime eclesiástico, já por ser tributado à pessoa de altos méritos.

A esta manifestação tomarão parte ativa todas as casas da Inspetoria que, muito em boa hora, foi confiada aos cuidados do DD. Festejado.

Além dos diretores das Casas da Inspetoria e muitos salesianos, vieram do Uruguai o Pe. José Gamba, inspetor das casas salesianas daquele país; o Pe. Pedro Rodrigues, o primeiro salesiano ordenado na América, diretor do Externato do S. Coração de Jesus, de Montevidéu; o Pe. Peruso, diretor do Colégio Salesiano do Uruguai; Pe. Muratorio, diretor do Colégio Pio IX de Villa Collombo, também do Uruguai; e grande número de cooperadores e pessoas ilustres de São Paulo, ex-alunos etc.

Os pátios do Liceu estavam enfeitados com bandeirolas e galhardetes, vendo-se muitas inscrições relativas à data festejada. O salão do teatro apresentava brilhante aspecto, cheio de convidados e enfeitado com flores e folhagens.

A parte musical foi dirigida pelo Pe. José Allievi, sendo executada pela *Schola Cantorum* a missa "S. José" do M.^o Ravanello. A noite, para a bênção do Santíssimo Sacramento, o santuário estava "literalmente cheio e feericamente iluminado". Uma brilhante festa ²¹.

Anúncio das festas jubilares do Liceu

A preparação para as festas jubilares do Liceu Coração de Jesus, que em 1910 completaria 25 anos de existência, foi iniciada com um ano de antecedência, com uma circular do Pe. Dionísio Giudici, de 5 de junho de 1909 ²².

Na primeira parte desta circular aos cooperadores, cooperadoras, amigos e benfeitores, traçava a programação das festividades. Depois de rápido histórico do estabelecimento, agradecia a Deus e aos cooperadores e benfeitores os benefícios que o Liceu vinha "distribuindo às classes pobres e a muita juventude desvalida", acrescentando:

Motivos ponderosos, causados sobretudo pela crise financeira que a todos afetou, fizeram sustar as obras do Liceu, construída uma terça parte apenas de seu grandioso plano geral.

Não que, de todo, hajam-se esmorecido os ânimos e perda de vista esta instituição. Não.

As nossas aulas regorgitam de alunos, rumorejam estas escolas profissionais; repletos estão os salões e dormitórios e a secção do Externato acolhe todos os que não podem comportar os acanhados limites do internato, com uma presença quase regular de 700 alunos.

Esse movimento, que forma a vida íntima do Liceu, é o reflexo de sua pujança, constitui também o atestado mais legítimo da benemerência dos nossos cooperadores, pois que a operosidade dos salesianos está na proporção direta dos auxílios recebidos, e de que a providência nos destacou para, apenas, escrupulosos administradores.

Havia vários anos que o Liceu mantinha o mesmo número de alunos. A limitação física do edifício o obrigava. Mas isso era uma angústia contínua para os salesianos. O Liceu era uma instituição pobre num bairro rico e elegante. O Pe. Dionísio, aproveitando o ensejo das festas jubilares iminentes, resolveu apelar para os cooperadores, para a generosidade tradicional das famílias Prado, Prates, Amaral, E. Carvalho e outras ligadas ao Liceu, para os ex-alunos. Seriam organizadas conferências religioso-literárias para as quais seriam convidados oradores de reputação, firmadas para janeiro do ano seguinte.

A circular do Pe. Dionísio repercutiu favoravelmente, porquanto em dezembro do mesmo ano começariam as promoções, como veremos mais adiante.

No dia 29 de julho de 1910, deveria ser celebrado também o jubileu de ouro da ordenação sacerdotal de Pe. Miguel Rua, reitor-mor dos salesianos. O Pe. Pedro Rota mandara uma circular a todos os cooperadores pedindo sua colaboração. Mas a 6 de abril, o reitor-mor expirava placidamente, na paz do Senhor²³.

As comemorações fúnebres revestiram-se de grande solenidade no Santuário do Coração de Jesus, no dia 4 de maio, tendo celebrado a missa das exéquias o Côn. Felisberto Marcondes Pedrosa, ex-aluno do Liceu e vigário da Paróquia de S.^{ta} Cecília, com assistência pontifical de D. Duarte Leopoldo e Silva. O elogio fúnebre coube ao Côn. Ezequias Galvão Fontoura, grande cooperador salesiano e admirador das obras dos salesianos. A *Schola Cantorum* executou com severa perfeição a missa do M.^o Reuner²⁴.

A morte de Pe. Rua provocou o adiamento das festas jubilares do Liceu para o ano seguinte²⁵.

A importância do Liceu era tal que a Confederação das Associações Católicas o escolheu para prestar uma homenagem aos 18 bispos das Províncias Eclesiásticas do Sul do Brasil²⁶.

Foi no dia 7 de outubro. O salão estava ricamente ornamentado. A platéia repleta de assistentes das diversas classes sociais e todos os camarotes ocupados por distintas famílias da alta sociedade paulistana.

A parte musical foi executada pela orquestra do "Grêmio S. Paulo", do Liceu Coração de Jesus, sob a direção do professor Alfredo Belardi e do M.^o Franceschini. Tomaram assento no palco, em poltronas dispostas em semi-círculo, o cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, os arcebispos de Mariana e de São Paulo e os bispos do Espírito Santo, de Diamantina, Curitiba, Florianópolis, São Carlos, Pouso Alegre, Ribeirão Preto, Taubaté, Campanha, Niterói, Goiás e Botucatu.

O 25.º aniversário do Liceu Coração de Jesus

Pe. Dionísio Giudici, em circular de 9 de junho de 1911, convidando os cooperadores e cooperadoras para participar das festas a se realizarem, dizia do 25.º aniversário do Liceu²⁷:

É um marco a se colocar entre o quartel de século que já se foi, com inúmeras dificuldades vitoriosamente superadas e uma nova fase, quicá mais fecunda em resultados, mais pujante de vida, mais auspiciosa...

Por que não afagar tão consoladora esperança?

A demonstrar os ingentes esforços passados, que vemos levantados dois grandes edifícios ao lado do soberbo santuário, um a pouco remodelado e ampliado, outro em boa parte construído.

Dias antes das festas, chegaram ao Liceu salesianos do Nordeste, como Pe. Lourenço Giordano, do Uruguai, da Argentina, os diretores dos colégios salesianos da inspetoria do Sul do Brasil, e salesianos por várias razões ligados ao Liceu, entre outros o Pe. Luiz Zanchetta e Pe. Alexandre Fia, do primeiro corpo docente do estabelecimento ²⁸.

O dia 23, primeiro dia de festa, era, no calendário eclesiástico, da festa do Sagrado Coração de Jesus. D. Nery celebrou no altar do Sagrado Coração de Jesus, estando presente a guarda de honra, e D. Alberto José Gonçalves, um dos membros da comissão de obras em 1883 e o primeiro capelão do Sagrado Coração de Jesus, pontificou. Ao Evangelho, falou o Mons. Arcebispo Francisco de Paula Rodrigues que acompanhou a obra de perto desde seus inícios. O Pe. Pedro Rota, inspetor, dirigiu a *Schola Cantorum*, com 130 figuras, na execução da missa a 4 vozes, de Perosi.

O programa dramático-musical foi esplendidamente executado, sendo a grande sensação o Trio de A. Tonizzo (violino, violoncelo e piano), executado pela primeira vez no Brasil, pelos irmãos Alfredo e Armando Belardi e pelo M.^o Franceschini. Muito aplaudida a opereta cômica "Paga-se ou não se paga", como também as variações do Ponchielli pelo Prof. Rafael Bernabei, fundador do Conservatório Musical *Carlos Gomes*, de Jundiá.

Quem pontificou no dia 24, data do 30.^o aniversário do lançamento da primeira pedra, foi D. João Batista Corrêa Nery, bispo de Campinas.

A *Gazeta do Povo* classificou como "soberbo" o programa da festa religiosa realizada nesse dia.

"Uma das notas mais simpáticas das brilhantíssimas festas jubilares foi a animada assembléia de antigos alunos dos colégios salesianos." O teatro regorgitava de moços, havendo representantes do Norte de Mato Grosso, do Rio de Janeiro, do Uruguai e da Argentina, onde a associação estava constituída de 10 centros com 5.000 sócios. O Dr. Eduardo de Valois representava os ex-alunos do Norte do Brasil; o Sr. Domingos Antônio da Silva, o Centro do Rio de Janeiro e o Dr. Olegário Moreira de Barros, os ex-alunos matogrossenses.

Encerrou a assembléia D. Duarte, arcebispo metropolitano de São Paulo, cujo discurso a revista *Santa Cruz* só pôde apresentar um resumo:

Eu me conheço bastante para não me gloriar de ser arcebispo de São Paulo; mas ter os salesianos em minha arquidiocese é-me motivo de orgulho.

Desde o tempo de seminário eu aprendi a amar e venerar os salesianos de São Paulo. Eles me foram apresentados pela primeira vez por aquela alma cândida que se chamou Padre João Batista Gomes; mas eu não sabia então compreender os benefícios que se reservavam para a minha diocese.

Contemplando a figura sempre amável e meiga do Pe. Giordani comecei a compreender que alguma coisa de grande se reservava para a nossa cidade de São Paulo.

O Liceu do Sagrado Coração é uma das glórias da diocese.

Quando vigário desta paróquia de Santa Cecília, tive ocasião de acompanhar de perto os serviços prestados pelos salesianos deste Liceu. Por isso só posso ter as bênçãos para estes amigos. De minhas mãos pendem, pois, não só as minhas bênçãos pessoais; mas pendem as bênçãos de tantos órfãos que nesta casa tiveram carinhoso abrigo; pendem também as bênçãos de tantas viúvas, cujas lágrimas veem orvalhar minhas mãos... De minhas mãos pendem bênçãos dos paulistas, em cuja bela capital levanta-se este grandioso edifício e majestoso templo; pendem as bênçãos do episcopado brasileiro, de cujo número são os dois ilustres bispos aqui presentes, os quais têm sido duas colunas fortes desta grande obra.

Agradeço aos diversos representantes as palavras de afeto com que realçaram as festas salesianas de São Paulo. Agradeço a comunhão de vistas, o afeto do Brasil pela obra salesiana. Agradeço os representantes do Uruguai e da Argentina. Podeis garantir aos de vossa pátria que os antigos alunos salesianos de São Paulo sentem-se informados pela mesma fé e pela mesma educação de Dom Bosco.

Eles têm o mesmo coração para depositar aos pés do grande educador.

A inauguração da fachada monumental

Nos inícios do atual século, o edifício do Liceu estava incompleto. Faltava à fachada da ala direita (al. Dino Bueno) os dois andares superiores. Em 1903, o teatro ainda não existia.

As festas e recepções que se faziam eram realizadas nos pátios do Liceu. Só no dia 15 de dezembro de 1905, é que aparecem as festas escolares de distribuição de prêmios efetuadas "com todo o brilhantismo", "no salão do teatro do Liceu Sagrado Coração de Jesus", às alunas do catecismo de S.^{ta} Cecília, cujo centro era dirigido por Alda da Silva Prado, auxiliada por senhoras da alta sociedade paulistana como Margarida Pereira Pinto, Elvira Lopes e Amélia Novais. Estavam presentes à solenidade vários bispos, muitos sacerdotes e ilustres famílias paulistanas²⁹.

Essa presença supõe que o teatro já estava em condições de ser usado. De fato, no Quarto Centenário da Morte de Cristóvão

Colombo, foi realizada uma “Sessão Cívica no Salão de Atos do ‘Liceu S. Coração’” — 20.05.1906 —, congregando os 740 alunos do estabelecimento. A imprensa falou do acontecimento elogiando-o ³⁰.

No dia 31 de outubro do mesmo ano, o menino-gênio da arte musical, Miécio Horszowski, de cinco anos, acompanhado de sua mãe e da irmãzinha, passaram pelo santuário onde rezaram e visitaram o órgão, parte do edifício do Liceu, todas as escolas profissionais e por fim o nobre *salão de atos*, que se bem que *não acabado, agrada sempre interessantemente aos visitantes* (grifos nossos).

O teatro estava, pois, em construção. Na mesma época estava sendo edificado o Teatro Municipal. O Colégio S. Bento já possuía o seu salão de atos, onde se pronunciavam conferências...

Excusado dizer que o menino-gênio foi recebido ao som da banda, de palmas e vivas pelos professores e alunos do Liceu, deixando-os maravilhados ao tocar por mais de uma hora ao piano ³¹.

Dessa data em diante, o teatro passou a ser usado com muita frequência e parecia ter muito espaço. Assim, na festa das meninas do 7.º Centro da Doutrina Cristã, confiada às catequistas do Santuário do S. Coração de Jesus, no dia 18 de novembro ³²:

O salão de atos do Liceu revestiu-se de galas para acolher tanta gente, tantas meninas, cerca de 800 pessoas e muitas distintas famílias e Ex.^{mas} benfeitoras do Centro.

No dia 30 de novembro, festa de encerramento do ano letivo e distribuição de prêmios aos alunos externos e internos, realizada em duas sessões consecutivas para cada seção ³³:

O salão de atos do Liceu apresentava um aspecto encantador com os múltiplos ornatos e completamente cheio.

Dos fatos narrados, pode-se concluir que o salão de teatro parece ter sido construído nos anos de 1904 e 1905.

Em 1909, assumiu a Província do Sul do Brasil o Pe. Pedro Rota. O Liceu Coração de Jesus era então a casa mais importante, por estar a obra salesiana completa e desenvolvida: internato e externato de estudantes e aprendizes, cursos primário, ginásial e comercial, um bom núcleo de ex-alunos, aulas noturnas, dois frequentadíssimos oratórios festivos e uma esplêndida igreja pública. Além disso, o Liceu estava mais em contato com as autoridades.

Os Campos Elíseos, onde estava localizado o Liceu Coração de Jesus, já não era aquele descampado dos tempos primitivos do estabelecimento. O edifício, entretanto, apresentava-se incompleto

e feio, em desarmonia com os belos palacetes próximos. Mais: o fausto do Santuário do Coração de Jesus destoava do conjunto.

Pe. Rota, ao assumir o governo da Província, sentiu de perto a forte pressão da comunidade circunstante no sentido de adaptar-se o prédio do Liceu à arquitetura ambiente. Além disso aproximava-se a celebração das festas jubilares dos 25 anos da fundação do Liceu, isto é, da Obra Salesiana em São Paulo.

Grandes concertos vocais e instrumentais em benefício das obras de construção desses dois prédios frontais foram organizados pelos maestros João Gomes de Araújo e Alfredo Belardi, professores do estabelecimento, já a partir de dezembro de 1909, alguns deles promovidos pelo "Grémio S. Paulo" dos ex-alunos. Pe. Pedro Rota, grande músico, deverá ter estimulado essas promoções, que tiveram grande êxito, contando com a presença da alta sociedade paulistana.

O edifício da ala direita, que ainda estava nu, foi todo ele revestido e foi acrescentado de mais um andar na parte correspondente à alameda Barão de Piracicaba.

Mas era demasiado pouco o tempo para continuar as obras e terminá-las quando das festas jubilares que deveriam ser realizadas em 1910. A morte de Pe. Miguel Rua, reitor-mor da congregação, ocorrida em 6 de abril desse ano, e o Capítulo Geral para a eleição do sucessor obrigaram ao adiamento dos festejos para o ano seguinte, tempo suficiente para o acabamento da monumental fachada que mudaria a fisionomia da praça em frente³⁴.

Em carta de 20 de maio, ao Pe. Bertetto, Pe. Rota denunciava suas preocupações, narrava algumas providências tomadas e pedia permissão para a continuação dos trabalhos³⁵:

Faz 25 anos que este colégio de São Paulo foi fundado. Hoje se encontra em lugar bastante central (por causa do aumento da cidade) e em parte bastante aristocrático. O município fez diante dele uma praça (Praça do S. Coração de Jesus) e atualmente está aumentando e adornando. E nosso colégio encontrava-se com a igreja (único edifício terminado externamente), a sua ala direita sem revestimento, nua, parecendo um prédio velho e abandonado (externamente); a ala esquerda está truncada, somente com o andar térreo. E toda esta fachada defrontando-se com uma praça, cercada em grande parte de palacetes, que será dentre em pouco uma das mais elegantes de São Paulo.

Não faltaram censuras contra nós, pela imprensa e por outras vias. O próprio município fez compreender que uma das principais causas para embelezar a praça era o estado e aparência exótica do nosso enorme edifício. De fato, agora que a ala direita foi revestida e oferece um aspecto agradável com suas simples e belas linhas arquitetônicas, o município começou logo a demolir algumas casas velhas e está fazendo o jardim planejado.

Foi por isso que nos veio o pensamento de festejar as nossas bodas de prata, levantando a ala esquerda (pelo menos na parte

que defronta para a praça, com uma largura de 29 metros) e assim apresentar um conjunto simétrico e agradável à vista. Lancei essa idéia o ano passado ao falar das festas jubilares. Fizeram-se algumas festas em benefício dessa obra e já recebemos várias ofertas no valor aproximado de 20.000 libras que foram depositadas num Banco, destinadas exclusivamente para esse objetivo. Quanto ao trabalho realizado na ala direita nada se deve, tendo sido feito com o dinheiro oferecido por Delpiano, segundo carta por mim enviada no dia 31 de julho passado.

Na velha fotografia (não há coisa melhor) quem lha entregará, verá de que se trata e Pe. Malan poderá explicar por viva voz.

Agora, solicito permissão para realizar este trabalho de continuação, construindo os dois andares que faltam, trabalhando aos poucos, com pouco pessoal de modo que se possa pagar mensalmente tudo, material e mão-de-obra.

Quanto às vantagens positivas para o colégio, teria muito a dizer, uma vez que estamos muito apertados e algumas instalações deverão ser abandonadas (especialmente os subterrâneos) ou destinados a outros objetivos por não mais se adequarem às atuais exigências.

Poder-nos-á orientar uma resposta antes de minha ida para a Itália. Espero-o de Pe. Malan.

Vê-se que Pe. Rota tinha posto sua autoridade de Provincial e tinha muita pressa na realização do empreendimento.

Terminada a ala direita, encetaram-se as obras da ala esquerda, orçada na época em 150 contos de réis. Pedia-se não só dinheiro, senão também “gêneros alimentícios, materiais, tijolos, cal, madeiramento etc.”. Interessante a nova técnica de construção das paredes divisórias dos pavimentos superiores: sua parte interna era de capim seco, puro, que as tornavam mais leves, além de isolantes do calor e do som ou barulho. Não é adobe.

O prédio foi realmente terminado no prazo previsto para a realização do jubileu de prata da fundação do Liceu Coração de Jesus: Uma fachada monumental pela sua imponência.

As festas jubilares foram brilhantes, contando com a participação dos salesianos fundadores, de diretores salesianos da Província Sul do Brasil, do Uruguai e da Argentina, grande número de ex-alunos salesianos até do Norte do Brasil, de cooperadores e benfeitores. Foram três dias de festas — 22 a 25 de junho de 1911 — precedidos pela tradicional novena do Sagrado Coração de Jesus. Participaram das comemorações jubilares os bispos D. Alberto José Gonçalves, bispo de Ribeirão Preto e que foi o primeiro capelão da capela primitiva do Sagrado Coração de Jesus; D. João Batista Corrêa Nery, bispo de Campinas e D. Duarte Leopoldo e Silva, arcebispo de São Paulo. Houve missa pontifical em cada dia da festa. O clero paulista com a presença de suas figuras mais representativas, o presidente do Estado de

São Paulo, Dr. Albuquerque Lins, a elite e o povo participaram das solenidades.

Os amplos pátios dos recreios, caprichosamente adornados de milhares de bandeirolas; os vastos pórticos e o grande salão-teatro, igualmente enfeitados, apresentavam um magnífico aspecto de regozijo e entusiasmo ³⁶.

Segundo Pe. Rota, “as festas jubilares do Liceu do Sagrado Coração de Jesus foram de esplendor acima de toda expectativa” ³⁷. Anteriormente afirmara que “o elemento principal” da festa tinha sido a “Associação dos Ex-alunos” ³⁸.

Entretanto, continuaram as pressões para que fossem modernizadas as oficinas, como demonstra outra carta do Pe. Rota ao Pe. Rinaldi, então prefeito geral da congregação ³⁹:

Convém notar que estamos numa época em que devemos arcar com despesas por causa das novas e crescentes exigências das autoridades escolares e cívicas. Em São Paulo, p. ex., havia ainda muitas coisas feitas em condições provisórias e outras que já não correspondiam aos tempos e de vez em quando se recebem intimações. A última foi a respeito de certos melhoramentos a fazer em algumas oficinas (não todas), exatamente aquelas que eram provisórias há mais de 25 anos! E esses melhoramentos são tais que pensamos se não será mais conveniente construir algumas oficinas novas para não fazer grandes despesas em cima ainda do provisório. Se isso ocorrer, comunicá-lo-ei oportunamente.

As mudanças viriam no período seguinte e mudariam radicalmente o Liceu...

Os italianos e o Liceu Coração de Jesus

Sendo os salesianos do Liceu, em sua maioria, italianos, foi muito fácil o seu relacionamento com a colônia italiana. O santuário do Coração de Jesus era muito freqüentado por italianos que encontravam facilidades em ser atendidos e entendidos já que falavam os salesianos a mesma língua e muitas vezes até o mesmo dialeto.

A imprensa italiana de São Paulo orgulhava-se do Liceu, como comprovam as palavras do jornal *La Tribuna*, por ocasião da visita que fez um seu repórter ao estabelecimento em 21 de abril de 1898 ⁴⁰:

È veramente l'istituto salesiano non rappresenta soltanto l'opera benefica più importante e meglio intesa dello Stato di San Paolo, ma rappresenta anche un lembo d'Italia, un lembo del nostro paese qui trapiantato, dove dei buoni Padri conciliano il loro dovere cristiano com quello di ottimi cittadini.

Nesse ano, já uma boa parte de alunos era constituída de italianos ou filhos de italianos, que encontravam no Liceu um ambiente semelhante ao de sua família e de sua longínqua pátria. Até os mestres de oficina e grande parte dos funcionários do estabelecimento eram italianos.

Após a saída de D. Scalabrini, em 1904, um jornal italiano protestava contra as exigências, consideradas por ele exageradas, em não admitir deslizes dos alunos em relação à conversação portuguesa. Referia-se a um padre português, que lecionava no Liceu e tomava a liberdade “di fare delle questioni di lingua”⁴¹:

Ed è un prete, costui!

Un prete che fa il maestro nel collegio del “Sagrado Coração de Jesus”, un portoghese legittimo, un uomo di spirito allegro e gaio como ha il diritto e il dovere di essere un legittimo portoghese prete, si permette di rivolgere rampogne volgarmente offensive e di applicare tirate d'orecchi fisicamente dolorose ai piccoli alunni che si lasciano uscir di bocca sia pure mezzo centimetro di lingua italiana!

La cosa non può andar avanti così.

Em 1904, não encontramos padre português lecionando no Liceu!... Havia, sim, o Pe. João Batista Palma e o clérigo Artur Silveira, os únicos brasileiros...

Em 1911, ao receber o “Número Commemorativo do 25.º aniversário da fundação das obras salesianas em S. Paulo”, da revista *Santa Cruz*, o jornal *La Squilla* comentava orgulhoso⁴²:

Con esso i Figli di D. Bosco vogliono commemorare il 25.º anno della fondazione delle loro opere in S. Paolo, di quel grandioso Liceo, unico in tutto lo Stato, che ti sembra una piccola città o meglio un cinematografo in natura, dove passano sotto gli occhi tante scene di arte e di industrie dalla più umile alla più nobile, e dove l'orecchio vien rincontrato dai colpi dell'incudine e accarezzato dalle note più dolci e più sublimi.

Tecia o jornal, em linguagem poética, algumas considerações altamente elogiosas ao Liceu e ao seu santuário, afirmando que esse número da *Santa Cruz* fazia “toccare con la mano tutto questo progresso ammirabile e prodigioso”! E concluía:

Ci congratuliamo con i degni figli di D. Bosco per tante vittorie ottenute, e tanto più ci congratuliamo seco loro, perchè rappresentano alla nostra città, scandalizzata e stomacata dalle pagliacciate e dai vandalismi di certuni che si dicono digli del Bel Paese, e potrebbero essere caproni degli ottentoti, rappresentano un raggio di quella civiltà che sotto l'ispirazione del Vangelo fu portando dall'Italia alle più remote contrade della Terra.

Os italianos consideravam o Liceu como uma das mais belas realizações de sua gente em terras brasileiras e disse tinham

orgulho. Quando se tratou de criar uma associação, muito comum na época, ou seja, a *Lega Patriottica Italiana*, escolheram este estabelecimento para sua primeira reunião, cuja circular era assinada por Pe. Pedro Rota, inspetor salesiano, Pe. Dionísio Giudici, diretor do Liceu Coração de Jesus e Pe. Francisco Gaiotto, catequista do Liceu ⁴³.

Hoje pode parecer estranho a participação de salesianos na Associação. Mas em se tratando de uma sociedade apolítica, os salesianos da época não viam outros problemas, uma vez que seu objetivo fundamental estava de acordo com as normas seguidas pela congregação, que no Brasil devia também prestar assistência aos imigrantes italianos. De fato, o Liceu tornou-se a sede provisória da *Lega* ⁴⁴.

Além disso, muitos dos antigos alunos salesianos eram italianos ou filhos de italianos e eram filiados à Associação dos Ex-Alunos e à *Lega Patriottica Italiana*, inclusive alguns dirigentes. Explica-se assim o bom relacionamento entre as duas associações. A *Lega Patriottica Italiana* participava ativamente das festas que se faziam no Liceu ⁴⁵.

Relacionamento com as autoridades

Sempre foram boas as relações com as autoridades religiosas e civis. Não se limitavam a simples relações protocolares e formais. Havia muita cooperação.

No dia 13 de maio de 1912, o vigário de S.^{ta} Cecília, Côn. Felisberto Pedrosa, para auxiliar nas despesas da igreja paroquial em construção, realizou um festival no salão de atos do Liceu. Nesse festival, a estrela principal foi a senhorita *Guiomar Novaes*. Claro que a concorrência de famílias foi grande ⁴⁶.

O Liceu, no ano anterior, já tinha participado da gigantesca manifestação contra Ferri e Clemenceau que ousaram fazer conferências atacando a Igreja católica ⁴⁷.

A revista *Santa Cruz* sempre foi pródiga em homenagens e apoio aos bispos brasileiros, como ao clero diocesano e regular.

Quando a *União Católica Brasileira* fundou em 1912 a Liga Antipornográfica, a *Santa Cruz* aderiu imediatamente. Nessa ocasião, era dirigida pelo Pe. Sebastião Martins, salesiano ⁴⁸.

Os alunos do Liceu visitavam freqüentemente as autoridades civis.

A comemoração da data de 12 de outubro de 1912 foi notícia no *Correio Paulistano* em sua edição de 13 de outubro ⁴⁹.

A nota de maior destaque do dia de ontem foi sem dúvida a brilhantíssima manifestação dos alunos salesianos do Liceu do Sagrado Coração de Jesus, desta capital; do Liceu de Artes e Offícios e do Externato S. João da cidade de Campinas, feita ao Sr. Conselheiro Rodrigues Alves, presidente do Estado.

Agradecendo a homenagem prestada, o presidente Rodrigues Alves fazia votos que os alunos pudessem “trabalhar como homens dignos da pátria e cidadãos da República”.

Após os aplausos, as duas bandas tocaram o Hino Nacional, terminando a “bela manifestação dos colegiais salesianos”. Em seguida, dirigiram-se ao Palácio S. Luís para saudarem as autoridades eclesiásticas. “O préstito organizado oferecia um aspecto brilhantíssimo”, “os ciclistas, dispostos de dois em dois, marchavam em frente”. “Os alunos de ambos os estabelecimentos de instrução estavam uniformizados em absoluta harmonia de trajes, e marchavam com verdadeira galhardia marcial.” Uma chuva torrencial impediu a chegada ao palácio, obrigando-os a retornar para o Liceu.

Uma notícia alarmante

A ideologia anarquista dominava o ambiente operário, principalmente entre italianos, espanhóis, portugueses. Era de caráter universalista e radicalmente anticlerical. Combatia a religião e a Igreja com palavras e fatos, porquanto as considerava obscurantistas na educação das crianças, e, pela infusão de temor a um Deus implacável, nos adultos⁵⁰.

Por ocasião do incidente da menina Idalina — que teria fugido do internato em conseqüência de maus-tratos — anarquistas de São Paulo e do Rio de Janeiro promoveram, em 12 de março de 1911, um comício anticlerical e fizeram arruaças, apesar da proibição da Justiça de São Paulo⁵¹.

D. Nery, bispo de Campinas, em sua oração gratulatória de 25 de junho de 1911, por ocasião das festas jubilares do Liceu, fez referências ao fato quando dizia⁵²:

Ainda há pouco, sentíamos lá fora rugir por sobre nossas cabeças o vento da revolução; viamos o anticlericalismo ousado, sem medir armas, lançando mãos de todos os meios, sem excluir a mais torpe calúnia, para desacreditar os ministros do altar; ouvíamos pelos órgãos múltiplos de sua propaganda destruidora a mais dolorosa e ferina adjectivação.

Como nosso divino Mestre, sentíamos o pavor apoderar-se de nossas almas, e lúgubres pensamentos quiseram inundar-nos o espírito.

Mas o virtuoso bispo alimentava esperanças na mocidade católica e acrescentava em se referindo aos meninos do Liceu:

A mocidade, porém, que se forma em estabelecimentos como este, constitui motivo de esperança para a Igreja, porque, salva a tempo, guarda a unção e o espírito de seu batismo.

É uma mocidade que ainda espera e ama. É casta, respeitosa e obediente; sabe juntar os tímidos pudores da modéstia às belas audácias da coragem, e se todas as virtudes não se completam de pronto em seu coração, atingirão ao máximo com o tempo e a graça de Deus.

Carregada nos braços da Santa Igreja, tão fielmente representada aqui pelos caridosos filhos de Dom Bosco, reabilitada sem cessar pela penitência, alimentada pela carne do Leão sempre vitorioso de Judá, inebriada de seu sangue divino, tonificada pelas palavras e pelos exemplos de seus mestres, essa mocidade apresentará em seus valentes continuadores das gloriosas tradições de nossos antepassados, e por isso nós saudamos nela, justamente, aos vencedores da incredulidade.

Eu bem sei que esta confiança não deixará de provocar nos nossos adversários risos de compaixão. E serão estas crianças — dirão eles — que hão de deter nossas conquistas, fazer recuar nossa ciência, evitar a derrocada desse catolicismo a que, há mais de quatro séculos, minamos os alicerces? E eu lhes responderei afirmativamente.

De fato os adversários sentiam-se provocados pelo prestígio do Liceu. Aguardavam a oportunidade. E essa apareceu, no dia 13 de março, quando “alguns jornais publicaram uma enorme calúnia” contra um ex-aluno do Liceu Coração de Jesus. Escreve o Pe. Marcigaglia⁵³:

E já ensaiavam contra os padres do Liceu aquela linguagem soez, aquela terminologia diabólica que alguns tinham usado havia pouco tempo, no auge da vergonhosa campanha do “Onde está Idalina”.

E passa a narrar os precedentes:

Em novembro de 1912, houve no Liceu um daqueles célebres certames de catecismo, em que era especialista o nosso Pe. Mário Maspes. Naqueles tempos lhes chamavam “Palestras Catequéticas” e eram feitas com solenidade e até com estardalhaço. Sempre havia bons prêmios, passeios, fotografias etc.

No certame desse ano, não houve jeito de derrubar o último grupo de cinco certamistas, a saber: José Segantini, Eduardo Roberto (...), José Pinto Ferreira (...), Júlio Mariotto e Antonio Golini. Não sendo possível derrubar aqueles valorosos certamistas, para a classificação final recorreram ao sorteio. O primeiro lugar coube ao Júlio Mariotto (...) que recebeu um par de ricas abotoaduras de ouro, oferta do Prefeito da cidade, Barão de Duprat. Mas os olhos de todos, inclusive do primeiro premiado, estavam focalizados e invejando o 2.º prêmio, uma bicicleta “Bianchi”, que coube ao Antonio Golini.

No clássico grupo fotográfico, este último destacava-se pela sua estatura e robustez. Aquele rapagão era um aluno modelar.

A bomba estourou no dia 13 de março de 1913, nas páginas de *O Estado de S. Paulo*, que anunciou a ocorrência, no Liceu, de um “caso melindroso” que haveria de agitar, por três dias, a polícia e a imprensa paulistana.

Submetido a interrogatório pelas pessoas da família, o menino afirmou mentirosamente ter ocorrido no Liceu, na pessoa de um “aluno” que às vezes carregava o estandarte. Ao lhe ser exibida uma fotografia do certame de catecismo do ano anterior, apontou a Antonio Golini, um moço de 16 anos, que era empregado como ajudante de guarda-livros.

O padrinho do menino levou o caso à polícia. Daí o escândalo, a prisão de Antonio Golini e o ataque dos jornais.

O Liceu, porém, reagiu. O delegado apresentou-se ao Liceu e perguntou ao Pe. Dionísio Giudici:

- Os superiores querem talvez impedir o andamento do processo para evitar complicações para o colégio?
- Não, respondeu o Pe. Dionísio. Nós fazemos questão que se faça justiça, e que o culpado seja castigado.

Esta resposta foi publicada nos jornais. E o Mons. Francisco de Paula Rodrigues comentava: “Dizem que o diretor é ignorante. Mas vejam só que resposta sensata”.

Pe. Dionísio, de fato, passou à ofensiva, derrubando todas as acusações. Foi proclamada a inocência de Antonio Golini, que já não era aluno do Liceu, nem porta-estandarte, que não existia no estabelecimento. “Deu uma sacudidela aos jornais acostumados ao achincalhe e à calúnia.”

O acusador, apertado pela polícia e por escrúpulos de consciência, confessou que o fato aconteceu na casa de um tio de Sorocaba, antes da entrada no Liceu. Indicou como culpado um primo. O médico legista foi o primeiro a proclamar a inocência de Antonio Golini.

Antes, porém, de os fatos se deslindarem e no decurso dos interrogatórios e diligências, criou-se em São Paulo uma situação constrangedoura na opinião pública, pela instabilidade dos depoimentos do acusador, estabelecendo-se suspeitas sobre tudo e sobre todos, a que escapou a própria honorabilidade do estabelecimento.

Golini fora aliás um aluno distinto no Liceu, destacando-se sempre pelas suas qualidades e tendo ali recebido diversos prêmios de valor. No mesmo dia do seu livramento, o diretor do Liceu entregava-lhe um atestado de ótimo procedimento. Pouco depois de sua libertação compareceu ao escritório da firma Francisco Lanci, fábrica de macarrão, à rua Amazonas, 12, onde tra-

balhava, em companhia de vários parentes seus para comunicar que havia sido afinal reconhecida a sua inocência.

Os idos de março de 1913 constituíram-se para o Liceu Coração de Jesus e para a Associação dos Ex-alunos Salesianos, da qual Golini era membro, uma dura provação. Os fatos foram explorados pela imprensa que os classificava de “Crime bestial”, “Ignóbil atentado”, “Um caso repulsivo”, “Um grave caso”, “O caso de Sorocaba”, “O caso do Liceu do Sagrado Coração de Jesus”⁵⁴.

A própria colônia italiana respirou aliviada porque tentaram envolver membros seus no escabroso caso, o que se explica porque havia certo mal-estar em São Paulo contra os italianos por causa de sua pujança e de sua influência. *Il Fanfulla*, um de seus maiores jornais, vibrou com o auspicioso desfecho⁵⁵.

Felizmente, tudo foi esclarecido. O Liceu recebeu todo o apoio moral, inclusive da maioria dos jornais, que excluiu o estabelecimento e o moço da ladeira do Carmo, 21, de toda a responsabilidade em relação aos lastimáveis acontecimentos⁵⁶.

A própria Nunciatura Apostólica regozijou-se em carta ao Pe. Inspetor Salesiano⁵⁷.

No Liceu, fez-se uma grande festa em reparação e homenagem a Antonio Golini, que bem o merecia, na exclamação de Pe. Luiz Marcigaglia⁵⁸.

Mas aqueles três nefastos dias devem ter atingido duramente o Pe. Dionísio Giudici, que veio a falecer dois anos depois.

A boa fama de que gozava a instituição não sofreu abalo, segundo confessava um grande jornal da época, pelo contrário, “ficou, nesta emergência, ainda mais consolidada”⁵⁹.

A glorificação

O ano de 1914 marca o final glorioso de uma fase histórica do Liceu do Sagrado Coração de Jesus.

Em 12 de outubro, dia da descoberta da América, o Liceu mostrava que os tristes idos de março não o abalaram.

Todos os alunos do internato, do externato e do oratório festivo do estabelecimento, com seus colegas do Liceu Salesiano de Campinas, precedidos pela banda de música, em ritmo cadenciado, marcharam para o largo da Sé, onde exibiram “empolgantes exercícios de ginástica”. “A multidão que assistia (...) às evoluções, sentia-se entusiástica ante a destreza que centenas de crianças numa simetria fascinante revezavam.” Findos os exer-

cícios prestaram homenagem ao seu chefe espiritual, D. Duarte Leopoldo e Silva, arcebispo de São Paulo ⁶⁰.

O repórter da revista *Santa Cruz* estava emocionado ao concluir o seu relato:

Assim pôde a Paulicéia registrar uma das mais belas passeatas cívicas promovida pela mocidade sempre entusiasta e sempre apreciada em seus atos.

O ano de 1914 foi marcado pela glorificação:

— *de um grande missionário salesiano*: D. Antonio Malan, sagrado bispo titular de Amiso e prelado do Registro do Araguaia, no dia 15 de agosto, a primeira sagração no santuário do Coração de Jesus ⁶¹;

— *do primeiro salesiano brasileiro*: D. Francisco de Aquino Correia, bispo auxiliar de Cuiabá ⁶²;

— *do primeiro ex-aluno salesiano* (do Liceu Coração de Jesus): D. Joaquim Domingues de Oliveira Belleza, sagrado em Roma a 31 de maio de 1914 ⁶³;

— *de um grande e benemérito cooperador salesiano*, Mons. Francisco de Paula Rodrigues, o popular “Pe. Chiquinho”, vigário geral do arcebispado de São Paulo, que acompanhou todos os passos do Liceu Coração de Jesus, desde sua fundação ⁶⁴.

Ao agradecer no salão de atos do Liceu, a manifestação que recebia (19 de junho de 1914), assim se expressou ⁶⁵:

Agradeço a todos, mas peço licença para destacar os salesianos, que nos abriram as portas daquela casa, para receber aqueles preitos de homenagem e de amizade.

Aceite, Pe. Inspetor, os meus agradecimentos.

Vejo-me honrado pelo que de mais ilustre há em São Paulo...

* * *

NOTAS

¹ CARONE, Edgar, *A República Velha (Instituições e Classes Sociais)*, 2.ª ed. rev. e aum., São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1972, p. 13, 21 e 45.

² “Um bello edificio de cimento armado”, in *Santa Cruz*, 9 (11), p. 436-437, ago. 1909.

³ *Santa Cruz*, 13 (4), p. 150, 158, 161, 172, e 173, abr. 1913.

⁴ *Id.*, loc. cit., p. 148.

⁵ “Archidiocese de S. Paulo”, *Santa Cruz*, 14 (2), p. 72-73, fev. 1914.

⁶ “Ribeirão Preto, a situação religiosa no Brasil”, *Gazeta do Povo*, Rio de Janeiro, in *Santa Cruz*, 13 (2), p. 82-83, fev. 1913.

⁷ AMARAL, H., "Plebiscito ou a manifestação do povo de São Paulo ao episcopado sul brasileiro", in *Santa Cruz*, 11 (1), p. 1-6, out. 1910 (Aliás quase todo esse número é uma contra-ofensiva a Ferri e Clemenceau).

⁸ "Academia Paulista de Letras", in *Santa Cruz*, 10 (3), p. 131-132, dez. 1909.

⁹ CUNHA, Luiz Antônio, *A universidade temporã: O ensino superior da colônia à era de Vargas*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira/Edições UFC, 1980, p. 180-184.

¹⁰ "O Brasil em São Luiz", in *Santa Cruz*, 5 (4), p. 181, jan. 1905; "Colaboração das escolas profissionais salesianas na Exposição", *id.*, *loc. cit.*, p. 181-182.

¹¹ "Ordenações sacerdotais", in *Santa Cruz*, 5 (5), p. 231, fev. 1905.

¹² MARCIGAGLIA, Luiz, Pe. *Os Salesianos no Brasil*, São Paulo, Livraria Editora Salesiana, 1958, p. 50-51, 138.

¹³ "Solenes exéquias em sufrágio da alma de D. José de Camargo Barros", in *Santa Cruz*, 7 (1), p. 40-42, out. 1906; "Últimos momentos de D. José", *id.*, 7 (2), p. 79; "O corpo de D. José de Camargo Barros", *id.*, 7 (9), p. 379-380.

¹⁴ "Sua Ex. o Sr. Bispo Diocesano no Liceu do S. Coração", *Santa Cruz*, 7 (11), p. 456-460.

¹⁵ AMADEI, Ângelo, *op. cit.*, p. 334.

¹⁶ "Decreto de Beatificação e Canonização do Venerável Servo de Deus João Bosco, Sacerdote Fundador da Pia Sociedade Salesiana", in *Santa Cruz*, 8 (3-4), p. 98-103, dez. 1907 e jan. 1908. "Festa a D. Bosco", *id.*, 8 (4), p. 159, jan. 1908.

¹⁷ PERETTO, Carlos, Pe., "Os Salesianos no Brasil", in *Santa Cruz*, 8 (9-10), p. 391-393, jun.-jul. 1908.

¹⁸ Almanaque Ilustrado das Famílias Católicas Brasileiras para o Ano de 1909, Escolas Profissionais Salesianas de Niterói, p. 68-70.

¹⁹ *Santa Cruz*, 9 (3), p. 112, dez. 1908.

²⁰ "Padre José Zeppa", *Santa Cruz*, 9 (6), p. 228, mar. 1909.

²¹ "Uma data caríssima", *Santa Cruz*, 9 (7), p. 245-253, 266-267, 271-273, 278, abr. 1909.

²² *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 85.

²³ *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 85b.

²⁴ *Santa Cruz*, 10 (9), p. 339-364, jun. 1910 (Praticamente todo esse número foi dedicado ao Pe. Miguel Rua).

²⁵ Carta do Pe. Pedro Rota, Provincial dos Salesianos, ao Pe. Álbera do Capítulo Superior da Congregação Salesiana, de 4 de abril de 1911. Arquivo Salesiano Centrale, 3122.

²⁶ *Santa Cruz*, 11 (1), p. 25-29, out. 1910 (Esse número tratou quase todo ele de assuntos atinentes ao IV Congresso Episcopal Brasileiro, de outubro de 1910).

²⁷ *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 93.

²⁸ "Número comemorativo do 25.º aniversário da Fundação das Obras Salesianas em S. Paulo (Brasil), in *Santa Cruz*, 11 (12), p. 493-561, set. 1911.

²⁹ "Festa Paroquial", in *Santa Cruz*, 6 (4), p. 197, jan. 1906.

³⁰ “Quarto Centenário da morte de Christóvão Colombo”, in *Santa Cruz*, 6 (9), p. 433, jun. 1906.

³¹ “Visita honrosa”, in *Santa Cruz*, 7 (2), p. 84-85, nov. 1906.

³² “Certames collegiaes”, in *Santa Cruz*, 7 (3), p. 136-137, dez. 1906.

³³ “No Externato do Lyceu”, *id.*, p. 137-139.

³⁴ Carta do Pe. Pedro Rota, Provincial dos Salesianos, ao Pe. Albera do Capítulo Superior da Congregação Salesiana, de 4 de abril de 1911. *Archivo Salesiano Centrale*, 3122.

³⁵ Carta do Pe. Pedro Rota ao Pe. Bertetto, de 20 de maio de 1910. *Archivo Salesiano Centrale*, 3122.

³⁶ “As festas”, in *Santa Cruz*, Número comemorativo do 25.º aniversário da Fundação das Obras Salesianas em S. Paulo, 11 (12), p. 513-561, set. 1911.

³⁷ Carta ao Pe. Albera, de 01.07.1911. *Archivo Salesiano Centrale*, 3122.

³⁸ Carta ao Pe. Albera, de 04.04.1911. *Archivo Salesiano Centrale*, 3122.

³⁹ Carta ao Pe. Rinaldi, de 10.07.1913. *Archivo Salesiano Centrale*, 3122.

⁴⁰ *La Tribuna Italiana*, 19.12.1898, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 70; ainda *La Tribuna Italiana*, 10.11.1901, in *loc. cit.*, p. 62-63.

⁴¹ *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, v. II, p. 57 e 59.

⁴² “Número comemorativo do 25.º aniversário da Fundação das Obras Salesianas em S. Paulo”, in *Santa Cruz*, 12 (2), p. 80-81, nov. 1911.

⁴³ *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 100a-100b.

⁴⁴ *Id.*, *op. cit.*, p. 100.

⁴⁵ *Id.*, *op. cit.*, p. 176-177.

⁴⁶ “São Paulo — Em benefício da Matriz de S. Cecília”, in *Santa Cruz*, 12 (8), p. 325, jun. 1912.

⁴⁷ *Santa Cruz*, 11 (1), p. 1-44, out. 1911.

⁴⁸ “Liga Antipornográfica”, in *Santa Cruz*, 12 (9), p. 375, ago. 1912.

⁴⁹ “S. Paulo — Comemoração da data de 12 de outubro pelos Liceus Salesianos de S. Paulo e Campinas”, *Santa Cruz*, 12 (12), p. 513-517, dez. 1912.

⁵⁰ *O São Paulo*, 13 e 18 de março de 1911; ainda CARONE, Edgar, *A República Velha* (Instituições e classes sociais), 2.ª ed. rev. e aum., São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1972.

⁵¹ MARCIGAGLIA, Luiz, Pe., *Os Salesianos no Brasil*, v. II, p. 119-126.

⁵² NERY, D. João Batista, “Oração gratulatória”, in *Santa Cruz*, 11 (12), p. 502-505, set. 1911, Número Comemorativo.

⁵³ MARCIGAGLIA, Luiz, Pe., *op. cit.*, p. 127. Pe. Marcigaglia afirma que o líder da ofensiva contra os ataques dos jornais foi o Pe. Pedro Rota, Provincial dos Salesianos. Mas à frente das entrevistas sempre aparece o Pe. Dionísio Giudici, diretor do Liceu.

⁵⁴ Os jornais deram grande estardalhaço ao fato; *O Paiz*, 17.03.1913; *Correio Paulistano*, 15.03.1913 e 16.03.1913; *A Gazeta*, 15.03.1913; *O Estado de São Paulo*, 15.03.1913; 16.03.1913; *Il Fanfulla*, 15.03.1913 e 16.03.1913, *A Platea*, 28.03.1913; ainda BELLOTTI, Faustino, *op. cit.*, p. 4.

⁵⁵ *Il Fanfulla*, 23.03.1913.

⁵⁶ *Correio Paulistano*, 16.03.1913.

⁵⁷ "S. Paulo — Liceu do Sagrado Coração de Jesus", in *Santa Cruz*, 13 (4), p. 164-165, abr. 1913.

⁵⁸ MARCIGAGLIA, Luiz, Pe., *op. cit.*, p. 128, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 107-110.

⁵⁹ *Santa Cruz*, *loc. cit.*, p. 165.

⁶⁰ "A comemoração colegial do descobrimento da América", in *Santa Cruz*, 13 (11), p. 443-454, 461-462, nov. 1913.

⁶¹ "D. Antonio Malan", in *Santa Cruz*, 14 (7), p. 271 e 290, jul. 1914 (9 e 10); p. 366-376, 388-394, set. e out. 1914 (sagração no Santuário do Coração de Jesus).

⁶² "Bispo Salesiano em Mato Grosso", in *Santa Cruz*, 14 (5), p. 175, 196-197, mai. 1914.

⁶³ "Bispo eleito de Florianópolis", in *Santa Cruz*, 14 (4), p. 132 e 157-158, abr. 1914; "Sagrações episcopais", *id.* 14 (8), p. 331, ago. 1914.

⁶⁴ "Bodas de ouro", in *Santa Cruz*, 14 (6), p. 212, jun. 1915; "As festas jubilares de Mons. Dr. Francisco de Paula Rodrigues", 14 (7), p. 274-276, 281-285, jul. 1914.

⁶⁵ *Id.*, *op. cit.*, p. 282.

VII

O SANTUÁRIO DO CORAÇÃO DE JESUS

Os salesianos conseguiram efetivamente em pouco tempo transformar o Santuário do Coração de Jesus num centro de devoção e de atração dos corações paulistanos, num centro de piedosas e espontâneas manifestações. Para isso muito contribuiu a pastoral de D. Lino Deodato de Carvalho, de 24 de agosto de 1884, sobre a consagração da diocese de São Paulo ao Sagrado Coração de Jesus, que de fato se efetuou também em todas as matrizes, igrejas filiais e capelas de institutos religiosos e, segundo uma testemunha da época, “agitou profundamente o espírito religioso do povo paulista”¹.

O bispo diocesano, mesmo depois de ter passado a capela do Sagrado Coração para os salesianos, continuou a apoiar com a autoridade de pastor a todas as iniciativas e celebrações que nela se promoviam. O mesmo fizeram seus sucessores. Esse apoio parece ter sido importante para o crescimento da fama deste templo.

Este é o assunto do presente capítulo.

O aumento da freqüência à capela do Sagrado Coração de Jesus

A festa de S. Francisco de Sales de 1887 foi celebrada com assistência pontifical, cabendo a homilia ao vigário geral da diocese, o Pe. Francisco de Paula Rodrigues, o popular “Pe. Chiquinho”².

No ano seguinte, no dia 8 de março, o bispo celebrou as exéquias solenes por alma de Dom Bosco, sendo a oração fúnebre pronunciada pelo vigário geral, supra mencionado³. Já no dia 12 de março, realizaram-se as exéquias solenes, participadas pela comunidade salesiana que comungou pelo descanso eterno do Conde de Parnaíba, Antônio de Queiroz Telles, insigne benfeitor

do Liceu, tendo comparecido “avultada concorrência”. O conde fora presidente da Província de São Paulo, por três vezes, incentivara a fundação de uma nova “Sociedade Promotora de Imigração” e construíra, na Capital paulista, a Hospedaria de Imigrantes com capacidade para 4.000 pessoas, procurando ainda fazer com que os fazendeiros, aos quais visitava infatigavelmente, construíssem habitações limpas e saudáveis para os imigrantes trabalhadores, de modo a gerar uma boa impressão sobre seus concidadãos europeus. Era também chefe do Partido Conservador⁴.

No mesmo ano, iniciava-se a campanha para a aquisição da imagem de São José⁵.

A festa de Nossa Senhora do Rosário foi prestigiada com a missa pontifical celebrada por D. Lino, com a homilia do Pe. Senna Freitas, perante “grande concorrência de fiéis”⁶.

O afluxo de fiéis ao santuário deve ter provocado a solicitação para que fossem colocados alguns combustores a gás na alameda Glette, entre a Visconde do Rio Branco e a alameda do Triunfo (hoje Cleveland), que de fato foi aprovada pela Câmara sob o argumento de que a igreja do Sagrado Coração era um “ponto muito freqüentado com as festividades religiosas”⁷. As pressões populares continuaram exigindo agora a construção de linhas de bondes passando pelo bairro dos Campos Elíseos e de um largo (praça)⁸.

O santuário já vinha merecendo atenção porquanto o *Correio Paulistano* publicava o programa da Semana Santa de 1889 e a celebração de “uma missa em ação de graças à Divina Providência pela conservação da (...) vida de S.M. o Imperador”, no dia 25 de junho de 1889⁹.

Mais uma intervenção do bispo em favor do andamento da obra

No dia 10 de agosto de 1890, foi celebrada com toda a pompa possível a festa de S. Luís Gonzaga, o angélico protetor da juventude. Pe. Giordano, em carta de 20 de setembro, escrevia¹⁰:

Garanto-lhe, amadíssimo pai, que solenidades semelhantes não vi a não ser no oratório...

Pela manhã a missa de S. Miguel, com o *Sanctus* e o *Agnus Dei*, a três vozes, de D. Cagliariro. foi executada com precisão pelo coro de cento e mais vozes, acompanhada pela nossa banda, coadjuvada de beneméritos professores da cidade.

À tarde, o magnífico coro da *Speranza* de Rossini e o *Tantum ergo* pastoral a dois coros.

Certamente a afluência de tanta gente importante impressionou aos moradores que dirigiram este apelo à Intendência Municipal ¹¹:

Roga-se a esta digna corporação que se digne lançar suas vistas para os Campos Elíseos. Depois de nova linha de bondes é urgente necessidade de que se mande calçar a parte da rua Visconde do Rio Branco, entre o largo dos Guaianases e a alameda Glette, assim como esta também necessita urgentemente ser calçada, entre a dita Rio Branco e a alameda do Triunfo. Só vendo a quantidade de povo que frequenta a igreja dos salesianos, e todo este povo é forçado a meter o pé na lama; é simplesmente horrroso.

Pelo amor de Deus, mandem calçar estas ruas.

Muitos munícipes.

O bispo, entretanto, parecia aflito com o andamento dos trabalhos. A capela era pequena para um público crescente. Sua preocupação, para não dizer angústia, evidenciava-se na carta circular de 4 de março de 1890, na qual conclamava os sacerdotes e todo o povo de sua diocese para a conclusão ou, pelo menos, o incremento da obra, mostrando ainda a importância da Congregação Salesiana estabelecida em seu bispado. Encabeçavam a carta as palavras do apóstolo Paulo: “Caritas omnia suffert; omnia sperat” (1Cor 13,7) ¹².

Quem ama a Jesus Cristo, diz-nos o Apóstolo, sofre tudo por amor de Jesus Cristo e nele firma toda a esperança.

Tal é a norma invariável da humilde e benemérita congregação salesiana estabelecida em boa hora neste bispado, sempre em obediência e na união a mais perfeita com o prelado diocesano.

Deus, sempre rico em misericórdia, tem secundado de modo visível os seus esforços, já na educação moral e religiosa, consorciada ao ensino literário e profissional da infância, principalmente pobre e desvalida, já na prática freqüente do culto divino e exercícios de piedade.

Além dos cômodos, (ainda insuficientes) já realizados para aposentos de mestres e alunos, salões de estudo e colocação das oficinas para o serviço da aprendizagem e outros das artes e ofícios, que constituem um dos fins desse caridoso Instituto, trata-se agora de levar a efeito, ou ao menos dar o maior impulso possível às obras da igreja do Sagrado Coração, que consideramos o *centro dessa devoção entre nós* (grifos nossos) e um quase *ex-voto* da diocese que tão espontânea e generosamente concorreu para sua fundação, ainda infelizmente longe de atingir o seu complemento e estado de perfeição que reclamam o plano e a proporção da obra.

Pedimos, pois, instantemente, por amor de Deus e pelas entranhas de misericórdia de Nosso Senhor Jesus Cristo aos nossos irmãos sacerdotes e a todos os nossos queridos diocesanos desta capital e dos diversos pontos da diocese que nos auxiliem (a nós e ao superior da casa) quer individualmente quer formando comissões a concluirmos, ou quando menos adiantarmos as obras desse templo, à cuja sombra se abrigam tantas crianças inocentes que

serão um dia, além de humildes e obedientes filhos da Igreja, cidadãos úteis a si, a suas famílias e a sociedade em geral.

Continuaremos a prestar a esse pio e caridoso Instituto nossa humilde cooperação e auxílios compatíveis com as nossas fracas forças; podendo assegurar em nome de Deus aos que subscreverem para semelhante fim quaisquer donativos as preces incessantes das crianças em favor de seus benfeitores e a nossa bênção pastoral como feliz presságio dos dons e graças celestiais.

S. Paulo, 4 de março de 1891

† D. Lino Deodato Carvalho,
Bispo Diocesano

Imediatamente foi aberta a primeira subscrição por iniciativa de Pe. José A. de Almeida e Silva, com 10:000\$000 (dez contos de réis), o Côn. Augusto Cavalheiro e Silva, com 1:000\$000 (um conto de réis) e o Pe. João Batista Gomes, com 500\$000 (quinhentos mil réis) ¹³.

A festa de S. Pedro e S. Paulo, realizada na catedral de São Paulo, no dia 29 de junho de 1891, foi promovida pelo Pe. Lourenço Giordano com o fim de angariar donativos para a continuação das obras do santuário, em atenção à carta circular supracitada. A catedral ficou lotada de pessoas de todas as classes sociais. Pregou o Evangelho o Côn. Arcediágo Francisco de Paula Rodrigues e pontificou o bispo diocesano com assistência do cabido dos cônegos. Após o sermão, o pregador e os padres Monte e João Batista Gomes correram a bolsa entre os assistentes, fazendo a coleta de quase três contos de réis. Muitos dos fiéis, desprevenidos, ficaram de levar posteriormente seu óbulo, correspondendo assim ao pedido do orador. Os alunos do Liceu, auxiliados por professores da Capital paulista, executaram com brilhantismo, acompanhados da orquestra, a missa de S.^{ta} Cecília, a 4 e 6 vozes, de D. Cagliari, causando agradável impressão em todos os assistentes, como se verá logo a seguir ¹⁴.

Os salesianos e São Paulo

Este foi o título de um artigo publicado no *Jornal do Commercio*, de 14.07.1891, e que mostra a repercussão da festa de que acima se falou ¹⁵:

Há somente seis anos que os beneméritos padres salesianos, já conhecidos em toda a Europa e América do Sul pelos centenares de colégios deixados por seu santo fundador Dom João Bosco, estabeleceram-se na nossa cidade de São Paulo; porém é tão grande a dedicação, com que desde o princípio têm-se consagrado à instrução e educação dos filhos do povo, que souberam grangear, em tão breve espaço de tempo, a estima, a admiração e o amor de

todos os cidadãos paulistas, não só da Capital, como de todas as outras cidades do Estado.

As duas importantes solenidades celebradas por eles nestes dias têm aumentado ainda mais em nossos corações a simpatia, que sempre nos mereceram.

Menciona a festa de S. Pedro e S. Paulo, de que já se tratou acima e de uma segunda, celebrada no dia 5 de julho, "em seu humilde mas devotíssimo Santuário do Sagrado Coração de Jesus, em honra deste (...) protetor do Liceu", solenidades essas que "saíram tão esplêndidas e edificantes, que em todos deixaram vivíssimos desejos de as verem repetir-se outras vezes".

Acrescenta que de fato concorreram para abrilhantá-las a presença de dois bispos, ou seja, D. Lino e o bispo de Goiás, D. Duarte da Silva; a assistência do cabido e de muitos sacerdotes da Capital e do interior; o esplendor e magnificência das cerimônias sagradas; os discursos de dois exímios oradores paulistanos, Pe. Francisco de Paula Rodrigues e Pe. João Nery. Contudo, o que mais causou profunda e agradável impressão foi o desempenho dos pequenos cantores do Liceu, coadjuvados pelos mais distintos cantores e músicos de São Paulo.

E continua o articulista, cooperador salesiano:

Não temo errar, afirmando que uma missão tão grandiosa e artisticamente bela, executada, com tão bom gosto e perfeição, por mais de cento e quarenta músicos, *nunca se vira antes nesta nossa cidade.*

Aqueles coros tão cheios e harmoniosos das vozes infantis e argentinas de oitenta e mais meninos, divididos em sopranos e contraltos, entrelaçando-se graciosa e artisticamente com uma das vinte vozes sonoras e robustas de tenores, barítonos e baixos; os solos, duetos e quartetos, que de improviso sucediam-se aos coros, tão belos, devotos e tocantes, e executados com tanta graça e expressão; o tempo ora grave e lento, ora agitado, rápido e prestíssimo; a melodia ora severa e triste, ora suave, patética ou alegre, mas sempre devota, expressiva e fascinante; tudo isso enlevava docemente os espíritos, deixava divinamente estupefata e atônita aquela imensa multidão de povo, e por vezes arrancava involuntárias exclamações e aplausos.

Dava glória à Congregação Salesiana por contar em suas fileiras "um músico tão distinto e simpático, qual o intrépido bispo-missionário da Patagônia, D. Cagliariero, já famoso em toda a parte quanto popular, que, nesta missa de S.^{ta} Cecília, cantada pela primeira vez aqui na América", "parece ter superado a si mesmo", com páginas que "extasiam a alma e vão tocar as mais recônditas fibras do coração humano".

Em se referindo aos meninos do Liceu, dizia:

Para quem conhece um pouco a bela, mas difícil arte da música, não há que duvidar disto: e se os pequenos alunos do Liceu

do Sagrado Coração souberam interpretar tão fielmente a missa de Santa Cecília, é forçoso confessar que devem, apesar de sua tenra e natural distração, conhecer muito bem o canto; e que o seu digníssimo maestro e diretor, padre Lourenço Giordani, teve uma paciência e habilidade extraordinárias, para instruí-los tão perfeitamente, não obstante ter ele tantas outras ocupações mais sérias e importantes, que continuamente o estão oprimindo.

E dando os parabéns e os agradecimentos, escrevia:

Não quero falar agora do simples, mas gracioso uniforme dos pequenos cantores-marinheiros, que tanto na Igreja, como fora dela, tiveram uma conduta edificante e atraíram a si os olhares de todos; das belíssimas sinfonias e marchas, magistralmente tocadas pela banda marcial de outros quarenta alunos do mesmo Liceu, militarmente fardados; nem da imponente e brilhante orquestra, composta de 35 instrumentos, que tão perfeitamente acompanhou toda a missa, unindo suas delicadas vibrações às belas vozes dos cantores; só acrescentarei algumas palavras, para dar parabéns e agradecimentos a quem nos proporcionou, à custa de seus trabalhos e suores, tão esplêndidas e tocantes festas.

Sim, parabéns e agradecimentos ao virtuosíssimo e ilustrado sacerdote, padre Lourenço Giordani, e todos os seus dignos companheiros de trabalho; pois abrigando já atualmente no Liceu mais de 230 alunos internos e cerca de 370 externos (os quais vão aumentando cada dia em número), a quem prodigalizam quotidianamente o pão da inteligência e do coração, têm-se tornado verdadeiros salvadores da infância desvalida, e homens muito beneméritos da nossa cara pátria.

Parabéns e agradecimentos também ao nosso venerando bispo diocesano, monsenhor D. Lino, o qual por meio dos mesmos padres salesianos, está levantando agora junto do seu abençoado Liceu, nos Campos Elíseos, um magnífico santuário do Divino Coração de Jesus, que será dentro em breve, o esperamos, um dos maiores e mais suntuosos monumentos da nossa fé e da nossa glória.

Grave desastre

Tudo corria muito bem, mas... Passemos a palavra para o Pe. Lourenço Giordano, em carta ao Pe. Miguel Rua, de 26 de abril de 1892. Entre outras dizia ¹⁶.

Mas o demônio, que está “bancando um pouco” de imperador nesta vasta e jovem república, devia roer-se de raiva pelo progresso das Obras Salesianas. Quis vingar-se, planejando uma das suas, e, com a permissão do Senhor, conseguiu causar-nos uma grave perda material.

Chuvvas contínuas de quinze dias inundaram os campos e as cidades do Estado de São Paulo, causando muitas desgraças. Nas noites dos dias 19 e 20 pareceu que se abriram as cataratas do céu e que o Senhor tivesse esquecido sua promessa de não mais mandar o dilúvio.

Interrompemos aqui a carta do Pe. Giordano, para apresentar a situação em que estava o santuário, segundo a versão de Pe. Domingos Molfino ¹⁷:

... Pe. Giordano, para dar maior comodidade ao público e aos meninos que aumentavam continuamente, havia iniciado os trabalhos da igreja do Sagrado Coração. Com imensos sacrifícios lançara as colunas da nave central. Erguidas as paredes provisórias entre as colunas e elevadas as grandes paredes com as janelas correspondentes sobre a arquitrave das colunas, o edifício tinha chegado até a altura normal do teto concluído. Assim a nave central do santuário do S. Coração estava pronto para ser usado. Convém notar que a nave central, logo que foram tirados os andaimes, servia provisoriamente para recreação dos meninos quando chovia.

Aconteceu que uma chuva torrencial se despençou durante alguns dias, ininterruptamente, não deixando esgotar a massa de água que, sem parar, caía do telhado, recentemente construído e sem as calhas, atingindo lateralmente as bases das colunas e ameaçando-lhes a firmeza.

Pelas 24 horas, um barulho pesado e surdo, acompanhado de um abalo geral, como um terremoto, fez tremer todo o edifício... Que sucedera?

Continuava o Pe. Giordano:

O trabalho do encanamento da água sobre o teto da nossa igreja tinha sido interrompido em mau ponto. A água, jorrando ao lado de uma coluna com toda a força, minou os fundamentos. Desta forma a parede direita, ainda fresca, perdeu o equilíbrio e ruíu arrastando consigo o teto da nave central. Fomos felizes em nossa desgraça por não dever lamentar outras vítimas além das telhas e dos tijolos quebrados. Foi também uma grande felicidade a queda de uma só parede, sem que as outras dessem o menor sinal de querer seguir-lhe o exemplo.

Parece que o Pe. Giordano tenha procurado minimizar os estragos como prova a sua atitude para com o arquiteto responsável pela obra, o salesiano Domingos Delpiano. Assim narrava o Pe. Domingos Molfino, testemunha ocular dos fatos:

Pe. Giordano, despertando sobressaltado, percebeu a catástrofe e tomou consciência do ocorrido com profunda dor. Venceu entretanto a angústia e pensou logo no efeito que acarretaria na alma do construtor, o arquiteto salesiano, Domingos Delpiano, de sua sensibilidade extremada, apesar de sua comprovada virtude. Correu imediatamente a ele — que tomado por terrível pressentimento não tinha saído do quarto. Com um carinho todo especial, ostentando um pouco de indiferença, disse-lhe o Pe. Giordano: "Parece que as chuvas estragaram um pouco as nossas construções... O Senhor quer provar-nos... Paciência! Seja feita a sua santa vontade!... Não se perturbe... Trabalhamos para o Sagrado Coração. O que quer que tenha acontecido, o demônio não nos parará cer-

tamente e Deus não nos deixará faltar os meios necessários...” Com essas e outras expressões semelhantes, dirigiram-se para o local do desastre e não foi difícil encontrar a resignação necessária, apesar da grande dor no coração. Os eventos posteriores deram plena razão ao Pe. Giordano.

A versão de Pe. Faustino, que na época era clérigo, é muito sóbria, mas coincide com a de Pe. Giordano ¹⁸:

Chuvas contínuas haviam prejudicado bastante o andamento do santuário. O coadjutor Delpiano estava bastante preocupado. “Desiderel piuttosto che questa pioggia cadesse sopra la mia pancia”, dizia ele com uma forte expressão.

A igreja foi coberta. Para festejar o término dos trabalhos os salesianos se reuniram à noite, celebrando o acontecimento com uma boa cerveja.

Alta hora da noite (...). O telhado tinha vindo abaixo.

Voltemos à carta de Pe. Giordano:

O prejuízo foi calculado entre dez a doze contos (o conto vale cerca de dois mil francos). No dia seguinte, recebia eu das mãos de diversos ótimos benfeitores, sempre atentos às nossas necessidades, quase o dobro da perda.

Os trabalhos procedem agora com a maior alacridade. O demônio sairá certamente perdendo na desforra.

Trabalho para organizar uma escola latinista e uma outra de artefices salesianos, conforme os seus e meus vivíssimos desejos.

Sonho além disso continuamente com as missões dos índios do Brasil, e tenho presente as suas palavras de animação para realizar o grandioso projeto de Dom Bosco. Terminando o santuário do Sagrado Coração, e celebrando-se as festas da consagração em julho do próximo ano, como espero, tornar-me-ei algo mais do que um “vir desideriorum”.

Receba, Rev.^{mo} e amadíssimo pai, as saudações afetuosas destes seus filhos distantes, mas que freqüentemente se encontram em espírito junto do senhor, salesianos, alunos e benfeitores.

Abençoe-nos a todos e especialmente a este seu

Af.^{mo} e obr.^{mo} filho

Pe. Lourenço Giordano.

Pela manhã passou pelo local D.^a Veridiana Prado. Ao ver o desastre perguntou a Delpiano em quanto importava o prejuízo. E ali mesmo, na rua, assinou-lhe um cheque de vinte contos.

A construção foi reiniciada, mas desta vez com maior esforço. O próprio bispo, D. Lino Deodato, interveio mais uma vez com uma segunda carta, de 23 de janeiro de 1893, de que já se falou acima.

Impressões de um visitante

Pouco mais de um ano depois, o santuário já se tinha recuperado do grave acidente provocado pelas chuvas. Tanto assim que causava profunda admiração aos visitantes e o movimento de fiéis era impressionante, como demonstra uma carta publicada num jornal paulistano, que, além de tecer louvores ao santuário dos salesianos, aproveitava o ensejo para verberar o comportamento das autoridades governamentais e dos políticos¹⁹:

São Paulo, 29 de julho de 1893.

Il.^{mo} Sr. Redator do *Diário Popular*,

... visitamos ontem o suntuoso templo que os padres salesianos estão construindo nos Campos Eliseos.

Foram surpreendentes todas as impressões que sentimos, diante da majestade deste magnífico templo, erguido à custa dos esforços dos padres salesianos, consociados à reconhecida generosidade do povo paulista. É admirável que neste *fin de siècle* haja ainda quem se dedique à elevação de uma igreja tão monumental como à do Coração de Jesus.

Toda a construção está feita sob uma harmonia de vistas, que agrada e até desperta a caridade pública para a maior celeridade na conclusão das obras.

Nos poucos dias que temos habitado São Paulo, temos verificado a pujança deste povo viril e patriota: aqui tudo que depende da iniciativa particular prospera e causa admiração; entretanto, tudo que depende dos poderes constituídos, São Paulo está na mesma linha dos outros Estados, isto é, tem o mesmo modo de pensar, as mesmas apatias e a mesma indolência.

É assim que diante do belo templo dos salesianos existe um pequeno largo, que, segundo nos informara, pretendia a Câmara, no tempo do presidente Dr. Clementino de Castro, transformá-lo em bonito parque arborizado e calçado, mas, que o Dr. Clementino tendo deixado a vereança, seus sucessores abandonaram a idéia; hoje aquele largo, de um lado está coberto de mato, e de outro em dias chuvosos transforma-se num lodaçal.

Disseram-nos mais, que a igreja dos salesianos é muito frequentada e que nos tempos chuvosos os fiéis para lá chegarem precisam de muita coragem, para vencer o incomensurável tremedal de lama!

As más línguas dizem, que em São Paulo, só se calçam as ruas em que moram vereadores ou alguma majestade pública, e que tudo mais é história.

Se assim é, não nos admira, pois, que é o sistema das municipalidades se reflete com toda a força nas atuais intendências. Se morássemos em São Paulo havíamos de ter o cuidado de fazer nossa residência perto e bem perto de algum vereador.

A carta desse "visitante" parece não ter sensibilizado as autoridades no que se referia às condições lamentáveis do largo, porquanto, embora a declaração de sua utilidade pública já tivesse

sido aprovada (29.01.1889), somente foi posta em execução no dia 10 de outubro de 1899, quando entre as deliberações da Câmara foi declarado o seguinte: “Que se faça a aquisição do terreno em frente à igreja do Coração de Jesus, pela quantia de 16:000\$000, para servir de largo à mesma igreja”²⁰.

A Guarda de Honra do Sagrado Coração de Jesus

Foi fundada em 8 de dezembro de 1889 por rescrito do bispo diocesano, mas só começou a funcionar a 30 de janeiro de 1894 com a inscrição das primeiras quarenta e seis associadas. Compôs o quadro de sua primeira diretoria²¹:

- D.^ª Rosa Lorena Lage — presidente, a primeira inscrita.
- D.^ª Maria Emília de Moura Almeida — vice-presidente.
- D.^ª Virgínia Prada — tesoureira.
- D.^ª Elisa Butler — secretária.
- D.^ª Joanna Delfino Victoria d’Oliveira Coutinho — zeladora.
- D.^ª Julia da Costa Bastos — zeladora.
- D.^ª Henriqueta Colli — zeladora.
- D.^ª Carolina Butler — zeladora.
- D.^ª Virgínia Butler — zeladora.
- D.^ª Francisca Isabel da Costa — zeladora
- D.^ª Anna Butler — zeladora.
- D.^ª Justina Martinelli — zeladora.
- D.^ª Amélia Torres da Silva — zeladora.
- D.^ª Januária Torres da Silva — zeladora.
- D.^ª Alice Serva — zeladora.
- D.^ª Victoria Pinto Serva.

Inicialmente, eram apenas as senhoras ou senhoritas a compor o quadro dos sócios. Em 20 de dezembro do mesmo ano, entraram os primeiros 17 sócios, entre os quais Tiburtino Mondim Pestana e o coronel Antonio Mendes da Costa. Em abril de 1895 entraram mais 25 homens.

Entre 1894 e 1909, as inscrições chegaram a 2.198 confrades, provenientes em sua maioria dos Campos Elíseos e, em escala menor, dos bairros circunvizinhos (Bom Retiro, Santa Efigênia, Santa Cecília, Barra Funda, Luz etc.). Grande número, porém, não deixou endereço. Em Bragança Paulista, havia uma associação afiliada com 255 sócios e em Guaratinguetá, com 145.

Predominava o sexo feminino. Entre as associadas havia pessoas de todas as classes sociais. Muitas delas, porém, eram esposas, filhas, irmãs ou parentes dos “Barões do Café”.

Podemos citar nomes de grandes famílias paulistas como: Prado, Pereira Pinto, Costa Carvalho, Amaral, Siciliano, Chaves,

Lara, Martinelli, Toledo, Villaça, Lessa, Camargo, Aranha, Galvão Bueno, Machado, Gurgel, Couto, Arantes, Mendes, Aguiar, Pacheco, Azevedo, Alvarenga, Sampaio etc. Entre as primeiras sócias, notam-se as viscondessas Margarida Maria Pereira Pinto e Alice Maria Pereira Pinto, cuja família sempre privou da amizade da família imperial.

Fizeram parte da Guarda de Honra homens como o Conselheiro Manuel Duarte de Azevedo e o Barão de Brasília Machado, para citar alguns dos ilustres sócios da seção masculina.

Anualmente promovia a Guarda de Honra dias de retiro espiritual, tanto para a seção feminina como para a masculina, na segunda quinzena de dezembro como preparação ao Natal. Era permitida também, no retiro, a participação de pessoas estranhas ao quadro da confraria.

Responsabilizava-se a confraria pela lavagem da roupa da igreja, de benfeitorias no santuário, de despesas para manter o catecismo das meninas, das primeiras sexta-feiras do mês, da novena e festa do Sagrado Coração de Jesus, da gratificação dos pregadores e celebrantes convidados para essas solenidades etc. As despesas para a construção do púlpito foram cobertas pelos associados. Destinava ainda ao bispo diocesano 20% da coleta, além de contribuir para a Confederação Católica.

As grandes manifestações religiosas

As festas sucediam-se, tornando o santuário um foco de atração para a população paulistana. As funções litúrgicas executadas com brilhantismo e piedade eram apreciadas pelos fiéis de todas as classes.

Impressionantes foram os funerais solenes celebrados por alma de D. Luiz Lasagna, falecido tragicamente no desastre de trem, perto de Juiz de Fora, no dia 6 de novembro de 1895. Pontificou D. Joaquim Arcoverde, bispo diocesano de São Paulo. Oniflon assim narrava emocionado ²²:

Imponentes e grandiosos, como *nunca os presenciamos em nossa amada paulicéia*, foram os sufrágios do dia 23 do corrente (grifos nossos).

É-nos grato declará-lo, esses funerais corresponderam à grandeza da perda incalculável, nunca assaz chorada das vítimas do dia 6 e à afeição que o povo paulista lhes consagrara...

Não nos deteremos a falar da preparação do artístico e devoto Santuário do S. Coração: mencionaremos apenas que no meio da nave central, alumiado de inúmeros cirios e de grandes lâmpadas ou fachos ardentes elevava-se monumental mausoléu com 13 metros de altura, composto de 4 grandes arcadas, encimadas de esbelta

cúpula e o todo pousando sobre grandioso e proporcionado pedestal.

É muito provável que o brilhantismo do canto litúrgico tenha impressionado a Baronesa de Tatuí, que fez a doação de 50 contos de réis para, além de outras finalidades, a aquisição do órgão. Não teve a ventura de vê-lo em funcionamento porquanto vinha a falecer em 1898. Os salesianos e alunos do Liceu lhe foram gratos e celebraram “uma Missa Solene de ‘Requiem’ com ‘Libera’”, no dia 2 de março daquele ano “pelo descanso eterno de sua insigne benfeitora”²³.

O movimento religioso do ano de 1897 chamou a atenção da *Pequena Revista Catholica*²⁴:

É-nos de muita consolação poder aqui registrar que no ano passado, 1897, no devoto e frequentadíssimo santuário do Sagrado Coração, dirigido pelos salesianos de Dom Bosco, distribuiu-se 41 200 comunhões (das quais mais de 300 primeiras comunhões) e se celebraram quase 4.000 missas assistidas sempre por numerosos fiéis.

Nos domingos e festas de preceito mais de 500 meninos, divididos em várias classes, recebem explicação catequística sobre as principais verdades de nossa santa religião.

Estas cifras, enquanto são uma prova irrefutável do zelo e dos frutos abundantes que recolhem os filhos de Dom Bosco no santuário do Sagrado Coração, são também uma prova evidente do despertar religioso nesta importante capital que toma o nome do apóstolo das gentes.

Consta-nos que nesse santuário a partir de fevereiro próximo nos domingos e festas de preceito haverá celebração de missas a todas as horas, das 5 até às 10 da manhã, com homilia ou explicação do evangelho em português na última, e com breve instrução religiosa em língua italiana durante a missa das 6, para comodidade da numerosa colônia italiana estabelecida nesta cidade.

As nossas cordiais congratulações aos ativos salesianos e os nossos sinceros votos para que o devoto santuário do S. Coração continue a produzir sempre maiores frutos para a glória de Deus e a salvação das almas.

Em 1898, o Dr. Alfredo Moreira Pinto, que estava preparando uma obra sobre a cidade de São Paulo, publicou uma apreciação do santuário Coração de Jesus. Escrevia ele²⁵:

É um vasto templo de estilo da Renascença com três portas de entrada e três janelas, tendo em cima a torre atualmente com 56 metros, quando se colocar no ápice a estátua do Coração de Jesus.

Na torre ficam quatro anjos embocando quatro trombetas, representando o juízo final, abaixo cinco sinos e debaixo destes um relógio de mecanismo duplo. Aos lados, estão as estátuas de Santo Agostinho e de São Francisco de Sales.

O interior é de uma magnificência extraordinária, de uma imponência e de uma riqueza excepcional: tem o aspecto de uma catedral.

Possui ricas pinturas no teto do corpo da igreja e na cúpula do presbitério, naquele há a aparição do Salvador à bem-aventurada Maria Alacoque e nesta o Cristo crucificado.

O altar-mor é todo de mármore de Turim e foi oferecido por Veridiana Prado. Nele ficam uma imagem do Coração de Jesus Cristo e dois dos seus discípulos em Emaús e o outro o nascimento de Jesus.

O altar-mor está assentado acima de uma cripta subterrânea com um altar de mármore, da maior riqueza e do maior gosto artístico.

No corpo da igreja há três naves, uma central e duas laterais separadas por 8 colunas de cada lado, fingindo mármore.

Tem atualmente 7 altares de mármore.

É um templo grandioso, pouco inferior à matriz de Campinas e pouco superior à matriz de Lorena, com o qual se assemelha no interior.

É maior, porém não tem a graça de S. Benedito desta última cidade.

Apareciam, contudo, críticas e acusações de que se desviavam dinheiro que julgavam dever-se aplicar à manutenção da escola. No *Diário Popular*, alguém tomou a iniciativa de defender os salesianos ²⁶:

A igreja do Sagrado Coração de Jesus nesta capital tem sido construída exclusivamente à custa da caridade particular. Sabe-se que a Sr.^a Veridiana Prado, senhora de santa piedade, e que tantos benefícios há prestado a muitos estabelecimentos de beneficência e de caridade, foi quem deu à igreja do Coração de Jesus o altar-mor e suas imagens e alfaías.

Todos os altares foram construídos por pessoas devotas, cujos nomes estão inscritos nas respectivas capelas. Das senhoras D.^a Veridiana, Baronesa de Tatuí e Antonio Prates, espera o templo do Coração de Jesus a terminação da torre, a estátua do padroeiro, os sinos e o órgão.

Bem longe de aplicar-se à construção e decoração da igreja o produto das subvenções públicas, ou dos donativos para as escolas, têm-se aplicado exclusivamente ao custeio destas todo o produto das esmolas nas missas e festas, e o adquirido pelos padres em todos os atos religiosos que podem ser estipendiados além do dinheiro e objetos ofertados sem destino especial.

Compreende-se que não seria possível manter-se de outro modo um internato de mais de 300 alunos, que não possui um ceitel de rendimento próprio.

Como sempre acontece, os boatos se contradizem.

A festa do Sagrado Coração de Jesus, realizada no dia 9 de junho de 1899, parece ter sido das mais belas solenidades celebradas na década final do século XIX, no santuário.

A imprensa paulista dela tratou antes e depois, o que demonstrava ter sido um acontecimento religioso de grande importância na Capital paulista²⁷.

O *Correio Paulistano* (06.06.1899) já anunciava a execução da missa de Santa Cecília, como uma das mais esplêndidas composições sacras do célebre M.^o Gounod, afirmando que “se o autor de Fausto é sublime, clássico, puro nas suas obras, o é muito mais na música sacra, pois é nesta que o seu gênio ergue-se majestoso e prima sem comparação”. E dizia ainda:

A melodia simples e sublime é sustentada da maneira a mais admirável pela verdadeira composição clássico-musical, composição que, desafiando a crítica dos melhores puristas, satisfaz o profano que fica como enlevado por essa harmonia que ele não sabe definir.

Depois da notícia de ter sido ela executada pela primeira vez em Paris, onde obteve completo sucesso, assegurava que esse antecedente seria o penhor de satisfação geral “tão bem preparado e ensaiado pela já valente *Schola Cantorum* do Liceu Coração de Jesus”, composta de 130 vozes.

Criticando as músicas freqüentemente executadas nas igrejas, terminava fazendo votos que o evento marcasse o início de uma nova era na música sacra:

Não se deve confundir, pois, a música de Gounod com essa música que muitas vezes se executa no templo sagrado, porém nada tem de sacro, destoando muito da seriedade e daquele verdadeiro sentimento religioso que ele exige.

É à música sacra que parecem destinados os maiores triunfos da arte; prova-o o entusiasmo frenético que na Itália, na Alemanha, na França etc. acabam de despertar os trabalhos de Perosino.

Fazemos votos sinceros para que a festa do dia 9 seja para São Paulo o começo de uma nova era artístico-sacro-musical.

O *Commercio de S. Paulo* (07.06.1899) chegou até a fazer um extenso comentário sobre as diversas partes da missa, parecendo ter participado dos ensaios.

Ao santuário, no dia da festa, afluiu “extraordinária concorrência da elite” e “número elevadíssimo de pessoas não só na missa celebrada às 6 horas da manhã em que participaram os alunos do Liceu, a congregação do Coração de Jesus e de todas as pessoas previamente preparadas à comunhão”. Nas outras missas houve a primeira comunhão de muitas meninas.

Na Missa Solene, celebrada pelo Côn. Carlos Benjamim, servindo de diácono o Côn. Antônio Benjamim e de subdiácono o Pe. Jacob, capelão do Asilo de Órfãos do Ipiranga, foi executada a missa, já tão decantada pela imprensa, pela *Schola Cantorum*

do Liceu, dirigida com habilidade pelo incansável Pe. José Allievi, acompanhado da orquestra e do harmônio, com a participação de alguns professores do Liceu.

No dia seguinte, o *Correio Paulistano* (10.06.1899) assim apreciava o desempenho dos cantores e da orquestra e elogiava a ousadia temerária dos padres salesianos em ter apresentado tão difícil empresa:

Só o verdadeiro amor pelas sublimes produções da alma humana, quando consagrada ao brilho do culto divino, podia dar aos ilustres padres salesianos a coragem de arcar com a árdua tarefa de ensaiar e executar a grande missa de Gounod, e, esse empreendimento, é justo e merecido consignar-se que saíram-se brilhantemente, tendo nos proporcionado a ocasião de apreciar uma obra-prima do inoidável maestro.

O *Commercio de S. Paulo* (12.06.1899) publicou o panegírico apanhado por um seu repórter, pronunciado pelo arcebispo Francisco de Paula Rodrigues, às 18 horas do dia 9, em que proclamara o amor de Jesus e exortava, com calor, a caridade das pessoas presentes em prol do Liceu Coração de Jesus.

Outra celebração relevante foi a comemoração do IV Centenário do Descobrimento do Brasil, realizada às portas do santuário, fato que constituiu o primeiro artigo do primeiro número da revista *Santa Cruz*, que assim começava²⁸:

Na manhã de 3 de maio de 1900, às 10 horas, em altar adréde preparado no grande arco exterior do átrio do Santuário do Coração de Jesus, o venerando bispo de São Paulo, D. Antonio Cândido Alvarenga rezou uma missa campal, comemorando a um tempo o quarto centenário da descoberta do Brasil e a missa, a primeira em terra firme, que foi dita em Porto Seguro, no dia 1.º de maio de 1500.

A bênção dos Sinos

O final do século XIX foi encerrado com a bênção dos Sinos, doação da família Prates, uma das maiores benfeitoras dos salesianos. Os sinos, em número de cinco, armados em carrilhão e podendo ser dobrados à volta inteira ou tocados com tecla especial, foram fundidos em Turim e trazem em relevo os nomes dos cinco membros da família Prates, ou seja, Eduardo, Antônia, Joaquim e José Guilherme.

O peso do sino maior com o relativo contrapeso atinge a quase duas toneladas e o menor não chega a meia tonelada. O Governo Federal, a pedido de pessoas importantes, isentou de impostos aduaneiros a importação do carrilhão²⁹.

Benzeu-os o bispo diocesano, D. Antonio Cândido Alvarenga, sendo padrinhos da cerimônia os membros da família Prates. A cerimônia realizou-se no dia 6 de outubro de 1900, sendo lavrada ata nesta ocasião³⁰.

“Glória da fé e da pátria”

Nenhum acontecimento religioso, talvez, no Brasil, na primeira década deste século, superou “a solene missa de *requiem*, celebrada no santuário por D. Antonio Cândido de Alvarenga, em sufrágio da alma do Dr. Eduardo Prado a mandado da viúva D.^a Carolina da Silva Prado e de sua mãe, D.^a Veridiana Valéria da Silva Prado (27.09.1900).

D.^a Veridiana Prado, mãe do extinto, era senhora de grande prestígio no mundo social da paulicéia. Sua casa era, segundo Ramalho Ortigão, citado por Richard Morse³¹:

... ponto de reunião de intelectuais como Luís Pereira Barreto, o etnólogo Teodoro Sampaio, o geólogo americano Orville Derby, o cientista sueco Alberto Lofgre e o próprio Eduardo Prado, literato apaixonado.

Ainda sobre ela observava Ortigão:

Que fina habilidade na arte de ser amável! que natural perspicácia na observação dos homens e das coisas! que quantidade de idéias precisas e justas deixadas cair ao acaso na conversação mais simples e mais sem cerimônia! que sutil discernimento de certas nuances e enfim que perfeito bom gosto na escolha dos móveis e na escolha das palavras!

No *hall* da antiga portaria do Liceu, conserva-se até os dias de hoje o quadro de D.^a Veridiana Prado, uma prova da profunda admiração e reconhecimento dos salesianos pelos grandes e valiosos benefícios por ela prestados com carinho verdadeiramente maternal, como uma das maiores cooperadoras do Liceu e do Santuário do Coração de Jesus.

O ato religioso, acima referido, “foi concorridíssimo”, a ele comparecendo, além dos membros da família do Dr. Eduardo Prado e representantes da imprensa, grande número de amigos e admiradores “do extinto”. Depois do ato religioso, foi distribuído um folheto, homenagem da revista *Santa Cruz* ao pranteado morto³².

A inauguração do grande órgão do santuário

Se o final do século XIX se encerrava ao bimbalar dos novos sinos da torre do Santuário do Coração de Jesus, o novo século

começava festivamente com a inauguração do novo órgão, considerado na época como um dos mais avançados do gênero.

Para o *Diário Popular*, “a solenidade da festa da Anunciação (...) realizada nesse bem dirigido estabelecimento, constituiu um verdadeiro acontecimento para São Paulo”, porquanto se inaugurava “o grande órgão doado pela (...) Baronesa de Tatuí, o primeiro do Brasil pela sua importância e talvez o mais aperfeiçoado do mundo”³³.

O *Commercio de S. Paulo* fazia o seguinte comentário³⁴:

Como em Portugal, a história do órgão litúrgico é, por enquanto no Brasil, resumidíssima.

Os órgãos do tipo Cerveira dominaram, durante muitos séculos, Portugal e mesmo a Espanha e esses instrumentos, deixados pelos portugueses no Brasil, pouco valem os que ainda hoje existem, e cremos mesmo que pouco valeram no seu tempo.

Dois timbres apenas adornavam a sonoridade destes instrumentos: o do *jogo das bombardas*, excessivamente atordoador, e o *jogo dos aflautados e borões*, de sonoridade suave, mas confusa nos seus registros graves.

Pouco a pouco, foram-se introduzindo, em Portugal e no Brasil, órgãos de fabricantes ingleses, alemães e franceses: Lisboa teve, no Seminário dos Inglesinhos, um bom órgão moderno; a igreja de Santo Antônio adquiriu um magnífico órgão fabricado por Cavalier-Col e o Palácio de Cristal do Porto comprou, por grande preço, um órgão do fabricante inglês Walk.

Seja como for, o que é certo é que órgão de fabrico italiano, no Brasil — pelo menos órgão litúrgico ou de salão de uma tal ou qual importância — parece-nos ser o primeiro o que ontem ouvimos no Santuário do Sagrado Coração. Este órgão, de sistemático-tubular, é construído por VEGEZZI-BOSSI, de Turim.

A revista *Santa Cruz* acrescentava que a fábrica desse órgão de grande renome é antiquíssima, tendo sido instalado no santuário por Vicente Rostagno, um grande artista, vindo de Turim para esse fim. Afirmando que o órgão reunia “todos os aperfeiçoamentos da arte moderna na matéria”, dizia ser “a síntese prática de longos estudos” e valiosos esforços de seus fabricantes³⁵. Representava o órgão ao todo uma orquestra de cerca de 300 músicos divididos por 50 instrumentos.

A bênção do órgão por D. Antonio Alvarenga, bispo diocesano, seguiu-se a missa solene, executada pela *Schola Cantorum* do Liceu, acompanhada pelo M.º José Dogliani, salesiano, compositor e diretor da *Schola Cantorum* da Igreja Nossa Senhora Auxiliadora de Turim, vindo expressamente para a inauguração, à qual compareceram e tocaram o professor João Perosino, organista diplomado pelo Liceu Musical de Turim, o M.º Caetano Foschini, ex-professor de harmonia e contraponto do mesmo liceu, os

maestros H. Hugger, João Gomes e o professor A. Q. Chaves Leal. A Ata da inauguração foi assinada por todos os maestros e professores presentes.

Durante a cerimônia, foi visto o que havia de mais seleta na sociedade paulista.

A imprensa local foi unânime em reputar, se não o melhor, um dos melhores, completos e aperfeiçoados órgãos, sob todos os pontos de vista, que até então tinham sido instalados na América Latina.

Alfredo Camarate, escrevendo no *Commercio de S. Paulo* (26.03.1901), fazia uma análise crítica sobre as qualidades do novo instrumento e advertia³⁶:

A julgar, unicamente pelo que nos foi dado ouvir (...), o instrumento (...) representa um excelente tipo dos órgãos litúrgicos modernos...

Mas o órgão é como o corcel de raça, que só se engarba e enfeita o passo, quando sente o tacão e a mão da rédea de perfeito cavaleiro.

É o caso:

O órgão, no mais completo estado de perfeição, aí está; tratem agora de preparar organistas, dignos do instrumento que vão tocar.

Os salesianos punham-se na vanguarda da música litúrgica. Aliás já eram admirados pelo brilhantismo e eficiência de sua *Schola Cantorum*, desde os primeiros tempos do Liceu.

Encontram-se nas crônicas do Liceu recortes de jornais, em que se anunciavam, nas grandes festas do ano litúrgico, execuções de música sacra feitas pela *Schola Cantorum* como este publicado no *Diário Popular* (06.04.1901)³⁷:

Comunica-nos o padre Miguel Borghino, diretor deste estabelecimento de ensino, que amanhã, dia da Ressurreição, a *Schola Cantorum* executará a grande missa clássica de Boissière, com acompanhamento de órgão pelo professor João Perosino, organista diplomado pelo Liceu Musical de Turim.

Durante as outras missas rezadas às 7, 8 e 9 horas, o mesmo professor executará no órgão peças de Bach, Dubois, Capocci, Rink, Bianchini e outros autores.

As cerimônias piedosas e as músicas executadas no santuário continuavam a encantar os fiéis paulistanos. Assim a festa de S. Luís, o patrono da mocidade, celebrada após um tríduo preparatório, no dia 21 de setembro de 1901. S. Luís, no Liceu, sempre tinha merecido um culto especial. O *Commercio de S. Paulo*, a propósito da execução da missa de Perosino pelos 125 alunos da *Schola Cantorum* do Liceu, teceu várias considerações³⁸:

Esta missa em estilo polifônico, com cores românticas, comove extraordinariamente pelas harmonias grandiosas, pelo entrelaçamento de vozes, pelas frases repassadas de celestial beleza que se destacam em meio dos coros magistralmente conduzidos! Ao maestro Perosino está reservado o primeiro lugar entre os músicos de hoje.

O seu nome já é aclamado pelos músicos notáveis de todo o mundo. Com o seu cultivo tão profundo e vasto, ele criou o modelo de um *modernismo extraordinário*, que servirá de norma aos mais notáveis compositores do século (grifo nosso).

A execução não deixou a desejar.

Coros, órgão e orquestra obedeceram à regência do incansável padre Allievi, instrutor dos coros, a quem se deve a exibição de composições verdadeiramente religiosas e de difícil execução. Nossos parabéns a ele, aos meninos, que corresponderam aos esforços de seu digno professor, bem como aos demais auxiliares, que nos proporcionaram momentos de verdadeira satisfação.

No *Estandarte Catholico*, lia-se semelhante elogio e acrescentava uma observação que denunciava o avanço dos salesianos em se tratando de música sacra ³⁹:

É admirável, realmente, ver como Perosino toma um tema do canto gregoriano, desdobra-o, desenvolve-o e tece com ele e sobre ele frases e período musicais duma beleza encantadora.

Mui gratos devemos ser aos RR.PP. Salesianos por terem metido ombros a essa empresa de nos darem nas festas religiosas verdadeira música eclesiástica, de acordo com a santidade dos mistérios que nela celebramos.

Só com o bom exemplo que nos vão dando, talvez nos vejamos livres dessa série de *chama-ritas*, que são executadas por aí afora com o rótulo de novenas, missas etc.

O monumento ao Sagrado Coração

Realizava-se em São Paulo, de 12 a 16 de novembro de 1901, o Primeiro Congresso Católico Diocesano, sendo presidido por oito bispos.

Tratou o congresso da união do clero e dos católicos leigos; da criação do Óbulo de S. Pedro, da criação de uma Liga para se conseguir a santificação dos domingos e dias de guarda; da propaganda ativa da fé católica; da necessidade de promover-se a instituição das escolas paroquiais, suprimindo e completando o ensino distribuído pelo Estado; da obra da preservação da fé para enfrentar a pertinaz propaganda do protestantismo proveniente dos Estados Unidos; das Conferências de S. Vicente de Paulo e das Damas da Caridade e das Congregações Marianas; das vantagens do Apostolado da Oração, dos Círculos Católicos, da Democracia Cristã; da ação religiosa e social das Ordens Terceiras

segundo os moldes instituídos pela Igreja; da Ordem da Penitência e um histórico dos grandes benefícios assinalados pelas Conferências de S. Vicente de Paulo (por Dr. Saladino de Aguiar, na ocasião presidente).

Foram apresentadas ainda *duas comunicações*, uma sobre os *Oratórios Festivos* outra acerca do espiritismo e meios de combatê-lo, além de um discurso sobre as vocações eclesíásticas e de um trabalho julgado oportuno sobre a infância desvalida ⁴⁰.

No dia 17 de novembro, felicíssima oportunidade para o fechamento de ouro do Primeiro Congresso Diocesano, ocorria a inauguração da estátua do Redentor, que encima a torre do Santuário do Coração de Jesus, ensejando uma avaliação concreta da fé do povo paulista, cujo comparecimento superou todas as expectativas. Constituiu-se um grande triunfo!

A confecção da estátua, modelada segundo sua homônima da basílica do Sagrado Coração de Montmartre (França), foi realizada nas Escolas Profissionais do Liceu Coração de Jesus, sob a direção do escultor Amedeu Zani que a esculpiu e do arquiteto salesiano, Domingos Delpiano a quem pertenceu a execução da obra, assentamento e proporções com a torre. Este salesiano já fora premiado com a medalha de ouro na Exposição Artístico-Industrial do Rio de Janeiro. A Estátua foi oferta da Condessa Pereira Pinto, filha de D.^a Veridiana Prado.

A estátua, executada em folha de cobre malhado da espessura de 3 a 5 milímetros, constitui, segundo a opinião de quantas pessoas e engenheiros a examinaram em todos os seus detalhes, um verdadeiro Primor de Arte e uma das mais perfeitas e colossais executadas no gênero até então no Brasil. Está colocada sobre um globo, cercado de um gradil. Sobre os quatro cantos da mureta que cerca o pedestal quatro anjos com suas trombetas à boca parecem chamar os homens para apresentar-se diante de Deus. A estátua mede 7 metros de altura e o pedestal, outros sete, num total de 14 metros.

Às 4:30h da madrugada, foi tocada pela banda do Liceu a alvorada e às 5 h já eram celebradas missas. Às 7 h, celebrou D. João Corrêa Nery, que distribuiu mais de 1.500 comunhões.

A missa solene, às 10 horas, foi oficiada pelo Côn. Duarte Leopoldo e Silva, acolitado pelos padres Euclides Carneiro e Martinotti, com assistência pontifical de D. Joaquim Arcoverde. A *Schola Cantorum* executou a missa *Sacre Coeur* de Gounod e *Sacerdos ex Pontifex* de D. Cagliari. Mestre de cerimônias foi o Pe. Benedito Paulo Alves de Souza, secretário particular de D. Arcoverde.

Terminada a missa, dirigiram-se os bispos para fora do templo e colocaram-se no palco adrede preparado para a cerimônia da bênção da estátua pelo bispo diocesano.

A banda do Liceu, as bandas Umberto I, Giuseppe Verdi e Garibaldi executaram o Hino Nacional, após o qual 300 alunos do Liceu cantaram o Hino ao Redentor, especialmente composto para a ocasião pelo M.^o Pinto Tavares, professor desse estabelecimento. O canto impressionou a imensa multidão, que lotava a praça, calculada em 15.000 pessoas. Todas as pessoas presentes receberam os impressos contendo a letra e a música. Excusado dizer que o povo ocupou todos os espaços do santuário, da praça e imediações do santuário tornando impossível o acesso à igreja. Alguns jornais calcularam cerca de 100.000 pessoas no total, o que testemunhava o largo atrativo que a inauguração da estátua exerceu sobre a população de São Paulo. Muitos assistentes vieram até do interior participar das festividades.

Ao meio-dia, entre disparos de foguetes e ao som do Hino Nacional, o bispo diocesano, servindo-se de um cordão que partia do alto da torre, descobriu a estátua, em meio ao entusiasmo geral e salvas de palmas de toda a multidão, sendo padrinhos da cerimônia D. Joaquim Arcoverde e a Condessa Pereira Pinto. Ao mesmo tempo, era cantado o hino da estátua, acompanhado pelas quatro bandas de música.

O Côn. arcediogo Francisco de Paula Rodrigues pronunciou então uma oração exaltando o Coração de Jesus, terminando com a leitura de dois telegramas congratulatórios, sendo um do Papa Leão XIII assinado pelo cardeal Rampolla:

Rallegrandosi per possima inaugurazione monumento Gezu Redentore Santo Padre benedice oferente estatua cooperatori prelati clero e popolo presente solennità. M. Card. Rampolla.

O Núncio Apostólico, D. José Macchi, por sua vez telegrafava:

Padres Salesianos S. Paulo.

Exaltate Dominum, ostendite populis gloriam ejus, mirabilis in altis Dominus, illuminabit vultum suum super terram et benedicet vobis.

Após a pregação em que se referiu às homenagens de toda a cristandade a Jesus Cristo Redentor, no século nascente, fez-se a renovação do ato de consagração da diocese paulista ao Sagrado Coração, sendo logo repetido o hino da estátua. O Presidente do Estado, Conselheiro Rodrigues Alves, fez-se representar pelo seu ajudante de ordem Cap. Jayme Marcondes.

À noite, houve iluminação elétrica da estátua, artisticamente disposta e de efeito maravilhoso, feita pela São Paulo Tramway

Ligth And Power Co. O resplendor contava com 136 lâmpadas e doze grandes refletores em redor do pedestal. No belo palco armado no largo, duas bandas tocavam sucessivamente até a noite, estando sempre a praça repleta de povo que vinha apreciar o espetáculo.

O Liceu foi, durante o dia, visitado por milhares de pessoas que assistiram belas peças de música executadas no coreto interno do estabelecimento pela banda de música salesiana.

Toda a imprensa teve palavras de muito elogio, ao relatar as festas de inauguração da estátua, enaltecendo o valor artístico do monumento e a significação religiosa, sem exceção até do *Al Manarat*, escrito em árabe e órgão da colônia maronita de São Paulo ⁴¹.

Cinquentenário de N. S.^a de Lourdes

Outro fato notável foram os solenes festejos celebrados no Santuário do Coração de Jesus, a 11 de fevereiro de 1908, cinquentenário da aparição de N. S.^a de Lourdes.

Estas solenidades foram realizadas perante a estátua da Imaculada Conceição, imagem que foi a primeira a ser venerada durante mais de 15 anos na verdadeira gruta das aparições, mais tarde na Igreja do SS. Rosário, em Lourdes, e que graças a munificência de um cooperador salesiano, ocupa um dos altares do Santuário do Coração de Jesus, desde 1899.

Segundo o *São Paulo*, de 12 de fevereiro, as festas jubilares estiveram “concorridas, extraordinariamente concorridas”. “Indescriível era o entusiasmo de tantos fiéis, para os quais não houve sacrifício que não fosse vencido.”

Para comemorar o evento, “foi organizada a *Polyanthéa Mariana*, primorosamente editada pelas Escolas Profissionais do Liceu Salesiano de São Paulo”, publicação essa de que “muito elogiosamente falaram os diários matutinos e vespertinos, sem distinção de cores”, sobressaindo entre todos o editorial do *São Paulo*, de 22 de janeiro de 1908, escrito pelo Conde Afonso Celso ⁴²:

Das publicações religiosas referentes ao Papa e a Lourdes, nenhuma sobreleva em magnificência, beleza, primor literário e artístico, à “*Polyanthéa Mariana*”, impressa nas afamadas Oficinas Salesianas de S. Paulo, as quais demonstram com esse formoso trabalho quanto as artes gráficas têm progredido entre nós...

A *Polyanthéa Mariana* traz um autógrafa da rainha Isabel, que lamentava ser-lhe vedado visitar alguns santuários, referindo-se naturalmente ao Brasil.

Pe. Miguel Rua aplaudiu a realização da obra e disse: “Os homens de letras não poderiam fazer maior uso do seu talento do que empregando-o no engrandecimento do culto de tão excelsa Rainha”.

Encerra a *Polyanthéa* a programação das romarias realizadas desde 11 de agosto de 1907, que movimentaram a cidade de São Paulo ⁴³.

O edifício do Santuário do Coração de Jesus

Para o Côn. Ezequias Galvão Fontoura, que acompanhou todos os trabalhos da construção, desde seus inícios, este templo muito representava para o povo paulista ⁴⁴:

Esse templo levantou-se nos denominados Campos Elíseos; ele representa toda a diocese paulopolitana, em doce harmonia com seu Pai espiritual. Ali estão as ofertas dos católicos opulentos e o óbulo do pobre.

O esplêndido Santuário do Coração de Jesus é uma das glórias da nossa diocese, é um monumento da fé viva do povo paulista. É um edifício excepcional, nesta diocese, pelos seus princípios e pelo fim de sua ereção.

A imagem do Coração de Jesus, colocada no alto de sua elevadíssima torre, domina toda nossa vasta capital.

O povo paulista contempla essa sagrada imagem, como o símbolo de sua fé, de sua união íntima entre si, exaurida dessa fonte inesgotável.

De fato, o santuário dominava na época toda a Capital paulista, uma vez que ainda não havia os malfadados arranha-céus.

Mesmo após essas festividades, continuaram as obras internas da igreja.

O templo tem 52 metros de comprimento por 22 de largura, de forma basilical, constituído de três naves, sendo as laterais abobadadas a meio arco na central. No centro, há um bellissimo quadro, representando a aparição do Coração de Jesus à Santa Margarida Maria Alacoque, religiosa da Ordem da Visitação, de nove metros de altura por seis de largura. O fundo da capela-mor, na abóbada por trás do altar-mor, é ornado por um majestoso quadro, representando a sanguinolenta cena do Calvário ^{*}.

^{*} Segundo testemunho do coadjutor salesiano, Giovanni Gioia, sacristão do santuário há mais de 30 anos, a artista que desenhou os três anjos da abóbada do prebistério quis homenagear a bandeira italiana com as cores verde (Fé), branca (Esperança) e vermelha (Caridade).

A grande torre mede 52 metros de altura, sem contar os 14 metros do pedestal e da estátua. Há na torre um grande relógio com quatro mostradores, dádiva do Conde de Prates.

Os altares são todos de mármore, destacando-se, porém, o altar-mor pela sua majestade e riqueza de seus ornatos, feito na Itália, custando cerca de cinqüenta contos de réis, na época, doação de D.^a Veridiana Prado.

Uma pintura disfarçando um cortinado escondia a parede que circundava o altar-mor por trás. Posteriormente esse cortinado foi substituído por quadros retratando os apóstolos e evangelistas, São Mateus, São Marcos, São Lucas, São João (por trás do altar-mor), multiplicação dos pães e peixes (à direita) e a Última Ceia (à esquerda), no presbitério, sob cuja abóbada alguns anjos seguram a faixa contendo a inscrição "*Cor Jesu, miserere nobis*", ladeados por dois quadros, mais abaixo, de S. Paulo e S. Pedro.

Aos lados da mesa da comunhão, havia as imagens do Coração de Jesus (à esquerda) e do Coração de Maria, substituídas posteriormente pelas de S. Miguel, pisando o dragão infernal e ameaçando-o com sua espada flamejante, e de S. Rafael, em atitude de proteção a uma criança.

Na nave lateral direita, estão localizados, a partir do altar-mor, os altares de Nossa Senhora Auxiliadora, de Nossa Senhora do Carmo, de Santo Antônio, da Gruta de Lourdes, do Menino Jesus entre os doutores, um confessionário seguido de mais dois, todos de madeira e fechados.

Seguem-se três grandes confessionários de madeira, muito bem trabalhados, fechados. Sobre um deles aparece a inscrição *Remittuntur peccata*. Sobre os outros dois (no vão seguinte), um cordeiro alimenta-se ao pé da Cruz.

A nave lateral esquerda está ocupada pelos altares do Sagrado Coração, de S. João Bosco (que data de 1929), de S. Luís Gonzaga, da Sagrada Família, de S. José, do Calvário, de S. Joaquim, do Senhor Morto e o Batistério.

Ao lado dos capitéis dos altares da nave direita, a partir do altar de Nossa Senhora do Carmo, há pequenos quadros de Santa Luiza de Marillac, Santa Catarina de Sena, Santa Luzia, S. Geraldo, S. Boaventura, o Papa Pio IX, Santa Bernadete Soubirous, N. S.^a das Dores, Moisés, o rei Davi, S. Domingos e S. João Nepomuceno.

O mesmo se diga da nave lateral esquerda, em que se vêem S. Paulo, S. Pedro (partindo do altar de S. João Bosco), S. João Berchmans, S.^{to} Estanislau Kostka, S.^{to} Afonso de Ligório, S.^{ta} Gertrudes, S.^{ta} Teresa, S.^{ta} Maria Madalena de Pazzi, S. Paulo da Cruz, S.^{ta} Rita de Cássia, S.^{ta} Clara, S. Vicente Ferrer e S.^{ta} Rosa de Lima.

Eram esses os santos mais populares e conhecidos na época.

Explica-se o número de altares porquanto na época não havia a instituição da missa concelebrada. Os sacerdotes, na impossibilidade de celebrarem no altar-mor, celebravam nos altares laterais.

A abóbada e o teto foram pintados por uma artista italiana, de Florença. As testemunhas da época contam que ela se vestia de homem, cabelo *a la homme* para executar o trabalho. Sabe-se que seu nome era *Terese*. Os tempos de antanho não permitiam a divulgação do fato!... Poucos o sabiam (sic).

As pinturas das laterais, inclusive dos altares e da nave central, são de outro pintor italiano, de nome Gentile. Já os altares de S.^{to} Antônio (restauração), de S. João Bosco, do batistério e do quadro à frente desse, pertence a outro pintor italiano, Enrico Bastiglia.

O altar-mor, proveniente de Turim, projetado por Domingos Delpiano, foi executado pelos marmoristas dessa cidade, Poli e Gastini, em 1895. O tabernáculo proveio de Milão, inclusive os castiçais e o trono, trabalho da firma Bertarelli.

O púlpito, todo de mármore, é ornado pelas imagens, gravadas em relevo, de S. Mateus, S. João, Sagrado Coração de Jesus, S. Lucas e S. Marcos. Foi inaugurado no dia 22 de fevereiro de 1903 pelo Côn. Francisco de Paula Rodrigues. É trabalho das oficinas de marmoraria do Liceu Coração de Jesus, obra de Domingos Delpiano.

O mármore branco é proveniente de Carrara, o amarelo de Siena e o vermelho de Verona.

A nave central é sustentada por oito colunas de cada lado, imitando mármore, entremeadas por lampadários. Todos os altares são iluminados por lampadários.

O coro, todo ele de madeira, foi confeccionado nas Escolas Profissionais do Liceu, assim como os altares do Sagrado Coração, de S. José e do Santo Sepulcro, de Nossa Senhora Auxiliadora, de Nossa Senhora do Carmo e a Gruta, construídos na última década do século passado. O mobiliário da sacristia também é trabalho feito nas oficinas das Escolas Profissionais.

No centro do átrio, pende um lampião, que pertenceu à casa do Conde de Prates, substituída pelo edifício da Empresa Bruno Tress. Sobre as portas laterais, do lado de fora, estão esculpidas as armas de D. Lino e da Congregação Salesiana.

O frontispício da igreja é de estilo romano, clássico.

Restariam ainda muitos detalhes a descrever, mas os fiéis e amantes das artes poderão satisfazer sua curiosidade em visitando

este belo templo de estilo renascentista, que é primor de arte, edificado por nossos antepassados, ricos e pobres, numa demonstração significativa de sua fé e de seu amor ao Sacratíssimo Coração de Jesus, como preito de homenagem e de reconhecimento pelos inúmeros benefícios por eles recebidos!...⁴⁵

As transformações de São Paulo e da Igreja e os salesianos

São Paulo transformava-se rapidamente e suas igrejas acompanhavam essas transformações. É significativo observar que essas mudanças vinham ocorrendo a partir da última década do século XIX. Depois da inauguração da estátua da torre do Santuário do Coração de Jesus, procederam-se demolições de igrejas de quase duzentos anos, como a igreja de Nossa Senhora da Visitação da Santa Casa de Misericórdia, transferida para a Vila Buarque, onde foi edificada com maior suntuosidade e maior adequação às necessidades espirituais dos enfermos ali abrigados.

Sintoma das mudanças nesse campo, com repercussão religiosa, foi a celebração de uma missa de formatura, realizada em 1902, pelos paraninfandos da Faculdade de Direito de São Paulo, classificada por Paulo Duarte como “o curral do Partido Republicano”, onde se ensinava Direito “para torcer leis ou, quando impossível, saltar por cima delas”⁴⁶. O fato causou estranheza ao repórter da revista *Santa Cruz*, que o comentou:

Uma nota característica e a que mais nos impressionou; na manhã do dia 28 de dezembro, antes de tomarem o grau científico, os bacharelados incorporados, e com o seu paraninfo à frente, assistiram à Santa Missa no templo do Coração de Jesus: já o havia feito a turma dos bacharéis do ano anterior.

E concluía entre edificado e surpresa:

Como é edificante aliarem-se as preocupações científicas com os deveres da religião e as aspirações da fé! O que não se pode esperar de moços que compreendem a necessidade de invocar a proteção divina no dia em que recebem uma investidura científica, e entram com seu título acadêmico na prática dos deveres sociais?!

Nossas cordiais felicitações.

Uma explicação dessa ocorrência talvez possa ser extraída de um trecho do artigo escrito pelo Côn. Ezequias Galvão Fontoura, em que descreve o Santuário do Coração de Jesus e faz uma avaliação do movimento religioso desse templo⁴⁷:

O culto público é exercido aí com *toda a regularidade e magnificência*.

Celebram-se diariamente grande número de missas.

Aos domingos e dias santificados cerca de seis mil pessoas, em horas diversas, cumprem o preceito de ouvir missa, e muitas chegam-se também à mesa sagrada da comunhão.

Há aulas de catecismo para os meninos e meninas, atingindo o seu número a quase mil de ambos os sexos, fazendo a sua primeira comunhão com o devido preparo, em tempos diversos.

Esse santuário é o centro da Guarda de Honra das agregações filiais desta diocese, com a devida autorização.

A palavra evangélica pregada por ilustrados e zelosos oradores desta e de outras dioceses do alto desse púlpito, trabalho artístico feito nas oficinas salesianas por conta da Guarda de Honra, tem sido fecunda em resultados materiais e espirituais.

É impossível descrever os abundantíssimos frutos colhidos neste venerando santuário, onde se tem celebrado as mais pomposas solenidades.

A suntuosidade deste templo (bem ao gosto da época), fruto da contribuição de muitos católicos, além dos mencionados, quem sabe até parentes ou amigos dos paraninfandos poderia ter influído na escolha como na determinação de um culto religioso.

Convém notar que os salesianos viviam numa república positivista e laica!... O brasilianista Richard Morse, contudo, observava que “o positivismo não informou amplamente as instituições paulistas e como filosofia firmou-se precariamente no espírito de poucos”. Após afirmar que em “São Paulo, as correntes positivistas estavam menos definidas e tendiam a fundir-se com o darwinismo social”, não possuindo ainda a cidade instituições comparáveis à Escola Militar do Rio de Janeiro, o positivismo via-se em dificuldades de “infiltrar-se e dominar”. Mesmo dentro da Academia de Direito sofreu limitações em sua influência. O próprio Miguel Lemos fracassara em suas conferências a um público composto de magistrados, ex-ministros, professores, estudantes, senhoras, apesar de ter seus resumos publicados em jornais. “Este ambiente ‘heterogêneo’, entretanto, opunha resistência à arregimentação” à sua tentativa de fazer prosélitos ⁴⁸.

As relações entre Igreja e Estado, no Brasil, alcançaram sensíveis melhoras durante o período republicano. No Brasil-Império, o poder da maçonaria fora tão grande que chegou a assenhorear-se das irmandades católicas. Em São Paulo, a colaboração entre uma e outro era tranqüila e amistosa, como corroboram os fatos citados e os que seguem. As autoridades estaduais visitavam freqüentemente a autoridade diocesana e participavam nos grandes acontecimentos religiosos e muitos deles declaravam-se católicos convictos.

Provocou grande repercussão na época a procissão realizada em Campinas para acompanhar o Crucificado que foi recolocado no Tribunal do Júri. Outra demonstração do bom relacionamento

entre Igreja e Estado, em São Paulo, aparece com a demolição das velhas igrejas ⁴⁹.

Em 18 de dezembro de 1904, lançava-se a primeira pedra da nova matriz de Santa Efigênia.

A igreja do Bom Jesus do Pátio do Colégio, cuja história se confunde com a história do povo paulista, vinha a ser demolida, por estar rodeada de "elegantes edifícios", pelo governo do Estado que pagou indenização de 350 contos que foram despendidos na construção do Templo do Sagrado Coração de Maria, no planalto da rua Jaguaribe.

Pela demolição da igreja de Nossa Senhora do Rosário, além do terreno para a edificação do novo templo no largo do Pais-sandu, a Prefeitura Municipal gastou 250 contos de réis. Esta igreja datava dos inícios do século XVIII ⁵⁰.

A igreja de São Pedro dos Clérigos, apesar de reformada em 1872, só pôde resistir até 1911, quando foi demolida.

A Velha Sé, iniciada em 1745 e concluída em 1752, não pôde fugir à sorte de suas congêneres, cedendo lugar ao projeto neo-gótico de Maximiliano Hehl, da nova catedral que foi construída 200 metros acima, sendo necessária a demolição de alguns quarteirões para a execução.

Parece terem surgido dificuldades para a realização desse projeto, porque um artigo de Rufiro Tavares, ex-aluno e professor do Liceu Coração de Jesus, procurava justificar o plano da ereção da nova catedral ⁵¹:

Mais nenhuma dúvida pode haver quanto à ereção de uma nova catedral na arquidiocese paulopolitana.

Depois do voto ao Congresso, refletido e justo, autorizando o Estado a solver a questão pendente e relativa à verba que fora votada pela antiga Assembléia provincial, só nos resta, como a todos os católicos, dirigirmos um voto sincero de louvores, aos que assim compreenderam a elevada missão de legisladores, sem preocupações estranhas ao seu mandato. Da longa discussão despertada pelo projeto, só ressaltou a justiça dos que o defenderam e que em sua maioria não o fizeram por uma subordinação a princípios religiosos, como se poderiam supor. E isto mesmo o declararam com uma nobre franqueza, que, na hipótese, lhes encarecem o valor dos respectivos votos.

Mostrando a pressão exercida pelo Presidente do Estado, continuava:

Essa resolução do Congresso honra o ilustre Dr. Albuquerque Lins, que neste assunto se revelou menos o católico de convicções sinceras do que o administrador cheio de escrúpulos e partidário da velha máxima do *sum quique tribuere*. Não podia S. Ex.^a que foi correto magistrado e que tantas vezes prestou o seu concurso, já falando, como órgão do poder legislativo ou intervindo na redação das leis esquivar-se a uma medida justa pondo termo a uma

demanda pendente, cuja solução (para honra dos tribunais) não podia ser contrária aos interesses do arcebispado.

D. Duarte, com habilidade e graças ao prestígio de que gozava, conseguiu pôr termo a uma questão cuja solução havia tornado inúteis os esforços de seus antecessores.

Continuando seu raciocínio Rufiro Tavares procurava as circunstâncias que influíram no desfecho da questão:

É indiscutível que o sentimento religioso representa neste grande centro, que é a nossa culta e formosa capital, muita coisa de pujança e de valia. Mas é preciso que *este sentimento encontre um testemunho*, de modo que se não suponha que a *evolução artística é coisa de somenos para os católicos desta terra ou que sejam eles partidários do obscurantismo retrógrado*; e depois, não é lógico nem razoável que se adie a construção de um pomposo templo que sirva de catedral, quando é certo que as *velhas matrizes estão sendo transformadas em formosas igrejas que terão um desenvolvimento com as necessidades e o esplendor do culto católico*. (grifos nossos).

Mostrava ainda o articulista as transformações que se operavam então na Capital paulista e até o espírito que informava as novas construções:

Aos forasteiros que busca São Paulo impressionam agradavelmente os *lindos palácios onde funcionam as diversas repartições públicas*, já não falando nos *custosos e elegantes prédios particulares que por ali pululam, atestando o bom gosto artístico da nossa Capital*.

Mas quando esse forasteiro (sobretudo católico) dirigir-se ao velho templo, que é ainda a catedral, há de receber sem dúvida uma impressão desfavorável, fazendo um exame comparativo da mesma com outras construções que honram o espírito de renascença que, de alguns anos, se acentua na remodelação estética da antiga *urbs* colonial, transformando-a na bela cidade de hoje. Quem ignora que Milão, Colônia, Estrasburgo e outras cidades, apresentam como objetos de real interesse para o *touriste*, as suas catedrais, na imponência e magnitude que as distinguem?

Congratulando-se com a esperança de ainda poder “contemplar ereta uma catedral condigna”, terminava expressando veementemente oposição a qualquer tentativa contrária a concretização desse plano:

Desta forma opoemos os católicos, um enérgico desmentido aos que querem a todo transe negar ou amesquinhar o valor dessa obra ingente e que não é mais do que uma continuidade de séculos, com que vem afirmando o predomínio da crença religiosa...

No mesmo ano, outro, assinado como “Nessuno” (?), fazia uma crítica às novas igrejas⁵².

Facilitava a revolução artística em São Paulo a presença de mão-de-obra, sobretudo italiana, que assim transplantava sua cultura renovando completamente o panorama urbano em que o

estilo renascentista, clássico-romano predominava. São Paulo parecia uma cidade européia⁵³.

O Santuário Coração de Jesus parece ter marcado o início desta nova arrancada artística, impondo-se por sua suntuosidade e imponência. Muitos dos “barões do café” nele parecem ter buscado inspiração ao decorar seus palacetes. A planta primitiva do santuário tinha sido desenhada pelo irmão jesuíta Alberani, a direção e execução de toda a obra pelo arquiteto salesiano Domingos Delpiano que construía belos colégios e igrejas, além de nos ter legado uma rica bibliografia arquitetônica de valor indiscutível. A pintura do santuário fora feita por artistas italianos. Os mestres das oficinas das Escolas Profissionais do Liceu Coração de Jesus eram italianos e executaram trabalhos de significativo valor artístico para o público interessado.

Os italianos, efetivamente, orgulhavam-se disso e em seu jornal *La Squilla* o expressavam⁵⁴:

Da um abbozzo di chiesa che ti sembra anzi ruderi da un antigo castello, al presente Santuario, colla torre sormontata dall'immagine del S. Cuore che signoreggia e benedice la nostra aitante cita!

Esse orgulho evidenciava-se em outro artigo publicado nesse mesmo jornal⁵⁵:

Ci congratuliamo con i degni figli di D. Bosco per tante vittorie ottenute, e tante più ci congratuliamo seco loro perchè rappresentano alla nostra città (...) un raggio di quella civiltà alle più remote contrade della Terra.

João Câmara Leme, em sua *Chorographia do Brasil*, mencionava o Santuário Coração de Jesus ao escrever sobre as igrejas de São Paulo⁵⁶:

Existem na capital paulista esplêndidas igrejas. Entre elas podemos citar: a catedral antiga, mas de aspecto imponente e grandioso; as igrejas de S. Francisco, dos Remédios, de S. Pedro, S. Gonçalo, Santa Efigênia, Nossa Senhora da Luz, Sagrado Coração de Jesus, um dos templos mais suntuosos da Paulicéia. Anexo a este funciona o Liceu Salesiano de Artes e Ofícios, que tão grandes benefícios está prestando à mocidade.

Os bispos diocesanos tinham prazer em celebrar pontificais na festa do Sagrado Coração de Jesus e também em outras festas. D. José Corrêa Barros, p. ex., em seu curto pontificado, não faltou nas festas do orago da igreja. Poucos dias antes de ser vitimado em desastre marítimo afirmara, na festa do Sagrado Coração no templo do mesmo nome, em Roma, aos salesianos⁵⁷:

Se eu não estivesse em Roma, nesta ocasião, com a diferença de horas que temos, estaria no meio dos meus salesianos do Liceu Coração de Jesus.

O santuário o honrou com um dos mais solenes funerais nele celebrados. O jornal *São Paulo* assim descrevia ⁵⁸:

O vasto e majestoso templo, mergulhado numa melancólica penumbra, apresentava um aspecto funéreo com as suas janelas forradas de preto. A concorrência era enorme, notando-se toda a Guarda de Honra do S.S. Sacramento, todas as alunas e professoras da aula de catecismo de perseverança do santuário, irmãs Vicentinas e os alunos da Casa Pia.

Novas festas de formatura seguiram-se como a das Professorandas da Escola Complementar de S. Paulo — anexa à Escola Normal que mandaram celebrar missa em ação de graças no santuário no dia 30 de novembro de 1908 ⁵⁹.

Os funerais do Barão do Rio Branco

Se as relações entre a Igreja e Estado no Brasil corriam bem, não podiam ser melhores as do Estado e a Congregação Salesiana. A freqüência das altas autoridades do Estado às festividades que se realizaram no santuário o comprovam. Verdade é que a demolição das velhas igrejas e a conseqüente reconstrução favoreceram o santuário, que, graças à sua beleza e suntuosidade aliadas ao fausto das cerimônias religiosas e ao brilhantismo do canto sacro, se tornou de fato o centro de grandes solenidades religiosas da Capital paulista.

Dentre esses e que abalou todo mundo político de São Paulo, empurrando-o para a Igreja, destacaram-se os funerais que nela se fizeram em sufrágio da alma do Barão do Rio Branco ⁶⁰.

A *Gazeta do Povo*, de 14 de março de 1912, apresentava as exéquias solenes como um verdadeiro triunfo prestado ao ilustre morto que foi um dos momentos de maior pompa religiosa do Santuário do Coração de Jesus, pelo suntuoso catafalco, pela ornamentação, pela execução da música e do canto e pela presença maciça do mundo político e religioso, o que é um atestado das cordiais relações existentes entre as autoridades governamentais e a sociedade de então com o clero e com os salesianos ⁶¹.

O professor Rufiro Tavares, do Liceu Coração de Jesus, dava razão a um cronista fluminense ao afirmar que:

... a popularidade do grande vulto que era o Barão do Rio Branco, superou em muitos aspectos a do legendário Osório, o vencedor das sangrentas pelepas que o Brasil sustentara contra o despotismo do ditador Solano Lopez.

A confraternização dos povos, os vínculos de afeto e solidariedade, o pacifismo sadio, ensinamentos da Igreja, eram os ideais vividos pelo Barão, que se enquadravam perfeitamente no pensamento de Pio X, o Papa reinante na época, que também celebrou

em sua capela particular por alma do grande brasileiro de quem era amigo e admirador.

Nem as exéquias solenes de Campos Salles, ex-presidente da República, apesar do suntuoso catafalco, celebradas pontificalmente por D. Duarte Leopoldo e Silva, arcebispo de São Paulo, atraíu tanto quanto a do Barão do Rio Branco⁶².

* * *

NOTAS

¹ FONTOURA, Ezechias Galvão, Côn. "Os Salesianos", in *Santa Cruz*, 3 (2), p. 55, nov. 1902.

² *Correio Paulistano*, 09.12.1887, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 1b.

³ *Id.*, 08.03.1888, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 6.

⁴ *Id.*, 13.05.1888 e 15.05.1888, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 7; MORSE, Richard M., *op. cit.*, p. 163, 222 e 223.

⁵ *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 11 (É um recorte de jornal. Infelizmente o cronista esqueceu-se de anotar o nome do jornal e o dia).

⁶ *Correio Paulistano*, 12.02.1889, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 19.

⁷ *Id.*, n.º 9.791, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 19.

⁸ O *Correio Paulistano*, do dia 5 de abril de 1889, trazia esta notícia:
Bondes para o Bom Retiro e Bella Vista

Entre o Ex.^{mo} Sr. Dr. Presidente da província e os Srs. V. Nothmann e T. Dumelin foi assinado o contrato para a construção dessas linhas de bondes.

Essas linhas partem do centro da Capital e vão ter aos florescentes bairros da Bella Vista e Bom Retiro, passando esta última pelo pitoresco arrebalde dos Campos Elíseos.

Entre as condições de todo ponto vantajosas para o público ficou estabelecido que o preço da passagem não excederá de 100 réis até aos extremos da cidade.

É um notável melhoramento e um real serviço prestado ao comércio e a toda a população da Capital, ao qual ficará ligado o nome do distinto paulista, que tão bem tem sabido, como administrador, dirigir os destinos de sua província natal.

Parabéns à cidade de São Paulo.

No dia 27 do mesmo mês, esse jornal trazia a notícia referente à praça:

Do Sr. Pennaforte:

Indico que sejam declaradas de utilidade pública, para efeito de ser ali estabelecido um largo, os lotes de terrenos sitos na frente do estabelecimento dos salesianos, nos Campos Elíseos; dando-se desde já conhecimento aos proprietários para os devidos efeitos.

Sala das sessões, aos 24 de abril de 1889. — Francisco Pennaforte Mendes de Almeida. — Aprovada.

⁹ *Id.*, 16.04.1889, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 20; *Correio Paulistano*, 25.07.1889, in *Crônicas...*, *ibid.*

- ¹⁰ "Dal Brasile — Mons. Cagliari al Liceo del S. Cuore di Gesù in S. Paolo", in *Bolletino Salesiano*, 15 (1), p. 10-11, gen. 1891.
- ¹¹ *Diário Popular*, 06.04.1891, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 22.
- ¹² Arquivo do Liceu Coração de Jesus.
- ¹³ *União Catholica*, de 18.03.1891, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 22.
- ¹⁴ *Diário Popular*, 06.06.1891, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 22.
- ¹⁵ *União Catholica*, 18.03.1891 e 30.06.1891; *Jornal do Commercio*, 14.07.1891. in *Crônicas do Liceu coração de Jesus...*, p. 22-25.
- ¹⁶ *Bolletino Salesiano*, 16 (8), p. 163-164, ago. 1892.
- ¹⁷ MOLFINO, Domingos, "Pe. Lourenço Giordano", in: *Cartas Mortuárias*, II, Arquivo da Inspetoria de N. S.^a Auxiliadora.
- ¹⁸ BELLOTTI, Faustino, *op. cit.*, p. 2; Arquivo da Inspetoria N. S.^a Auxiliadora.
- ¹⁹ "Igreja dos Salesianos". *Diário Popular*, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 75.
- ²⁰ *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 25 e 75.
- ²¹ Santuário do Coração de Jesus. *Guarda de Honra*. Arquivo do Santuário.
- ²² "Funeral solene", *Diário do Commercio*, 27.11.1895, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 27.
- ²³ "Importante donativo", *O Estado de S. Paulo*, 19.10.1898; "Baroneza de Tatuhy", in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 73 e 80.
- ²⁴ *Pequena Revista Catholica*, 24.05.1898.
- ²⁵ *Correio Paulistano*, 08.04.1898, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 74.
- ²⁶ "Liceu Salesiano", *Diário Popular*, 29.07.1898, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 74.
- ²⁷ *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 78-80.
- ²⁸ "A Missa Campal", in *Santa Cruz*, 1 (1), p. 15, out. 1900.
- ²⁹ "Os sinos", in *Santa Cruz*, 1 (1), p. 4, out. 1900.
- ³⁰ "A bênção dos sinos", in *Santa Cruz*, 1 (2), p. 40, out. 1901.
- ³¹ MORSE, Richard M., *op. cit.*, p. 258-259.
- ³² "Eduardo Prado — As exéquias de ontem", *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 55 (No recorte de jornal apresentado pelas *Crônicas do Liceu...*, ao que parece do *Commercio de S. Paulo*, é apresentada uma longa lista de personalidades importantes, o que demonstra a repercussão que o ato religioso provocou em São Paulo).
- ³³ "Órgão notável em São Paulo", in *Santa Cruz*, 1 (7), p. 189, abr. 1901 e também 1 (6), p. 161, mar. 1901.
- ³⁴ CAMARATE, Alfredo, "Orgam litúrgico", *Commercio de S. Paulo*, 26.03.1901, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 62.
- ³⁵ "Órgão notável em São Paulo", in *Santa Cruz*, *loc. cit.*
- ³⁶ CAMARATE, Alfredo, *loc. cit.*
- ³⁷ *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 55.
- ³⁸ "Festa de S. Luís", in *Santa Cruz*, 3 (1), p. 32, out. 1902.
- ³⁹ *Id.*, *ibid.*

⁴⁰ “Primeiro Congresso Diocesano”, in *Santa Cruz*, 2 (3), p. 57-64, dez. 1901.

⁴¹ *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 58-65, “A estátua do Redentor”, *Santa Cruz*, 2 (2), p. 30-31, nov. 1901 e 2 (3), p. 78-80, dez. 1901; ainda PASSALACQUA, C., Mons., “Datas históricas memoráveis”, in *Santa Cruz*, 2 (3), p. 64-68, dez. 1901.

⁴² “Jubileu de Lourdes”, in *Santa Cruz*, 8 (5), p. 208-210, fev. 1908.

⁴³ CATHOLICOS PAULISTAS, *Lourdes — Polyanthea Mariana*, S. Paulo, Escolas Profissionais Salesianas, 1908.

⁴⁴ FONTOURA, E.G., Côn. “Os Salesianos”, in *Santa Cruz*, 2 (3), p. 55-56, dez. 1902.

⁴⁵ *Id.*, op. cit., 3 (9), p. 329-332, jun. 1903; *Boletim Salesiano*, 2 (8), p. 220-221, ago. 1903.

⁴⁶ “Collação de grau”, in *Santa Cruz*, 3 (4), p. 165, jan. 1903.

⁴⁷ “Fontoura, E.G., Côn., “Os Salesianos”, in *Santa Cruz*, 3 (9), p. 329-332, jun. 1903.

⁴⁸ MORSE, Richard M., op. cit., p. 224-225.

⁴⁹ “Homenagem à Virgem Immaculada — Parochia de S.ª Ephigenia”, in *Santa Cruz*, 5 (5), p. 233, fev. 1905. Cf. *id.*, 10 (8), p. 324-325, maio 1910.

⁵⁰ FONTOURA, E.G., Côn., “Capital — Demolições”, in *Santa Cruz*, 4 (1), p. 357-358, jul. 1904.

⁵¹ TAVARES, Rufiro, “A nova Cathedral”, in *Santa Cruz*, 9 (4), p. 133-134, jan. 1909; ainda “O lançamento da primeira pedra da sumptuosa Cathedral de S. Paulo”, in *Santa Cruz*, 13 (8), p. 316-317, 328-330, ago. 1913.

⁵² NESSUNO, “Leitura para poucos...: O mal das Igrejas”, in *Santa Cruz*, 10 (2), p. 71-73, nov. 1909 (A parte citada era precedida por violenta crítica ao comportamento de muitos que comparecem às igrejas e pedem “remédio à competente autoridade”); “Nova Matriz da Consolação”, in *Santa Cruz*, 10 (3), p. 112-114, dez. 1909.

⁵³ A revista *Santa Cruz* é rica em fotografias, especialmente entre 1909 e 1914, mostrando as transformações que se operavam.

⁵⁴ “Chronica”, in *Santa Cruz*, 12 (2), p. 81, nov. 1911.

⁵⁵ *Id.*, *ibid.*

⁵⁶ “Appendice e Notas”, in *Santa Cruz*, 8 (9 e 10), p. 476, jun.-jul. 1908.

⁵⁷ “S. Ex.ª D. José no Collegio Salesiano”, in *Santa Cruz*, 6 (12), p. 567, set. 1906.

⁵⁸ “Solennes Exéquias em Sufrágio da alma de D. José de Camargo Barros”, in *Santa Cruz*, 7 (1), p. 40, out. 1906.

⁵⁹ “Normalista diplomados que mandaram celebrar missa em ação de graças no Santuario do S. Coração de Jesus”, in *Santa Cruz*, 7 (3), p. 11, dez. 1906 (Foto do quadro da formatura).

⁶⁰ “Traços biographicos do grande Chanceler Brasileiro José Maria da Silva Paranhos, Barão do Rio Branco”, in *Santa Cruz*, 12 (6), p. 232-233 mar. abr. 1912 (A revista dedicou grande parte desse número ao grande brasileiro).

⁶¹ *Id.*, p. 234-236.

⁶² “As exéquias do Dr. Campos Salles”, in *Santa Cruz*, 13 (9), p. 358, set. 1913 (Foto do catafalco erguido no Santuario do Coração de Jesus. Mais fotos na página seguinte).

VIII

LICEU DE ARTES, OFÍCIOS E COMÉRCIO

O Liceu Coração de Jesus foi a primeira escola de ensino profissional sistemático a funcionar em São Paulo. Para isso gozou de apoio da estrutura social da época que lhe proporcionou os meios materiais e os recursos humanos para sua criação e desenvolvimento. São Paulo crescia, transformava-se, urbanizava-se e industrializava-se.

Evidentemente a passagem de uma situação de tranquilidade, quase de inércia, de uma sociedade provinciana para uma urbe dinâmica e buliçosa traria dificuldades. As classes dirigentes o perceberam logo e mostravam desconfiança, temor e preocupação, especialmente diante das classes populares e do operariado emergente. Já apareciam os conflitos e agitações.

Os católicos também se preocupavam e procuravam colaborar para enfrentar as novas situações. Pensavam também eles que a formação técnico-profissional era um dos meios para o desenvolvimento industrial, mas insuficiente para uma educação adequada aos interesses e anseios das classes operárias, sem uma concepção cristã do mundo e da vida. Apelaram então para Dom Bosco, cuja fama de educador bem sucedido tinha invadido o mundo. Seu sistema de educação popular recebia elogios de todas as partes¹.

Concretamente, como funcionou este sistema no Liceu Coração de Jesus nesta fase? É o que se pretende, resumidamente, responder a seguir.

O ensino profissional no Liceu Coração de Jesus

Em 1898, o Liceu já causava profunda admiração aos contemporâneos pela variedade de cursos profissionais que ministrava a seus aprendizes. Esses cursos eram divididos em três grandes categorias, não estanques, ou seja²:

1) *Artes*: Música Instrumental (Banda e Fanfarra), Música Vocal (*Schola Cantorum*), Desenho (Curso preliminar industrial), Escultura (Seção de escultores e entalhadores), Dramática (Grupo de Companhia Cômica);

2) *Ofícios*, distribuídos em *Escolas* de: Tipógrafos-compositores, Tipógrafos-impressores, Encadernadores-douradores, Encadernadores (Brochura e Cartonagem), Pautadores, Alfaiates (Alfaiataria e Escola de Corte), Sapateiros (e Cortadores de Padrões), Marceneiros e Carpinteiros, Ferreiros e Serralheiros, Serradores (Seção Complementar de Marcenaria e Carpintaria), Mecânicos, Fundidores (Estereotipia e Fundição Tipográfica) e Marmoristas.

3) *Comércio*: Escrituração Mercantil, Correspondência Comercial e Caligrafia.

Alguém, ao descrever os apuros financeiros dos salesianos, assim se pronunciava sobre o desenvolvimento alcançado pelas oficinas do Liceu nos inícios do século XX³:

De fato, os salesianos arcando com dificuldades de todo o gênero conseguiram colocar o Liceu naquele pé de grandeza que o põe a par e até superior a qualquer instituição do país e do estrangeiro. Onde é que deparamos oficinas tão bem montadas, segundo todos os segredos da arte moderna, e usando um método racional e mais do que apropriado à aprendizagem de seus alunos? De várias que conheço no país e fora dele não sei qual delas possa superá-las ou igualá-las.

A parte teórica de cada ofício executava-se nas aulas, diariamente, e constava das seguintes matérias:

- a) Desenho aplicado ao ofício;
- b) Teoria do ofício, isto é, nomenclatura dos instrumentos e utensílios a manejar;
- c) Conhecimento das matérias-primas, confecção e manufatura delas;
- d) Estudo dos regulamentos que regem o ofício;
- e) Normas para avaliar os trabalhos;
- f) Normas de escrituração relativa à indústria do próprio ofício;
- g) Estudo histórico e geográfico do início, da evolução e aperfeiçoamento do ofício;
- h) Notícia dos principais empórios e centros mundiais onde é maior o desenvolvimento comercial e industrial do ofício;
- i) Estudo da Língua Portuguesa, da Aritmética e da Geometria elementar, Geografia, História do Brasil, Noções diversas

(Ciências), Caligrafia, Desenho, Noções de Música, Noções de Francês, além de Doutrina Cristã e Educação Moral e Cívica.

A parte teórica do programa era indispensável para os alunos receberem o diploma de habilitação profissional. Já o estudo da língua francesa era necessário devido a bibliografia do ofício ser normalmente nesse idioma, inclusive as estampas e o material de desenho técnico⁴.

As Escolas Profissionais constituíam “um verdadeiro arsenal”⁵. A oficina tipográfica ficava situada numa sala que media 60m x 12m e estava montada de forma a produzir trabalhos como bem poucos estabelecimentos do País podiam realizar na época. Quanto aos trabalhos de sua oficina de encadernação, dispõe o Liceu em seus arquivos de exemplares muito bem encadernados que têm resistido ao manuseio descuidado e outras vicissitudes. A seção de fundição de tipos era a única existente no Estado de São Paulo.

A oficina de marcenaria e carpintaria ocupava uma sala de 40m x 12m. Só trabalhava com madeira nacional. Os alunos eram exercitados nos estilos mais diversos como Renascença francesa, Renascença alemã, bizantino, rococó, *Art Nouveau* etc. Disponha de uma coleção de madeiras, na maior parte doação do Conde Prates e outros benfeitores⁶.

O arquiteto salesiano, Domingos Delpiano, após meses de pacientes estudos conseguiu resolver o problema, até então insolúvel, do *polimento vítreo-brilhante e completamente inalterável às intempéries* do granito nacional. No galpão de marmoraria, ornamentação e escultura, por ele dirigido, foram realizados valiosos trabalhos como o altar monumental da Igreja do Sagrado Coração, em estilo bizantino, em Santos, os altares laterais do nosso Santuário do Sagrado Coração etc.⁷.

A estátua da torre foi modelada pelo hábil escultor A. Zani, na seção de mecânica e serralheria.

Um contemporâneo ao referir-se sobre a eficiência das Escolas Profissionais do Liceu escrevia: “Casas há em São Paulo que preferem os alunos-artistas do Liceu Salesiano, a qualquer outro artífice, por saberem que dali saem artistas e perfeitos homens de bem”⁸.

Nenhum estabelecimento salesiano de ensino profissional, do Brasil, foi tão premiado como o Liceu Coração de Jesus, o que comprova a eficiência do ensino ali ministrado: *Medalha de Ouro*, na “Exposição Artístico-Industrial Fluminense Comemorativa do 4.º Centenário” do Rio de Janeiro (1901); *Medalha de Ouro* e diploma de *Grand Prize* na Exposição Universal de St. Louis (1904); *Medalha de Bronze* na Esposizione Mariana Internazionale nel

Palazzo Lateranense, de Roma (1904-1905); *Medalha de Ouro, Grande Prêmio e Medalha de Prata*, na Exposição Nacional do Rio de Janeiro, em 1908 e outras⁹.

A música

Nos Regulamentos da Sociedade Salesiana estava prescrito o seguinte: "Cultive-se a música e o canto, no intuito de maior formação dos jovens e mais viva participação nas funções litúrgicas (art. 135).

Havia aulas diárias de música vocal e instrumental. A todos os alunos eram ministradas noções elementares de música. Para todos havia ensaios de canto coral.

Na *Schola Cantorum* podiam matricular-se os alunos dos cursos Primário e Comercial, que para o canto tinham disposição e metal de voz correspondente. Tornou-se famosa, especialmente, sob o Pe. José Allievi que a dirigiu de 1887 a 1914. Seu repertório era extremamente rico. Chegou a ter um quadro de 140 cantores. Todas as suas apresentações causavam sempre sensação pelo brilhantismo de sua execução. Em grande parte, foi a responsável pela restauração da verdadeira música sacra em São Paulo¹⁰.

Eis o que escrevia, a propósito, um crítico de arte musical, em 1911, após ter assistido a execução da missa *Benedicamus Domino*, do M.^o Perosino, a quatro vozes desiguais¹¹:

Difícilmente no Brasil poder-se-ia desejar execução mais perfeita!

Reputamos a *Schola Cantorum* do Liceu uma das melhores; especialmente, o que achamos fora de toda concorrência, é o elemento infantil (...). Disciplinados, prontos, possuidores de voz, não poderosa, mas educada e argentina, mostram os alunos do Liceu terem sido instruídos com consciência de arte; e quicá qual soma de paciência não deverá possuir o solícito Pe. Allievi...

Executavam missas de até seis vozes!...

A banda instrumental era acessível a todos os alunos aprendizes que mostravam inclinação para a música. Tornou-se famosa em São Paulo pela perfeição de seu desempenho, apesar de muitos de seus elementos terem muito mal o Curso Primário. O *Diário Popular* (18.10.1895) chamava de "robusta Banda Marcial". Não era simplesmente uma banda, mas uma banda-orquestra.

Em 1906, encontramos a Banda da Corporação Musical Santa Cecília, dos alunos externos. Posteriormente, foi criada a Banda S. José, do oratório festivo, composta de ex-alunos.

Em 1909, iniciaram os grandes concertos vocais e instrumentais (em benefício da construção da ala esquerda do Liceu — atual

Inspetoria), dirigidos pelos maestros João Gomes de Araújo, Alfredo Belardi, Giovanni Batista D'Arce, Francisco Russo. Os irmãos Belardi (Alfredo, Américo — violinistas — e Jerônimo, pianista) tiveram grande destaque nesses concertos. Outros maestros de fama, na época, como Giuseppe Vanolle, Crescenzo Cerlino, Agostinho Cantù, Saverio Renato Simoncelli e Castagnoli colaboraram também. Geralmente aproveitavam esses concertos para lançar seus alunos e alunas (em sua maioria, moças da alta sociedade) ao grande público, inclusive Guiomar Novaes, que já tinha participado em festas, no Liceu, em 1906.

Em março de 1910, foi fundada a Escola de Orquestra do Liceu, dirigida por Alfredo Belardi; em outubro, já aparecia a Orquestra do Grêmio São Paulo, dos ex-alunos, que fizeram sucesso nessas promoções de música de salão¹².

Se a música de salão estava em alta, no Liceu, não o estava por menos a arte sacra organária. Que o digam, p. ex., os três dias de concerto, por ocasião da inauguração do novo órgão, em 1911, precedidos de conferência sobre música sacra. O M.^o João Perosino, organista do Santuário Coração de Jesus, residia no Liceu. O professor José Larrabure, dos primeiros alunos da casa, era notável organista¹³.

Era muito comum, até anos atrás, ouvir-se ou encontrar a expressão latina: *Ne impediatis musicam*. No Liceu tudo era música, respirava-se música (o que ocorria também na maioria das casas salesianas). Aliás, quando do encontro com Dom Bosco, o primeiro oratoriano Bartolomeu Garelli ouviu do grande santo a pergunta: "Você sabe cantar, assobiar"? O mocinho sorriu!...

O teatro

O teatro era tão importante dentro da Congregação Salesiana que dentro de suas Constituições e Regulamentos existia um capítulo especial a ele dedicado. A formação do aluno era sua principal preocupação. Os salesianos escreveram e publicaram uma coletânea de teatro própria¹⁴.

No Liceu, a primeira representação, noticiada pelo jornal *Correio Paulistano* (09.12.1887), deu-se na festa da Imaculada Conceição, quando "os alunos levaram à cena um drama sacro, com entremeio de piano e canto, sobressaindo-se os jovens artistas que fizeram jus a repetidos aplausos do numeroso e seletto auditório". Em 1890, representaram, em Lorena, o melodrama *A Oficina do Ferreiro*, que foi "calorosamente aplaudido bem como a orquestra desses menores que acompanhou os coros e nos intervalos executou peças difíceis de seu variado repertório"¹⁵.

A construção do teatro (1904-1906) acelerou o desenvolvimento da arte teatral no Liceu. O Grupo de Companhia Cômica do Liceu constituiu-se uma escola de ótimos atores. Dele nasceram o Grupo Dramático de S. José e o Grupo Dramático Domingos Sávio, ambos da Associação dos Ex-alunos Salesianos, que se revezavam na apresentação de peças, até duas vezes por semana. O teatro fazia parte íntima da vida liceana, como de toda casa salesiana, especialmente onde havia internato ¹⁶.

O cinema

A primeira notícia de exibição de “diversas fitas cinematográficas” data de 25 de março de 1909, dia em que o Liceu se tornou Casa Provincial e estava em grande festa pelo evento.

Nesse mesmo mês, a revista *Santa Cruz* publicava uma nota de um jornal inglês sobre a descoberta, por certo Dr. Simpson, de Nova Iorque, de uma nova doença. Consistia essa em perturbações na vista, acompanhadas de violentas dores de cabeça e de grande excitação nervosa. Essa enfermidade atacava os que freqüentavam assiduamente os cinematógrafos. Por isso deu-lhe o nome de “cinematografia”. Citando a opinião publicada em uma revista médica, aconselhava o articulista a moderar o entusiasmo por esse passatempo ¹⁷.

São noticiadas ainda mais duas projeções cinematográficas naquele ano: uma por ocasião da festa do diretor do Liceu (10.11.1909) e outra na festa de encerramento do ano letivo (30.11.1909) ¹⁸.

Havia severas restrições para exibições de filmes no Distrito Federal, como mostra outra nota publicada na revista supra-mencionada ¹⁹:

Terminando em dezembro próximo as licenças para os cinematógrafos, o Dr. Serzedello Corrêa, prefeito do Distrito Federal, resolveu não as renovar sem que os requerentes assinem um termo pelo qual se comprometam a não exibir fitas de gênero livre, sob a pena de perderem o depósito de 500\$000, feito nos cofres municipais, antes da respectiva assinatura, sendo na reincidência cassada a licença.

Esta medida será posta desde já em execução para os que quiserem estabelecer esse gênero de diversão.

A diretoria geral da Fazenda Municipal já recebeu um officio do Sr. Prefeito sobre tal assunto.

Em 1910, só temos conhecimento de uma exibição (22.12.1910). Em 1911, quando da fundação da Associação dos Ex-alunos

Salesianos, foram apresentados vários filmes. No dia 17 de setembro do mesmo ano, foi exibido este “programa cinematográfico”²⁰:

- I — Devazzeville — natural
 - Um clow curandeiro — dramático
 - Disciplina e generosidade — dramático
 - A enxada — cômico
- II — Em caminho para Laos — natural
 - Ladrão de pão — dramático
 - O Natal de Pedrinho — dramático
 - Estréia de um policial — cômico
- III — Embocabola — natural
 - Brinquedinhos e grandes sonhos — dramático
 - O suicídio de João Miséria — Cômico.

Essa exibição era patrocinada pela Associação dos Ex-alunos Salesianos do Liceu Coração de Jesus, que mantinha o grupo teatral numa operosidade extraordinária.

Os salesianos mais antigos afirmam ser o Liceu Coração de Jesus o pioneiro do cinema em São Paulo. Era a única instituição que dispunha de um lugar adequado para a exibição de peças cinematográficas. O Liceu, de fato, ainda possui a primeira máquina de cinema, da firma francesa *Pathé Frères*, que ainda funciona. O cinema do Liceu foi arrendado a um tal de *Serrador* que se utilizava do salão de atos do Liceu. Depois transferiu-se para o Politeama para montar por conta própria, após ter conseguido autonomia financeira, sua própria rede de salas de cinema na Capital paulista²¹.

O primeiro operador da máquina de cinema do Liceu foi Isidoro Marcigaglia, ex-aluno, que ainda era organista. Foi posteriormente engenheiro da Prefeitura de São Paulo. Sucedeu-o o Pe. Guilherme Meiners²².

José Maria do Prado, ao escrever sobre a história do cinema em São Paulo, confirma a versão supra quando fala sobre a área em que se localizavam os escritórios de pessoas dedicadas às atividades cinematográficas (rua do Triunfo — Boca do Lixo)²³:

Por coincidência, próximo ao local está o Liceu Coração de Jesus, pioneiro nas exibições cinematográficas em São Paulo (tinha um cinema, depois arrendado por *Serrador*) e centro de um grupo teatral dos amadores. Esses dois fatos convergiram para formar alguns dos primeiros homens de cinema de São Paulo. Entre eles, Antônio Campos (na década de 20, também o primeiro censor do Estado), Paschoal de Lorenzo, Miguel Milano, Caetano Matanó e numerosos atores.

Vittorio Capellaro, diretor da primeira versão de “*Innocencia*” e pioneiro do cinema nacional, trabalhou no cinema do Liceu.

Era ex-aluno salesiano de Turim (Itália). Em 1913, o Liceu tinha uma fita própria que apresentava uma excursão dos seus alunos à cidade de Campinas.

O desenho

Em se tratando de uma escola profissional, não há negar a importância do desenho, parte integrante do currículo.

Havia ainda uma aula de desenho aplicado à indústria e às artes, freqüentado pelos aprendizes das 4.^{as} e 5.^{as} séries.

O arquivo do Liceu ainda conserva algumas centenas de estampas, na sua maioria importadas da França. São séries de estampas de ornamentação, mecânica, *au lavis*, animais, desenho técnico e industrial, arte funerária, *croquis d'architecture* etc. Era material destinado às escolas primárias, secundárias e profissionais como aos candidatos que se preparavam para os concursos de admissão à Escola Central de Paris.

Pelo material usado, tratava-se de um curso de um nível muito elevado.

A educação física

A educação física constituiu uma das atividades educativas fundamentais exercitadas no Liceu. Era ministrada segundo um plano muito bem estruturado desde os primeiros tempos do Liceu. A escola sueca era o modelo na época ²⁴.

Desde o começo, o Liceu tem proporcionado aos seus alunos uma gama variada de práticas desportivas, como: corridas, jogos da pelota ou frontão, saltos, balanços, bola envenenada, bola ao quadrado, guerra genovesa, barra manteiga ou barra bandeira, ciclismo, futebol, jogos ao ar livre, excursões ou passeios etc.

Uma prática que muito se desenvolveria seria o desfile. Uma foto dos anos em que foi diretor o Pe. Lourenço Giordano mostra um ensaio de marcha, dentro dos pátios do Liceu. Causou estupefação e arrancou aplausos da população paulistana o desfile (o primeiro de que se tem notícia) de mais de 300 alunos com uma banda de mais de 80 figuras, em 1.º de outubro de 1895 ²⁵.

Um dos passeios mais desejados era aos parques da Serra da Cantareira. Conhecer o mar, porém, era a aspiração da maioria dos alunos. O passeio anual a Santos tornou-se uma tradição. As excursões e passeios faziam parte das atividades educativas e de lazer de tal modo que a Associação dos Antigos Alunos Salesianos

do Liceu herdaram esse costume e com o tempo criaram as seções de turismo para seus associados e familiares ²⁶.

O futebol era o esporte predileto. Não foi, porém, possível encontrar dados sobre sua introdução no Liceu. Era, porém, um esporte de elite. Em agosto de 1902, o Clube Atlético Paulistano promoveu uma tarde de jogos de futebol cuja renda foi revertida em benefício do Liceu. A entrada custava dois mil réis. As arquibancadas eram reservadas, de preferência, às senhoras. Todos se vestiam a rigor para ir ao campo.

O Liceu possuía uma Liga Colegial de Futebol, que parece ser anterior a 1904. Compreendia os seguintes times:

- 1) Desporte Club S. José — dos aprendizes maiores;
- 2) Sport Club Liceu — dos aprendizes menores;
- 3) Sport Club São Luiz — dos estudantes maiores;
- 4) Sport Club Aurora — dos estudantes menores;
- 5) Associação Sportiva Santa Cruz — dos estudantes externos.

Em 6 de outubro de 1912, foi fundado o Sport Club Domingos Sávio do oratório festivo ²⁷.

O mais antigo Curso Comercial de São Paulo

O Liceu foi o pioneiro do ensino comercial em São Paulo. Em 1895 foi aberto o curso. Eram alunos de 1.^a série: Luiz de Arruda Cunha, Sebastião de Gouvêa, Alexandre da Cruz, Nilo José Pinto, Jorge Pinto, Guido Compagnoli e Domingos Lopes. Compunha a 2.^a série Porphyrio Prado e Ferruccio Rizzoto. Uma foto, porém, mostrava que já em 1894 havia no Liceu aula de Escrita Comercial. O seminarista salesiano Domingos Molfino (Pseudônimo: *Oniflom*) foi seu primeiro professor ²⁸.

Esse seminarista para incentivar os jovens aprendizes a aprender um ofício idealizou e executou um “Curso de Contabilidade”, de três anos de duração, que os habilitava também para o comércio e do qual era ele o professor principal. Parece que ele já sentia a dificuldade de os meninos aprenderem um trabalho manual ²⁹.

Em 1904, já padre, era o único salesiano a dirigir as dez grandes oficinas com mais de 90 externos entre mestres de oficina e operários e com cerca de 200 alunos internos.

Em 1901, o Curso Comercial “já era um curso importante e muito freqüentado”, embora não constituísse uma seção distinta dos aprendizes. Pe. Zeppa, porém, em 1904, organizou definitivamente o Curso Comercial e o transferiu para a seção dos estudantes. Os aprendizes ficaram adstritos ao antigo programa profissional ³⁰.

O ensino da religião

A Congregação Salesiana nasceu com uma aula de catecismo. Todas as atividades exercidas pelos salesianos têm por objetivo primordial a formação cristã do povo, especialmente dos jovens. Todo salesiano é fundamentalmente um evangelizador, um catequista.

O Liceu, como qualquer outra instituição criada ou dirigida pelos salesianos, iniciou-se com aulas de catecismo para os meninos do Oratório Festivo. A missão catequética não é exclusiva dos religiosos salesianos. Todos que com eles trabalham ou com eles convivem recebem a mesma incumbência.

A Associação da Guarda de Honra do Santuário do Coração de Jesus criou um grupo de catequistas que muito se destacou, especialmente em preparar as meninas para a primeira comunhão. Assim, em 1903, há dados de que prepararam pelo menos umas 200 meninas. Este grupo desenvolveu seu trabalho num ritmo extraordinário e logo se tornou o 7.º Centro da Doutrina Cristã.

Os ex-alunos, por sua vez, não ficavam à margem. Eram, muitos deles, catequistas do Oratório Festivo, distinguindo-se como um dos maiores catequistas do Liceu o Sr. João Menezes, que se tornou um símbolo.

A 8 de outubro de 1911, realizava-se a bênção da bandeira da Palestra Catequética e do Oratório Festivo, paraninfada pela Viscondessa de Cunha Bueno. Apesar de ser uma atividade conhecida nos colégios salesianos, não o era em São Paulo (no Colégio S. Joaquim de Lorena, já se realizava em 1905). A *Gazeta do Povo* descreveu o “ato que se revestiu de extraordinária pompa”³¹:

A Palestra Catequética, ainda não conhecida em São Paulo, consiste no exame público das diversas partes do catecismo. Interrogados os alunos uns pelos outros e afinal pelos professores, foi o vencedor nomeado príncipe da palestra, cerimônia esta muito significativa, tomando este o lugar no trono adrede preparado, empunhando a bandeira da palestra.

Na imponente cerimônia, estavam presentes os membros da comissão, pessoas da elite paulistana, além de representantes do governador e do prefeito e órgãos de imprensa. Os alunos recebiam prêmios de valor, relógios de ouro, tinteiros de prata, e outros. Isso estimulava os alunos e fazia a assistência vibrar.

A importância da formação religiosa era tão sentida que a Associação dos Ex-alunos do Liceu inaugurava, em 1913, um *Curso Superior de Religião*. Ao final do ano, em sessão presidida por D. Duarte Leopoldo e Silva, arcebispo de São Paulo, eram entregues os primeiros atestados de frequência e prêmios aos alunos³².

A revista Santa Cruz

No setor cultural, um dos feitos mais significativos como também uma prova de força dos cooperadores, benfeitores e amigos dos salesianos, foi o lançamento da revista *Santa Cruz*, em 1900. Seu primeiro corpo de benfeitores e colaboradores era notável: Brasílio Machado de Oliveira, Conde de Prates, Dr. Manoel Antônio Duarte de Azevedo, Conde Afonso Celso, Teodoro Sampaio, Mons. Camillo Passalacqua, Mons. Ezequias Galvão Fontoura, Mons. Manoel Vicente da Silva, Tiburtino Mondim Pestana, Viscondessa de Sepetiba.

Escreveram, como colaboradores, poetas e prosadores de fama, sobressaindo-se: Afonso Celso, Alberto Löfgren (naturalista), Alvaro Guerra (da Academia Paulista de Letras), Aureliano Pimentel, Coelho Neto (da Academia Brasileira de Letras), Egas Moniz (pseudônimo de Pethion de Villar), Fagundes Varela (da Academia de Letras), Jônathas Serrano (historiador), Luiz Gonzaga de Oliveira Costa etc. Até 1914, mais de 250 prosadores e poetas pareceram com trabalhos publicados, podendo-se citar ainda Mário de Lima, Odorico Mendes, Simões Pinto (da Academia Paulista de Letras), Benedito Calixto e outros.

Entre os salesianos, destacaram-se Pe. Miguel Foglino (que poetizava também em espanhol), Pe. Sebastião Martins (S.M.), Pe. (Dom) Helvécio Gomes de Oliveira (H ou H.O.), Pe. (Dom) F. de Aquino Correia (da Academia Brasileira de Letras), Pe. Carlos Graglia (*Rusticus Pedemontanus*) e sobretudo o Pe. João Batista Lorandi (Dinarol).

Sobre a revista, assim se pronunciava o *Correio Paulistano* (12.05.1911): “Essa publicação religiosa, incontestavelmente a melhor no seu gênero, progride sempre, apresentando cada número uma surpresa aos seus inúmeros leitores”. Do *Diário Popular* (09.05.1911): “A *Santa Cruz* é hoje uma das nossas melhores revistas, tanto literária como artisticamente falando”.

Mons. Manoel Vicente, pró-vigário geral da diocese de São Paulo, escrevia, em 1907: “É ela quase um símbolo e um atestado público, símbolo das variadíssimas obras, a que se dedicam os filhos de Dom Bosco”. E mais ainda ³³:

Se os padres, os beneméritos padres da Congregação Salesiana, não mantivessem e dirigissem o Liceu do Sagrado Coração de Jesus, nos Campos Elíseos, nesta capital, onde agasalham e educam 300 alunos internos e instruem mais de 500, bastaria a mimosa, sudente e correta revista *Santa Cruz* para título valioso de seus esforços em prol da civilização.

Ao externar sua opinião sobre a revista, afirmava não ter “ouvido o mesmo julgamento por pessoas competentes”.

Entretanto, apesar de a redação procurar melhorar sempre a sua qualidade, tornando ainda mais atraente, era quase sempre deficitária. Muitos dos assinantes tardavam na quitação de suas obrigações. Além disso, dificuldades do correio... Muitas vezes não chegava às mãos de seus assinantes...

De 1906 a 1910, foi dirigida pelo Pe. Helvécio Gomes de Oliveira, que lhe deu "admirável impulso tornando-a a melhor revista católica ilustrada no Brasil", da época. *O Commercio* de Campinas assim a ela se referia ³⁴:

... pelo esmero da confecção, pela seleção do seu texto sempre cuidado e interessante pelo seu número de *clichês*, fabricados pelos mais modernos processos, enfim pelo seu aspecto agradável... a *Santa Cruz* faz honra às oficinas tipográficas do Liceu do Sagrado Coração.

Nenhum estudioso de história pode ignorar essa revista, porquanto retrata por escrito e com ilustrações a São Paulo, o Brasil, o mundo, "dando carinhoso agasalho em suas colunas, além das coisas que entendem com a Religião, às que interessam o espírito, sendo, como é repositório de trabalhos literários, científicos e históricos" ³⁵.

As associações religiosas

Dom Bosco, profundo conhecedor dos jovens, incluiu em seu sistema educativo associações a eles adequadas para lhes satisfazer as necessidades de companheirismo sadio e treiná-los no exercício de liderança. Nos regulamentos da Congregação Salesiana foi estabelecido:

Promovam-se entre os alunos as diversas companhias tradicionais em nossas casas; o catequista, pessoalmente ou por meio de outrem, cuide delas e presida às reuniões.

No Liceu Coração de Jesus, funcionavam desde 1887 as Companhias de S. Luís, de S. José (para os aprendizes) e do Santíssimo Sacramento (estudantes maiores). Em 1896, a Companhia do Santíssimo Sacramento foi substituída pelo Circulo de São Miguel, formado de estudantes maiores e que, além de outras, tinha como regra comungar todas as semanas. Parece que a experiência não foi aprovada, porquanto não mais foi retomada. A Companhia do Santíssimo continuou.

O primeiro aluno a encabeçar a lista dos sócios da Companhia de S. Luís foi Eugênio Fagundes. José Larrabure, futuro professor do Liceu, que foi também salesiano, aparecia nessa listagem.

Encontramos sócios que se tornaram famosos como José Carlos Aguirre (bispo de Sorocaba), Joaquim Belleza (bispo de Florianópolis), Sebastião Martins (salesiano, diretor da revista *Santa Cruz*), José dos Santos, Luiz Marcigaglia e muitos outros que se tornaram salesianos, como também futuros líderes industriais, militares, políticos: Júlio Fracalanza, Fernando de Souza Costa, 1.º conselheiro da Companhia do Santíssimo Sacramento, em 1900 (futuro governador de São Paulo), Dilermando Assis (general), José Pedro Nolasco (professor do Liceu), Mario Vannini (1.º presidente da União dos Ex-Alunos Salesianos), Porfírio Prado (presidente da União dos Ex-Alunos Salesianos e fundador do jornal *Operario*) e outros que exerceram funções importantes na sociedade ³⁶.

As companhias eram, pois, escolas de liderança e deveriam seus sócios ser fermento na massa juvenil.

Quem lê as atas das reuniões encontrará freqüentemente exortações insistentes e até exigências no sentido de que os sócios deveriam brilhar pelo seu comportamento e pelo exato cumprimento dos deveres religiosos e estudantis não só, mas deveriam influir positivamente no seu meio. Alguns excertos poderão ilustrar melhor ³⁷:

Nesta conferência em preparação às festas de Páscoa nos recomendamos que déssemos bom exemplo ao povo à imitação de S. Luís Gonzaga...

Observemos (...) que as vossas notas de procedimento sejam sempre boas e edificantes...

O nosso diretor incitou-nos com sentidas palavras a sermos sempre fiéis cumpridores das nossas obrigações e de exemplo aos que não pertencem a esta associação.

Os sócios eram exortados a contribuir financeiramente para a festa do seu patrono. Assim, no dia 15 de agosto de 1907, foram recolhidos aos cofres da companhia 52\$400, inclusive de contribuintes como o Pe. Francisco Gaiotto (diretor da Companhia de S. Luís), do diretor do Liceu, do Prefeito (vice-diretor), do Pe. Helvécio Gomes de Oliveira e do Pe. Luís Montuschi. Os salesianos eram sócios honorários de todas as companhias religiosas.

Os sócios deveriam estar entre os alunos que recebiam as notas *ótimo* ou *bom*. Abaixo disso, eram advertidos severamente e aconselhados a tomarem as providências adequadas para melhorarem seu procedimento e não servirem de zombarias aos que não eram sócios. Parece que, de vez em quando, o número elevado de sócios com notas de comportamento insuficiente provocavam crises internas no funcionamento das companhias.

As reuniões eram semanais e dirigidas quase sempre por um sacerdote. Nas páginas internas do Livro Geral dos Sócios das

Companhias aparece ao lado da palavra companhia a expressão “fonte de vocações” e logo abaixo a pergunta: “*Messis quidem pauca?*”. Logo em seguida: “*In hoc signo vinces = Planta, riga, et Dominus incrementum dabit operibus tuis*”.

Celeiro de vocações

O Liceu do Sagrado Coração de Jesus não era apenas um oratório festivo, nem simplesmente uma instituição de formação profissional, nem tampouco um recolhimento de órfãos. Era tudo isso e ainda mais: um grande seminário.

Pe. Giordano, logo de início, reconheceu que sozinho jamais poderia conduzir com sucesso a obra da qual era responsável. Procurou seguir os passos do mestre, Dom Bosco. Aliás, este já recomendara o trabalho pelas vocações, uma vez que não dispunha de pessoal em número e qualidade suficientes para atender a seus insistentes pedidos como também de outras partes do mundo.

Arregaçou as mangas o Pe. Giordano e procurou seus auxiliares entre os jovens que o rodeavam. Muitos deles, se tornaram sacerdotes e irmãos coadjutores, quando não, importantes leigos católicos militantes.

Em 1885, já havia um aspirante (talvez seja o Domingos Molfino). O Colégio Salesiano Santa Rosa já tinha quatro.

Os aspirantes a coadjutor salesiano, em 1887, eram os jovens Joaquim Fraga e Luigi Olivieri. O Colégio Santa Rosa não apresentava nenhum ³⁸.

Em 1890, acontecimentos alvissareiros encheram de alegria os salesianos do Brasil. Foram aprovados os projetos de Pe. Lasagna para trazer as Filhas de Maria Auxiliadora para o Brasil e para a instalação de uma casa de formação (seminário) em Lorena. Na opinião do Pe. Belza, a criação de uma casa de formação, em Lorena, contrariava aos desejos de Pe. Giordano, embora fosse considerada a única maneira de assegurar formação adequada aos aspirantes à Congregação Salesiana. Pe. Belza acrescentava uma observação que parece uma explicação das intenções do Pe. Giordano que escondia seus aspirantes ³⁹:

Giordano, a veces, no les daba la batina a sus aspirantes para que Lasagna no pensara que tenía más personal.

Pretendia ainda Pe. Giordano criar o noviciado em São Paulo, o que só ocorreu em 1906. No Liceu funcionavam classes de teolo-

gia, com bastante regularidade, já se falando da instalação de um aspirantado teológico, o que só ocorreu em 1905, dispondo de uma boa biblioteca de filosofia e teologia com obras suficientes para atender aos estudantes seminaristas salesianos, sendo no início orientados pelo Pe. Antonio Varchi.

É de notar que o Liceu, desde 1888, mantinha noviços salesianos clandestinos (eram proibidos no Império).

O Liceu continuaria nas fases seguintes a ser uma fonte de boas vocações para a Igreja, a Congregação Salesiana e para o laicato católico...

O Oratório Festivo

Inicialmente, foi iniciado o atendimento aos jovens pobres através do oratório festivo, segundo o modelo de Dom Bosco.

Infelizmente não foi encontrado registro de frequência desses primeiros frequentadores do Liceu, ou seja, os meninos mais abandonados da rua, entre os quais não poucos, libertos, filhos de escravos provenientes das “fazendas” próximas à cidade: maltrapilhos..., negrinhos de 10 a 18 anos, cujos pais eram ainda escravos, mas eles considerados “livres” pela lei do Ventre Livre. Eram ignorantes e grosseiros. Viviam nas famílias a que pertenciam seus pais, mas quase abandonados à sua própria sorte. Como podiam ser livres se seus pais eram escravos?

Não lhes parecia ser verdade poder vir ao Oratório Festivo do Sagrado Coração onde o Pe. Giordano era tudo para eles. Chegavam, pois, aos bandos e, embora o ambiente fosse pouco atraente, todos se achavam bem porque estavam sempre no meio deles o Pe. Giordano, com seu ar sério ou sorridente, distribuindo os jogos, disciplinando o “passo de gigante”, ora reclamando de um ora elogiando outro. Era como se fosse um “papai” entre seus pequeninos. Para dar uma pálida idéia do sacrifício que fazia com serenidade o Pe. Giordano, basta pensar no calor sufocante dos meses de dezembro e janeiro, sob os raios do sol tropical sem defesa a não ser um grosseiro chapéu de palha. Levantava-se aos ares um poeirão agitado por centenas de pés nus que o pisavam e corriam em todas as direções...

Todos dirigiam-se à capela do Sagrado Coração de Jesus onde aprendiam a rezar e recebiam instrução religiosa. Depois retornavam aos jogos ou a suas casas, melhores.

Poucos meses depois, estando já prontas, no Liceu, as primeiras salas — além do oratório festivo —, Pe. Giordano, com o

auxílio dos dois primeiros clérigos salesianos, Zanchetta e Fia, começava também a ministrar algumas aulas para alunos externos.

Pe. Giordano conseguiu atrair o primeiro leigo, para lecionar Caligrafia, Desenho, Aritmética e Geografia: o mocinho de 14 anos, Domingos Molfino, que trouxe também consigo o seu próprio alunado, ou seja, um grupo de 8 a 10 jovens italianos a ele confiados pelos pais para que ensinasse o pouco que sabia. Domingos Molfino havia obtido, em junho de 1885, a licença, ou seja, o diploma da Escola Técnica Italiana. Assim o Liceu já recebia meninos de uma classe social em melhores condições.

A notícia das aulas salesianas, as qualidades e incentivos do Pe. Giordano, a boa impressão dos primeiros alunos fizeram boa propaganda, especialmente nas casas mais próximas do Liceu. Começaram logo a chegar moços de todas as condições, predominando todavia os pobres ⁴⁰.

Era este o regulamento inicial do oratório festivo ⁴¹:

1. Um dos principais fins da Sociedade Salesiana fundada por Dom Bosco, é recolher os meninos nos domingos e dias santos, para instruí-los nas verdades da fé, e afastá-los dos perigos espirituais e corporais.

2. Para facilitar esta obra abriram-se no Liceu do Sagrado Coração, nos domingos e dias santos, jardins de recreio com o nome de oratório festivo, onde os meninos acharão muitíssimos brinquedos; a miúdo assistirão a pequenas representações teatrais; e todos os domingos e dias santos receberão, se tiverem bom comportamento, *Bons Pontos* particulares para uma rifa que se fará de três em três meses.

3. Ensinar-se-á música vocal, e quando se puder, fundar-se-á também uma banda instrumental.

4. Fará parte também do oratório festivo a Companhia Recreativa, que se comporá de meninos e moços inteligentes, aos quais se ensinará a declamação proporcionando-se-lhes todo o necessário, para representar no teatro do Liceu.

5. Condição para fazer parte desta companhia é: 1.º) a frequência ao oratório festivo nos domingos e dias santos, como também na ocasião dos ensaios; 2.º) bom comportamento dentro e fora do Liceu; 3.º) frequência aos SS. Sacramentos nas principais festas do ano.

Esses eram os cinco artigos que traçavam a natureza, a estrutura e o funcionamento do oratório festivo do Liceu desde seus primeiros tempos. Um regulamento muito curto e simples. Dele nasceria mais tarde um estabelecimento muito complexo... De uma pequena fonte nasce muitas vezes um grande rio!

Infelizmente não foram encontrados os livros de frequência dos oratorianos. Pe. Domingos Molfino nos legou preciosas informações sobre os primeiros tempos de funcionamento do Oratório Festivo, como veremos ao tratar do Pe. Lourenço Giordano.

O Pe. Carlos Jamrozky nos forneceu, em 1904, algumas notícias ⁴²:

Nos domingos e dias santos, todos os professores do externato atendem ao oratório festivo, que de ordinário durante o ano letivo conta os seus 500 e mais meninos. São distribuídos em 20 classes, tendo cada uma o seu catequista e o suplente. Os catequistas são os mesmos mestres do externato, alguns aspirantes, e outros uns jovens de boa vontade da companhia de S. Luiz. O Pe. Terzi, além das ocupações que já tem, atende à companhia de S. Luiz — e o Pe. Marcigaglia à do pequeno Clero.

Convém notar que os citados não eram padres ainda, como os demais citados no relatório. Era, porém, costume na época chamar os clérigos de “padres”.

O *Grêmio Recreativo São Paulo*, fundado em 1906, parece ter-se inspirado na Companhia Recreativa do oratório festivo já que muitos ex-alunos trabalhavam como catequistas. A banda foi criada e nela tocavam também muitos ex-alunos.

Havia ainda a seção das oratorianas, que ocupava o átrio do santuário e adjacências, sob os cuidados de algumas damas da Guarda de Honra.

O *Anuário* de 1915 nos traz uma bela descrição do que era o oratório festivo ⁴³:

O oratório festivo do Liceu do Sagrado Coração de Jesus é, no gênero das obras católicas em prol da mocidade, o que há de mais simpático e de mais encantador.

Domingo às 7:30 h da manhã abre-se o grande portão de ferro: onda de crianças, gárrulas, saltitantes num belo chilrear de festa, num forte vozear de alegria, entram no belo recreio de plátanos. Semblantes, estátuas, vestuários duma variedade surpreendente. E no entanto essa massa heterogênea, divide-se e subdivide-se em pequenos grupos ao convite de um chefe e num abrir e fechar de olhos está em movimento, numa roda viva, num rodopio febril.

E continuava Pe. (Dom) Mourão:

A onda infantil transvasa-se no santuário, enche todos os lugares, ocupa todos os bancos formando mar de cabecinhas a coalhar todo o recinto. De súbito, ao convite de uma voz, um coral de 900, 1.000 e até 1.200 vozes infantís, uníssono, imponente ecoa pelo recinto do templo. É simplesmente irresistível o encanto que tal cena produz.

As onze e meia, os alunos regressavam do almoço para o oratório:

E cresce, recresce a onda infantil — Do recreio para o catecismo, do catecismo para a prática e para a bênção, desta para o cinema, espetáculo ou recreio. E as mesmas cenas se reproduzem, belas, empolgantes, encantadoras.

Os maiores chamarizes para o oratório festivo eram os espetáculos com belos dramas, monólogos, canto, banda e na década de dez o cinema, uma novidade atraente.

No seio do oratório funcionava as Companhias de S. Luís, S. José e SS. Sacramento muito bem organizadas, com seus estandartes, distintivos, cofre social e suas conferências semanais. Os vicentinos contavam ali com duas florescentes conferências de aspirantes, que se reuniam semanalmente, colhia seu óbulo e visitavam as famílias pobres, educando-se assim na mais bela escola de caridade.

Ao sair do catecismo, recebiam seus cartões carimbados e os colecionavam para o dia das rifas. Com eles compravam roupa, chapéus, calçados, livros, quinquilharias, brinquedos etc. No dia 14 de fevereiro de 1915, foram premiados 1.293 meninos, uma prova de sua pujante atividade!

Os alunos “regulares”

José Jacinto Ribeiro, em sua obra *Chronologia Paulista*, após transcrever um artigo da *Santa Cruz*, de setembro de 1901, acrescentava uma nota: “Benedicto Carolino de Siqueira, aprendiz de alfaiate. Sua admissão — 14 de julho de 1886”. A mesma data histórica da chegada dos salesianos ao Brasil, no Rio de Janeiro⁴⁴.

O livro de matrícula de 1887 registra:

Benedicto Carolino de Siqueira

Dia de entrada: 26-1-87. Matrícula 4. Mensalidade: 15\$000. Lav. (de roupa): 4\$000. Direção: Il.^{mo} Sr. Vigário de Itatiba.

No mesmo livro, aparece como matrícula 1, o aluno Eugênio Fagundes, filho de João Fagundes do Nascimento, rua Santa Cecília, n.º 2 — São Paulo. Sua data de entrada em 1887 foi no dia 1.º de janeiro. Eugênio Fagundes aparece também como o primeiro sócio a abrir o livro das Companhias Religiosas. Era aluno gratuito⁴⁵.

Não fora o testemunho de José Jacinto seríamos levados a afirmar ser Eugênio Fagundes o primeiro aluno interno. Reforça-

ria essa assertiva o fato de que cada aluno interno tinha um número fixo que era usado para marcar a própria roupa e esse número coincidia com o número de matrícula. Mas em se tratando dos primeiros e de seu pequeno número talvez não houvesse necessidade, inicialmente.

Talvez, posteriormente, na disputa dos números iniciais e por ser da Capital, Eugênio Fagundes tenha recebido o número 1.

Com toda a probabilidade, eles foram os primeiros alunos a ingressar como internos, no Liceu, em 29 de junho de 1886.

Na falta de um desmentido formal dos contemporâneos, podemos atribuir a Benedicto Carolino de Siqueira a honra de ter iniciado a série de milhares de alunos internos que se formaram neste estabelecimento de educação!...

Ao findar do ano, Pe. Giordano já conseguira dar consistência ao oratório festivo, a um modesto externato de aulas de Curso Primário, às primeiras escolas profissionais, provisoriamente instaladas na primeira galeria ou pórtico próximo da portaria primitiva do Liceu Coração de Jesus: sapataria, carpintaria e alfaiataria. Os internos atingiram a matrícula de 24 alunos.

O Liceu tornou-se rapidamente conhecido e “não havia em São Paulo quem não conhecesse o ‘Liceu do Sagrado Coração de Jesus’, ou simplesmente o ‘Sagrado Coração’, como dizia o povo. As autoridades religiosas e civis eram muito complacentes com Pe. Giordano, estimavam-no e veneravam-no”⁴⁶.

Da primeira turma de alunos internos de 1887, alguns se distinguiram como Cyro Mondim, poeta, José Larrabure, que foi inicialmente clérigo salesiano e depois professor do Liceu até a morte, e Domingos Giovannini, padre salesiano e co-fundador das Irmãs de Jesus Crucificado.

Muitos alunos do final do século passado, tornaram-se posteriormente famosos como Monteiro Lobato, de todos conhecido, Fernando de Souza Costa, que foi governador de São Paulo, general Dilermando de Assis, Valêncio do Prado, advogado, Porfírio do Prado, jornalista, fundador do jornal *O Operário* etc.⁴⁷.

O movimento de alunos em demanda do Liceu foi crescendo rapidamente.

Os arquivos do Liceu podem-se dizer completos quanto aos alunos internos. Quanto aos alunos externos, dessa fase não dispomos de informações, porque não encontramos livro de matrícula até 1901...

**MATRICULA DOS ALUNOS INTERNOS DO LICEU
NO PERÍODO DE 1886 A 1914**

Ano	Número de alunos
1886	24
1887	79
1888	112
1889	170
1890	207
1891	205 (198)
1892	334
1893	354
1894	485
1895	285
1896	299
1897	299
1898	275 (312)
1899	388
1900	577
1901	461
1902	367
1903	358
1904	377
1905	302
1906	320
1907	289
1908	274
1909	333
1910	305
1911	307
1912	409
1913	477
1914	446

FONTE: Secretaria do Liceu Sagrado Coração de Jesus.

As viagens de Pe. Luiz Zanchetta (1891) e de Pe. Alexandre Fia Musso (1893) tornaram conhecido o Liceu no interior do Estado de São Paulo, aumentando a participação de alunos interioranos no estabelecimento, o que talvez explique os saltos bruscos verificados nos anos de 1892 e 1894.

ALUNOS PROVENIENTES DE CIDADES DO INTERIOR DE SÃO PAULO E DE OUTROS ESTADOS NO LICEU CORAÇÃO DE JESUS	
Ano	Número de cidades
1887	8
1890	19
1894	44
1900	59
1905	104
1909	87
1913	124
1914	108

FONTE: Arquivo do Liceu Coração de Jesus.

A quase duplicação da participação de cidade do interior e de outros Estados provavelmente se deve à revista *Santa Cruz*, que veio à luz em outubro de 1900 e se estendeu rapidamente por São Paulo e por outras regiões do País.

O fato de virem alunos do interior ou mesmo da Capital paulista não implica necessariamente serem brasileiros. Muitos de São Paulo eram italianos. Infelizmente os registros são muitas vezes incompletos, o que dificulta um levantamento preciso da proveniência do aluno. Muitos eram órfãos ou de pais desconhecidos ou de localidade ignorada e moravam em casa de famílias. . .

O Liceu Coração de Jesus tornou-se tão conhecido no interior de São Paulo, que dificilmente se encontrava cidades que não tivessem alunos internos nesse estabelecimento. Havia ainda de Minas Gerais, Mato Grosso, Espírito Santo, Paraná, Goiás e até do Rio de Janeiro, onde havia o famoso, na época, Colégio Salesiano Santa Rosa, em Niterói.

O número de alunos inscritos nos livros de matrícula do internato parece não corresponder à capacidade física do estabe-

lecimento que estaria em torno de 320 ou 330 aproximadamente. Assim, a matrícula superior a esses números parece suspeita ou deixa margem à dúvida, podendo-se levantar a hipótese da existência de alunos externos incluídos no livro de matrícula do internato. Aliás, o externato deve ter precedido ao internato, como se deduz do depoimento do Pe. Domingos Molfino, de que já se falou alguma coisa supra.

A grande maioria do alunado do Liceu cursava o Curso Primário. Assim de 700 alunos, em 1908, 460 estavam matriculados nesse curso, 150 no Curso Profissional e 90 no Curso Comercial. Convém observar que um grande número dos matriculados no Curso Profissional cursava simultaneamente o Curso Primário. Assim o número de alunos matriculados no Curso Primário chegava a perto de 600.

Destes 700 alunos, grande número tinha aceitação gratuita no Liceu, por serem órfãos ou desprotegidos da fortuna. Havia alunos bolsistas do Estado, do município de São Paulo e também de algumas famílias importantes, além de bolsistas do próprio Liceu. Em 1911, os bolsistas do Estado chegavam a 44.

A outra parte contribuía — no internato — com uma anuidade que oscilava entre 225 a 450 mil réis; no externato, com a contribuição mínima de dois a cinco mil réis, mensalmente.

Era grande o número de pedidos para a matrícula de alunos órfãos, mas a escassez de recursos e o tirocínio bastante longo de aprendizagem, nem sempre ofereciam à diretoria do Liceu o ensejo de atender a todos os pedidos que lhe eram dirigidos anualmente. O maior ou menor número dessa matrícula dependia da situação financeira do Liceu, calculadas as despesas do ano anterior.

O Liceu não possuía, de próprio, mais que o prédio em que funcionava. Não tinha patrimônio constituído, donde pudesse auferir um rendimento certo que lhe servisse de base para a sua orientação administrativa. Depunha sua total confiança na Providência e nos recursos que a beneficência pública ou particular lhe proporcionasse.

Os menores abandonados eram preferidos aos órfãos que ainda pudessem contar com o amparo de algum parente ou tutor. Esses últimos deviam contribuir de conformidade com as posses de que dispusessem.

Nos *Estatutos e Programmas* do Liceu estavam previstos alguns meios para vir em auxílio aos órfãos como ⁴⁸:

- 1.º Ofertas em dinheiro;
- 2.º outros donativos como sejam: móveis e adereços escolares, roupas feitas, fazendas, gêneros alimentícios, materiais, ferramentas etc.;

- 3.º encomendas de trabalhos às Escolas Profissionais do Liceu;
- 4.º constituindo, com relativo patrimônio, um ou mais lugares perpétuos para a matrícula dos órfãos;
- 5.º tomando a si a despesa anual de um órfão, calculada em réis 750\$000;
- 6.º fornecendo às Escolas Profissionais máquinas e aparelhos necessários para o ensino dos alunos.

Era facultado aos alunos depositarem no escritório do Liceu pequenas quantias em dinheiro para seus gastos particulares, ficando o Pe. Prefeito (vice-diretor) incumbido de distribuí-las aos depositantes em parcelas e economicamente.

A idade mínima exigida não devia ser inferior a 10 nem superior a 15 anos. No ato da matrícula exigia-se certidão de batismo.

O ano letivo abria o exercício no dia 15 de fevereiro e fechava-o no dia 30 de novembro. Nesse dia podiam ser retirados, à tarde, os alunos pelos pais ou quem por eles.

Os alunos do interior deviam ter na Capital paulista um correspondente, responsável pelos pagamentos e a quem pudesse a administração recorrer em casos de moléstias, infrações disciplinares ou outros motivos imprevistos e urgentes. Para esse fim o correspondente assinava no Liceu uma declaração de compromisso. O aluno que causava prejuízo ao Liceu ou aos colegas devia fazer-lhes pronta e justa indenização.

Injustificável morosidade nos pagamentos, o mau procedimento, particularmente a imoralidade, eram motivos que justificavam a expulsão do aluno.

Os ex-alunos de outros colégios deviam apresentar atestados de bom procedimento e dos estudos feitos.

Além das férias anuais, de 1.º de dezembro a 15 de fevereiro, os alunos tinham direito a sair em visitas aos seus pais ou tutores três vezes ao ano, devendo voltar no mesmo dia, salvo casos excepcionais que eram resolvidos pelo diretor do Liceu, sendo aconselhados os pais a não retirarem seus filhos nos três primeiros meses do ano letivo.

O prefeito ou vice-diretor do Liceu tinha o direito de suspender a saída do aluno que não tivesse bom procedimento.

Para a regularidade de vagas, a administração devia ser avisada oito dias antes da saída do aluno.

O aluno não saía sozinho, mas acompanhado por pessoa da família que o vinha receber e entregar após a visita.

Uma demora prolongada fora do Liceu e não justificada privava o aluno do direito de retorno.

Todos os domingos, desde o meio-dia até às dezesseis horas, os alunos podiam receber visitas. Para os alunos do Interior, eram permitidas visitas em qualquer dia e hora.

Além dos pais, tutores e correspondentes, podiam visitar os alunos as pessoas por eles indicadas ⁴⁹.

Os ex-alunos

No final da gestão do Pe. Lourenço Giordano e inícios da segunda, do Pe. Miguel Foglino, entre 1893 e 1895, reuniram-se os primeiros elementos das turmas de alunos saídos do Liceu e fundaram uma Companhia Recreativa, que funcionou por vários anos no Liceu, dedicando-se de modo especial ao cultivo da arte dramática. Essa companhia desapareceu por alguma razão, hoje ignorada.

Após longo intervalo, nos primeiros anos do século XX, outros ex-alunos prontificaram-se a auxiliar nos trabalhos do oratório festivo do Liceu, em florescência. A fim de animar a grande concorrência de alunos do oratório, esse grupo de catequistas, sob a orientação do então clérigo Antonio Marcigaglia, iniciou periódicos e modestos espetáculos cômicos destinados aos oratorianos. Solicitados pelas famílias, saudosas dos belos espetáculos, resolveu-se, de acordo com o Pe. Marcigaglia, fundar a Companhia "Santa Cruz". Iniciados os trabalhos, foram levados à cena, ainda entre os andaimes da construção do teatro, várias representações. Nesse tempo, o oratório festivo já contava com banda própria, "Santa Cecília", e cantoria artística e religiosa a cargo de ex-alunos. Os incipientes sucessos da "Santa Cruz" despertaram emulação em outros núcleos de ex-alunos ⁵⁰.

Que os ex-alunos já formavam um grupo significativo prova-o o seu comparecimento, quando da visita ao Liceu do Pe. Lourenço Giordano, no dia 1.º de agosto de 1901. Além dos amigos, notavam-se mais de 60 ex-alunos da instituição, "bem moços, bem colocados, ocupando lugares salientes no comércio, oficinas, escritórios" ⁵¹.

A tendência à vida associativa já era uma realidade no final do século XIX e décadas iniciais do século XX. Por todo o Brasil, fundavam-se ligas, uniões, associações, federações como a União de Santo Agostinho (Campinas), a Liga Social Católica Brasileira, a Liga das Senhoras Baianas, a Associação Católica de Ribeirão Preto, a Liga do Menino Jesus para as crianças etc. Entre os alunos dos colégios salesianos já funcionavam as Companhias Religiosas.

Antonio Marcigaglia, clérigo salesiano, prudente e bem avisado, resolveu fundir os diferentes grupos, reunindo ótimos elemen-

tos de ambos os lados e promovendo o ingresso de outros. Assim, no dia 29 de setembro de 1906, era criado o Grêmio Recreativo São Paulo ou simplesmente Grêmio São Paulo.

A associação, "composta na sua maior parte de antigos alunos salesianos" tinha ⁵²

... por principal escopo atrair a infância para o *Oratório Festivo*, mediante instrutivas e agradáveis representações teatrais, cooperando desta forma, na elevada e humanitária obra dos filhos de Dom Bosco.

No ano seguinte a revista *Santa Cruz* assim destacava o trabalho realizado em seu primeiro ano de atuação:

... como a sociedade é composta de jovens, não podia ser descuidada a própria distração dos associados e das famílias católicas. Por isso o grêmio tem levado à cena, durante o primeiro ano social, diversos dramas e comédias como decidido agrado das Ex.^{mas} Famílias para quem foram exclusivamente organizadas.

Embora o grêmio não possa competir com o fulgor por vezes traíçoero dos grandes espetáculos públicos, devido ao seu limitado círculo de ação — é, sem embargo, um ótimo meio para propagar os bons costumes e por isso mesmo merece, da parte dos que têm em grande monta o bem moral da sociedade, encorajamento e coadjuvação.

Que ele tenha trabalhado e muito se esmerado prova-o o belo número de representações dadas, no curto espaço de um ano: cinco para o público, dez para os alunos do *Oratório Festivo* e seis para o Internato do Liceu, com um total de dramas e comédias que revela um assombro de esforço e de dedicação sem limites.

Referia-se ainda à encenação de dois dramas, cuja arrecadação seria aplicada na aquisição de novos cenários e montagem de maquinismos modernos para o teatro.

O grêmio não se limitava apenas a essas atividades. Mais:

No intuito de contribuir para a instrução dos sócios o grêmio tem uma biblioteca com mais de 300 volumes constantes de literatura, ciências, artes e outras questões de palpitante atualidade.

Em outra oportunidade, a referida revista, em falando do "bom exemplo dos mestres e catequistas desvelados" do oratório festivo, dizia ⁵³:

São estes, deixamo-lo registrado com satisfação, em grande parte ex-alunos do Liceu e distintos moços do brioso Grêmio São Paulo.

Criação do grêmio, no mesmo ano em que nascia, foram as aulas noturnas, e por ele mantidas durante os primeiros anos.

Em 1910, mantinha uma orquestra, dirigida pelo M.^o Alfredo Belardi. A banda S. José do oratório festivo era composta de ex-alunos.

Nos anos posteriores à sua fundação, o grêmio desenvolveu-se tanto que praticamente não havia festa, atividade ou promoção em que não tomasse parte.

A convocação da primeira Assembléia Internacional Sul-americana de Ex-alunos de Dom Bosco, para 26 de maio de 1910, repercutiu favoravelmente em São Paulo. Efetivamente, já se trabalhava no sentido de se reunirem os ex-alunos do Colégio Salesiano Santa Rosa e em São Paulo a diretoria do Liceu do Sagrado Coração tratava de convocar idêntica reunião e dirigia a todos os ex-alunos, em qualquer posição ou lugar em que estivessem, uma solicitação para que enviassem seus endereços para receberem "importantes comunicações" (27.03.1910) ⁵⁴.

No dia 15 de maio de 1910, Pe. Dionísio Giudici convidava os amigos ⁵⁵

... para abrilhantar a primeira reunião de nossos Ex-alunos, confortando com almejada presença e palavra os modestos mas operosos jovens, aqui formados ao trabalho e à virtude.

No dia 23 de junho, Bruno de Aguiar, presidente da Mesa Provisória do Centro de Ex-alunos de São Paulo, para a segunda "Assembléia Geral a ser realizada no dia 29 do mesmo mês convocou o maior número possível de sócios para ouvir a prestação de contas do delegado paulista à Assembléia Internacional de Buenos Aires" ⁵⁶.

Mas só em 1911, partia da direção do Liceu a circular convidando os ex-alunos para uma reunião de "alto alcance". Pelo seu significado e importância histórica, merece ser aqui transcrito ⁵⁷:

Prezado amigo e senhor,

comunico-lhes com a maior satisfação, que no dia 19 de março fluente, realizaremos neste Liceu mais uma reunião dos *Antigos Alunos Salesianos*.

Presidirá honorariamente a assembléia o Rev.^m Pe. Pedro Rota, inspetor salesiano do Sul do Brasil, que vem trazer de Turim a todos os sócios a saudação do *Segundo Sucessor do Ven. Dom Bosco*.

Cabe-me assegurar-lhe que este convite traduz também a vontade explícita e insistente de um grupo distinto de seus antigos colegas, que vivem constantemente em contato com os salesianos desta casa. O amigo poderá constatar de visu com quanto desinteresse tenham eles trabalhando, nestes últimos tempos, no sentido de conseguirem o maior número possível de adesões à associação nascente. O assaz conhecido *Salão de Atos*, uma sala ampla e confortável com bilhar, nas dependências do mesmo teatro e outros

cômodos para diversas seções de entretenimento úteis e instrutivos, a se determinarem, acham-se à inteira disposição da sociedade; e esta terá, como é sabido, uma sede no Liceu, sob a denominação de "Centro de Ex-alunos Salesianos".

Ora pois, a reunião do dia 19 próximo assume um caráter de alto alcance porquanto serão propostos e discutidos os temas importantíssimos constantes da *Ordem da Sessão* que vai anexa ao presente convite.

Contamos para esta reunião com a presença do nosso amigo, o qual não deixará de interessar-se energicamente pela atuação de uma grande empresa que é o complemento dos inspirados ideais do grande Dom Bosco, e subscrevo-me, com particular estima

Servo e amigo dedicado

Pe. Dionysio Giudici

De fato, no dia 19, festa de S. José, compareceu "um número avultado de moços, que nos colégios salesianos foram educados e dos quais conservam as mais vivas lembranças e a mais cordial amizade" ⁵⁸.

Presidiu a reunião o (...) Pe. Pedro Rota (...) o qual (...) salientou o motivo desta reunião, tratando-se de comemorar brevemente o 25.º aniversário da fundação do Liceu, devendo para esta circunstância estar perfeitamente formada essa associação, com seus estatutos em vigor. Era pois necessário, no mais breve espaço de tempo, que a mesa organizadora dos estatutos os confeccionasse e publicasse. Para que essa associação fosse um corpo compacto, animado, como o são outras associações congêneres em outros pontos do Brasil e da América, julgou-se conveniente que os antigos alunos se incorporassem ao Grêmio São Paulo, já existente há quatro anos, com bela história e relevantes serviços e a associação assim aumentada de novos membros passasse a ser denominada: *Associação de Antigos Alunos Salesianos*, sendo este alvitre aprovado, após ligeiras observações. Finalmente nomeou-se o presidente definitivo continuando em seus encargos os outros membros do Grêmio São Paulo transformado em Associação dos Ex-alunos.

O 1.º presidente foi Mário Vannini. A associação funcionava em uma ampla sala, situada na parte posterior do teatro do Liceu, no 2.º andar, com porta e janelas para o pátio interno do estabelecimento. Mas era suficiente para oferecer atrativos aos sócios como: livros, revistas, carambolas, jogo de xadrez etc.

No mesmo ano, foi inaugurada a orquestra dos ex-alunos, que era dirigida pelo M.º Alfredo Belardi, violinista. Em 1912, surgiu a revista *O Monitor*, órgão oficial da associação. Pe. Mário Maspes foi nomeado assessor salesiano. O Grupo Dramático da Associação desenvolvia intensa atividade.

Pe. Pedro Rota, provincial salesiano, que sempre tomava parte nas reuniões da associação, deu-lhe prudente e sábio regulamento,

despertando maior incentivo entre seus membros e outros jovens que se lhe agregavam.

Em 1913, a diretoria da associação era constituída do presidente, do vice-presidente, do 1.º e do 2.º secretários, do 1.º e 2.º tesoureiros e de quatro diretorias, a saber: Seção Catequética, Seção de Estudos Sociais, Seção Recreativa e Seção Beneficente⁵⁹.

A *Gazeta do Povo*, de São Paulo, assim se referia à Associação dos Ex-alunos⁶⁰:

Parabéns aos padres salesianos, operosos e trabalhadores, amigos da nossa pátria, que dirigindo uma associação tão importante e de um horizonte tão vasto, tem por fim dotar São Paulo, de homens católicos, que farão o seu progresso, sem descuidar de um ponto tão importante, irmanando a virtude à ciência, a piedade ao labor cotidiano, com que se adquire o pão de cada dia.

Retiramo-nos agradavelmente impressionados com o belo movimento, promissor de um futuro da Associação dos Antigos Alunos Salesianos, a qual está reservado um lugar de destaque no seio da Confederação das Associações Católicas de São Paulo.

* * *

NOTAS

¹ ALVES, Mário, "Escolas Profissionais", in *Santa Cruz*, Número Comemorativo, do 25.º Aniversário Comemorativo da Fundação das Obras Salesianas em São Paulo, 11 (12), p. 477-478, set. 1911; ainda: AZEVEDO, Monoel Antonio Duarte de, *Educação popular*, São Paulo, Escolas Tipográficas Salesianas, 1902, *passim*.

² Ao Congresso do Estado de S. Paulo, São Paulo, Esc. Tipogr. Salesiana, 1898, Anexo.

³ "Notícias de aquém e além mar", in *Boletim Salesiano*, 2 (5), p. 130-131, mai. 1903.

⁴ Lyceu do Sagrado Coração de Jesus, *Estatutos e Programas de Ensino do Liceu do Sagrado Coração: Artes, Officios, Commercio*, São Paulo, Esc. Prof. Salesianas.

⁵ "Notícias de aquém e além mar", in *Boletim Salesiano*, 2 (5), p. 130-131.

⁶ "Notícias de aquém e além mar", in *Boletim Salesiano*, 3 (3), p. 79-80, mar. 1904; ainda *Correio Paulistano*, de 27, 28, 30 e 31 de maio de 1903.

⁷ *Santa Cruz*, 4 (5), p. 111, fev. 1904.

⁸ "Direção intelectual dada às Escolas Profissionais de Dom Bosco", in *Boletim Salesiano*, 3 (11), p. 299-300, nov. 1904.

⁹ Lyceu do Sagrado Coração de Jesus, *Estatutos e Programas...*, p. 72-79.

¹⁰ "O Centenário da instituição da Fes'a de N. S.ª Auxilio dos Cristãos", in *Santa Cruz*, 14 (6), p. 237, jan. 1914.

¹¹ "Ecos musicais", in *Santa Cruz*, 11 (12), p. 553-555, set. 1911.

¹² *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 87 e 93.

- ¹³ *Op. cit.*, p. 99.
- ¹⁴ Liceu do Sagrado Coração de Jesus, *Estatutos e Programas...*, p. 53-54
- ¹⁵ *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 1b; p. 20.
- ¹⁶ "Festa comemorativa de 12 de outubro", in *Santa Cruz*, 9 (2), p. 76, nov. 1908; *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 173 e 175.
- ¹⁷ "Uma data caríssima", in *Santa Cruz*, 9 (7), p. 247, abr. 1909; ainda: "Cinematografia", in *Santa Cruz*, 9 (6), p. 231-232, mar. 1909.
- ¹⁸ *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 82, 84b.
- ¹⁹ "A moralidade nos cinematógrafos", in *Santa Cruz*, 10 (2), p. 89, nov. 1909.
- ²⁰ *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 90 e 96.
- ²¹ Testemunhos do coadjutor salesiano Francisco de Assis Mammoni (com mais de 90 anos) e do Sr. José Pinto Ferreira, o 3.º operador das máquinas de cinema do Liceu (falecido a 03.12.1983). Segundo o Sr. José Pinto Ferreira, depois da *Pathe Frères*, veio a máquina *AEG*, sem intervalo, e a *Zaiz*. As duas eram conjugadas e foram usadas muito tempo pelo Pe. Guilherme Meiners e por ele próprio.
- ²² GALVÃO, Maria Rita Eliezer, *Crônica do Cinema Paulistano*, São Paulo, Ática, 1975, p. 21-35.
- ²³ PRADO, José Maria, "Cinema em transe", in *Diário Cultural da Imprensa Oficial do Estado — Leitura*, São Paulo, 2 (13), p. 10-12, jul. 1983.
- ²⁴ "Educação física", in *Santa Cruz*, 5 (11), p. 484-485, ago. 1905. Nesse volume há uma série de artigos sobre o assunto.
- ²⁵ *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 45.
- ²⁶ "S. Paulo — Liceu do S. Coração de Jesus", in *Santa Cruz*, 12 (10), p. 419-420, set. 1912. Foto da Companhia de S. José, composta de Ex-alunos, em Passeio a Caieiras..., in *Santa Cruz*, 14 (2), p. 50, fev. 1914.
- ²⁷ *Correio Paulistano*, *O Estado de S. Paulo*, *Commercio de S. Paulo*, 10.08.1902, in *Crônicas do Liceu Coração de Jesus*, sem paginação, v. 2; fotos, in *Santa Cruz*, 5 (11), p. 485, ago. 1905 e 5 (12), p. 544, set. 1905; 7 (4), p. 161-165. *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, 136; in *Santa Cruz*, 9 (7), p. 267, abr. 1909.
- ²⁸ Secretaria do Liceu Coração de Jesus.
- ²⁹ Pe. Domingos Molfino, *Cartas Mortuárias*, v. I. Arquivo da Inspetoria de N. S.ª Auxiliadora.
- ³⁰ MARCIGAGLIA, Luiz, *Aos amigos e benfeitores do Liceu Salesiano*, São Paulo, Esc. Prof. do Liceu Coração de Jesus, 1924, p. 12. ZEPPE, José, "Salesianos...", in *Correio Paulistano*, 20.07.1904.
- ³¹ "Certames collegiais", in *Santa Cruz*, 7 (1), p. 136, out. 1906; "Centro de Catecismos", *op. cit.*, 7 (4), p. 186, jan. 1907; "A festa dos Catecismos", in *Santa Cruz*, 7 (10), p. 457-460, ago. 1907; *Santa Cruz*, 6 (4), p. 195, jan. 1906; *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 96j.
- ³² "S. Paulo — Proveitosa iniciativa", in *Santa Cruz*, 13 (1), p. 30-41, jan. 1913; "S. Paulo — Associação dos Ex-alunos Salesianos", *op. cit.*, 13 (4), p. 163, abr. 1913.
- ³³ VICENTE, Manuel, Mons., "O aniversário da Revista", in *Santa Cruz*, 8 (1), p. 3-5, out. 1908.

- ³⁴ “Pe. Helvécio Gomes de Oliveira”, in *Santa Cruz*, 11 (6), p. 245, mar. 1911; *Santa Cruz*, 11 (9), p. 319, mai. 1911.
- ³⁵ *Santa Cruz*, 12 (1), p. 37-39, out. 1911; *Op. cit.*, 12 (2), p. 80-81, nov. 1911.
- ³⁶ Pe. Allievi, *Companhias de S. Luis Gonzaga, S. José e SS. Sacramento*, Arquivo do Liceu Coração de Jesus, Manusc.
- ³⁷ Companhia de S. Luís — Seção Estudantes (Livro de Atas), p. 10, 58, 61, 74-76.
- ³⁸ Elenco Generale della Società di San Francesco di Sales, Arquivo da Inspetoria de N. S.^a Auxiliadora (São Paulo).
- ³⁹ BELZA, Juan E., *op. cit.*, p. 330.
- ⁴⁰ MOLFINO, Domingos, “Pe. Lourenço Giordano, *Cartas Mortuárias*, v. II, Arquivo da Inspetoria de N. S.^a Auxiliadora.
- ⁴¹ *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, v. 3.^o, p. 18.
- ⁴² JAMROZY, Carlos, *Informação ao Diretor do Liceu Coração de Jesus...* relativa ao ano de 1904.
- ⁴³ *Anuário do Liceu Coração de Jesus*, 1915..., p. 28-29.
- ⁴⁴ RIBEIRO, José Jacinto, *Chronologia Paulista*, São Paulo, 1901, p. 604.
- ⁴⁵ Liceu Coração de Jesus, *Livro de Matrícula de 1887* (Não foi encontrado livro de matrícula de 1886).
- ⁴⁶ MOLFINO, Domingos, *op. cit.*
- ⁴⁷ Os dados fornecidos pelos Livros de Matrícula deixam dúvidas quanto aos nomes dos alunos. Na época não havia o rigor de hoje quanto ao registro exato do nome do alunado. Muitas vezes até estão a lápis e incompletos.
- ⁴⁸ Liceu Coração de Jesus, *Estatutos e Programmas...*, p. 63.
- ⁴⁹ *Op. cit.*, p. 64-70.
- ⁵⁰ GIACCOTO, José Luiz et alii, *União dos Ex-alunos Salesianos de D. Bosco*, São Paulo, Esc. Prof. Salesianas do Liceu Coração de Jesus, 1950.
- ⁵¹ “Pe. Lourenço Giordano”, in *Santa Cruz*, 1 (12), p. 333, set. 1901.
- ⁵² “O Grêmio Recreativo São Paulo”, in *Santa Cruz*, 8 (1), p. 38-39, out. 1907.
- ⁵³ *Santa Cruz*, 9 (7), p. 278, abr. 1909.
- ⁵⁴ “Assembléia Internacional Sul-americana de Ex-alumnos Salesianos”, in *Santa Cruz*, 10 (6), p. 267-268, mar. 1910.
- ⁵⁵ *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 86.
- ⁵⁶ *Op. cit.*, p. 86c.
- ⁵⁷ GIUDICI, Dionísio, “Ex-alunos Salesianos”, in *Santa Cruz*, 11 (6), p. 245-246, mar. 1911.
- ⁵⁸ “Reunião dos Ex-alunos Salesianos”, in *Santa Cruz*, 11 (7), p. 280-281, abr. 1911.
- ⁵⁹ *Crônicas do Liceu Coração de Jesus...*, p. 90c.
- ⁶⁰ “São Paulo — Associação dos Antigos Alunos Salesianos”, in *Santa Cruz*, 12 (10), p. 421-422, out. 1912.

SEGUNDA PARTE

“O Grande Liceu”

IX

ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Trata-se de um período muito complexo, de profundas transformações políticas, econômicas, sociais, culturais e religiosas. Guerras mundiais, revoluções sociais violentas, crises econômicas abalaram e amarguraram a vida da humanidade, ao mesmo tempo em que o desenvolvimento científico e tecnológico afetava e modificava costumes e hábitos: Guerras de 1914 a 1918 e de 1939 a 1945, as revoluções soviética e chinesa, a crise econômica de 1929, o desenvolvimento da aeronáutica, a bomba atômica, a televisão, a cibernética, o marxismo e o capitalismo, a astronáutica etc.

O Brasil passou da fase colonial agrícola para a fase de intensa industrialização e urbanização com todas as seqüelas sociais. A Revolução de 1930 foi um marco importante nessa caminhada de grandes transformações. Suas causas, porém, remontam à metade da segunda década do século XX.

A Guerra de 1914, ao incendiar a Europa, desorganizando o comércio internacional e provocando a retração dos mercados consumidores, acarretou a queda nos preços e a redução das exportações brasileiras. Em 1918, contudo, a geada reduziu a produção e conseqüentemente, veio equilibrar os preços que, com o término da guerra e o crescimento do consumo internacional, voltaram a subir, o que se refletiu no Brasil. Intensificaram-se os negócios e incrementaram-se as plantações de café.

Em 1920, todavia, irrompia nova crise com a diminuição das exportações de café e dos efeitos da geada, o que ocasionou o aumento dos estoques e a conseqüente queda das vendas e dos preços. Voltariam os preços a recuperar-se com as diminutas safras de 1922 e 1923 e a proibição de venda de bebidas alcoólicas nos Estados Unidos. Apesar das dificuldades o número de cafeeiros paulistas, entre 1918 a 1929, elevou-se de 828 para 949 milhões de pés¹.

O desenvolvimento da lavoura cafeeira, trazendo população, e a guerra de 1914 provocaram a concentração da indústria em São Paulo, ensejando a importação de nossos produtos pelos países beligerantes, antes nossos habituais fornecedores de manufaturados, sendo ainda o Brasil beneficiado graças à forte queda do câmbio que reduziu consideravelmente a concorrência estrangeira.

O parque industrial e comercial paulista, após 1910, tornou-se efetivamente o mais poderoso do País e passou a influir no próprio mercado da Capital da República, então no Rio de Janeiro, do qual dependera anteriormente. Muito contribuiu ainda o sistema de transporte, especialmente ferroviário que fez do Estado de São Paulo um mercado centrado na Capital e com ligação para o Exterior, através do porto de Santos. A produção industrial paulista representava 33% da renda nacional, enquanto a do Rio de Janeiro chegava a 22,35%, com uma população mais que o dobro da de São Paulo.

A indústria de carnes, que não existia antes da Primeira Guerra Mundial, subiu para 60.690 toneladas, localizando-se no Rio Grande do Sul e em São Paulo, que recebia reforços dos rebanhos do Triângulo Mineiro, Mato Grosso e Goiás.

É da zona oeste que saía a maior parte dos capitais para a industrialização de São Paulo, destacando-se o Conselheiro Antônio Prado, Altino Arantes, o Coronel Schmidt ("Rei do Café"), Albuquerque Lins, Campos Sales, os Souza Queiroz, Júlio Prestes etc. e da zona do Vale do Paraíba, então decadente, os Rodrigues Alves, Jorge Tibiriçá, Conde Moreira Lima, Arnolfo de Azevedo e outros. Essas camadas de cafeicultores participaram também do processo de urbanização da Capital paulista, "pois os bairros de Campos Eliseos e Higienópolis representam os dois estágios da expansão cafeeira paulista. Esses bairros são a expressão do seu luxo e da imitação do espírito europeu"².

Os fazendeiros de São Paulo e de Minas Gerais, com exceção dos governos militares, foram os presidentes da Velha República. A crise mundial, provocada pela quebra da Bolsa de Nova Iorque, arruinou os fazendeiros de café e contribuiu para a eclosão da Revolução de 1930, fazendo com que o Brasil passasse da influência européia para a americana, influência que será predominante após a Segunda Guerra Mundial.

A cidade de São Paulo, de características marcadamente européias, mudou sua paisagem urbanística adotando padrões norte-americanos. O surgimento dos arranha-céus e das fábricas, a substituição dos bondes pelos automóveis, o alargamento das vias urbanas geraram profundas transformações no habitat e nos costumes, tornando complexa e conturbada a vida do paulistano.

A intensa industrialização teve repercussões no campo social. Além de ampliar e fortificar os empresários e os trabalhadores, desenvolveu os centros urbanos, fazendo crescer o número dos comerciantes, dos funcionários, dos estudantes e de outras camadas da classe média.

No setor educacional, as cidades do interior paulista romperam sua dependência da Capital criando escolas de boa qualidade para atender sua clientela estudantil em rápido crescimento. O Estado fez enormes investimentos nesse campo e construiu o maior sistema de ensino estatal do País. Evidentemente, o fato teria repercussões. A escola particular para sobreviver teria de investir na qualidade.

Esse o panorama geral em que viveu o Liceu Coração de Jesus até quase nossos dias.

O serviço militar e as campanhas nacionalistas

Apresentamos inicialmente alguns fenômenos históricos que interferiram e/ou podem explicar algumas das práticas educativas adotadas nos colégios salesianos, especialmente no Liceu Coração de Jesus, cuja clientela provinha em grande parte do interior. Referimo-nos ao serviço militar e às campanhas nacionalistas.

Anti-liberal e autoritária, a aristocracia rural desconfiava de todas as ideologias. Defendia a hierarquia e a autoridade, os valores experimentados e as situações definidas.

A aristocracia industrial vinha-se desenvolvendo lentamente desde a última década do século XIX, coexistindo com o artesanato ainda predominante. Nas grandes cidades, porém, as industriais suplantavam o artesão e os submetiam a seu controle, porquanto passavam a depender das encomendas daquela e não mais do consumidor individual, o que os levaria paulatinamente à proletarização.

A aristocracia industrial e comercial era mais realista e organizada que a rural e possuía desde o Império as suas associações comerciais e industriais, apesar de subordinar-se inteiramente às classes agrárias, colaborando com elas em campanhas cívicas³.

As diferenças de *status* social atingiam também as Forças Armadas. Na época imperial, o oficialato pertencia à nobreza. A instituição do cadetismo, em 1857, visou favorecer a entrada dos nobres no serviço militar. Paralelamente, a Guarda Nacional, de origem nobre, apresentava menores exigências e não interferia nas atividades particulares, sendo por isso preferida pelos filhos da nobreza civil, os doutores em leis ou medicina, e classes abastadas, especialmente comerciantes.

Na Marinha, acentuava-se ainda mais o caráter de nobreza do quadro de oficiais.

Os praças, contudo, eram recrutados, até 1916, nas classes populares. A população demonstrava repugnância para com a carreira das armas, o que dificultava a manutenção dos recrutas nas fileiras militares. Efetivamente, até 1913, as principais fontes de recrutamento nas fileiras militares do Exército eram: a) os nordestinos afugentados pelas secas; b) os desocupados das grandes cidades que procuravam emprego ingressando no serviço militar; c) os criminosos enviados pela polícia; d) os incapacitados para o trabalho. Panorama semelhante havia na Marinha, cujas guarnições eram formadas de 50% de negros, 30% de mulatos e 10% de brancos ou quase brancos.

Nos quartéis, eram freqüentes as brigas, os roubos e bebedeiras. A população ficava apavorada com a perspectiva do recrutamento. A contrapartida a tudo isso era o castigo físico: surras com espada sem corte, com varas de marmelo, no Exército, e chibata, na Marinha.

Havia entre a Guarda Nacional, que representava os grupos de renda mais alta do País, ou seja, os grupos dominantes civis, e o Exército, um verdadeiro fosso. O Exército, marginalizado, desenvolvia uma acentuada agressividade contra aqueles (os "paisanos"), representados principalmente pela elite política civil.

Um primeiro passo para reduzir o fosso foi a criação, em 1896, da Confederação Brasileira de Tiro para atender aos jovens de classe média e alta. Falhou até ser reativada pelo Marechal Hermes da Fonseca⁴.

A 19 de novembro de 1906, na Escola Normal de São Paulo, reduto da aristocracia paulista, realizava-se a solenidade do culto à bandeira. Nos anos posteriores, estendeu-se às Forças Armadas, com a participação de estudantes e civis.

No ano seguinte, o Marechal Hermes da Fonseca fazia a campanha para tornar o serviço militar obrigatório, que afinal foi aprovado como lei em 1908, facultando ainda aos colégios de ensino secundário a instrução militar para seus alunos.

Um ano depois, o Ginásio São Joaquim, dos salesianos, de Lorena, introduziu a instrução militar em plano escolar, sendo a primeira instituição de ensino a fazê-lo no País. Fez-se uma bela festa militar, em maio desse ano, em regozijo pela equiparação definitiva ao Ginásio Nacional (hoje Colégio Pedro II) e para a entrega da Bandeira Nacional ao Batalhão Ginásial, ofertada pela população da cidade. Pe. Henrique Mourão integrava a diretoria do estabelecimento⁵.

Mas a lei do sorteio militar não conseguiu êxito, nem mesmo durante o quadriênio do Presidente Marechal Hermes da Fonseca. Para torná-la efetiva foi preciso uma longa campanha — liderada por um grupo de oficiais que estagiara no exército alemão de 1906 a 1912, chamados *joventes turcos* — e a Primeira Guerra Mundial ⁶.

Nesses anos, vieram à luz as *Ligas Cívicas*, como a Liga de Defesa Nacional, a Liga Nacionalista de São Paulo, a *Lega Patriottica Italiana* e outras, todas, porém, fundamentadas no pensamento católico.

Jorge Americano assim expressa o ideário da campanha ⁷:

... cada conscrito seria um disseminador, consolidador da consciência civil, agindo reflexamente sobre os oficiais de quem recebesse instrução militar. Dentre em pouco teria desaparecido a linha entre o militar e o civil, porque uns e outros se absorveriam reciprocamente. Então se a revolução viesse, seria movida por verdadeira aspiração nacional, dessas que cegam os homens para seus interesses, para as suas amizades e laços da família, contanto que seus ideais triunfem. Seria uma revolução digna de vencer, porque o exército seria o executor do ideal comum, infiltrado de idéias civis, fora do espírito de classe. Assim se concebe o aplauso à revolução militar: quando empresta o braço à aspiração civil.

Esse ideal, confessava seu autor, não era acessível à maioria da população, composta em sua maioria de analfabetos e semi-analfabetos.

No governo de Wenceslau Brás (1914-1918), o Ministro da Guerra, general José Caetano de Faria, simpático à campanha dos *joventes turcos*, chamou um deles para oficial de gabinete, intensificando-se a luta pelo sorteio militar, agora grandemente auxiliada pela eclosão da Primeira Guerra Mundial.

Em 1915, os *joventes turcos* conseguiram o apoio de Olavo Bilac para engajar-se na campanha. Bilac era filho de militar, mas poeta de renome e plenamente aceito nos meios civis. Sua campanha visava atingir os filhos das elites civis, isto é, das Faculdades de Direito e de Medicina do Centro e do Sul do País. Bilac queria que se terminasse com o “divórcio monstruoso” a separar o Exército do povo. Queria que o Exército fosse o povo e o povo fosse o Exército, de modo que cada brasileiro se ufanasse do título de cidadão-soldado ⁸.

Iniciou sua campanha a partir de São Paulo, de onde a expandiu para todo o Brasil (de 9 de outubro de 1915 a fins de 1916). Edgar Carone, resumindo o pensamento de Bilac, escreve ⁹:

O que “amedronta é a míngua de ideal que nos abate. Sem ideal, não há nobreza de alma; sem nobreza de alma, não há desinteresse; sem desinteresse, não há coesão; sem coesão não há

pátria". O que existe é a diferença como "lei moral; o interesse próprio é o único incentivo". As classes privilegiadas querem gozar, prosperar e brilhar; as humildes camadas populares vivem na inércia, apatia e superstição; os estrangeiros incrustam-se em seu mundo, com sua linguagem e costumes.

Referia-se o poeta aos grupos estrangeiros que em São Paulo eram bem ativos, mantendo escolas, jornais e associações próprias. A colônia italiana era a mais poderosa.

Olavo Bilac não era militarista. Considerava, porém, como o melhor meio para combater a supremacia possível da casta militar a militarização de todos os civis. Segundo ele, o serviço militar generalizado era ¹⁰:

o triunfo completo da democracia; o nivelamento das classes; a escola da ordem, da disciplina, da coesão; o laboratório da dignidade própria e do patriotismo. É a instrução primária obrigatória; é a educação cívica obrigatória; é o asseio obrigatório, a higiene obrigatória, a regeneração muscular e a psíquica obrigatória (...). A caserna é um filtro admirável, em que os homens se depuram e apuram: dela saíram conscientes, dignos brasileiros...

Para o general Caetano de Faria, a união das classes cultas, os que tinham instrução, pensamento e consciência, superaria "a grave crise de nossa história", a possibilidade de desmembramento territorial, porquanto "sem unidade não há pátria". Temia talvez o general os grupos de colonos alemães, italianos, poloneses etc., que nos Estados do Sul mantinham escolas próprias, a língua e os costumes de suas pátrias...

Para evitar esse perigo, propugnava o militar a execução do programa já existente de "educação física, firmando-se na instrução primária, profissional e militar".

A essa campanha, uniu-se Carneiro Leão, em 1916, que se queixava de que o comércio e a indústria, e portanto a produção e a riqueza do Brasil, estavam nas mãos de estrangeiros e, em contrapartida divulgava, além da educação popular, o ensino profissional e exortava a que se promovesse o ensino comercial à maneira dos Estados Unidos, Alemanha e Inglaterra.

A pregação de Olavo Bilac obteve êxito. Muitos estudantes alistaram-se no "voluntariado de manobras". Até os estudantes da Faculdade de Direito organizaram o Batalhão Acadêmico. Em 1919, envolveram-se na campanha civilista de Rui Barbosa. Nos anos 20, veio um arrefecimento do movimento, sendo fechada a Liga Nacionalista de São Paulo, no governo de Artur Bernardes, por temerem as oligarquias perder "o monopólio do patriotismo".

A ação da Igreja e dos salesianos num Estado leigo

Em 1914, realizou-se em São Paulo o primeiro Congresso da Confederação Católica com o objetivo de incentivar a participação dos católicos na solução dos problemas sociais do País, até então entregue a uma minoria descrente governando uma maioria crente.

Para a viabilização desse projeto, era preciso mobilizar uma cruzada de militantes católicos a fim de reeducar a nação através de seus ensinamentos e, fundamentalmente, assegurar para a Igreja o reconhecimento jurídico a que fazia jus.

O Estado praticava discriminação contra as escolas religiosas. No texto e na exposição de motivos do Decreto n.º 11.530, de 18 de março de 1915, chamada Reforma Carlos Maximiliano, positivista como seu antecessor, prescrevia-se que só os ginásios mantidos pelos Estados e não os fundados como meio de vida ou de propaganda religiosa seriam equiparados ao Colégio Pedro II, a escola padrão da época. Justificavam a medida como fundada na Constituição Federal que estabelecia ser “leigo o ensino ministrado nos estabelecimentos” e por essa razão não se podia equiparar aos estabelecimentos públicos as instituições particulares que ministravam ensino religioso.

Reconhecia-se, entretanto, que, nos colégios religiosos, “os sacerdotes, presos pela disciplina e pela moral cristã, ensinavam bem a mocidade brasileira”. A experiência era, porém, “dolorosa” em relação “aos colégios fundados com o intuito de lucro imediato”.

Apesar disso, o Congresso Nacional aprovou a equiparação do Mackenzie College, de São Paulo, que não só institucionalmente ministrava ensino religioso, mas era “uma escola estrangeira, dirigida exclusivamente por estrangeiros”, e que fazia “timbre de estrangeirismos e de menosprezo aos nossos métodos de ensino” como ainda dependia estruturalmente de sua congênere sediada em Nova Iorque!...¹² E isso após a intensa campanha de Olavo Bilac, general Caetano de Faria e Carneiro Leão!...

Tal estado de coisas levou D. Sebastião Leme, arcebispo de Olinda e Recife, que fora pároco em São Paulo e muito amigo dos salesianos, a conclamar, na famosa Carta Pastoral de 1916, os católicos a saírem do ostracismo em busca de uma posição que correspondesse ao fato de ser o Brasil um país de maioria católica. Sua primeira preocupação foi a de cristianizar a inteligência brasileira, visando também prepará-la para combater o ateísmo e o anticlericalismo.

Os salesianos já vinham mantendo uma aproximação intensa com os poderes constituídos do País e dos Estados, o que lhes facilitava o trabalho educativo. Fatos como a cessão do Colégio

Santa Rosa (de Niterói) para Hospital de Sangue, durante a Revolta da Armada, em 1894, o naufrágio da Barca Sétima (em que um aluno salvou a Bandeira Nacional), o trabalho dos salesianos entre os indígenas, a ação pacificadora de D. Francisco de Aquino Correia quando presidente do Estado de Mato Grosso (1918-1922), num Estado leigo (!), a grande influência de D. Helvécio Gomes de Oliveira, arcebispo de Mariana, em Minas Gerais (introdução do ensino religioso nas escolas), seriam fatores decisivos para o bom êxito dessa aproximação, o que certamente facilitaria a ação desenvolvida por D. João Batista Nery, bispo de Campinas, e de D. Sebastião Leme, posteriormente cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro.

Nesse trabalho, contaria D. Leme com os salesianos de São Paulo, através da ação educacional realizada em seus estabelecimentos, sobressaindo-se o Liceu Coração de Jesus, que desenvolveu uma atividade brilhante, causando profunda admiração nas mais altas autoridades governamentais do Estado e do País e atraindo de todo o Estado de São Paulo e de muitos outros Estados levadas e mais levadas de jovens eletrizados pela fama do estabelecimento que se tornou a maior e melhor escola da América Latina por mais de uma década.

* * *

NOTAS

¹ CARONE, Edgar, *A República Velha: Instituições e classes sociais*, 2.ª ed., rev. e aum., São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1974, p. 47-48.

² *Id.*, p. 149, 155-159, *passim*.

³ *Id.*, p. 159-162, 163, *passim*.

⁴ CARVALHO, José Murilo, "As Forças Armadas na primeira República e o poder desestabilizador", in *História Geral da Civilização Brasileira*, 2.ª ed., Rio de Janeiro, Difel, 1978, v. III, tomo II — O Brasil Republicano — Sociedade e Instituições. O autor trata ainda da idéia do cidadão-soldado, que ao mesmo tempo "implicava sentimento de afirmação militar" e "refletia o sentimento de marginalidade e o ressentimento da organização em relação a sociedade civil, especialmente a elite política" (p. 210-211).

⁵ MARCIGAGLIA, Luiz, *Os Salesianos no Brasil (1904-1923)*, São Paulo, Livraria Editora Salesiana, 1958, p. 71-75.

⁶ CARVALHO, José Murilo, *op. cit.*, p. 193-194.

⁷ CARONE, *op. cit.*, p. 165-166.

⁸ CARVALHO, José Murilo, *op. cit.*, p. 210-211.

⁹ CARONE, Edgar, *op. cit.*, p. 166.

¹⁰ *Id.*, p. 166-167.

¹¹ LEÃO, A. Carneiro, *O Brasil e o ensino popular*, Rio de Janeiro, Tip. do Jornal do Commercio, 1918, p. 32, 53-54, 69-84.

¹² MOACYR, Primitivo, *A Instrução e a República — Reformas Rivadávia e C. Maximiliano*, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1942, p. 166, 88, 287-289.

X

A REESTRUTURAÇÃO DIDÁTICA E O ENSINO MILITAR

Em 1915, grandes transformações operar-se-iam no Liceu Coração de Jesus.

Até então, o Liceu era uma grande escola profissional, verdadeiramente uma Escola de Artes, Ofícios e Comércio, a mais completa e a melhor do Estado de São Paulo e quiçá do Brasil na época. Alguns de seus cursos, porém, como o de Marmoraria já estavam em decadência por falta de alunos.

A maioria dos alunos frequentava o Curso Primário. O Curso Comercial já estava em ascensão.

Não deixa de ser significativo, para não dizer estranho, o fato de o Liceu, sendo a maior escola salesiana do País, não aparecer como uma escola secundária. Havia aulas de Latim, mas para um número bem limitado de alunos.

Sendo escola tipicamente profissional e popular, seus prédios e instalações, com exceção da monumental fachada, distoavam da suntuosidade dos palacetes dos “barões do café” que o circundavam.

A nomeação de Pe. Henrique Mourão como diretor da instituição, o Congresso Internacional dos Cooperadores Salesianos, uma profunda reestruturação didática e a instituição do ensino militar, novas construções pareceram despertar um gigante que parecia adormecido...

É o que vamos ver nesse capítulo e nos seguintes.

Um extraordinário diretor!

Em 1915, sucedendo ao angélico Pe. Dionísio Giudici, assumia a direção do Liceu Coração de Jesus, o Pe. Henrique Fernandes

Mourão, posteriormente bispo de Campos e de Cafelândia. Era doutor em filosofia pela Universidade Gregoriana (1897), tendo cursado Ciências e Matemática.

Trabalhou como professor e depois como conselheiro escolar das "Escolas Dom Bosco", de Cachoeira do Campo (MG), sendo um dos fatores da equiparação dessa instituição de ensino ao Colégio Pedro II, em 1901, o primeiro ginásio salesiano do Brasil a conseguir essa prerrogativa.

Segundo um dos seus mais ilustres alunos, D. Antônio de Almeida Lustosa, arcebispo de Fortaleza, "gozou de tanto ascendente entre os alunos, que suas palavras orientavam a opinião geral. Parece que ninguém tinha a coragem de discutir o que ele dizia. Lembro-me de que até se procurava imitar o modo dele se expressar e andar".

Foi ordenado em Cachoeira do Campo, em 30 de novembro de 1901, aos 24 anos e dois dias.

Em 1904 (em que as Escolas Dom Bosco renunciaram a equiparação, fato singular no País, para atender exclusivamente ao ensino agrícola)*, foi enviado a Lisboa para dirigir a edição portuguesa do *Boletim Salesiano*. Regressou em 1906, sendo destinado ao Ginásio São Joaquim, de Lorena (SP), onde ocupou sucessivamente diversos cargos na diretoria e desenvolveu extraordinária atividade. Entendia de tudo e fazia tudo: aulas, disciplinas, administração, ministério, canto, teatro. Podia lecionar qualquer cadeira no ginásio. Organizava festas e academias. Pregava admiravelmente.

Naqueles anos, o colégio arrastava sua vida por entre muitas dificuldades de ordem econômica. Era natural que a mocidade estudiosa preferisse os institutos que gozavam de regalias oficiais.

Pe. Mourão encabeçou o movimento para a equiparação do colégio. Foram três os elementos principais daquele corajoso e feliz empreendimento: Pe. Leão Muzzarelli, diretor, o Pe. José dos Santos, prefeito e o Pe. Henrique Mourão, conselheiro escolar. Agitaram a idéia, interessaram os benfeitores, conseguiram um pequeno empréstimo para aumentar e melhorar a casa e conseguiram a licença do Pe. Inspetor.

O Ginásio São Joaquim desenvolveu-se e consolidou-se rapidamente, tornando-se um dos reputados colégios do Estado e do Brasil, na época.

Em 1908, quando devidamente organizados, se concentraram em Lorena os aspirantes ao sacerdócio e à vida salesiana, para

* Não foi pacífica a renúncia à equiparação e despertou muita polêmica esse fato.

fazerem o curso secundário num ginásio equiparado. Pe. Mourão foi encarregado de tomar conta deles. Quando passaram a residir na Escola Agrícola Coronel Vicente, freqüentando entretanto as aulas do Ginásio São Joaquim, acompanhou-os e esteve com eles de 1909 a 1911. Finalmente, quando se conseguiu fundar, em 1914, uma nova casa, o Ginásio São Manoel, de Lavrinhas, destinado especialmente para os aspirantes, lá foi com eles Pe. Mourão, pois era considerado elemento indispensável aos estudos e à boa formação salesiana daqueles seminaristas¹.

Os grandes acontecimentos de 1915

Dois grandes acontecimentos vieram abrir ao novo diretor o caminho no sentido de adaptar o Liceu às exigências novas da sociedade paulista: o Congresso Eucarístico e o Congresso Internacional dos Cooperadores Salesianos.

No deveria transcorrer o centenário natalício de Dom Bosco sem que se ideasse, em terras brasileiras, algo além do grandioso monumento de mármore esculpido em Turim, ou seja, a realização de um Congresso Internacional de Cooperadores Salesianos. Lançou a idéia o Secretário Geral da Associação, Pe. Estêvão Trione²:

Por que não teria o *Brasil*, e de especial maneira a cidade de *São Paulo*, celebrado seu congresso? Não vivem e bracejam estes amplos céus, embaladas pela exuberante natureza, numa hospitalidade franca todas as manifestações da obra de Dom Bosco? Porventura palpita aqui menor número de corações pelo nome deste venerável sacerdote, que, se bem tivesse como berço um torrão humilde, pela generosidade de sua alma, pela ingência de seus trabalhos, transpôs todos os limites de pátria e de nacionalidade para tornar-se cidadão universal, benemérito da humanidade?

Em rápida visita pelo Brasil, Pe. Trione ficou surpreso e edificado ao constatar que aqui, como em nenhuma outra parte, se agitavam forças vivas de sinceridade salesiana, elementos notáveis e inteligentes prestes a serem organizados (...). O progresso da obra salesiana, representado em São Paulo pelo Liceu Coração de Jesus, não podia escapar ao seu olhar fino e perspicaz: na imponência do edifício, na elegância das linhas arquitetônicas, no esbelto campanário, nos reflexos da meiga figura do Redentor, abrindo seus braços para abrigar míseros e desvalidos, ele leu e mediu como deviam ter sido generosos os doadores, se tamanhas obras haviam crescido e prosperado.

Integravam a comissão organizadora, presidida pelo Mons. Benedito Alves de Souza, pessoas ilustres do clero e da sociedade

paulista, todas de grande influência e ação nos meios católicos e salesianos.

Na primeira reunião da comissão, a 27 de fevereiro de 1915, Mons. Benedito, vigário-geral da arquidiocese (e posteriormente bispo de Campinas), tratou da fundação de um segundo Instituto Salesiano em São Paulo, que fosse monumento perene da celebração desse congresso, um estabelecimento congênere do Liceu Coação de Jesus, com escolas profissionais, aulas diurnas e noturnas, oratório festivo, igreja etc.

Pe. Pedro Rota, inspetor salesiano, confirmou a notícia e justificou “a necessidade urgente de desdobrar o Liceu, incapaz de oferecer no local presente, as condições indispensáveis aos seus alunos internos e externos” que representavam “um movimento diário de 1.200 alunos, devendo a diretoria, muito a seu pesar, recusar muitos e muitos pedidos”.

Em carta ao Pe. Paulo Álbera, na época superior geral da Congregação Salesiana, D. Duarte Leopoldo e Silva, arcebispo de São Paulo e presidente honorário do Congresso, tratou do desdobramento do Liceu, como “resultado prático e imediato desse evento”³.

Em 23 de abril, início do mês de Maria — celebrava-se então o centenário da instituição litúrgica da festa de Nossa Senhora Auxiliadora —, foi benta solenemente a bela imagem do mesmo nome, de 1,40m, destinada ao futuro estabelecimento do Bom Retiro que percorreu, em procissão, no dia 31, as ruas adjacentes ao Liceu, constituindo uma verdadeira apoteose à Virgem Auxiliadora, padroeira da nova paróquia criada naquele bairro no dia 2 de fevereiro de 1914⁴.

Dias depois, realizou-se o II Congresso Eucarístico da Confederação Católica de São Paulo. A propósito, lê-se no “Anuário do 30.º Ano Letivo do Liceu” deste ano, o primeiro da longa série dos famosos anuários do estabelecimento⁵:

O nosso Liceu foi, neste ano, teatro do maior acontecimento de São Paulo: O Congresso Eucarístico realizado nos dias 3 a 6 de junho.

Sentiu-se orgulhoso o Liceu Salesiano de São Paulo em poder abrigar no seu seio essa veneranda assembléia constituída de ilustres prelados, de altas autoridades e representantes de todas as classes sociais, não só da capital como do interior e de outros Estados.

Inútil é dizer que os salesianos e alunos puseram-se à disposição da comunidade promotora. E assim as notas melódicas da nossa banda de música abrilhantaram as sessões solenes do Congresso Eucarístico. A nossa *Schola Cantorum* tomou parte ativa no grande pontifical do dia 6 no largo da Sé.

Pe. Henrique Mourão foi o relator de uma das teses do congresso, intitulada "A comunhão e a confissão freqüentes nas casas de educação". Parte brilhante tomaram os cooperadores como Dr. Haroldo Amaral, o Comendador Gabriel Cotti, e ex-alunos como o Côn. Marcondes Pedrosa, o Dr. Eurico Drummond Costa e Dr. Bruno de Aguiar. Pe. Mário Maspes, assessor dos ex-alunos, apresentou os resultados positivos alcançados no Liceu onde "vários operários e até soldados" freqüentavam as aulas noturnas.

Da grande procissão de encerramento participaram a guarda de honra do Santuário do Coração de Jesus, os ex-alunos e a Associação de S. José do mesmo santuário, "seguida pela banda de música do Liceu que executava lindas marchas".

O Santuário do Coração de Jesus e a Matriz de Santa Efigênia eram as únicas igrejas do Estado de São Paulo que tinham adoração ao Santíssimo Sacramento em todas as sextas-feiras do ano, das 8 às 19 horas⁶.

No dia 16 de agosto, o Liceu engalanou-se ao celebrar o primeiro centenário do nascimento de S. João Bosco. Fez-se a inauguração oficial dos bustos de Dom Bosco e de D. Lino Deodato, 8.º bispo de São Paulo, e das insígnias basilicais e das estátuas dos santos apóstolos Pedro e Paulo, ornando o adro, a porta principal e o frontispício do Santuário Coração de Jesus. Benzeu-os o Mons. Benedito Paula de Souza, vigário-geral.

Na sessão da noite, no salão de atos do Liceu, congregou-se "o escol da sociedade paulistana", que ouviu o Dr. Antonio Lobo, presidente da Câmara dos Deputados do Estado, e o Dr. Nascimento Gurgel, ex-aluno do Liceu e lente catedrático da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, que falaram das obras e da individualidade de Dom Bosco. Foi exibido, pela primeira vez no Brasil, o melodrama "D. Bosco Fanciullo".

No mesmo dia, o Dr. Francisco Rodrigues Alves e uma de suas filhas foram padrinhos de um índio da Missão Salesiana do Rio Negro, que recebeu o nome de João Bosco. Batizou-o o vigário-geral.

Brilhante foi a comemoração do centenário da festa de Maria Auxiliadora, celebrado no dia 15 de setembro. Os atos religiosos foram presididos por Mons. Dr. Pereira Barros e Mons. Dr. Benedito de Paula, vigário-geral da arquidiocese⁷.

No Congresso Internacional dos Cooperadores Salesianos, realizado entre 28 a 30 de outubro, inúmeras questões foram tratadas: ensino, propaganda, educação física, missões, imprensa, livros escolares, leituras amenas etc. As sessões foram deslumbrantes. Suas conclusões, muito práticas, são ainda hoje de uma atualidade surpreendente. Uma delas, p. ex., recomendava que o

ensino profissional da eletricidade e datilografia, tão reclamado na época, se tornasse efetivo nas escolas salesianas.

Do grande evento, foi registrado no *Anuário* esta avaliação ⁸:

A presença de tantos bispos, o grande número de representantes do clero não só do Brasil como da Argentina e do Uruguai, a grande quantidade de pessoas das classes mais elevadas e mais cultas de São Paulo, a suntuosidade do Santuário do Sagrado Coração de Jesus, a beleza e ornamentação do teatro anexo ao Liceu, o entusiasmo juvenil dos alunos, a excelente orquestra do estabelecimento, o modo cativante pelo qual foram tratados os congressistas: eis o que não seria fácil dizer aqui.

Aproveitando o entusiasmo despertado pelo congresso, foi lançada a pedra fundamental do novo estabelecimento, no dia 14 de novembro, que recebeu o nome de Escolas Profissionais Dom Bosco, no Bom Retiro, solenidade prestigiada com a presença de altas autoridades civis e eclesiásticas, em terreno cedido pela Câmara Municipal de São Paulo. O contrato de cessão do uso e gozo do terreno foi assinado no dia 17 do mesmo mês. A operação foi facilitada por serem os governantes simpáticos à ação salesiana, ou seja, o Barão de Duprat, presidente da Câmara Municipal de São Paulo e grande católico e o Dr. Washington Luis, prefeito municipal.

O novo instituto seria anexo à nova Paróquia de Nossa Senhora Auxiliadora, que entretanto não tinha nem igreja, nem capela e nem sequer um palmo de terreno, “uma espécie de paróquia no ar”, na expressão de Pe. Luiz Marcigaglia. Os atos paroquiais eram realizados (até 1918) no Santuário do Coração de Jesus, tendo sido o primeiro pároco o Pe. Domingos Minguzzi ⁹.

Nem tudo eram rosas. Três grandes perdas enlutaram o Liceu no ano de 1915: a morte do grande amigo dos salesianos, Mons. Francisco de Paula Rodrigues, o famoso “Pe. Chico”, coração sempre aberto a todos os necessitados, um grande esteio da obra salesiana em São Paulo, diretor arquidiocesano dos cooperadores salesianos; a morte de Pe. Dionísio Giudici, ex-diretor do Liceu, “o bom, o popular, o simpático, o sorridente Pe. Dionísio”; o professor Otacílio Nunes, ex-aluno do Liceu — o virtuoso irmão salesiano, herói e mártir no brutal naufrágio que vitimou 27 alunos do Colégio Salesiano Santa Rosa (Niterói) ¹⁰.

A nova estrutura didática feita por Pe. Mourão

Todas as iniciativas desenvolvidas no Liceu Coração de Jesus e nos demais estabelecimentos de ensino dos salesianos, no Brasil, encontraram campo fértil para conseguir grande êxito.

O Prof. Carneiro Leão, em sua campanha pelo ensino popular, verificou a deficiência dos cursos profissionais de São Paulo ¹¹:

É verdade que o número dos seus cursos profissionais são deficientíssimos, atenta à tendência prática do povo paulista. Ele (o Estado) possui três escolas: uma em Amparo e duas na Capital — uma masculina e outra feminina — bem organizadas, mas que não satisfazem nem de longe às necessidades profissionais da população que deseja uma preparação técnica, porque não comportam mais de algumas centenas de matrículas.

Notava ainda o citado autor que os estudantes saídos dessas escolas achavam “imediatamente fácil e pronta colocação nas várias empresas industriais de São Paulo. Considerava a Escola de Comércio Álvares Penteado (fundada em 1902) — contando em 1918 com 500 alunos — “um estabelecimento valioso”. Seu corpo docente era recrutado, sempre, no que havia “de melhor no professorado paulista”. Nada diz sobre o Coração de Jesus que vinha mantendo o mais antigo Curso de Comércio da Capital paulista, o que não deixa de parecer estranho ¹².

A primeira lei básica sobre o assunto foi o Decreto n.º 1.339, de 9 de janeiro de 1905, que reconheceu a Academia de Comércio do Rio de Janeiro, fundada em 1902. Tal lei dividia vagamente o Curso Comercial em duas fases — uma geral e outra superior — com enumeração apenas das matérias de cada uma delas, sem lhes determinar a extensão, a seriação, nem ao menos a discriminação em cadeiras. Não havendo regulamentação, a aplicação do decreto não era fiscalizada.

A Lei estadual n.º 969, de 1.º de dezembro de 1905, reconheceu a Escola de Comércio Álvares Penteado, porquanto dava aos diplomas valor oficial para os cargos de escrituração e contabilidade em quaisquer repartições públicas no Estado de São Paulo.

Parece que essa legislação não causou interesse ou preocupação à administração do Liceu Coração de Jesus, já que não se conhece documento algum que demonstre o desejo de legalizar o diploma do Curso Comercial mantido pelo estabelecimento.

Pe. Mourão, depois de um ano de brilhante diretorado, armado ainda da experiência adquirida em três importantes estabelecimentos de ensino da Congregação Salesiana, resolveu agir rapidamente e apresentou modificações inovadoras no programa de ensino de 1916.

O *Curso Preliminar* seria dividido em cinco séries, compreendendo “noções de tudo quanto fosse necessário para poder frequentar com seguro aproveitamento o curso ginásial, comercial e profissional superior”.

Uma *inovação original*: o Curso Ginásial Secundário e o Comercial abrangiam as matérias comuns a esses cursos e outras a

que são obrigados unicamente os que se destinavam à carreira comercial. Consta de cinco anos.

As matérias comuns aos Cursos Secundário e Comercial eram: Religião, Português, Francês, Inglês, Alemão, Italiano, Latim, Matemática, Geografia, Corografia do Brasil, História Universal, Física e Química, História Natural e Desenho. Era uma espécie de *núcleo comum*.

As exclusivas do Curso Comercial eram: Contabilidade teórica e aplicada, História do Comércio e da Indústria, Noções de Direito Civil e Comercial, Legislação da Fazenda e Aduaneira, distribuídas pelos cinco anos do curso de modo, porém, que as pudessem deixar de frequentar aqueles alunos que tivessem unicamente em vista o Curso Secundário (ginasial) e habilitarem-se a prestar exames preparatórios.

O horário seria elaborado de modo a permitir que os alunos do Curso Ginasial Secundário, querendo, pudessem também frequentar as matérias do Curso Comercial. O mesmo valendo para os alunos que optassem pelo alemão ou pelo inglês ou ainda por ambos.

Ao final do segundo ano, os alunos já se achariam habilitados para começarem a prestar exames preparatórios para a admissão às escolas superiores de acordo com a reforma de ensino de 1915.

Exercícios de declamação isolados ou em representações dramático-cômico-lírico-literários, exercícios de música vocal e instrumental, exercícios militares, ginástica terapêutica, conferências morais, sociais, de higiene e polidez, completavam o programa de ensino do estabelecimento¹³.

Dessa maneira, foi organizada a primeira escola polivalente do País, com entrosagem de cursos, o que só veio acontecer com a reforma de ensino de 1971, com a Lei n.º 5.692.

Mas a grande sensação foi o anúncio, para 1916, da criação do Batalhão Ginasial.

Criação do Batalhão Ginasial

A propósito do Batalhão Ginasial, que se tornou famoso em São Paulo — uma novidade absoluta — eis o que foi escrito sobre o seu lançamento no *Anuário* de 1915¹⁴:

Muito antes da intensa propaganda em favor da instrução militar, iniciada pelo patriótico discurso de Olavo Bilac na Academia de Direito de São Paulo, o (...) Pe. Diretor, sempre preocupado em dar aos seus queridos alunos uma educação completa, havia anunciado para o próximo ano de 1916 a instrução militar

em regra. Um batalhão completo com o respectivo uniforme, instrução periódica feita por um oficial do Exército que ia requerer etc. O movimento nacionalista não veio senão confirmar o nosso padre diretor no seu louvabilíssimo propósito.

Em 14 de novembro, requereu Pe. Henrique Mourão ao inspetor da 6.^a Região Militar um instrutor para o batalhão do Liceu. Um “furo” promocional de grande êxito! A resposta foi imediata da parte do general Carlos Augusto de Campos ¹⁵:

Satisfazendo à vossa requisição (...), nomeei, a 20 também do corrente, instrutor militar do colégio sob vossa direção, o Sr. 2.^o Tenente Luso Alves Garrido, que tem como auxiliar o 2.^o Sargento Manoel Pacheco da Silva.

Demonstrando entusiasmo e ao mesmo tempo preocupação em atender às exigências do momento histórico — campanhas nacionalistas — escrevia o cronista ¹⁶:

É portanto uma realidade o batalhão do Liceu e já nos parece vê-lo marchar garbosamente pelas ruas da capital paulista em passeatas cívicas e festas patrióticas, demonstrando praticamente que os salesianos, à imitação do Ven. Dom Bosco, seu santo fundador, sabem dar aos seus alunos, a par da educação moral e intelectual, também a patriótica. Já se está trabalhando febrilmente na confecção do uniforme simples, econômico, mas muito elegante.

Evidentemente, o fato estimularia o desenvolvimento da ginástica muscular, terapêutica e higiênica, “condição indispensável para destreza do corpo e vigor dos membros” ¹⁷:

Sem essa ginástica não se compreende batalhão algum para os fins a que se destina. De sorte que caminharão *pari passu* as evoluções militares e os exercícios ginásticos *para todos os alunos*.

A criação do Batalhão Ginásial foi um forte incentivo para o Curso Secundário, que apesar de tão antigo quanto os demais cursos do estabelecimento, estava abandonado. A sua restauração, em 1916, encontrou ambiente favorável.

A matrícula do internato que tinha chegado, em 1915, a 380 alunos saltou para 450. Os alunos do Curso Secundário (Ginásio) atingiram logo a 150, no ano em que foi restaurado (1916).

Em 20 de fevereiro de 1916, deu-se início, com muito entusiasmo, aos exercícios de *ginástica sueca*, agora integrante do currículo, sendo os primeiros instrutores o Pe. Francisco Zai, o irmão salesiano Antonio Gama (considerado pelos antigos alunos do Liceu como um dos grandes técnicos de futebol), Armando Milford e Antonio Leite, respectivamente assistentes dos médios e dos aprendizes. O Pe. Zai era a alma do movimento esportivo.

O dia 15 de março foi considerado “memorável”, por “encetarem-se os exercícios militares”¹⁸.

Em *circular-convite* de 24 de abril aos pais dos alunos, amigos e admiradores do estabelecimento, Pe. Henrique Mourão, ao comunicar-lhes a inclusão da instrução militar obrigatória dentro do currículo escolar, explicava¹⁹:

O móvel desta resolução foi, por um lado, o desejo de contribuímos cada vez mais eficazmente para a formação do caráter dos nossos jovens sob o ponto de vista cívico e patriótico, inculcando-lhes hábitos de ordem, disciplina e obediência à autoridade; por outro, o querermos valer das vantagens que concede a Lei do Sorteio Militar, promulgada em 1908, Lei que o (...) Ministro da Guerra, em circular expedida a 20 de fevereiro, anunciava que entraria em vigor neste ano.

Apresentou entre as vantagens do serviço militar obrigatório a seguinte: os alunos do Liceu, após o término de seus estudos, receberiam a caderneta de reservista do Exército, ficando sem mais, isentos do serviço militar nos quartéis. Convém acrescentar que o modelo educativo salesiano estava informado pelo sistema preventivo, enquanto nos quartéis imperava a repressão.

Pretendia ainda Pe. Mourão que o desfile em *grande formatura* do batalhão se tornasse um *tour de force*, dado o brevíssimo espaço de dois meses de treinamento.

Inicialmente, o Batalhão Ginásial compunha-se de três companhias e um corpo musical. Cada companhia era comandada por um 1.º tenente (com honras de capitão), um 2.º tenente e dois aspirantes (com honras de 2.º tenente). O corpo musical tinha por comandantes um 1.º tenente, um 2.º tenente e um porta-bandeira. Comandava todo o batalhão um capitão (com honras de tenente coronel) e um tenente ajudante (com honras de capitão). O primeiro capitão comandante foi o aluno *João Fanuele*.

O “memorável” 3 de maio de 1916

O aparato da inauguração do Batalhão Ginásial foi tão brilhante que o cronista escreveu extasiado²⁰:

Para sempre memorável nos anais do Liceu Salesiano de São Paulo será esse dia. Foi um verdadeiro acontecimento, desses que jamais se apagam da memória; foi uma verdadeira apoteose à obra salesiana em São Paulo.

Assim o demonstraram os delirantes aplausos de que os briosos alunos foram alvos no grande pátio de recreio do Liceu e nas ruas da capital paulista.

A entrega da bandeira ao novel batalhão pelo general Carlos de Campos foi soleníssima, impressionando extraordinariamente a

enorme assistência. De uma tribuna, construída sob os pórticos, assistiram à cerimônia o general e todo o seu Estado-Maior, D. Duarte Leopoldo e Silva, arcebispo de São Paulo, o comandante da Força Pública e seu Estado-Maior e outros oficiais, a senhorita Zizi de Souza Aranha, da alta sociedade paulista, que doou a bandeira de fina seda e custoso lavor; Pe. Pedro Rota, Pe. Manuel Gomes de Oliveira e tenente Vieira de Melo, os dois últimos respectivamente diretor e instrutor militar do Liceu Salesiano de Campinas etc.

Ao passar a bandeira para as mãos do general, Pe. Henrique Mourão, a certa altura de seu discurso referiu-se a Olavo Bilac ²¹:

Dizer-vos, senhores, o transbordamento de júbilo dos salesianos deste Liceu, ao verem realizado o ideal que tanto afagavam e realizado de um modo tão brilhante, é o que não cabe no estreito âmbito de minha humilde palavra. E esse ideal que já nos estuava no peito, ainda mais se incandesceu ao ouvirmos as palavras quentes e inspiradas do bardo carioca, que veio a São Paulo pregar à mocidade acadêmica uma verdadeira cruzada, que suscitou toda essa florescência de entusiasmo, com que tanto conta a nossa querida pátria, para continuar na ascensão radiante do seu progresso e na conquista gloriosa dos seus triunfos.

Foi realizada em seguida a inauguração da sala de armas. Era um amplo salão, em cujo centro estavam diversas estantes, onde se viam 200 fuzis Mauser, destinados aos exercícios dos alunos. Aos lados estavam os armários onde se guardavam espadas, cornetas, tambores etc.

A tarde, desfilaram pelas ruas da cidade até o largo da Sé “430 alunos internos, de belo uniforme branco militar, com ciclistas, banda de música, corneteiros, tambores, e um efetivo completo e armado de fuzis do Exército”, saudando o presidente do Estado e o general comandante da Região.

Pelo seu garbo e desenvoltura, o batalhão causou a admiração geral. A imensa multidão, que assistiu ao desfile dos jovens soldados, foi unânime em aplaudir e elogiar o seu porte airoso e marcial.

O *Correio Paulistano*, de onde foi tirada essa narrativa, fez esta avaliação ²²:

Antes de seu imponente desfilar, uma cerimônia tocante fez pulsar de íntima alegria o coração de todos os jovens estudantes — a entrega ao batalhão ginásial, que, pela primeira vez se forma, do pavilhão nacional.

A passeata cívica, que atraiu a curiosidade de uma inteira multidão, causou a mais agradável surpresa; o garbo, a marcha, o aspecto, o equipamento dos oficiais e inferiores dessa tropa de

infantaria, inteligentemente organizada e instruída pelo amor patriótico dos salesianos, impressionaram magnificamente a população paulistana. Num alvoroço de júbilo e entusiasmo assistiram todos, ao som dos tambores e das marchas militares, que abriam alas na multidão compacta, ao desfilar dessas tropas escolares, — hoje novéis e implumes, mas que amanhã, desenvolvidas ao influxo inestimável de patrióticas aulas de educação cívica, estarão perfeitamente aparelhadas para defender, em qualquer emergência, a honra e os direitos da nossa pátria.

É-nos grato assinalar esse belíssimo gesto dos valorosos obreiros, filhos de Dom Bosco, que com tanto carinho e desvelo acabam de instituir, no grande colégio que dirigem, o batalhão ginásial. Neste momento, em que todos os países se preocupam com a educação cívica nos estabelecimentos de ensino e em que nós mesmos, animados pela palavra do príncipe dos nossos poetas, tivemos um largo movimento em prol do levantamento do civismo nacional, assume a nobre iniciativa dos laboriosos educadores, um brilho muito vivo, uma expressão muito significativa, digna dos mais calorosos encômios de todo aquele que “ama com orgulho e fé a terra em que nasceu”.

A direção do Liceu deu impulso vigoroso à educação física e militar aos 450 alunos internos e os resultados não se fizeram esperar, especialmente por ocasião das festas e excursões. O passeio a Santos com todo o corpo uniformizado e armado, com a sua banda de música, corneteiros, tambores, corpo de ciclistas e sapadores encantou a população praiana. Os jornais santistas e da Capital paulista foram pródigos em elogios. Os alunos não conseguiram esconder a alegria e satisfação ²³.

Sete de setembro foi outro dia de triunfo ²⁴:

A mocidade escolar brilhou. Manda a justiça, porém que salientemos aqui as evoluções dos alunos do Liceu do S. Coração de Jesus, os quais pelo seu garbo, pela sua correção, marcha e disciplina, merecem os mais calorosos louvores. A banda de música e de clarins, que precedia o batalhão, é magnífica: rivaliza com as melhores da nossa capital. E tanto era o apuro de todo o contingente, tanto o seu brilho e a sua distinção, que, ao vê-lo, se tinha a impressão de se assistir ao desfile de um batalhão da nossa marinha. Por isso, o povo, fazendo-lhe justiça, victoriou-o entusiasmadamente.

Pe. Henrique Mourão, em carta de 16.09.1916 ao Pe. Paulo Albera, reitor-mor dos salesianos, comunicava os resultados do seu trabalho à frente do Liceu ²⁵:

Temos trabalhado imenso para dar um impulso cada vez maior a este Liceu e torná-lo cada vez mais reconhecido. Deus N. S., Maria Auxiliadora e o Ven. Dom Bosco, nosso pai, têm nos ajudado de um modo prodigioso. O Liceu está repleto de alunos — 452 internos — nem mais um lugar vago. Ótima saúde, uma piedade consoladora — uma média de 300 comunhões diárias, só de alunos internos — muita alegria e entusiasmo etc., etc.

Em seguida tratava da instrução militar e das conseqüências dela advindas no panorama do estabelecimento e na cidade de São Paulo ²⁶:

Com a aprovação do Sr. Pe. Inspetor, introduziu-se neste ano a instrução militar, para poderem os alunos ao terminar o curso isentos da incorporação ao exército, quando sorteados, recebendo cadernetas de reservistas. Aproveitou-se o instrutor e militarizou-se tudo. Não imagina V. Rev.^{ma} o verdadeiro delírio que produziu a nossa primeira saída logo no dia 3 de maio (num mês e meio preparou-se tudo ...): foi uma novidade para São Paulo, por ser a primeira vez que saía à rua um batalhão escolar tão numeroso, tão completo, tão bem organizado e instruído.

É patente a preocupação de livrar os alunos do serviço militar. Veja-se mais acima o que foi escrito sobre a opinião militar. Os salesianos souberam tornar a instrução militar um espetáculo que enchia os olhos dos jovens e do povo. Essa a razão do seu sensacional êxito, como provam os fatos a seguir.

Em 28 de setembro, foram inaugurados oficialmente os exercícios de tiro de guerra, no Cambucí. O prestígio do batalhão do Liceu cresceu tão rápido que já em novembro era convidado para assistir aos exercícios ginástico-militares da Força Pública do Estado.

O ano de 1916 foi um ano de muito entusiasmo religioso e cívico. O próprio diretor do Liceu o expressou quando das tradicionais lembranças aos alunos que partiam para as férias, resumidas no dístico: “Deus e Pátria” ²⁷:

Deveres *religiosos e cívicos*. Lembrando-se de Deus cumpririam todos os deveres de um bom católico, praticando a religião. Lembrando-se da pátria, praticariam todos os deveres de um bom cidadão. E porque base e origem da grande pátria são o lar e a sociedade, praticariam seus deveres domésticos, amando, honrando e ajudando os próprios pais, seus *deveres sociais*, dando a todos, na sociedade, ótimos exemplos de caráter, moralidade e amor ao trabalho.

Pe. Henrique Mourão e Pe. Manuel Gomes de Oliveira (este diretor do Liceu Nossa Senhora Auxiliadora de Campinas) viram o seu trabalho também reconhecido pela autoridade militar que, em ofício de agradecimento ao primeiro por ter representado o Comando da 6.^a Região Militar, entre outras dizia: “A educação do cidadão deve compreender a instrução militar como complemento e garantia nas letras e artes”. Os dois grandes salesianos, porém, temperavam os arroubos cívicos e militares com a formação cristã. Essa a razão do dístico-lembrança para as férias ²⁸.

Segundo o *Anuário* de 1916, as “características desse belo e inesquecível período escolar” foram três: “Uma verdadeira febre

de melhoramentos no Liceu, um delirante entusiasmo pela instrução militar, uma grande expectativa pelos primeiros exames públicos pelos alunos do curso ginásial”. De fato, os alunos que se apresentaram para os exames finais perante as comissões examinadoras do Ginásio do Estado foram todos aprovados e alguns com distinção.

As conseqüências foram imediatas para o ano seguinte: “Pouquíssimos foram os antigos que não voltaram; numerosos, os novos que neste ano se matricularam no Liceu. Os alunos internos, de 450 (...) excederam os 560”²⁹.

O feito chamou a atenção do *Correio Paulistano*, que, em 17 de fevereiro de 1917, ao louvar as “fecunda ação” e o “tão proverbial” “alto conceito” de que gozava a instituição, assim se expressou a propósito da abertura do novo ano letivo³⁰:

São fatos estes que evidenciam o desenvolvimento crescente que vai tendo o utilíssimo instituto escolar, onde o ensino é ministrado, com segura orientação, por professores que se dedicam esforçadamente ao magistério, para que os colegiais aproveitem o mais possível e possam manter, no elevado grau de destaque em que se acha colocado, o bom nome do grande Liceu Paulistano.

Exagero na “pompa militar”?

O mundo de então vivia em plena guerra mundial. Os jornais diariamente tratavam de batalhas, de vitórias e derrotas. Apresentavam cenas de heroísmo dos combatentes. Exaltavam-se as virtudes patrióticas e o nacionalismo. O próprio clero não conseguia evitar a influência dessas idéias. Entre os salesianos, diversos padres, especialmente franceses, retornaram à pátria e foram inscritos entre os combatentes.

Pe. Henrique Mourão, em carta de 12 de setembro de 1916, havia mandado para o Pe. Paulo Álbera também jornais, fotografias sobre os eventos brilhantes relativos ao Batalhão Ginásial e posteriormente o *Anuário*.

Pe. Gusmano, secretário do Conselho Superior da Congregação Salesiana, escrevendo ao Pe. Pedro Rota, deveria ter feito algumas restrições, como consta da carta que lhe dirigiu este em resposta³¹:

Vamos agora a uma observação sua que é bem atual. O senhor fala de uma espécie de exagero na *pompa militar*, que viu no *Anuário* de São Paulo. A mesma observação teria feito se tivesse visto o de Campinas. De fato os dois colégios em que a idéia militar encontrou lugar mais adequado de atuação que nos outros. Em parte, isto se deve especialmente ao caráter e ao entusiasmo dos respectivos diretores, Pe. Mourão e Pe. Manuel de Oliveira.

Em seguida, passava a defender a ação dos dois diretores (que foram posteriormente dois grandes bispos):

Não posso e não devo negar que algumas vezes se excede um pouco. É claro, que, especialmente os jovens naturalmente inclinados à incostância, se não se entusiasmarem de alguma maneira com passeios, fotografias etc., facilmente desanimam pelo cansaço que acompanha tais exercícios. E isto se nota claramente em Lorena especialmente e, em parte, em Niterói. Não usaram estes meios extraordinários e decaíram rapidamente e os jovens perderam o entusiasmo.

Explicava as razões de seu apoio, reconhecendo contudo as vantagens da iniciativa como também as suas deficiências:

Temos uma necessidade de sustentar aquelas coisas, porque, além de uma propaganda excelente para a nossa obra (dígam-no São Paulo e Campinas, que este ano tiveram de recusar uma infinidade de pedidos de alunos) e uma ótima ocupação e derivativo para os jovens (a assistência tira proveito disso), põe-nos em condição de isentar do serviço militar os nossos alunos (inclusive os aspirantes e noviços) que recebem o certificado de reservista após ter tido a instrução militar nos colégios e prestado o exame respectivo. Não há como negar a vantagem deste privilégio que impede a interrupção dos estudos etc., quando chega a idade da inscrição.

Sei bem que nem sempre se consegue manter a piedade, cultivar as vocações etc., embora se procure que nada falte para isto. Mas isto é antes de tudo efeito de negligência ou falta de espírito de sacrifício de nossa parte. Isto sim, é preciso que em primeiro lugar seja eu mais zeloso em recomendar e vigiar para que seja cumprido o que dizia acima. E procurarei fazê-lo.

Em carta ao Pe. Gusmano, de 22 de fevereiro de 1917, Pe. Rota escrevia e referia-se ao trabalho do Pe. Mourão:

O ano escolar de 1917 apresenta-se com muito trabalho e os colégios estão todos cheios. Este de São Paulo tem mais de 500 internos, cifra jamais alcançada até então. Mas o diretor Pe. Mourão é ativo demais e com pouca saúde; mata-se!

Os alunos do Liceu orgulhavam-se de sua farda. Numerosas são as fotos individuais e coletivas que mostram-no à evidência. Algumas até com dedicatória, p. ex.: "Ao amado Diretor". A farda era usada como uniforme de gala para as primeiras comunhões. Pe. Henrique Mourão entusiasmara os alunos. Daí o elogio e a defesa do seu trabalho pelo Pe. Pedro Rota aos seus superiores de Turim.

Na carta de 25 de agosto de 1917, Pe. Rota expôs pormenorizadamente "o passeio militar" ao Rio de Janeiro, e as precauções tomadas para evitar um desastre como o da famosa "Barca Sétima" de 1915, que deixou profundos traumas entre os salesianos.

D. João Batista Nery, bispo de Campinas, era o promotor desta excursão, “alma de todo este movimento”, sendo chamado pelos salesianos de “Marechal Salesiano”.

A galharda Brigada Branca

Em 1917, foi aventada a idéia de irem ao Rio de Janeiro, para tomar parte no desfile do dia 7 de setembro, os colégios mais próximos da Capital Federal, nos quais havia instrução militar, ou seja, os colégios de Niterói, Lorena, São Paulo e Campinas. Iriam os alunos mais crescidos e adestrados.

A idéia lançada inicialmente pelo Pe. Manuel Gomes de Oliveira, diretor do Liceu de Nossa Senhora Auxiliadora, de Campinas, encontrou dificuldades. Aos poucos foi conseguindo adeptos. D. João Batista Nery, Pe. Henrique Mourão, Pe. Helvécio Gomes de Oliveira, por fim todos aderiram com entusiasmo³².

O *Correio Paulistano*, de 1.º de setembro, já tecia comentários avissareiros sobre o êxito do Batalhão Ginásial do Liceu Coração de Jesus³³:

Embarcará (...) para o Rio de Janeiro, a fim de tomar parte nas solenidades com que na Capital da República se comemorará a grande data da emancipação política nacional, o batalhão do Liceu... (...) com a sua rigorosa disciplina e com o brilho que lhe é peculiar, formarão dignamente ao lado de nossas tropas de terra e mar.

Graças ao carinho com que o diretor daquele importante estabelecimento de ensino (...) vem, num fervor de mestre e de patriota, trabalhando a fim de que a mocidade que ali se educa preste um culto devotado ao amor da pátria, é certo que os alunos salesianos darão na parada de 7 de setembro um novo testemunho brilhante do seu valor e do seu adestramento.

Quem os conhece, como os conhecemos, em contínuos sucessos; quem os viu, nas marchas batidas, ao soar dos tambores e dos clarins romper as avenidas da nossa cidade, ladeadas pelas multidões; quem os apreciou, no seu garbo e entusiasmo com que se apresentam a todos os exercícios e festejos cívicos, não duvidará de que na Capital Federal os aguardam os aplausos mais vibrantes.

No dia 4 de setembro, embarcou o batalhão do Liceu para o Rio de Janeiro, em trem especial, reservado, fornecido pelo Ministério da Guerra, sendo recebido carinhosamente pelo Colégio Militar na estação, onde uma grande multidão ovacionou os alunos. Dirigiram-se para o 3.º Regimento de Infantaria (antigo Arsenal de Guerra, que tinha sido reformado para alojar os batalhões salesianos do Liceu Coração de Jesus e do Ginásio São Joaquim, de Lorena). Acolheu-os obsequiosamente o coronel (depois general) Abílio Noronha.

O *Correio Paulistano*, desse dia, já fazia previsões sobre o evento ³⁴:

A grande parada militar desperta, segundo se depreende das notícias insertas nos jornais cariocas, grande interesse no Rio. Entre os seus elementos de sucesso, deve-se colocar, sem dúvida, a apresentação dos quase mil alunos salesianos que nela tomam parte.

Pelo carinho com os educadores da congregação de Dom Bosco, trataram do seu preparo, com o empenho que os mesmos puseram em exercitar-se nos movimentos militares, deverão os educandos salesianos fazer a mais brilhante figura (...), provocando admiração e o entusiasmo de quantos assistirem a imponente manifestação cívica do próximo dia 7.

No dia 7, desfilaram 1.250 alunos “garbosamente evoluindo” com a máxima correção militar pelas ruas do Rio de Janeiro até o Palácio do Catete para homenagear o Presidente da República, o Núncio Apostólico e a Imprensa, representada pelo *Jornal do Comércio*. Uma multidão entusiasmada pelo espetáculo aplaudia e atirava flores sobre os pequenos soldados.

O redator-chefe do jornal e 1.º secretário da Liga de Defesa Nacional saudou os “meninos salesianos” como o “grande Brasil futuro”, “a (...) bela terra melhorada e redimida no culto do civismo e no temor de Deus, que é a melhor coragem do mundo”.

Dizia entre outras ³⁵:

A alma de Dom Bosco, o meigo e doce guia dos meninos salesianos que se preparam para ser homens úteis e dignos pela instrução e pelo trabalho, freme de orgulho lá do céu, vendo como no Brasil se entende o seu pensamento cristão e como se pratica, na educação das crianças, aquele formoso lema da união estreita entre a Igreja e a Pátria.

Sem o respeito de Deus não haverá nunca cidadãos dignos desse nome. As grandes virtudes patrióticas nascem dele e da cruz com muito mais força do que de outras fontes. Nós precisamos interessar na obra da regeneração nacional todos os elementos sociais de valor, e a Igreja tem um altíssimo papel nessa tarefa.

... o bispo de Campinas D. João Nery compreendeu muito bem o alcance desse objetivo e tem o direito de ufanar-se dos resultados que vai obtendo. A presença dos batalhões salesianos de São Paulo e Niterói na metrópole brasileira, para a comemoração da Independência, é uma prova brilhante do caminho já percorrido pela ação benemérita da educação religiosa, posta ao serviço dos mais caros interesses da Pátria.

D. João Batista Nery foi um dos principais fautores da ida dos alunos salesianos ao Rio de Janeiro, conseguindo toda a cobertura logística do Ministério da Guerra. Começava assim a Igreja a influir, através dos salesianos, nas altas esferas governamentais.

O Batalhão Colegial Salesiano de Campinas (com quase 400), de São Paulo (com 430), de Lorena (com 150) e de Niterói (com 350), na frente, os Escoteiros de Guaratinguetá, o Colégio Pedro II e o Ginásio Anglo-Brasileiro desfilaram perante 200.000 pessoas!

O Imparcial, de 8 de setembro, não se conteve ³⁶:

É deveras lastimável que não tivesse havido o espaço necessário para que, principalmente os alunos salesianos, pudessem desenvolver as suas manobras, pois, forçoso é confessar, eles baterem o "record" na presteza com que executavam as evoluções militares.

O povo parece que assistia perplexo às manobras e aclamava-os com um verdadeiro frenesi.

E era esse conjunto que constituía a grande brigada salesiana que tanto briho deu à memorável parada de ontem.

E o povo cobrindo de flores e palmas os nossos futuros soldados, enchia de entusiasmo os futuros defensores da pátria brasileira.

O Correio da Manhã, do mesmo dia, referindo-se ao Liceu, escrevia ³⁷:

... o batalhão do Liceu de São Paulo (...), pelo seu garbo e excelente organização, chamou a atenção de toda a grande massa popular reunida em S. Cristóvão. Volteando as arquibancadas os educandos salesianos da Capital paulista passaram novamente à frente da assistência, que os vitoriou entusiasticamente, dando-lhes os aplausos que mereciam pelo aperfeiçoamento técnico que revelam e pela disciplina com que se conservam em forma.

O Jornal do Comércio referiu as impressões do Presidente da República ³⁸:

O Dr. Wenceslau Brás, profundamente emocionado, teve consoladoras palavras de elogio.

O que se passa, sob minhas vistas, disse S. Ex.^a, é a mais perfeita concretização das patrióticas promessas da Pastoral Coletiva dos Ex.^{mos} Prelados do Sul.

Do Correio Paulistano, do mesmo dia ³⁹:

Foi uma verdadeira surpresa nas rodas militares e um assombro na população a marcha impecável.

Na Revista da Semana, de 15 de setembro, escrevia uma mãe ⁴⁰:

Tenho uma grande fé na geração que se está criando nos campos do esporte e nos campos de parada dos quartéis, e creio que todas as mulheres terão participado desta fé ao verem marchar os colegiais salesianos, ao presenciarem aquele exército minúsculo onde havia soldadinhos que me pareciam brinquedos para filhos de gigantes. Não eram, porém, soldadinhos de chumbo, mas solda-

dinhos vivos, com sangue e alma, que marchavam atrás de uma radiosa bandeira, cheios de amor e de respeito por ela.

Antigamente os colegiais, nas horas de recreio, jogavam o eixo e a barra. A ginástica ensinada nos colégios era uma ginástica de saltimbancos. Hoje, a ginástica adestra corpos e consciências, aperfeiçoa os corpos e as almas, desenvolve a musculatura e o sentimento.

Certamente, aqueles pequeninos soldados dos *colegiais de São Paulo, de Campinas, de Lorena e de Niterói* não eram guerreiros temíveis. Mas eram muito melhor do que isso: um exemplo fortificante e salutar. Eles não têm ainda dimensões para soldado, mas com a sua pequena estatura eles são já pequenos patriotas, e nunca se vira no Brasil, desde a guerra do Paraguai, o patriotismo revelar-se naquela idade — porque, na guerra do Paraguai, viram-se crianças brasileiras rufando tambores no inferno das pelejas.

Como mulher e como mãe prefiro mil vezes que a farda prepare patriotas do que soldados, pois que o patriota será sempre um excelente soldado e não basta saber manejar as armas para tornar o Brasil próspero, respeitado e feliz.

... regozijo-me de ver que o exército de hoje não é mais a profissão dos deserdados, mas principia a ser o exército da nação, o exército do dever, o exército do civismo.

Felicito as mães brasileiras desses minúsculos guerreiros dos batalhões salesianos, e beijo esses pequenos soldados, desejando-lhes que sejam um dia grandes patriotas.

Iracema

O Jornal do Comércio, edição da tarde, exclamava ⁴¹:

Bendito movimento! Os colégios estão dando exemplo e salesianos, vindos de longe, dão uma nota de fraternização de todos os brasileiros. Entre os salesianos paulistas há filhos de Goiás, de Mato Grosso, do Triângulo Mineiro, do sertão.

No dia 8, D. João Nery, após a missa no monumento de N. S.^a Auxiliadora, em Niterói, num discurso para os jovens alunos salesianos, fez a apologia do soldado cristão, baseando-se nestes pontos ⁴²:

Deveis ser *bons soldados e fiéis* à Pátria; deveis ser *bons cristãos e fiéis* a Deus; enfim, deveis ser homens fiéis à honra e à virtude.

Audite disciplinam e estote sapientes (da epístola da missa do dia).

Ao falar dos vícios que mancham a honra e extermina, D. Nery referia-se às dificuldades e perigos nos quartéis:

Nos quartéis, tereis ouvido dizer, a virtude corre sérios perigos. E de fato. E de fato é assim, pois, se o alojamento militar não é felizmente, uma escola de perdição, infelizmente não chega ainda à perfeição desejada. E se se fazem mesmo acusações à licença, explica que elas não são unicamente imputáveis ao estado militar:

resultam; são a conseqüência fatal e quase inevitável das circunstâncias em que se deve exercer esse estado.

Explicam tal anomalia a ausência da família, as ocasiões, os maus exemplos, os lazeres, a convivência, a mescla de várias condições sociais e, principalmente, a falta de religião. Eis as causas de perversões tão numerosas quanto lamentáveis.

E terminava sua longa e aplaudida alocução com uma súplica a N.ª Auxiliadora em favor dos alunos:

Protegei-os, Mãe piedosa! Fazei com que efetivem, em serviço do Brasil, da glória, de vosso Divino Filho, a divisa do guerreiro francês:

“Minha honra me pertence; meu sangue pertence à Pátria; minha alma pertence a Deus!”. Assim seja!

Essas palavras, aliás todo o discurso de D. Nery, parecem explicar melhor e com maior profundidade as razões da introdução do ensino militar nos colégios salesianos, enquadrando-se dentro do sistema de educação de Dom Bosco, denominado Sistema Preventivo. Os salesianos souberam aplicá-lo e parecem ter tido muito êxito. Que o digam os pronunciamentos dos jornais da época.

Do *Correio Paulistano*, de 8 de setembro ⁴³:

Todos consideram os atiradores salesianos entre os melhores que se encontram nesta capital.

O jornal *Epocha*, de 11 de setembro, trazia o pensamento reinante nos altos círculos militares do País ⁴⁴:

O marechal Caetano de Faria, ministro da Guerra, que tinha aos lados os generais Bento Ribeiro, Mendes de Moraes e Silva Faro e o marechal Argollo, não se cansava de aplaudir e elogiar o luzido batalhão de alunos salesianos, pelo grande preparo de que se achavam revestidos.

Do major Luiz Furtado, outro oficial que honra o Exército, ouvimos o seguinte:

— Tenho envelhecido como instrutor. Serei, arregimentado, no exército alemão, porém até hoje ainda não vi coisa igual. Estou encantado com o preparo destes pequenos. *Acredito que tudo isto se deve à educação que lhes é sabiamente ministrada* (grifos nossos).

A população apoiava a iniciativa salesiana. O *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, de 8 de setembro (edição da tarde), mostrava muito bem a aceitação do povo carioca ⁴⁵:

O brasileiro nunca deixou de ser patriota. Mas vícios de cultura fizeram durante muito tempo na sua mentalidade obliterações pessimistas e céticas. À maneira dos tímidos violentos que mal-dizem em altas vozes o objeto de seu amor, muitos brasileiros

viviam a dizer mal do que era nosso e a preparar, involuntariamente, a desordem e a anarquia.

Felizmente, esse período vai passando e as novas gerações reagem. É preciso educar essas gerações que estão reagindo, criando o espírito entre os que querem servir ao país, mostrando e praticando a escola feliz de independência obtida pela obediência às regras sociais e desprezando a falsa liberdade que gera a desordem. É a disciplina que faz homens livres.

Foi com orgulho que a população do Rio de Janeiro se descobriu diante dos pequenos batalhões salesianos que ontem desfilaram pelas nossas avenidas. É que todos reconheciam que ali se formava um núcleo poderoso e que a escola da disciplina em serviço da pátria é a melhor garantia da nossa grandeza, do nosso civismo, do nosso progresso e da nossa liberdade.

As populações das cidades de origem receberam os alunos festivamente e algumas delas com brilhantes manifestações, como Campinas (5.000 pessoas na estação ferroviária) e Lorena, com discursos, flores e palmas. D. Nery, bispo de Campinas, a *alma mater* da excursão, ora entendendo-se com o Presidente da República, ora pedindo ao Ministro da Guerra para assistir às evoluções, e constantemente acompanhando os alunos, nos diversos passos da memorável expansão cívica ⁴⁶.

Um ofício do general Luiz Barbedo, comunicando os “francos elogios” externados pelo Presidente da República, dizia ⁴⁷:

Sinto-me assaz satisfeito em transmitir tais elogios, aos quais junto os meus, num sincero contentamento, por ver nesses corações juvenis uma aurora de sólido sentimento patriótico, certamente devido à perfeita orientação que vem imprimindo as diretorias dos salesianos aos nossos educandos, que amanhã, já com o peso da responsabilidade do futuro da Pátria, bendirão a obra bendita do padre.

Na carta ao Pe. Paulo Álbera, dizia o Pe. Pedro Rota:

Além de tudo, esta passeata foi uma ótima propaganda da obra salesiana, demonstrando especialmente o caráter de adaptabilidade aos tempos e às circunstâncias que torna tão simpática a obra do nosso venerável Dom Bosco.

Nessa carta (de 18 de setembro de 1917), o Pe. Pedro Rota, provincial dos salesianos, refutava todas as críticas ou objeções que se podiam fazer à instrução militar nos colégios salesianos, inclusive aos seminaristas e clérigos salesianos para que pudessem ficar livres do serviço militar. Ora, “tudo isso”, dizia ele, “não se obtém só com a força do entusiasmo, sem o qual as coisas se tornariam demasiado duras”. Nas entrelinhas, pensava como D. Nery.

O ensino militar, no Liceu, tinha-se constituído num verdadeiro sucesso. Em 1917, estendendo-se o ensino militar aos alunos

externos, criou-se um regimento, com a presença efetiva de 560 internos e 545 externos, assim organizados:

1.º *Batalhão*: Internos Maiores, Médios e Aprendizes;

2.º *Batalhão*: Internos Menores e Sub-Médios;

3.º *Batalhão*: Externos do Curso Secundário e Comercial e do 3.º, 4.º e 5.º anos do Curso Primário.

O regimento dispunha de uma banda de música de 48 figuras, um corpo de corneteiros e tambores, em número de 35, contingentes de sapadores e pequenos corpos de sinaleiros. O quadro de oficiais estava constituído de um Estado-Maior do Regimento: Coronel Comandante, Tenente Coronel Fiscal e Capitão Ajudante. A oficialidade de cada batalhão compunha-se de: Major Comandante, 1.º Tenente Ajudante, 3 Capitães Comandantes de Companhias, 3 primeiros Tenentes, 6 segundos Tenentes e um Tenente Porta-Bandeira. Total de oficiais do regimento: 51 ⁴⁸.

No campeonato de Tiro Coletivo de 1917, concorrendo com as linhas de tiro, as Forças do Exército da 6.ª Região Militar, as Forças Estaduais e colegiais e estabelecimentos de ensino superior, ou seja Colégio São Manuel (seminário salesiano), Ginásio Anglo-brasileiro, Batalhão Acadêmico e Meckenzie College, o Liceu conseguiu o primeiro lugar, recebendo a taça "Bento Ribeiro" ⁴⁹.

Ao término do ano, o *Correio Paulistano*, de 16 de dezembro, escrevia: "O Liceu salesiano (...), foi, sem dúvida nenhuma, um dos colégios que mais destaque tiveram no meio escolar paulistano, durante o ano que finda". E anunciava "mais um importante melhoramento" para o ano seguinte: a criação do semi-internato. E assim justificava a medida ⁵⁰:

Esta iniciativa virá, sem dúvida, beneficiar grandemente as famílias paulistanas (...). Em uma cidade das proporções da nossa capital, o semi-internato é uma necessidade, para muitos meninos, para os quais, por um conjunto de circunstâncias freqüentemente ocorrentes, o internato constitui um regime demais rigoroso ou pesado e o externato permite uma liberdade excessiva e prejudicial.

* * *

NOTAS

¹ MARCIGAGLIA, Luiz, *Dom Henrique Mourão — Bispo de Cafelândia, Oração fúnebre*, São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas, 1945.

² *Actas do VII Congresso dos Cooperadores Salesianos*, realizado em São Paulo, nos dias 28, 29 e 30 de outubro de 1915, São Paulo, Escolas Profissionais do Liceu Salesiano do S. Coração de Jesus, 1916, p. 3.

³ *Op. cit.*, p. 16 e 23.

⁴ *Anuário do 30.º ano letivo do Liceu Salesiano do S. Coração de Jesus*, São Paulo, Escolas Profissionais do Liceu Salesiano do S. Coração de Jesus, 1915, p. 8-9.

⁵ *Op. cit.*, p. 9. Também: *Congresso Eucarístico de São Paulo*, de 3 a 6 de junho de 1915 — 2.º da Confederação Católica, São Paulo, Escolas Profissionais do Liceu Salesiano do S. Coração de Jesus, 1917, *passim*.

⁶ *Op. cit.*, *passim*.

⁷ *Anuário do 30.º ano letivo do Liceu...*, p. 11-12.

⁸ *Op. cit.*, p. 14.

⁹ *Op. cit.*, p. 14-15; ainda MARCIGAGLIA, Luiz, Relatório lido aos paroquianos de N. S.ª Auxiliadora da Luz, no dia 8 de fevereiro de 1953, pelo antigo vigário Pe. Luiz Marcigaglia, S.D.B., São Paulo, s.n.e.

¹⁰ *Anuário do 30.º ano letivo do Liceu...*, p. 32-34.

¹¹ CARNEIRO LEAO, Antonio, *O Brasil e a educação popular*, 2.ª ed., Rio de Janeiro, Tip. do Jornal do Comércio, 1918, p. 80-81.

¹² *Id.*, *Problemas de educação*, Rio de Janeiro, Livraria Castilho, 1919, p. 94-95.

¹³ MOURÃO, Henrique, *Estatutos do Liceu Salesiano do S. Coração de Jesus*, São Paulo, Escolas Profissionais do Liceu Salesiano do S. Coração de Jesus, 1915.

¹⁴ *Anuário do 30.º ano letivo do Liceu...*, p. 21.

¹⁵ *Ibid.*

¹⁶ *Ibid.*

¹⁷ *Ibid.*

¹⁸ *Anuário do 31.º ano letivo do Liceu...*, São Paulo, Escolas Profissionais do Liceu Salesiano do S. Coração de Jesus, 1916, p. 7-8.

¹⁹ *Op. cit.*, p. 10-11.

²⁰ *Ibid.*

²¹ *Op. cit.*, p. 13-14.

²² *Op. cit.*, p. 12-17.

²³ *Op. cit.*, p. 30-41.

²⁴ *Op. cit.*, p. 42-43.

²⁵ Arquivo Salesiano Central — 3122.

²⁶ *Anuário do 31.º ano letivo do Liceu...*, p. 44-45.

²⁷ *Op. cit.*, p. 50.

²⁸ *Op. cit.*, p. 57, 3 e 6.

²⁹ *Op. cit.*, p. 5.

³⁰ *Op. cit.*, p. 5 e 7.

³¹ Carta ao Pe. Gusmano, de 25.08.1917, ASC 3122 — 8.

³² MARCIGAGLIA, Luiz, *Os Salesianos no Brasil*, São Paulo, Livraria Editora Salesiana, 1958, 2.º vol., p. 190.

³³ *Anuário do 32.º ano letivo do Liceu...*, p. 32-33.

³⁴ *Op. cit.*, p. 35.

³⁵ *Op. cit.*, p. 64.

³⁶ *Op. cit.*, p. 66.

³⁷ *Op. cit.*, p. 68.

³⁸ *Anuário do Liceu Salesiano de N. S.ª Auxiliadora* — 1917, Campinas, s.m.e., p. 30.

³⁹ *Op. cit.*, p. 32.

⁴⁰ *Op. cit.*, p. 34-35.

⁴¹ *Ibid.*

⁴² *Op. cit.*, p. 37-42.

⁴³ *Op. cit.*, p. 32.

⁴⁴ *Ibid.*

⁴⁵ *Op. cit.*, p. 36.

⁴⁶ *Op. cit.*, p. 49-60.

⁴⁷ *Anuário do 32.º ano letivo do Liceu Salesiano do S. Coração de Jesus...*, p. 74.

⁴⁸ *Op. cit.*, p. 78-94.

⁴⁹ *Op. cit.*, p. 113-124.

⁵⁰ *Op. cit.*, p. 144.

XI

AS NOVAS CONSTRUÇÕES E MELHORAMENTOS

Apesar da grande guerra que devastava o mundo e da grande epidemia — a gripe espanhola, que completou a devastação e desorganizou o ano letivo de 1918 — Pe. Henrique Mourão dera tão “notável impulso (...) à obra gigantesca do Liceu”, que causava espanto.

O próprio diretor confessava-o na introdução ao *Anuário* de 1918¹:

... os melhoramentos introduzidos no edifício e em todos os departamentos da assombrosa atividade que nele se desenvolve, são de molde a levar ao auge a surpresa que todos manifestam ao verificar os esforços sobre-humanos que esse progresso representa.

Na sua humildade atribuía o prodigioso êxito aos “dedicados mestres” e aos “excelentes alunos” do Liceu: “A obra colossal que nele se desenvolve, o ideal sublime que nele se realiza, são a resultante desses dois elementos de vida e energia”.

Naturalmente, que as transformações didáticas, o ensino militar, os grandes desfiles, especialmente o grande desfile da Brigada Branca em que o Liceu tomou parte, encheram os olhos de todos e repercutiram numa verdadeira corrida de estudantes às portas deste estabelecimento. E o Liceu, em 1917, isto no terceiro ano do directorado do Pe. Mourão, passou a ser o estabelecimento de ensino com maior número de alunos do Brasil e da América do Sul.

O desdobramento do Liceu: o Instituto Dom Bosco

Em agosto de 1917, Pe. Henrique Mourão lançava mais um prospecto do Liceu. No que se referia à localização e instalação,

após ter afirmado situar-se nos Campos Elíseos, “um dos bairros preferidos, dos mais agradáveis e salubres da Capital paulista”:

O Liceu (...) acha-se intalado num edificio monumental e dotado de todos os recursos e confortos exigidos pelos mais modernos e rigorosos sistemas higiênicos e pedagógicos. Foi recentemente dotado de uma *enfermaria modelo*, construída expressamente consoante todos os modernos requisitos, com grandes salas e quartos para os doentes, *farmácia completa*; *visita médica diária*, farmacêutico residente no estabelecimento: enfim todos os recursos para o tratamento da saúde dos seus alunos. É também dotado de um *gabinete dentário de primeira ordem*, com um profissional interno habilíssimo; *vastos salões* para dormitórios e aulas, fartamente servidos de ar e luz; *pátios de recreio espaçosos* com grandes áreas para toda a sorte de jogos ao ar livre; *magnifico teatro* construído expressamente, onde os alunos quase todas as semanas assistem a algum espetáculo dramático, cômico, lírico, cinematográfico, tendo também parte ativa nas representações; numa palavra, tudo o que pode concorrer para tornar a vida colegial a um tempo sã, profícua, alegre e aprazível, de modo a formarem-se meninos e moços sadios, robustos e prendados de corpo e espírito.

Não exagerava. Ao contrário, esquecera de incluir, o que fizera nos estatutos de 1915, a “suntuosa Igreja — uma verdadeira jóia de arte — onde se realizam as mais importantes funções de culto”.

Na hierarquização dos objetivos, já aparecia em primeiro lugar a preparação dos alunos para a matrícula nos cursos superiores³:

... o fim do Liceu salesiano, quanto à educação e instrução primária e secundária, é o mais amplo e mais completo que se possa desejar: preparar os alunos que lhe forem confiados para a matrícula nas *Faculdades Superiores de Ensino*; habilitá-los para o pequeno e grande comércio, diplomando-os em *Ciência Comerciais*; ou formá-los na aprendizagem de uma *arte* ou *profissão*.

Os primeiros programas ou prospectos ofereciam apenas o curso primário. Logo em seguida, também o curso profissional. Inicialmente os alunos eram das classes “indigentes da sociedade”, depois “do povo”. Nos Estatutos de 1915, “os alunos que lhe forem confiados”. Na evolução do projeto educativo do Liceu estamos diante do fenômeno de *intuscepção de objetivos*.

A passagem da preparação dos alunos para as escolas superiores constituía uma verdadeira revolução. Convém notar, porém, que os Campos Elíseos das primeiras décadas do século XX eram outros, ou melhor, eram os “Champs Élysées” da Capital paulista. Já notávamos anteriormente que o Liceu vinha sofrendo pressões da opulenta vizinhança para adaptar-se às novas circunstâncias. Além disso, a pastoral de D. Sebastião Leme exigia uma resposta

urgente no sentido das escolas católicas de formar elites católicas para a direção do País.

Pe. Henrique Mourão, em menos de três anos revolucionaria o estabelecimento. Restava, porém, o velho prédio das oficinas, que era um verdadeiro símbolo da atividade até pouco exercida — e com grande êxito — ou seja, o ensino profissional.

Não se trataria simplesmente de demolir, mas de transferir primeiramente as Escolas Profissionais, instaladas no velho prédio. A ocasião mostrava-se oportuna para a criação de um novo instituto, que⁴:

na intenção dos fundadores, devia ser, além do mais, uma espécie de monumento destinado a recordar: 1.º o centenário do nascimento de Dom Bosco (...), em 16 de agosto de 1915; 2.º o centenário da instituição da festa de N. S.ª Auxiliadora, instituída pelo Breve de 18 de setembro de 1815; 3.º finalmente o Congresso de Cooperadores Salesianos,

realizado em fins de 1915, em São Paulo, que determinou a fundação de um estabelecimento de ensino profissional no bairro do Bom Retiro, como vimos *supra*.

Assim, em meados de 1917, Pe. Mourão iniciava a construção do Instituto Dom Bosco, de acordo com o magnífico plano da autoria do arquiteto salesiano Domingos Delpiano (falecido em São Paulo a 8 de setembro de 1920).

Em junho de 1918, estando já pronta a parte central do edifício com os dois pavilhões laterais, foram neles instaladas as oficinas de marcenaria, carpintaria, mecânica, serralheria e marmoraria, transferidas do Liceu Coração de Jesus. A 1.º de julho, passou a ter administração independente, sendo contudo, diretor, o próprio Pe. Mourão até 1921, inclusive. Pe. Antônio Bianco foi nomeado seu auxiliar.

No Liceu ficaram as oficinas do livro e do vestuário, ou seja, a tipografia, a impressão, a fundição de tipos, a encadernação, a douração e a alfaiataria. Para o Bom Retiro, passaram as do ferro, madeira e mármore*.

* A marmoraria e escultura, apesar de dirigidas pelo notável Domingos Delpiano, conforme relatório de inspeção feito pelo Prof. Aprígio Gonzaga, diretor da Escola Masculina de São Paulo, não dava renda “devido ao seu caráter artístico”, sendo posteriormente fechada por falta de alunos (Relatório do Pe. Antonio Dalla Via, p. 1-2, sem data). As oficinas que ficaram no Liceu davam lucro, especialmente a tipografia que tinha muita encomenda e cobria o “déficit” das demais (Carta do Pe. Antonio Dalla Via ao Conselho Superior, de 15 de novembro de 1923). Pe. Dalla Via chamava as oficinas que foram para o Bom Retiro de “oficinas sujas”...

Apesar da mudança das Escolas Profissionais supramencionadas ter sido proposta pelo Conselho Provincial ao qual pertencia também Pe. Henrique Mourão, houve resistência dos salesianos do próprio Liceu. O Pe. Domingos Molfino, então assessor de um membro do Conselho Superior, não gostou⁵.

Tencionava-se fazer a inauguração das Escolas Profissionais Dom Bosco, como eram chamadas em seus inícios, no segundo semestre de 1918. Devido a várias dificuldades — especialmente a diminuição dos auxílios prometidos e a irrupção da chamada “gripe espanhola” que atingiu todos os operários da construção —, só no ano seguinte, em 19 de março, é que se inaugurou o novo instituto.

Paraninfaram o ato o Conde de Prates, o Conde de Lara e o Barão de Duprat, os mesmos padrinhos da pedra fundamental. D. Duarte Leopoldo e Silva deu a bênção litúrgica à nova escola. Presenciou a cerimônia o presidente do Estado, Dr. Altino Arantes, que manifestou satisfação por ver inaugurada, antes do final de seu quadriênio, esta nova instituição educativa dos salesianos.

Ocorreu assim o desdobramento de parte do Ensino Profissional do Liceu Coração de Jesus.

No contrato, porém, feito com o Município de São Paulo figurava a cláusula de que fossem externos os alunos, do que resultou ficar interrompido o curso de 32 alunos internos, mecânicos e serralheiros, e de 25 marceneiros, torneiros e marmoristas, por não lhes ser possível — sendo como eram do interior — freqüentar como externos as novas Escolas Profissionais de Dom Bosco para onde foram transferidas todas as máquinas, ferramentas e mobiliário daquelas oficinas em pleno funcionamento no Liceu.

Para o Liceu, entretanto, o mencionado desdobramento permitiu o desenvolvimento das artes gráficas, que passaram a constituir a feição particular de suas Escolas Profissionais. A matrícula, contudo, de aprendizes internos diminuiu consideravelmente, por não quererem, geralmente, os alunos dedicar-se às artes gráficas preferindo, em regra, as artes mecânicas.

Muitas e notáveis obras foram impressas nos prelos do Liceu e os francos elogios da imprensa de todos os matizes bem demonstravam o esmero da sua confecção. Só da coleção salesiana de livros didáticos — Coleção P.S.S. (Pia Sociedade Salesiana) iniciada pelo Pe. Henrique Mourão — foram impressas dezenas de milhares no ano de 1920.

Aos 20 de setembro desse ano, Sampaio Dória, diretor geral da Instrução Pública, concedia autorização para o funcionamento das Escolas Profissionais Dom Bosco, que logo conquistaram a

simpatia do público pela perfeição de seus trabalhos, merecendo destaque:

— o grandioso e artístico armário para a sacristia do Santuário do Coração de Jesus, trabalho do grande mestre de marcenaria, Oreste Pasino, italiano, que nasceu em Alessandria (1900) e faleceu em São Paulo (1976);

— a artística via-sacra, em estilo gótico, para a Igreja de N. S.^a do Carmo (Guaratinguetá);

— uma rica e bem acabada balaustrada para a capela das Filhas de Maria Auxiliadora (Ponte Nova — MG);

— dois altares de mármore para a Igreja do Sagrado Coração dos salesianos de Recife, ofertas da família Pinto Alves e coronel Pereira Carneiro;

— o mobiliário para máquinas de escrever e cofres Standard para a Casa Prat, de São Paulo.

O instituto, sempre fiel ao programa de seus fundadores, vem ministrando ensino técnico-profissional gratuito à juventude mais necessitada.

Aos poucos, foi ampliando sua ação em outros ramos de atividade, como é tradição dos colégios salesianos. Foi fundado, em 1921, um externato primário para as famílias do bairro. Desde o início funcionou a obra mais popular e característica de Dom Bosco, o oratório festivo. No mesmo ano, foi construído o pavilhão para a residência dos salesianos. Em 1922, o salão paroquial ⁶.

A nova ala do Liceu (Barão de Piracicaba e Nothmann)

Pe. Henrique Mourão, nas palavras de Pe. Luiz Marcigaglia, “teve a rara coragem de deitar abaixo aquele antigo edifício das aulas e das oficinas, que entrava pelo pátio adentro, sólida construção, mas fora de lugar e prejudicando a estética do conjunto” ⁷.

O próprio Pe. Mourão confessava que foi “realmente muita coragem para empresa de tal magnitude” (...), “dissipando dúvidas, dirimindo dificuldades” ⁸.

Efetivamente, os antigos edifícios foram demolidos nos últimos meses de 1917. O fato provocou comentários, assombro e até saudades, como demonstra esse trecho de um discurso pronunciado por Rodolfo dos Santos, antigo aluno e então professor do Liceu ⁹:

... o aspecto interno do Liceu conservava ainda a feição antiga e confusa das casas permanentemente em construção, com um sem número de pavilhões provisórios. Dentre estes, o velho casarão

há pouco demolido, onde, ultimamente, funcionavam as oficinas, o qual eu vi desaparecer, aos poucos, parede por parede, cheio de saudade, penalizado, como se estivesse assistindo à ruína de um monumento admirável...

A faina demolidora do braço inovador do progresso derribou o austero casarão, descortinou mais largo horizonte e abriu passagem ao ar e à luz, que inundaram de vida o interior do edifício, desobstruindo-se o pátio interno, consideravelmente aumentado... E, com rapidez assustadora, o braço que demolia, edificava... Demolia velhas construções, construía novos edifícios, lindos, espaçosos, arejados, modernos, e, em pouco tempo, desapareceu o velho Liceu!

As novas construções, feitas no espaço de três anos, perfaziam um total de 6.161 metros quadrados de superfície com uma capacidade de 30.000 metros cúbicos de ar. Nelas instalaram-se os estudos e as aulas, e na parte posterior assentaram-se as máquinas das oficinas.

Pe. Henrique Mourão registrou as impressões dos alunos no dia de sua entrada (14 de fevereiro de 1918)¹⁰:

Ao transpor o vestibulo da entrada, saía de todos um AH! de surpresa: era a nova ala do edifício que haviam deixado apenas começado, quando partiram para as férias.

E continuava a registrar os comentários correntes entre os alunos durante o ano anterior, não conseguindo esconder a própria emoção:

A bela galeria das colunas, que se alinhavam e iam arremeter contra o casarão das oficinas — de que hoje resta apenas a memória histórica — como a dizer-lhe que, apesar dos seus ótimos serviços, devia ceder-lhes o passo para elas continuarem sua marcha; e o vasto sobrado das aulas amplas, cheias de ar e transbordantes de luz, era sem dúvida uma bela novidade para os recém-chegados.

O aumento dos pátios, pelo terreno ganho com a demolição das oficinas de mecânica e marcenaria (...), era outro progresso que o pessoal *mtúdo* ainda apreciava mais do que o do edifício novo, pois a aquisição de mais algumas centenas de metros quadrados para correr, pular, folgar, em retas e curvas mais amplas e caprichosas, era para eles uma conquista de valor somente comparável ao terreno que, palmo a palmo, disputa ao inimigo nos campos de batalha...

— Agora só falta deitar abaixo “aquilo” — e apontavam para o casarão — um sólido edifício de dois andares, medindo 45 metros de comprimento e 9 de largo, tendo em baixo as oficinas de tipografia, fundição de tipos, encadernação e douração, e, no sobrado, as oficinas de alfaiataria e de calçados e algumas salas de aula.

Este edifício, há uns bons 30 anos, havia sido construído para atravessar de lado a lado toda a área dos pátios. Resultou, porém, que essas áreas de recreio tornaram-se reduzidas; interrompeu-as, pois, a meio, a construção, que, desde aquela época, ficou condenada a desaparecer. Mas como? Edifício solidíssimo para desafiar

muitos séculos, quem sabe quando se poderá demolir?! — exclamavam todos. Não será para os meus dias, atalhava um velho precoce... — Talvez daqui a uns vinte anos... dizia outro menos pessimista ... — Quando alguém tiver a feliz lembrança de ir para o céu e deixar para o Liceu uns 200 contos ... opinava um terceiro mais idealista ... Qual! isso só algum terremoto, rematava um quarto...

E os dias iam passando e essas expressões de esperança e desalento iam-se sucedendo toda a vez que os olhos percorriam a vasta área do pátio e incidiam sobre a ingente mole daquele casarão, ou quando algum visitante, ao assomar à varanda do pórtico do lado da portaria, perguntava se o terreno do Liceu acabava *ali* ... nas paredes rústicas daquele edifício, que teimava em existir.

É que os locais eram todos muito bem aproveitados e era empresa difícilíssima poderem-se substituir por outros que não existiam.

Não se sabe como, mas, de um dia para o outro, surgiu uma idéia, nasceu uma esperança, esboçou-se um projeto, arriscou-se uma proposta e... lá para os lados da alameda Nothmann começaram a emergir paredes... colunas... Que é? — Que será? — Era a casa nova para as oficinas. E então a idéia tomou vulto, a esperança tornou a sorrir — firmou-se o projeto e... em *dois meses* ruíram fragorosamente aquelas paredes.

Não foi preciso o decorrer dos longos anos que preconizava alguém, nem choverem no cofre os 200 contos ... nem foi preciso que o subsolo estremecesse, abalando terra e mar. Como foi então? Deus o sabe ... pois foi ele quem dirigiu os acontecimentos, naturalmente, suavemente, dando muita coragem para empresa de tal magnitude e esperanças a outros, dissipando dúvidas, dirimindo dificuldades...

Alguns narram que o velho prédio foi derrubado na escuridão da noite, às escondidas... As paredes teriam sido derrubadas, puxadas com cordas, na ausência do Pe. Provincial e dos salesianos da casa!... O que parece certo, é que houve oposições e polêmicas... O relato do Pe. Mourão deixa muita coisa no ar...

O crescimento físico do Liceu tinha sido impressionante. Em 1914, excetuando-se o santuário e o teatro, as construções abrangiam uma área de 4.483 m² com a capacidade de 23.916 m³ de ar. De agosto de 1916 a julho de 1919, as construções aumentaram para 6.361 m² e 30.000 m³ de ar, assim distribuídas:

Dormitórios	1.007 m ²
Enfermarias	310 m ²
Escritórios, gabinete dentário, salão de barbeiro	188 m ²
Quatro salões de estudo	1.027 m ²
Oficinas (substituindo as do prédio demolido)	1.010 m ²
32 salas de aula	2.002 m ²
Galerias e pórticos	727 m ²

Com exceção do santuário e do teatro, havia 562 janelas e 239 portas. Para o serviço da casa, havia 145 torneiras das quais

30 com água filtrada, distribuídas de modo que os alunos, em toda a parte, tivessem a seu alcance água filtrada. Havia em depósito 5.000 litros de água filtrada, 15 filtros de pressão, cada um dos quais fornecia 150 litros de água filtrada por hora. Esses filtros eram diariamente lavados e esterilizados em uma estufa exclusivamente montada para esse fim. Isso, na época, era fato extraordinário ¹¹.

Suas trinta e duas salas de aula, localizadas no andar superior, com capacidade para 1.200 alunos, entraram em funcionamento no dia 15 de julho de 1919. No andar térreo, estavam os quatro salões de estudo, respectivamente, partindo do prédio de dois andares, para as divisões dos menores, sub-médios, médios e maiores do internato. O primeiro a ser inaugurado foi o dos maiores (22.08.1919), seguindo-se o dos menores (23.08.1919)¹².

Reformou ainda o Pe. Mourão o teatro cujas instalações foram utilizadas como salas de aula, durante a construção da ala nova.

A Chácara da Saudade

A nefasta gripe espanhola fez, em 1918, pavorosos estragos dizimando 18 milhões de pessoas.

O Hospital de Isolamento de São Paulo ficou lotado. No Liceu, foi atingido quase todo o pessoal das Escolas Profissionais. Não tendo a direção do estabelecimento onde mandar seus doentes, resolveu isolá-los por conta própria, alugando primeiramente uma casa na rua da Consolação. Eram atendidos por um enfermeiro, um clérigo e a mãe do então clérigo salesiano Emilio Miotti. O médico do Liceu prestava-lhes assistência ¹³.

Em fins de 1919, era bem precário o estado sanitário dos colégios em geral, até mesmo dos mais modernos, como o Liceu Coração de Jesus. Diversos casos de tifo (vide acima a preocupação por água filtrada), alguns fatais, foram constatados, nascendo daí a decisão dos salesianos de procurar chácaras onde instalariam depois seus educandários. Pe. Pedro Rota, em suas cartas aos superiores gerais, fala da transformação do Liceu em hospital (1918: Gripe Espanhola) e de um breve fechamento, em 1919, devido a uma gripe mais benigna ¹⁴.

Esse, porém, não era o único motivo. Crescendo de dia para dia, no Liceu, não só o número de alunos, mas também os edifícios para o funcionamento dos seus departamentos fez-se sentir a necessidade de uma expansão para o campo, visto como os mesmos passeios das quintas-feiras, pela extensão que tomou a Capital paulista, só podiam ser feitos dentro do perímetro urbano. Foi

assim que a diretoria do Liceu decidiu adquirir um local que servisse para a recreação dos alunos no decorrer do ano letivo ¹⁵.

A pedido do Pe. Mourão, Pe. Leão Muzzarelli andou procurando uma chácara pelos lados de Santana, tendo descoberto uma que lhe parecia excelente no lugar chamado *Chora Menino*, perto da estação do mesmo nome do trenzinho da Cantareira. O terreno pertencia ao Conselheiro Francisco Brotero, ex-aluno e cooperador salesiano, e distava na época meia hora de bonde ou trem da Cantareira, dez minutos de automóvel ou uma hora e quarenta e cinco minutos a pé. A aquisição deu-se a 3 de novembro de 1919.

A 19 de dezembro, Pe. Mourão celebrou a primeira missa, na varanda do chalé, “contra uma parede viva de erva verdejante, em face da nova casa em construção”. O celebrante, falando aos presentes (alunos, salesianos, pedreiros, serventes e empregados da chácara), “assinalou a coincidência casual de se ter feito a inauguração da chácara durante a novena do Santo Natal, numa sexta-feira” e no dia consagrado a S. José, e acrescentou: “Melhores colunas para sustentar o novo instituto não pode haver” ¹⁶.

O passeio inaugural dos alunos deu-se em 11 de março de 1920. O *Correio Paulistano* (12.03.1920) comemorou o evento com um artigo muito elogioso à “Chácara do Liceu”. A certa altura, comentava ¹⁷:

Aproveitando a folga regular que o sistema de educação salesiana concede aos seus alunos a meio da semana, os superiores do Liceu do Coração de Jesus decidiram que às quintas-feiras, os numerosos alunos do importante colégio passem o dia na aprazível chácara do Chora Menino.

Não será preciso, certamente, encarecer o alcance extraordinário desta inovação colegial, tão evidentes são as vantagens que dele decorrem para o bem-estar físico dos colegiais.

Os trabalhos na nova chácara andaram rapidamente, porque já em 18 de agosto era inaugurado o tanque de natação tantas vezes anunciado e tão ansiosamente esperado pelos liceanos. Benzeu-o D. Helvécio Gomes de Oliveira, que lançou à água o aluno Erades Berger Bach, de Ponta Grossa (PR). Seguiu-se o almoço em 22 mesas de seis metros cada uma, estendendo-se simetricamente pelo bosque meia dúzia de centenas de alunos ¹⁸.

A 15 de agosto de 1921, foi a vez da inauguração de um extenso galpão que servia de refeitório e de abrigo para a eventualidade de mau tempo. Nesse dia, iniciaram-se as partidas de desportos aquáticos ¹⁹.

Sucessivamente foram-se inaugurando outros melhoramentos como: refeitório, cozinha, dispensa, água e instalações sanitárias em todos os pátios.

Em 1920, apenas 20 alunos preparatorianos puderam gozar da chácara durante as férias, num prédio inicial que havia sido feito para os convalescentes. Em 1921, foram instalados num belo prédio construído expressamente e que constava de um dormitório com capacidade para 70 camas; sala de estudo para 89 alunos; terraço coberto para recreio em dias de chuva, sala de bilhar e outros jogos, diversos quartos e dependências, uma linda capela para os atos religiosos.

A chácara servia durante o ano para passeios aos alunos, estação de saúde para os convalescentes e, nas férias, para a moradia dos preparatorianos.

Media a chácara 81.000 metros quadrados. O centro era formado por uma grande depressão de 5.000 metros quadrados, atravessada por um riacho: nesta depressão estavam colocados os campos de futebol, de tênis, a piscina de natação com 700 mil litros de água. Criavam-se 260 galinhas, 76 porcos, 34 pombos, 19 coelhos, 3 burros etc. Eram cultivadas árvores frutíferas assim distribuídas: 35 videiras; 15 jaboticabeiras; 4 bananeiras; 5 cafeeiros; 75 pereiras; além de uma horta com centenas de legumes, não faltando também belas flores. Havia 1.543 pés de pinheiros e ciprestes que formavam grupos ou parques numerados.

O conjunto habitacional constava de três chalés:

— No primeiro, havia a cozinha, o refeitório e um quarto, além do porão com diversos quartos, moravam os alunos e os salesianos.

— O segundo chalé compreendia, no andar térreo, o estudo e a adega, e, no andar superior, o dormitório e uma sala de aula.

— O terceiro — a capela, a sacristia, salão de bilhar, de jogos, aula de banda, aulas, três quartos; embaixo estavam os aposentos dos funcionários e almoxarifado.

Atrás dos chalés, havia três praças que tomavam os nomes, em 1922, de praça Adibita, Bianco e largo Goiano. Aí, um belo parque sombreado servia de ótimo logradouro para os dias de calor. Rodeavam os chalés belos eucaliptos e árvores frondosas²⁰.

A novela da oficialização do Curso Comercial

Em 1916, começou em Pernambuco, através de seus deputados federais no Congresso Nacional, o movimento para a equiparação aos estabelecimentos oficiais de ensino, para todos os efeitos, dos diplomas expedidos por várias escolas do Estado. Outros Estados solicitaram o mesmo privilégio.

O governo do Estado de Minas Gerais não esperou o veredito oficial e oficializou os diplomas de suas escolas de Agronomia e Veterinária²¹. As Escolas Dom Bosco de Cachoeira do Campo, dos salesianos, receberam as mesmas vantagens²².

Em São Paulo, os amigos do Liceu Coração de Jesus, de há muito vinham aconselhando a diretoria do estabelecimento a conseguir o reconhecimento oficial dos diplomas conferidos por sua Escola de Comércio, aliás a mais antiga do Estado (1894).

A direção do Liceu, contudo, não julgava necessário, dada a facilidade com que sempre se abriam as portas do alto comércio da Capital paulista, importantes estabelecimentos comerciais e industriais, companhias, bancos etc. Destes últimos, alguns havia que davam preferência aos ex-alunos do Liceu, contando-se eles às dezenas em todos os postos de maior expressão.

Pe. Henrique Mourão, sentindo a conveniência, dadas as leis vigentes e outras que se anunciavam e para evitar constrangimentos de verem fechadas as portas para seus ex-alunos, por não disporem dos requisitos legais, apesar de sua reconhecida competência, resolveu encaminhar a oficialização dos diplomas do Curso Comercial ao legislativo estadual. O Projeto percorreu rapidamente todos os trâmites e a 26 de dezembro de 1921 era sancionada a Lei n.º 1.835 que concedia ao Liceu as prerrogativas e favores do art. 2.º da Lei n.º 969, de 1.º de novembro de 1905, que rezava²³:

Os alunos diplomados pela Escola de Comércio a que se refere o artigo precedente poderão ser nomeados independentemente de concurso ou quaisquer outras provas de habilitação intelectual, para os cargos de escrituração ou de contabilidade de qualquer das repartições públicas do Estado.

Restava agora conseguir a oficialização na esfera federal.

Em outubro do mesmo ano (1921), a bancada federal de Alagoas havia solicitado para a Academia de Ciências Comerciais do Estado os favores da citada lei de 1905. A Comissão de Instrução do Congresso Nacional aproveitou o ensejo e estendeu o mesmo benefício ao Liceu de Artes, Ofícios e Comércio do Coração de Jesus, Liceu de Nossa Senhora Auxiliadora de Campinas (fundados e mantidos pela Pia Congregação Salesiana) e ainda à Escola Comercial de Campinas. O texto da comissão dizia²⁴:

A idoneidade dos estabelecimentos está suficientemente provada: documentos comprobatórios da sua personalidade jurídica, da regularidade do seu funcionamento, da sua boa organização, da extensão de seus programas modelados pelo decreto de janeiro de 1905, e da aptidão dos seus corpos docentes.

O projeto passou na Câmara Federal, mas esbarrou no Senado. A grande dificuldade era a ausência de uma escola oficial padrão no ramo, porquanto a Academia de Comércio do Rio de Janeiro era uma instituição de caráter particular, cujos diplomas eram reconhecidos para determinados efeitos.

Debatia-se ainda e com certa violência o problema da equiparação das escolas estaduais e das particulares ao Colégio Pedro II, chamado então *Ginásio Nacional*. Estava em pauta o “Mackenzie College” de São Paulo e escolas anexas, que eram subordinadas à Universidade do Estado de Nova Iorque, inclusive quanto à sua organização escolar, direção e doutrina pedagógica. Mas graças ao apoio de 22 deputados federais, apesar de contrariar os princípios positivistas da Velha República e ainda do vigoroso protesto e repúdio da Escola Politécnica de São Paulo, teve aprovado o seu projeto de equiparação. O fato, ocorrido em dezembro de 1921, abriu caminho para a equiparação das escolas particulares, mesmo religiosas. A Velha República havia capitulado (e diante de uma escola estrangeira)!...²⁵

Pe. Mourão, entretanto, era um homem de idéias avançadas e previdente. Em reunião da diretoria (04.02.1921) resolvera remodelar o Curso Comercial do Liceu, dando-lhe, quanto à seriação das disciplinas, programas e métodos de ensino, uma organização idêntica à da *Academia de Comércio* do Rio de Janeiro, estendendo-a também para os alunos do curso noturno.

Nesses novos Estatutos, o ensino comercial estava dividido em três graus, coordenados entre si, ou seja:

1.º grau: *Curso Preparatório*, constante de uma única série, visando formar hábeis *auxiliares de comércio*;

2.º grau: *Curso Geral*, dividido em quatro séries, que conferia o *Diploma de Ciências Comerciais*, habilitando para o exercício das funções de *Guarda-Livros*;

3.º grau: *Curso Superior*, em três séries, formando o *Bacharel em Ciências Comerciais*, habilitando para os cargos de agentes consulares, funcionários do Ministério das Relações Exteriores, atuários de companhias de seguros e chefes de contabilidade de estabelecimentos bancários e de grandes empresas comerciais²⁶.

Percebe-se assim que o grande Pe. Henrique Mourão parecia pressentir a criação da Faculdade de Ciências Econômicas que viria ao final da década de trinta.

* * *

NOTAS

- ¹ *Anuário do 33.º ano letivo do Liceu...*, 1918, p. 1.
- ² *Anuário do 32.º ano letivo do Liceu...*, 1917, p. 139.
- ³ *Ibid.*
- ⁴ MARCIGAGLIA, Luiz, *Os Salesianos no Brasil*, São Paulo, Livraria Salesiana, 1958, vol. II, p. 169.
- ⁵ MOLFINO, Domingos, "Pe. Loureno Giordano", in *Cartas Mortuárias*, vol. II, Arquivo da Inspetoria de Nossa Senhora Auxiliadora, São Paulo.
- ⁶ MARCIGAGLIA, Luiz, *op. cit.*, p. 169-171; *Anuário do 34.º ano letivo do Liceu...*, 1919, p. 84; *Páginas Arquivo rememorando os principais acontecimentos dos primeiros anos de existência das "Escolas Profissionais 'D. Bosco'"*, São Paulo, 1920, p. 41-42.
- ⁷ MARCIGAGLIA, Luiz, *Dom Henrique Mourão — Oração fúnebre*, São Paulo, 1945.
- ⁸ *Anuário do 33.º ano letivo do Liceu...*, 1918, p. 8.
- ⁹ *Anuário do 34.º ano letivo do Liceu...*, 1919, p. 81-82.
- ¹⁰ *Anuário do 33.º ano letivo do Liceu...*, 1918, p. 5-8.
- ¹¹ *Anuário do 34.º ano letivo do Liceu...*, 1919, p. 100.
- ¹² *O Lyceu*, São Paulo, 1 (8), p. 34, jul. 1919; 1 (9 e 10), p. 2, set.-out. 1919.
- ¹³ MARCIGAGLIA, Luiz, *op. cit.*, p. 201. Pe. Marcigaglia observava ainda: "O Liceu fez uns ligeiros serviços de adaptação e para lá (Chácara) transferiu seus doentes e convalescentes (...). Os doentes melhoraram rapidamente e sararam".
- ¹⁴ MARCIGAGLIA, Luiz, *op. cit.*; Cartas de Pe. Pedro Rota ao Pe. Gusmano, de 11.11.1918 e de 24.07.1919. ASC 3122-7.
- ¹⁵ *Anuário do 36.º ano letivo do Liceu...*, 1921, p. IX.
- ¹⁶ *Anuário do 34.º ano letivo do Liceu...*, 1919, p. 101.
- ¹⁷ *Anuário do 35.º ano letivo do Liceu...*, 1920, p. 78-80.
- ¹⁸ *Op. cit.*, p. 109-113.
- ¹⁹ *O Lyceu*, São Paulo, 3 (6 e 7), p. 115-116, jul.-ago. 1921.
- ²⁰ *Op. cit.*, 6 (11), p. 286-294, dez. 1923.
- ²¹ MOACYR, Primitivo, *A Instrução e a República: Reformas Rivadavia e C. Marimiliano (1911-1924)*, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1942, p. 279-284.
- ²² *Memórias dos cinco lustros das Escolas Dom Bosco: 1895-1920* (Cachoeira do Campo), Niterói, Escola Tip. Salesiana, 1921, p. 116.
- ²³ *Anuário do 36.º ano letivo do Liceu...*, 1921, p. VII.
- ²⁴ MOACYR, Primitivo, *op. cit.*, p. 284-285.
- ²⁵ *Id.*, p. 285-299.
- ²⁶ *Anuário do Liceu Salesiano Sagrado Coração de Jesus, 36.º ano letivo*, São Paulo, Escolas Profissionais do Liceu Salesiano do Sagrado Coração de Jesus, 1921, p. 137-138.

XII

O “GRANDE LICEU” NA INTIMIDADE

Como é sabido, dupla é a função da escola: educar e instruir. A educação, por sua vez, supõe a educação doméstica, como elemento fundamental e imprescindível. Formados na escola de Dom Bosco, os salesianos têm-se esforçado para que a educação que eles procuram dar aos alunos a eles confiados se torne realmente um prolongamento da educação recebida no seio de suas famílias.

A primeira vista parece que a grande massa de alunos do Liceu dificultava a realização desse projeto. Entretanto, os alunos eram classificados em quatro divisões, segundo sua faixa etária, desenvolvimento físico e mental, etapa de escolarização — *maiores, médios, sub-médios e menores* — formando grupos com pouco mais de 150 alunos. Cada divisão possuía seus dormitórios, salões de estudo, pátios de recreio (em rodízio), mesas de refeições etc. — tudo separado e atendido por pessoal próprio.

Com os métodos do sistema educativo salesiano, conseguiu-se dar ao Liceu um caráter íntimo de família, onde o chefe procura estar em contato com os seus alunos, conhecendo-os a todos e, o que é mais importante, conhecendo-lhes o caráter, o comportamento e o ritmo dos seus estudos, os incômodos de saúde que lhes podem sobrevir, esforçando-se por preveni-los, se possível, ou remediá-los com a mais carinhosa assistência, e tomando até interesse nas inúmeras pequeninas coisas de que é fecunda a vida colegial e, numa palavra, interessando-se de tudo o que, no lar doméstico, constituiria a constante preocupação, a assistência assídua e o extremo carinho dos pais.

E esses cuidados não eram somente peculiares ao chefe geral da grande família, mas a todos os seus auxiliares de diretoria e a cada um dos chefes das quatro famílias menores, em que estava dividida a grande família do Liceu ¹.

Nesse capítulo, tentar-se-á descrever como se desenvolviam as práticas educativas nesse imenso internato do Liceu.

“Um pequeno mundo”

O Liceu Coração de Jesus recebia continuamente visita de bispos, políticos, embaixadores etc., e enchia os olhos de todos pela beleza e imponência de seu edifício, pela sua organização administrativa e pela movimentação disciplinada e tranqüila de seu numeroso alunado.

Os salesianos da época começaram a tornar-se famosos no cenário nacional pelos bispos que saíam de suas famílias e desenvolviam com brilhantismo sua missão. D. Francisco de Aquino Correia, orador, poeta e escritor renomado, da Academia Brasileira de Letras, abriu a fileira e conquistava o Estado de Mato Grosso, vindo a assumir, em 1918, a sua presidência como homem de conciliação — lembrar que estávamos numa república positivista (!) — entre as correntes cansadas pelas lutas contínuas e estéreis. Seguiu-se-lhe D. Antônio Malan (1914), D. Helvécio Gomes de Oliveira (1917), que trabalhara no Liceu e fora diretor da revista *Santa Cruz*. Em 1915, o Liceu via um seu antigo aluno ser nomeado bispo de Florianópolis, D. Joaquim Domingues de Oliveira Belleza.

Esses homens notabilizaram-se pela fé ardente e irradiante espírito cívico, exercendo profunda influência nos políticos de seu tempo, tirando a Igreja do isolacionismo que a República Velha, anticlerical e positivista, pretendia impor através da doutrina da separação da Igreja do Estado.

O Liceu despertou a curiosidade até da embaixada italiana que lhe fez uma visita no dia 19 de julho de 1918. O embaixador, deputado Vito Luciani, expressou sua admiração pela prosperidade e adiantamento que observou na instituição. Esta visita foi considerada um dos acontecimentos de vulto do ano².

O presidente do Estado do Paraná, em visita que fez à instituição, ficou encantado “pelas grandiosidades que notara” e “manifestou novamente o desejo de ver quanto antes o seu Estado natal enriquecido com um estabelecimento congênere para o qual ofereceu o seu incondicional apoio”³.

O Liceu provocava tanta admiração que o *Correio Paulistano* (05.06.1919) ao saudar sua entrada nos trinta e cinco anos de existência, perfazendo um total de 1.440 alunos, escrevia⁴:

... finalmente, graças aos denodados esforços dos seus sucessivos diretores, nas condições de grande estabelecimento que hoje é, o Liceu Salesiano pôde integralizar na sua vasta organização um vasto sistema educativo e instrução que representa *quase uma universidade em menores proporções* (grifos nossos).

Funcionavam regularmente o curso preliminar de cinco anos; o curso secundário ginasial, de cinco anos; o curso de prepara-

tórios, muito freqüentado; o curso comercial que abrangia o fundamental ou geral, de três anos, e o especial, de dois anos; e finalmente o curso profissional compreendendo as oficinas de impressão e tipografia, de encadernação e douração, de alfaiataria e escola de corte.

Acrescentava ainda o jornal:

Esses cursos todos, que constituem no seu conjunto a atividade educativa do grande colégio salesiano, são presentemente freqüentados por 625 alunos internos, 590 externos e semi-internos, 230 das aulas noturnas...

É fácil de compreender quanto estas cifras representam em trabalho e energia dos que enfeixam em suas mãos as responsabilidades da direção de tão importante estabelecimento, acorrendo a todos os cuidados, da mais completa variedade, que ela reclama e impõe.

E tecia grandes elogios:

Entregue, como sempre esteve, a diretores de reconhecida orientação pedagógica e, principalmente, devotado amor à causa do ensino, o Liceu Salesiano ocupou em todos os tempos o lugar de destaque, que ainda agora conserva, entre os estabelecimentos congêneres paulistas, pela perfeita organização do ensino, rigoroso aparelhamento em todos os assuntos que se prendem à instrução dos seus alunos, a adoção de todos os requisitos garantidores de constantes condições higiénicas e excelente estado sanitário na vida interna daquele *pequeno mundo*.

São esses os traços gerais do *grande colégio que São Paulo todo conhece e admira*, pelas múltiplas manifestações externas que constantemente oferece pela grandiosidade dos seus ideais educativos, e as repetidas provas que fornece da orientação acertada que adota para a formação intelectual e moral dos seus educandos (grifos nossos).

As práticas desportivas e recreativas

Para cultivar esse espírito de família muito concorria a animação que os assistentes de cada divisão procuravam dar aos folguedos em que, durante os recreios, se entretinham os seus assistidos. Os assistentes punham-se à frente de todo o movimento esportivo, animando-o, entusiasmado-o mesmo, com a sua cooperação ativa e eficaz.

O futebol, o tênis, o pingue-pongue, o basquete, o voleibol, a barra-bandeira ou barra-manteiga, a bola envenenada, o quadrado e outros de destreza e movimento eram todos jogos em cuja organização e exercício era o assistente parte obrigada. Era coisa familiar aos que conheciam os nossos colégios ver os assistentes, apesar da batina, brincar e correr nos recreios com os seus alu-

nos, como os melhores camaradas. E era familiar também ver a mudança de cena que se realizava ao toque da sineta: o assistente deixava de ser o camarada de jogo para se tornar o zelador da ordem e da disciplina.

E os nossos alunos, já acostumados a essa tradição, obedeciam e respeitavam-nos com a maior naturalidade, quer enquanto se acamaravam com eles durante o recreio, quer depois de cessados os folguedos. Esse sistema, longe de lhes fazer perder o respeito aos assistentes, cada vez mais os afeiçoava a eles.

Animadíssimos eram os esportes no Liceu, especialmente o futebol. Pe. Henrique Mourão reformulou as *Ligas* tradicionais. Eram cinco: *Liga Dom Bosco* (Divisão dos Menores), *Liga Santo Henrique* (Divisão dos Maiores e dos Aprendizes), *Liga São José* (Divisão dos Aprendizes), *Liga S. Luiz* (Divisão dos Maiores) e *Liga São Pedro* (Médios e Menores). Cada Liga era formada de quatro times. Da *Liga S. Luiz*, formou-se posteriormente um poderoso time do mesmo nome, que se tornou quase imbatível e conquistou grande fama⁵.

O pingue-pongue foi introduzido entre os alunos do Liceu, em 1918. Mas já existia na Sede Social dos Ex-alunos desde 1915. O primeiro saque foi dado por D. Helvécio Gomes de Oliveira, então bispo do Maranhão. O cronista ufanava-se dizendo que nenhum colégio pôde gozar de honra igual.

Nesse mesmo ano, deveria inaugurar-se o "Lawn Tennis" se a "Espanhola" não tivesse debandado a rapaziada⁶. Foi inaugurado em 27 de abril de 1919, pela Divisão dos Médios⁷.

Pe. Henrique Mourão procurava também dar animação a outros jogos que ocupavam grande número de alunos, especialmente o jogo da *barra* e da *barra bandeira* e premiava aos mais assíduos. Sentia imensamente que o pessoal ficasse parado nas recreações. Dom Bosco, aliás, em se referindo aos meninos parados no pátio, dizia com freqüência: "Água parada cria bicho".

Criou os convescotes anuais dos *clubes*, ou banquetes. As despesas corriam por conta dos clubes que assim consumiam seu numerário em cerveja, gasosa, presunto, doces finos, biscoitos, queijo de Palmira, frutas etc. Os alunos ornamentavam caprichosamente as mesas, lastradas de tão apetitosos bocados que contribuíam "eficazmente para a pacificação e confraternização daquele povinho belicoso".

Tomava parte toda a divisão a que pertencia o *clube* e eram convidados, por bilhetes artisticamente datilografados, todos os salesianos do Liceu e os capitães de todos os times das outras divisões.

O auge da festa era a inauguração das taças dos times vencedores, feita solenemente em cada um dos “banquetes” pelo diretor, que brindava o capitão do time vencedor com a taça cheia de legítimo “champagne”. Servia ele próprio e seguiam-se mais dez libações feitas pelos membros dos vitoriosos onze.

“Incontestavelmente simpáticas estas festas! — alegre fecho das lides escolares”⁸.

A educação física e os exercícios militares

Outra preocupação de Pe. Henrique Mourão consistia em aperfeiçoar a prática da educação física dentro do programa educativo do estabelecimento e em promover grandes excursões, marchas de resistência, exercícios de pedestrianismo etc.

As grandes marchas e desfiles já eram tradicionais no Liceu. No directorado de Pe. Mourão tornaram-se muito frequentes e realizados com maior brilhantismo.

A 2 de junho de 1918, inauguraram-se os exercícios de pedestrianismo. Às três horas da manhã, cinquenta alunos escolhidos entre os mais robustos, candidatos a reservistas, participaram da missa, celebrada pelo diretor, tomaram café reforçado e às quatro, formando três esquadras, partiram em direção à Cantareira, vencendo 14,6 km em 2:15h, fazendo apenas duas paradas. Fazia um frio de rachar e garoava impiedosamente. O diretor os acompanhava.

Tomando café com pinga, uma providência para espantar o frio, às 8:15h, tocou reunir e, em absoluto silêncio, os guapos rapazes devoravam o caminho, sendo preciso o diretor pôr-se à frente da tropa para moderar-lhes o entusiasmo.

As 10:30h, depois de percorridos 28,2 km entre ida e volta, entravam no pátio do Liceu, marchando com tal garbo e firmeza, que arrancou palmas e vivas fragorosos da meninada que estava no recreio.

Estavam inaugurados os *raids* de infantaria e os exercícios de pedestrianismo.

No dia seguinte, os menores, formando uma companhia, foram ao Parque Antártica (12 km entre ida e volta).

No mesmo ano, os maiores fizeram um *raid* de 48 km (ida e volta) ao sítio de João Dante. Saíram às 4:00h da madrugada. Marchando ao som dos clarins e tambores, chegaram a Osasco, às 8:00h, onde foram regalados com um farto café por Joaquim Pedroso. Seguiram para a chácara onde acamparam. Após os cumprimentos à família, tomaram de assalto o laranjal. Após um lauto almoço, meio-dia, três hurras à família do proprietário,

marcharam de volta, sumindo a luzida companhia numa nuvem de poeira.

Pouco romântica a volta, sol canicular!... Mas às 17:30h concentrando todas as forças entravam os excursionistas, cabeça erguida, peito saliente, passo firme, numa *bruta pose* que lhes mereceu dos colegas uma tempestade de palmas e aplausos⁹.

Excursões desse tipo tornaram-se tradicionais no Liceu, sendo um dos líderes o Sr. José Pinto Ferreira, há pouco falecido.

Não se diga que eram um tormento para a moçada. Pelo contrário, vibrava com semelhantes aventuras. Os tempos eram outros!... Hoje já estão na moda as grandes marchas, as imensas maratonas, que arrastam multidões de todas as idades!...

Para a educação física, contratava o Pe. Henrique Mourão instrutores idôneos, verdadeiros técnicos, indo buscá-los na Força Pública do Estado que atendessem à ginástica com a maior regularidade.

Os alunos sempre mostraram atenção, empenho e entusiasmo em acompanhar as instruções. Bem desenvolvidos os saltos acrobáticos: saltos de costado, salto mortal com apoio numa só perna, salto japonês, saltos mortais em distância, com e sem barreira. Em 1921, foi introduzido até boxe¹⁰.

Nesse ano, o que mais produziu efervescência entre os alunos foi a escola de natação. O Prof. Raul Pironet, nadador belga, não poupou esforços para preparar as diversas turmas de natação. Antes dava-lhes lições práticas de movimentos, respiração etc. na pequena piscina do Liceu, depois exercitava-os na grande piscina da chácara.

Indescritível entusiasmo suscitou o pólo aquático, que é a melhor prova de natação e resistência. Entre os desportos aquáticos, praticavam-se corridas de tinas, lutas de travesseiros sobre a água, bandeirinhas (velocidade), jogo da corda, caça ao leitão, pega ao marreco, corrida em jangada.

Quanto aos exercícios militares, Pe. Henrique Mourão, nos inícios da década de vinte procurou moderá-los, seguindo a tendência de suprimir o militarismo propriamente dito nos jovens que não houvessem atingido a idade de 16 anos.

Começou por suprimir as armas (no Liceu praticava-se até esgrima com baionetas) e os longos exercícios de evoluções, dando lugar de relevo aos exercícios de ginástica.

Entretanto, para a disciplina, passeios e festas, conservou-se a parte propriamente útil do regime militar. As manobras e alinhamentos, os perfilados, a obediência pronta aos comandos, a hierarquia dos chefes, muito concorriam para dar realce às festas, ordem e disciplina aos passeios e um ótimo auxílio para a própria

disciplina colegial sem o mínimo prejuízo aos estudos. Aliás, para movimentar a enorme massa de alunos era necessário e conveniente a disciplina ¹¹.

Continuou-se com a maior regularidade a instrução para os candidatos a reservista.

As Associações juvenis

Já se falou sobre as *Companhias religiosas*. O seu nome apresenta ressaibos de militarismo. Isso para dar mais relevo, na fantasia das crianças, dos jovens, ao espírito de união e solidariedade que à força desses núcleos de almas santas e ardorosas faziam um bem extraordinário. Em 1915, a Companhia do SS. Sacramento contava com 77 sócios, a de S. Luís 73 e a de S. José 23 ¹².

Pe. Henrique Mourão era um vulcão de iniciativas. Sonhava criar um grêmio literário no Liceu. Desistiu da idéia para atender ao desejo de Pe. Pedro Rota, expresso em uma circular às Casas Salesianas de criar a *Associação Domingos Sávio*. Esta associação visava propagar o nome, as virtudes e a santidade desse grande aluno de Dom Bosco, através de festas, sessões literárias, diversões esportivas, publicações etc. Era constituída das comissões de propaganda, esportiva e literária. Esta última atendia perfeitamente à aspiração do diretor.

O centro, criado em 16 de agosto de 1918, desenvolveu-se rapidamente e no mês seguinte já patrocinava o lançamento de um novo periódico, intitulado *O Lyceu*, que se tornou "Órgão dos Alunos do Liceu (. . .) e da Associação Domingos Sávio", responsável pelo progresso literário dos alunos, divulgador de todas as atividades e muito apreciado por eles. A revista duraria 16 anos ¹³.

Não parou aí Pe. Henrique Mourão, que trabalhava por quatro. Em 8 de dezembro de 1920, criava o pelotão dos *Escoteiros Salesianos*, entre os alunos do externato. A cerimônia da entrega da bandeira ao primeiro núcleo, filiado à Associação Brasileira de Escoteiros, secção constituída de 72 alunos, foi efetivada com a máxima solenidade, com a presença do Dr. Macedo Soares, presidente nacional da entidade, e outras ilustres personalidades. Dr. Washington Luís, Presidente do Estado, após a bênção dada pelo bispo de Campinas, D. Francisco de Campos Barreto, passou a bandeira para as mãos de sua filha, Maria Pereira de Sousa, que descendo da tribuna a entregou ao porta-bandeira dos escoteiros salesianos, sob o canto do Hino Nacional.

Dr. Washington Luís, encerrando a solenidade, confessando-se "profundamente emocionado pelo alcance e imponência da solenidade" que acabava de presenciar, dirigiu estas palavras ¹⁴:

O Liceu Salesiano do Sagrado Coração de Jesus era-lhe um simpático estabelecimento de ensino e considerava de importância o seu papel no Estado de São Paulo.

Acompanhava com muito interesse a obra dos salesianos, que sabem muito bem unir as coisas da pátria às do ensino e estas às coisas da sociedade e da pátria.

Congratulava-se com o Liceu e seus diretores pelo brilhantismo daquela festa, que concorria para a formação patriótica dos seus alunos e da qual conservaria a mais grata impressão.

Era com a maior satisfação que rendia homenagem à bandeira, empunhada ali pelos escoteiros.

Espetáculos como esse marcavam profundamente os alunos que depois os lembravam com orgulho e saudade.

Uma grande casa de espetáculos

Escrevia Pe. Mourão em 1916 ¹⁵:

Alegram-se (...) os vossos extremosos pais, vendo quão ameno e suave se vos torna assim a vida colegial e quanto se vos minoram as saudades do lar, no meio de tantos, tão belos e tão variados espetáculos.

O Liceu, mais do que outro estabelecimento salesiano, fazia e sabia fazer festas e transformar uma simples comemoração numa grande festividade.

Pe. Mourão era um verdadeiro mestre em festas e mantinha a multidão de alunos internos com moral elevada. Como sabia criá-las!... Mais do que as grandes construções talvez seja este o fator principal do extraordinário aumento de alunos no estabelecimento, transformando-o na maior instituição de ensino da América do Sul.

Quase sempre estas festas tinham três grandes partes: religiosa, recreativa e literário-musical-dramática. Aliás o Liceu dispunha de uma invejável estrutura física e cultural para promover festas e espetáculos. Tudo era arte e música.

O Santuário do Coração de Jesus era “uma visão de Paraíso, jorros de luz de centenas de lâmpadas, vibrações celestes de dezenas de vozes, um mar de cabeças no amplo recinto; as missas, as comunhões gerais, as romarias e as procissões. E o órgão? Uma verdadeira maravilha. E depois: as colunatas, as decorações, os altares de mármore, as imagens, verdadeiras jóias de escultura; tudo enche a alma dum irresistível sentimento de religiosidade” ¹⁶.

A parte religiosa, realizada neste suntuoso templo, era sempre brilhante, para não dizer comovente e impressionante. Dava cobertura às pomposas cerimônias a “incomparável *Schola Canto-*

rum”, com seu vastíssimo repertório de missas (de 2, 3 e 4 vozes), motetes, *tantum-ergos* etc.

A parte recreativa consistia em grandes exibições acrobáticas, marcha sinussoidal com cantos militares, ginástica rítmica, pirâmides humanas, desfiles etc. Nas festas de carnaval e S. João, além dos tradicionais fogos de artifício, a garotada do internato divertia-se na prática de corridas com obstáculos, de resistência, de saco, de pulos, de batatinha inglesa, de velas, trampolim, saltos, quebra-potes etc.

Nos concursos de tiro, os reservistas do Liceu foram vencedores por vários anos (1917, 1918, 1919). Em 1917, os *atiradores* do Liceu fizeram os melhores pontos na prova dos colégios e escolas superiores, como foram os melhores de todas as provas, nas quais concorreram atiradores escolhidos das linhas de Tiro, Forças do Exército e da Polícia. Foi um verdadeiro triunfo. Conquistaram o prêmio “General Bento Ribeiro”¹⁷.

Fatos como esses criavam um clima de euforia e de orgulho entre os alunos.

Constava a parte litero-musical de discursos, conferências, concertos, recitações de poesias, cantos, representações teatrais etc. Formidável o repertório de música recreativa: hinos, cantatas, corais, barcarolas, valsas, polkas, quadrilhas, fantasias, *shottishs*, sinfonias, romances, *reveries*, serenatas, duetos, *pizzicatos*, longos trechos de óperas clássicas, mazurcas etc.¹⁸.

MOVIMENTO DAS FESTAS, TRÍDUOS, NOVENAS, COMEMORAÇÕES E OUTROS EVENTOS FESTIVOS NO LICEU (Período Pe. Henrique Mourão)					
Ano	Festas	Novenas	Tríduos	Comemorações	Outros
1915	21	2	1	1	41
1916	22	2	1	1	23
1917	21	2	1	2	17
1918*	17	2	1	—	9
1919	27	3	1	10	—
1920	20	2	1	5	—
1921	30	2	2	10	9

* Nesse ano a gripe “Espanhola” obrigou, na segunda quinzena de outubro, ao encerramento antecipado do ano letivo.

Um meio extraordinário e eficaz, criado por Pe. Mourão, em 1918, que veio, além de amenizar e suavizar a vida dos colegiais, favorecer muito a intimidade e a familiaridade dos salesianos em geral e dos assistentes em particular, com seus alunos e assistidos foram as *festas das divisões*.

Sua programação era levada a efeito exclusivamente com o concurso dos membros componentes da divisão, não sendo permitido nenhum enxerto. Consistia essencialmente no seguinte: a) missa e comunhão geral por intenção dos alunos da divisão e suas famílias; b) festa militar, ginástica e esportes no pátio de recreio — bênção do Santíssimo Sacramento e homilia sobre tema adaptado à vida colegial; c) espetáculo literário-músico-dramático.

O principal número do programa destas festas era o ótimo comportamento, pelo menos durante todo o mês que precedia a sua realização. E os alunos envidavam esforços para não perder naquele mês os atestados de comportamento.

As vantagens dessas festas, em que tomavam parte mais ou menos ativa todos os alunos de cada divisão, eram deveras extraordinárias e deixavam as mais saudosas e duradouras recordações¹⁹.

Ainda hoje deparamo-nos com ex-alunos dessa época que lembram com imensas saudades as grandiosas festas do Liceu e as grandes amizades feitas no decorrer da movimentada vida liceana...

“Hoje há teatro...”

Quando menino, lembro-me ainda hoje da enorme sensação e alegria que despertava na criançada das cidadezinhas do interior um palhaço andando de pernas-de-pau pelas ruas da cidade e gritando:

- Hoje tem espetáculo?
- Tem, sim, senhor! — respondia a meninada em coro.
- As oito horas da noite? — continuava o palhaço.
- Tem, sim senhor! — repetia a “molecada”.

E lá se ia o buliçoso e engraçado cortejo entre gritos, piadas, vaias e gargalhadas...

Quem quisesse promover aclamações e aplausos e provocar uma verdadeira explosão de alegria entre os alunos do Liceu bastava passar pelo pátio, à hora do recreio, e pronunciar essa frase mágica: “*Hoje há teatro...*”. Era o suficiente para produzir uma verdadeira efervescência, ou “um reboço”.

É que os alunos bem sabiam quanto valiam os espetáculos que se davam no belo teatro do Liceu com suas galerias e elegantes camarotes e platéia para 600 pessoas.

Eram levados à cena dramas, comédias, operetas, farsas, cenas líricas, anedotas, bailados, diálogos, monólogos etc. e tudo isso representado por um grupo de valentes artistas dramáticos e cômicos, parte alunos e parte proveniente do Grupo Dramático “Domingos Sávio” da Associação dos Ex-alunos, merecendo destaque especial “o habilíssimo *fabricante de gargalhadas*, o personagem obrigatório em todo espetáculo — impagável cômico Paschoal De Lorenzo ²⁰.

MOVIMENTO TEATRAL NO LICEU DE 1915 a 1921				
Ano	Dramas	Comédias, Farsas, Anedotas etc.	Operetas, Melodramas	Concertos
1915	8	10	2	
1916	10	11	1	
1917	7	8	2	
1918	4	5	1	
1919	3	15	2	
1920	4	9	—	
1921	5	6	1	2

Comentando uma dessas resenhas de apresentações teatrais, escrevia o cronista ²¹:

Simplesmente maravilhoso!

Acrescentem-se os espetáculos cinematográficos, os concertos, as conferências etc. Poder-se-á afirmar que não passava semana em que não passasse algum espetáculo para os alunos. Que alegria! E que bela escola de moral, de civismo, de arte e de patriotismo. O internato, assim, não se sente; o tempo voa de festa em festa e chega-se ao fim do ano sem se perceber.

Não se diga que isso prejudica os estudos.

Esses espetáculos realizam-se à noite (geralmente às quintas-feiras), depois de preparadas as lições e os deveres escolares para o dia seguinte. Ora, quando se intercalam no meio do labutar dos estudos festas como essas, o estudante sente-se mais animado, porque menos fatigado, e com o espírito menos tenso.

Convém notar que o regulamento do estabelecimento não permitia aos alunos passearem aos domingos em completa folga no seio de suas famílias, porquanto tal fato era julgado na época prejudicial aos estudos. Por isso, procurava-se ao menos com estas festas, o mais freqüente possível, amenizar e suavizar a vida do internato. Era doutrina pedagógica.

Ele terminava o cronista dizendo: "De resto, ninguém se queixa e muito menos os alunos...".

Os alunos, com efeito, na sua grande maioria, eram provenientes do interior e de outros Estados, de lugares onde realmente não existia quase nenhuma opção ou oportunidade de diversões e passatempos tão bem organizados e bem feitos como no Liceu. Nas cidades do interior, eram muito raras as exhibições de teatro e o cinema não existia. Mesmo na Capital paulista, as oportunidades de lazer para a meninada eram escassas. Além disso, a rígida estrutura familiar não permitia facilmente a participação de seus filhos nesses espetáculos, que eram vistos com muita e até com certa hostilidade.

Daí a conclusão do cronista.

As exhibições cinematográficas, no Liceu, eram realizadas pelo menos em cada 15 dias, sendo freqüentes as épocas em que, numa só semana, os alunos assistiam a dois *cinemas*. Em 1919, o cronista do *Anuário*, ao referir-se às exhibições de filmes, acrescentava ²²:

É bem possível que nesta resenha haja escapado algum espetáculo ou algum filme, mas pelo que aí está poderão os nossos leitores constatar o quanto a diretoria do Liceu se esforça para amenizar o mais possível a vida colegial, ao mesmo tempo estimular os alunos ao estudo e ao bom comportamento.

Até julho de 1920, já tinha havido 25 exhibições com 58 filmes!...²³

Os filmes, contudo, eram mudos. Uma pequena orquestra de oito figuras aproximadamente procurava dar vida e animação tocando durante a sua exhibição: "Correto, corretíssimo; choroso, patético nas fitas dramáticas; majestoso e grave nas naturais; alegre, saltitante nas humorísticas e cômicas". Entre esses acompanhantes eram conhecidos Carlos Callioli, Euclides Lorena, Pedro Fressa que chefiavam um grupo de violino, bandolim, cavaquinho, flauta etc.²⁴.

Pe. Mourão comprou dois novos projetores *AEG* que substituíram o projetor *Pathé Frères* e foi um dos primeiros homens, em São Paulo, a fazer cinema sonoro. Seu filme era a história de um incêndio, prédio caindo, bombeiros por todos os lados, sirenes que não paravam de tocar, gritos, toques de clarim, mais gritos e mais sirenes.

Pediu o diretor do Liceu uma sirene emprestada ao Corpo de Bombeiros de São Paulo. Ensaiou com o clarinista para que este tocasse na hora certa da cena. Arranjou voluntários para gritar; outros para bater os pés, imitando gente correndo; e bolou outras formas para conseguir uma sonoplastia perfeita, barulho de fogo, da água, das mangueiras etc.

Foram vários os ensaios.

— Passávamos o filme várias vezes por dia, durante muitos dias — lembrava o saudoso José Pinto Ferreira, que veio a assumir o controle da cabine de projeção do cinema do Liceu a partir de 1922.

Valeu o trabalho. No dia da sessão estava a sala lotada de gente, que ao final só demonstrava admiração por ter assistido a um filme sonoro. Poucas pessoas perceberam que o som estava sendo produzido lá mesmo na hora²⁵.

Invasão artístico-musical

Atendendo à grande influência que exerce a música sobre a educação dos alunos, dava-se suma importância a esta arte nas suas mais diversas manifestações.

Todos os alunos, sem exceção, tinham ensejo de exercitar-se no canto, executando, diariamente, já cantos sagrados e hinos para o serviço do culto, já canções, cantatas, marchas para as grandes festas nacionais e demais festas no correr do ano.

O cronista assim escrevia, em 16 de fevereiro de 1920²⁶:

Segunda-feira de Carnaval — Não houve aula — Para aproveitar o tempo, neste dia, se inauguraram as aulas: de canto, piano, banda, violino, flauta. Este ano são muitíssimos os alunos que quiseram dedicar-se à divina arte de Euterpe — Teme-se uma invasão artístico-musical; os gênios vão aparecendo, e vai-se difundindo aqui ... além ... o assombro geral.

Que ubertosos sejam os frutos!

Sendo a música vocal um programa ordinário e constante de todos os anos, havia a necessidade de selecionar, dentre os quase setecentos alunos, um grupo dos que se distinguiam por sua voz para formar a vulgarmente chamada *Escola de Canto* ou *Schola Cantorum* que tinha por encargo abrilhantar as grandiosas funções religiosas que se celebravam no Santuário do Coração de Jesus.

Os escolhidos nunca ultrapassavam regularmente o número de 150, visto que nem todos podiam participar de uma massa coral que devia aprender o canto sacro dentro das normas do

"Motu Proprio" de Pio X, apresentando não pequenas dificuldades no seu desenvolvimento harmonioso e contrapontístico.

A *Schola Cantorum* era dirigida pelo Pe. José Luiz Valentim e constava de três seções:

- *Cantores antigos*: formados por *sopranos* e *contraltos*, aos quais não eram desconhecidos a nomenclatura musical e o solfejo das notas;

- *Cantores novos*: todas as vozes brancas que se iniciavam nos arcanos da lira;

- *Cantores de vozes viris*: formados por um bom grupo de alunos da Divisão dos Maiores.

Pe. Valentim tinha sucedido ao irmão salesiano Stélio Dalison, uruguaio, que pouco depois se tornou sacerdote.

Dois maestros, Pe. Valentim e o Prof. José Larrabure, atendiam regularmente a mais de vinte alunos de piano, que recebiam duas aulas por semana, seguindo o programa do Conservatório Musical de São Paulo. Isso vinha facilitar a matrícula de algum aluno que, mostrando especial inclinação para o piano, quisesse aperfeiçoar seus estudos musicais no conservatório.

Os maestros Francisco Russo, diretor da orquestra do Liceu, compositor fluente e professor de teoria musical no Conservatório Musical de São Paulo, e Raphael Rizzo Fausto, diplomado pelo Real Conservatório de Música de Nápolis e professor de violino, davam aulas de violino a mais de 30 alunos, divididos em duas seções (1920).

As aulas de flauta com dez alunos estava a cargo do Prof. Pedro Cunha.

As aulas de banda constavam de 25 figuras, sendo 18 veteranos e sete novos já provetos na arte (1920). Dos aprendizes eram 62. Mestre de banda era o Prof. José Larrabure. Era um cargo ingrato, considerando-se que ano por ano era preciso formar quase uma banda nova, com elementos novos, pois os alunos que poderiam prestar seu valioso concurso, eram precisamente os das séries mais adiantadas e que, por isso mesmo, tendo completado o curso, deveriam abandonar o Liceu para atirar-se na luta pela vida. Havia ainda a banda do externato, dirigida por Benedito Marcos Ferreira. Ambas as bandas tocavam magnificamente afinadas, cheias, compactas e perfeitamente disciplinadas "...era um gosto ouvi-las".

A pequena orquestra do Liceu que dava vida aos cinemas era constituída de professores e alunos mais adiantados das aulas de violino. Dirigia-a o Pe. José Luiz Valentim, coadjuvado por Pedro Danni, mestre de alfaiataria das Escolas Profissionais do Liceu.

Ex-alunos como aqueles mencionados acima faziam parte dessa orquestra ²⁷.

Outras instituições

Os alunos do Liceu liam muito. Além da grande biblioteca com 12.000 volumes, cada divisão tinha a sua biblioteca. A “Biblioteca Dom Bosco”, dos médios, bateu o recorde com 510 volumes. A de S. José, dos aprendizes, vinha em segundo lugar com 480. Formavam associações cujos membros concorriam com uma pequena contribuição mensal.

NÚMERO DE ALUNOS INSCRITOS EM AULAS DE ADORNO NO LICEU CORAÇÃO DE JESUS, ENTRE 1920 e 1926											
Ano	Instrução militar	Banda de música	Pianistas	Violinistas	Cantores	Violão Bandolim	Flauta	Dactilografia	Árabe	Desenho Pintura	Fanfarras
1920		25	24	30				100			64
1921			28	52	150						
1922	56	40	25	37	53			90			30
1923	41	60	29	69	100	10	7	105		12	40
1924	35	65	43	56	120	7	16	120	8	16	40
1925	35	52	41	60	139	11	20	187	17	17	
1926	50	40	36	56	196	23	11	347		13	

FONTE: Anuários e *O Liceu*.

O oratório festivo era muito movimentado. Em 1915, fizeram 261 primeiras comunhões em vários grupos. Sessões de cinema cada 15 dias, espetáculos, comédias, monólogos, canto e banda constituíam os maiores chamarizes para a meninada. Numa rifa (1915), apresentaram-se 1.389 oratorianos ²⁸!

A Associação dos Ex-alunos mantinha uma frequência de 60 a 80 sócios, das 19 às 22 horas, havendo ocasiões em que excedia a uma centena. Em 21 de junho de 1920, no intuito de concorrer para seu maior desenvolvimento, montou uma sala de jogos para

os ex-alunos que se incorporariam, com os demais recém-saídos dos colégios salesianos, a Seção-Jovem da Associação *.

Funcionava ali semanalmente, em três aulas, à noite, um Curso Superior de Religião, cujo lente era o Pe. Henrique Mourão (1915). Havia ainda aulas de comércio e línguas vivas, música vocal e instrumental, um habilíssimo grupo filodramático, além de uma biblioteca, revistas e jornais, tudo à disposição dos sócios²⁹.

Vê-se assim que o Pe. Henrique Mourão conseguiu montar uma estrutura artístico-recreativo-musical-dramática como talvez nenhuma outra instituição escolar no Brasil jamais o tenha feito, o que facilitava infinitamente à montagem de qualquer festa ou celebração, dando-se ao luxo de até improvisar e com brilhantismo.

Tornou-se o Liceu famoso e constituiu-se uma atração e uma aspiração de todo jovem nele ingressar como aluno. Quem escreve, ouviu de um professor da Universidade Federal de Viçosa: "Meu sonho era estudar no Liceu Coração de Jesus".

E a seriedade nos estudos?

Toda essa estrutura estava montada no sentido de produzir o máximo rendimento com o menor esforço. Os alunos deveriam sentir-se estimulados para o estudo.

Efetivamente, o Pe. Pedro Rota, em suas cartas aos superiores gerais, demonstrava sua preocupação em manter no mais alto nível a vida religiosa e o rendimento escolar dos colégios salesianos. As manifestações desportivas, militares, os passeios (que eram semanais, às quintas-feiras) e excursões deveriam incentivar e não prejudicar os estudos.

Escrevendo ao Pe. Paulo Álbera, reitor-mor dos salesianos, dizia que os grandes desfiles do Rio de Janeiro, de setembro de 1917, não haviam trazido inconvenientes para a disciplina e para os estudos: a primeira estava ótima e os segundos muito bons. Aliás, já no tempo de preparação, fizera-se observar aos alunos que a passeata seria um prêmio para o bom procedimento e aplicação. O percentual de aprovação nos exames oficiais foi superior ao do ano anterior (85% para Lorena e 86% para Niterói)³⁰.

Após os grandes desfiles da "Brigada Branca", os alunos do Liceu Coração de Jesus fizeram o retiro espiritual para depois

* "O Liceu foi o berço dessa obra salesiana no Brasil; foi no seu recinto que se organizou o primeiro centro da Associação de Ex-alunos de Dom Bosco". Cf. *Anuário do 30.º ano letivo do Liceu...*, 1915, p. 30.

dedicar-se com todas as energias à preparação aos exames finais. "*In malevolam animam non intrat scientia*" era a crença e norma pedagógica ³¹.

Pe. Mourão criou ainda os chamados *Pontos de Diligência* (27.02.1918): todo aluno que durante as aulas tivesse bom comportamento e aplicação teria direito a um ponto de diligência ³².

Mediante esses pontos poderiam os alunos no fim do mês fazer jus a um prêmio que consistiria em poder assistir a uma sessão cinematográfica especial e expressamente organizada para tal fim. Muitos foram os alunos que com tal estímulo fizeram reais melhoras em comportamento e aplicação, conseguindo assim, além do mencionado prêmio, serem promovidos de aula o que era a maior aspiração de um bom estudante.

A diretoria do Liceu deu por bem empregados os esforços pecuniários realizados por tal objetivo, pois assim, muitos alunos corresponderam aos sacrifícios de seus pais para uma boa educação ³³.

Pe. Henrique Mourão foi mais além. Incumbiu o Prof. Rodolpho dos Santos, secretário da Congregação dos Professores do Liceu, a redigir "para uso dos professores" uma "Breve Resenha das principais resoluções, avisos e conselhos pedagógicos" extraídos das atas das reuniões do Corpo Docente Externo do Liceu, nos anos de 1916 a 1921. Esse livrinho merece ser lido ainda hoje!...

Os resultados não se fizeram esperar. Em 1919, apesar da gripe que obrigou o Liceu a fechar por uns tempos, a percentagem de aprovação de alunos do Liceu no Ginásio do Estado de São Paulo chegou a 93%, certamente uma das mais altas a que tenham atingido os colégios no Brasil, mesmo os que eram favorecidos pelas bancas examinadoras. No ano seguinte, houve 123 inscrições nas diversas disciplinas do Curso de Preparatórios. Teria havido mais, se a excessiva morosidade das chamadas aos exames não obrigasse muitos dos alunos do interior a desistir, apesar de preparados. A percentagem de aprovação alcançou 90% "incontestavelmente um extraordinário sucesso" ³⁴.

Muito concorreu para isso a comodidade, o conforto, a tranquilidade absoluta da Chácara do Recreio, em Santana, onde foi construído "um excelente prédio (...) expressamente para a instalação dos (...) preparatorianos, durante os longos dias de espera pela chamada dos exames".

Além disso, conseguira o estabelecimento novo material científico, importado da Alemanha, da célebre fábrica Max Kohl, de Chemintz.

Curiosa a circunstância de ter sido esse material encomendado para a renovação dos gabinetes do próprio Colégio Pedro II, o colégio padrão do Brasil, até 1971. A grande demora na remessa, devido a guerra européia, fez com que aquele colégio desistisse da encomenda e a transferisse a uma casa dos Estados Unidos.

O Liceu aproveitou a oportunidade para adquirir esse material, meticulosamente escolhido e solicitado pelo professor de Física do Colégio Pedro II. Ainda hoje grande parte desse material existe e está guardado no Museu no Liceu Coração de Jesus e pode ser usado em aula ³⁵.

“Fiquei (...) maravilhado ao entrar no Liceu...”

Os que tiverem a oportunidade de manusear as fotografias da época, verão a alegria, o orgulho e a felicidade irradiarem dos semblantes dos meninos do Liceu.

Não faltam testemunhos escritos. Para ilustrar serão apresentados alguns.

Um deles, José, entre outras escrevia em 20 de fevereiro de 1919 ³⁶:

Confesso-te claramente que fiquei encantado contemplando o magnífico aspecto que oferece presentemente a parte interna do Liceu...

... vêes que grande passo deu o Liceu neste ano em todos os sentidos; não é pois de admirar que nos encontremos sempre mais contentes vendo os esforços de nossos superiores...

De Arnaldo Silveira Avancini, que foi coronel-comandante do Batalhão Colegial, de Bagé (RS) ³⁷:

Oh! que saudades que tenho, Pe. Zai, do Liceu! Daquele garboso regimento! Daquela belíssima banda de música! Daquele desfilar de jovens pelas ruas da formosa São Paulo! Tudo passa pela minha mente como se eu aí estivesse.

Agora me acho longe daquele bulício de jovens por aqueles pátios enormes e daquelas arcadas sem fim.

O acadêmico de medicina da Universidade do Paraná, Eduardo Haj Mussi, também comandante do regimento do Liceu, endereçava uma carta de Curitiba (18.04.1921), da qual apraz-nos tirar alguns tópicos significativos ³⁸:

Tenho imensas saudades do Liceu onde passei dias felizes. Senti muito não poder ver a V. Rev.^{ma} quando aí estive, pois ainda tenho bem gravados na mente constantemente, quer como catequista, quer quando conselheiro escolar. Se há um superior aí no Liceu a quem eu devo benefícios e grandes benefícios, é ao padre

Francisco Zai. (...) Ainda me lembro perfeitamente de nossas festas ginásticas e militares, do nosso caro regimento e dos inquecíveis camaradas do 1.º batalhão que tive a honra de comandar.

Também não me posso esquecer das importantes paradas, dos grandiosos desfiles, das passeatas patrióticas. — Lembra-se daquela vez, quando foi da homenagem que o Liceu prestou à Imprensa, que eu dei uma voz de comando e o povo apinhado na praça Antônio Prado entusiasmou-se a ponto de prorromper em estrepitosas palmas? Que delirante entusiasmo o daquela noite célebre!

E o passeio ao Rio? Que bela página escreveu o Liceu naqueles dias memorandos! Com que ardoroso entusiasmo nos preparou o saudosíssimo tenente Rosalvo Tanajura, tão prematuramente vitimado por aquele desastre de aviação! E como souberam os guapos rapazes do Liceu corresponder aos seus abnegados e patrióticos esforços!

São tempos que já se foram e não voltam mais... Ficam, porém, sempre gravados no coração onde instilam sempre o suavíssimo bálsamo da saudade...

Essas cartas são suficientes para conhecer-se o estado de ânimo dos alunos do Liceu.

Ao internato do Liceu acorriam alunos de todo o Estado de São Paulo e também dos Estados vizinhos e até de Mato Grosso, da longínqua Bela Vista. Em 1915, havia alunos de 99 cidades e/ou localidades do Estado. Em 1920, 151 cidades paulistas tinham alunos no estabelecimento! Quase 20 cidades mineiras mandavam seus filhos para o Liceu, sobressaíndo-se o Triângulo Mineiro.

Em fevereiro de 1921, dois padres salesianos foram ao Paraná e trouxeram 40 alunos, em carro especial. Só da cidade de Ponta Grossa vieram 30³⁹!

Pe. Henrique Mourão, ao término de seu mandato, havia conseguido um feito extraordinário: montar a maior e a melhor escola católica da América Latina, concretizando assim as aspirações do Episcopado Nacional, expressas na Carta Pastoral de D. Sebastião Leme, arcebispo de Olinda e Recife. Poucos anos depois Pe. Henrique Mourão era elevado à dignidade episcopal.

* * *

NOTAS

¹ *Anuário do 36.º ano letivo do Liceu...*, p. XIX-XXV.

² *Anuário do 33.º ano letivo do Liceu...*, 1918, p. 36-40.

³ *Anuário do 34.º ano letivo do Liceu...*, 1919, p. 48-49.

⁴ *Op. cit.*, p. 22-24.

⁵ *Anuário do 30.º ano letivo do Liceu...*, 1915, p. 18-20.

⁶ *Anuário do 33.º ano letivo do Liceu...*, 1918, p. 70-71.

- ⁷ *O Liceu*, 1 (5), p. 18, maio 1919.
- ⁸ *Anuário do 30.º ano letivo do Liceu...*, 1915, p. 20-21.
- ⁹ *Anuário do 33.º ano letivo do Liceu...*, 1918, p. 66-68.
- ¹⁰ *Anuário do 35.º ano letivo do Liceu...*, 1920, p. 138; *Anuário do 36.º ano letivo do Liceu...*, 1921, p. 76.
- ¹¹ *Op. cit.*, p. XVI.
- ¹² *Anuário do 30.º ano letivo do Liceu...*, 1915, p. 22.
- ¹³ *Anuário do 33.º ano letivo do Liceu...*, p. 68-70.
- ¹⁴ *Anuário do 35.º ano letivo do Liceu...*, p. 148-154.
- ¹⁵ *Anuário do 31.º ano letivo do Liceu...*, p. 3.
- ¹⁶ *Anuário do 30.º ano letivo do Liceu...*, p. 22-23.
- ¹⁷ *Anuário do 32.º ano letivo do Liceu...*, 1917, p. 113; *Anuário do 33.º ano letivo do Liceu...*, 1918, p. 45; *Anuário do 34.º ano letivo do Liceu...*, 1919, p. 91-92.
- ¹⁸ *Anuário do 30.º ano letivo do Liceu...*, 1915, p. 23.
- ¹⁹ *Anuário do 33.º ano letivo do Liceu...*, 1918, p. 65; *Anuário do 36.º ano letivo do Liceu...*, 1921, p. XV.
- ²⁰ *Anuário do 32.º ano letivo do Liceu...*, 1917, p. 138.
- ²¹ *Op. cit.*, p. 140.
- ²² *Anuário do 34.º ano letivo do Liceu...*, 1919, p. 99.
- ²³ *O Liceu*, 2 (6), p. 10, jul. 1920.
- ²⁴ *Anuário do 30.º ano letivo do Liceu...*, 1915, p. 23.
- ²⁵ *Dom Bosco*, São Paulo, 1 (3), 28-30, mar. 1972. União dos Ex-alunos de Dom Bosco do Liceu Coração de Jesus da Federação Brasileira dos Ex-alunos de Dom Bosco.
- ²⁶ *O Liceu*, 2 (2), p. 6, fev. 1920.
- ²⁷ *Op. cit.*, 5; *O Liceu*, 3 (1), p. 2-4, fev. 1921.
- ²⁸ *Anuário do 3.º ano letivo do Liceu...*, 1915, p. 23-24, 28-29.
- ²⁹ *Op. cit.*, p. 30-31.
- ³⁰ Carta de Pe. Pedro Rota ao Pe. Paulo Albera, de 18.09.1917, ASC 3122-7.
- ³¹ *Op. cit.*
- ³² *O Liceu*, 1 (3), p. 5, mar. 1913.
- ³³ *Anuário do 34.º ano letivo do Liceu...*, 1919, p. 13.
- ³⁴ *Op. cit.*, p. 102-103; *Anuário do 36.º ano letivo do Liceu...*, 1921, p. VIII.
- ³⁵ *Anuário do 34.º ano letivo do Liceu...*, 1919, p. 12.
- ³⁶ *O Liceu*, 1 (3), p. 7, mar. 1919.
- ³⁷ *Op. cit.*, 2 (2), p. 25, fev. 1920.
- ³⁸ *Op. cit.*, 3 (3 e 4), p. 56, abril-maio 1921.
- ³⁹ *Op. cit.*, 3 (1), p. 6, fev. 1921.

XIII

CRESCENDO NA CRISE

O governo de Epitácio Pessoa rompeu com a tradição ao nomear ministros civis para pastas militares. Esse fato desagradou profundamente aos militares e provocou uma reação em cadeia que perturbou aquele quadriênio e o de Artur Bernardes, que foi obrigado a governar o País em estado de sitio contínuo¹.

Fenômeno típico da década de vinte é o *tenentismo* que pretendia modificar os hábitos políticos. Assim temos o *Levante de Copacabana* (julho de 1922) e a *Revolução de 1924*, de Isidoro Dias Lopes, em São Paulo. Esses e outros, sem apoio popular, não alcançaram êxito. Demonstravam, porém, a inquietação existente no operariado e na classe média.

O período de após-guerra caracterizou-se por uma prosperidade econômica que serviu de palco para as lutas políticas. Artur Bernardes dirigiu o País nos anos de prosperidade, atingindo o café o maior valor ouro do decênio 20-29².

De São Paulo, partiu também um movimento de renovação literária e artística, significativo da mudança de mentalidade: a *Semana de Arte Moderna* (maio de 1922).

Ecoavam no Brasil as grandes reformas educacionais européias e americanas, gerando uma grande efervescência doutrinária que marcou o Congresso Brasileiro de Instrução Secundária e Superior (1922). Foi fundada em 1924 a Associação Brasileira de Educação. Houve amplos debates na imprensa e no Congresso Nacional³.

Nesta década cresceu a influência da Congregação Salesiana no Brasil, com a brilhante atuação dos bispos salesianos e a entrada de mais cinco, ou seja, D. Manoel Gomes de Oliveira, D. Henrique Mourão, D. Antônio de Almeida Lustosa, D. Vicente Priante e D. Pedro Massa. No plano nacional era inegável a influência de D. Helvécio Gomes de Oliveira, que inclusive serviu de intermediário na rendição das tropas leais às forças revolucio-

nárias de Antônio Carlos Ribeiro de Andrade, presidente do Estado de Minas Gerais, e de D. Aquino Correia ⁴.

Esse o panorama em que se desenvolveria a caminhada do Liceu nos anos vinte.

Centenário da Independência

Transcrevemos os fatos narrados pelo Pe. Marcigaglia ⁵:

O ano de 1922 apresenta-se revestido de uma cor especial, com fortes reflexos de verde e ouro.

Houve grandes festejos em toda a parte, principalmente no Rio, em São Paulo e em Santos.

... a cidade de São Paulo já contava com 522.000 habitantes.

Foi realmente uma grande festa... No mesmo dia 7 de setembro, houve a solene inauguração do monumento do Ipiranga, o maior do Brasil, no lugar histórico do "Independência ou Morte" de D. Pedro I.

Na mesma ocasião foi inaugurado o grandioso parque anexo, que, numa linda sucessão de jardins e fontes, liga o monumento ao Museu Paulista, que naquela ocasião foi remodelado e ampliado.

Em Santos houve a inauguração do monumento dos Andradas e da estátua de Bartolomeu de Gusmão, a inauguração do Panteão dos Andradas e da Bolsa do Café. O programa estava cheio.

O Liceu Coração de Jesus desenvolveu o seguinte programa:

a) Durante o ano comemorou as datas nacionais com maior brilhantismo que de costume, tendo os melhores professores proporcionado aos alunos, vez por vez, preleções históricas, elucidando o fato comemorado, principalmente nas suas relações com a independência.

b) Aos alunos foi concedida uma semana de férias extraordinárias em setembro, facilitando assim a reunião dos membros de cada família para a comemoração do grande acontecimento no aconchego do lar.

c) Realizou-se em outubro uma grande romaria cívica ao monumento do Ipiranga, na qual tomaram parte todos os alunos e o corpo docente.

d) No dia 12 de outubro, os alunos internos e externos do Liceu, junto com os do Liceu N. S.^a Auxiliadora, de Campinas, após um imponente desfile pela cidade, uniformizados, num total de 1.800, concentraram-se ao pé do monumento do Ipiranga, onde foi realizada uma imponente cerimônia, assistida por quatro bispos, diversos prelados, general comandante da Região, famílias dos alunos e grande massa popular. D. Aquino Correia pronunciou

um magnífico discurso. Os alunos estenderam a mão direita e repetiram as palavras do “juramento do centenário”. O canto do Hino Nacional encerrou a solene cerimônia, que “deixou a mais profunda impressão no ânimo dos alunos e dos assistentes”. Na cerimônia D. Aquino leu sua formosa composição poética escrita expressamente para a ocasião: “Carne Secular”.

Na volta, tomaram parte na inauguração do monumento a Carlos Gomes. O fato impressionou *O Estado de S. Paulo*, que escreveu:

A nossa impressão maior, porém, foi no fim da inauguração, ao ouvir o nosso hino cantado pelo batalhão e pelos escoteiros salesianos, reunidos ao pé do monumento, e que antes de retomarem a marcha para o Coração de Jesus, prestaram essa homenagem patriótica. E, comovidos com aquelas vozes, intimamente lamentamos que as nossas escolas públicas não estivessem ali também a prestar igual preito a um gênio brasileiro...

e) Em 15 de outubro foi promovido “dia de ação de graças” a Deus pelos benefícios outorgados ao Brasil durante um século de independência.

f) No mês seguinte, dia 12, deu-se a inauguração da reforma da torre e douração da imagem, e também do órgão, cujas despesas fortes não pesaram sobre o Liceu: um grupo de generosos frequentadores do santuário tomou a seu cargo toda a despesa.

Um dos números considerados mais significativos das comemorações do Centenário no Liceu foi a inauguração da nova sede dos ex-alunos. O lançamento da primeira pedra deu-se em 26 de outubro de 1921 — uma cerimônia imponente. O plano e a sua execução foram confiados ao engenheiro Isidoro Marcigaglia, ex-aluno do Liceu. O projeto previa acomodações para conferências, concertos, aulas noturnas etc., como ainda um serviço completo de informações gerais sobre o Brasil, estatísticas, mapas, história, tudo, enfim, que se relacionasse com a grandeza de nossa pátria e com o florescimento da associação.

No dia 8 de outubro de 1922, inaugurou-se uma parte importante da nova sede.

O externato do Liceu ganhou uma nova sala, o pátio foi reformado e recebeu novo mobiliário para algumas salas de aulas. Teve a instrução militar. Foram franqueadas aos seus alunos do Curso de Preparatórios as aulas de revisão na chácara do Liceu, o que era até então exclusivo dos alunos internos.

Os mais miúdos, pirralhos da numerosa divisão dos menores internos formaram a Quinta Divisão, “um irrequieto enxame infantil”... Gozava de umas tantas regalias: um belo dormitório todo branquinho, com mobília nova, água corrente e especial

vigilância para asseio pessoal; refeições à parte, sala de estudo separada, com aulas de leitura e contas durante o estudo da noite, recreios mais frequentes e aulas mais curtas. Sua principal regalia era o dormir mais cedo. Era uma notável iniciativa para a época!

As Escolas Profissionais não ficaram atrás. Recebeu a tipografia uma nova e moderníssima máquina de cilindro, Autocromo, marca Albert e C. de Frankenthal, Baviera. No dia 24 de dezembro inaugurou-se uma exposição permanente de trabalhos escolares e profissionais: uma boa demonstração, documentada e progressiva do aproveitamento dos alunos, como ainda um estímulo para se aperfeiçoarem cada vez mais na sua arte ou ofício⁶.

Uma iniciativa notável foi a fundação do “Pequeno Clero” do Santuário do Coração de Jesus (23.06.1922). Era constituído de alunos do Liceu anexo e tinha por fim “dar realce e esplendor às funções religiosas...”. Constava de quatro seções: menores, médios, sub-médios e maiores. Cada seção tinha um número limitado de membros, ou seja: menores, 20; sub-médios, 20; médios, 15; maiores, 15. No dia da fundação foram aceitos 53.

O santuário fornecia as batinas e sobrepelizes convenientemente numeradas, para cada um. Eram deveres dos sócios⁷:

- a) bom comportamento; quem não recebesse atestado, seria excluído;
- b) apresentar-se bem trajados, com botinas pretas, engraxadas, mãos limpas, unhas aparadas;
- c) observar o silêncio, voltar imediatamente para a divisão, onde quer que estivesse;
- d) ser de bom exemplo aos outros nas orações, nos cantos sagrados e nas visitas ao SS. Sacramento;
- e) fazer com que muitos alunos aprendessem a ajudar bem a missa.

Todos os sócios do clero, além de ajudar a missa, deviam aprender bem as funções religiosas, que se realizassem no santuário, inclusive missa cantada, procissões, assistência pontifical e Semana Santa.

As aceitações eram feitas pelo diretor. Seu padroeiro: São Tarcísio.

“O Pequeno Clero” tem prestado inestimáveis serviços ao Santuário do Coração de Jesus, à Igreja e à Congregação Salesiana. Tem sido um celeiro de boas vocações religiosas e sacerdotais. Vários bispos e arcebispos saíram de suas fileiras.

Congresso do Sagrado Coração de Jesus

O fato mais importante, segundo Pe. Marcigaglia, de 1923, no âmbito salesiano do Brasil, foi o III Congresso Salesiano do Sagrado Coração de Jesus, realizado em São Paulo, em outubro desse ano, pela concorrência de povo e autoridades, pelos assuntos tratados, pelo brilhantismo das funções religiosas.

Muitos bispos e prelados nele tomaram parte, dando autoridade e importância às suas sessões.

Foi coisa muito natural e lógica a escolha do Liceu para a sede do congresso. O Liceu nasceu à sombra do Santuário do Sagrado Coração de Jesus. Os principais acontecimentos se desenvolveram em torno do santuário, segundo raciocina Pe. Luiz Marcigaglia: "Eis por que se afirma que o Santuário do S. Coração é a razão histórica da fundação do Liceu".

A missa campal teve grande brilho e numerosa assistência: todos os alunos do Liceu, todas as Associações do Santuário e da Paróquia de N. S.^a Auxiliadora do Bom Retiro e uma grande multidão de povo. A missa foi celebrada no pátio central, aos pés da histórica imagem do Sagrado Coração, venerada desde os inícios no santuário e levada numa grandiosa e devota procissão, no encerramento do congresso (21.10.1923). Sendo muito pesada para um andor comum, foi usado o *chassis* de um caminhão que as irmãs do Colégio Santa Inês transformaram num jardim de flores e de anjos. "Uma beleza" — exclamava Pe. Marcigaglia.

A propósito deste andor, Pe. Marcigaglia narra um episódio relativo à publicação de um impresso sobre os festejos⁸:

Na primeira ocasião que o Sr. Arcebispo foi ao Liceu, o diretor, na presença de outros sacerdotes, na assim chamada "sala branca", ofereceu-lhe um exemplar daquele impresso. S. Ex.^a, folheou suas páginas, olhou atentamente as gravuras e depois disse solenemente:

— A idéia do automóvel foi uma péssima idéia!

Diante daquele impacto sem prévio aviso, o diretor, que fora o autor da idéia, tentou alinhavar às pressas algumas explicações:

— O ano passado, no fim do Congresso Eucarístico do Rio, levaram o SS. de carro. Igual coisa aconteceu no recente congresso de Gênova. E isto não é novidade: no célebre Congresso Eucarístico de Viena, em 1912, o SS. foi levado na procissão final, na famosa caleche de Maria Teresa...

S. Ex.^a ouviu calado, de cabeça baixa, toda aquela erudição barata. Depois, erguendo a cabeça, repetiu firme e incisivo:

— A idéia do automóvel foi uma péssima idéia!

— Queira desculpar. Entretanto é certo que V. Ex.^a aprovou o programa...

— Aprovei? Está bem.

De fato, o programa foi previamente apresentado ao Sr. Arcebispo mas nele não se falava do automóvel...

Passaram os anos. Em 1931, houve, no Rio, uma grande procissão em honra de N. S.ª Aparecida...

Também o humilde escritor (...) lá estava na procissão (...). Iamos processionalmente da Catedral à esplanada do Castelo, quando, rematando a procissão, apareceu o carro da imagem de N. S.ª Aparecida, no qual, assentado, o Sr. Arcebispo de São Paulo levava devotamente nas mãos a taumaturga imagem!...

Esfreguei os olhos para ver melhor ... e fui logo procurar o Pe. Emilio Miotti, testemunha da cena da entrega da plaqueta a D. Duarte.

— Nada como um dia depois do outro. Veja aquilo! “A idéia do automóvel foi uma péssima idéia!”...

O problema das anuidades

A 11 de junho de 1923, Pe. Luiz Marcigaglia dirigia-se aos pais dos alunos solicitando-lhes colaboração no sentido de conjugar “todas as forças e a boa vontade de todos para continuar a marchar bem, com toda a precisão e com a maior eficiência, este grande organismo que é o Liceu”⁹.

Mostrava-se acanhado ao pedir “um pequeno aumento na contribuição”. Verdade é que todos os internatos de São Paulo já o haviam feito. O “crescente encarecimento da vida”, os grandes gastos na conservação do edifício, a manutenção dos alunos faziam-se sentir e causavam profunda preocupação, uma vez que os salesianos nada poupavam para que o Liceu caminhasse na “vanguarda dos melhores estabelecimentos, procurando proporcionar aos alunos a melhor educação e o melhor ensino, zelando com todo carinho nas condições de saúde e de bem-estar”. Apesar do “pequeno aumento”, o Liceu continuava sendo o colégio mais barato da Capital paulista.

“Para desfazer qualquer surpresa” desagradável, recordava as seguintes razões:

1.º — Os salesianos nada ganhavam e nada guardavam para si. Todos os recursos recebidos eram totalmente empregados no funcionamento e melhoramento do Liceu, no serviço da dívida e na educação dos meninos pobres.

2.º — O Liceu procurava reduzir ao mínimo as despesas “extra” para auxiliar as famílias e incutir nos alunos hábitos de economia.

3.º — As taxas de ensino, no internato, estavam incluídas na pensão, não se cobrando taxas especiais de “diversões”, “passeios”, “caixa escolar”, “exames”, “gabinetes” etc.

4.º — Não se cobravam à parte o ensino de línguas, desenho, canto, banda de música, banda de cornetas e tambores, ginástica e declamação, estenografia, francês, latim e italiano.

5.º — Como indispensável complemento do internato, o Liceu ainda mantinha a sua chácara *que era fonte de despesa, mas que prestava os melhores serviços aos alunos*, como lugar de passeio e diversões, estação de saúde e colégio ideal para as férias, no qual os ginásianos se preparavam excelentemente para os exames parcelados.

6.º — A oficialização do Curso Comercial do Liceu, se por um lado era uma indiscutível vantagem para os alunos, por outro implicava num aumento de despesas para o seu funcionamento.

Em 1925, em reunião, de 13 de outubro, do Conselho da Casa, quando da discussão da quantia a ser paga por cada aluno que desejasse candidatar-se para os exames parcelados, Pe. Luiz Marcigaglia fez algumas considerações surpreendentes para o leitor de hoje ¹⁰:

Sempre costumamos lamentar a imprevidência dos primeiros salesianos que não pensaram no desenvolvimento que teria a obra mais tarde e a restringiram em um espaço que agora é insuficiente.

Ao par dessa constatação temos outra a fazer e é que nas proximidades do Liceu é quase impossível pensar-se em adquirir terrenos visto não só a alta dos preços mas também que não existem terrenos baldios.

O Liceu possui algumas casas em São Paulo e um terreno em Santos, não é do espírito de nosso regulamento conservarmos bens imóveis.

Finalmente após essas considerações sem o menor interesse, e depois de bem considerada a situação precária do Liceu em questões financeiras, apresentava ao juízo do Capítulo da casa a idéia de se adquirir o próprio da família Dumont situado na alameda Nothmann esquina com a Al. Cleveland. O terreno indicado não chegaria propriamente até a Al. dos Andradas, mas era limitado por esse lado por casas de pouco valor pertencentes ao patrimônio do bispado de Taubaté. Acrescentou mais V. Rev.^{ma} que estavam em tratativas para adquirir esse terreno as proprietárias de um colégio leigo feminino.

O preço da casa e terreno indicado é de 300:000\$. Fez ver o seu desprendimento e o embaraço que isto traria ao Liceu e pôs a proposta em votação. Apurados os votos verificou-se o resultado. Favoráveis à compra do terreno cinco votos. Contrários à compra do terreno dois votos.

Sendo assim aprovada a compra fez-se observar que para não sobrecarregar o Liceu com ônus tão grave deveriam vender-se todos os imóveis que ele possuía quer na Capital como fora dela.

Parece que os problemas do Liceu reapareciam, e numa fase em que o estabelecimento estava em ascensão e quase no apogeu.

A explicação das dificuldades financeiras viria em outra reunião quando voltou à baila, de novo, discussão sobre a necessidade de aumentar as pensões dos alunos, julgadas pelo diretor, insuficientes para cobrir os gastos (14.12.1927): o Conselho julgou “melhor conservar as mesmas pensões, considerando especialmente que” era “pela modicidade” delas que podia atrair os alunos que de outra forma preferiam colégios que concedessem regalias que o Liceu não poderia dar”.

As pensões do Liceu eram mais baixas que as dos outros estabelecimentos e não poderiam aumentar sem que se corresse o perigo de perder alunos.

O terreno e a casa não foram comprados, pelo menos as atas das reuniões do Conselho não trazem qualquer referência ao assunto. Parece ainda que outras preocupações, como veremos a seguir, ganharam foros de prioridade. Não deixa, contudo, de ser lamentável a desistência da realização do negócio.

Novas instituições e o novo edifício do Externato

O ano de 1924, apesar da Revolução de Julho que descreveremos posteriormente, foi rico em realizações: criação do Museu Comercial (22 de janeiro), inauguração do Colégio Infantil — a chamada *Quinta Divisão* — na chácara do Liceu com 50 alunos dos menores (5 de fevereiro), a criação do Oratório Festivo de Nossa Senhora da Conceição e o início das obras de construção do externato do Liceu (1.º de dezembro).

No ano seguinte, eram inauguradas a nova Escola de Tipografia (19 de março), a Caixa Colegial (1.º de maio), uma nova máquina tipográfica (8 de maio), o Museu Comercial (5 de junho).

A inauguração da Caixa Colegial foi considerada um avanço para o Curso Comercial do Liceu. Era um verdadeiro banco onde circulavam os (diminutos) capitais dos alunos: estava organizada com toda a Contabilidade Bancária Real, de maneira que, embora em miniatura, os alunos do Curso Comercial praticavam os pontos mais importantes da profissão que deviam seguir.

A construção do edifício do externato foi possível graças ainda à generosidade do Dr. Zósimo Barroso e de sua esposa Francisca Miquelina Barroso, falecidos em Lausanne, na Suíça. Sobre eles e sobre a construção, assim escreveu o cronista do *Anuário* de 1927:

Bons compatriotas, não esqueceram, em seu testamento, do Estado do Ceará (sua terra de origem) e do Estado de São Paulo, onde viveram tantos anos. Aqui conheceram o nosso Liceu, quase nos seus inícios, quando se começava a construir a torre do santuário. Quiseram auxiliar a Obra Salesiana e estabeleceram que o

seu donativo não devia sair do "Estado de São Paulo". E aqui ficou. De acordo com o Pe. Inspetor de então, todo o produto do legado Barroso foi investido no novo externato.

Da liquidação do legado (descontando o valor de diversos *onus* perpétuos assumidos, as despesas de transporte dos cadáveres da Suíça para o Brasil, despesas judiciais e outras, as taxas inspetoriais etc.) o Liceu auferiu perto de duzentos contos de réis. A construção do externato custou 291:625\$, sem contar o alpendre de cimento armado (29:000\$), a demolição do externato antigo, as novas instalações sanitárias, a indenização à E.A.S., a mobília escolar toda nova e outros acabamentos. Donde se pode concluir que o Liceu entrou, de sua parte, com uns 150 contos, mais ou menos.

A inauguração realizou-se em 30 de maio de 1926, com a bênção litúrgica dada por D. Henrique Mourão, bispo de Campos e ex-diretor do Liceu, ao novo edifício e ao alpendre que liga a ala da Al. Barão de Piracicaba (do internato) com a nova construção, passando pelo teatro. Na mesma ocasião, na sala de visitas do externato, foram inaugurados os retratos do Dr. Zósimo Barroso e de D.^a Francisca Miquelina Barroso.

Uma parte importante da nova construção era o amplo terraço, destinado a ser o pátio dos semi-internos. Dali se descortinava magnífico panorama. O terraço veio ampliar a área destinada ao recreio. Os pátios eram demasiado pequenos para o número de alunos matriculados. Por isso também, para descongestionar os pátios nas horas dos recreios, é que o externato foi dividido em dois períodos¹².

O Curso Comercial do Liceu e as reformas de ensino

O Curso Comercial do Liceu foi reconhecido pelo Governo Federal, pelo Decreto n.º 4.724, de 23 de agosto de 1923. Comunicando a notícia aos pais dos alunos do Liceu, escrevia Pe. Luiz Marcigaglia: "É lisonjeiro constatar que nada há a modificar nos nossos programas de ensino para pô-los de acordo com a nova lei. Este fato constitui mais uma prova da nossa boa organização escolar"¹³.

A nova lei de ensino — Decreto n.º 16.782-A, de 13 de janeiro de 1925, tornou obrigatória a seriação do curso secundário e aboliu o sistema de exames parcelados, instituído em 1915.

O Liceu adotou o novo regime que trazia, porém, graves inconvenientes como o aumento das despesas (encarecendo cada vez mais o ensino), a constituição de juntas examinadoras, a impossibilidade de um critério igual e certo nas diversas juntas, a morosidade da correção das provas escritas, a aprovação ou reprovação por processo mecânico de soma e divisão, em substi-

tuição a um verdadeiro julgamento e sem a menor atenção à nota do ano e outras circunstâncias importantes etc.

Pe. Luiz Marcigaglia perguntava ¹⁴:

E por que não poderia haver também um lente do colégio em cada comissão? Ou pelo menos por que não se permite uma consulta à nota anual que é de fato o expoente do preparo do aluno? Essas medidas não são absolutamente contrárias a nenhum artigo da lei.

Foi preciso esperar 48 anos para que a nota anual fosse considerada preponderante sobre as notas das provas finais pela legislação de ensino!...

Em reunião da diretoria (fevereiro de 1925), foi criado o grau de bacharel em Ciências e Letras pelo Liceu Coração de Jesus, para os alunos que concluíssem o curso ginásial integral. No mesmo ano, D. Henrique Mourão, restaurador do Curso Secundário Ginásial, paraninfava os nove primeiros bacharéis entre os quais se achava Zepherino Vaz, fundador e reitor da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Ainda em 1925, o Ministro da Agricultura, Obras Públicas e Comércio reunia os representantes das Escolas de Comércio do País para discutir as bases da reorganização do ensino comercial (30.05.1925). O diretor do Liceu, Pe. Luiz Marcigaglia, lá esteve, agiu e votou segundo as sugestões que apresentou.

Entre as medidas indispensáveis para realizar a organização planejada, sugeriu as seguintes ¹⁵:

I — Urge organizar definitivamente o ensino comercial em moldes mais amplos e mais determinados do que os que foram apenas esboçados pelo Decreto n.º 1.339, de 9 de janeiro de 1905.

II — O governo deve fundar uma Escola Oficial de Ensino Comercial que sirva de padrão e modelo para os estabelecimentos particulares congêneres.

III — As escolas de comércio que já obtiveram favores oficiais, ou que venha a obtê-los no futuro, nos pontos fundamentais, de acordo com a escola-tipo criada pelo governo...

IV — É preciso dar garantias legais aos guarda-livros e contadores formados em Escolas Oficiais ou equiparadas e regularizar a situação legal dos que já estão no exercício de sua atividade.

Apresentou em seguida, em linhas gerais, um ensaio de organização do ensino comercial. Compreenderia este, três cursos: o *Fundamental*, de dois anos, que daria o diploma de datilógrafo; o *Médio*, de três anos, que formaria o contador; e o *Superior*, de três anos que formaria o graduado em ciências econômicas. Presente-se em seu projeto que Pe. Marcigaglia pensava na criação das Faculdades de Ciências Econômicas no Liceu, já em 1925.

Além das matérias teóricas dos cursos, propunha que os alunos deviam “exercitar-se na prática do comércio, especialmente: condicionamentos, embrulhos, embalagem, encaixotamento, trato com o público, prática de balcão, prática de escritório, prática bancária”.

II — De grande alcance seria também a instrução profissional, nalguma arte ou ofício à escolha do aluno.

III — As Escolas de Comércio devem ter os seguintes anexos: Gabinete de Física, Laboratório de Química, Museu de História Natural (com um mostruário comercial o mais completo possível), aparelho de projeções fixas e animadas, Banco e Escritório modelo.

IV — Anualmente deverão ser feitas aos alunos algumas conferências com projeções sobre assuntos análogos às matérias que estudam.

V — Além das matérias indicadas, os estabelecimentos de ensino poderão acrescentar nos seus programas uma ou duas matérias, de acordo com as conveniências locais ou regionais.

VI — Medidas lembradas para proteção legal dos contadores formados: Obrigar comerciantes, empresas e estabelecimentos a terem guarda-livros formados ou habilitados — responsabilidade direta do guarda-livros na escrita comercial — tornar obrigatória a contabilidade agrícola — não nomear peritos, em pleitos judiciais, indivíduos sem preparo técnico e sem idoneidade moral — por cobro à indústria das falências e concordatas — não permitir publicação de balanços de sociedades anônimas ou empresas por indivíduos não formados etc.

A proposta do Pe. Luiz Marcigaglia, já em ato no Liceu, foi publicada no *Diário Oficial* de 28 de maio de 1925.

No ano seguinte, saía o Decreto n.º 17.329, de 28 de maio de 1926, que formulava o ensino comercial no País, englobando quase todas as sugestões apresentadas pelo diretor do Liceu. As diferenças diziam respeito à estrutura. Pe. Marcigaglia preconizava três fases: Fundamental, Médio e Superior (2-3-3), enquanto o Decreto apenas duas: Fundamental e Superior (4-3). A do diretor do Liceu tinha um ano a mais.

O Curso Comercial do Liceu tinha-se tornado o mais importante dos cursos *secundários*, como se chamava na época, contando, em 1926, 502 alunos. O Curso Secundário Ginásial tinha 160. O mais numeroso era o Primário, com 1.279 alunos. Isso tudo provava, são palavras do Pe. Luiz Marcigaglia, o caráter prático e popular do Liceu ¹⁶.

Mas havia também dificuldades de o Liceu adequar-se à nova legislação do ensino comercial, como consta da reunião da diretoria, realizada em 17 de junho de 1926 ¹⁷:

Tratou-se ... da reforma do ensino comercial e vista a impossibilidade de adaptá-la como dizia a lei, em 1.º de julho resolveu-se

continuar no "status quo" à espera de que viesse alguma informação e caso não se pudesse resolver de outra forma, antes que transformar os horários e a organização da nossa Escola de Comércio, seria preferível desistir da equiparação.

A nova legislação do ensino comercial foi publicada várias vezes no *Diário Oficial*, com profundas alterações¹⁸.

A diretoria do Liceu concluiu que era inútil discutir a *seriação das matérias*. Era preciso esforçar-se para pô-la em prática, no que era possível, o que ocorreu logo com sua aplicação, em 1927, aos exames de admissão e ao 1.º ano do Curso Comercial¹⁹.

É digno de registro a tentativa de fazer retornar ao Liceu a oficina de mecânica que se transferira para o Instituto Dom Bosco do Bom Retiro, que estava atravessando dificuldades. O diretor do Liceu iniciou até os trabalhos de adaptação da tipografia. Não se sabe por que o projeto não foi avante, apesar de contar com o aval do Conselho da Província.

O Liceu e a beneficência

Pelo Natal de 1925, o Pe. Luiz Marcigaglia escreveu um livrinho intitulado "Aos amigos e benfeitores do Liceu Salesiano".

Na introdução, apresentava o Liceu como "o popular estabelecimento desta formosa Capital paulista, a tradicional casa de Dom Bosco, casa de educação, ensino e caridade".

Notava, porém, e com pesar, nos últimos anos, uma grande diminuição nos auxílios que, em outros tempos, o estabelecimento costumava receber de seus benfeitores, apesar de as necessidades serem maiores.

Havia-se, efetivamente, formado a opinião em muitos, até em generosos benfeitores, de que o Liceu havia mudado de rumo e desviado de seu fim. Foi dito e propalado que não tinha mais alunos pobres e de que não precisava dos benfeitores.

Essa grave acusação contrariava a razão histórica da existência da instituição e a norma de sua atividade em seus últimos quarenta anos.

Escrevia Pe. Luiz Marcigaglia:

O maior bem que o Liceu faz ao povo, parece-nos, deriva do regular e sincrônico funcionamento de suas importantes seções cada uma das quais poderia constituir um estabelecimento à parte.

Citava os três oratórios festivos que então mantinha — dois no Liceu (masculino e feminino) e outro no Chora Menino —, as Escolas Profissionais (cinco oficinas com 145 aprendizes), as aulas noturnas (287 alunos), o internato, o externato e o santuário.

Havia alunos gratuitos em todas as seções, mesmo nas mais dispendiosas como o internato. O aluno gratuito não se distinguia dos demais: tinha o mesmo tratamento e as mesmas regalias. Os colegas, os professores, os superiores (salvo o vice-diretor), não sabiam se um aluno pagava a pensão inteira, a metade, ou mesmo nada.

O Liceu mantinha uma seção completamente gratuita: os alunos das Escolas Profissionais. Eles não pagavam nada, por nenhum título: nem jóia, nem mensalidade, nem taxas. Pelo contrário, ganhavam, a título de gorjeta, um pequeno ordenado. Aprendiam o ofício, tinham aulas teóricas relativas à arte e faziam um curso de estudos adequados: 3.º, 4.º e 5.º primário e mais um curso de comércio elementar (dois anos). As aulas eram dadas diariamente (das 7 às 10 horas e à noite) por professores pagos pelo Liceu.

No ano de 1925, a gratuidade custava ao Liceu 249 contos de réis.

Alguns amigos estranharam a mudança *aparente* do Liceu, sobretudo a mudança do pessoal salesiano, o que também ocorria com os institutos congêneres. Não compreendiam que a imobilidade da instituição seria a sua decadência e morte.

Diziam que a pensão era de 40\$000 por mês, ignorando que tudo havia quadruplicado de preço, pelo menos. Mesmo assim os internos do Curso Profissional pagavam apenas o dobro da antiga pensão (80\$000). Além disso, um aluno gratuito custava mais do que no final do século anterior.

ALUNOS GRATUITOS NO LICEU ENTRE 1922 e 1929						
Seção	1922	1923	1924	1925	1928	1929
Internos	40	69	90	95	33	29
Externos	55	33	56	65	113	125
Aulas Noturnas	17	20	34	48	64	121
Aprendizes	110	110	136	141	121	142
Semi-Internos	7	7	11	16	21	36
Pensão reduzida					73	40
TOTAL	229	239	327	368	352	453

FONTE: Anuários dos respectivos anos.

Acusavam a diminuição dos alunos aprendizes. De fato, no internato, sim, no externato, não. Melhor: no Liceu propriamente houve diminuição, mas no conjunto da obra salesiana em São Paulo (Liceu e Bom Retiro), não.

— *Mas, poucos são os alunos aprendizes que chegam a concluir o ofício...*

Não eram tão poucos assim. Verdade que os salesianos tinham que lutar contra a sedução do *lucro imediato*, idéia que sugestionava os aprendizes de algum adiantamento e especialmente seus pais. Os alunos ganhavam *gorjetas*, mas os pais preferiam *ordenados*, verdadeiro engodo que as oficinas por aí ofereciam e que prejudicavam fatalmente a formação de bons artífices.

Mais uma objeção:

— *Mas agora o Liceu é um colégio de gente rica...*

Pe. Luiz Marcigaglia respondia:

Deveras! Esta deveria ser a opinião dos que conhecem apenas o edifício do Liceu, — que realmente é grandioso, concordo, higiênico. De fato, há *colégios ricos* que não têm as instalações como as do Liceu. Por dentro, porém, o nosso colégio tem pouco menos do que seria necessário, nada de luxo, nada de supérfluo.

Os que nos conhecem um pouco mais de perto, os que conhecem nossa vida e os nossos alunos, estão muito longe de pensar tal coisa.

Rico o Liceu?! Dizer isto até parece pilhéria...

Continuando, asseverava que a pensão não era de ricos, aliás muito distanciada da pensão dos colégios ricos. Por outro lado *os alunos não eram ricos*, embora fossem bem recebidos os filhos de famílias abastadas, mas em igualdade de condições e de tratamento, sem nenhuma exceção. Os ricos ficariam misturados com os pobres, com os gratuitos (que ninguém sabia quais eram), estudantes e aprendizes.

Dizia ainda:

Sosseguem, porém, os alarmistas: não há sangue azul nos nossos alunos. A nobreza — do sangue ou da finança — procura outros colégios, onde há mais liberdade para os jovens, mais tempo de férias e mais saídas durante o ano letivo.

Os nossos alunos são filhos do povo. Gente remediada, classe média, pequenos lavradores, comerciantes, empregados públicos, operários e até criadas de servir — eis a grande maioria, a quase totalidade dos que têm filhos no Liceu.

Aduzia como prova flagrante ainda que dos 1.926 alunos do ano (1925), 1.261 freqüentavam o curso primário, o que indicava ser o Liceu “essencialmente um colégio popular”.

E concluía com ironia:

O sistema educativo do Liceu não é para ricos. Os alunos são educados no estudo, na piedade e no trabalho. Combate-se a preguiça, o apego às comodidades, o capricho, a arrogância. Incute-se a paciência, a tolerância, o espírito de sacrifício, a fraternidade. Os que estão acostumados a mandar e a viver debaixo da redoma, não se dão bem no ambiente do Liceu.

O Liceu não é rico, não é para ricos. É um bom estabelecimento de educação cristã. É popular, é salesiano e nada mais.

Ao afirmar que o Liceu precisava da beneficência, porque de outra forma não poderia se manter e teria de modificar seu rumo, revelava que o edifício ainda não estava todo pago e restavam os juros da dívida contraída para a sua construção.

Antes de encerrar, observava:

Entretanto convém saber que os salesianos trabalham, trabalham muito... Tudo o que conseguem em sua atividade multiplicada vai em proveito das nossas obras.

Os salesianos não têm vencimentos. Trabalham indefessamente, mas não gastam nada para si, nem para sua família. Religiosos não percebem ordenados. Dom Bosco lhes prometeu *pão, trabalho e paraíso*.

Lembrava ainda que alguns benfeitores emprestavam dinheiro a longo prazo e a juros razoáveis e “há até — heroísmo inaudito nestes tempos — quem nos empreste sem juros”.

E concluía:

Eis aí a explicação do enigma.

Nós investimos no futuro. Esperamos na Providência, que nunca falta aos que nela confiam.

* * *

NOTAS

¹ CARONE, Edgar, *A República Velha (evolução política)*, 2.^a ed., São Paulo, Difel, 1974, *passim*.

² MALTA, Paulo Roberto, *Movimentos partidários no Brasil*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1971, p. 21.

³ COSTA, João Cruz, *Pequena História da República*, 3.^a ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1974, p. 27. Giovanni Gentile, aliando a idéia hegeliana do Estado ao nacionalismo de Mazzini, à tradição católica, é o grande teórico da educação fascista que exerceu influência no Brasil, especialmente na numerosa colônia italiana que recebia enorme quantidade de material didático para divulgar a língua italiana. Cfr. também NUNES, Thetis, *Ensino Secundário e Sociedade Brasileira*, Rio de Janeiro, MEC/ISEB, 1962.

⁴ Luís Antônio, *A Universidade Temporã: o ensino superior da Colônia à Era de Vargas*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira/UFC, 1980, p. 220-221.

⁵ MARCIGAGLIA, Luiz, *Os Salesianos no Brasil (1904-1923)*, São Paulo, LES, 1958, p. 231-237, vol. II.

⁶ MARCIGAGLIA, Luiz, *op. cit.*, p. 230-242; também *Anuário do Liceu Coração de Jesus*, 37.º ano letivo. São Paulo, Escolas Prof. do Liceu Coração de Jesus, 1922.

⁷ *Anuário do Liceu Coração de Jesus*, 37.º ano letivo..., p. 12; *O Liceu*, 4 (1-2), p. 20, fev.-mar. 1922.

⁸ MARCIGAGLIA, Luiz, *op. cit.*, p. 244-247.

⁹ *Anuário do Liceu Coração de Jesus*, de 1923, São Paulo, Escolas Prof. do Liceu Coração de Jesus, 1923, p. 169-170.

¹⁰ *Atas do Capítulo da Casa*, p. 23 e 24, manusc. .

¹¹ *Op. cit.*, p. 39 e 40.

¹² *Anuário do Liceu Coração de Jesus*, de 1924, p. 144-145, p. 6-7; *Anuário do Liceu...*, de 1927, p. 206; *O Liceu*, 10 (2), p. 31, abr. 1927; 5 (4), p. 130-131, jun. 1926.

¹³ *Anuário do Liceu...*, de 1923, p. 172.

¹⁴ *Anuário do Liceu...*, 40.º ano letivo..., p. 6-8.

¹⁵ MARCIGAGLIA, Luiz, "Sugestões para estabelecer as bases do ensino commercial", *Anuário do Liceu...*, 40.º ano letivo..., p. 121-125.

¹⁶ *Anuário do Liceu...*, 41.º ano letivo..., p. 6.

¹⁷ *Atas do Capítulo da Casa*, p. 31-32, manusc. .

¹⁸ *Anuário do Liceu...*, de 1926..., p. 6.

¹⁹ *Atas do Capítulo da Casa*, p. 27-28.

XIV

SOB O FRAGOR DOS CANHÕES E AO CREPITAR DA METRALHA

Em 1924, São Paulo fora escolhida pelos tenentistas mais radicais para iniciar mais um movimento contra Artur Bernardes: primeiro porque havia grande apoio e segundo porque era o Estado mais rico.

Essa revolução devia estourar concomitantemente a de outros Estados do Brasil. Mas dificuldades de comunicação, organização precária, falta de concatenação e medo de serem descobertos, a falta de chefia civil e de generais da ativa, impossibilitaram as articulações do movimento.

Foi escolhido o dia 5 de julho porque estava na guarda no Palácio dos Campos Elíseos um oficial revolucionário da Força Pública do Estado. Miguel Costa, Joaquim Távora, Ricardo Hall, Newton Estilac Leal, Eduardo Gomes, Juarez Távora, Custódio de Oliveira e centenas de outros tenentes, com um efetivo aproximado de 1.000 homens iniciam de madrugada a tomada de São Paulo. Enfrentam a princípio um número mais ou menos igual de soldados legalistas.

Joaquim Távora e Eduardo Gomes sublevaram o 4.º B.C. de Santana e às cinco horas cercavam os quartéis da Luz, tomando-os de assalto. Assim, já às seis horas, grande parte das tropas existentes na Capital paulista aderira ou estava presa pelos revolucionários.

A resistência inesperada do general Abílio de Noronha tinha desorganizado os planos iniciais. A resistência governamental estava concentrada nos Campos Elíseos (4.º B.F.P.), na Usina Elétrica da Light, no Q.G. da rua Cons. Crispiniano e no Telégrafo.

Entre os dias 6 e 8, o governo ficara na defensiva. As ruas de São Paulo transformaram-se em campos de combate, com resultados imprecisos. Ambos os lados careciam de coordenação

militar e o efeito era um esgotamento moral prematuro, ocorrido também por razões subjetivas: a maioria dos oficiais era estranha aos soldados, em sua maioria recrutas recentes.

No dia 9, o governador Carlos de Campos, a conselho militar, abandonou a cidade que ficou entregue aos revolucionários. A partir, contudo, do dia 11, o governo começou a reagir atacando indiscriminadamente objetivos militares e civis, o que provocou pânico e a fuga da população para o interior e outros lugares não atingidos pelas ações das forças beligerantes.

A situação permaneceu indecisa até o dia 15. Os combates, porém, tornaram-se cada vez mais violentos, vindo a recrudescer nos dias 26 e 27, com os avanços das forças governamentais.

Já era evidente o desânimo nos meios revolucionários. O contínuo reforço das tropas legais, o sofrimento da população paulistana, o sacrifício inútil que representava para os revolucionários (suas perdas eram consideráveis), a vontade de continuar a luta fizeram com que o general Isidoro e os revolucionários abandonassem a Capital paulista na madrugada do dia 27¹.

Pe. Luiz Marcigaglia narrou os fatos, especialmente aqueles que envolveram o Liceu Coração de Jesus, em seu livro *Férias de julho*. . . É uma narrativa singela, viva, atraente e emocionante, que mereceria ser integralmente apresentada ao leitor, como aos pesquisadores de nossa história².

“Narro ligeiramente o que vi, diz ele, o que se passou ao nosso redor. Destarte valem também como um depoimento pessoal sobre os tenebrosos dias de julho.”

Pe. Marcigaglia julga ser um “fato extraordinário, que não se explica humanamente” ter sido o Liceu salvo de uma carnificina: “Aquele instrumento de morte, que nos deu o sinal de alarme e produziu o pânico salvador, foi atingir justamente a única sala vazia — a exposição das Escolas Profissionais”. “Ele constitui a demonstração mais evidente da extraordinária proteção do S. Coração de Jesus sobre esta casa, que é dele.”

Apresentaremos aqui uma síntese dos fatos expostos pelo autor, conservando na medida do possível o seu discurso.

O dia trágico

O dia 5 de julho de 1924 soou para o Liceu Coração de Jesus como o mais trágico da história da instituição. Explodia a revolução em São Paulo.

A morte de um soldado da Guarda do Palácio do Governo, defronte à farmácia vizinha ao Liceu, punha fim às elocubrações

do Pe. Marcigaglia de que não se tratava de boatos. Pe. Mainini saiu para absolvê-lo, mas já o encontrou morto. O diretor do Liceu procurou logo esconder o armamento do Tiro de Guerra e tirar os ferrolhos das carabinas e guardá-los em outro local. Lá fora o tiroteio espaçado.

Os alunos internos estavam nos estudos (ala da Al. Barão de Piracicaba — andar térreo) e os alunos externos do primeiro período estavam em aula, ao todo, 1.200.

Eram 9:15h. Tocou o sino para as aulas do curso secundário. Os alunos internos e externos do 2.º, 3.º e 4.º anos do curso ginasial (secundário) e do comercial, foram subindo as escadas para as respectivas aulas. Já lá estavam em funcionamento desde às oito horas, as classes dos alunos externos do primeiro período e os aprendizes.

Poucos minutos depois — 9:20h — chegou, fatal e imprevista, a hora mais trágica da história deste Liceu.

Ouviu-se de repente um terrível estampido, que vinha dos lados de Santana. Alguma coisa de infernal passou pelos ares, num ruído rouco e arrastado, indo cair ao lado direito do Liceu, na Al. Barão do Rio Branco, com fragor medonho.

Foi um momento de terror.

— Que será? Artilharia! Estamos perdidos!

Poucos segundos depois, nova detonação longínqua, o sibilo característico de uma horrível explosão mais próxima. A granada havia atingido em cheio o Liceu, no telhado das Escolas Profissionais (hoje quadra de esportes)!

— Meu Deus! Que será de nós? Defendei-nos, Coração de Jesus!

Uma nuvem de pó, correrias de alunos espavoridos, gente que pergunta, gente que corre sem saber para onde. Os meninos vinham fugindo todos para o pátio central, em confusão. Passavam empregados das oficinas cobertos de calça.

Duas divisões ainda permaneciam no estudo e mandavam perguntar se deviam sair.

— Sim, todos para o pátio, depressa!

Mal acabavam de sair os alunos — muitos estavam no meio do pátio, na altura da aula de banda — quando uma segunda granada veio cair ainda mais perto, sobre a oficina de encadernação.

— Afastem-se, afastem-se, para os pórticos, para os porões.

Mas a minha voz não podia ser ouvida por aquela massa de alunos alvoroçados. Faltava-me um apito, uma campainha, qualquer coisa para chamar a atenção de todos.

Minutos depois — foram dois, foram cinco? — terceira granada explodia no colégio, no mesmo telhado das oficinas, entre o lugar da primeira e o da segunda.

Caiu-me a alma aos pés. Pensei: — O bombardeio continua. Estamos perdidos. Se cair uma granada no pátio, no meio de tantas crianças, que mortandade, que carnificina! Só Deus nos pode valer, Sagrado Coração, salvai os nossos alunos!

Foi a hora mais triste de minha vida. Senti-me esmagado pela responsabilidade de ser diretor do Liceu.

Com os gestos e com a voz pedia aos alunos que se refugiassem nas galerias laterais e nos porões. Ia de um lugar para outro, entre os grupos de alunos e salesianos, procurando inspirar tranquilidade e calma... que eu não tinha...

Notei que todos os salesianos estavam no meio dos alunos, procurando animá-los e tranquilizá-los. Felizmente, não se manifestara o pânico.

Fui à portaria. Havia muitos alunos no santuário. Entrei e rezei com eles, procurando ocultar uma lágrima que teimava em saltar dos olhos.

Outros estampidos foram ouvidos. A cada nova detonação as almas sentiam-se confrangidas numa dolorosa expectativa... Mas as granadas caíram na Al. Nothmann, no fundo do Liceu.

Logo depois, no meio da nuvem de pó e de calixa, produzida pela granada, do lado do externato, o Prof. Porfirio da Paz, gesticulando e gritando. Mas no meio daquela confusão, ninguém o atendia. Feito algum silêncio, ouvi-o dizer:

— Por piedade, padre, que aí está morrendo uma cristã.

Foi logo, corajosamente, o Pe. Vallerie. A pobrezinha estava gravemente ferida e com muita calma repetia: “Vou morrer”; chamem um padre do Liceu!...”

O sacerdote confessou-a mesmo na rua. Transportada para a Santa Casa, veio a falecer.

Um ferido

Pensei em mandar os alunos para o Largo, na frente do Liceu. Mas refleti na fuga desabalada e cheia de perigos que por certo iria provocar e concluí que era melhor ficarmos onde estávamos, debaixo do mesmo teto, mais perto da estátua do Sagrado Coração.

Alguns alunos estavam realmente amedrontados. Muitos rostos pálidos, muitos olhos esbugalhados, fitando o horizonte para os lados de Santana. Apertei diversas mãos frias e trêmulas...

Em toda a parte os alunos nos rodeavam e perguntavam:

— Padre, há ainda perigo?

— Não, isto é, creio que não, espero que não...

— Que devemos fazer?

— Encomendar-nos a Deus.

O Pe. Catequista veio dizer-me:

— Temos um aluno ferido.

— Ferido? Quem?

— Arnaldo Petersen Barreto, dos menores. Está na enfermaria.

— Chamem um médico, depressa. Vou ver o pequeno.

Lá estava na cama. Já lhe haviam extraído o estilhaço que o ferira no ombro. Muito sangue. Fora a terceira granada, justamente quando ele estava mais afastado, uns cento e cinquenta metros, nas portas do refeitório.

— Não é nada, Arnaldo. Logo vem o médico. Verá que passa já. Não há de ser nada.

O pequeno gemia.

— Mande avisar papai!

— Sim, vou logo telegrafar. Esteja sossegado.

Fui logo ao telefone e pedi a assistência. Desci. O aspecto do colégio era o mesmo, trágico e desolador. Redigi um telegrama para o pai do aluno ferido. Percebi que a mão tremia e que me iam faltando as forças...

Masurgia tentar qualquer providência para evitar a continuação do bombardeio do colégio. Para quem apelar? Voltei ao telefone. Funcionava mal. Tentei diversas ligações inutilmente. Por fim consegui com a redação do *Correio Paulistano* e gritei:

— Está sendo bombardeado o Liceu Coração de Jesus... Faça saber isso aos revoltosos.

— Sinto muito. Mas não temos nenhum meio de comunicar.

— Estão acertando no colégio, estão matando os meus alunos. Bárbaros! Diga isto a todos. Espalhe a notícia, para ver se chega até eles.

— Vou ver, tentarei.

— Os senhores da imprensa têm meios para alcançar tudo o que querem. É favor, é caridade.

— Vou ver...

A portaria fora invadida pelas famílias dos alunos. Gente aterrorizada anda de cá para lá, à procura de alunos internos e externos. Foi facultada a saída a todos os que tenham família ou correspondente em São Paulo.

Chegou um oficial, o tenente Oswaldo Piedade Trindade, sobremaneira calmo. O governo, sabendo que haviam caído granadas no Liceu, mandava examinar os estilhaços para saber, pelo calibre, qual o corpo que estava revoltado.

Também haviam chegado os bombeiros com três carros, buzinando fortemente. Entraram dois oficiais.

— Disseram-nos que havia incêndio no Colégio.

— Não, senhor. Caíram granadas, mas não se declarou incêndio. Mas o que é tudo isso?

— Não sabemos. Nós vamos resistir. Muitos mortos?

— Nenhum, felizmente.

E chamando-os de lado, para que os alunos não ouvissem (o ferimento do pequeno tinha passado quase despercebido), expliquei:

— Não há mortos, mas temos um aluno ferido e não conseguimos médico. É urgente. Por outro lado, preciso falar com o governo para pôr a salvo os meus alunos, caso haja ainda perigo.

— Então aproveite o nosso automóvel; leva-se o ferido à assistência e o reverendo pode falar com o Secretário da Justiça.

Aceitei agradecido.

Que triste trajeto o daquele auto! O ferido, pálido e com a roupa manchada de sangue, ia nos braços do enfermeiro; dois padres e dois oficiais; no estribo um bombeiro de carabina embalada. Todos os olhares se dirigiam para aquele carro, que passava fazendo ouvir continuamente o som triste e agudo da sereia de incêndio. S.^{ta} Efigênia, S. João, rua 15, em toda parte uma multidão nos fitava e nos comiserava.

Chegamos à Secretaria da Justiça e o doente foi para a sala da assistência. Ouviam-se comentários: “Coitado! os inocentes é que são as vítimas!”.

A secretaria estava em pé de guerra: sentinelas de arma embalada por toda a parte, o corredor da polícia, cheio; gente nos corredores e nas salas...

Chegada a minha vez, entrei no gabinete do secretário, Dr. Bento Bueno.

— V. Rev.^{ma} não me conta nada de novo. Já sei de tudo.

— Então é excusado repetir o que já sabe. Mas eu vim tratar da vida e segurança dos meus alunos. Se V. Ex.^a acha que lá não estão seguros, nesse caso ousou pedir ao governo um abrigo qualquer. São 700 internos, são 700 vidas...

— Tem razão. Vamos ver isso. Para onde poderiam ir?

— Um edifício público, uma escola, um Palácio das Indústrias, por exemplo...

— Lá não estariam seguros. Talvez na Imigração...

— Bem lembrado, a Imigração.

Interveio Dr. Moysés Marx, dando todas as informações: havia cozinha, muitos colchões etc.

— É de que precisamos.

Nisto o Dr. Secretário foi chamado ao telefone.

— Um momento. Depois acabaremos de falar.

Aproveitei a ocasião para ir ver o menino ferido, em baixo.

Pedi informações ao médico que fizera o curativo, Dr. Jorge Tibiriçá Filho. “Não era grave, salvo complicação. Fratura exposta da clavícula.”

O menino chorava. O curativo avivara a dor. Expliquei-lhe que seria levado ao Sanatório Santa Catarina, um padre iria com ele, eu o visitaria à tarde (somente uma semana depois consegui vê-lo). O pai, já avisado, não tardaria a chegar.

E lá se foi o nosso Arnaldo para o sanatório, na ambulância da assistência.

A perigosa retirada

Como arranjaríamos um auto para voltar ao Liceu? Os poucos que ainda encontramos no Largo da Sé recusaram-se.

— Pra os Campos Elíseos? por dinheiro nenhum.

— De lá venho eu. Não volto mais. Está um inferno.

— Vamos de qualquer jeito. Vamos a pé. É preciso ir para tratar da remoção dos alunos. Afinal de contas, de que vale a nossa vida individual? Estamos cumprindo um dever. Lá são 700. Vamos.

Experimentando caminhos e dando volta pela avenida Paulista, chegamos, finalmente, ao Liceu, pelo meio-dia. Nessa hora os alunos estavam nos porões, pois do Palácio viera aviso de novo bombardeio.

Conversei com os padres, comuniquei a nossa retirada para a Imigração, reuni os alunos e lhes disse:

— “Este estado de coisas pode prolongar-se ainda. Temos que sair do Liceu. De acordo com o governo, com o qual acabo de combinar, vamos agora para a Imigração, na Mooca. Lá estaremos seguros até que termine esta anormalidade. Deixem a roupa preparada; será enviada à tarde em caminhões. Prontos: para o dormitório!” . . .

Em 20 minutos o colégio ficou vazio. Muitos alunos — mais de duzentos — já tinham sido entregues aos pais e aos correspondentes. Os demais, divisão por divisão, com intervalo de poucos minutos, partiram a pé (. . .) precedidos por um guia, acompanhados pelos respectivos assistentes e por dois sacerdotes, o Pe. Catequista e o Pe. Conselheiro.

— Deus os acompanhe. Eu vos alcançarei à tarde. Até logo.

Tinham ido sem uniforme para evitar maiores perigos. Assim mesmo não me podia tranquilizar, pensando:

— Poderiam chegar à Imigração sem novidade? Não errariam o itinerário combinado? Alguma interrupção, algum tiroteio próximo, quem sabe!

Não eram infundadas essas preocupações.

Quando os alunos do Liceu deixavam apressadamente o seu colégio em direção à Mooca, e incertos e tresmalhados iam tateando o caminho, procurando desviar perigos e surpresas, a certa altura, na Várzea do Carmo (hoje Parque D. Pedro), estiveram expostos à morte. Foram tomados, pelos soldados que defendiam a Secretaria da Justiça, por uma coluna inimiga, a avançar disfarçadamente, através das árvores. E já as metralhadoras tomavam posição, calculavam a distância, e eram carregadas e apontadas para eles. Mais um instante, e a metralhadora ia dizimar implacável as fileiras dos alunos da divisão dos maiores. . .

Dr. Bento Bueno, porém, tomando de um binóculo, os reconheceu e gritou com um gesto enérgico: “Parai. São os alunos do Liceu Coração de Jesus”³.

A saída dos alunos tinha sido providencial. Uma hora mais que se demorassem, tornar-se-ia impossível a remoção deles, pelo tiroteio que se generalizou ao redor do Liceu e na cidade.

Os soldados que defendiam o palácio instalaram uma trincheira bem no ângulo do Liceu, esquina da Al. Glette com Barão

de Piracicaba. As 16 horas, os soldados, apesar de poucos, iniciaram um fogo terrível.

Foi impossível mandar para a Imigração a roupa dos alunos. Igualmente foi impossível a minha ida, como desejava e como havia combinado.

Na Imigração estavam os alunos que não tinham podido ir para a casa dos pais ou dos correspondentes — uns 400 —, 2 sacerdotes, 8 clérigos e 3 irmãos coadjutores. No Liceu, estávamos com 11 convalescentes de caxumba na enfermaria e um doente isolado num quarto do 2.º andar, que foram posteriormente removidos para o porão (hoje lavanderia da inspetoria) e o “isolado” foi para o porão das canastras. Todos durante quatro dias e quatro noites literalmente...

Fechados num círculo de fogo

No dia seguinte, começaram a metralhar a torre com balas explosivas que produziam um ruído seco, desagradável, irritante: *balas moleques*. O relógio da torre foi avariado às 9:30h.

Todos os salesianos restantes estavam refugiados nos porões. A torre sofreu várias visitas de oficiais desconfiados de que alguém atirava de lá. Mas nada encontraram.

A noite (dia 6), a fuzilaria intensificou-se atingindo também a Sede dos Ex-alunos.

No dia 7, parou o telefone. Na trincheira, um soldado tinha-se levantado e atirava de pé. Recebeu uma bala no pescoço e caiu fulminado, sem dizer um *ai!* Um padre, que da janela observava as peripécias do combate, deu-lhe a absolvição.

O esporte predileto era a procura das balas. No pátio havia sempre muitas. Foram encontradas diversas na Sede da União dos Ex-alunos. Havia muitas balas de fuzil na sala de visitas, diversas nos dormitórios... Uma atingiu o nosso posto de observação, o patamar da escada entre o 1.º e o 2.º andar da ala direita. Depois desse incidente, diminuiu o número de curiosos e observadores da trincheira.

No dia 8, a luta recrudesceu na frente do Liceu. As casas do Largo foram ocupadas, ora pelos revoltosos, ora pelos legalistas, e ficaram literalmente crivadas de balas. Os telhados, as janelas das águas furtadas eram o alvo predileto do tiroteio. De vez em quando metralhavam a torre. Duas granadas passaram roncando perto da torre e foram arrebentar logo adiante, uma delas na Serraria Forster, a 150 metros do Liceu. Pensavam em ocupar o Liceu, pelo menos a torre, mas sempre “havia desistido para

não prejudicar uma obra tão benemérita e que tanto bem fazia à mocidade”, nas palavras do capitão Rodolfo dos Santos. Foram alvejados ainda os fundos do santuário, no interior do Liceu, atingindo a cornija do alto da sacristia. Nessa noite, uns padres, que se haviam alojado na sacristia, acharam prudente ir dormir na cripta.

Depois da meia-noite, o combate foi amainando aos poucos, até cessar completamente, como por encanto.

Os revoltosos!

No dia 9, o governo abandonou o Palácio. A cidade estava completamente despolicada. Os salesianos, presos no Liceu.

Vieram logo os saques. Numa dessas ocasiões, um moço tinha roubado um cacho de bananas e as devorava sofregamente. Ao acabar de descascar uma delas, ouve uma voz: “Foge!”. Atira para longe a banana e come apressadamente a casca! . . .

O tenente João Cabanas apareceu num belo cavalo branco e liberou os padres. O diretor aproveitou para dar uma volta pela frente do Liceu. Muitos buracos, sulcos e raspões, especialmente nos ângulos. Muitos vidros partidos. A torre, na face que olha para o bairro da Luz, estava toda picotada de balas. O mostrador do relógio ostentava a chaga negra de um grande rombo. . . Outro ponto atingido fora a Sede dos Ex-alunos, na porta e no torreão.

Os postes do Largo estavam cheios de orifícios de balas. Os combustores de gás, perfurados, lascados, mal se apurmando em pé. Os de cimento-armado estavam muito danificados, com a armação de ferro à mostra.

Notável era a situação do gradil de ferro da frente do santuário. Havia sinais de mais de cinqüenta balas. Muitas ficaram encastoadas nas grossas barras de ferro, outras vararam fortes chapas. Mas — coisa extraordinária — todas bateram nos varões de ferro e inutilmente se procuravam vestígios no vestibulo e nas portas do santuário. Casualidade?

A conselho do capitão Joaquim Távora, eram tirados no dia 10, os alunos da Imigração, meia hora antes de caírem as primeiras granadas. Nesse dia foram saqueados o Mercado Velho, os moinhos Gamba, Puglise, Belli, armazéns, depósitos e vagões da estrada de ferro.

No dia seguinte, começou o embarque dos alunos para o interior. Também começou o triste espetáculo do êxodo da população, fugindo da Mooca, do Brás, do Ipiranga e até do centro da cidade.

Numeroso grupo de alunos conseguiu embarcar para Campinas (dia 12) e de lá para o interior. Em vão fizeram-se tentativas para a suspensão do bombardeio. Nesse dia o Liceu conseguiu um caminhão, o C. 3734, alugado da Serraria União. Estava perigando o abastecimento do Liceu e da chácara que, coisa inacreditável, era a única escola a funcionar perfeitamente em São Paulo.

Tendo falhado as esperanças de trégua, foi decidido transferir os alunos restantes e os salesianos para o Liceu N. S.^a Auxiliadora, de Campinas, onde tiveram acolhimento fidalgo.

Um abrigo no Liceu

Os dias de 15 a 20 foram de terror.

Em vista do sofrimento da população retirante, o Liceu abriu suas portas e abrigou 494 pessoas. O teatro, o externato e parte da Sede dos Ex-alunos foram preparados para atendê-las. As 5:30h da tarde, acoçadas pelo bombardeio, entraram as primeiras famílias. Vinham espantadas, chorosas. Tinha havido mortos e feridos.

Uma infeliz família italiana da rua Aimorés fora a mais provada. O pobre pai, Antonio De Giani, vinha trazendo seis filhinhos espavoridos: contava, entre lágrimas, que uma granada acabara de explodir na frente de sua casa, onde estavam brincando as crianças e lhe matara ou ferira gravemente 4 filhos. A mãe perdera-se na confusão, carregando consigo duas crianças gêmeas de três meses. Ninguém podia dizer onde tinha ido parar aquela mãe desoladíssima. O Sr. De Giani deixou os filhos no abrigo e lá se foi naquela noite escura e silenciosa, à procura da infeliz mãe! Encontrou-a e trouxe-a para o Liceu. As lágrimas lhe rolavam continuamente pela face macerada, enquanto embalava o pobre berço onde duas criaturinhas mirradas estavam chorando tristemente. De vez em quando dizia baixinho como se falasse para si:

— Chamava-se Lúcia... Tinha 12 anos. Coitadinha! Ficou toda estraçalhada! Só sangue e pedaços de carne espalhados. Que crueldade! Era uma bela menina a minha pobre Lúcia, era uma bela menina!

— Tenha paciência, D.^a Maria! Deus não a abandonará.

Apareceu o aeroplano no dia 16...

Houve, no dia 17, um feroz bombardeio no Brás, atingindo duramente a rua Caetano Pinto. Muitas famílias dessa rua, na maioria espanholas, vieram abrigar-se no Liceu.

No Teatro Limpia, convertido em abrigo, caiu uma granada que fez uma grande mortandade, umas 26 pessoas, e mais de 100 feridos. Foi uma cena bárbara, dantesca!

Muitos dos fugitivos contavam horrores.

— Nós somos gente pobre, mas não fizemos mal a ninguém. Só queremos trabalhar e ganhar a nossa vida. Por que é que nos perseguem?

— Não, bom homem, ninguém os persegue. É que as granadas não acertam todas no alvo e então fazem estragos nos arredores.

— Há 25 anos que estou no Brasil — dizia uma senhora de idade. — Nunca nos fizeram mal. E agora...

— Nem agora, acreditem em mim. As granadas não são atiradas de propósito contra vocês. Atiram uns contra os outros.

— Mas não são todos brasileiros?

— É verdade. Então, por que se fazem guerra?

— Tem razão. A revolução é uma grande desgraça.

— Se são todos irmãos, por que motivo se matam deste jeito?

— Por uma *obnubilação dos espíritos* — arrisquei eu... E assim, como não entenderam a resposta, ficaram satisfeitos...

Mais adiante, um espanhol reforçado, gesticulando numa grande roda, perorava:

— Que mandem uns, que mandem outros, já se sabe, nós ficamos sempre por baixo. O povo “*tien siempre que pagar*”. Briguem em campo aberto, mais para longe. “Que se peleen ellos, caramba!”

O número dos abrigados aumentava cada vez mais. Muitos moços e homens sem ferimentos, sem família, vinham também à procura de lugar...

Resolveu-se transformar o “Abrigo” em “Abrigo para Famílias”. Foi logo afixado o seguinte aviso:

Este abrigo particular é exclusivamente para famílias necessitadas.

Os homens sem família e os moços solteiros não podem ser recebidos aqui. Devem procurar outras obras de assistência, que funcionam em diversos lugares. O “Abrigo” poderá facilitar-lhes a viagem para fora da cidade.

O Liceu ajudou muitos moços a sair de São Paulo...

No dia 18, o diretor do Liceu conseguiu chegar até o general Isidoro Dias Lopes, chefe dos revoltosos, para minorar os sofrimentos da população. Redigiu uma carta, que foi visada pelo general, até com dados desfavoráveis a ele. Mas não pôde trans-

miti-la porque não havia meios de comunicação para o Rio de Janeiro.

Foi organizada no “Abrigo para Famílias” uma biblioteca circulante para os abrigados com 200 volumes em português, italiano, espanhol e alemão...

No dia 21, começou a funcionar a “Escola do Abrigo”. Muitas crianças ignoravam que eram brasileiras e desconheciam o uso do sabonete. Um dos pontos básicos do programa era o asseio.

Vieram, no dia seguinte, os incêndios colossais que tantas riquezas destruíram: o da fábrica Crespi durou vários dias e no dia 25 arderam completamente os estabelecimentos Duprat.

Continuavam as negociações para evitar o bombardeio da Capital paulista. O prefeito Firmiano Pinto foi até o Rio de Janeiro com esse objetivo. No Instituto Dom Bosco caíram duas granadas, sem ferir ninguém.

A falta de gasolina levou também ao fechamento da chácara, sendo os alunos entregues às suas famílias ou transferidos para Campinas. Uma parte das irmãs do Colégio Santa Inês veio para o Liceu, por terem os revoltosos estabelecido seu Quartel General no edifício em frente.

No dia 25, os revoltosos começaram a transportar seus canhões para a Lapa. São Paulo agonizava.

No dia 27, aviões governistas lançavam sobre São Paulo avisos do marechal Setembrino, Ministro da Guerra, e um pedido do embaixador italiano à colônia italiana, general Pietro Badoglio, solicitando a retirada da população.

Na madrugada do dia 28, veio a paz com a retirada dos revoltosos e a volta do governo paulista a seu palácio.

O diretor do Liceu concluía aliviado:

1. De todas as numerosas vidas que nos estavam então confiadas, nenhuma foi sacrificada.

2. Todos os alunos demonstraram excelente disciplina e grande confiança nos seus superiores, que não os abandonaram um só instante.

3. Foram gerais as demonstrações de respeito, interesse e carinho para com o Liceu, que pôde assim prestar também bons serviços à população necessitada.

4. Os pais dos alunos deram total aprovação às medidas de emergência tomadas pela diretoria do Liceu naquelas terríveis circunstâncias.

Da grande tristeza que ensombra a memória daqueles dias trágicos, emerge sobretudo confortadora certeza dessas quatro luminosas conclusões.

Na costumeira *boa-noite* (1.º de agosto), desenvolvia Pe. Marcigaglia estes pensamentos aos alunos:

Entre duas primeiras sextas-feiras (4 de julho e 1.º de agosto) transcorreram as tristes peripécias destes dias, agora encerradas definitivamente com a volta ao Liceu. Neste parêntese dos dias consagrados ao S. Coração de Jesus, de quantos perigos ele nos salvou! Recordemos os trágicos fatos, as nossas sucessivas migrações, as horas de angústia mortal. E nós fomos poupados. Ninguém morreu. Apenas um ferido. Quantos motivos de dar graças a Deus!

Hoje, passados sessenta anos, se tivéssemos de tecer um juízo sobre os fatos, não poderíamos deixar de prestar uma homenagem às autoridades governamentais paulistas, ao próprio general Isidoro Dias Lopes, pela maneira como tratou os salesianos e seus abrigados, não relutando sequer em permitir que fosse transmitida (o que não ocorreu) ao Rio de Janeiro uma mensagem não condizente com os seus interesses naquele momento.

Por outro lado, o castigo dado a São Paulo pelas forças legais foi excessivo. Os revoltosos não dispunham de estrutura logística suficiente para resistir muitos dias! . . .

A estátua do Coração de Jesus ⁴

A estátua de Jesus, da torre do nosso santuário, merece, e muito, os vossos olhares de gratidão, alunos do Liceu. Se de lá de cima, na significativa posição dos braços abertos, o Coração de Jesus abençoa São Paulo inteira, dum modo especial as bênçãos atingem os Campos Elíseos e, principalmente, os alunos deste Liceu, pedestal glorioso da sua estátua.

E convém saber que a estátua, que é causa de bênçãos e carícias celestes, pode também atrair os raios dos castigos divinos sobre os esgares da irreverência e ingratição.

Isso ocorreu durante a revolução, nos dias lutosos de julho de 1924.

As balas sibilavam por toda a parte; do bairro de Santana a metralha vomitava a morte.

Nas adjacências do Liceu, numa trincheira cavada às pressas, um soldado improvisado (digo *improvisado*, porque o soldado que se preza é *valente*, mas não *irreverente*), apontou a sua carabina ao bom Jesus da torre, pensando com isto divertir-se a si mesmo e aos companheiros de luta.

A voz de um bom amigo pôde também se fazer ouvir entre os ruídos da fuzilaria.

— Por favor, camarada, abaixa a tua arma. Com os santos não se brinca.

— Deixa-te de beatismo, carola — foi a resposta... e a arma se ajeitou melhor, mirando a cabeça aureolada de Jesus.

Mais eis senão quando um estampido se fez ouvir, alguma coisa por ali sibilou inesperada, e o corpo tombou, num gemido estertoroso, macabro, com a cabeça varada por um projétil vindo da trincheira inimiga!

Esse fato foi narrado por um ilustre oficial do Exército brasileiro, testemunha ocular.

* * *

NOTAS

¹ CARONE, Edgar, *A República Velha (evolução política)*, 2.ª ed., São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1974, Coleção Corpo e Alma do Brasil. XXXIV, p. 372-375; ainda COSTA, Cruz, *Pequena História da República*, 3.ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1974, Coleção Documentos da História Contemporânea, v. LVI, p. 84-85; *Diário Popular*, São Paulo, 8 de novembro de 1984, p. 16.

² MARCIGAGLIA, Luiz, *Férias de julho...: Aspectos da revolta ao redor do Liceu Salesiano*, São Paulo, Escolas Profissionais do Liceu Coração de Jesus, 1924.

³ *Anuário do Liceu Coração de Jesus*, 39.º ano letivo, São Paulo, Escolas Profissionais do Liceu Coração de Jesus, 1924, p. 161.

⁴ P.P.P., "A estátua do Santuário", in *O Liceu*, São Paulo, 9 (6), p. 219-220, ago. 1926.

XV

LAMPEJOS FESTIVOS E TRIUNFAIS

O Liceu Coração de Jesus apresentava-se nas décadas de 20 e 30 como uma escola extraordinária, sob todos os aspectos.

Difícilmente, acreditaríamos no fenômeno se não dispuséssemos de imensa quantidade de documentação escrita, confirmada por inúmeros testemunhos da época.

A juventude gosta de festas, de triunfos, de desportos aparatosos, de desfiles pomposos e de prêmios. Tudo isso os jovens daquelas décadas encontraram no Liceu, talvez mais do que em qualquer outra instituição...

Este aspecto pode explicar a enorme afluência de jovens que procuravam ingressar neste estabelecimento. O Liceu Coração de Jesus não era apenas uma escola.

Pe. Luiz Marcigaglia, ao apresentar os dados estatísticos do estabelecimento em 1926, escrevia:

Não dizemos isto para vangloriar-nos, nem para proclamar aos quatro ventos que o Liceu é o maior colégio da América do Sul.

Bem sabemos que não é mérito nosso. Mas também não é culpa nossa se o Liceu é tão procurado, tão benquisto pelo povo e pelas autoridades.

Bem sabemos que o ideal do colégio não é ser grande; nem é esse o nosso ideal.

Mas, não podendo alcançar o ideal, deixemo-nos de *idealismos* e contentemo-nos com esta esplêndida *realidade*: o Liceu pôde instruir cristãmente e educar no sistema de Dom Bosco a mais de dois mil meninos. E sejam dadas graças a Deus por este grande bem.

Neste capítulo, apresentaremos alguns fatos.

O Liceu na voz dos Relatórios Oficiais

Dr. Carlos Lobo, inspetor federal do Liceu Coração de Jesus, em seu relatório oficial dirigido ao diretor do Departamento Nacional de Ensino, em seu final, dizia ¹:

Não há, portanto, favor algum em dizer que o Liceu Coração de Jesus, é um verdadeiro monumento edificado na bela Capital dos bandeirantes por esses beneméritos filhos de Dom Bosco que são os salesianos, aos quais o Brasil tanto já deve por trabalhos de interesse e salutar educação literária e artística dos alunos jovens patricios, sob a influência dos ideais cristãos, os únicos que são e sempre serão capazes de preparar uma mocidade digna de nossa amada pátria.

Disponha de uma “modelar secretaria”, segundo o relatório.

Em vista disso, sua Escola de Comércio era reconhecida oficialmente pela Portaria de 8 de outubro de 1927, recebendo a prerrogativa de gozar de Inspeção Federal ².

No relatório sobre os exames de admissão ao Curso Seriado, realizados em março de 1928, a inspetora D.^a Dulce Marinho Rego (01.04.1928) afirmava ³:

Instalado em vasto e magnífico edifício, expressamente constituído para o fim a que se propõe, dispõe o Liceu Coração de Jesus das mais amplas e higiênicas acomodações, subordinadas a todos os preceitos da moderna pedagogia.

Sobre o Corpo Docente:

Constituído de leigos e religiosos, aplica com eficiência os métodos pedagógicos mais aperfeiçoados, o que assegura ao colégio um justo renome, hoje espalhado por todo o Estado de São Paulo.

Uma nota de louvor ⁴:

Em ofício n.º 324, de 30 de abril próximo passado, o Sr. Superintendente do Ensino Comercial no Brasil encarrega-se de elogiar a Escola de Comércio “Liceu Coração de Jesus”, pelo resultado brilhante dos trabalhos escolares durante o ano passado de 1927...

Eugênio Egas

Fiscal

Os oficiais componentes da Comissão Examinadora dos Reservistas deixaram escrito a respeito de sua Escola de Tiro de Guerra ⁵:

... prazerosamente declaramos que muito boa impressão nos causou a resistência física dos atiradores, pois executaram em boas condições a marcha de 24 quilômetros...

O Liceu sabia fazer festas, como atestava este ofício dirigido ao diretor do Liceu, por Irena Branco, patrona do “Dia da Criança”⁶:

A comissão organizadora do “Dia da Criança” vem trazer a V. Ex.^a a expressão de seu sincero reconhecimento pelo concurso desse colégio nas festas de confraternização infantil. Não encontra palavras com que possa externar a admiração provocada pelo garbo e brilhantismo do batalhão que, na tarde de 12 de outubro de 1928, desfilou pela avenida Carlos de Campos em homenagem às crianças pobres...

Dr. Eugênio Egas, fiscal federal junto à Escola de Comércio do Liceu, acompanhava “com profundo interesse todo o movimento desta escola, auxiliando-a com boas sugestões. Para incrementar o estudo da taquigrafia, julgada então “utilíssima e necessária para um contador”, instituiu o “Prêmio Padre Luiz” nessa disciplina (1928), o “Prêmio Padre José” em datilografia e o “Prêmio Victor Vianna” para o aluno do 4.º ano comercial, tomando a média das notas obtidas em todo o curso. Victor Vianna era o superintendente da fiscalização dos estabelecimentos de ensino comercial no País⁷.

Aqueles prêmios seriam dados todos os anos e por ele custeados enquanto vivo. O terceiro prêmio foi entregue só no ano de 1929.

Espetáculo como este só no Céu!

Os grandes desfiles tornaram-se uma rotina na vida liceana, com banda de música e fanfarra, sempre aplaudidos, admirados por todos, inclusive pelos mais altos chefes militares, como general Abílio Noronha, general Eduardo Sócrates etc. Eram sempre um grande acontecimento.

Inesquecível sua participação nos “Festejos do Jahú”, para honrar os aviadores patrícos Ribeiro de Barros, Newton Braga, João Negrão, Vasco Cinquini e Machado Mendonça pela primeira travessia aérea sobre o Atlântico.

A nossa banda foi previamente convidada, os alunos vestindo o primeiro uniforme, branco, ocuparam a escadaria da catedral em construção.

A chegada dos aviadores, a multidão irrompeu em frenéticos aplausos. Os alunos entoaram com todos os pulmões a marcha triunfal “Jahú”, com acompanhamento de banda e fanfarra. Foi um delírio popular. A massa dos alunos impôs-se e era ouvida até os extremos da enorme praça da Sé.

A hora da elevação, na missa, os alunos acompanharam o canto e o Hino Nacional, tocado pela banda, sem que isso estivesse previamente combinado.

Depois do alto da catedral, os clarins da Força Pública executaram a alvorada, com efeito deveras surpreendente.

Ao final, entre os aplausos intermináveis da multidão, os alunos saudaram mais uma vez os aviadores com a marcha "Jahú".

A custo a polícia conteve o povo, enquanto os alunos dispuseram-se para o regresso, que foi realmente triunfal entre a multidão que se comprimia e batia palmas elogiando o garbo dos alunos. Em dado momento, tal foi a força da *onda humana*, que a banda ficou destacada da coluna dos alunos. Só depois de uma contramarcha conseguiram uns e outros encontrar-se no largo São Bento. Foi mister descer a rua Florêncio de Abreu para evitar as aglomerações do centro.

O triunfo dos alunos nesta circunstância só pode ser comparado ao dia em que houve a *marche aux flambeaux*.

Por insistência da comissão organizadora, os liceanos mais uma vez foram no dia 3 de agosto de 1927 para ocuparem as escadarias durante a *marche aux flambeaux*.

São Paulo nunca viu uma multidão como a que se comprimia no largo da Sé.

Enquanto esperavam, a banda executou variadas marchas, que eram muito aplaudidas pelo povo, delirantemente.

A chegada dos aviadores, começou a desfilar o cortejo luminoso, organizado com elementos da Força Pública, do Exército e do Corpo de Bombeiros, em meio a um silêncio sepulcral.

Os alunos por cinco vezes repetiram a marcha "Jahú" e, finalmente, a pedido das turbas, o Hino Nacional. Pessoas que rodeavam os aviadores, ouviram-nos exclamar: "Espetáculo como este, só no Céu!".

Para os alunos, porém, outros triunfos estavam reservados. Aquela multidão, calculada em 200 mil pessoas, fez alas por todo o triângulo pelo qual desfilaram sob os arcos triunfais e castelos, adornos da cidade.

A cada passo eram palavras de elogios e vivas que reboavam pelos ares. Sem conta foram os elogios ao Liceu quer por parte dos presentes como da imprensa. Esta qualificou os alunos de "pombinhos brancos", pois deram a nota brilhante aos festejos do "Jahú" ⁸.

“Essa gente não tem medo de nada”

Era o dia 4 de dezembro de 1927, último domingo dos alunos no Liceu. Dia escolhido para a celebração da primeira missa na Igreja de Santa Teresinha, em construção.

Em 1924, ao caírem as primeiras bombas sobre o Liceu, alguns salesianos que se encontraram com um grupo de meninos em fuga no santuário diante de uma imagem da santa, fizeram a promessa de erguer uma igreja em sua honra, caso o Liceu fosse salvo da borrasca.

Pe. Marcigaglia, diretor na época, tinha pressa em cumprir a promessa. Havia uma semana, 40 pedreiros trabalhavam dia e noite para deixar a capela pronta para a inauguração... A banda afinava seus instrumentos para a execução da “marcha da inauguração” entremeada pelo canto e pela fanfarra... Nos estudos, ensaiavam-se os cantos em honra da milagrosa *santinha*...

No meio de tanta azáfama de preparativos, o tempo, contudo, entendeu de conspirar deixando cair uma chuva contínua. Iniciar a marcha para Santana, era, talvez, uma temeridade. A inauguração poder-se-ia fazer com a banda, o clero e algumas comissões de alunos levados por ônibus que já se alinhavam à porta.

Toda a prudência humana cedeu perante o entusiasmo comunicativo dos alunos. Era impossível deter, com palavras de ponderação, aquela onda estuante.

Passou o diretor pelos pátios, de grupo em grupo, *tentando* demover os alunos: “Ninguém é obrigado a ir. Os que têm medo da chuva fiquem; os demais formem para sair”.

— Vamos, Sr. Padre, vamos!

E foram todos. Em casa não ficou um só aluno uniformizado. Banda à testa, os tambores rufaram, o clarim deu o sinal de marcha. Até o tempo amedrontou-se e deixou de chover por alguns instantes. A marcha foi ótima até a Matriz de Santana.

Perguntavam os transeuntes: “O que é?”. É o “Coração de Jesus” em peso que vai inaugurar a Igreja de Santa Teresinha.

— Mas com esse tempo?

— Essa gente não tem medo de nada.

— Veja como marcham garbosos...

— Nem parece que vêm de tão longe, debaixo de chuva...

Como por encanto, numa rápida manobra, a formação militar transformou-se em procissão: da Matriz de Santana saiu, em florido andor, a imagem da querida *santinha*, carregada pelos alunos.

A banda e a fanfarra entoaram a imponente *marcha da inauguração*. No trio entrou solene o canto vibrante dos alunos:

“Por verdes outeiros — à tua capela — vêm estes romeiros — à procura dela...”.

A multidão admira estática aquela *coluna branca* que vai vencendo a ladeira do colégio...

E os morros do Chora Menino e os vales da Serra da Cantareira repetiam os ecos daquele fêrvido entusiasmo juvenil: *“Irmã dos anjinhos — milhares de graças — juncam os caminhos — por onde tu passas”*...

Chuva, cansaço, lama, respeito humano... nada perturbavam a serenidade de belo préstito que entrou pela rua Cons. Moreira Barros ou melhor... *de barro*, que era o que não faltava.

A capela ficou lotada. As naves laterais repletas de povo. A custo, colocaram-se os alunos na nave central. Ao entrar, a imagem foi coberta por uma chuva de pétalas atiradas pelas mãos de dezenas de *anjinhos*.

D. Aquino Correia benzeu a capela e a magnífica imagem vinda diretamente de Roma. Proferiu o discurso inaugural e rezou a missa, a primeira, que por concessão especial da cúria, foi a da gloriosa Santa de Lisieux.

Foram padrinhos do ato o Dr. Pires do Rio, prefeito municipal de São Paulo, Dr. Antônio Covello e Dr. Frederico Brotero, cooperador salesiano e antigo proprietário da chácara.

Aos alunos, após o heróico ato inaugural, foi servido, para matar a umidade, um *cálix de vinho do Porto*...

Nem tudo andava como mandava o figurino...

A comissão de exames de instrução militar dos reservistas de 1926 “observou que, em vista dos elementos que dispunha o Liceu e do franco apoio dado pela diretoria, a instrução deveria ser muito mais eficiente e a escola apresentada ter dado melhores resultados, o que não foi conseguido talvez, pelas várias substituições de instrutores durante o ano letivo... A escrituração de tiro tinha falhas (...) O livro de registro de tiros não estava rubricado. A escrituração tinha os defeitos apontados, mas obedeceu aos modelos regulamentares. O armamento não estava bem cuidado, necessitando mais zelo na sua conservação”.

O instrutor tinha como atenuante haver assumido estas funções recentemente, parecendo estudioso e moralizado. Entretanto

poderia ter removido algumas das irregularidades apontadas, notificando as autoridades competentes para salvar a sua responsabilidade, o que não fez.

O Liceu Coração de Jesus, destina-se a fornecer uma escola modelo, desde que se lhe forneçam os elementos imprescindíveis, instrutor e material...

O rigor era tão grande, que na lista dos examinandos, encontramos alunos com notas "*aprovado sofrível*" que posteriormente foram altos oficiais do Exército...

Uma testemunha da época, Prof. Luiz Pinto Ferreira, funcionário da tesouraria do Liceu, contava que certa vez desapareceu um fuzil no campo de treinamento de tiro. Por mais buscas que se fizessem não foi encontrado¹⁰.

Que fazer? Deu-se um "jeitinho". Havia então muitos desertores da Revolução de 1924. Comprou-se de um deles um fuzil e assim a falha foi sanada. Ninguém falou sobre o assunto!..."¹¹

"Guia e defende"

Como remate das festas aloisianas celebradas com brilhantismo pelos alunos, por ocasião do 2.º Centenário da Canonização de S. Luís Gonzaga, foi inaugurado, no dia 21 de agosto de 1927, o monumento a Dom Bosco, na portaria do Liceu.

O busto de bronze, que a opinião geral afirma ser de grande valor artístico, é obra do escultor italiano Gaetano Cellini, de Florença. Fez o discurso inaugural, uma peça oratória, o Dr. Roberto Moreira, deputado federal.

Já pela manhã, todos os alunos e o pessoal da casa desceram ostentando no peito o belo distintivo com a figura de Dom Bosco e os dizeres em latim *Praeit ac tuetur*, isto é, "Guia e defende", lembrando-nos de que a figura de Dom Bosco que sorri entre ouro e azul "guia" e "defende" sempre seus filhos esparsos pelo mundo. "Guia" com o bom exemplo e santos ensinamentos, "defende" com a proteção e bênção, penhores de vida eterna.

Na mesma ocasião foi inaugurada, ao lado do monumento, uma série de 30 quadros, que representavam os episódios mais característicos da vida de Dom Bosco. São cópias fotográficas de obras do escultor Mastrojanni, de Roma.

No mesmo dia foram também inauguradas 20 heliotípias, representando fatos da vida de Domingos Sávio, o modelo dos alunos de Dom Bosco¹².

“De verde toucam-se e de encarnado...”

O Liceu em peso participou da inauguração da Exposição Comemorativa do II Centenário do Cafeeiro, realizada no dia 12 de outubro de 1927.

Ao meio-dia, o garboso batalhão do internato, precedido pelos ciclistas, banda e fanfarra, punha-se em marcha, seguido pelo corpo de escoteiros do externato.

No Palácio das Indústrias, presenciaram o ato da inauguração, além do governo de São Paulo, o representante do Presidente da República, o presidente do Estado do Rio de Janeiro, representantes oficiais de todos os municípios de São Paulo e dos principais Estados cafeeiros do Brasil.

Ao ser cortada a fita auriverde que dava ingresso à exposição, foi cantado o grandioso *Hino do Café*, composto por Pe. Luiz Marcigaglia para a circunstância, sempre acompanhado pela banda e fanfarra, com um efeito surpreendente.

A letra foi publicada em todos os jornais da Capital paulista, que elogiaram a parte saliente desempenhada pelo Liceu nos festejos.

Chamou a atenção dos nossos alunos, o grande hidroplano, o tão falado “Jahú”, que fez a travessia do atlântico, então apresentado na exposição.

Após o lanche oferecido pela comissão organizadora, em formação ganharam a Ladeira do Carmo fazendo um magnífico desfile pelas ruas da cidade¹³.

O velho Major

A 24 de maio de 1928, realizou-se a 1.^a passeata cívica do batalhão escolar.

Era de ver o entusiasmo da meninada, quando da preparação para o grande evento. Sem perda de estudo, todos, máxime os mais pequenos, cada dia martelavam os passinhos ao toque da caixa surda que *descascou* o dedo de muito tamboreiro.

A fanfarra *limava* os dobrados, a banda as marchas. E os oficiais? Ah! esses garbosos, ufanos, só falavam dos talabartes a serem inaugurados, e das espadas históricas, que o Dionísio, com a turma de engraxates, punha à luz do sol.

Enfim, era um *fervet opus*, que inspirava Virgílio.

Mas o dia raiou, e apesar dos cavalões de nimbos, que ofuscavam ora sim, ora não, o sol, a tarde era esplêndida, fresca, esperançosa.

Ao toque marcial da fanfarra e da banda, às 14:30h, o batalhão, qual uma imensa fila branca, partiu em demanda da cidade. À frente, abriam ala dois elegantes inspetores de trânsito, montando imponentes cavalos. Em pós, a meninada garbosa, ovante, rebrilhando de entusiasmo e brio na alvura imaculada dos uniformes.

Os principais jornais da cidade, ante a fachada dos quais desfilou o Liceu, elogiaram o desempenho da “brigada branca”.

Por todo o percurso seguiu os alunos compacta multidão de povo — e era a hora de mais intenso movimento no centro. Não faltaram os *oh* de admiração e surpresa; quanta gente não os conhecia ainda!

Que onda de simpatia tinha invadido a massa popular, ao desfilar com garbo os nossos pequerruchos do 1.º ano primário, com seu minúsculo mas marcial pelotão, onde até os graduados e oficiais eram liliputianos.

E quanta intumescência de sangue patriótico não aflorou às faces do nosso povo, ao ver o glorioso auriverde pendão baloiçar ao vento, sustido, escoltado e seguido por aqueles 700 patriotas em flor!

Muitas lágrimas de mães e de pais — lágrimas de santo amor próprio e ufanía — vendo seus filhos honrarem assim tão belamente o pavilhão da pátria.

Um velho major timbrou em acompanhar por várias ruas, como se recordando da juventude que os adiantados anos tinham carcomido, o garboso desfile.

E rebrilhando na sua farda de galões novos, lá ía dizendo ele:

— Isso sim, isso é bonito! Quero seguir estes jovens patriotas! Parabéns por esta lição de civismo que o Liceu está dando hoje ao povo¹⁴.

“Lá vêm eles...”

A comissão da Semana de Educação marcou para o dia 12 de outubro de 1928 o “Dia da Criança”.

À tarde, a pedido da comissão organizadora, o Liceu desfilou pela avenida Carlos de Campos.

Partiram os alunos envergando o seu vistoso uniforme branco e levando à lapela o distintivo verde-amarelo do Dia da Criança. Tomaram os bondes especiais nas imediações do Liceu que os levaram até o princípio da avenida Carlos de Campos, onde se

notava compacta multidão que aguardava a passagem do préstito que devia ser encerrado pelos salesianos.

Ao apontar da majestosa coluna branca, ponteadas cá e lá por pequenas bandeiras nacionais levadas pelos sargentos, os olhares daquela multidão convergiam para lá.

— Lá vêm eles. É o Coração de Jesus!

— Esses sim que marcham bem.

— O colosso de colégio...

— Ó banda boa... é a melhor de São Paulo... depois da Força Pública...

— Mas quanto menino!...

Eram as expressões que deixava escapar aquela multidão que se comprimia nos passeios para admirar a marcha dos alunos...

Ao passar o Liceu entre aquela multidão eram incessantes os aplausos e exclamações de admiração, e assim percorreram os alunos a avenida sempre admirados e aplaudidos¹⁵.

Calam ainda em todos, perdurando indelevelmente no espírito público, as grandes festas da Independência. Sete de setembro de 1929 marcou época nos anais da cidade de São Paulo pelo modo por que foi comemorado o dia magno da nossa história...

Cem mil pessoas correram pressurosamente, este ano, a beber patriotismo dos seus pequenos e grandes filhos, jovens soldados, atletas robustos que desfilaram garbosamente ante o monumento da Independência...

“Foram aplausos que receberam entre todos, nosso querido Liceu, conquistando entre os colégios o primeiro lugar, o segundo entre todos os concorrentes.”

O grande triunfo a coroar o dia 7 foi a exibição de ginástica sueca, em que o Liceu mostrou ser ainda o mesmo, levando num arrojo jamais visto em São Paulo a taça do primeiro prêmio do concurso (...) entregue pela comissão da Semana de Educação Física de São Paulo¹⁶.

“A encantadora festa de distribuição de prêmios...”

São palavras do *Correio Paulistano*, de 27 de novembro de 1915¹⁷.

Os prêmios, hoje, praticamente foram varridos da vida escolar. Aduzem-se os mais diversos pretextos, como de discriminar os alunos, de gerar frustrações, complexos, a ocorrência de injustiças etc.

Na vida real, porém, os prêmios constituem prática normal e corrente nas atividades esportivas, artísticas, literárias e até mesmo nas profissionais. Assim, mais uma vez a escola se mostra dissociada da vida comum dos homens.

É inegável que os prêmios estimulam a produtividade, a prática das boas maneiras, o bom procedimento e até a dedicação ao trabalho.

S. João Bosco, ao tratar de seu sistema de educação, reconhecia a eficácia dos prêmios ¹⁸:

— O elogio quando uma ação é bem feita, a repreensão quando há desleixo, é já um prêmio ou castigo (art. 99,2).

— Torne o diretor bem conhecidas as regras, os prêmios... (art. 99,5).

Ao falar da categoria mais numerosa de alunos, ou seja, “de caráter e índole comum, um tanto volúvel e inclinada à indiferença”, dizia: “É preciso estimulá-los ao trabalho, também com pequenos prêmios...” (art. 105).

Os regulamentos prescreviam:

No final do ano letivo, ou princípio do seguinte, faça-se com solenidade a premiação dos alunos.

No Liceu Coração de Jesus, a prática da premiação tem sido uma tradição constante. Havia grande variedade de prêmios, procurando cobrir os mais diversos aspectos e atividades na vida escolar do aluno, reduzindo imensamente a possibilidade de ocorrência de injustiças ou protecionismo.

Eram estes os setores premiados:

— *Aula* (aplicação e rendimento): 1.º, 2.º, 3.º prêmios e Menção Honrosa;

— *Comportamento*: Prêmio Especial, Prêmios Distintos, 1.º, 2.º e 3.º prêmios e Menção Honrosa;

— *Instrução religiosa*: Prêmio Especial, 1.º, 2.º e 3.º prêmios e Menção Honrosa;

— *Música* (piano, canto, flauta, violino, bandolim, banda, orquestra, fanfarra): 1.º e 2.º prêmios para cada especialidade;

— *Diversos* — declamação, datilografia, mecanografia, estenografia, desenho, pintura, ginástica ou atletismo, trabalho ou serviços prestados, assiduidade: 1.º e 2.º prêmios.

Cada especialidade valia certo número de pontos. Conforme a soma dos pontos chegasse a um valor padrão, era ao aluno con-

ferida uma medalha. Havia seis tipos de medalha: Ouro, Prata, Bronze, 4.ª Medalha, 5.ª Medalha e 6.ª Medalha.

Além disso cabia ao conselho do estabelecimento dar o veredito final sobre o mérito do candidato ao prêmio.

Devido ao grande número de alunos premiados, normalmente se faziam duas festas.

O Liceu sempre investiu muito premiando seus alunos, como podemos verificar no quadro estatístico a seguir.

NÚMERO DE ALUNOS PREMIADOS ENTRE 1921 A 1933 NO LICEU CORAÇÃO DE JESUS								
Ano	Tipo de medalha						Total de medalhas	Outros prêmios
	Ouro	Prata	Bronze	4.ª M.	5.ª M.	6.ª M.		
1921	—	—	—	—	—	—	—	856
1922	—	—	—	—	—	—	—	1.192
1923	—	—	—	—	—	—	—	905
1924	93	79	117	206	228	—	723	1.616
1925	101	82	153	213	264	—	813	1.752
1926	78	64	87	190	88	—	507	1.969
1927	111	109	136	205	145	215	921	1.927
1928	125	110	167	192	219	223	1.036	2.433
1929	111	116	172	186	214	263	1.062	1.746
1930	149	114	197	179	253	198	1.090	2.203
1931	108	112	155	159	143	240	917	1.944
1932	91	84	144	138	220	233	880	925
1933	143	106	162	160	211	309	1.091	1.833

FONTE: Anuários dos respectivos anos.

Além disso, os alunos tinham o prêmio de verem seus nomes nos anuários. Mensalmente, a revista *O Liceu* publicava os nomes dos alunos com sua classificação na aula e suas notas de procedimento.

As saídas (para os internos) durante o período letivo eram também consideradas prêmio. A esse respeito, houve dificuldades

(sanadas) quando o provincial escreveu uma circular determinando que se cumprisse o ponto dos regulamentos que proibia tais saídas.

O conselho do Liceu reuniu-se e julgou “impossível a execução de tal ordem por diversos motivos, entre eles o de ser a saída um prêmio que ‘facilitava’ grandemente a disciplina interna e por ser costume aqui no Brasil de darem todos os internatos saídas semanais aos seus alunos e os mesmos colégios religiosos que ‘usavam’ mais rigor ‘concediam’ no mínimo uma saída cada 15 dias”. Deliberou-se solicitar ao Pe. Provincial um pedido de concessão sobre tal artigo ¹⁹.

O ensino de religião sempre foi um dos maiores trunfos do Liceu. Não encontramos interferências das autoridades escolares oficiais como ocorreu em outros colégios salesianos.

O regulamento dos salesianos prescrevia:

Realizem-se todos os anos certames de catecismo e apologética: revista-se de grande solenidade o exame de religião, distribuindo-se prêmios aos que tiverem obtido as melhores notas (art. 126).

De fato, os certames de religião foram sempre acontecimentos notáveis na vida do Liceu e revestiam-se de grande brilhantismo. Eram realizados em sessão solene, entremeados os debates ou interrogatórios por números de orquestra. Nem sempre as sessões tinham tempo suficiente para eliminar os concorrentes, havendo necessidade de outras sessões particulares para chegar à apuração final.

Normalmente os prêmios eram valiosíssimos estimulantes. Em 1926, foram sorteados para o primeiro lugar: um ano grátis no internato, no valor de 1:600\$000 e um ano grátis para o externato; uma bicicleta no valor de 200\$000, dois ternos de casimira, quatro valiosos relógios e um relógio de bolso ²⁰.

Para 1927: relógio de mesa coberto com uma cúpula de cristal, com corda por um ano; relógio de mesa com esplêndido carrilhão de sinos; três pêndulos sustidos por estatueta de bronze; três relógios de bolso folheados a ouro extrachatos, tendo gravado no interior a inscrição: “Certame de 1927” ²¹.

Em 1929, os *prêmios especiais* eram um “esplêndido relógio de mesa com harmonioso carrilhão de sinos”, um “esplêndido pêndulo de bronze”. Os *prêmios distintos*: “belíssimos relógios pulseira”. Eram nove os *prêmios especiais* e vinte os *prêmios distintos*, havendo ainda muitos outros prêmios para os demais classificados. Concorreram às provas escritas 492 alunos e às orais, 317 ²².

Prêmios desse quilate enchem a boca de água e não deixam de ser estimulantes. Provavelmente, o número de prêmios contribuía como propaganda do Liceu entre os alunos. De fato, foi a época em que o Liceu estava em plena ascensão e brilhantismo.

O próprio cronista observava emocionado ²¹:

Já alguns anos, que estas provas públicas de religião se vêm realizando entre os nossos alunos, que a elas dão grandíssima importância.

É belo de ver-se, nas vésperas das provas, grupos de alunos a recordarem o catecismo entre si, nos pátios; outros aproveitando o tempo em que a "fila" vai de um a outro para decorar as respostas; é um interesse geral pela ciência das ciências que impressiona e comove.

Mas havia a advertência oportuna:

Essas brilhantes provas, que continuam no Liceu, para honra dos alunos que delas participam, mas a todos lembramos que a religião não é só ciência, mas é também *moral prática*; de nada vale saber-se muito bem o catecismo, se depois não praticarmos o que ele ensina; a fé sem as obras é morta, diz o apóstolo S. Tiago.

Esses e outros estímulos eletrizavam os alunos em sua dedicação aos estudos. Os anuários e a revista *O Liceu* publicavam imensas listas dos alunos premiados, reforçando ainda mais os estímulos!... "Muitos choravam", ao sair para suas casas, "por não terem recebido alguma medalha!" ²⁴.

* * *

NOTAS

¹ "Relatório do Dr. Carlos Lobo, Inspetor Federal do Liceu Coração de Jesus", in *Anuário do Liceu Coração de Jesus*, 1926, p. 166-167.

² *Anuário do Liceu Coração de Jesus*, 1927, p. 202.

³ *Anuário do Liceu Coração de Jesus*, 1928, p. 144-145.

⁴ *Op. cit.*, p. 146-147.

⁵ "Ata do Exame de Instrução Militar dos Reservistas de 1927", *Anuário do Liceu Coração de Jesus*, 1927, p. 201-203.

⁶ *Anuário do Liceu Coração de Jesus*, 1928, p. 146-147.

⁷ *Anuário do Liceu Coração de Jesus*, 1929, p. 106-107; ainda *O Liceu*, 12 (2), p. 65, abr. 1929.

⁸ *Anuário do Liceu Coração de Jesus*, 1927, p. 33-38.

⁹ *Op. cit.*, p. 66-70, p. 7-8.

¹⁰ *Anuário do Liceu Coração de Jesus*, 1926, p. 169-171.

¹¹ Testemunho do Sr. Luís Pinto Ferreira, Funcionário da Tesouraria do Liceu Coração de Jesus.

¹² *Anuário do Liceu Coração de Jesus*, 1927, p. 204.

¹³ *Op. cit.*, p. 204.

¹⁴ *Anuário do Liceu Coração de Jesus*, 1928, p. 31-33.

¹⁵ *Op. cit.*, p. 55-56.

¹⁶ *Anuário do Liceu Coração de Jesus*, 1929, p. 53-55.

¹⁷ *Anuário do Liceu Coração de Jesus*, 1915.

¹⁸ S. João Bosco, *Constituições e Regulamentos*, São Paulo, Esc. Profissionais Salesianas, s.d.

¹⁹ Liceu Coração de Jesus, *Atas do Capítulo da Casa*, sessão de 18 de setembro de 1926.

²⁰ *Op. cit.*; ainda *O Liceu*, 9 (9), p. 306-320, nov.-dez. 1926.

²¹ *O Liceu*, 10 (9-10), p. 357-369, nov.-dez. 1927.

²² *Anuário do Liceu Coração de Jesus*, 1929, p. 79.

²³ *O Liceu*, 10 (9-10), p. 357-368, nov.-dez. 1927.

²⁴ *O Liceu*, 12 (9-10), p. 429, nov.-dez. 1929.

XVI

NA ERA DA RECONSTRUÇÃO

De repente, em toda a parte, em todos os setores da atividade, surge uma efervescência surpreendente, um dinamismo ultrapotente. “Quer-se refazer a Nação dos males passados, reedificá-la sobre novas bases, ampará-la dos maus elementos, com sindicâncias, com devassas” e quejandas, com tudo que esteja de molde a dar uma feição às novas energias que renascem.

“De norte a sul, um só ideal! Zelem-se pelos mesmos princípios, estabelecem-se as mesmas normas de vida, trata-se de erguer bem alto a consciência redentora!”

Fala-se em reconstrução religiosa!... em reconstrução escolar!... Criou-se o Ministério da Educação... Zelar-se-á agora com mais critério e mais carinho pelo patrimônio intelectual da Nação... Agora não com *promoções por médias e frequência*, mas com estudos *reais*, com o trabalho pessoal, confiante nas próprias energias e dando-lhes valor: com o espírito de iniciativa e com demonstrações de competência e de saber.

Assim escrevera Pe. José dos Santos, na introdução ao *Anuário* de 1930. Em 1931, porém, uma nota de pessimismo era a tônica da introdução: “Nada de novo!...”. E o Liceu que tinha de reformar? Costuma-se dizer que “em time vencedor não se mexe”... Mesmo assim, admitia o Pe. José dos Santos, então diretor, que o Liceu havia acompanhado *pari passu* as reformas do ensino ginásial e comercial e o *Anuário* atestava o progresso e reconstrução feitos com carinho, perfeição, seriedade e coragem.

Um dos inspetores do Liceu chegou a afirmar: “Desafio quem me diga que em outro lugar se prestaram exames mais completos e mais sérios que no Liceu”.

A palavra “decreto” de boca em boca

A 3 de outubro de 1930 arreventara a revolução regeneradora (sic) do Brasil que depôs o governo de Washington Luís.

Uma grande manifestação de ginástica esportiva no Liceu, programada para o dia 12 em honra de D. Henrique Mourão, não pôde ser efetuada por causa da revolução.

Um decreto do Governo Federal (dia 14), chamando todos reservistas às armas, fez os reservistas do Liceu partirem para suas casas. Dois dias depois, foram dispensados os menores de 21 anos. Vários alunos retornaram ao Liceu. Os pais, porém, vieram buscar a muitos de seus filhos, por precaução, o que veio prejudicar às aulas e faltavam alguns professores. Os alunos estavam agitados, forçando a diretoria a pedir a todos que procurassem ter calma, mostrando que não haveria perigo e que, portanto, se aplicassem aos estudos em preparação aos exames (17.10.1930).

Mas a síndrome de 1924 estava ainda bem viva. De fato, no dia 24, os alunos preparavam-se para o início regular do segundo período de aulas, quando começaram a afluir na portaria diversos pais de alunos, reclamando urgentemente seus filhos, por causa do pânico que começou a reinar na cidade por notícias vindas do Rio de Janeiro sobre a mudança repentina de governo. Os rumores se propalaram pela manhã, quando tomaram vulto, com a notícia oficial da queda do governo e da posse de uma junta governativa na direção dos destinos do País.

Imediatamente as aulas foram suspensas. Houve a dispensa de quase todos os alunos. No dia seguinte, foi hasteado solenemente o Pavilhão Nacional, saudando os alunos a vitória da revolução.

Acompanhando as forças gaúchas, no dia 30 de outubro, quatro dos 14 capelães militares, adidos ao Exército que seguia Getúlio Vargas, hospedaram-se no Liceu. Alguns deles, como Pe. Antônio Zattera e Pe. Vicente Scherer, então secretário do arcebispo de Porto Alegre, chegaram posteriormente ao episcopado.

A revolução desorganizou o andamento do ano escolar. Dias depois já se espalhavam boatos de que o Governo Federal iria conceder exames pelas médias mensais aos estabelecimentos de ensino.

No Liceu, não se falava de outra coisa. A palavra *decreto* corria de boca em boca, e era um indagar contínuo se sairia o decreto. Alguém que chegava ao Liceu, um superior que conversava, o assunto era sempre o mesmo, o *decreto*.

As aulas corriam bem, mas um certo nervosismo dominava alunos e professores. Era o decreto que vinha.

No dia 15 de novembro, ao sair da igreja, tudo estava como no dia anterior. Foi somente, depois do café, que um “certo” arranjou um jornal, não se sabe se emprestado ou de contrabando (a circulação de jornais era proibida internamente). Leu o *decreto*. Essa palavra soou como um relâmpago por todo o Liceu e se não foi um pandemônio, pouco faltou.

Ao hasteamento da bandeira, cantado pela banda, pronunciado o discurso oficial da grande data pelo quintanista José Fontes, o Pe. Conselheiro subiu à tribuna e fez a leitura pública do famigerado *decreto* do Governo Federal, concedendo a promoção de ano pelas médias mensais.

Um trovão de aplausos recebeu a auspiciosa notícia, enquanto os “hurras” estrudiam os ares, vibrando todos num só contentamento, numa só alegria.

À palavra *decreto* sucedeu uma outra mágica, acalentando dias fagueiros de belas esperanças: FÉRIAS!...¹

O ano letivo de 1930 havia findado.

Finanças em crise

As finanças do Liceu constituíam a preocupação constante do Pe. José dos Santos já em 1929 (colapso da Bolsa de Nova Iorque), quando falava ao conselho da casa: “O estado financeiro da casa era deveras lamentável”. E exortava “a todos uma verdadeira economia e a vigiar para que nada ‘se estragasse, se perdesse ou desaparecesse’ ”².

A revista *Santa Cruz* apresentava então um *déficit* anual de cinco contos de réis. De fato, deixou de funcionar em 1930³.

Nos inícios de 1930, advertia: “É preciso fazer bastante economia, porque os balanços de cada fim de ano são assustadores”. No mesmo ano, determinou-se a suspensão da quermesse para as Missões, que se fazia anualmente, porque “os alunos estavam sem dinheiro”. Dias depois, queixava-se do “estado deplorável em que se encontrava o Liceu financeiramente”, não podendo receber o crédito de 260 contos de réis⁴.

Observava ainda que era preciso tratar melhor os alunos e particularmente as famílias, uma vez que ocorriam muitas queixas da parte destas e se falava muito mal do estabelecimento. Várias famílias tinham até retirado seus filhos, alegando ser mal recebidas e maltratadas; outras que os alunos não eram bem tratados por alguns salesianos⁵.

No ano seguinte, prevendo grande diminuição de alunos, devido a crise reinante no País e a impossibilidade de receber os 340 contos de réis de crédito, pedia se fizessem muitas restrições em tudo (a diminuição não ocorreu, senão no curso primário). Aconselhou-se até a se restringir o número de prêmios (era pequeno o estoque de medalhas em casa). Convém notar que o Liceu sustentava o Seminário Teológico ⁶.

Em se tratando da equiparação do Liceu, que infalivelmente implicaria uma “boa despesa”, notava o diretor “mais uma vez que as finanças... estavam ‘arrebentadas’; e sem dinheiro não se fazia nada; e sem dinheiro como poderia pagar os professores?”...

Muitos pais de alunos haviam falido, em consequência da crise e não podiam saldar seus compromissos com o estabelecimento.

Acrescia ainda que a intransigência e o espírito de insubordinação reinante no País tinha seus reflexos dentro do Liceu. Era necessário, por exemplo, conceder aos alunos as férias de junho, o que já faziam todos os colégios da Capital paulista. Nas circunstâncias vigentes, se o Liceu não concedesse férias, ocorreriam revoltas e desordens.

De fato, os alunos externos, revoltados, já se preparavam para uma greve, se não houvesse as férias juninas. Os membros do conselho da casa resolveram atender aos desejos dos alunos. Foi organizada uma comissão para apresentar ao Pe. Visitador Extraordinário um pedido para que se concedesse férias de junho aos alunos ⁷.

Em 1932, houve de fato grande diminuição de alunos internos e mesmo no externato foi supresso o período da manhã ⁸.

O Liceu, honra de São Paulo

Apesar da crise reinante e avassaladora, o estabelecimento conseguia manter o seu alto padrão de casa de ensino e de educação. É o que atesta o inspetor do Liceu, Euclides Pequeno, em seu relatório de 28 de janeiro de 1931, dirigido ao diretor do Departamento Nacional de Ensino ⁹:

O Liceu Coração de Jesus é um estabelecimento de ensino que honra a culta capital de São Paulo. Ele difunde a educação e a instrução primária e secundária, bem como a comercial e profissional, com eficiência segura. A missão a que se propõe essa seqüência da obra de Dom Bosco, ele o Liceu a cumpre integralmente, no labor cotidiano do seu ilustrado corpo docente e de sua hábil, firme e proficiente administração. Destaca-se sem forma de

elogio ou de envaidecimento ao amor próprio a figura do seu digno diretor Pe. José dos Santos, sacerdote que, a simplicidade de hábitos e a nenhuma preocupação de aparecer o tornam credor da mais alta estima e admiração.

Sente-se no Liceu Coração de Jesus, ao penetrar nos seus umbrais, que tudo ali respira alegria, ordem, paz, progresso. E, sob o doce influxo da imagem de ouro que encima a torre da sua catedral, Jesus de braços abertos parece chamar ao amor das mães a criança para conquista do saber.

Seria demasiado, na hora atual, vir nesse relatório dizer ao D. N. E., o que é o Liceu Coração de Jesus em São Paulo; melhor que essa inspeção o disseram os inspetores e comissões examinadoras que por ele têm passado, das quais já tive a honra de fazer parte em anos anteriores.

Pôr em relevo a sua organização é compulsar esses trabalhos, os seus estatutos, primorosamente confeccionados nas suas oficinas, bem como os seus anuários, boletins, revistas, demais impressos que atestam o grau de adiantamento desse notável ninho de instrução do país.

Esmerando-se no aperfeiçoamento geral do aluno para a luta da vida, é a educação física um dos principais escopos de sua direção, mantendo para isso bons lugares de recreio, esportes e tudo que se relaciona com a saúde do corpo. A chácara de Santana atesta a validade dessas afirmações, onde os alunos do Liceu convergem de vez em quando para os exercícios ao ar livre, cultivando-se assim a ginástica higiênica-terapêutica.

Consoante à educação intelectual bem orientada pela organização dos diversos cursos, está a educação moral-cívico-patriota que o Liceu faz questão de difundir proficientemente sob esse triplice aspecto e realiza a sua missão de ensino, dispondo das mais modernas instalações em seu estabelecimento, nas salas de aulas, dormitórios, gabinetes e mais departamentos, perfeitamente amplos e higienizados.

Apesar da crise econômica, operavam-se grandes reformas no Santuário do Coração de Jesus, que se tornou ainda mais suntuoso.

Foi concluído, em 1930, o altar de Dom Bosco, verdadeira jóia, talhado em mármore finíssimo pela firma Bertozzi & Cia., de São Paulo, e decorado pelo pintor bolonhês Gentili. Ocupou o altar pertencente anteriormente a Santa Teresinha ¹⁰.

Os altares do Sagrado Coração de Jesus e de Nossa Senhora Auxiliadora foram remodelados. A imagem de N. S.^a Auxiliadora, original, foi transformada em N. S.^a do Carmo e colocada no altar de S. Vicente. Em 1931, foram reformados os altares de S. José e de N. S.^a de Lourdes, tudo isso graças ao zelo do Pe. Caetano Falcone e das senhoras que com ele trabalhavam ¹¹.

Fez-se ainda o telhado sobre o terraço do externato, que, por ter sido mal construído, deixava cair água em todas as salas de aula. Esse terraço foi aproveitado para as salinhas de piano e de banda (1930) ¹².

Em 1931, foi determinada a ampliação da cabine de cinema, como também a colocação de um tanque de água para evitar incêndios. Ventilou-se o problema de poder arranjar quem oferecesse ao Liceu os meios para a aquisição de um cinematógrafo sonoro, uma vez que se tinha muita dificuldade de arranjar filmes mudos ¹³.

Nesse ano, foi inaugurado o *novo uniforme*, em 21 de maio. Saíram os alunos, puxados pela banda municipal, dirigiram-se à rua Líbero Badaró, a fim de saudarem as autoridades e os jornais *O Estado de S. Paulo* e o *Diário Popular*.

Os pelotões foram impecáveis, no seu longo e imenso cordão de calças de flanelas cremes e paletós de casimira azul. Mais pareciam um regimento de oficiais da Marinha. Colossal multidão acotovelou-se na passagem, para presenciar espetáculo inédito na Paulécia. Quantos risos de satisfação, que admiração ao verem os pequerruchos, todos compenetrados do ato, marcharem garbosamente, olhos hirtos à frente, com saliência peitoral, mais parecendo pequenos soldados. Ao passarem pelo Banco Francês-Italiano, na rua 15, um elegante senhor virou-se para outro, e no auge do contentamento, disse: "Esse é o primeiro colégio de São Paulo" ¹⁴.

Os triunfos populares amenizaram a tensão da diretoria do Liceu e serenaram um pouco os ânimos de todos. Mas a crise econômica esquentava e desafiava as mentes dos dirigentes. Assim, ao tratar da equiparação do Liceu, para atender às exigências prementes da nova Reforma de Ensino, dizia o diretor aos membros do conselho ¹⁵:

Precisamos fazer gastos para preparar as salas de Geografia, Canto, gabinete de Física-Química-História Natural e Ginástica, conforme as Instruções do Ministério da Educação. E se não se fizer, o Liceu não poderá ser equiparado, e não sendo equiparado, infalivelmente morrerá. E os gastos para isto são de uns 10 ou 12 contos.

O gabinete de Física ocupou a sala de aula de banda.

Nas férias de 1931, foi iniciada a construção do prédio acima da sacristia — Pavilhão Santana — destinados a quartos de hóspedes, segundo vontade do doador de 50 contos de réis. Em 1932, os gabinetes e o pavilhão já tinham sido terminados. Os que visitaram os laboratórios, foram concordes em afirmar serem eles dos melhores existentes em São Paulo, quer pela ordem reinante, quer pelo luxo das instalações e abundância de material ¹⁶.

Pe. Otacílio de Oliveira, diretor do externato, era a alma do Museu Comercial de História Natural, em que se viam aves embalsamadas das florestas do Amazonas, dos campos e matas de São Paulo, do Norte e do Sul do Brasil. Pedras belíssimas, madei-

ras de lei do País, finíssima coleção de borboletas, quadros murais, tudo enfim, que podia servir para a formação intelectual e científica dos alunos. Esses (havia-os de todo o Brasil) colaboravam trazendo tudo o que podiam encontrar para enriquecer o museu (que ainda hoje existe) ¹⁷.

A Revolução Constitucionalista

A 9 de julho de 1932, o Liceu fechava suas portas e os alunos tiveram de ir-se para suas casas. Tinha arreventado a revolução em São Paulo.

Parte do estabelecimento foi requisitado para funcionar como hospital. Pe. Edgar de Aquino Rocha, diretor dos estudos, e Pe. José de Alencar, assessor dos ex-alunos, acompanharam os soldados constitucionalistas como capelães militares.

No dia 10 de agosto, os alunos externos do curso primário puderam voltar às aulas. O corpo docente interno substituiu os professores externos, muitos dos quais ou haviam embarcado para as linhas de frente ou prestavam seus serviços na cidade.

Em 12 de agosto, chegaram os alunos do Ginásio S. Joaquim, de Lorena, os seminaristas do Colégio S. Manoel, de Lavrinhas, por motivo de se acharem essas duas casas salesianas na zona perigosa das operações de guerra. Ficaram maravilhados com a majestade e a amplidão do edifício.

A guerra civil, entretanto, havia desorganizado o ano letivo, o que foi objeto de uma reunião do conselho da casa. Mas era tanta a confusão e a dificuldade de reorganizar as aulas, que nenhuma decisão ou solução pôde ser tomada para o caso. Apenas, a 5 de setembro, foi possível convocar os alunos internos do curso primário.

No dia 25, um major da Força Policial Paulista entrava em entendimento para um armistício. Logo no dia seguinte, reabriram-se as aulas para os alunos internos dos cursos de ginásio e comércio, residentes em São Paulo, que freqüentariam as aulas como externos ¹⁸.

No dia 3 de outubro cessaram as hostilidades. À derrota, porém, deixou profunda amargura e frustração no povo paulista, o que forçou a Getúlio Vargas reencetar o caminho da reconstitucionalização do País ¹⁹.

Essa inquietação parece manifesta na introdução do *Anuário* de 1932, nestas palavras de Pe. José dos Santos ²⁰:

Que futuro nos espera (...)?

Assiste-se, neste momento, em nossa querida Pátria, a um anseio por tudo o que é novo, a um desejo incontido de imitação, mesmo

que seja das coisas da Rússia, e fica-se com a mente a pensar, a refletir em que paradeiro irá dar isso.

Reinava no País a agitação desencadeada pelo movimento tenentista, por grupos comunistas, socialistas e por outros que pretendiam ou desejavam mudanças...

Pe. José dos Santos a eles se referia quando dizia:

Tal se nos afigura o manejo de certos elementos mal orientados que apanham aqui e ali, de longe e de perto, sistemas e planos, que não nos assentam bem e que serviriam para perdermos a nossa fisionomia primordial, como povo civilizado. Seria melhor que aperfeiçoássemos o que é nosso, muito nosso, em vez de querermos transplantar para aqui filosofias e pedagogias que não deram resultado apreciável no velho mundo e em outros lugares.

E advertia:

Não é possível transformar a vida de um povo do dia para a noite. Para aperfeiçoá-lo requer-se o fator tempo e uma certa soma de trabalho dos que pensam e dos que sabem.

Não façamos experiência *in anima vile*. Esse seria um crime de lesa humanidade. (...) a nós ninguém nos autoriza a destruir para edificar, matar para ressurgir, aniquilar para engrandecer e refazer-se.

Pe. José dos Santos e o “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”

Era a época dos congressos de educação, e os debates eram intensos e acalorados. Em 1932, Fernando Azevedo redigiu um texto que foi assinado por 32 educadores, e que veio a chamar-se de “Manifesto dos Pioneiros”.

O manifesto sugeria entre outras qual deveria ser a ação do Estado, reivindicava a laicidade do ensino público, a gratuidade e a co-educação. Propugnava pela necessidade de colocar “o ambiente escolar acima das seitas, disputas religiosas, dogmatismo” e de excluir do mesmo “qualquer influência perturbadora à personalidade do educando”. Segundo ele, o ensino devia ser leigo na escola pública. Preconizava ainda a mudança de métodos educacionais, fundamentando seu parecer nas descobertas da moderna psicologia ²¹.

Pe. José dos Santos não deixou de manifestar o seu pensamento sobre as novas idéias e escrevia perplexo ²²:

No que concerne à educação e aprendizagem o caso é mais complexo. Tantas teorias novas, tantos livros, tantos pedagogos aparecem que a gente fica duvidando se está fazendo bem ou mal.

Seguir os métodos antigos, considerados velharias, seria objeto de reparo, pois o mundo marcha, dizem, e nós devemos evoluir com ele!

Seguir teorias novas, incertas, que dão bem para uma categoria de alunos e mal para outra, mais apoucada de inteligência, seria temeridade e afoiteza remarcadas.

E concluía prudentemente:

Que se há de fazer? Esperar por tempos melhores.

Após elogiar a “exposição de motivos” de Francisco Campos ao decreto sobre o ensino religioso, que deixava ao livre arbítrio de cada pai ou tutor, estranhava a celeuma que se levantava em certos meios:

A celeuma, então que se levantou, está no domínio público, como se a execução desse decreto, em questão, fosse obrigatória para todos, até para os fidalgos filhos dos sovietes!

Ninguém pode negar que a maioria do povo brasileiro é católica e portanto não se pode tolher esse privilégio a seus filhos, como o ensino religioso nas escolas.

No entretanto, um pequeno número de indivíduos assim não pensa, e exige que todos façam como eles determinam e mandam.

Restringe-se a liberdade da maioria, em benefício de uma minoria oca e petulante. É andar muito!

O ranço das minorias totalitárias não é novo! . . .

Dirigindo-se a seus alunos, dizia:

Bem dizia eu, meus queridos alunos, que estamos em tempo de experiências, sendo vítima delas o pobre povo, que necessariamente deseja progredir, mas não dessa maneira descompassada e ignóbil, que tanto avilta e acabrunha.

Já disse alguém: o homem é um animal essencialmente religioso. Talvez esses tais não queiram figurar na categoria dos animais . . . racionais. Esses mesmos que querem apagar as estrelas do firmamento e desterrar Deus das consciências, quem sabe quantos esforços não fazem para negar a si mesmos, só pelo prazer de acompanhar indivíduos imbuídos de idéias racionalistas e agnósticas.

Após falar da concepção atéia de Lênine, concluía:

Desse mal não podeis lamentar-vos, meus queridos liceanos. Aqui, além de tudo, tendes esse conforto e essa ilustração que vos servirão de norma para toda a vida.

É de notar que o Liceu se submetia às modificações que eram propostas pelo Governo Federal. Assim o Curso Ginásial se adequava ao Decreto n.º 19.890, de 18 de abril de 1931.

Também o Curso Comercial sofrera modificações de acordo com o Decreto n.º 20.158, de 30 de julho de 1931. Mas a consagração veio em 17 de novembro de 1933, quando o Conselho Nacional de Educação emitiu o seguinte Parecer de n.º 159:

O Liceu Coração de Jesus, fundado em São Paulo, em 1885, pelos Padres Salesianos, há mais de 40 anos vem prestando seus serviços à causa da educação nos seus diferentes graus: primário, ginásial, comercial e profissional. Presentemente conta 1.761 alunos. Pelas proporções dos seus edifícios, pelo bem aparelhado dos seus gabinetes e museus, pela limpeza e suntuosidade de suas instalações, merece figurar entre os *melhores estabelecimentos de ensino* do país. A ficha de classificação colocou-o justamente entre os "excelentes" com 9.525 pontos.

Pelo Decreto n.º 23.688, de 2 de janeiro de 1934, era reconhecido oficialmente com a inspeção permanente e as prerrogativas de estabelecimento livre de ensino secundário.

O "glorioso e invencível S. Luís"

Desde inícios do século, existia no Liceu, o Sport Club S. Luís ou a Associação Esportiva S. Luís. Sua diretoria, eleita anualmente, tinha por presidente honorário o Pe. Diretor. Seu quadro de jogadores chegou a possuir seis times.

Em 1920, começou a destacar-se no futebol com seu primeiro time, que só perdeu para o "Dom Bosco", apenas uma vez, da União dos Ex-alunos. Daí para a frente, jamais sofreu uma derrota até 1934. O máximo que seus adversários por mais poderosos que fossem, internos ou externos, conseguiam arrancar-lhe era um honroso empate...

Por isso veio a ser apelidado de "glorioso", "invencível", "o tigre liceano" (1931).

É de notar que o Liceu forneceu futebolistas famosos. Em 1925, vários ex-alunos do Liceu integravam a Seleção Brasileira que excursionou pela Europa, como Araken Patuska, Luiz Lopes de Andrade, Amphiloquio Marques. Outros grandes jogadores ex-alunos do Liceu brilharam no futebol como Neco e Perez (Corinthians Paulista), Carrone e Ministrinho (Palestra Itália). Neco ou Manuel Nunes era alcunhado pelos platinos de *El Toro* em vista das suas qualidades futebolísticas excepcionais²³.

Outro ex-aluno do Liceu, Felipe Colonna chegou a ocupar o cargo de vice-presidente da APEA e de presidente do Corinthians. Era um homem excessivamente caritativo²⁴.

O Liceu tinha uma associação esportiva em cada divisão de alunos. Evidente que havia uma seleção natural entre os melho-

res. Ao mudar de divisão, as vagas da divisão superior eram automaticamente cobertas pelos melhores que ascendiam. Dessa maneira, a divisão dos maiores possuía a nata dos jogadores, por ser a divisão mais elevada.

Praticava-se uma teoria de futebol, como também nos demais esportes. Normalmente, no mês de março formavam-se os quadros de futebol e se começavam os treinamentos coletivos. Em abril todos desejavam “possuir um quadro que sobre ser homogêneo fosse coeso no ataque e na defesa, formando um como ‘onze’ harmônico, sem nenhuma falta, entendendo-se os dianteiros com os médios, e estes com os mosqueiros”²⁵.

As revistas do Liceu mantinham mensalmente uma seção esportiva (até 1940).

O Corpo Docente

A docência do Liceu constava dos mestres e contra-mestres de oficina e os professores propriamente ditos.

A partir de 1915, o número dos professores cresceu gradativa e rapidamente em número.

Em 1922, o diretor, Pe. Luiz Marcigaglia, com o fim de estimular e fixar os professores externos instituiu um sistema de remuneração. Os vencimentos dos professores abrangiam, segundo esta tabela, duas partes, ou seja, o ordenado e a gratificação. Aquele correspondia ao número de aulas dadas, enquanto esta era proporcional à antiguidade do professor ou funcionário.

Nos dois primeiros anos, o professor ou funcionário recebia a gratificação de 10% sobre o ordenado fixo. Depois, essa gratificação aumentava de 5% cada dois anos, até o máximo de 50%.

Perderiam os professores a gratificação nas hipóteses seguintes:

1) Se não dessem aos alunos o mínimo de trabalhos marcados nos diversos programas de ensino;

2) Se faltassem, num mês, a mais de quatro aulas, sem que a secretaria tivesse recebido aviso prévio, ou se faltassem a mais de 20 aulas, mesmo com aviso.

O professor recebia essas percentagens de acordo com a sua antiguidade no serviço do Liceu, computando-se todo o seu tempo de serviço, em qualquer seção do estabelecimento, como internato, externato, secretaria, auxiliar de assistência etc.

Segundo Pe. Luiz Marcigaglia, foram muitos os professores que atingiram a gratificação máxima de 50%.

A crise de 1929 refletiu-se seriamente na economia do estabelecimento, porquanto em reunião do conselho da casa, de 29 de setembro, se chegou a tratar da conveniência de ser remodelada a tabela de vencimentos do professorado externo, suprimindo-se a percentagem então concedida pelos anos de serviço ²⁶.

Apesar das dificuldades, o sistema vigorou até 1940, quando do advento do Decreto-Lei n.º 2.028, de 22 de fevereiro, que regulou a remuneração dos professores e auxiliares de ensino da escola particular.

Sempre foram boas as relações entre o corpo docente e a direção da casa. Em 1922, houve um estremecimento, devido aos feriados concedidos pelo Governo Federal, por ocasião das festas do Centenário da Independência, que foram classificados pelos professores como “férias extemporâneas”. A direção do Liceu atendeu então às reivindicações por eles feitas, mas protestou formalmente contra aquela expressão, estranhando “por ver tantos beneméritos membros do corpo docente, ilustrados patriotas” assinarem “sem restrições uma afirmação tão injusta e fora de propósito” ²⁷.

Agora esse fato, não encontramos outros, o que demonstra o elevado grau de harmonia existente entre o corpo docente, em seu conjunto, com a diretoria da casa, mesmo nos casos de solicitação de aumento dos vencimentos da classe.

O corpo docente do Liceu sempre foi privilegiado por homens de destaque, como: Rufiro Tavares, jornalista e escritor; José Larrabure, músico notável, Dr. Ferdinando Martino, poeta; Dr. Jair de Azevedo Ribeiro, grande advogado e líder católico; Rocha Campos, renomado professor de História Natural; Dr. Manuel Vitor de Azevedo, jornalista, escritor e político; Elias Yazigi e Máximo Ribeiro Nunes, autores de livros didáticos para o ensino do Inglês etc. O Liceu dispunha de publicações contendo os programas de ensino para todas as disciplinas de seu currículo.

Em 1939, foi introduzido por Pe. Luiz Marcigaglia o “Dia do Professor” com a “Festa dos Professores” ²⁸.

A canonização de Dom Bosco

O ano de 1934 correspondeu à consagração da Congregação Salesiana, quando da canonização de seu fundador.

No dia 13 de maio, o Liceu se engalanou de bandeiras com a inscrição *Dom Bosco Santo* e uma onda de alegria e de entusiasmo indescritível encheu a alma dos alunos e dos salesianos. Foi um dia imorredouro na crônica liceana! A procissão do santo com-

pareceram sete bandas de música. Imensa mole humana ocupou por completo o largo Coração de Jesus e ruas adjacentes²⁹!...

Fato inédito nas crônicas do Liceu foi a concentração dos oratórios festivos de São Paulo, como parte dos festejos comemorativos da canonização de Dom Bosco, na chácara do Chora Menino, onde foram reunidos quase dois mil meninos provenientes do próprio Liceu, do Bom Retiro, de São Bernardo, do Brás, de Vila Matilde. Várias brincadeiras foram organizadas para atender ao imenso formigueiro de crianças desde pau-de-sebo, carrossel, futebol, voleibol etc. No domingo seguinte houve a concentração dos oratórios femininos, quase todos dirigidos pelas Filhas de Maria Auxiliadora (1.º e 8 de julho de 1934)³⁰.

Outro ponto alto, foi a excursão a Santos, quando 750 alunos liceanos puderam homenagear o cardeal Eugênio Pacelli, futuro Papa Pio XII, legado pontifício ao 32.º Congresso Eucarístico de Buenos Aires (19.10.1943). Em resposta aos vivas erguidos pelos liceanos, o ilustre cardeal retrucava: "Viva a juventude católica brasileira!", "Vivam os filhos de Dom Bosco!", "Viva o povo católico de Santos!", "Viva São Paulo!"³¹.

Colégio querido, sempre cheio de glórias e sabedorias

De Bagé, escrevia Miguel de Souza Santos (09.05.1934)³²:

Teria sido, se não fora a personagem impoluta do Pe. Otacílio, o melhor amigo na minha árdua vida de estudante pobre.

Hoje lembro-me como se fora ontem; saudades e mais saudades...

E agora uma vez terminada para mim a lida estudandina, vivo no presente, revivendo o passado...

Vivo no presente desejando o futuro, simplesmente por não poder viver no passado. — E quanto mais avanço pela estrada do futuro, mais aumenta em mim a lembrança daquelas colunas brancas...

... Sim, brancas ... e que só eram pintadas de quando em vez, por já estarem bastante lustrosas pelos abraços fraternais de seus alunos.

Longe de São Paulo, em Bagé, vós bem o sabeis o quanto penoso, o ter-se que separar daquele casarão enorme, ocupando um quarteirão inteiro, e que se denomina "*Liceu Coração de Jesus*".

Só em pensar, ... a gente parece sentir o coração ficar menor.

Por que será?... — Se cada vez vai ficando mais cheio de saudades?!...

E para mim foi hoje que vieram falar-me intimamente em espírito a esperança e a saudade. — Esperanças de melhores dias, e saudades dos bons dias já vividos.

Vieram falar-me de um tempo tão antigo, e que não obstante conserva-se sempre jovem na minha frágil retina... Colégio querido, sempre cheio de glórias e sabedorias. — Envolveste-me, desde os primeiros dias de convivência, no doce manto das ilusões da alma tocada pelo grande sonho de ser contador, e pelo orgulho imenso de sentir cotidianamente a sua presença venerável. É justamente nestas horas de profunda meditação, que mais me atormenta a saudade dos meus companheiros queridos, que depois, a vida os levou para longe, onde um dia a morte os arrebatará para sempre.

Recordo as porções de anseios ingênuos, de ideais puros e de aspirações ardentes, que nos irmanaram, sob a carícia da sombra conventual daqueles dias distantes de travessuras e de fé.

E sinto saudades, ao reviver a doce paz reinante no seio daquela família, composta de bons amigos... companheiros de boémia estudantina.

Aquelas colunas venerandas, renovarão sempre na minha memória, as horas suaves e tão felizes de convivência, e me hão de fazer querer-vos companheiros de jornada, através das lembranças, — querê-los como outrora.

E com o passar dos anos, sinto-me levado como que por uma força invisível, a acompanhar os seus passos, como se ainda vivessem ao embalo da mesma sombra, como ainda nos unissem aqueles mesmos gestos de travessuras e de esperanças.

Porque a amizade que nasce naquele enorme casarão, se alimenta na mesma fonte profunda de confiança e sinceridade.

Porque os que ali aprendem a amar a verdade e a justiça, continuam cá fora, a defender a justiça e a verdade, contra os assaltos da calúnia e contra as ameaças da prepotência.

E aí está a razão, porque no dia em que cada um dos meus companheiros de jornada, conquista mais um degrau cá fora, eu sinto o coração invadido por um grande júbilo fraternal.

Essa carta é um eloquente testemunho do ambiente de alegria e do clima de fraternidade reinantes entre os alunos liceanos!

Esse bairro bem se poderia dizer de Santa Teresinha

Chora Menino era o nome com que se conhecia um bairro de São Paulo. O povo, quase abandonado a si mesmo, pouco a pouco foi esquecendo os ensinamentos da fé. Falsos pastores, ministros de seitas protestantes, adeptos do espiritismo trabalhavam para afastar o povo da Igreja de Jesus Cristo. O bairro do Chora Menino era um dos mais infestados de heresia e superstição.

Em 1927, os salesianos que, aqui em cima possuíam uma chácara, terminaram a construção de uma igreja votiva dedicada a Santa Teresinha, em ação de graças por ter ela livrado os alunos do Liceu dos graves perigos da revolução de 1924.

Surgiu o edifício sagrado. Santa Teresinha principiou a deixar cair sua "chuva de rosas". Dentro em breve, era geral o melhoramento do bairro. Todos os anos e sempre com entusiasmo crescente, em outubro, fazia-se a procissão de Santa Teresinha.

Em 1933, após a grandiosa procissão, em que havia para mais de 4.000 pessoas, quando o orador deixou escapar as palavras "este bairro bem se poderia dizer de Santa Teresinha" foi espontâneo no povo o grito de "Viva o bairro de Santa Teresinha".

Foi logo criada a comissão para organizar um abaixo-assinado à Prefeitura Municipal e outro à Secretaria de Viação e Obras Públicas, para obter respectivamente a mudança do nome do bairro e da Estação do Tramway da Cantareira. Recolheram-se para ambos mais de 3.000 assinaturas. Houve adesões de todas as camadas sociais.

A vitória foi imediata. Na procissão de 7 de outubro de 1934, uma multidão de mais de 5.000 pessoas delirou com a notícia.

O Liceu Coração de Jesus também se fez representar na festa de 21 de outubro (em que participaram 6.000 adultos e 700 crianças) por uma comissão de alunos dirigida pelo Pe. Pedro Pinto e pelo Pe. Luiz Marcigaglia, que tanto fez pelo bairro de Santa Teresinha, não só como construtor da igreja do mesmo nome, como para o triunfo da nova denominação.

O diretor geral da Viação e Obras Públicas, ao fazer o discurso disse que, além do novo nome da estação, ainda podia o povo estar certo de que o bairro receberia esse nome, porquanto ele estava informado a esse respeito e, "de mais a mais, quem dá nome aos bairros é o povo; o povo quer morar no bairro de Santa Teresinha: logo este bairro assim se chama de fato"³³.

A nova revista "Dom Bosco"

1929 foi o último ano de funcionamento da famosa revista *Santa Cruz*. Por coincidência ou não, no mesmo ano faleceram dois dos principais membros de sua comissão fundadora, ou seja, do "Grupo de Amigos do Liceu do S.C."

Em 1915, seu redator escrevia que ela era:

um arauto de trabalho das oficinas tipográficas do Liceu Sagrado Coração de Jesus, que por ser um instituto modelar para instrução dos inválidos, logra contar mais um título entre os muitos que têm enobrecido a sua obra.

Deixou de funcionar em 1916, devido à falta de papel, cujo preço, devido à guerra européia, se tornara elevadíssimo — a ponto de absolutamente não darem as entradas da revista para lhe cobrirem as despesas de impressão.

Entretanto os assinantes pressionaram e ela voltou em 1917, já contando com auxílio de patrocinadores. Mas caíra na qualidade. Havia transcrições de artigos. Convém notar que o Liceu, a partir de 1919, mantinha três revistas ao mesmo tempo, o que certamente contribuiu para aumentar-lhe as dificuldades. A crise mundial de 1929 foi a última gota.

O Liceu continuou com seu *Anuário* e a revista escolar *O Liceu*. Em 1934, porém, deixou de funcionar o *Anuário*. Era o ano da canonização de Dom Bosco, que empolgou os salesianos do mundo inteiro. O momento era oportuno para uma mudança.

Ouçamos o parecer da Redação ³⁴:

Mais uma nota nesse hino universal de amor a Dom Bosco: — eis o que quer esta nova revista: Uma nota fraca, sem brilho. Oxalá não destoe do magnífico conjunto harmônico.

Não se trata propriamente de uma revista nova. *Dom Bosco* é a continuação de outras revistas já bem conhecidas: *O Liceu*, *A Voz do Externato*, *Santa Cruz*. As duas primeiras fundiram-se e transformaram-se agora na atual. Por sua vez, a saudosa *Santa Cruz*, depois de um sono letárgico, que valeu um descanso reparador, ressurgiu, ainda uma vez, rejuvenescida e embelezada com um novo nome glorioso. Chegará também a voz de *O Monitor* e de outras valiosas adesões.

E continuava apontando os objetivos da nova revista:

Se a revista *Dom Bosco* conseguir fazer algum bem, divulgando o espírito e as obras do maior e mais santo educador do século passado; se conseguir agradar um pouco a alunos e mestres, especialmente, a cidade liceana e às suas famílias, — qual reflexo da vida colegial e elo de união entre a escola e a família; se conseguir enfim tornar-se interessante aos amigos e cooperadores das obras salesianas e satisfazer às modestas exigências dos antigos leitores das revistas das quais é sucessora, dar-nos-emos por amplamente satisfeitos. É o nosso fim.

Os festejos cinquentenários

As festas jubilares abriram-se no dia 5 de junho de 1935. Prolongaram-se por todo o ano, uma vez que o colégio só se abriu de fato em 29 de junho de 1886.

A ordem do dia previa, entre outras, o hasteamento da Bandeira Nacional, canto do Hino Nacional, hasteamento da Bandeira do Liceu, canto do Hino Jubilar composto por D. Aquino Correia e musicado por M.^o José Larrabure, ex-aluno do Liceu; inauguração dos retratos dos inspetores da Inspeção Salesiana do Sul do Brasil e dos antigos “diretores do Liceu”, passeata cívica pela cidade.

A cerimônia religiosa foi presidida por D. Alberto Gonçalves, membro da Comissão Fundadora do Liceu e primeiro capelão do santuário, seguida da Consagração do Liceu ao Sagrado Coração, com a mesma fórmula usada pelo bispo de São Paulo, em 3 de setembro de 1884.

A passeata foi precedida de uma acurada e ansiosa preparação. Desfilaram 900 alunos em formatura regular, banda de música e tambores, corpo de ciclistas. Durou três horas e se distinguiu pelo entusiasmo, resistência, boa vontade e disciplina.

O governador Armando Sales de Oliveira, que recomendara muito a pontualidade na manifestação, ficou satisfeito com o espetáculo ³⁵.

Fato notável foi a transcrição no *Diário do Congresso* do editorial de *O Estado de S. Paulo*, que fez um histórico e teceu comentários sobre o “Jubileu do Liceu Coração de Jesus” ³⁶.

Apoteótico foi o dia 9 de julho. O Liceu, tomando parte no grandioso desfile, organizado para homenagear São Paulo, obteve um sucesso extraordinário, pelo garbo impecável dos seus alunos com seus vistosos uniformes de gala... A simpatia do público durante a passagem da interminável onda liceana, num crescendo de variedades, culminou no entusiasmo da multidão que aplaudiu freneticamente os alunos na monumental avenida S. João.

Poucas vezes São Paulo assistiu a um espetáculo tão impressionante de civismo e poucas vezes o Liceu emprestou tanto brilho a uma festa como nessa data!...³⁷

No dia 16 de julho ainda, foi realizada a grandiosa manifestação mariana, com a presença do arcebispo de São Paulo, todos os bispos da arquidiocese, toda a Secretaria do Governo, 15 mil jovens marianos, milhares de pessoas ³⁸.

No ano seguinte, a 10 de junho, o Liceu foi escolhido para uma grandiosa manifestação de umas 10.000 pessoas, em que a colônia italiana quis prestar aos mortos da guerra da Abissínia. Notavam-se ainda os alunos do “Instituto Dante Alighieri”, representações de associações e colégios italianos e uma representação do Colégio Santa Inês ³⁹.

A Capela Dom Bosco

Pe. Luiz Marcigaglia, no dia 18 de setembro de 1934, tinha redigido um memorando, talvez enviado ao Conselho Superior da Congregação Salesiana, que assim rezava ⁴⁰:

Trata-se de uma verdadeira necessidade, cada vez mais sentida e mais urgente, a realização desta antiga idéia: construir uma capela interna. É indispensável, especialmente para os alunos internos e para o “oratório festivo”.

Em nosso santuário, os alunos externos não mais vão. De outro lado, não se pode reservar para eles uma outra missa, além daquelas que existem agora (a missa das 8 horas).

E assim, não podendo obrigá-los a intervir, muitos abandonam completamente a missa dominical: Este é um grave mal que não se deve permitir. Para explicar o caso, demos uma olhada nos números. Nas várias seções do externato, temos hoje estes alunos: 1.028 externos, 461 das escolas noturnas, 122 semi-internos... Total: 1.611.

A esses devem-se acrescentar 160 externos das escolas profissionais e os meninos do oratório festivo (frequência média: 300 na missa e 400 à tarde).

Eis, seriam 2.000 na missa! Seria necessária uma capela capaz de 1.000 meninos, com duas missas dominicais reservadas ao externato e oratório festivo.

Eis a razão principal a favor da nova capela em projeto.

Além disso, a capela é necessária por muitos outros motivos, entre os quais...:

Visitas ao SS. Sacramento durante os recreios — Exercícios Espirituais — Conferências das Companhias — Confissões dos meninos — funções particulares para os meninos — festas e novenas com grande concurso de povo no santuário — mês de maio — missas e funções nas quais não há lugar para os meninos no santuário — reuniões religiosas dos ex-alunos etc. etc.

O lugar para a nova capela? Há: sobre o refeitório dos meninos, que é no andar térreo. Parece reservado de propósito. Ganha ainda a estética do edifício.

Os meios? A despesa orçará em 200 contos (200.000 libras mais ou menos). Auxílios e esmolas de pessoas caridosas e devotos de Dom Bosco superam já esse orçamento.

A idéia da capela não é nova. Era este o parecer do inspetor Pe. Rota. Foi o parecer do visitador extraordinário Pe. Pedro Tirone, que no ato da visita, deixou escrita uma página a respeito.

É também o parecer do Capítulo da Casa, do Pe. Inspetor, do Conselho Inspetorial e do diretor atual.

A 6 de outubro de 1935, realizou-se o lançamento da capela Dom Bosco. Uma benfeitora fez uma vultosa quantia para a sua construção ⁴¹.

No ano seguinte, em 15 de agosto, quando do encerramento das Festas Cinquentenárias, benzeu-a o arcebispo D. Helvécio Gomes de Oliveira (de Mariana). Estavam presentes dois membros do Conselho Superior da Congregação Salesiana, padres Berruti e Tirone, o Conde José Vicente de Azevedo e D. Alberto Gonçalves ⁴².

Na Assembléia Legislativa do Estado, os deputados Pinto Antunes, Sebastião Medeiros e João Fairbanks homenagearam com discursos a data jubilar do Liceu (17.08.1936). Foi aprovado ainda pela Assembléia um voto de congratulações (Requerimento n.º 27 de 19.08.1936) ⁴³.

Ao final do ano, o Ministro da Fazenda, Arthur de Souza Costa, paraninfava a turma de bacharéis em Ciências e Letras⁴⁴.

“Essa é noite santa!”

A partir de 1932, o desenvolvimento da vida mariana em todo o Estado de São Paulo havia superado todas as expectativas. Assim, de 1927 (quando foi fundado o movimento pelo Pe. José Visconti) até 1937, houve um aumento de 360 Congregações Marianas, num total de 16.240 membros, chegando a 23.000.

O retiro espiritual e, conseqüentemente, a freqüência aos sacramentos eram a pedra de toque do congregado mariano. Em 1937, compareceram ao retiro realizado no Liceu cerca de 1.002 congregados, superando o ano anterior que foi de 753⁴⁵.

A revista *Ecos da Adoração Perpétua do Rio de Janeiro* trazia um relatório do 3.º ano da Adoração Perpétua em São Paulo. Entre os congregados marianos, os adoradores noturnos já tinham chegado a 9.582. Haviam ingressado na adoração noturna, as Congregações da Lapa, do Externato Coração de Jesus da Vila Mariana, Moços de S. Rafael e dos Universitários de S. Bento.

Apresentou o maior número de congregados o Liceu Coração de Jesus, com uma média de 145 por noite e na Boa Morte cabiam apenas 40 pobres camas!

Um senhor, assíduo adorador noturno, assistiu, uma noite, ao espetáculo desses alunos e aprendizes descendo do bonde com seus embrulhos debaixo do braço, alegres, entusiasmados e lhes disse: “Onde vão meninos? Na Boa Morte não há cama para todos”. Um lourinho adiantando-se, cheio de convicção, respondeu: “Mas não vamos para dormir: essa é a noite santa!”.

Os ex-alunos tinham um bom número de congregados muito fervorosos⁴⁶.

Em 1938, apresentaram-se para o retiro 4.104 congregados, dos quais no Liceu 2.001.

Ao começar o retiro no Liceu, um moço do interior, muito bem apessoado, distinto, após a prática da introdução, tendo ido para o dormitório e não encontrando o seu colchão, achou de bom aviso *não interromper* o silêncio e não reclamar colchão algum. Que fez? Estendeu seu lençol no chão, pôs a mala como travesseiro e dormiu tranqüilamente!

Atividades da União dos Ex-alunos

A morte do Pe. Mário Maspes, se bem que muito sentida, não arrefeceu o ânimo dos ex-alunos.

Nesta década de 30 estiveram muito ativos.

Sua Escola Teatral, cujo ensaiador era Américo Maffia, exibia numerosas peças no teatro do Liceu e ainda pelo interior do Estado, chegando até a ser convidada pelo Pe. Orlando Chaves, futuro arcebispo de Cuiabá, para prestar uma colaboração à “campanha do bronze” para os sinos da Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora, do Colégio Salesiano de Santa Rosa, de Niterói (1938).

Sua orquestra era constituída de 15 professores, músicos e ex-alunos, sob a direção do M.^o Elias Machado Neto, realizando ensaios às quartas-feiras e abrilhantando os festivais do teatro e do salão nobre. Funcionava uma biblioteca no pavimento superior, todas as noites das 19 às 22 horas.

O *Coro Dom Bosco*, dirigido pelo Pe. Luiz Marcigaglia, composto de 24 ex-alunos, cantava nas festas do santuário e recebia convites para cantar em outras igrejas de São Paulo, Jundiá, Santos, Campinas, Santo Amaro. De 1.^o de outubro de 1937 a 30 de setembro de 1938 reuniram-se 113 vezes, sendo 43 vezes para ensaios e 70 vezes para execuções.

A Congregação Mariana era constituída de duas seções: dos Maiores, com 90 congregados, 8 noviços e 10 candidatos e dos Menores, com 11 congregados, 11 noviços e 10 candidatos.

Funcionava ainda a Conferência Vicentina de S. Lourenço, fundada em 1927, que congregava alguns sócios da União, isto é, aqueles mais assíduos nas práticas de piedade. Mensalmente, seus confrades faziam uma comunhão reparadora, participavam da adoração noturna e, anualmente, diversos deles faziam o retiro fechado.

Quando os retirantes do Liceu vinham em marcha forçada para o largo da Sé, na madrugada da quarta-feira de cinzas, em número de 2.000, foi tal o espetáculo, que os guardas-civis das ruas, não sabendo o que era aquilo, telefonaram à Central de Polícia dizendo que uma força armada vinha tomar a cidade. Foi tal o susto que, ao chegarem à catedral, já havia emissários do Secretário de Segurança a pedir explicações. Dadas as explicações, o Secretário ficou sumamente edificado e admirado de saber que tantos moços haviam renunciado ao carnaval e feito retiro durante três dias!...⁴⁷

“Associação Famílias dos Alunos do Liceu” (AFAL)

Era uma das tradições mais antigas a festa às famílias dos alunos do Liceu. Era, porém, um velho desejo criar uma associação ou união mais forte entre professores e pais de alunos, com o fim de facilitar o mútuo entendimento e a indispensável colabo-

ração de todos no empenho de completar, de forma mais eficiente, a aplicação do sistema educativo de Dom Bosco.

Nesse intuito e em torno dessa aspiração arregimentaram-se as iniciativas, e a 15 de abril de 1936 foi criada sob a denominação de AFAL — a “Associação Família dos Alunos do Liceu”.

Um dos fins práticos da nova entidade era o de promover reuniões pedagógicas e recreativas, possivelmente cada mês. Dessa maneira, as representações do teatro colegial para as famílias dos alunos ficaram reservadas às pessoas inscritas na nova associação, às quais era franqueada a entrada no teatro do Liceu.

O órgão da AFAL era a revista *Dom Bosco*. A taxa mensal de contribuição era a mínima possível, ou seja, um mil réis por pessoa, sendo que aqueles que desejassem camarote ou frisa no teatro do Liceu, pagavam a taxa fixa de oito a dez mil réis, respectivamente, por mês.

Havia muita ligação com a União dos Ex-alunos ⁴⁸.

Fatos marcantes do apogeu da instituição

1) *Fundação do Instituto S. Francisco*. Apesar de uma garoa impertinente, 1.100 alunos uniformizados, com a banda de música à testa, três fanfarras e dois corpos de ciclistas deram o tom solene à abertura do novo instituto salesiano, no dia 24 de maio de 1937. Ao som do “Hino de Dom Bosco” foi descerrada a placa aparecendo em letras douradas o nome de “rua Dom Bosco” que substituiu a antiga “rua Xingu” ⁴⁹. Neste mesmo ano, mais um desdobramento do Liceu: criava-se o Externato Santa Teresinha.

2) *Inauguração da Casa das Associações Religiosas Salesianas (ARS)*, ou Salão S. Caetano, na qual se centralizariam os trabalhos do Santuário do Coração de Jesus: a palestras, reuniões, a tudo, enfim, que servisse para atrair os católicos (24.01.1937) ⁵⁰.

3) *“Desfile da Saúde”*. Em 19 de outubro de 1937, conquistou o Liceu a taça *Folha da Manhã* e *Folha da Noite*, promovida por esses periódicos, através do Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo, disputando com o Liceu Nacional Rio Branco que ficou em 2.º lugar. À passagem dos alunos ao longo da Av. Paulista, ouviam-se exclamações, vivas, palmas e parabéns: “É o melhor! É o primeiro!”. Era a voz geral ⁵¹.

4) Uma comissão de católicos japoneses chefiados pelo almirante reformado da Marinha nipônica, Shinjiro Yamamoto, antigo mestre do Imperador Hiroito, visitaram os lugares pitorescos de São Paulo e estiveram também no Liceu, percorrendo todas as dependências do estabelecimento, “extasiando-se ante a magnitude

da obra salesiana em terras brasileiras e da qual o Liceu é o mais convincente atestado" (23.07.1938)⁵².

5) Prêmio "*Liceu Coração de Jesus*". Pe. Luiz Marcigaglia, em ofício ao diretor da Divisão do Ensino Secundário, instituiu o prêmio no valor de um conto de réis ao melhor concorrente na prova de Português entre os alunos da 5.^a série dos estabelecimentos secundários sob a inspeção federal da cidade de São Paulo (30.08.1938), prêmio esse conquistado pela aluna Edda Arminante, do Ginásio do Estado⁵³.

6) *Sagração do altar de Dom Bosco*, presidida por D. Antônio de Almeida Lustosa, arcebispo do Pará: teve desusado brilho e imponência. Na urna do altar, foram colocadas as relíquias dos santos Bonifácio e João Bosco (19.08.1939)⁵⁴.

7) "*Sim, senhor, esse colégio me encheu as medidas*", exclamou Getúlio Vargas, ao assistir ao luzido e brioso batalhão do Liceu, desfilando pela avenida S. João, quando de sua visita a São Paulo, em 24 de julho de 1938⁵⁵.

8) O ano de 1939 marca o máximo de alunos matriculados no Liceu, até esta fase: 2.853.

9) Em 27.10.1940, foi criada a Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, tomando posse o primeiro pároco, na pessoa do Pe. André Dell'Oca (01.12.1940).

Faculdade de Estudos Econômicos

O Decreto 17.329, publicado no *Diário Oficial* de 10.11.1926, aprovando o regulamento de n.º 4.724, de 23.08.1923, que tinha origem no Decreto n.º 1.339, de 09.01.1905, dividia o ensino comercial em: um Curso Geral em duas seções: a) Propedêuticas, b) Técnicas; e um *Curso Superior* (art. 3.º).

Desde essa época, estava o Liceu Coração de Jesus autorizado a fundar um Curso Superior, o que veio acontecer em 1938, quando já vigorava o Decreto 20.158, de 30.06.1931, que criava definitivamente o então Curso Superior de Administração e Finanças e dava mais garantias aos estudos do Curso Comercial e aos que nele se diplomavam.

Era então diretor, o Pe. Luiz Marcigaglia, que foi coadjuvado pelo Pe. Edgar de Aquino Rocha.

A instalação oficial da Faculdade deu-se a 18 de março de 1939, no salão nobre da União dos Ex-alunos.

Ao ser fundada a Faculdade, a direção do Liceu não cuidou de organizar um regimento próprio para as suas atividades, pois, naquela época, o curso de finanças não tinha um curso oficial e

não passava de “um simples curso secundário”, prolongamento do Curso de Contador, razão pela qual os seus fundadores não foram recriminados pela Direção Superior da Congregação Salesiana, uma vez que as Constituições e Regulamentos não tratavam de cursos superiores.

Um passo corajoso, porém, foi dado e a oficialização da Faculdade viria naturalmente, como veremos.

Nesse mesmo ano, começaram também a funcionar os Cursos Complementares Pré-Médico e Pré-Politécnico ⁵⁶.

O Liceu Coração de Jesus chegara ao apogeu!...

* * *

NOTAS

¹ *Anuário de 1930*, São Paulo, Esc. Prof. do Liceu Coração de Jesus, 1931, p. 34-35; *O Liceu*, 13 (7-8), p. 13-14, set.-out. 1930.

² *Atas do Capítulo da Casa*, 18.02.1929.

³ *Op. cit.*, 17.02.1930.

⁴ *Op. cit.*, 05.10.1930 e 25.10.1930.

⁵ *Op. cit.*, 23.12.1930.

⁶ *Op. cit.*, 26.02.1931, 16.07.1931 e 26.04.1931.

⁷ *Op. cit.*, 02.06.1931.

⁸ *Op. cit.*, 01.02.1932.

⁹ *Anuário de 1931*, São Paulo, Esc. Prof. do Liceu Coração de Jesus, 1932, p. 47-49.

¹⁰ *O Liceu*, 13 (9-10), p. 24-25, nov.-dez. 1930.

¹¹ *Anuário de 1930*, p. 48; *Anuário de 1931*, p. 45.

¹² *Atas do Capítulo da Casa*, 20.07.1931.

¹³ *Op. cit.*, 25.10.1931.

¹⁴ *Anuário de 1931*, p. 28.

¹⁵ *Atas do Capítulo da Casa*, 01.02.1932.

¹⁶ *Op. cit.*, 16.09.1932.

¹⁷ *Anuário de 1932*, p. 53-54.

¹⁸ *Atas do Capítulo da Casa*, 30.08.1932. *Anuário de 1932*, p. 38-40.

¹⁹ HILTON, Stanley E., *A guerra civil brasileira: A Revolução Constitucionalista de 1932*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982, p. 329-330; DONATO, Ernani, *A Revolução de 1932*, São Paulo, Círculo do Livro/Livros Abril, p. 171-177; 218-221.

²⁰ *Anuário de 1932*, p. 5-10.

²¹ ROMANELI, Otaíza de Oliveira, *História da Educação no Brasil: 1930-1973*, Petrópolis, Vozes, p. 145-148, 1978.

²² *Anuário de 1932*, loc. cit.

²³ *O Liceu*, 12 (7), p. 378, set. 1929; ainda PATUSCA, Araken, *Os reis do futebol*, São Paulo, 1976.

- ²⁴ *O Liceu*, 12 (5), p. 217, jul. 1929.
- ²⁵ *O Liceu*, 13 (3), p. 56-57, maio 1930. Havia ainda até campeonatos de "Canindé", que animavam as recreações nos "pátios pequenos"; Cfr. *O Liceu*, 13 (7-8), p. 42, set-out. 1930.
- ²⁶ *Atas do Capítulo da Casa*, 20.09.1929 e Carta aos Professores do Liceu Coração de Jesus, de 20.12.1930, Arquivo do Liceu Coração de Jesus.
- ²⁷ Carta de Pe. Luiz Marcigaglia aos Professores, Arquivo do Liceu Coração de Jesus.
- ²⁸ "O dia do Professor no Liceu", *Dom Bosco*, 6 (9), p. 485, nov. 1940. Esta festa foi supressa, a pedido de Pe. Orlando Chaves, em 1941, por já estar incluída segundo as palavras de sua carta ao Pe. João Resende, na festa do Diretor. Arquivo do Liceu Coração de Jesus.
- ²⁹ *O Liceu*, 17 (2), p. 99-102, abr. 1934.
- ³⁰ *Op. cit.*, 17 (4-5), p. 226-227, jun.-jul. 1934.
- ³¹ *Op. cit.*, 17 (8), p. 322-323, out. 1934.
- ³² *Op. cit.*, 17 (3), p. 137-139, mai. 1934.
- ³³ *Op. cit.*, 17 (9-10), p. 403-408, nov.-dez. 1934.
- ³⁴ *Dom Bosco*, 1 (1), p. 2, abr. 1935.
- ³⁵ *Op. cit.*, 1 (3), p. 70-97, jun. 1935.
- ³⁶ *Op. cit.*, 1 (3), p. 91-94, jul. 1935.
- ³⁷ *Op. cit.*, 1 (4), p. 130, jul. 1935.
- ³⁸ *Op. cit.*, 1 (4), p. p. 139, jul. 1935.
- ³⁹ *Op. cit.*, 2 (3), p. 169-171, mai.-jun. 1936.
- ⁴⁰ Arquivo do Liceu Coração de Jesus.
- ⁴¹ *Dom Bosco*, 1 (7), p. 237-238, out. 1935.
- ⁴² *Op. cit.*, 2 (6), p. 249-250, ago.-set. 1936.
- ⁴³ *Op. cit.*, 2 (6), p. 257-258, ago.-set. 1936.
- ⁴⁴ *Op. cit.*, 2 (7), p. 331-337, nov.-dez. 1936.
- ⁴⁵ *Op. cit.*, 3 (1), p. 16, mar. 1937.
- ⁴⁶ *Op. cit.*, 3 (2), p. 64-67, mar. 1937.
- ⁴⁷ *Dom Bscso*, 4 (3), p. 125, mai. 1938.
- ⁴⁸ *Op. cit.*, 2 (2-3), p. 133, mai.-jun. 1936; 4 (2), p. 67, abr. 1938; 4 (6), p. 293, 1938.
- ⁴⁹ *Op. cit.*, 3 (4), p. 156-158, jun. 1937; 3 (1), p. 31, mar. 1937.
- ⁵⁰ *Op. cit.*, 3 (9-10), p. 404-406, nov.-dez. 1937. Arquivo do Liceu Coração de Jesus. Uniram-se as três Associações femininas, N. S.ª de Lourdes, N. S.ª Auxiliadora, Guarda de Honra do Sagrado Coração e a Congregação Salesiana para adquirir o terreno e construir o edifício.
- ⁵¹ *Op. cit.*, 3 (8), p. 336, out. 1937.
- ⁵² *Op. cit.*, 4 (6), p. 291, ago. 1938.
- ⁵³ *Op. cit.*, 5 (8), p. 365-366, out. 1939.
- ⁵⁴ *Op. cit.*, 5 (7), p. 314, set. 1939.
- ⁵⁵ *Op. cit.*, 4 (6), p. 292, ago. 1938.
- ⁵⁶ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. *Faculdade de Estudos Econômicos do Liceu Coração de Jesus: 1938-1948*, São Paulo, 1948. *Dom Bosco*, 5 (1), p. 60-61, mar. 1939, 5 (3), p. 101, mai. 1939; ainda *Atas do Capítulo da Casa*, 11.12.1933, em cuja reunião foi aprovada a fundação do Curso Superior de Comércio.

XVII

UMA INSTITUIÇÃO MODELO

A Segunda Guerra Mundial alastrava-se pelo mundo semeando a morte e a destruição. O Brasil também nela entrou.

O ensino secundário alastrava-se pelo País inteiro nas capitais dos Estados e no interior, o que ensejava aos alunos interioranos a permanecerem em suas cidades.

Em São Paulo, acentuava-se a decadência dos Campos Elíseos, o que já vinha ocorrendo desde 1930.

O Liceu continuava a ser uma instituição brilhante, mas...

Um colégio fora do comum

O gigantismo do Liceu era uma preocupação até para os membros do Conselho Superior da Congregação Salesiana. Pe Pedro Tirone, catequista geral da congregação e visitador extraordinário, já escrevera em 1931 ¹:

Se refletir que o pessoal desta casa, embora auxiliado por um bom número de professores e funcionários externos, é tão pouco, se deve ficar admirado como se possa resistir a tanto contínuo trabalho, que absorve toda a sua atividade de dia e de noite.

Era concepção na época que a Casa Provincial deveria ser o modelo das demais, e na expressão do provincial, Pe. André Dell'Oca: "Como casa inspetorial devia ser o protótipo das casas da inspetoria" ².

Mas o provincial seguinte, Pe. Orlando Chaves, ao fazer a sua primeira visita, em 1939, manifestou sua preocupação ³:

Causou-me muito boa impressão ver a boa disposição de todos os amados irmãos que *se matam num trabalho insano* para levar avante, segundo o espírito de Dom Bosco, este Liceu colossal (...). O número de alunos é extraordinariamente grande.

E estabeleceu:

1.º) Que de hoje em diante não se aceite nenhum professor de fora no Liceu sem consultar o Pe. Inspetor: pedi uma lista dos professores deste ano para cotejar com a do ano que vem.

2.º) Que se diminua o número dos professores de fora, afastando os que for possível e não substituindo os que voluntariamente se afastarem.

3.º) Que se diminua, cortando aulas, o número dos externos, ao menos de 200 alunos.

No ano seguinte, houve oito alunos a mais! . . .

Em 1941 ocorreu uma queda de 158 alunos em relação ao ano anterior e de 1941 para 1942 de 227 alunos. Nos anos de 1943 e 1944, houve ascensão de 62 e 165 respectivamente. Daí em diante, a queda numérica se tornaria uma constante, com alterações não significativas e efêmeras.

Em 1945, foi determinada a eliminação dos 1.º e 2.º anos do primário do internato, aduzindo-se como motivo que “o espírito salesiano é que tenhamos apenas adolescentes”⁴.

Em 1942, escrevia o Provincial: “Respira-se no Liceu uma atmosfera de ordem, disciplina, piedade, pureza, caridade, vida de família que consola”. Era ainda, 1943, o maior colégio salesiano da América do Sul. “O Liceu indo bem toda a inspetoria seguir-lhe-á o exemplo”⁵.

Efetivamente, em 1944, só faltava o curso de Teologia, para que o Liceu resumisse toda a obra salesiana na inspetoria: oratório festivo; cursos primário; ginásial secundário; complementar; comercial; Faculdade de Estudos Econômicos; aulas noturnas; internato; externato; ex-alunos; cooperadores; capelanias; paróquia; seminário durante as férias e curso filosófico para o 3.º ano⁶.

Tamanha complexidade chamou a atenção do Pe. José Reyneri, representante do reitor-mor da congregação, na América, durante a Guerra 1939-1945⁷:

O que em verdade deve preocupar muito é o funcionamento deste Liceu, verdadeiro colosso de Casa Salesiana.

Deve-se louvar a boa vontade e a reta intenção com que todos trabalham para aumentar tanto os alunos como as seções: Mas se deve também admitir que é materialmente impossível que a educação salesiana, não só religiosa, possa alcançar a todos com aquela eficácia que seria desejável, sendo tão poucos os salesianos que atendem e muito mais numerosos os mestres e professores externos e ainda o período de tempo tão limitado, isto é, ou só de manhã ou só de tarde.

Recomendava que se fizesse uma pesquisa sobre a perseverança nas práticas religiosas dos nossos alunos modelados dessa

forma e ainda se conhecesse se eles conservam amor e apego ao seu colégio. Por fim sugeriu que se reduzisse o número dos alunos externos.

O teatro aqui está no apogeu

O teatro sempre foi um dos pontos altos do Liceu. Mas entre 1939 e 1944, as atividades teatrais foram de uma intensidade jamais alcançada em toda a história da instituição, como mostra o seguinte quadro:

PEÇAS E REPRESENTAÇÕES TEATRAIS REALIZADAS NO LICEU CORAÇÃO DE JESUS												
Ano	Al. Internos		Al. Externos		Ex-alunos		Professores		Outros		Total	
	Peças-Repr.		Peças-Repr.		Peças-Repr.		Peças-Repr.		Peças-Repr.		Peças-Repr.	
1939	03	07	07	23	09	29					19	59
1940	04	07	11	30	12	28					27	65
1941	07	07	06	22	13	40	01	03			29	72
1942	08	10	05	19	12	33					25	62
1943	08	14	05	19	11	19			01	01	25	53
1944	05	05	07	13	10	?					22	18

FONTE: *Dom Bosco* — Anuários de 1939 a 1944.

Existiam três grupos teatrais: dos Alunos Internos, dirigidos por Avesio Corletto, Pe. João Resende, salesianos, e José Pinto Ferreira; dos Alunos Externos, dirigidos pelo Pe. Arcanjo Spezia, Pe. Ismael Simões e Prof. Dante Lacreta; dos Ex-alunos, dirigidos por Avesio Corletto, Américo Carlos Maffia, irmãos Mesa, Cesar Fronzi, e outros.

A reforma do teatro seria fatal, porque a longa interrupção de atividades cênicas arrefeceria os ânimos e o entusiasmo.

Havia muito que se cogitava nessa reforma: circunstâncias diversas, contudo, impediram sua concretização. Pelos anos de 1941, o interventor federal, Fernando Costa, ex-aluno deste Liceu, dignou-se visitar o seu colégio e assistir a um modesto espetáculo teatral do oratório festivo; os lugares estavam quase todos tomados.

A criançada se acotovelava ansiosamente para poder assistir ao espetáculo. — “Vendo tudo isso, os olhos paternos do Sr. Interventor, encheram-se de lágrimas, e seu pensamento voltou — certamente — para tantas outras crianças que perambulam pelas ruas da nossa grande metrópole ou que se expõem aos malefícios de folguedos impróprios para suas alminhas inocentes”. “Vamos aumentar este teatro para que se encha mais.” E o chefe do Executivo paulista autorizou-nos a receber uma boa verba de Cr\$ 900.000 para o início das obras. O custo global da obra orçava em Cr\$ 1.473.659,00.

Em princípio de outubro de 1944, nosso ex-aluno Atílio Faedo, deu o primeiro golpe de picareta para a demolição da parte velha a ser substituída.

Desapareceu a antiga sala de aula de banda, onde se forjaram tantos bons músicos que cobriram de glória as tradicionais passeatas do batalhão liceano; desapareceu o gabinete de química e a parte central do passadiço de cimento-armado. Foi arrancado o palco. As 16 frisas e os 22 camarotes, a antiga cabine de cinema, as galerias, tudo saiu.

Foi demorada a demolição: muito entulho, pouca segurança do madeiramento velho e sobretudo a quantidade enorme de ferro de amarramento das paredes e a constituição das lages, impediam um trabalho mais apressado. Ficaram apenas as paredes mestras, que foram reforçadas com colunas de concreto desde a base até o telhado e com cintas também de concreto em toda a volta.

A cabine de cinema foi feita de lages de cimento, com segurança absoluta. A fachada que dá para a Al. Nothmann foi completamente remodelada e estilizada. Na parte anterior do edifício foi construído o abrigo antiaéreo com capacidade para 500 pessoas.

Quando alguém do Liceu comparecia ao palácio, o governador não deixava escapar a pergunta: “Como vão os trabalhos do teatro”? Infelizmente, morreu em desastre automobilístico, não podendo tomar parte na inauguração do novo teatro em 15 de agosto de 1946⁸.

Até 1942, existiam no Liceu duas orquestras: Pe. Rota e da Associação dos Ex-alunos Salesianos. A diretoria do Liceu e da União, de acordo com o Pe. Orlando Chaves, julgaram desnecessária a existência das duas dentro do mesmo Liceu.

Resolveu-se então fazer a fusão de músicos e de nomes. O Liceu cedeu o nome: *Pe. Rota* e os Ex-alunos o possessivo: *dos Ex-alunos Salesianos de Dom Bosco do Liceu Coração de Jesus*, arcando estes últimos toda a responsabilidade sobre o futuro da orquestra, cujos membros passaram a ser legalmente inscritos na União, como sócios efetivos. Pe. Fausto Santacatarina era o diretor da orquestra⁹.

Desenvolvimento da Faculdade de Estudos Econômicos

A Faculdade firmava-se de ano para ano.

Em 1941, formava-se a primeira turma de bacharéis em Ciências Econômicas, sendo seu paraninfo o governador de São Paulo, Fernando Costa, ex-aluno do Liceu. A Faculdade era considerada a “Esplêndida cúpula do gigantesco edifício da... organização educacional” do Liceu, por Pe. João Resende Costa, diretor da instituição ¹⁰.

Em 1943, os formandos foram buscar para seu paraninfo Alexandre Marcondes Filho, Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio.

O conceito da Faculdade crescia nos meios universitários e os seus alunos eram reconhecidos e estimados entre os demais das instituições congêneres.

Em 1944, o Pe. José Reyneri, representante oficial do reitor-mor dos salesianos, na América, durante a Segunda Guerra Mundial, advertia que era necessário pessoal competente e confiança para dirigir e formar a juventude universitária ¹¹.

O Decreto-Lei n.º 7.988, de 22 de setembro de 1945, ao extinguir o Curso de Administração e Finanças, criava o Curso de Ciências Econômicas no Brasil. O decreto acarretou total reformulação da Faculdade de Estudos Econômicos do Liceu, o que trouxe dificuldades e provocou discussão entre os membros da direção, até sobre a continuidade de sua existência.

Como argumentos aduzidos contra a continuidade da Faculdade foram invocados os seguintes ¹²:

1) Os cursos superiores não estavam previstos na estrutura educativa da Congregação Salesiana;

2) A dificuldade de ministrar aos alunos da Faculdade uma sólida formação religiosa, finalidade principal das escolas salesianas;

3) A dificuldade, naquele momento, de encontrar “um sacerdote prudente a ilustrado” para, exclusivamente, cuidar desse curso;

4) A exigência de uma secretaria e ambiente exclusivos para os professores e acadêmicos;

5) A deficiência intelectual e moral dos candidatos à Faculdade do Liceu, provenientes de “escolinhas”, o que forçava os “professores do 1.º ano a ministrar conhecimentos rudimentares para depois entrar na matéria propriamente dita”...;

6) O parecer desfavorável do representante do reitor-mor da congregação, Pe. José Reyneri.

Como razões favoráveis à continuidade da Faculdade, foram apresentadas:

1) "Fechando-se a Faculdade, os alunos por ela formados sentir-se-iam vexados por se terem sido diplomados por uma escola que cerrou suas portas";

2) "Em São Paulo há três Faculdades de Estudos Econômicos: e somente a nossa é católica";

3) "O Sr. Arcebispo, que já fundou a Universidade Católica, não veria o fechamento da Faculdade como um ato de represália, ou, ao menos, a limitação dos cursos dessa Universidade? Não fechá-la, mas passar para a Universidade Católica!";

4) "Apesar de a nossa Faculdade estar assim, é sempre melhor que qualquer outra, por testemunho de alguns alunos que referem fatos menos lisonjeiros a respeito de outras Faculdades";

5) "Os nossos alunos teriam de passar a outras Faculdades e perderiam o que aprenderam aqui".

O terceiro argumento foi o que mais impressionou. Mas, em votação feita em 22 de dezembro de 1945, o resultado favoreceu ao seu fechamento.

O ano de 1946 foi de silêncio quanto ao assunto, até o dia 8 de dezembro, quando uma comissão foi organizada para ouvir o cardeal de São Paulo, D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta. O novo diretor do Liceu, proclamado nesse mesmo dia, adiantou-se àquela comissão e prometeu ao cardeal encarregar-se pessoalmente de continuar e desenvolver a Faculdade.

Tomando em suas mãos a direção da Faculdade, o Pe. Leonardo Jacuzzi determinou o cumprimento das exigências legais junto ao Ministério da Educação e designou o Pe. José Luiz Giacotto para, como vice-diretor, coordenar os trabalhos administrativos bem como assistir de perto a sua vida, o seu ambiente, os seus alunos¹³.

A Faculdade foi reconhecida pelo Decreto n.º 25.225, de 15 de julho de 1948. A 3 de agosto do mesmo ano, obteve a agregação à Universidade Católica de São Paulo.

A Ação Católica no Liceu

Um ano depois de ser criada no País (1934), já aparecia no Liceu a Ação Católica na Companhia de S. Luís do Externato¹⁴. Mas só em junho de 1940 é que veio a ser organizada pelo Pe. Leonardo Jacuzzi e Pe. Edgar de Aquino Rocha, dentro das atividades tradicionais das Companhias (Associações) Religiosas.

Em 1941, Pe. Leonardo reformava as diretorias das Companhias Religiosas para formar um núcleo de Ação Católica. Fundava-se a JEC (Juventude Estudantil Católica). Todos os membros da Ação Católica participavam com as diretorias das Companhias do Conselho Colegial, presidida pela Junta Colegial. Foi seu primeiro presidente Mário Quilici, que depois se tornou salesiano e sacerdote. Em cada divisão de alunos havia um núcleo de A. C.

Contava a JEC do Liceu, em 1943, com 135 membros, divididos em 10 círculos (21 em 1944). Sua biblioteca possuía mais de 1.500 volumes (2.000 em 1944).

As atividades eram desenvolvidas por grupos, tais como grupos de catequistas (14), do Evangelho (21), de declamação (16), missionário (56), dramático (10), caridade (Conferência de S. Vicente) (7) e "Boa Imprensa" (todos).

O fato mais significativo do trabalho realizado foi o Congresso de Ação Católica (21 a 28 de setembro de 1947).

Participaram do congresso, cada um no seu respectivo setor, os professores, ex-alunos, alunos da Faculdade de Estudos Econômicos; mestres de oficina, auxiliares e aprendizes das Escolas Profissionais, pessoal do serviço doméstico, alunos internos e externos de todos os períodos e oratorianos. Entre as propostas, ressaltam-se as seguintes:

1) instrução religiosa que atinja a inteligência, a vontade e o coração;

2) identificação do recrutamento dos melhores membros das Associações Religiosas do Liceu para a A. C.;

3) organização de um núcleo de dirigente de A. C. entre os professores do Liceu ¹⁵.

Tal foi o sucesso que pediram se fizessem todos os anos. O próprio cardeal Motta solicitou ao provincial que cedesse Pe. Leonardo para ser assessor na JEC da arquidiocese de São Paulo ¹⁶.

Outros acontecimentos memoráveis

No almoço tradicional de 2 de fevereiro de 1943, em que estava presente o governador do Estado, Fernando Costa, ex-aluno do Liceu, foi inaugurado o serviço radiofônico da União, sob o título de *A Voz de Dom Bosco*, com o discurso do Dr. Manoel Vitor de Azevedo. Na Páscoa deste ano, tomaram parte 300 ex-alunos, como também no ano seguinte ¹⁷.

1. Em 1946, foi realizado o 1.º Congresso Regional dos Ex-alunos de Dom Bosco, no qual foi apresentada a primeira diretoria

da Federação dos Ex-alunos Salesianos. Seu 1.º presidente foi Dr. Jair de Azevedo Ribeiro ¹⁸.

2. Acontecimento importante foi a participação do batalhão liceano, por deferência especial, no desfile com as Forças Armadas no dia 7 de setembro de 1949.

Após o desfile, todo o Estado-Maior do 2.º Comando Militar foi ao Liceu agradecer a brilhante exibição dos alunos que deram tonalidade festiva e alegre ao desfile ¹⁹.

3. Em 1951, aprovada a compra da chácara de Jandira, que recebeu o nome de "Sítio Sagrado Coração", foi considerado "bom negócio" a compra de duas novas máquinas cinematográficas substituindo as antigas.

No ano seguinte, encontramos esta observação: "Condução difícil e trânsito engasgado criam problemas para o externato e noturno" ²⁰.

Pe. João Antal, membro do Conselho Superior da Congregação Salesiana e visitador extraordinário, escrevia: "La casa è un immenso lavorio salesiano, un campo di apostolado spazzioso" ²¹.

4. Em 12 de outubro de 1954, a Juventude Salesiana do Liceu Coração de Jesus, Liceu N. S.ª Auxiliadora de Campinas, do Colégio S. Joaquim de Lorena e do jovem Colégio Dom Bosco de Piracicaba, em número de 5.000, formaram extensos batalhões brancos a marchar pelas ruas da cidade quatricentenária. Contando com o dinamismo de Pe. Antonio Elias Arra, prefeito da casa, apoiado pela "Campanha Salesiana pró Coração de Jesus", procedeu-se a uma restauração geral dos edifícios (mais de um quilômetro de paredes), à reparação das calhas e à douração da imagem da torre do santuário. Foi esta última, tarefa das mais demoradas. Removido o revestimento antigo com escova e lixa, foram reparados os paramentos, sendo aplicado, em seguida, o revestimento de ouro de procedência francesa (22 quilates em folha), brunido com pedra ágata e impermeabilizado com verniz francês ²².

5. Em 1956, foi criado o Conselho Nacional dos Ex-alunos Salesianos. O destaque das festas sociais da União eram "Os Cadetes do Ritmo" ²³.

6. Em 1957, nasciam os "Canarinhos Liceanos", fundados pelo salesiano João Ferreira dos Santos. Em 11 de novembro participava o Liceu do 1.º Campeonato de Fanfarras, promovido pela TV Record, sagrando-se campeão na categoria de *Um Pisto*, também nos anos seguintes ²⁴.

As vésperas do jubileu de diamante do Liceu Coração de Jesus, escrevia alguém na *Gazeta Esportiva* (08.08.1959):

Um dos estabelecimentos de ensino de nossa capital que mais se impôs na opinião pública, desde a sua fundação, é o Liceu

Coração de Jesus, uma das mais completas escolas paulistanas, a qual, há muitos anos, vem dando uma orientação certa e segura para quantos o cursam, lapidando-lhes o caráter, ensinando-lhes conceitos, civismo, propiciando-lhes assistência médica contínua e boa cultura, tão necessária nos dias de hoje. Religião, estudo e esporte são a base.

* * *

NOTAS

- ¹ Liceu Coração de Jesus, *Livro de Visitas Domésticas*, 17.05.1931.
- ² *Op. cit.*, 22.04.1935.
- ³ *Op. cit.*, 16.10.1939.
- ⁴ Liceu Coração de Jesus, *Atas do Capítulo da Casa*, 15.10.1945; *Livro de Visitas Domésticas*, 30.10.1945.
- ⁵ *Op. cit.*, 01.09.1942; *Dom Bosco*, 9 (3-4), p. 97, mai.-jun. 1943; *Livro de Visitas Domésticas*, 28.09.1943.
- ⁶ *Dom Bosco*, 10 (2-3), p. 49, abr.-mai. 1944.
- ⁷ Liceu Coração de Jesus, *Livro de Visitas Domésticas*, 08.12.1944.
- ⁸ *Dom Bosco*, 9 (5), p. 164-165, jul. 1945; *Anuário de 1946*, p. 43-45.
- ⁹ *Dom Bosco*, Anuário do Liceu Coração de Jesus, 482-483 (1944).
- ¹⁰ *Dom Bosco*, Anuário do Liceu Coração de Jesus, p. 390, 1941.
- ¹¹ *Livro de Visitas Domésticas*, 08.12.1944.
- ¹² *Atas do Capítulo da Casa*, 08.11.1945.
- ¹³ *Op. cit.*, 05.11.1946, Depoimentos de Pe. Leonardo Jacuzzi, Diretor na época; cf. ainda *Op. cit.*, 24.02.1947.
- ¹⁴ FAUSTO, Boris, *História da Civilização Brasileira — O Brasil Republicano: Economia e Cultura*, São Paulo, Difel, 1984, t. III, v. IV, p. 321-324; *Dom Bosco*, 2 (3), p. 248, mai.-jun. 1936.
- ¹⁵ *Dom Bosco*, Anuários de 1941 a 1947.
- ¹⁶ Depoimentos do Pe. Leonardo Jacuzzi.
- ¹⁷ *Dom Bosco*, Anuário de 1943, p. 389.
- ¹⁸ *Op. cit.*, Anuário de 1946, p. 50-53.
- ¹⁹ *Op. cit.*, 15 (8), p. 13, out. 1949; 15 (9-10), p. 10-12, nov.-dez. 1949, Depoimentos do Pe. Leonardo Jacuzzi.
- ²⁰ *Atas do Capítulo da Casa*, 06.07.1951 e 23.02.1952.
- ²¹ *Livro de Visitas Domésticas*, 13.12.1953.
- ²² *Dom Bosco*, 20 (10), p. 43-59, dez. 1954.
- ²³ *Anuário de 1956*.
- ²⁴ Depoimentos do Sr. João Ferreira dos Santos.

TERCEIRA PARTE

Desdobramentos e Reformulações

XVIII

A BUSCA DE UM NOVO MODELO

Inauguração de Brasília (1960). Renúncia de Jânio Quadros (1961). Crise política do Governo João Goulart, seguida de um longo período de Governos Militares (1964-1985). As relações entre o Estado e a Nação tornaram-se difíceis e tensas. O mesmo aconteceu entre o Estado e a Igreja.

Em 1961, ocorreu uma reforma de ensino: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que não teve conseqüências significativas na estrutura administrativa e curricular do Liceu Coração de Jesus.

Já a crise política do Governo João Goulart, com a seqüência de greves, influiria na transferência da Faculdade de Ciências Econômicas para a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

A nova reforma de ensino de 1971 (Lei n.º 5.692) trouxe uma revitalização do Liceu na década de 70.

A instabilidade do regime em seus aspectos políticos, econômicos, sociais trouxe dificuldades para a formulação de um modelo de escola condizente com as necessidades do País, dos Estados e dos Municípios. As próprias escolas particulares mostram-se apreensivas na busca de um modelo adequado e satisfatório.

Nesse capítulo, limitar-nos-emos apenas a apresentar os fatos mais importantes.

O Liceu nos anos sessenta

De início, operam-se modificações estruturais profundas, aliás já preconizadas em décadas anteriores.

Em 1960, transferem-se para o Instituto S. Francisco (Mooça) as Escolas Profissionais — tipografia, impressão, encadernação. Na época, julgou-se que elas estavam apertadas dentro do Liceu.

O ano de 1961 marca o começo do funcionamento da estação rodoviária que veio agravar ainda mais a decadência dos Campos Elíseos e as condições de vida do bairro, outrora famoso pelo seu fausto.

No Liceu, em 1963, começa a funcionar a Associação de Pais e Mestres, sendo seu primeiro presidente, o Dr. Valentim Alves da Silva. No mesmo ano, três grandes ex-alunos liceanos recebem a Comenda pontifícia, da Ordem de São Silvestre Papa: Dr. Jair de Azevedo Ribeiro, Dr. João Alberto Bressan e Dr. Isidoro Marcigaglia (este no grau de Cavaleiro). A fanfarra conta com 150 figuras.

Em 1964, a Faculdade de Ciências Económicas, Contábeis e Atuariais, integra-se definitivamente na Pontifícia Universidade Católica, à qual já fora agregada. No mesmo ano, deixa de funcionar o internato, que naquela situação se apresenta até nocivo*.

Morre, em 1965, o Pe. José Luiz Giacotto, por mais de vinte anos assessor dos ex-alunos. Seu funeral e enterro foram uma verdadeira apoteose.

O trânsito em volta do Liceu é muito confuso e congestionado. O diretor do Liceu pergunta: "A procissão do dia 24 (de maio) é possível?" (1966). Discutem-se ainda a construção de 36 apartamentos e a reforma da cripta. No ano seguinte a biblioteca é transferida para diversos locais do Liceu.

Em 1968, reformam-se os gabinetes de Física e Química. Foram pedidas "providências em relação ao número de ônibus estacionados na Al. Dino Bueno, impedindo aos pais dos alunos um acesso fácil ao Colégio".

E a gloriosa fanfarra? "Que não morra ingloriamente", disse alguém (12.03.1969). Faz-se uma consulta aos pais dos alunos, dada a dificuldade de mantê-la sem finalidade, uma vez que os desfiles estão proibidos pelo trânsito... O estacionamento das conduções que trazem os alunos constituem uma dor de cabeça para os dirigentes do Liceu¹.

Em termos de número de alunos, esta década foi melhor que a precedente, até 1967, apesar dos contratempos ocorridos entre 1960 e 1963.

Ao final da década, verificou-se uma acentuada queda no número de matrículas.

* Os pais, em sua maioria, não queriam os meninos em casa. Além disso, "os 20% dos alunos bons acabam, às vezes, se corrompendo dentro da massa 'burguesa' dos outros 80%" (Ata da Reunião do Conselho, 1.º de março de 1962).

O Liceu e o Ensino Profissionalizante (Lei n.º 5.692/71)

Os inícios da década são marcados pela tentativa de fundar as “Faculdades Campos Elíseos” de Engenharia Civil, Engenharia Elétrica e Engenharia Mecânica, Matemática, Física, Economia e Administração de Empresas. Fazem-se grandes investimentos na montagem de laboratórios, salas e instalações ambientais.

Em 1972 e 1975 são criados os Cursos Profissionalizantes: Técnicos de Eletrônica, Eletrotécnica, Análises Clínicas, Mercado-logia, Secretariado, Publicidade, Turismo, Química, além dos de Assistência de Administração e de Contabilidade já em funcionamento.

As Faculdades não vêm. Mas a estrutura montada não é inútil. Pelo contrário, os Cursos Profissionalizantes encontram uma base logística admirável e desenvolvem-se admiravelmente, tirando o Liceu da decadência que vinha desde 1968.

Estabelece-se uma febre de reformas e montagem de laboratórios modernos e atraentes: parque infantil para o pré-escolar, central telefônica (com 100 ramais e PABX), pulmão verde (plântio de árvores), novo uniforme (bordeaux), instalação dos laboratórios de Química, laboratórios médicos, Eletrônica, Eletricidade, Eletrotécnica, Sótão de Publicidade, salas para atividades comerciais e de grupos, nova sacristia etc. etc.

Os resultados são imediatos: dá-se um crescimento vertiginoso. O ano de 1976 marca o recorde de alunos em toda a história do estabelecimento (3.167), se for incluído o Curso Supletivo (1.043). Nesse ano, participa o Liceu, e com brilhantismo, na 1.ª Feira de Informação Profissional e Educacional (FIPE) da Prefeitura de São Paulo².

O ano de ouro do ensino profissionalizante do Liceu é 1979. No ano seguinte começa a decadência.

Continuam a brilhar os “Canarinhos Liceanos”, conjunto infantil de 24 a 30 meninos, de 7 a 13 anos, dirigidos pelo M.º salesiano João Ferreira dos Santos, que vem continuando o trabalho iniciado pelo Pe. José Allievi. Os canarinhos foram os únicos participantes nacionais da Temporada Lírica de 1969, em São Paulo, quando se apresentaram com a equipe do Teatro São Carlos de Nápoles, cantando *La Gioconda* e *Otelo*, esta última com o famoso tenor italiano Mario Del Monaco.

Fizeram um filme intitulado *Herdeira Rebelde*, com os atores Marlene França e Hugo Bologna. Em 1978, participam da *Ópera Carmen*, no Teatro Municipal de São Paulo.

Cantaram em todos os canais de TV de São Paulo, Santa Catarina e Paraná; em todos os colégios salesianos da Inspetoria

de São Paulo; em festas da APAE, Rotary Club, Lions, Santa Casa, orfanatos etc.; para governadores, prefeitos etc.

Têm viajado por vários Estados como Minas Gerais (Araxá), Rio de Janeiro (Resende: Academia Militar), Paraná (Curitiba), Santa Catarina (Itajaí) e Rio Grande do Sul (Porto Alegre).

Hoje (1985), têm aproximadamente 80 discos gravados, em sua maioria, das Edições Paulinas (missas, cantos escolares, catequéticos, folclóricos etc.). Fazem ainda comerciais para rádio e televisão.

Passaram pelos “Canarinhos Liceanos” alguns que se tornaram famosos na política, nas artes e outras atividades, como o Príncipe Imperial D. Pedro de Alcântara de Orleans e Bragança.

Algumas atividades culturais merecem ser citadas como a “Maratona Cultural” e as “Olimpíadas Esportivas” que vêm sendo promovidas anualmente³.

Antecede à Maratona Cultural o *Show Cient*, uma sessão promovida pelos alunos do Curso Científico, a partir de 1960, aproximadamente, no final do ano letivo, com a finalidade de conagração e entretenimento.

Em 1972, para celebrar o sesquicentenário da Independência do Brasil, o Prof. Celso Roberto de Mello idealizou a “Maratona Cultural”. Essa atividade artístico-cultural vem sofrendo adaptações no correr dos anos. Com o mesmo objetivo, o Prof. Norival do Amaral funda as *Olimpíadas Esportivas*, que se realizam anualmente. Mantém a tradição de buscar o “fogo simbólico” no Monumento do Ipiranga⁴.

Em 9 de novembro de 1973, nasce o *Clube Salesiano de Serviços*, segundo sugestão do Pe. Edgar de Aquino Rocha, talvez o modelo de organização de ex-alunos mais adequado aos tempos de hoje, distinguindo-se inicialmente como organizadores Armando Righi Filho, Orlando Bozzo, Eduardo Fantini e Oscar Brunoro. Até 1985 já foram seus presidentes Enzo Bertolini, Pro. José A. Chediak, Jeronymo Mario Marini, Dante Lacreta e Vicente Baroni⁵.

As comemorações de uma série de Centenários

O Brasil atravessa uma fase de transição de regime político-econômico-social. Procura-se um novo modelo... A Lei n.º 5.962 tão badalada e criticada sofre reformulações.

A obra salesiana em São Paulo chega aos cem anos. Em 1984, foi a vez do Santuário do Coração de Jesus, o templo de estilo renascentista mais antigo de São Paulo.

1985 marca o ano 100 da chegada dos salesianos à Capital paulista. O Liceu Coração de Jesus bate um recorde histórico.

Trata-se da única instituição escolar paulista a funcionar no mesmo lugar ininterruptamente desde sua fundação. Em São Paulo isso constitui um fato raro e extraordinário.

As comemorações de 5 de junho foram memoráveis. Cem atletas trazem o “fogo simbólico” do Monumento do Ipiranga, com que acenderam as velas do altar, da pira olímpica e do bolo de aniversário de 200 quilos. Ao canto do Hino do Centenário Liceano (Música e Letra do Prof. Manuel José de Carvalho) entram para a concelebração da missa campal o cardeal D. Paulo Evaristo Arns, D. Antonio Barbosa, arcebispo de Campo Grande, D. Fernando Legal, bispo eleito de Limeira e D. Antônio Sarto, bispo de Barra do Garças e 49 sacerdotes. A banda da Polícia Militar deu seu toque festivo.

Iniciam-se, logo após o corte do bolo, as Olimpíadas do Centenário, que são precedidas de ginástica olímpica da qual participaram 486 ginastas com revoadas de 200 pombos, seguindo-se uma bateria de fogos.

A noite, é concelebrada missa, presidida por D. João Resende Costa, pelos três bispos supramencionados e 51 sacerdotes provenientes de todas as casas da inspetoria.

São Paulo, apesar de seu gigantismo cosmopolita, onde até os grandes eventos muitas vezes passam despercebidos, toma conhecimento desses fatos.

No dia 4 de junho, a Assembléia Legislativa do Estado presta sua homenagem ao Liceu, tendo o deputado Álvaro Fraga requerido convocação de sessão especial: são conferidos diplomas de Honra ao Mérito a 25 personalidades que se dedicaram grandemente ao Liceu.

Os meios de comunicação fornecem aos paulistanos ampla divulgação dos eventos: TV Globo, TVS, Rádio e TV Cultura, Rádios Bandeirantes, Record etc. Os jornais *O Estado de S. Paulo* e *Jornal da Tarde*, *Folha de S. Paulo* e *Folha da Tarde*, *Diário Popular*, *Folha Metropolitana*, *Notícias Populares*, *A Gazeta da Zona Norte*, *Metrô News*; revistas como *Família Cristã*, *Boletim Salesiano*, *Ave Maria* trazem reportagens e comentários.

Em *O Estado de S. Paulo* (08.06.1985), alguém escreve: “Numa época em que o desaparego às tradições e o desinteresse pela memória da cidade expressam sintomas de profundo desamor a São Paulo, é reconfortante assistir às comemorações do centenário do Liceu Coração de Jesus”.

Ao falar dos cursos profissionalizantes, afirma: “Ao mesmo tempo, é talvez aí resida o componente mais decisivo da importância do Liceu, lançou as bases de um sistema até hoje não devidamente cuidado pelas autoridades educacionais”. E mais

adiante: “Além de trabalho e sensibilidade, também pioneirismo, o que define ainda mais a abrangência da escola”⁶.

O Liceu Coração de Jesus e o futuro

O Liceu não envelheceu. Continua sempre novo e renova-se sempre em seus alunos, em seus mestres, em seus diretores, em suas instalações e em seus métodos educativos.

Em 1984, começou a reforma do Santuário centenário, uma das obras-primas da arquitetura da cidade e do País: foi restaurado o telhado e a pintura do teto da nave central, um trabalho de artesanato.

Em abril de 1985 foi inaugurada a nova quadra poliesportiva, sem afetar a estrutura das fachadas exterior e interior. A reforma continua.

Enquanto isso, pensa-se na formulação de um novo projeto educativo que corresponda às necessidades do momento.

O trabalho não é fácil. Estudo, reflexão, coragem, criatividade, dedicação e muito esforço são indispensáveis, aliados a uma profunda fé da divina Providência que governa e dirige os destinos desta casa: “Das mãos de um santo brotou o Liceu Coração de Jesus”.

As observações de Pe. Luiz Marcigaglia lançadas na introdução do *Anuário* de 1927 parecem válidas ainda hoje:

Não há proporções entre o pequeno número de salesianos que aqui labutam de sol a sol e o grande número de alunos que o Liceu educa e beneficia. Considerando-se as coisas apenas debaixo do ponto de vista humano, não se pode explicar o funcionamento do Liceu, o seu *equilíbrio*. Não é um equilíbrio puramente humano: entra nisto evidentemente a Providência Divina.

Para compreender este fenômeno particular, é preciso conhecer o Liceu de perto e por dentro. De longe não se pode ter uma idéia exata e completa, especialmente tomando em conta a influência deformadora que exercem as distâncias, as diferenças de ambiente e o influxo de idéias preconcebidas.

O Liceu Salesiano de São Paulo é um fato concreto e não uma idéia, ou uma teoria. É um fato pedagógico, um fato salesiano de relevo, que deve ser estudado na sua realidade, *in loco*.

Há de ser estudado a olho nu — sem vidros de aumento e sem vidro de cores — com sinceridade e com *intelletto d'amore*.

Deus traçou-lhe uma missão importante e providencial. De sua rota gloriosa e benfazeja não deve desviar-se por forças adversas e discordantes. Deus vela o seu destino!

Sua irradiação no campo religioso, social e pedagógico — que já é enorme — há de ser cada vez mais intensa e duradoura, graças ao S. Coração de Jesus, que protege e defende esta casa, como sua que realmente é.

Uma definição do que seja o Liceu talvez não tenha sido delineada com traços mais eloquentes do que pelo seu grande ex-aluno, Dr. Jair de Azevedo Ribeiro⁷:

O Liceu Coração de Jesus! Não o vejo apenas magnífico na sua imponência, atirando para o céu paulistano a estrutura majestosa dos seus edifícios audazes; não o enxergo somente nesta multifária e complexa organização (...); nem me parecem eles tão só esses grandes e arejados salões de estudo (...); e esses pórticos e pátios, e salas e gabinetes, todo esse conjunto material, grandioso e soberbo, mas frio e mudo, silencioso e ermo, a quem a vida é apenas comunicada pela rumorosa alacridade dessa juventude que o povoa...

Não! Além e acima de tudo isso, a tudo orientando e animando, parece-me sentir um sopro de vida imaterial, mas palpitante, tangível quase; afigura-se-me perceber a vibração animada de energias que se orientam conscientemente; alguma coisa de superiormente elevada, que permanece inalterada, sempre substancialmente a mesma, em meio às mutações ambientes e diante o desfilar das gerações que passam.

Será, talvez, o eco incerto e fugidio, que as vetustas paredes guardam avaramente, do vozear alegre e rumoroso que aqui tem crepitado (...); será, quem sabe, o perene marulhar das esperanças e dos receios, das alegrias e das tristezas que aqui confidenciaram as almas simples e cândidas que vicejaram às cintilações magníficas do sol salesiano. Ou será, então, a projeção luminosa vinda do infinito ou do ignoto onde se consorciavam, num feixe de energias invisíveis, mas reais, as vontades que aqui se enrijaram, os destinos que aqui se definiram, os caracteres que aqui se plasaram. Ou, porventura, será o manancial puro dos postulados salesianos, que aqui canta o *laus perennis* do amor cristão; será o espírito de Dom Bosco, que nesta casa se guarda com a mais atenta vigilância, com a mais caprichosa solicitude. Sim! Será isto certamente. São os ensinamentos de Dom Bosco que aqui palpitam vivos; são os imperativos da caridade cristã que jamais desertam; é esse anseio insofrido de fazer o bem, de educar, formar almas, que no Liceu se perpetua intangível através dos tempos que passam, dos homens que mudam, das gerações que se sucedem.

E falando da amplidão do Liceu, dizia:

Não apenas o Liceu no que ele tem de mais íntimo, seus mestres e alunos, mas também o Liceu que se distende para muito além das paredes desta casa, e reúne, em sublime comunidade espiritual, os seus antigos alunos e as famílias (...) que, seguras, entregam aos salesianos os seus entes mais caros.

As mesmas características arquitetônicas do seu conjunto de edifícios parecem caracterizar o espírito que informa esta obra salesiana, na expressão de D. Aquino Corrêa⁸

Esta obra de ciclopes, que até na estrutura arquitetônica, com os seus dois braços gigantescos apertando o templo, parece simbolizar o espírito salesiano, em que o trabalho e o estudo se encaminham, se abraçam, se unem à oração e ao culto!

D. João Resende Costa, arcebispo de Belo Horizonte, ex-diretor desta instituição, refletindo sobre as características históricas de sua atuação, achou que elas se podem sintetizar em três: “*A alegria da esperança; a busca sincera da verdade; o compromisso com o futuro.* São elementos indispensáveis em quem se ocupa da juventude, carisma de Dom Bosco e razão de ser primordial do Liceu”⁹.

Os que dirigirem esta obra centenária que o gênio de S. João Bosco plantou em terras paulistas e que cresceu e brilhou perante os homens, terão sempre essa caminhada histórica que resumidamente tentamos apresentar.

Fazemos votos para que sejam fiéis aos objetivos de seu projeto original¹⁰ e tornem este Liceu ainda mais fecundo em realizações construtoras do Reino de Deus.

* * *

NOTAS

¹ Liceu Coração de Jesus, *Atas do Capítulo da Casa*, nas reuniões nas datas referidas.

² *Idem.*

³ Depoimentos do Sr. João Ferreira dos Santos.

⁴ Testemunho do Prof. Celso Roberto de Mello.

⁵ SALESERVIS, *Boletim do Clube Salesiano de Serviços*, de 10 de novembro de 1983.

⁶ “O Liceu e São Paulo” in *O Estado de S. Paulo*, 10.06.1985.

⁷ *O Liceu*, 16 (8), p. 391-394, out. 1933.

⁸ *Dom Bosco*, 20 (10), p. 49, dez. 1954.

⁹ COSTA, João Resende, *Centenário do Liceu Coração de Jesus*. Discurso pronunciado em 5 de junho de 1985.

¹⁰ Rezava a provisão que aprovou o projeto da fundação do Liceu de Comércio, Artes e Ofícios na Capital de São Paulo e outros pontos da diocese, assinada por D. Lino Deodato: “Com o óbolo do rico e do pobre podemos levantar edifícios majestosos que atestem às gerações vindouras a vitalidade da Igreja católica e sua constante solicitude pela educação da mocidade. Com toda efusão de nosso coração abençoamos a todos que concorrerem para esta obra eminentemente cristã e civilizadora”.

XIX

OS OPERÁRIOS DA VINHA DO SENHOR

A obra do Liceu Coração de Jesus envolveu a sociedade paulista: Igreja, Estado, associações religiosas, enfim o povo. Em todo esse trabalho sentiu-se a atividade sempre presente desses segmentos.

Serão apresentados aqui os agentes que mais diretamente se empenharam no desenvolvimento da obra, ou nela foram envolvidos, seja com seus recursos, seja com seu trabalho, seja com a sua vida. Não seria possível, dentro das limitações desse estudo, tratar de cada uma das pessoas e associações que trabalharam na construção deste monumento que tem despertado e atraído a atenção, o respeito e a admiração de quantos o conhecem.

A atuação dos jovens, sem os quais esta instituição não teria razão de existir, aparece em todo este livro. O mesmo diga-se dos ex-alunos, que souberam acompanhar seus mestres e ajudá-los; mereceriam um estudo mais amplo e aprofundado à parte.

Passaremos em revista alguns nomes de cooperadores, de benfeitores e amigos do Liceu que, não ficando em palavras, aplicaram suas fortunas ou usaram da sua influência para que o Liceu Coração de Jesus se desenvolvesse e tivesse significação positiva no contexto paulista.

Finalmente, serão citados os salesianos, os protagonistas, que procuraram dar tudo de si mesmos, ou seja, suas vidas na construção do Reino de Deus nesta vinha chamada Liceu Coração de Jesus.

Infelizmente, não é possível enumerar todos os agentes e colaboradores. Esta listagem é passível de críticas. Talvez sejam omitidas pessoas que deveriam constar... A essas pessoas não mencionadas ou anônimas, a nossa homenagem e o nosso profundo reconhecimento. O nosso julgamento parece ser falho e o é, mas não o de Deus que lê no íntimo das consciências e sabe premiar devidamente aqueles que o servem!...

Os cooperadores, os benfeitores e amigos do Liceu

A obra genial de Dom Bosco é múltipla. Ele mesmo compreendeu que, sem instituições diversas, não poderia preparar a sociedade do futuro.

Como todos os grandes benfeitores da humanidade, Dom Bosco obteve os auxílios do alto clero, de muitas famílias católicas, e dos amigos das boas obras, e resolveu associá-los, como irmãos, à empresa gloriosa da reintegração dos costumes e da preparação da sociedade vindoura. Desse núcleo de associados à obra de Dom Bosco nasceu a falange misericordiosa dos cooperadores salesianos.

Não era uma ordem terceira e sim uma sociedade adjunta à sociedade salesiana, aprovada por editos pontifícios, equiparada à congregação nos favores e graças espirituais, e que se propunha a auxiliar e desenvolver a obra salesiana.

Os primeiros inscritos nesta sociedade simpática foram os Sumos Pontífices. Pio IX, aprovando-a e abrindo-lhe o tesouro das indulgências foi o primeiro dos cooperadores salesianos e exortava a muitos cardeais e bispos a nela se inscreverem.

O conselheiro Manuel Antônio Duarte de Azevedo, político de grande projeção e homem de governo, cooperador salesiano, em um de uma série de artigos publicados na revista *Santa Cruz*, afirmava ¹:

Mas não foram só os Pontífices romanos e os Prelados católicos, que se constituíram cooperadores salesianos, benfeitores ou auxiliares da execução do previdente plano de Dom Bosco na obra religiosa e civil da regeneração da infância.

Por toda a parte, em que se fundaram as casas salesianas, e existem atualmente em quase todas as partes do mundo, os governos, homens políticos da mais elevada posição, altas dignidades da Igreja, notabilidades da ciência, das artes e do comércio, grandes e pequenos industriais, e as senhoras mais distintas de todos os países inscreveram-se na honrosa e simpática lista dos cooperadores de Dom Bosco.

E explicava o porquê:

É que os governos e os homens políticos, os espíritos refletidos, e os corações bem formados compreenderam, que auxiliando a associação salesiana na empresa meritória da educação da infância desamparada, não só praticavam obra de misericórdia, como concorriam para o bem público.

Educar e instruir as crianças pobres; proporcionar-lhes pelo ensino profissional meios de feliz e útil existência; extinguir no germe as reclamações da miséria, e os estremecimentos sociais que os desesperos da fome produzem: tudo isso, além do amor de Deus e do próximo, devia necessariamente atrair a atenção dos que pensam e se interessam pela sorte da humanidade.

Efetivamente, isso parece ter sido assim entendido em São Paulo. Uma plêiade ilustre e numerosa do clero e do laicato paulista prestou inestimáveis serviços à obra salesiana, em especial ao Liceu do Sagrado Coração de Jesus.

Muitos deles já foram mencionados no decurso deste trabalho, como D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, D. Antônio Cândido de Alvarenga, D. José de Camargo Barros, D. Duarte Leopoldo e Silva, bispo de São Paulo, Mons. Francisco de Paula Rodrigues (“Pe. Chiquinho”), Mons. Ezechias Galvão Fontoura, Mons. Camillo Passalacqua e muitos membros do clero paulista, os integrantes da Conferência Vicentina do Sagrado Coração de Jesus etc. Merece destaque o apoio do clero diocesano que foi decisivo na fundação e desenvolvimento do Liceu.

Passaremos em revista alguns dos que mais se salientaram e que tiveram a sorte de terem seus nomes inscritos nos arquivos, nas revistas e na memória dos salesianos. Ao tratarmos deles, pretendemos prestar nossa homenagem e nosso agradecimento também aos cooperadores, aos amigos humildes e desconhecidos, na esperança de que já receberam a recompensa de Deus pelos benefícios prestados à juventude pobre e abandonada, acolhida no Liceu do Sagrado Coração de Jesus.

Aureliano Pimentel (1830-1908): mineiro de S. João Del Rei, Reitor do Colégio Pedro II, católico fervoroso, colaborador de todos os jornais e revistas católicas de sua época, e da nossa *Santa Cruz*².

D.ª Amelia Vallim Pereira Souza (†1905), esposa de Pedro Luiz Pereira de Souza, presidente do Estado e ministro do Império, da guarda de honra do Santuário Coração de Jesus.

Dr. Teodoro Sampaio (1855-1937), baiano, grande pesquisador e fecundo escritor, foi um dos principais colaboradores da *Santa Cruz*, onde publicou um de seus mais famosos trabalhos *O Rio S. Francisco e a Chapada Diamantina* (1906)³.

D. Pedro II, quando de sua visita ao Liceu soube que os passarinhos (os meninos) devoravam as uvas antes de amadurecer. Mandou murar todo o terreno às próprias custas. Deu apoio e incentivo aos salesianos do Liceu e de Santa Rosa.

Dr. Saturnino S. de Salles da Veiga, pseudônimo *Jonjans* (1848-1914), médico e grande jornalista, principal redator de *O Monitor Mineiro*, escreveu ainda em outros jornais de Minas e no diário católico *São Paulo*, fervoroso católico, inexcedível em sua caridade para com os doentes, foi um dos principais colaboradores da *Santa Cruz*⁴.

Dr. Brasílio Machado (1848-1919), político, jornalista, professor e advogado brilhante, católico convicto e de fato, Barão por decreto pontifício, fundador da “Federação Católica de S. Paulo” e de seu órgão *Pátria*, foi o primeiro diretor da *Santa Cruz*. Sua experiência e o círculo de influência que desfrutava foi vital para o sucesso da revista ⁵.

D.^a Veridiana Prado (1825-1910), chamada a “mãe dos salesianos”. Dela não se precisa dizer mais nada, pois esse título diz tudo ⁶.

Conde Álvares Penteado (1852-1912), industrial, grande benfeitor do Liceu; de certa feita doou o pano para os ternos de todos os alunos internos do estabelecimento ⁷.

Conselheiro Manuel Antonio Duarte de Azevedo (1832-1912), advogado, professor e político brilhante, por várias vezes ministro do Império e presidente do senado estadual, diretor do *São Paulo*, deu toda a cobertura aos salesianos na imprensa e no senado estadual. Sua casa era parada obrigatória dos alunos do Liceu. Visitava assiduamente o Liceu ⁸.

Cônego João Batista Gomes (1839-1903), companheiro do Dr. Alberto Saladino de Aguiar na fundação do Liceu. Assistiu com sua autoridade moral ao aparecimento e constante crescimento da obra, visitando-a diariamente e hospedando os dois primeiros salesianos. Antes de morrer, mandou entregar ao diretor do Liceu uma parte de seu minguado pecúlio ⁹.

Eduardo Prates (†1928), Conde de Prates, pela Santa Sé, prestou inúmeros benefícios às obras salesianas da Capital paulista, concorrendo para o seu maior desenvolvimento, especialmente ao Liceu e ao santuário. A *Santa Cruz*, por vários anos, foi impressa em papel fornecido gratuitamente por ele. Um incêndio destruiu por completo a cozinha do Liceu. De um minuto para outro, centenas de meninos ficaram sem alimentos. Socorreu-os a caridade do Conde de Prates e de sua digna consorte. Por vários dias, toda a alimentação para os colegiais vinha já preparada da sua casa. Nos sinos da torre estão gravados os nomes dele, da esposa e de seus filhos; reformou ainda o grande órgão ¹⁰.

Cerina de Souza e Castro (1826-1909), Baronesa de Tatuí, mãe dos pobres e dos mendigos, doou o grandioso órgão ao santuário ¹¹.

Convém destacar o papel das autoridades governamentais de São Paulo que sempre se mostraram amistosas, apoiaram efetivamente a instituição e incentivaram seu desenvolvimento, atendendo às suas solicitações, visitando-o e participando de suas atividades. Todos os governadores de Estado, quando moravam nos

Campos Elíseos, estiveram no estabelecimento. Grandes amigos foram Altino Arantes, Washington Luís, Conde de Duprat etc. Alguns deles foram até ex-alunos do Liceu como Fernando Costa, Carlos Alberto de Carvalho Pinto, general José Porfírio da Paz e Hilário Torloni.

Merecem ainda ser lembrados a Viscondessa de Cunha Bueno, Conde José Vicente de Azevedo, Zózimo Barroso e grande número de Vicentinos: os Martinelli, Dr. Francisco Renaudin, Dr. Luís Gonzaga de Oliveira Costa, João Faria de Menezes (legendário catequista do oratório festivo do Liceu), Pedro Colli, Manuel Rocco, Gaspar Fernandes, Prof. Lourenço Rodrigues, João Pinto Ferreira e seus filhos (João, José, Francisco e Luiz) etc.

O número dos grandes benfeitores começou a cair depois da década de 20. Pe. Luiz Marcigaglia escreveu até um opúsculo sobre o assunto. Muitos achavam que o Liceu já não precisava de auxílios...

Os salesianos continuaram, contudo, seu trabalho no sentido de angariar cooperadores e benfeitores. Sem eles, os salesianos encontrariam grandes dificuldades de exercer sua missão com eficiência e amplitude devidas.

A maioria dos edifícios que compõem o grande complexo liceano se deve à generosidade de cooperadores, benfeitores grandes e pequenos.

A eles os salesianos de Dom Bosco agradecem penhorados!...

Os salesianos de Dom Bosco

Normalmente toda instituição, em seus inícios, sofre limitações, especialmente quanto aos seus recursos, exigindo de seus protagonistas muita fé e coragem, para não dizer ousadia e até temeridade.

Os salesianos chegaram a São Paulo trazendo apenas fé e muita confiança na Providência divina e também coragem, virtudes que Dom Bosco lhes instilara profundamente na alma.

Quem contempla o Liceu tem dificuldade em acreditar como homens, estrangeiros e sem recursos, conseguiram erigir uma instituição tão grandiosa e imponente.

Parece ter sido fundamental e certa a escolha da pessoa apropriada do primeiro diretor, o Pe. Lourenço Giordano e seu companheiro, o irmão coadjutor João Bologna para iniciar a obra salesiana em São Paulo. Todos que conheceram Pe. Giordano são unânimes em elogiá-lo: Dom Bosco escolheu a pessoa certa para o lugar certo, através do grande D. Luiz Lasagna. Pode-se dizer,

sem correr risco de cair no exagero, que foi a pedra fundamental utilizada pela Providência para a fundação do Liceu do Sagrado Coração de Jesus.

1. *Pe. Lourenço Giordano*: era a personificação da bondade, da cortesia, do sacrifício e da santidade de Dom Bosco. Corpo esbelto, altura além da média, cabelos louros, face rosada, olhos vivos e espertos, conquistava à primeira vista.

Pe. Domingos Molfino, em seu longo depoimento sobre ele, escrevia:

O volume das obras realizadas no Liceu no período 1886-1888 tem algo de prodigioso e só se pode explicar humanamente com a índole boa, alegre, e entusiasmada de Pe. Giordano, com seu agir agradável, familiar, paciente, insinuante, prudentíssimo e com uma tenacidade em querer vencer todo obstáculo.

Não havia pessoa em São Paulo, que se respeitasse, que não conhecesse o "Liceu do Sagrado Coração de Jesus", ou, simplesmente o "Sagrado Coração", como dizia o povo. As autoridades religiosas e civis eram muito complacentes com Pe. Giordano, estimavam-no e veneravam-no.

Cultor apaixonado de música sacra, tocador também ele, logo que pôde dispor de moços e de locais, deu vida à *Schola Cantorum*, à banda de música e começou a série de grandes funções religiosas na Igreja, de espetáculos teatrais e acadêmicos que despertou profunda simpatia em toda a crescente população paulistana...

(...) Para as grandes festas religiosas no santuário não ligava para sacrifícios. Queria sempre que novos programas, novos autores sucedessem aos já executados. Desse modo, executavam-se partituras, com grandes coros, de Beethoven, Händel, Giordani, Saint Saen, Haydn, Mozart, Gounod, Cherubini, Pergolesi...

O Liceu, em suas mãos, era um só coração e uma só alma:

... Pe. Giordano era um homem que eletrizava, por assim dizer, o seu povo do Liceu, instruía-o, ensinava-lhes a respeitar a autoridade, mantinha-o unido como se fosse um só homem e o dirigia de uma solenidade a outra com um espírito e interesse e de entusiasmo único.

Seu trabalho despertou a atenção dos Imperadores, que quiseram visitá-lo.

Concluindo seu depoimento, dizia Pe. Molfino:

Como homem foi o tipo perfeito e completo de pessoa inteligente, de caráter firme, culto, social e magnânimo; como religioso, foi animado pelo ardor divino, todo empregado na caridade, na instrução, na educação da juventude, na mais perfeita paternidade e no apostolado entre seus irmãos; como missionário, teve sempre uma sede insaciável de almas que salvou com um trabalho duro, tenaz, insuperável pela abnegação e coroado com ações audazes e com o sacrifício generoso da sua vida.

Morreu sozinho, às margens do rio Negro, vítima de seu zelo apostólico em 1919.

2. *João Bologna (1852-1953)*: italiano, veio do Uruguai, onde trabalhava no Colégio Salesiano de Vila Colón. Dificuldades de casa incipiente, costumes novos e nova língua, nada serviu para dirimir a fibra robusta do homem de trabalho, sendo o oratório festivo um dos primeiros campos de sua atividade. Provado o novo colégio com a varíola, que então grassou em toda a cidade de São Paulo, vemo-lo indefesso, multiplicando-se, sem medo do violento vírus, carregar meninos doentes, fazendo de tudo o bom coadjutor salesiano. Adido à prefeitura, guarda fiel do dinheiro da casa, braço direito do prefeito (diretor administrativo), desempenhou as mais diversas funções no tempo que passou no Liceu. Era um salesiano perfeito e exemplar.

3. *Pe. Alexandre Fia Musso (1860-1914)*: têmpera de aço, pertinaz, possuidor de um coração de ouro.

4. *Pe. Luiz Zanchetta (†1921)*: trabalhou no Liceu até 1895. Introverso, de vontade férrea, asceta e escritor primoroso. Seus alunos brilhavam nos exames oficiais de então.

5. *Pe. Carlos Graglia (Gráia)*: na revista *Santa Cruz* tinha como pseudônimo *Rusticus Pedemontanus*. O Liceu Coração de Jesus foi o campo de sua grande atividade. Saía-se bem em tudo: nas aulas, na pregação e no confessionário. Era o braço direito de Pe. Giordano. Era um estudioso da língua portuguesa e manejava com facilidade a pena, escondendo sua origem italiana. Entusiasta dos clássicos de nossa língua, especialmente de Manoel Bernardes, publicou uma seleção de contos desse escritor, sob o nome de *Vítimas e Heróis*, lindo volume que fez sucesso. Bom poeta, traduziu ainda com facilidade diversos cantos sagrados populares “Sulcamos desta vida”, “Aprendeí, vales e montes”, “Lá no céu nos resplendores”, “Somos filhos de Maria” etc., que muitos de nós cantamos no antigo *Jovem Instruído*. Fez a letra de diversos hinos colegiais. Publicou poesias notáveis: “No sertão da Bahia, “Sem tom nem som”, a que a célebre poetisa baiana Amélia Rodrigues respondeu com outra ode “Alto e bom som”. Ensinava português, latim e canto gregoriano e tinha o dom de entusiasmar a classe pelas suas matérias. Na aula de canto gregoriano, demonstrava um pouquinho para chegar. A rapaziada fazia um pouco de recreio na aula, mas olho vivo na porta. Quando começava a aparecer aquele enorme livro de solfejo gregoriano (que ainda hoje se conserva nos arquivos do Liceu), dava tempo para a classe se recompor em ordem e silêncio antes que entrasse de todo o mestre!

6. *Pe. José Allievi (1866-1952)*: recebeu a batina das mãos de Dom Bosco. Terminados os estudos filosóficos, foi transferido para o Uruguai (1887). Em 1890, já está no Liceu Coração de Jesus, aí recebendo a ordenação sacerdotal (1892). “Baixo, magro, vermelhinho, com um sorriso discreto, meio caçoísta na conversa, sempre de bom humor fora da aula de canto, ágil de corpo e de espírito, bom amigo de todos os alunos, dedicado, humilde e leal. Todos admiravam seu espírito de simplicidade quase infantil, mas de fina perspicácia que procura e vê logo alguma pontinha de orgulho em seu educando, que ajuda a curar. Tem um caráter sanguíneo, porém bem controlado. Esse caráter o leva a uma franqueza, que à primeira vista pode enganar, mas é fruto de seu amor aos alunos, irmãos e seu respeito aos superiores. Ele não manda dizer, mas pessoalmente o faz, porém sempre com delicadeza, não guardando ressentimentos se a sua observação não foi aceita. Fanático por Dom Bosco a quem bem conhecera, daí possuir as características de bom filho seu. Quando dos 5 anos do Liceu, teve como atividade principal o cargo de *catequista* (encarregado da saúde e da parte religiosa dos alunos e dos irmãos). Além disso era *professor, assistente* de um dos dormitórios e de maneira especial, *mestre de canto*. Também era *confessor* muito procurado pelos alunos, que nele depositavam toda confiança. Um trabalho bem salesiano e que não aparecia tanto externamente: o cultivo de vocações para a Igreja e à congregação. Dentre seus pequenos cantores saíram bispos e sacerdotes (D. Joaquim de Oliveira, D. José Aguirre, Pe. Luiz Marcigaglia, Pe. José dos Santos etc.). Conta o Pe. Marcigaglia que todos os pequenos gostavam de ficar perto do Pe. Allievi, pois sua simplicidade, que brotava de um coração puro, atraía quem quer que fosse. Falar do Pe. Allievi a um antigo aluno é associá-lo à sua moldura natural, *Mestre de Canto*, organizador de grandes massas corais. Procurava escolher as melhores músicas do repertório de então, principalmente missas de valor. Quantas vezes o povo do santuário, eletrizado, não podia aplaudir como no teatro, mas voltava-se para trás, para os pequenos cantores do Pe. Allievi. Os alunos com uma ponta de vaidade faziam comentários e diziam acotovelando-se: ‘O povo todo está olhando para nós’. O Pe. Allievi sorria por dentro e fazia cara feia por fora. No dia seguinte, na aula de canto, haveria descompostura na certa para curar o nosso mal disfarçado orgulho. Seu período à frente da *Schola Cantorum* foi o período de *ouro do canto coral de massas no Liceu*. Quando da saída do Liceu Coração de Jesus, após 25 anos e onde era um ídolo, a todos edificou. Recebido o aviso à noitinha, no dia seguinte bem cedo seguiu para o seu novo destino.”

7. *Domingos Delpiano (1844-1920)*: chamado para a Congregação Salesiana por Dom Bosco, quando de sua passagem por

Marselha, que havia admirado seu valor e capacidade artísticos e percebido sua vocação ao estado religioso, foi dócil à palavra do mestre como obediente e fiel discípulo.

Efetivamente, tendo abandonado uma carreira que o tornaria talvez célebre e rico, mostrou, na escola de Dom Bosco, que acompanhou logo por um ano na qualidade de secretário, quanta afeição e apego devotava à congregação. Nem os aplausos do público, que mais tarde lhe foram largamente concedidos, puderam abalar a sua firmeza, ou ainda afastá-lo daquela vida escondida e modesta, na qual, como homem de Deus, quis e soube perseverar até a morte.

Professo perpétuo em 1879, acompanhou a expedição de missionários para a América do Sul, chefiado por D. Luiz Lasagna. Acentuando-se uma particular inclinação para a arquitetura, a conselho dos superiores, abandonou a idéia do ministério sacerdotal, dedicando-se com maior intensidade a seus estudos prediletos. Em breve, tornou-se um perito. Sua inclinação, alimentada nas puras tradições clássicas, manifestou-se nos belos trabalhos de arte, nos numerosos colégios e nas admiráveis igrejas, que construiu na República Oriental do Uruguai e no Brasil.

Em 1888, chegava a São Paulo para a construção do Liceu Coração de Jesus. Foi aí onde resplandeceu toda a sua atividade de arquiteto e de salesiano. Sua obra ficará indelevelmente gravada na vida de nossas principais casas, colégios e igrejas: em todas Delpiano trabalhou, deixando o tributo de sua modéstia, de seu talento e de sua dedicação, desafiando fadigas e incômodos.

O suntuoso Santuário do Sagrado Coração de Jesus, de São Paulo, agregado à Basílica Vaticana; o monumental Liceu homônimo; o monumento comemorativo do IV Centenário do Descobrimento do Brasil, sobressaindo, em bronze dourado, a estátua de N. S.^a Auxiliadora a dominar a imensa e incomparável Baía de Guanabara; o magnífico Santuário de Maria Auxiliadora de Niterói; o da Bahia, de Jaboatão e de Recife; o artístico Liceu de Campinas; o Colégio S. Joaquim de Lorena; o grande Colégio de Santa Inês, o primeiro construído em *art-nouveau*, no Estado de São Paulo; o monumental projeto do Instituto Dom Bosco, no bairro do Bom Retiro, com a paróquia anexa de Maria Auxiliadora, em São Paulo; o artístico Noviciado das Filhas de Maria Auxiliadora no Ipiranga, em São Paulo, inaugurado no dia 15 de agosto de 1920, obra de fina arte arquitetônica, que atraiu a admiração e o aplauso dos mais severos críticos de arte, sem contar um grande número de trabalhos menores, como: a reconstrução da Igreja do Carmo de Guaratinguetá; os altares-mores de mármore e bronze da Igreja de Santana, no Rio de Janeiro e da catedral de Ribeirão Preto; os projetos premiados de várias igrejas. Tudo isso é um

atestado eloqüente do seu espírito operoso, da sua incomum atividade e da sua benemerência para com as obras salesianas no Brasil. É dele também a Capela Mortuária dos Salesianos e das Filhas de Maria Auxiliadora, no cemitério do SS. Sacramento, em São Paulo, com a cripta anexa, onde devia ocupar a primeira sepultura.

Conta o salesiano coadjutor, Francisco de Assis Mammoni, que trabalhando como auxiliar na portaria do Liceu, atendeu a um senhor que procurava o Dr. Delpiano. Inicialmente, o moço ficou confuso, ignorando o "Dr. Delpiano". Mas logo lembrou-se do irmão e foi procurá-lo. Ficou surpreso ao ver o encontro do visitante que o saudou com satisfação. Depois começaram a conversar e o visitante agradeceu as observações que Dr. Delpiano fizera com relação ao Teatro Municipal, então em construção. Dr. Delpiano descobrira com apenas um olhar que havia um erro numa coluna. O visitante nada mais era que o famoso engenheiro Ramos de Azevedo. Ficaram grandes amigos.

Morreu Domingos Delpiano, atacado de uma síncope cardíaca, enquanto inspecionava os trabalhos de construção do Colégio Santa Inês, despencando-se do andar superior.

Perfeccionista, gostava das coisas bem feitas. Por isso, fechava-se em si mesmo quando se faziam observações acerca de suas obras, máxime, quando como sempre acontece, partiam de gente que nada ou pouco entendia do assunto. Daí aceitar só por obediência a tarefa de construir para seus irmãos salesianos. De bom grado trabalhava para as irmãs salesianas, que o compreendiam melhor.

Mas fora de sua especialidade, tratava os irmãos religiosos com grandíssima bondade e era sensibilíssimo à menor delicadeza.

Seu estilo afinava com o arquiteto francês Bossan.

8. *Pe. Domingos Albanello*: trabalhou como vice-diretor (Prefeito: encarregado da administração material, econômica e do pessoal), nos anos de 1894 e 1895, tendo sido diretor interino no segundo semestre de 1894. Pregava muito bem e foi o reitor do santuário no segundo ano de sua estadia no Liceu.

9. *Pe. Miguel Foligno*: assumiu a direção do Liceu em 1895. Continuou os trabalhos da construção do Santuário do Coração de Jesus, tendo-o quase terminado. A ele se deve o começo do novo edifício ao lado esquerdo do santuário (o andar térreo). Em 1901, foi transferido para a Venezuela na qualidade de provincial e depois, na mesma função, para os Estados Unidos da América do Norte e México. Era um sacerdote de uma erudição não vulgar.

10. *Pe. José Zeppa*: foi diretor no período de 1901-1908. Construiu o salão-teatro de cuja falta se ressentia o Liceu para as festas colegiais. Exímio mestre de almas, era procurado por todos e em particular pelas altas classes sociais. A revista *Santa Cruz* deveu muito da sua prosperidade aos seus esforços. Organizou definitivamente o Curso Comercial do Liceu em 1904.

11. *Pe. Dionisio Giudici (1857-1915)*: foi o quarto diretor (1909-1914). Em seu governo, o Liceu e o santuário fizeram enormes progressos materiais e espirituais. Era a eloquência do exemplo. Ainda estudante veio para o Brasil, tendo merecido de Dom Bosco esta referência em carta ao Pe. Luiz Lasagna, provincial das Casas Salesianas do Uruguai e do Brasil: "Ti mando un anjo...". Terminou o edifício da ala esquerda. Durante o seu directorado foram realizadas as grandiosas festas comemorativas das *Bodas de Prata* do Liceu Coração de Jesus, em 1911.

Chamavam-no *Santo*. Era um homem de fé! Possuía relações de amizades valiosas, mas era de um desprendimento a toda a prova. Quando lhe falavam de honrarias e glórias temporais, sorria-se com o seu sorriso ingênuo e bom e, apontando para o alto exclamava como S. Filipe Nery: *Santo Paradiso! Santo Paradiso!* O seu todo era angelical, atraindo até os mais aristocráticos. Seu sepultamento constituiu-se num triunfo, poucas vezes ocorrido em São Paulo.

12. *Valentim Barbieri (1866-1932)*: chegou ao Liceu com apenas 21 anos, onde foi mestre de alfaiataria, por mais de 10 anos. Um salesiano exemplar. Dirigiu a banda em seus inícios.

13. *Antonio de Araújo Castro*, brasileiro, entrou no Liceu morrendo jovem ainda, aos 36 anos (1898). Homem simples, prestou ótimos serviços, especialmente na portaria e na enfermaria.

14. Ao *Pe. Frederico Gioia*, em 1894, Pe. Luiz Lasagna disse: "Vem cá, irás para São Paulo. Quero acertar a administração daquela casa. Serás prefeito. Terás muito que fazer...". Trabalhou Pe. Gioia dois anos duramente, com boa vontade e espírito de sacrifício. Seu cargo exigia muita firmeza e coragem.

15. *Pedro Maneo*: de boa índole e de costumes angélicos, veio para o Liceu, em 1822, como seminarista salesiano. Era chamado de "S. Luís". Morreu com apenas 21 anos.

16. *Emilio Pavan*: chegou ao Liceu aos 21 anos para trabalhar na construção do edifício, pois era um bom pedreiro. Da convivência com os salesianos, nasceu a vocação. Trabalhou no Liceu como assistente e professor, sendo ordenado sacerdote.

17. *Pe. Francisco Gaiotto*: entrou no Liceu atraído pela *novidade*, uma casa nova no gênero, um ambiente de família. Ordenado em 1895, foi um grande conselheiro escolar: ativo, inteligente, sacrificado, amigo dos alunos e dos professores. Lecionava muito bem e sabia manter viva a atenção dos alunos. Encarregado do teatrinho, sabia preparar os pequenos atores com perfeição.

18. *Pe. Carlos Jamrozy*: passou 15 anos no Liceu, como conselheiro escolar dos externos e como prefeito.

19. *Pe. Antonio Marcigaglia*: fundou o famoso *Grêmio S. Paulo* em 1906, reunindo ex-alunos, professores, operários e outros amigos das obras salesianas. Todas as noites freqüentavam o local-sede 60 a 80 associados para entretenimentos... Homem de uma caridade, que certa vez nada tendo deus, a uma pobre mulher, cercada de filhos famintos e seminus, a própria batina!...

20. *Pe. Guilherme Meiners*: diretor técnico das Escolas Profissionais de 1910 a 1940. Fazia tudo muito bem. Vivia intensamente para seus jovens aprendizes. Pontual como um relógio. Passou parte de sua vida no confessionário, que estava sempre lotado de alunos e de moços e, aos domingos, de ex-alunos. Tinha um cuidado especial para com os doentes!...

21. *Pe. José dos Santos*: aluno em 1887, primeiro redator do *Boletim Salesiano* em português, fundado em 1900, dirigiu o Liceu de 1928 a 1934 "de modo insuperável". Escrevia muito bem. Alma de artista e cultor da boa música, muito trabalhou para o decoro do santuário com o canto sacro. Um coração generoso para com os doentes, salesianos ou alunos. Seus funerais foram um triunfo: a Assembléia Legislativa do Estado comemorou a sua morte e registrou o evento em suas atas. Os alunos desfilarão em grupos rezando por ele.

22. *Pe. Mário Maspes*: preceptor de muitos nomes ilustres, dentro e fora da Congregação Salesiana. Fruto do seu trabalho o majestoso edifício da União dos Ex-alunos, com salas de conferência, jogos, salão social etc., tudo o que faz da sede de São Paulo, talvez a mais bela do mundo.

23. *Pe. Caetano Falcone*: reitor do santuário de 1915 a 1936, transformou-o no mais movimentado e fervoroso centro de piedade e na mais bela igreja de São Paulo. Vigiava dia e noite os altares, as abóbadas e as colunas. Enérgico, zelava pela ordem e impedia que se formassem as correntes de intrigas de sacristia. As numerosas associações prosperavam e todas tinham para com ele profundo respeito e estima. Sua palavra de ordem era aceita com reverência. O salão "São Caetano" deve-lhe o nome.

24. *Irmão Carlos Moretti*: ex-aluno do Liceu, foi sacristão por mais de 20 anos. Um sacristão que entendia de liturgia como poucos.

25. *Pe. José Castagno*: trabalhava intensamente e à noite passava horas preparando o teatrinho para as festas. Dava aulas particulares de latim aos alunos. Passava os recreios entre os meninos. Apóstolo das confissões.

26. *Pe. João Gruber*: trabalhou no Liceu de 1939 a 1957 como vice-pároco e confessor dos meninos. Foi-lhe confiada a grande biblioteca do Liceu, à qual se dedicou com toda a alma.

27. *Pe. Francisco Zai*: trabalhou no Liceu desde 1916 como catequista. Iniciou-se então a instrução militar e o Pe. Zai era o chefe, como verdadeiro *bersagliere*. Em 1921 assumiu o cargo de prefeito até 1941, desenvolvendo uma atividade extraordinária. Sozinho assistia o refeitório dos internos, que eram mais de 600, e nunca houve a menor desordem. Quando foi transferido, tiveram de dividir o refeitório porque ninguém se dispunha em tomar conta daquele exército.

Era um pai, que tudo fazia pelo bem-estar dos salesianos. Pelos seus modos meio atléticos era por alguns temido, mas tinha um grande coração que nada negava do que se lhe pedia. Tinha um carinho especial para com os maiores, daí a disciplina impecável que tinha no refeitório. O procedimento dos maiores dá a tonalidade da casa, sobretudo nos internatos, por força do maior contato entre as divisões e o bom procedimento arrasta as outras divisões... Quando algum dos mais atrevidos não procedia bem com os assistentes, ele à noite o chamava, aconselhava-o com carinho paternal e o rapaz se corrigia e muitas vezes fazia uma mudança radical, terminando seu curso no colégio.

Mantinha correspondência contínua com os ex-alunos e os procurava sempre que podia. Era possuído de um santo fanatismo pelos ex-alunos.

28. *Pe. Luiz Marcigaglia*: um literato, um enciclopédico, pois além de educador, era escritor, poeta, compositor, pianista, organista. Dirigiu o Liceu 14 anos (dois períodos), levando-o ao apogeu. Disse alguém que foi o maior diretor de escola de sua época.

29. *Pe. Octacílio de Oliveira*: inteligência brilhante, poeta, escritor, teatrólogo, autêntico sacerdote. Conselheiro escolar de 1922 a 1933. Foi tão grande o carinho, que ele dedicava aos "meninos" que lhe deram o apelido de *Pe. Pérola*. Quando outros mestres, mesmo bons educadores e mestres, recebem injustamente até epi-

tetos desabonadores o Pe. Octacílio recebera a alcunha “pérola”, se não for “ineditismo” é um fato raro.

30. *Pe. Edgar de Aquino Rocha*: exímio educador da juventude, como atestam seus numerosos ex-alunos, pondo-lhes a serviço todos os dotes com que Deus o prendara. Gostava de música, canto, de arte dramática e de teatro. Como conselheiro escolar e assessor dos ex-alunos, trouxe ao palco encenações artísticas de óperas, operetas, *show*, arrancando aplausos não só dos leigos, mas dos mais conspícuos artistas de São Paulo. Teve a facilidade de ver não poucos de seus alunos, formados por ele no teatrinho salesiano, guindados à auréola de grandes artistas do Brasil. A pianista Guiomar Novaes nele encontrou um grande incentivador para levar avante a sua vocação de exímia intérprete. Ainda se conserva no Liceu o piano que ela usava para preparar as suas peças e treinar melhor as suas interpretações. Seu livro *Manual de Economia*, com mais de 31 edições, foi usado como um dos textos-bases para os alunos do 1.º ano da Fundação Getúlio Vargas. Herdou de Dom Bosco seu impertubável sorriso, seu dinamismo criativo, o seu amor ao canto, a arte dramática e a preocupação em levar para todos a presença de um Deus esperança e de um Deus amor. Fundou a “Orquestra Pe. Rota”. Trabalhou no Liceu de 1921 a 1924, 1931 a 1940 e 1968 a 1973, fase em que fundou o Clube Salesiano de Serviços, seção dos ex-alunos.

31. *Pe. Avelino Canazza*: conselheiro escolar de 1941 a 1948 e 1954 a 1957. Era o “salesiano de Deus e dos meninos”. O “Pequeno Clero” do externato, em suas mãos, chegou a tal ponto de técnica, perfeição e piedade, que o Pe. Pedro Berruti, do Conselho Geral da Congregação Salesiana, disse não ter visto igual no mundo.

32. *Pe. Emílio Miotti*: segundo Pe. Edgar Rocha, “Deus lhe pôs no cérebro um vulcão de idéias e de realizações vitoriosas e um oceano de bondade no coração”.

33. *Ir. Antônio Gama de Cerqueira*: trabalhou no Liceu de 1929 a 1964, como assistente e professor. Proverbial a sua bondade para com os alunos que o estimavam e o respeitavam. Gostava muito do esporte, que usava como meio de educação. Era um grande técnico de futebol.

34. *Pe. André Dell’Oca*: foi inspetor de 1930 a 1938, e o 1.º pároco do Coração de Jesus. Um grande coração.

35. *Pe. Bruno Ricco*: trabalhou com ardor de apóstolo na Paróquia do Coração de Jesus de 1953 a 1958. Era empreendedor, de caráter forte, enérgico, generoso. Harmonista e grande cantor.

36. *Pe. José Luiz Giacotto*: assessor dos ex-alunos de 1943 a 1965, e por 10 anos vice-diretor da Faculdade de Ciências Econômicas do Liceu. Foi o apóstolo organizador dos cooperadores e ex-alunos em São Paulo, com reflexo incentivador em todo o Brasil. Morreu trabalhando pela União dos Ex-alunos, a quem não poupou esforços e sacrifícios. Acrescentou às Conferências Vicentinas e à Congregação Mariana os Legionários de Dom Bosco, os Cooperadores Salesianos, as Damas da União, os Patrulheiros de Dom Bosco (Jovens Escoteiros), as Pioneiras da União (seção feminina jovem), e o Movimento de Casais Dom Bosco (então nascente). Dirigiu as *Vozes Fraternas*, órgão dos ex-alunos, e redigia pontualmente *Nossas Atividades*, boletim mensal. Sabia fazer festas belas e grandiosas.

37. *Pe. José Antonio Romano*: trabalhou no Liceu de 1950 a 1972, como ecônomo, diretor do oratório festivo, pároco, diretor e inspetor. Para quantos o conheceram ficou o retrato da bondade simpática e fraterna.

38. *Pe. José Stringari*: diretor de 1956 a 1958, especialista em Língua Pátria, exímio poeta, de um sorriso contagiante.

39. *Pe. Rafael Chroboczek*: diretor de 1958 a 1964. Alegre, generoso, de uma amizade aberta e franca, comunicativo, propagador da devoção à Nossa Senhora Auxiliadora.

40. *Ir. José Calvi*: humilde, responsável até o heroísmo, dedicou 53 anos de sua longa vida ao Liceu. Era o encarregado de toda a parte material e alimentar. Soube cativar os corações dos funcionários, aproveitando-se disso para uní-los, instruí-los e formá-los na piedade cristã. Muitos dos seus antigos funcionários, graças a seus conselhos e incentivos, são hoje homens bem colocados nas empresas, desfrutando bom nome e levando ótima vida cristã. "Seu" Calvi é uma legenda no Liceu. Morreu aos 92 anos de idade, em 1973.

Teríamos ainda uma longa série de salesianos como Ir. Orestes Gioia (dispenseiro metódico e exemplar), Pe. Mário Forgione (músico, esportista e professor estimadíssimo), Pe. Pedro Pinto Ferreira (o amigo dos alunos), o grande mestre de banda, Ir. Rafael Carril, Pe. Teófilo Twórz, Pe. Ignácio Teixeira de Andrade, Pe. Domingos Bosso e muitos outros que a divina Providência mandou para edificar esse grande Liceu¹².

Entre os vivos poderíamos destacar o Ir. Giovanni Gualtiero Gioia, que há quarenta anos cuida com carinho e zelo do Santuário do Coração de Jesus e o Ir. Francisco de Assis Mammoni, o ex-aluno religioso do Liceu mais antigo que ainda trabalha na

casa provincial (Liceu), apesar de já ter superado seus noventa anos!

Não seria possível deixar de mencionar alguns funcionários como o eficiente secretário Jorge Titgat; José Pinto Ferreira, auxiliar das Escolas Profissionais, dirigente do Pequeno Clero, operador da máquina de cinema etc.; Afonso Tortorelli, secretário e tesoureiro; Celestre Odorizza, ou "Tirollo", famoso entre os alunos por seus croquetes; Lino, que trocava as lâmpadas do Cristo da torre; o sapateiro e músico Damiano Micelli e outros muitos que trabalharam no Liceu com espírito de dedicação e sacrifício.

Dos professores, já falamos acima. Aliás, o Liceu sempre foi favorecido por um corpo docente altamente qualificado e dedicado. Alguns deles, como Dr. Sidney Delcides de Ávila e Dr. Jacy Guimarães Pinheiro chegaram a ser respectivamente Secretário de Educação e Cultura do Estado de São Paulo e Ministro do Superior Tribunal Militar.

Com uma equipe desse nível, o êxito seria certo. Demonstram-no a imensa plêiade de ex-alunos, ocupando todos os setores da atividade humana e muitos deles exercendo funções importantes.

Influência do Liceu na Sociedade

Seria objeto de uma pesquisa à parte. Entretanto, os dados de que dispomos são suficientes para se fazer um juízo. Limitar-nos-emos, porém, a apresentar uma pequena amostragem de alguns nomes que nos chegaram ao conhecimento.

Pelas salas de aula do Liceu passaram mais de 80.000 alunos. Se forem computados os meninos e as meninas do oratório festivo e todos os que sofreram a influência educativa desta casa, esse número se elevaria acima de 150.000.

Príncipes Imperiais: D. Pedro de Alcântara de Orleans e Bragança, herdeiro presuntivo do Trono Imperial do Brasil e D. Fernando de Alcântara de Orleans e Bragança, seu irmão.

Bispos: D. Joaquim Domingues Belleza de Oliveira, 1.º arcebispo de Florianópolis; D. José Carlos de Aguirre, 1.º bispo de Sorocaba; D. Ladislau Paz, bispo de Corumbá; D. Antônio Barbosa, 1.º arcebispo de Campo Grande.

Sacerdotes e religiosos: Mais de 100!

Governadores de Estado: Fernando Costa e Carlos Alberto Alves de Carvalho Pinto — de São Paulo; Fernando Pinheiro Machado — Paraná; Otávio Lage de Siqueira — Goiás.

Generais: Dilermando de Assis, José Porfírio da Paz, Felício Sacchi, Oscar de Almeida, Italo Fredi.

Almirante: Hélio Salema G. Ribeiro (engenheiro).

Fundadores de Universidade: Brasil Pinheiro Machado, Universidade Federal do Paraná; Zeferino Vaz, Universidade Estadual de Campinas; Oswaldo e Odlawso Querino Simões, Faculdade Oswaldo Cruz.

Escritores: Monteiro Lobato e Pe. Antônio Lages Magalhães.

Industriais e empresários: Osmar Biagi, Indústrias Zanini; Omar Fonta (e os Fontana), Sadia e Transbrasil; Anselmo Cerello, Indústrias de Vimes; Armando Righi Filho, Tintas Righi; Fernando Panelli, Metalúrgica Panelli; Gabriel Gonçalves, Lojas GG; Almeida Prado, Consórcio Almeida Prado; Américo Maffia, Lojas Maffia; Anastácio Gatti, Ônibus Gatusa, Gato Preto, Gato Branco; Italo Breda, Breda Turismo; Paulo Kohen, Jannini.

Artistas de rádio, televisão e teatro: Rodolpho Mayer, Grande Otelo, Noite Ilustrada, Sérgio Cardoso, Toquinho, Viana Júnior, José Russo, Durval de Souza, Osmar Milani, Moraes Sarmiento, José Carlos Mendes Alves, Totó, Paulo Rogério Trípoli, Irmãos Mesa (falecidos), Manoel Vitor, Irmãos Carezato (Os Carbonos), Silvio Mazzuca, Geraldo Blotta.

Jogadores de futebol: Araken Patusca (Santos), Neco, Perez, Filó, Roberto Belangero (Corinthians Paulista), Minestrinho (Palmeiras), Lopes de Andrade; Felipe Collona foi presidente do Corinthians.

Técnicos de futebol: Vicente Feola (Campeão do Mundo em 1958), Mário Travaglini, Rubens Minelli.

Cineastas (o cinema de São Paulo nasceu no Liceu): Antonio de Campos, Paschoal de Lorenzo, Caetano Matanó, Primo Carbonari.

Autores de livros didáticos: Aroldo de Azevedo (Geografia), Oswaldo Sangiorgi (Matemática), Pe. Antonio Lopes de Magalhães (Português: Florilégio Nacional), Nicolau D'Ambrosio (Matemática Comercial).

Médicos: são inúmeros, especial destaque: Alfredo Duarte Cabral (membro da equipe médica que fez o 1.º transplante de rins da América Latina — 1965), Ary do Carmo Russo, Cesarino Júnior, Zeferino Vaz.

Líderes católicos: Jair de Azevedo Ribeiro, João Bressan, Porfirio Prado (fundador do jornal *O Operário*), João Faria de Menezes, Manoel Vitor, Attilio Faedo, os Martinelli, Luiz Prada, Arthur Mondin, João Luiz Frazão.

Químico: Ernesto Gilsbrecht, presidente da Comissão Organizadora do Simpósio Internacional sobre Educação Química.

Educadores: Pe. Luiz Marcigaglia, Pe. José dos Santos, Pe. José Orlando Amaral (falecido com fama de Santidade).

Superiores provinciais: Pe. Mário Quilici e Pe. Walter Ivan de Azevedo.

Diretores do próprio Liceu: Padres Luiz Marcigaglia, José dos Santos, Mário Quilici e Anderson Paes da Silva.

Co-Fundador das Escolas Profissionais do Liceu e fundador do Curso Comercial: Pe. Domingos Molfino, que foi também assessor para assuntos referentes à formação profissional da Congregação Salesiana.

Publicista: Geraldo Alonso (Norton Publicidade).

Músicos: William Fourneau, José Larrabure, Luiz Gozzoli (também Juiz de Menores), Pe. Luiz Marcigaglia, Pedro Fressa, João Finocchi, Wilson Sandoli (Presidente da Ordem dos Músicos do Brasil), M.^o Lyrio Panicali, Lupércio Miranda, Lourival Moraes Sarmento.

Desembargadores: João Batista Roni, Roberto Antonio Vallim Berloch.

Engenheiros navais: Paulo César Leone (Adido Naval do Brasil no Exterior), Agostinho Tomasseli

Benemérito de S. Vicente: Antonio Emmerich — seu nome é homenageado em uma de suas principais ruas.

Jornalistas: Ary Silva (*Gazeta da Zona Norte*), Paschoal Thomeu (*Folha Metropolitana de S. Paulo*), Antero Grecco (Correspondente Internacional de Esportes), Newton Santos (*Metrô News*), Manoel Vitor.

Pugilista: Paulo Saccomani (Campeão Sul-americano de Boxe).

Turfe: José Reinoso.

Automobilismo: José Carlos Pace (Fórmula 1).

* * *

Fica esta página destinada a todos os ex-alunos que quiserem incluir seus nomes nesta lista. O autor considerar-se-ia feliz, meu querido ex-aluno, se você o fizesse. Deixe a modéstia de lado!... "O candieiro foi feito para ser colocado sobre o alpendre para que todos possam ver a sua luz." Envie seu currículo à Secretaria do Liceu para atualizarmos sua ficha.

NOTAS

- ¹ AZEVEDO, Manuel Antonio Duarte, "Os Cooperadores Salesianos", in *Santa Cruz*, 1 (2), p. 26, nov. 1900.
- ² "Professor Aureliano Pimentel", in *Santa Cruz*, 9 (4), p. 149, jan. 1909.
- ³ "Teodoro Sampaio", in *Enciclopédia Delta Larousse*, Rio de Janeiro, Editora Delta, 1974.
- ⁴ "Dr. Saturnino da Veiga", in *Santa Cruz*, 13 (11), p. 439-440, nov. 1913.
- ⁵ M. M., "Dr. Brasílio Machado", in *Santa Cruz*, 4 (1), p. 5-8, out. 1903; 18 (2 e 3), p. 72-74, fev. e mar. 1919.
- ⁶ "D.^a Veridiana Prado", in *Santa Cruz*, 10 (10), p. 410, jul. 1910.
- ⁷ "Conde Alvares Penteado", in *Santa Cruz*, 12 (8), p. 332, maio 1912.
- ⁸ "Conselheiro Dr. Manuel Antonio Duarte de Azevedo", in *Santa Cruz*, 12 (12), p. 503, dez. 1912.
- ⁹ "Cônego João Batista Gomes", in *Santa Cruz*, 3 (9), p. 359, jun. 1903.
- ¹⁰ *Santa Cruz*, 3 (8), p. 307-308, maio 1903; ainda *O Liceu*, 9 (2), p. 22-23, abr. 1928.
- ¹¹ "Baronesa de Tatuhy", in *Santa Cruz*, 10 (5), p. 184, nov. 1910.
- ¹² Inspetoria de Nossa Senhora Auxiliadora, *Cartas Mortuárias*. Arquivo da Inspetoria de Nossa Senhora Auxiliadora. "Os nossos mortos", *O Liceu*, 16 (10), p. 41-42, mar. 1933. "Necrologia: Pe. Alexandre Fia", in *Santa Cruz*, 14 (9 e 10), p. 386, set.-out. 1914. MARCIGAGLIA, Luiz, *Os Salesianos no Brasil*, 2.^o vol., p. 278-280, 263-265, 257, 278, 108-109; MODESTI, João, "Pe. José Allievi", in *Boletim Salesiano*, 32 (3), p. 16-17, maio-junho 1982; "DOMINGOS DELFINO", in *Anuário de 1920*, p. 159-160 e MARCIGAGLIA, LUIZ, *op. cit.*, p. 276-277; BELZA, Juan E., *op. cit.*, p. 416; "Pe. Miguel Foligno", *Dom Bosco*, 1 (3), p. 84-85, jun. 1935; "Pe. José Zeppa", *op. cit.*, p. 85-86. "Pe. Dionísio Giudici", *Santa Cruz*, 15 (8-9), p. 352, ago.-set. 1915; "Padre Helvécio", *Dom Bosco*, 18 (7), p. 22, out. 1952.

APÉNDICES

APÊNDICE I

DIRETORES DO LICEU CORAÇÃO DE JESUS

1. Mons. Lourenço Giordano .: 1885-1894
2. Pe. Miguel Foglino: 1895-1901
3. Pe. José Zeppa: 1902-1907
4. Pe. Dionísio Giudici: 1908-1914
5. Dom Henrique Mourão . . .: 1915-1921
6. Pe. Luiz Marcigaglia: 1922-1927
7. Pe. José dos Santos: 1928-1933
8. Pe. Luiz Marcigaglia: 1934-1940
9. Dom João Resende Costa . .: 1941-1943
10. Dom João Batista Costa . . .: 1944-1946
11. Pe. Leonardo Jacuzzi: 1947-1955
12. Pe. José Stringari: 1956-1957
13. Pe. Rafael Chroboczek: 1958-1963
14. Pe. Mário Quilici: 1964-1965
15. Pe. João Baldan: 1966-1968
16. Pe. José Antonio Romano .: 1969-1970
17. Dom Vitório Pavanello: 1971-1975
18. Pe. Anderson Paes da Silva: 1976-1980
19. Pe. Antônio Hércio Rasesa: 1981
20. Pe. Mário Quilici: 1982
21. Pe. Plínio Possobom: 1983

APÊNDICE II

SANTUÁRIO DO CORAÇÃO DE JESUS

Capelães:

1. Pe. Alberto José Gonçalves de Oliveira (bispo de Ribeirão Preto): 1884
2. Mons. Lourenço Giordano: 1885-1894
3. Pe. Domingos Albanello: 1894-1895
4. Pe. Jerônimo Migliarina: 1896
5. Pe. Carlos Graia: 1897
6. Pe. José Zeppa: 1898-1899
7.
8.
9. Pe. Helvécio Gomes de Oliveira (arcebispo de Mariana): 1908
10. Pe. Dionísio Giudici: 1908
11. Pe. Faustino Bellotti: 1909-1911
12.
13. Pe. Faustino Bellotti: 1914
14. Pe. Dionísio Giudici: 1915
15. Pe. Domingos Minguzzi: 1916-1918
Pe. Sebastião Ortoleva (vice)
16. Pe. Caetano Falcone: 1919-1938
17. Pe. Orlando Chaves (arcebispo de Cuiabá): não tomou posse.

Párocos:

1. Pe. André Dell'Oca: 1940-1952
Pe. Teófolo Twórz
2. Pe. Bruno Ricco: 1953-1957
3. Pe. José Antonio Romano: 1958-1959
4. Pe. Iran Corrêa: 1960-1965
5. Pe. Júlio Pissetta: 1966-1968
6. Pe. Antonio Corso: 1969-1973
7. Pe. Alfredo Bortolini: 1974-1976
8. Pe. Otorino Fantin: 1977-1978
9. Pe. Hugo Guarnieri: 1979-1984
10. Pe. José Gonçalves: 1985...

APÊNDICE III

MOVIMENTO DAS MATRÍCULAS DOS CURSOS PRIMÁRIO, SECUNDÁRIO, COMERCIAL, PROFISSIONAL E SUPERIOR NO LICEU CORAÇÃO DE JESUS NO PERÍODO 1915/1970 (São Paulo)									
Ano	Curso primário	Curso secundário	Curso comercial	Curso profissional	Curso superior	Total	Internos	Semi-internos	Aulas noturnas
1915	474	—	59	85	—	618	—	—	—
1916	793	73	44	122	—	1.032	—	—	—
1917	783	150	140	126	—	1.199	621	—	—
1918	1.015	159	110	64	—	1.348	625	51	135
1919	1.160	116	276	49	—	1.601	650	—	—
1920	788	257	216	68	—	1.329	675	—	154
1921	896	270	254	108	—	1.528	704	—	—
1922	1.023	157	335	115	—	1.630	726	39	215
1923	1.112	128	382	141	—	1.763	765	50	242
1924	1.292	148	402	147	—	1.989	813	—	274
1925	1.279	158	502	141	—	2.080	795	97	287
1926	1.256	160	420	152	—	1.988	807	101	299
1927	1.296	217	463	132	—	2.108	727	97	356
1928	1.256	329	481	133	—	2.199	736	75	412
1929	1.250	371	475	142	—	2.238	729	81	443
1930	1.102	446	477	159	—	2.184	592	87	453
1931	941	522	564	138	—	2.165	463	99	464
1932	764	593	517	186	—	2.060	421	81	387
1933	679	590	533	210	—	2.012	381	—	—
1934	785	680	549	201	—	2.215	408	—	—
1935	638	662	608	201	—	2.109	314(?)	—	—
1936	694	736	647	202	—	2.279	323(?)	—	—
1937	719	741	731	198	—	2.389	416	88	557
1938	882	784	852	209	—	2.727	470	88	659
1939	741	796	914	209	29	2.689	474	130	703
1940	786	761	912	207	91	2.757	474	103	796
1941	691	802	875	240	100	2.708	463	99	759
1942	549	755	897	171	114	2.486	380	—	783
1943	597	711	874	180	117	2.479	428	—	831
1944	662	896	871	164	123	2.716	531	—	779
1945	617	849	775	154	129	2.524	485	—	726
1946	452	913	542	143	118	2.168	410	—	578
1947	554	940	465	166	113	2.238	423	—	536
1948	452	984	409	167	116	2.128	281	—	580
1949	454	1.039	345	148	149	2.135	373	—	617
1950	469	1.149	276	162	175	2.231	394	—	696
1951	394	1.194	231	159	173	2.151	353	—	480
1952	353	1.216	170	177	197	2.113	367	—	474
1953	388	1.263	146	164	247	2.208	344	—	459
1954	392	1.258	131	144	266	2.191	322	—	444
1955	385	1.252	120	135	316	2.208	341	—	419
1956	364	1.245	156	125	352	2.242	313	—	410
1957	358	1.155	120	175	364	2.172	313	72	402
1958	464	1.228	119	192	377	2.380	333	72	378
1959	455	1.233	115	155	388	2.346	293	86	372
1960	432	1.296	123	—	386	2.237	211	155	400
1961	525	1.310	128	—	412	2.375	192	226	412
1962	537	1.411	135	—	402	2.485	219	241	—
1963	530	1.388	128	—	402	2.448	—	429	423
1964	513	1.443	135	—	—	2.091	—	424	443
1965	459	1.574	128	—	—	2.161	—	384	422
1966	459	1.514	121	—	—	2.094	—	353	426
1967	471	1.589	122	—	—	2.182	—	—	—
1968	395	1.296	123	—	—	1.814	—	212	375
1969	315	1.232	132	—	—	1.679	—	191	327
1970	314	1.175	123	—	—	1.612	—	223	251

N. B.: Os alunos do Curso Superior não estão incluídos nas Aulas noturnas.

APÊNDICE IV

MOVIMENTO DAS MATRÍCULAS NO LICEU CORAÇÃO DE JESUS
ENTRE 1971 e 1985

Ano	Pré	Primário	Secundário Ginásio	Secundário Científico	Administração	Contabilidade	Secretariado	Turismo	Publicidade	Mercadologia	Eletrônica	Eletrotécnica	Química	Pat. Clínica	Formação Básica	Desenho de Arquitetura	2º Grau Ed. Geral	Ensino Supletivo	Total Geral
1971	—	263	768	310	36	49	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1.426
1972	—	240	649	349	14	49	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1.301
1973	—	220	657	257	28	66	—	—	—	86	52	18	37	—	—	—	—	—	1.421
1974	—	199	622	127	59	69	7	3	8	—	174	115	—	89	—	—	—	—	399
1975	—	169	517	—	121	112	47	14	55	6	387	147	23	131	—	—	—	—	878
1976	12	152	433	—	210	182	88	61	131	22	522	129	55	138	—	—	—	—	1.037
1977	10	143	326	—	193	158	77	57	180	28	537	95	36	211	—	—	—	—	883
1978	25	177	353	—	139	134	75	40	242	36	458	83	48	249	—	—	—	—	812
1979	28	229	448	—	131	124	84	32	272	17	495	88	34	324	—	—	—	—	761
1980	36	252	495	—	114	55	—	—	141	—	222	44	—	241	451	—	—	—	570
1981	48	255	495	—	61	38	—	—	104	—	204	47	—	247	294	51	—	—	528
1982	64	304	476	—	4	29	—	—	47	—	153	24	—	187	216	77	—	—	357
1983	62	278	460	—	16	47	—	—	23	—	116	6	—	142	164	56	—	—	195
1984	96	261	429	—	—	70	—	—	10	—	72	—	—	56	—	23	194	40	1.251
1985	93	261	408	—	—	75	—	—	—	—	24	—	—	11	—	—	279	—	1.152

Composto e Impresso nas
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS
Caixa Postal 30.439 (R. Mooca, 766 — Mooca)
01051 — SÃO PAULO — SP
Fone: (011) 279-1211 (PABX)
Telex: (011) 32431 ESPS BR

A história do Liceu Coração de Jesus é rica, variada e emocionante. Não parece exagero afirmar que se confunde com a história de São Paulo... Dele saíram homens que se destacaram na Igreja, na política, na educação, nas ciências, nas letras, nas artes e nos desportos.

Esta obra é uma tentativa de sistematização e síntese de todo o material referente ao Liceu com a finalidade de torná-lo conhecido a seus alunos, ex-alunos, admiradores da obra salesiana, como a todos os que estudam a educação brasileira.

Ela está dividida em três partes:

— A primeira apresenta a história do Liceu em sua fase tipicamente profissional — com uma clientela pobre e carente (1885-1915).

— A segunda descreve o Liceu no período de 1916 a 1959. Chamamo-la de "Grande Liceu". É a fase polivalente, com predomínio do ensino comercial e secundário — com uma clientela de classe média e alta, predominantemente.

— A terceira apresenta rapidamente as reformulações que vem sofrendo a instituição, e compreende:

a) fase em que predomina o ensino secundário (1960-1972);

b) fase do ensino profissionalizante (1973-1983).

Atualmente houve nova reformulação, com características bem próximas ou semelhantes ao ensino acadêmico.



**Editora Salesiana
DOM BOSCO**